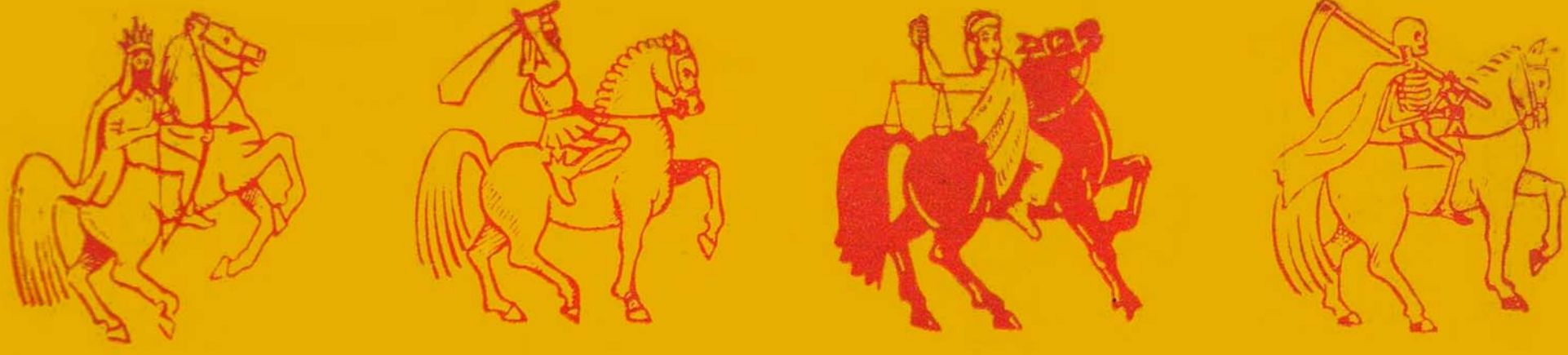
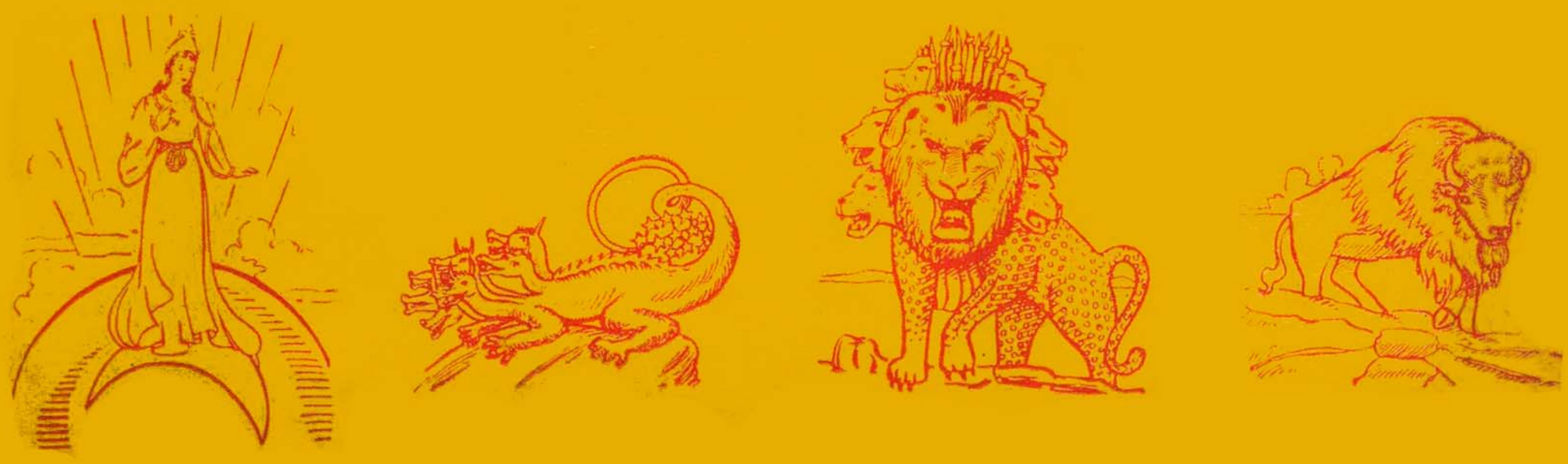


MELLO

A VERDADE SÔBRE AS PROFECIAS DO APOCALIPSE



A. S. MELLO

A VERDADE SOBRE AS PROFECIAS DO APOCALIPSE

SÃO PAULO
1 9 5 9

RESERVAM-SE TODOS OS DIREITOS DE PROPRIEDADE DO AUTOR

ÍNDICE DOS VINTE E DOIS CAPÍTULOS

AO LEITOR 7
PREFÁCIO 9
INTRODUÇÃO 15
CAPÍTULO I 23
CAPÍTULO II 47
CAPÍTULO III 89
CAPÍTULO IV 119
CAPÍTULO V 129
CAPÍTULO VI 141
CAPÍTULO VII 173
CAPÍTULO VIII 187
CAPÍTULO IX 217
CAPÍTULO X 251
CAPÍTULO XI 271
CAPÍTULO XII 299
CAPÍTULO XIII 335
CAPÍTULO XIV 405
CAPÍTULO XV 457
CAPÍTULO XVI 465
CAPÍTULO XVII 491
CAPÍTULO XVIII 507
CAPÍTULO XIX 521
CAPÍTULO XX 533
CAPÍTULO XXI 553
CAPÍTULO XXII 563
APÊNDICE 573
ÍNDICE DOS TEXTOS BÍBLICOS 589
ÍNDICE DOS TEXTOS HISTÓRICOS 595

Gostaria muito que você soubesse ...

Há muitos anos atrás colocaram em minhas mãos uma cópia do livro *"Testemunhos Históricos das Profecias de Daniel"* do Pastor *Araceli S. Mello*. Lendo o livro, fiquei impressionado com a apresentação das profecias da Bíblia Sagrada e os argumentos históricos que demonstravam com precisão o seu cumprimento.

Como resultado, recebi a salvação que há unicamente nos méritos de Jesus Cristo, aceitando-O como meu Salvador pessoal. Fui batizado e me tornei membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, na cidade de Sorocaba, São Paulo, no ano de 1994.

Como membro ativo desta igreja tive o privilégio de levar pessoas aos pés de Cristo através de estudos bíblicos e testemunho pessoal.

Nos últimos anos escrevi um curso bíblico sobre as histórias e profecias de Daniel. Este curso teve uma boa aceitação no meio adventista e muitos conheceram a verdade através dele.

Um pensamento sempre me preocupou: Deus me concedeu luz através de uma cópia do livro do Pastor *Araceli S. Mello*, porém, nunca tive em mãos um exemplar do mesmo, pois trata-se de um livro raro e esgotado. Quem emprestou o livro, havia tirado uma cópia, de uma cópia, de uma cópia, de uma cópia... e, faltavam páginas, alguns textos estavam incompletos e com referências apagadas. Como poderia colocar o conhecimento deste livro nas mãos de outras pessoas?

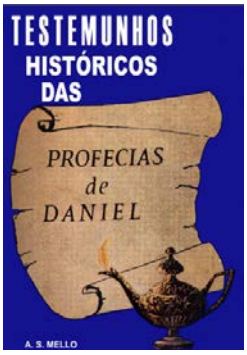
Diante desta pergunta, fui tocado por Deus para organizar todo o material que tinha e com a ajuda dos amigos Hugo, Lindinalva, Lucas e Claúdia, consegui completar as partes que faltavam e assim fiz uma versão digital do livro.

No ano de 2012 concluí a versão digital completa do livro ***"Testemunhos Históricos das Profecias de Daniel"*** do Pastor ***Araceli S. Mello***, que você poderá encontrar em sites de compartilhamento na internet.

No ano de 2015 aceitei mais um desafio, criar uma versão digital do livro ***"A Verdade Sôbre As Profecias Do Apocalipse"*** do Pastor ***Araceli S. Mello***, livro também raro e esgotado. Resultado: é justamente o livro você está lendo agora.

Que Deus o abençoe na leitura deste livro. Que você sinta o Espírito de Deus impressionando a sua mente com as verdades que terá acesso ao ler estas páginas. É a minha sincera oração por você, amigo, que hoje não o conheço, mas que um dia será apresentado para mim pelo **Nosso Senhor Jesus Cristo** na Eternidade.

Fábio



"Testemunhos Históricos das Profecias de Daniel"
Autor: ***Araceli S. Mello***
Edição Impressa: ***1968*** *- Versão Digital:* ***2012***

"A Verdade Sôbre As Profecias Do Apocalipse"
Autor: ***Araceli S. Mello***
Edição Impressa: ***1959*** *- Versão Digital:* ***2015***

AO LEITOR

Desde que conheci o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, o livro do Apocalipse interessou-me particularmente. Tive de pronto o ardente anelo de desbravar-lhe o conteúdo e conhecer o seu simbolismo. Mas, foi somente em 1932, quando me dediquei ao acurado estudo do Apocalipse, que se descerrou diante de mim o véu que me vedava a verdade sôbre os emblemas proféticos de tão sublime livro. Em, 1937, decidi escrever uma dissertação especial sôbre as suas grandes profecias. Desde então, dediquei-me, com diligência, a pesquisar tôda fonte de história universal de vulto, sôbre o cumprimento inolvidável de suas várias cadeias de simbólicas profecias. Maravilhei-me sobremaneira ao observar que o historiador, sem nenhuma ligação com o livro do Apocalipse, pudesse comprovar, com fatos históricos inexoráveis, a exatidão dêste livro profético mesmo em seus mais diminutos detalhes. E, agora, após vários anos de ingente labor, sinto-me feliz em poder entregar ao público êste comentário, na esperança de que possa satisfazer ao mais exigente pesquisador das profecias e tornar-se um dos meios eficazes de conduzir os homens pelo caminho da justiça e do bem.

Ao interpretar as profecias do Apocalipse, como o fiz, não empreguei idéias ou métodos humanos. Se assim o tivesse feito, não teria sido leal à revelação e ao Revelador, pois "nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação". Não seria prudente empregar moldes humanos ao apreciar a revelação de Deus. Ao empreender e concluir a interpretação, fi-lo consciente de ter seguido o verdadeiro rumo e de em ponto algum me ter orientado por meu próprio conceito ou pelo de qualquer outro ser humano. Se houvesse dado às profecias do Apocalipse outro caráter interpretativo, teria sido desleal à verdadeira lógica de interpretação e ao próprio testemunho da história, e incorreria infalivelmente no desagrado do Autor do maravilhoso livro.

Se porventura o leitor duvidar da interpretação de uma determinada profecia ou de uma inteira cadeia profética das várias que o livro contém ou mesmo discordar de tôda a interpretação que dei ao livro do Apocalipse, aconselho-o a não tomar uma medida repulsiva em definitivo, mas a considerar com sabedoria a interpretação dada, comparar o testemunho da história citado e examinar acuradamente o seu ponto de vista oponente para certificar-se se êle se harmoniza ou não com a profecia e com seu comprovante histórico. Outrossim,

peço que me envie algumas linhas, expondo a sua dificuldade em concordar com esta ou aquela explanação; pois terei inteira satisfação em ajudá-lo a remover qualquer dúvida e, com o auxílio de Deus, fazê-lo entender a inspiração. Se isto fôr seguido com ausência de preconceito e ceticismo, o leitor demonstrará aprêço ao meu esfôrço, e, estou certo, terminará colocando-se ao lado da interpretação sensata e histórica do Apocalipse como apresentada nesta dissertação.

Findando estas minhas breves palavras, imploro ao Criador e Autor da Revelação que derrame Suas copiosas bênçãos sôbre todos quantos lerem êste livro, e que os ilumine ao examinarem-no, para que dêle possam fruir o máximo para a vida espiritual cotidiana e nêle encontrar a senda real que conduz a um futuro glorioso e a uma eternidade feliz.

A. S. Mello

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO AO APOCALIPSE

O Apocalipse é a obra prima das revelações proféticas das Sagradas Escrituras, a culminância da divina inspiração e a história simbólica da dispensação cristã.

De todos os livros da Bíblia nenhum outro é tão solenemente introduzido; nenhum outro estampa inicialmente e tão visivelmente a sua origem divina; nenhum outro começa com uma tão graciosa e definida promessa de bênçãos para o que o lê, para os que o ouvem e para os que cumprem as coisas que nêle estão escritas. E, ao encerrar-se a sua mensagem, adverte o seu Autor que se não tire dêle nem nêle se acrescente coisa alguma, sob pena de castigo fatal. E' portanto um livro da mais alta importância, não obstante ser considerado por muitos como supérfluo. À vista de seu Autor, porém, êste livro é da mais alta valia.

O futuro do mundo acha-se amplamente delineado no Apocalipse. Todos os problemas mundiais, diante dos quais se desespera o homem, encontram nêle a sua solução. O desfêcho do drama dos séculos — entre a verdade e o êrro, entre a luz e as trevas, entre o bem e o mal — está plenamente assentado neste grande livro. Suas profecias são o calendário da providência pelo qual entendemos estar a civilização vivendo seus derradeiros dias e o império do mal exalando seus últimos alentos. Vemos, pois, no Apocalipse, a consumação do plano de Deus de restauração do mundo, o climax das relações de Deus com o homem caído em pecado e o cumprimento de tôdas as promessas do evangelho.

O QUE HÁ DE MAIS SUBLIME NO APOCALIPSE

O Velho Testamento revela Cristo em profecias definidas; os quatro evangelhos O revelam em Sua vida terrena, Seu ministério, sofrimentos, morte, ressurreição e ascenção; os Atos dos Apóstolos e as Epístolas revelam os triunfos da igreja sob o ministério de Seu Espírito; e o Apocalipse encerra um panorama de Sua glória, da concretização de Sua vitória sôbre os Seus inimigos e da Sua entronização no trono do mundo como soberano absoluto. Assim o livro é para o cristão um estímulo de fé, um tônico nas provas da vida e uma segurança da salvação em Jesus Cristo. Ao estudarem-no os

crentes, nêle divisarão temas impressionantes e emocionais, cenas de grandezas incomparáveis capazes de satisfazer a mente mais indagadora e exigente. Enfim, abrem-se diante deles os portais de um maravilhoso futuro de glórias inenarráveis e imperecíveis.

NÃO HÁ MISTÉRIOS NO APOCALIPSE

Alguns há que, sem muito ou nenhum conhecimento do Apocalipse, julgam ser êle um livro insondável, um código impenetrável e que só talvez num futuro remoto possa ser entendido por algum gênio. O título do livro, porém, refuta categoricamente estas pretensões. O termo APOCALIPSE, vem de dois vocábulos gregos: APO — ocultar — e CALIPSE — descobrir. No Novo Testamento encontra-se dezoito vêzes a palavra Apocalipse, sendo assim traduzida: Aparecimento, uma vez; vinda, uma vez; manifestação, uma vez; iluminar, uma vez; revelado, duas vêzes; e revelação, doze vêzes. Vemos que em nenhum caso a palavra foi traduzida por ocultar, mistério, insondável, etc.; mas sempre denotando alguma coisa tornada clara. Ficam assim refutadas as idéias de que sua mensagem é insondável ou incompreensível.

Há, naturalmente, uma razão por que os homens em geral não entendem o livro do Apocalipse. O primeiro versículo do livro declara que sua mensagem é enviada aos servos de Deus, para mostrar-Ihes "as coisas que brevemente devem acontecer". Nisto vemos que só os que servem a Deus, em verdade, poderão entender o conteúdo do Apocalipse. Para êles é que foi enviada a sua revelação. Assim, a razão por que os demais homens não podem entender o livro e o consideram um mistério, é simplesmente porque não servem a Deus, e, por conseguinte, a sua mensagem a êles não se destina. Quando se converterem a Deus e O servirem, então a mensagem do grande livro será também para êles, e a entenderão seguramente. Deus e Seu Filho jamais enviariam a Seus servos uma mensagem incompreensível; e, se o fizessem, de nada adiantaria.

PORQUE FOI O APOCALIPSE ESCRITO EM SÍMBOLOS

Perguntará alguém: Se o Apocalipse se destina à igreja de Deus, por que não foi escrito ou revelado em linguagem comum? Não seria mais fácil os servos de Deus o entenderem e todos os que o quisessem estudar? Em primeiro lugar respondemos que o motivo por que o Apocalipse foi revelado e escrito em símbolos, funda-se no fato de que o tempo em que êle foi dado à igreja cristã era desfavorável ao cristianismo. O imperador romano, Domiciano, tencionava exterminar o cristianismo e as Escrituras Sagradas. Além disso o livro do Apocalipse falava, como ainda fala, contra o império romano. Se êle fôsse escrito em linguagem corrente e comum, os romanos o

destruiriam seguramente por falar contra êles. Também o Apocalipse fala contra três grandes corporações religiosas existentes no mundo hoje. Estas, por certo, o destruiriam se êle falasse em linguagem clara. E também o livro fala contra o Anti-Cristo, e êste infalivelmente o desfaria se pudesse entendê-lo. Assim os inimigos de Deus e da verdade lêem no Apocalipse mensagens contra êles e não as entendem; deixam então o livro em paz e dizem que êle é um mistério impenetrável. Esta foi a razão por que Cristo falou em parábolas quando dirigia a palavra diretamente a Seus adversários.[1]) — Eis, pois, as razões do simbolismo do livro do Apocalipse e de não ser êle escrito em linguagem vernácula.

O LIVRO DO APOCALIPSE E O LIVRO DE DANIEL

Excepcional harmonia existe entre os livros de Apocalipse e Daniel. Há um íntimo achêgo entre êstes dois livros proféticos. "As coisas reveladas a Daniel foram posteriormente completadas pela revelação feita a João na ilha de Patmos. Êstes dois livros devem ser cuidadosamente estudados. O livro de Daniel está desvendado na revelação de João e conduz-nos às últimas cenas da história da terra. Quando os livros de Daniel e Apocalipse forem mais bem entendidos, os crentes terão uma experiência religiosa inteiramente diferente. A êles será dado tal vislumbre das portas abertas do céu que coração e mente serão impressionados com o caráter que todos devem desenvolver a fim de realizar-se a bem-aventurança que deve ser a recompensa do puro de coração. O Espírito de Deus tem iluminado cada página da Escritura Sagrada, mas há muitos que não se impressionam, por ser imperfeitamente entendida. Quando o abalo vem, pela introdução de falsas teorias, êstes leitores superficiais, em nenhuma parte ancorados, são semelhantes à areia movediça. Afastam-se de sua posição e abraçam seus sentimentos de amargor... Daniel e Apocalipse devem ser estudados, tão bem como as outras profecias do Velho e Novo Testamentos. Fazem com que haja luz, sim, luz, em nossas habitações. Para isto necessitamos orar. O Espírito Santo, brilhando sôbre a página sagrada, abrirá o nosso entendimento, para que possamos conhecer o que é a verdade. No passado pregadores têm declarado serem Daniel e Apocalipse livros selados, e o povo os abandonaram. O véu, cujo aparente mistério foi impedido de ser levantado, pela mão do próprio Deus, foi também afastado, destas porções de Sua palavra".[2])

"Os perigos dos últimos dias estão sôbre nós, e devemos vigiar e orar, estudar e atender às lições que nos são dadas nos livros de Daniel e Apocalipse".[3]) "No Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se findam. Eis aqui o complemento do livro de Daniel. Um é uma profecia; o outro uma revelação. O livro que está selado não é o Apocalipse, mas aquela porção da profecia de Daniel

que se refere aos últimos dias. O anjo ordenou: 'tu, porém, ó Daniel, fecha estas palavras, e sela o livro até ao tempo do fim'"[1]) "Se as visões de Daniel fôssem entendidas, o povo podia ter entendido melhor as visões de João. No verdadeiro tempo, porém, Deus moveu seus servos escolhidos, que, com evidência e no poder do Espírito Santo, abriram as profecias e mostraram a harmonia das visões de Daniel e João e outra porções da Bíblia".[2])

Assim como o Velho Testamento é a porta de entrada para o Novo, o livro de Daniel é, sem contestação, o pórtico ou principal passagem condutora ao livro do Apocalipse.

Isaac Newton, em "Observações sôbre as Profecias de Daniel e o Apocalipse de São João", diz: "O Apocalipse de São João é escrito no mesmo estilo e linguagem das profecias de Daniel, e tem a mesma relação para elas que êles têm um para o outro, de sorte que o todo dêles junto faz somente uma profecia completa".[3])

Uma aproximação verdadeira ou visível, paralela, existe entre o livro de Daniel e o Apocalipse. Se ambos os seus autores tivessem vivido no mesmo tempo, dir-se-ia, com razão, ter havido entre êles prévio acôrdo ao escreverem suas composições. Entretanto, apesar de jamais se conhecerem e ter mediado entre êles um período de mais de meio milênio de separação, pode ser dito, sem nenhum engano, que suas obras são acentuado complemento uma da outra. De princípio a fim, opressões políticas e religiosas e grandes profecias compreendem os temas destas duas sagradas dissertações, em lances simbólicos irrecusàvelmente admiráveis. Nelas, ainda, e bem no início, apresentam-se os dois autores sacros fruindo em cativeiro o cruciante amargor de tais opressões.

E' notável encontrar essa franqueza nos relatos de Daniel e do Apocalipse. Ambos os livros apresentam aos seus leitores interessados:

1. Seus autores em pleno exílio, recepcionando por divina inspiração o conteúdo de suas obras.

2. Delineações sôbre o andamento futuro de governos temporais, eclesiásticos e eclesiástico-temporais, por entre os séculos futuros.

3. Duas Babilônias, uma natural e capital do mundo antigo, nas paragens da Mesopotâmia, às margens do caudaloso Eufrates, e outra universal e espiritual existente.

4. O juízo divino investigativo em solene andamento no templo de Deus, no céu dos céus, onde cada indivíduo infalivelmente comparecerá.

5. O ódio de guerras devotadas ao povo de Deus por governos civis e eclesiásticos em tôda a história da civilização, mormente nos obscuros séculos medievais.

6. Um personagem eclesiástico a proferir arrogantes palavras de blasfêmias contra Deus, Seu nome, Seu templo e habitantes do céu.

7. A intervenção divina sôbre os escombros da arruinada e presente civilização, para fundar em suas ruínas um eterno e teocrático reino de paz e amor infinitos.

8. Descrição das evidências circunstanciais reinantes no tempo exato em que Jesus Cristo nas nuvens dos céus aparecerá aos olhos do mundo, com poder e grande glória, para pôr fim a tôda angústia e aflição que na terra flagelam.

9. Como personagens de suas grandes e maravilhosas galerias profético-simbólicas, a Deus, a Cristo, ao Espírito Santo, aos santos anjos, ao homem e ao próprio Satanás e seus anjos maléficos como inspiradores de tôda a contenda terrena.

10. Íntima relação especial entre as revelações dos capítulos dois e sete de Daniel e doze, treze e desessete do Apocalipse.

A palavra de Deus, ou seja a Bíblia, as Escrituras Sagradas, é o único livro profético que no mundo, desde tempos distantes, tem sido conhecido. Suas mais importantes profecias, que se concentram nos livros de Daniel e Apocalipse, têm resistido às mais cerradas hostilidades que contra ela a incredulidade, a infidelidade, e, incrivelmente, até avultado número de professos e pretensos cristãos, levam continuamente a efeito.

"Ora o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente".[1]) Com estas tão simples palavras de São Paulo, apóstolo, tornam-se claros os devidos e legítimos porquês dos ataques que as classes acima mencionadas mantêm contra a Palavra de Deus, mormente para com a parte que diz respeito às profecias dêstes dois livros citados. A guerra sem pejo declarada contra as revelações destas duas obras, mostra o valor inestimável do conteúdo delas. Ante tôda a fuzilaria de seus gratuitos adversários, mantêm-se à altura devida, dando como sempre e constantemente, um irrepreensível testemunho da verdade através de séculos e milênios, e revelando autêntica documentação quanto ao futuro, comprovada no curso da história dos povos com segura infalibilidade.

O PANORAMA DO APOCALIPSE

A grande maioria das profecias do Apocalipse encontraram seu cumprimento no passado; algumas estão em pleno cumprimento no presente; outras serão cumpridas num breve futuro; e poucas restantes cumprir-se-ão no reino de Deus. O panorama profético cronológico do Apocalipse apresenta-se como se segue:

I. PROFECIAS SÔBRE A IGREJA DE DEUS NA TERRA:

1. Introdução — Cap. 1.
2. Saudação da trindade — Cap. 1.

3. Visão das sete igrejas — Caps. 2, 3.
4. Visão dos sete selos — Caps. 4-6.
5. A Reforma do Século XVI — Cap. 12:16.
6. O despertamento religioso mundial do século XIX — Caps. 10:1-10; 14:6-8.
7. O povo e a mensagem do advento — Caps. 7:1-3; 10:11; 11:1-2; 12:17; 14:6-14; 18:1-4.

II. PROFECIAS SÔBRE OS OPONENTES DE DEUS E DE SEU POVO:

1. Roma e as nações modernas cuja queda é anunciada nas sete trombetas — Caps. 8; 9; 11:15.
2. O Papado, principalmente na Idade Média e no futuro. Caps. 13; 12; 11:3-6.
3. A revolução francesa inimiga da Bíblia — Cap. 11.
4. O protestantismo norte-americano na profecia — Cap. 13:11-18,
5. A grande Babilônia — Caps. 14:8; 18:1-4; 17; 16:13.

III. PROFECIAS FINAIS DO APOCALIPSE:

1. O têrmo da divina graça — Cap. 15:8.
2. As sete pragas futuras — Cap. 16.
3. A segunda vinda de Cristo — Caps. 14:14-20; 19:11-21.
4. A queda de Babilônia — Caps. 18; 19.
5. O milênio da profecia — Cap. 20.
6. O juízo final — Cap. 20.
7. Novo céu e nova terra — Gap. 21:1.
8. A nova Jerusalém — Cap. 21-22.
9. Os santos na glória — Caps. 7:9-17; 14:1-5; 15:2-4.

Daniel escreveu o seu livro durante o cativeiro, em Babilônia, ao passo que S. João, segundo o testemunho de Irineu (175-200), escreveu o Apocalipse na ilha de Patmos, no fim do reinado de Domiciano, no ano 94.

INTRODUÇÃO

Em todos os séculos da história teve Deus os Seus verdadeiros representantes entre os homens. Em nome do Todo-Poderoso conservaram eles bem alto o estandarte da sã verdade e testificaram, corajosamente, do direito divino. Alguns dêstes baluartes da justiça destacaram-se mais do que outros, em face da época em que foram despertados por Deus para desempenharem uma função saliente. Nos relatórios que dizem respeito à aurora do mundo lemos especialmente de Enoque, contemporâneo de Adão, a erguer a sua voz em clamor contra a impiedade e a anunciar o juízo vindouro sôbre tôda a má obra. Mais tarde levanta-se Noé, outro destemido embaixador de Deus, "pregoeiro da justiça", anunciando uma mensagem decisiva contra a crescente onda da maldade humana, precursora dum dilúvio de águas. Abraão, o "amigo de Deus", é o vulto mais proeminente da escala das testemunhas de Deus, depois do dilúvio até Cristo. Seus imediatos descendentes, Isaac e Jacó, seguiram-no destemidamente, fazendo refulgir com firmeza a divina luz da justiça celestial diante duma civilização desequilibrada. José, no Egito, e Daniel, em Babilônia, foram outros brilhantes porta-estandartes da verdade de Deus. A história do Velho Testamento está repleta de outros dignos mensageiros do Altíssimo, que, com denodado zêlo e rara devoção, desempenharam o papel que lhes coube no divino plano de Deus.

Também a história do Novo Testamento está ornada de eminentes homens, embora humildes e simples, que, como os da antiga dispensação, levantaram destemerosamente a voz para testemunhar do Criador e de Seu Filho Jesus Cristo. Tão eloqüente foi o testemunho que deram, que por êle preferiram antes morrer que alterá-lo.

JOÃO, O AMADO DISCÍPULO

Um dos mais notáveis e destacados luminares que brilharam na era apostólica em exaltação de Deus e do Salvador, foi S. João, o cognominado — discípulo amado.[1]) Seu pai era humilde pescador do mar da Galiléia; e, sua mãe Salomé, parece ter sido íntima de Maria, mãe de Jesus.

João foi um dos primeiros apóstolos a serem atraídos pelo humilde Nazareno.[2]) "Sôbre todos os seus companheiros, João, o discípulo amado, rendeu-se à influência daquela vida maravilhosa".[3])

"A devoção abnegada e o amor confiado manifestados na vida e no caráter de João, apresentam lições de incalculável valor para a igreja cristã. João não possuía por natureza a beleza de caráter que revelou em sua experiência posterior. Tinha defeitos graves. Não somente era orgulhoso, pretencioso e ambicioso de honra, senão também impetuoso, ressentindo-se pela injustiça. Êle e seu irmão foram chamados 'filhos do trovão'. Mau gênio, desejo de vingança, espírito de crítica, tudo se encontrava no discípulo amado. Porém, sob tudo isso o Mestre divino discernia um coração ardente, sincero e amante. Jesus repreendeu seu egoísmo, frustrou suas ambições, provou sua fé, e revelou-lhe aquilo pelo qual sua alma suspirava, a formosura da santidade, o poder transformador do amor".1) "Ao afeto do Salvador correspondeu o amado discípulo com tôda a fôrça de uma ardente devoção. João se apoiou em Cristo como a videira se sustém sôbre uma majestosa coluna".2)

"À profundeza e fervor do afeto de João para com seu Mestre não era a causa do amor de Cristo para com êle, senão o efeito dêsse amor. João desejava chegar a ser semelhante a Jesus, e sob a influência transformadora do amor de Cristo, chegou a ser manso e humilde. O seu eu estava escondido em Jesus. Sôbre todos os seus companheiros, João se entregou ao poder dessa maravilhosa vida. Disse: 'A vida foi manifestada, e nós a vimos':3) 'E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça'.4) João conheceu ao Salvador por experiência própria. As lições de seu Mestre se gravaram sôbre sua alma. Quando êle testemunhava da graça do Salvador, sua linguagem simples era eloqüente pelo amor que transbordava seu ser.

"Devido a seu profundo amor para com Cristo, João desejava estar sempre próximo dÊle. O Salvador amava aos doze, porém o espírito de João era o mais receptivo. Era mais jovem que os demais e com maior confiança infantil, abriu o coração a Jesus. Assim chegou a simpatizar mais com Cristo, e mediante êle, as mais profundas lições espirituais de Cristo foram comunicadas ao povo.

"Jesus ama aquêles que representam o Pai, e João pôde falar do amor do Pai como nenhum outro dos discípulos. Revelou a seus semelhantes o que sentia em sua própria alma, representando em seu caráter os atributos de Deus. A glória do Senhor se expressava em seu semblante. A beleza da santidade que o havia transformado brilhava em seu rosto com resplendor semelhante ao de Cristo. Em sua adoração e amor contemplava a Jesus até que a semelhança de Cristo e a companhia com Êle chegaram a ser seu único desejo, e em seu caráter refletiu o caráter de seu Mestre".5)

Assim João, pela contemplação diária de seu Senhor, foi inteiramente transformado e preparado para a sua obra futura. Jamais se afastava de Jesus. Êle, seu irmão Tiago e Pedro eram "os mais

íntimos companheiros de Cristo". Com êstes dois foi escolhido pelo Senhor para testemunhar a ressurreição da filha de Jairo[1]), a transfiguração no monte[2]) e a aflição do Salvador no Getsêmane.[3]) A evidência de sua mudança total de vida e de seu incondicional amor ao seu Mestre, deparamos, não só em sua vida futura, mas ao reclinar-se no peito de Jesus, na ocasião da ceia.[4]) Neste incidente vemos que João foi o discípulo que mais perto de Jesus esteve e o que mais sentiu êsse divino amor, razão por que regara seus escritos dêsse santo amor. Transformado, nunca mais pensou João em posições de honras mundanas;[5]) jamais pensou em fazer descer fogo do céu sôbre quem quer que fôsse.[6])

JOÃO NÃO ABANDONA JESUS

Nos momentos mais graves da vida de Jesus — da casa de Caifás ao Calvário — João não abandonou a Jesus.

"Os sacerdotes reconheceram João como discípulo de Jesus, e deram-lhe entrada na sala, esperando que, ao testemunhar a humilhação de seu guia, o desprezasse. João falou em favor de Pedro, conseguindo entrada para êle também.

"O discípulo João, entrando na sala do julgamento, não buscou ocultar ser seguidor de Jesus. Não se misturou com o rude grupo que injuriava o Mestre. Não foi interrogado; pois não assumiu um falso caráter, tornando-se assim objeto de suspeita. Procurou um canto retirado, ao abrigo dos olhares da multidão, mas o mais próximo possível de Jesus. Ali podia ver e ouvir tudo que ocorresse no julgamento de seu Senhor".[7])

No Calvário, "enquanto o olhar de Jesus vagueava pela multidão que O cercava, uma figura lhe prendeu a atenção. Ao pé da cruz se achava Sua mãe, apoiada pelo discípulo amado. Ela não podia suportar permanecer longe de seu filho; e João, sabendo que o fim se aproximava, trouxe-a para perto da cruz. Na hora de Sua morte, Cristo lembrou-Se de Sua Mãe. Olhando-lhe o rosto abatido pela dor, disse, dirigindo-Se a ela: 'Mulher, eis aí o teu filho'; e depois, a João: 'Eis aí tua mãe'. João entendeu as Palavras de Cristo, e aceitou o encargo. Levou imediatamente Maria para sua casa, e daquela hora em diante dela cuidou ternamente. O' piedoso, amorável Salvador! por entre tôda a sua dor física e mental angústia, teve solícito cuidado por Sua mãe! Não possuía dinheiro com que lhe provesse o conforto; achava-Se, porém, entronizado na alma de João, e entregou-lhe Sua mãe como precioso legado. Assim providenciou para ela aquilo de que mais necessitava — a terna simpatia de alguém que a amava, porque ela amava a Jesus. E, acolhendo-a como santo legado, estava João recebendo grande bênção. Ela lhe era uma contínua recordação de seu querido Mestre".[8])

JOÃO COMO PREGADOR

Depois da ascenção de Cristo, João se apresenta como um fiel e fervoroso obreiro do Mestre. Juntamente com os outros discípulos desfrutou do derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes, e com renovado zêlo e poder continuou falando ao povo as palavras da vida, procurando levar seus pensamentos para o Invisível. Era um pregador poderoso, fervente e profundamente solícito. Com uma bela linguagem e uma voz musical, relatava as palavras e as obras de Cristo; falava de uma forma que impressionava os corações daqueles que o escutavam. A simplicidade de suas palavras, o poder sublime da verdade que enunciava, e o fervor que caracterizava seus ensinos, davam-lhe acesso a todas as classes sociais.

"A vida do apóstolo estava em harmonia com seus ensinos. O amor de Cristo que ardia em seu coração, o induziu a realizar uma fervorosa e incansável obra em favor de seus semelhantes, especialmente dos seus irmãos na igreja cristã".

"À medida que transcorriam os anos e o número de crentes crescia, João trabalhava com maior fidelidade e fervor em prol de seus irmãos. Os tempos eram perigosos para a igreja. Por tôdas as partes existiam erros satânicos. Por meio da falsidade e do engano os emissários de Satanás intentavam levantar oposição contra as doutrinas de Cristo; como consequência as dissenções e heresias punham em perigo a igreja. Alguns que criam em Cristo diziam que seu amor os livrava de obedecer à lei de Deus. Muitos outros criam que era necessário observar os costumes e cerimônias judias; que uma simples observância da lei, sem necessidade de ter fé no sangue de Cristo, era suficiente para a salvação. Alguns sustinham que Cristo era um bom homem, porém negavam sua divindade. Outros que pretendiam ser fiéis à causa de Deus eram enganadores, negavam, na prática, a Cristo e Seu evangelho. Vivendo em transgressão, introduziam heresias na igreja. Por isso muitos eram levados aos labirintos do ceticismo e ao engano.

"João enchia-se de tristeza ao ver penetrar na igreja êsses erros venenosos. Via os perigos aos quais ela estava exposta e enfrentava a situação com presteza e ousadia. As epístolas de João respiram o espírito de amor. Parece como se as houvesse escrito com a pena molhada no amor. Quando, porém, se encontrava com os que estavam transgredindo a lei de Deus, mesmo que clamassem que estavam vivendo sem pecado, não vacilava em admoestá-los acêrca de seu terrível engano".

"João era um mestre de santidade, e em suas cartas à igreja assinalou regras infalíveis para a conduta dos cristão. 'E qualquer que nÊle tem esta esperança — escreveu — purifica-se a si mesmo, como também Êle é puro'. 'Aquele que diz que está nÊle, também

deve andar como Êle andou'.[1]) Ensinou que o cristão deve ser puro de coração e de vida. Nunca deve estar satisfeito com uma profissão vã. Assim como Deus é santo em Sua esfera, o homem caído, por meio da fé em Cristo deve ser santo na sua".[2])

Como escritor sacro, nenhum outro apóstolo igualou João. Escreveu o evangelho que relata a vida de Jesus, três epístolas e a Revelação do Apocalipse. Seus escritos estão permeados, abundantemente, do amor de Deus e de seu Mestre, tendentes a levarem os cristãos a viverem na atmosfera divina e celestial.

Para dizermos tudo de João, como crente e como ministro do evangelho de Cristo, basta-nos referirmos ao seguinte testemunho de Paulo sôbre êle: "E conhecendo Tiago, Cefas e João, que eram considerados como as colunas,..."[3]) Vemos que João não era um cristão vacilante e um pregador indolente, mas, com os outros citados pelo apóstolo — um baluarte inabalável na igreja e no ministério evangélico.

JOÃO É PERSEGUIDO

"Mais de meio século havia passado desde a organização da igreja cristã. Durante êsse tempo se havia manifestado uma oposição constante à mensagem evangélica. Seus inimigos não haviam recuado em seus esforços, e finalmente lograram a cooperação do imperador romano em sua luta contra os cristãos.

"Durante a terrível perseguição que se seguiu, o apóstolo João fêz muito para confirmar e fortalecer a fé dos crentes. Deu um testemunho que seus adversários não puderam contradizer, e que ajudou a seus irmãos a enfrentar com valor e lealdade as provas que lhes sobrevieram. Quando a fé dos cristãos parecia vacilar ante a terrível oposição que deviam suportar, o ancião e provado servo de Jesus lhes repetia com poder e eloquência a história do Salvador crucificado e ressuscitado. Susteve firmemente sua fé, e de seus lábios brotou sempre a mesma mensagem alentadora: 'O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nosso olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da palavra da vida... O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos'.[4])

"João viveu até ser muito ancião. Foi testemunha da destruição de Jerusalém e da ruína do majestoso templo. Como último sobrevivente dos discípulos que estiveram intimamente relacionados com o Salvador, sua mensagem tinha grande influência quando revelava que Jesus era o Messias, o Redentor do mundo. Ninguém podia duvidar de sua sinceridade, e mediante seus ensinos muitos foram induzidos a sair da incredulidade.

"Os governantes judeus estavam cheios de amargo ódio contra João por sua imutável fidelidade à causa de Cristo. Declararam que seus esforços contra os cristãos não teriam nenhum resultado

enquanto o testemunho de João repercutisse nos ouvidos do povo. Para conseguir que os milagres e ensinos de Jesus fossem esquecidos, urgia que silenciasse a voz da valente testemunha.

"Com êste fim, João foi chamado a Roma para ser julgado por sua fé. Ali, diante das autoridades, as doutrinas do apóstolo foram expostas erroneamente. Testemunhas falsas o acusaram de ensinar heresias sediciosas, com a esperança de conseguir a morte do discípulo.

"João se defendeu de uma maneira clara e convincente, e com tal simplicidade e candor que suas palavras tiveram um efeito poderoso. Seus ouvintes ficaram atônitos ante sua sabedoria e eloquência. Quanto mais convincente, porém, era seu testemunho, tanto maior era o ódio de seus opositores. O imperador Domiciano estava cheio de ira. Não podia refutar o raciocínio do fiel advogado de Cristo, nem competir com o poder que acompanhava sua exposição da verdade; porém propos-se fazer calar a sua voz.

"João foi lançado numa caldeira de azeite fervente; porém o Senhor preservou a vida de seu fiel servo, assim como protegeu aos três hebreus no forno de fogo. Enquanto se pronunciavam as palavras: 'Assim pereçam todos os que crêem nesse enganador, Jesus Cristo de Nazaré', João declarou: Meu mestre se submeteu pacientemente a tudo o que fizeram Satanás e seus anjos para humilhá-Lo e torturá-Lo. Deu Sua vida para salvar o mundo. Sinto-me honrado por sofrer por Sua causa. Sou um homem débil e pecador. Somente Cristo foi santo, inocente e imaculado. Não cometeu pecado, nem foi achado engano em Sua bôca".

"Estas palavras tiveram sua influência, e João foi retirado da caldeira pelos mesmos homens que o haviam lançado nela.

"Novamente a mão da perseguição caiu pesadamente sôbre o apóstolo. Por decreto do imperador, foi desterrado à ilha de Patmos, condenado 'pela palavra de Deus e o testemunho de Jesus-Cristo'.[1]) Seus inimigos pensaram que ali não se faria sentir mais sua influência, e que finalmente morreria de penúrias e angústia.

"Patmos, uma ilha árida e rochosa do mar Egeu, havia sido escolhida pelas autoridades romanas para receber os criminosos desterrados; porém para o servo de Deus essa lôbrega residência chegou a ser a porta do céu. Ali, longe das buliçosas atividades da vida, e do intenso labor de anos anteriores, disfrutou da companhia de Deus, de Cristo e dos anjos do céu, e dêles recebeu instruções para guiar a igreja do futuro. Foram-lhe esboçados os acontecimentos que se verificariam nas últimas cenas da história do mundo; e ali escreveu as visões que recebeu de Deus. Quando sua voz não pudesse testemunhar mais dAquele a Quem amou e serviu, as mensagens que se lhe deram naquela costa estéril iam iluminar como uma lâm-

pada acesa, anunciando o seguro propósito do Senhor acêrca de cada nação da terra.

"Entre os penhascos e rochas de Patmos, João manteve comunhão com seu Criador. Repassou sua vida passada, e, ao pensar nas bênçãos que havia recebido, a paz encheu seu coração. Havia vivido a vida de um cristão, e pôde dizer com fé: 'Nós sabemos que passamos da morte para a vida'.[1]) Não assim como o imperador que o havia desterrado. Êste podia olhar atrás e ver únicamente campos ir batalha e matança, lares desolados, viúvas e órfãos chorando: o fruto de seu ambiciosa desejo de preeminência".[2])

"A história de João nos proporciona notável ilustração de como Deus pôde usar aos obreiros de idade. Quando foi exilado para a ilha de Patmos, houve muitos que o consideravam incapaz de continuar no serviço, e como uma cana velha e quebrada, propensa a cair em qualquer momento. O Senhor, porém, julgou conveniente usá-lo. Ainda que afastado das cenas de seu trabalho anterior, não deixou de ser uma testemunha da verdade. Mesmo em Patmos fêz amigos e conversos. Sua mensagem era de gôzo, pois proclamava um Salvador ressuscitado que desde o alto estava intercedendo por Seu povo até que regressasse para levá-lo consigo. Já bastante idoso no serviço de Seu Senhor, João recebeu muitas comunicações do céu além das que havia recebido durante os primeiros anos de sua vida".[3])

João havia sido banido para a ilha de Patmos no ano 94 A.D. À morte de Domiciano, por assassínio, dois anos depois, Nerva subiu ao trono romano e, como sucede usualmente, os presos políticos gozaram de anistia. Nestas circunstâncias João foi liberto e retornou a Êfeso onde escreveu o seu evangelho no ano 97. Em Êfeso findou sua vida com cêrca de 100 anos de idade, sendo a última e única das testemunhas pessoais de Jesus que teve morte natural.

CAPÍTULO I

PREÂMBULO DAS SETE CARTAS ÀS SETE IGREJAS

INTRODUÇÃO

O primeiro capítulo do Apocalipse é o glorioso pórtico da mais grandiosa revelação de Deus ao homem. Inicialmente, a introdução do famoso livro demonstra, de modo a não deixar a mais leve dúvida, a sua origem divina, para que a igreja cristã, a quem a grande revelação se destina, pudesse confiar inabalàvelmente em sua mensagem através de todos os tormentosos séculos de sua existência como porta-voz autorizada de Deus no mundo.

A seguir deparamos as bem fundadas razões por que João, o amado apóstolo, fôra escolhido como portador pessoal do Apocalipse à igreja. Quando Deus preserva um homem de perigos que ameaçam a sua vida, é porque tem para êle um honroso propósito futuro.

Finda a introdução encarecendo o imenso valor das profecias e promessas do sublime livro, salientando uma tríplice e inestimável bênção reservada aos que as prezarem e acatarem com inteira sinceridade.

A dedicação do Apocalipse à igreja cristã encerra uma incomensurável saudação de Deus, de Seu Filho e de Seu Espírito, em que seu triunfo é assegurado na imutabilidade da trindade.

Depois da dedicação e saudação, o profeta passa a falar, ligeiramente, das circunstâncias que o rodeavam ao receber o Apocalipse, que, aliás, para a sua avançada idade, foram as mais dramáticas possíveis.

O Apocalipse, continua S. João, foi-lhe revelado num dia de grande transcendência, pelo que não esquecera de salientar solenemente o seu glorioso nome que o distingue dos demais dias da semana. Ao tratarmos neste capítulo do referido dia, veremos que a importância desta última revelação de Deus ao homem exigia um dia de indizível preeminência histórica e revelador da mais alta significação universal, pelo que outro seria supérfluo como data semanal da grande mensagem à igreja. Possivelmente nos surpreenderemos com a grandiosidade das razões por que fôra êle distinguido dos demais e recebera tão honroso título dentre todos.

O capítulo finda com a primeira parte da primeira visão, onde a igreja de Cristo é revelada no mais glorioso símbolo que a eleva como portadora da mais gloriosa luz jamais divulgada aos mortais. Cristo, entretanto, é a figura central desta visão, na qual O deparamos em seu supremo ofício sacerdotal e em sua suprema majestade e poder, ao

ponto de o seu querido discípulo, nem mesmo em visão, poder suportar a majestosa glória de Sua presença.

A FONTE ORIGINAL DO APOCALIPSE

VERSO 1 — *"Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus Lhe deu, para mostrar aos Seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo Seu anjo as enviou, e as notificou a João Seu servo".*

REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO

As palavras iniciais do Apocalipse deixam bem evidente a fonte original de sua procedência. Pôsto que o título do livro seja Revelação de Jesus Cristo — seu verdadeiro Autor é Deus, a Eterna Fonte de tôda a sabedoria e verdade. Aqueles que prezam o Apocalipse e o estudam detidamente, ficam estasiados ante a infinita sapiência que condensou em sublimes símbolos a história das nações, das grandes religiões e da igreja de Cristo na era cristã.

E' muitíssimo significativa a expressão do discípulo amado de que Deus dera a Jesus a revelação contida no Apocalipse. Sabemos que Deus, desde o pecado do primeiro homem, não mais se comunicava pessoalmente com a família humana. Todavia, seria contrário ao Seu caráter santo de Pai amoroso, desligar-se definitivamente de Seus filhos por terem êles pecado. Era por demais inconcebível que Aquêle, cujo caráter tem por fundamento o amor, os abandonasse a perecer em seus delitos e pecados sem que lhes provesse um recurso que os erguesse do estado de decadência e os restaurasse. Daí a gloriosa história da eterna salvação que nos foi contada pelos santos profetas e apóstolos. Êles nos disseram e nos dizem ainda, que Deus, o amante Pai, não desprezou e não abandonou o homem em sua miséria, mas que, proveu um sublime, glorioso meio pelo qual pôde aproximar-se novamente dêle e erguê-lo do terrível charco do pecado em que caíra. Sim, e êste glorioso meio é o Seu próprio Filho Jesus Cristo. Por meio de Seu dileto Filho e amante Salvador nosso, tem Deus enviado a nós tôda a revelação das Sagradas Escrituras através de séculos no passado. Deus, a não ser por Jesus, jamais se comunicou com Seus filhos caídos. O Apocalipse constitui a última revelação de Deus a Seus amados ou à igreja de Seu Filho, em primeiro lugar para dar-lhes a certeza de Seu amor por êles, e, em segundo lugar, para adverti-los dos perigos espirituais e dos seus perigosos adversários.

O OBJETIVO REAL DO APOCALIPSE

O objetivo desta grande revelação não é outro além do que é expressado no texto primeiro: "Para mostrar aos Seus servos as coisas que brevemente devem acontecer". Antes de tudo, urge a pergunta: Quem são os servos de Deus aos quais fôra dado o Apocalipse?

E, ainda: Que quer dizer ser servo de Deus? O têrmo "servo" já indica quem são e o que quer dizer ser servo de Deus. O servo de Deus é, pois, aquêle que O serve, que se deixa orientar por Sua expressa vontade. Os servos de Deus, mencionados nesta profecia, são os componentes de Sua igreja na terra, ou, melhor dito, a igreja que é fiel e zelosa na observância dos Seus mandamentos e do evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, Seu Filho. A estes servos ou a esta igreja, fôra enviado o Apocalipse bem como tôda a mensagem das Sagradas Escrituras.

À igreja de Deus, portanto, foi revelado o Apocalipse no começo da história da era cristã. Desde a era apostólica até ao fim, a verdadeira igreja de Deus tem estado a par dos acontecimentos futuros da história secular e de sua própria história, através da grande revelação. Aqui nos é dada a razão por que os ímpios e mesmo a grande massa do cristianismo não podem entender o simbolismo do Apocalipse. Para entendê-lo, é imprescindível ser "servo" de Deus, súdito de Sua igreja, e êles não o são e por tal motivo concebem ser o Apocalipse um livro esquisito, impenetrável, cujo significado, dizem, está ainda num futuro remoto. Os "servos" de Deus, porém, não encontram dificuldade nos símbolos do Apocalipse. O Espírito Santo de Deus lhes tem revelado sublimemente as lições proféticas encerradas em seus emblemas.

O ANJO DO SENHOR

Não há dúvida de que a expressão — e pelo Seu anjo — trata de um anjo especial que é sempre comissionado pelo Senhor no que concerne a revelações de caráter sumamente importante. E neste sentido não somos deixados a tatear na incerteza, mas temos, nas próprias Sagradas Escrituras, uma definição deveras clara. Sabendo que as profecias de Daniel estão relacionadas intimamente com as do Apocalipse, perguntamos então: Quem era o anjo que assistia Daniel em suas visões? Numa das visões concedidas ao velho profeta de Babilônia, uma grande voz fêz-se ouvir transmitindo a seguinte ordem: "Gabriel, dá a entender a êste a visão".[1]) Nos capítulos oito, onze e doze do livro de Daniel, é Gabriel o anjo que o Senhor comissionara para dar-lhe a entender visões que o profeta não podia entender. Foi Gabriel o anjo que fôra enviado pelo Senhor a comunicar a Zacarias o nascimento de João Batista, em cuja ocasião definira-se o anjo, dizendo: "Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus".[2]) Dêste modo é Gabriel o anjo do Senhor enviado para assistir a S. João em suas visões do Apocalipse.

Maravilhosos são os degraus por meio dos quais chegou às mãos da Igreja cristã a mensagem do Apocalipse. Primeiramente Deus,

a eterna Fonte do saber; depois Seu Filho Jesus Cristo, por Quem Êle, unicamente, se comunica com o pecador; a seguir o anjo Gabriel por Jesus incumbido de transmitir a revelação a João, e êste, por sua vez, à Igreja do seu Senhor. Alegremo-nos por êstes sublimes passos pelos quais recebemos a preciosa mensagem do último livro das Escrituras Sagradas, que mais não é do que um lenitivo, conforto e bússola para os verdadeiros cristãos nestes turbulentos dias finais da história da civilização humana.

O PORTADOR HUMANO DO APOCALIPSE

VERSO 2 — *"O qual testificou da Palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que tem visto".*

Êste segundo versículo contém um eloqüente elogio ao apóstolo amado. Queira Deus despertar em nós o senso de nossa responsabilidade cristã e da alta investidura com que fomos investidos para a santa comissão evangélica mundial, para que também nós, como S. João, sejamos alvos do eloqüente elogio celestial. Três razões são apresentadas segundo as quais o apóstolo foi escolhido como veículo do Apocalipse à igreja do Senhor Jesus:

1. "O qual testificou da palavra de Deus": — A palavra de Deus testificada por João são as Escrituras Sagradas do Velho e do Novo Testamento. O seu testificar foi em viver e pregar a "palavra de Deus" tal como em verdade ela o é, sem alterá-la no mínimo sequer. Daí afirmarmos que S. João foi um verdadeiro cristão e um verdadeiro ministro do evangelho. Todo o verdadeiro cristão e todo o verdadeiro ministro do evangelho testificará, como S. João, na vida e na pregação, da "palavra de Deus" tal como ela se encontra nos dois Testamentos, sem aceitar nenhuma doutrina que não subsista à prova da "palavra de Deus". Aproximadamente por setenta anos João viveu e pregou a pura "palavra de Deus" — O santo evangelho inspirado — sendo uma das razões especiais por que foi êle escolhido portador humano do Apocalipse para a Igreja de Deus, e também por que fêz êle jus ao título de discípulo do amor. Que o exemplo de S. João leve a todo o sincero ministro do evangelho a viver e a pregar única e exclusivamente a "palavra de Deus" e ser também embaixador amado do Senhor Jesus hoje, como fôra êle outrora.

2. "E do testemunho de Jesus Cristo": — Conforme o Apocalipse define, o "testemunho de Jesus" é o "Espírito de Profecia". Nos capítulos doze e dezenove versículos dezessete e dez respectivamente, encontramos uma completa exposição sôbre o assunto. Aqui, porém, por antecipação, urge dizer que o "testemunho de Jesus" ou o "Espírito de Profecia" é a inspiração de Jesus, por Seu Espírito, o Espírito Santo, a um instrumento humano, por isso mesmo chamado

profeta. E S. João testificou de tôda a inspiração concedida a todos os profetas, quer do Velho como do Novo Testamento, como real inspiração do Senhor Jesus, tendo êle próprio sido um dos grandes profetas pelos quais o "testemunho de Jesus" se manifestou à Sua igreja.

3. "E de tudo o que tem visto": — Se o espaço permitisse, poderíamos fazer uma longa e pormenorizada explanação "de tudo o que" João viu. E quão gloriosas coisas viu êle! O evangelho que traz o seu nome testifica de inúmeras coisas gloriosas que êle vira. Os milagres, os ensinos, a transfiguração, a humilhação, a crucificação, a ressurreição, a ascenção e o grandioso amor do Salvador, bem como o poderoso Pentecostes e suas conversões em massa foram gloriosas coisas que João viu "e de tudo" testificou. Sim, temos aqui a terceira razão apresentada por que fôra êle o distinguido mensageiro do Apocalipse à igreja cristã. Oxalá todo o ministro de Cristo honre o Seu Mestre e testifique da maneira tríplice como João testificou, para que o cristianismo possa tornar aos seus áureos dias, os dias apostólicos.

UMA TRÍPLICE BEM-AVENTURANÇA

VERSO 3 — *"Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo".*

UMA INESTIMÁVEL BEM-AVENTURANÇA

Embora devamos ler, ouvir e guardar tôdas as revelações de Deus em tôdas as Sagradas Escrituras, há uma tríplice bem-aventurança reservada a todo o que ler, ouvir e guardar a mensagem contida no Apocalipse. Em nenhuma outra parte da revelação encontramos uma bênção tão categórica sôbre a leitura, a audição e prática duma revelação de Deus. Nisto, mostra-nos o Revelador do Apocalipse que a despeito dos que asseveram ser êste último livro da Bíblia um livro incompreensível, pode ser plenamente entendido. Pronunciaria Deus, porventura, uma tão gloriosa bênção a quem lesse um livro impossível de ser compreendido, ou que, ouvindo-o, não o pudesse ler nem praticá-lo? Não, caro leitor. Deus, com sua prometida bênção, estimula-nos a estudarmos com fervor, a aceitarmos integralmente e observarmos *"in totum"* os ensinos do Apocalipse, para que sejamos felizes, bem-aventurados. Estimulados, pois, por Deus, a própria Fonte da inspiração, não devemos ouvir as oposições de homens incrédulos.

Pôsto que o Apocalipse seja um livro essencialmente profético cujas profecias devemos aceitar e crer, há também nêle deveres revelados que devemos acatar e observar. À medida que formos estu-

dando suas profecias sobre poderes políticos e religiosos opressores, encontraremos êsses claros deveres que devemos cumprir para sermos dignos da preciosa bem-aventurança.

Todavia, há pessoas, e não poucas, que não querem ler o Apocalipse, apresentando, para isto, desculpas sem valor, sendo uma delas, a mais comum, de que êste livro ainda está fechado e ainda não nos é permitido conhecer o seu significado. A bênção tríplice de Deus não é pronunciada para esta classe indiferente ao sagrado. Outros não querem ouvir nada sobre as profecias do livro; não lhes interessa ouvir nada que julgam obscuro e incompreensível, também para êstes não é a bênção divina. E outros, embora leiam e ouçam, não lhes interessa a mensagem do sublime livro, e recusam-se a observar os deveres que êle lhes impõe. Tôdas estas classes de incrédulos e cristãos indiferentes não receberão jamais a tríplice bem-aventurança evidentemente ao alcance dos que lêem, ouvem e praticam os deveres exarados no grande livro.

A palavra "bem-aventurança" vem do grego "MAKARIOS", e significa uma "felicidade celestial". A pessoa bem-aventurada é "aquela que tem a felicidade do céu". Noutros têrmos, ler, ouvir e praticar a mensagem contida no Apocalipse significa possuir o próprio céu. Aquêles que persistentemente recusam, de qualquer maneira, êste livro, não só estão na falta da posse da bem-aventurança celeste como também excluídos do próprio céu. Êles, por se colocarem, por escolha voluntária, junto dos que se opõem ao Apocalipse, não pertencem ao povo de Deus para quem esta revelação é enviada. Excluídos por vontade própria da bênção e do céu, não lhes resta senão uma horrenda recompensa que os surpreenderá no devido tempo. Oxalá se arrependam antes que tarde possa ser, e se volvam não só em aceitação da mensagem apocalíptica mas de tôdas as Escrituras Sagradas.

PORQUE O TEMPO ESTÁ PRÓXIMO

Eis uma outra grande razão por que devemos aceitar e observar a mensagem do Apocalipse. Uma vez mais é confirmada a verdade de que êste livro pode ser plenamente entendido por quem desejar filiar-se ao povo de Deus. A tríplice bem-aventurança é já um apêlo de Deus para que Seus filhos aceitem o maravilhoso livro, e creiam nêle. Temos aqui um novo apêlo para que êles, urgentemente, se decidam pelo livro sagrado. A proximidade do tempo quer dizer que, após o cumprimento da mensagem do Apocalipse, o fim seguramente virá. Suas profecias, cumpridas século após século, indicavam a nossos antepassados a aproximação do fim; e, nossa geração, que vê suas últimas previsões serem cumpridas, pode, na verdade, ter a certeza de que "o tempo está próximo", que o fim do império do mal na terra é uma realidade iminente. Portanto, a bem-aventurança

oferecida por Deus ao que ler, ouvir e praticar o conteúdo do notável livro, tem sua razão de ser na proximidade do tempo final da história do mundo. Creiamos, pois, na gloriosa mensagem dêste livro, vivamo-la, e seremos então dos bem-aventurados celestiais.

A SAUDAÇÃO DA TRINDADE À IGREJA DE DEUS

VERSOS 4-8 — *"João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz seja convosco da parte dAquêle que é, e que era, e que há de vir, e da dos sete espíritos que estão diante do Seu trono; da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dos mortos e o príncipe dos reis da terra. Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados, e nos fêz reis e sacerdotes para Deus e seu Pai; a Êle a glória e poder para todo o sempre. Amém. Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que O traspassaram; e tôdas as tribos da terra se lamentarão sôbre Ele. Sim. Amém. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso".*

AS SETE IGREJAS DA ÁSIA

À primeira vista, parece-nos que a saudação da trindade, através do profeta, dá a entender que na Ásia só havia sete igrejas cristãs, ao tempo de S. João, e que unicamente a elas fôra dedicada a mensagem contida no Apocalipse. Além das sete igrejas, mencionadas no "versículo onze, porém, havia, mesmo na Ásia Menor, onde se encontravam as sete citadas, outras — algumas das quais mais importantes que algumas delas. Por exemplo: Havia além das sete referidas, — as igrejas da Galácia, às quais Paulo enviara uma de suas cartas; a igreja de Colosso que também recebera uma preciosa carta de Paulo; a igreja de Mileto que, a julgar pelo encontro de Paulo ali com os anciãos de Êfeso, era um importante centro do cristianismo; havia ainda a igreja de Troas, onde Paulo estivera sete dias com os irmãos dali;[1]) outras igrejas ainda havia na Ásia Menor, fundadas pelo apóstolo Paulo: As de Perge, Icônio, Listra, Derbe, Antioquia da Pisídia e outras. S. Pedro fala de fiéis "eleitos" no Ponto, na Capadócia, na Bitínia, onde infalivelmente eram constituídos em igrejas. Além destas havia na Ásia outras igrejas mais importantes que as sete citadas no Apocalipse e que quaisquer outras já mencionadas. Por exemplo, as igrejas de Antioquia da Síria e de Jerusalém sobrepujavam a tôdas as demais. Entretanto, todo o livro do Apocalipse é dedicado às sete igrejas, como dissemos, mencionadas no versículo onze, cujos "nomes são os seguintes: Éfeso, Smirna, Pérgamo, Tiatira, Sardo, Filadélfia e Laodicéia.

Se o Apocalipse é uma mensagem de Deus só para estas sete igrejas, não deveriam existir outras e estas sete deveriam existir até

agora e até à volta de Jesus. Mas estas sete igrejas não mais existem naquelas cidades da Ásia Menor, nem mesmo algumas dessas cidades existem mais e as que existem têm outros nomes. E, se o Apocalipse era uma mensagem exclusivamente para aquelas sete igrejas, naturalmente não fôra dedicado às demais igrejas daquele tempo, nem às demais dos séculos futuros, nem à igreja de Deus dêste nosso século. Por que, pois, o Apocalipse foi dedicado àquelas sete igrejas, e não às inúmeras outras que havia ao tempo de S. João na Ásia, bem como na Europa e na África e, posteriormente, nos outros continentes?

Respondendo, preliminarmente, à pergunta acima, dizemos que cada uma das sete cartas enviadas às sete igrejas, contém, no final, a seguinte admoestação: "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas". Isto nos leva a admitir que cada carta não é dirigida somente à igreja a que se destina, mas a muitas outras igrejas. Lembramo-nos que a comissão de Jesus aos apóstolos, de irem a todo o mundo proclamar o evangelho, implicava na fundação de igrejas em tôda a terra e não apenas sete na Ásia. Além disso assegurou o Senhor estar com Sua igreja até ao fim, declaração esta que comprova o fato de as sete igrejas serem simbólicas de tôda igreja cristã. E, tendo em vista o fato inegável de que Cristo tem no mundo uma só igreja, somos forçados a crer que as sete igrejas enunciadas, bem como a história de suas cidades, foram tomadas pela revelação como emblemas de tôda a igreja cristã mundial em todos os séculos, desde os dias apostólicos até o segundo advento de Cristo. "O número sete", que "indica perfeição" e um todo completo, "é simbólico, do fato que a mensagem se estende até ao fim do tempo, enquanto os símbolos usados revelam a condição da igreja em diferentes períodos na história do mundo".[1]) Vejamos a opinião de vários escritores sôbre estas igrejas:

"E' opinião de muitos escritores eruditos, que escreveram sôbre êste livro, que nosso Senhor, por estas sete igrejas, significa tôdas as igrejas de Cristo até ao fim do mundo; e pelo que Êle lhes diz, propõe mostrar qual será o estado das igrejas por todos os séculos, e qual o dever de cada uma".[2])

"As sete igrejas representam sete fases ou períodos na história da igreja, alcançando da época dos apóstolos à vinda de Cristo outra vez, cujos característicos são de algum modo estabelecidos nos nomes destas igrejas, mas mais completamente nas cartas a elas endereçadas".[3])

"As cartas às sete igrejas, à excepção do que é indubitàvelmente histórico, têm tantas alusões evidentemente figurativas e místicas que há a mais forte razão para aceitar o ponto de vista... que aquelas sete igrejas devem, profèticamente, mostrar-nos uma sétupla medida, e constituir o todo da igreja de acordo com as diversas épocas, disto justificando os emblemas das igrejas aqui mencionadas".[4])

"As sete devem ser consideradas como constituindo um todo completo, como dominando um perfeito ideal. Cristo... tendo em sua mão as sete estrêlas, andando entre os sete castiçais de ouro... idealmente representando e manifestando, de algum modo ou outro, a igreja universal militante na terra".[1])

Ao apreciarmos, nos capítulos dois e três, as sete cartas dirigidas às sete igrejas, verificaremos que cada período histórico da igreja corresponde, com muita exatidão, à história das aludidas cidades da Ásia Menor que as simbolizam.

A SAUDAÇÃO DO DEUS TODO-PODEROSO

Deus, a Fonte de tôda a bênção e do Apocalipse, saúda a igreja de Seu Filho, e Sua também. Sua graça e Sua paz são enviadas à igreja, sem as quais ela não poderá subsistir e prosseguir triunfante em sua alta missão. Graça é misericórdia e amor. Desta maneira amorosa, benevolente e complascente, dá-lhe o Todo-poderoso a certeza de Seu amparo e Seu cuidado constantes. Paz é uma das maiores virtudes cristãs. E' tão indispensável à igreja, que o Filho de Deus a deixou como uma dádiva inestimável a Seu povo.[2]) Deus apresenta-Se como "Aquele que é, e que era, e que há de vir", para dar à igreja a certeza de Sua imutabilidade e da confiança segura que ela pode manifestar nÊle. Também o Senhor Deus assegura à Sua igreja que "há de vir". Sim Êle virá com o Seu Filho, ao vir Êle buscar Sua igreja para a eterna glória. Jesus mesmo afirmou solenemente que virá "na Sua glória, e na do Pai e dos santos anjos".[3]) O Pai quer alegrar-se pessoalmente no triunfo da igreja ao ser ela arrebatada do mundo para a santa cidade e para a glória. Se anelamos contemplar o Pai ao vir Êle com o Filho, é indispensável que vivamos sob Sua graça e Sua paz com as quais tão graciosamente nos saúda.

A SAUDAÇÃO DOS SETE ESPÍRITOS DE DEUS

Os capítulos quatro e cinco fazem uma apresentação dos sete Espíritos de Deus nos símbolos de sete lâmpadas de fogo, sete pontas e sete olhos, representando vivamente a sabedoria, o poder e a vigilância que Deus, por Seu Espírito Santo, exerce na terra especialmente para instruir, fortificar e guardar Sua igreja em meio aos perigos dos séculos. No emblema do número sete, é, portanto, assegurada à igreja de Deus a plenitude multiforme do poder divino.

SAUDAÇÃO DE JESUS CRISTO

Saudando Sua amada igreja apresenta-Se Jesus com os principais característicos de Sua pessoa. Em primeiro lugar é Êle a "Fiel Testemunha". Quão gloriosamente testemunhou Êle do Pai,

de Si mesmo e da verdade, quando na terra, dizem-nos, eloqüentemente, os evangelhos que relatam a Sua imaculada vida terrenal. À Sua igreja desta geração apresenta-se Jesus também como "Testemunha Fiel e Verdadeira", para certificá-la de que tudo quanto testifica é verdadeiro e de que tôdas as promessas que lhe tem feito as cumprirá infalivelmente. Temos, portanto, um Salvador em Quem podemos confiar com inabalável segurança.

Em segundo lugar Jesus apresenta-se como o "primogênito dos mortos". S. Paulo denomina a Sua ressurreição como as "primícias" dos mortos, ou a ressurreição que assegura uma farta colheita de mortos que ressuscitarão do túmulo em Sua segunda vinda. E' verdade que Êle não foi o primeiro que ressuscitou dos mortos. Outros ressuscitaram antes dÊle e Êle mesmo ressuscitou vários mortos em Seus milagres. Todavia, a Sua ressurreição, prevista no plano da salvação de Deus antes dos tempos dos séculos, foi a causa da ressurreição de mortos antes e depois dela, e será a causa da futura grande ressurreição dos santos em Sua segunda vinda.[1])

Era necessário que Êle fôsse o primogênito ou as primícias dos mortos para que "em tudo tenha a preeminência" sôbre êles.[2]) Outras expressões paralelas apresentam o Salvador como "o primogênito entre muitos irmãos"[3]) e o "primogênito de tôda a criação".[4]) Adoremos, pois, o "primogênito" que nos saúda e por Sua ressurreição garante a nossa ressurreição para a vida eterna.

Em terceiro lugar é Cristo o "Príncipe dos reis da terra". Esta declaração de Sua saudação O coloca acima dos príncipes ou governantes do mundo. S. Paulo diz que Êle está "acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só nêste século mas também no vindouro".[5]) O próprio Senhor disse aos apóstolos ao ressuscitar: "É-me dado todo o poder no céu e na terra".[6]) Como "Príncipe dos reis da terra", tem Jesus supremacia sôbre êles todos. Os monarcas do mundo são aconselhados por Deus a reverenciar Seu Filho como "Príncipe" de todos êles: "Agora, pois, ó reis, sêde prudentes, deixai-vos instruir, juízes da terra. Servi ao Senhor com temor, e alegrai-vos com tremor. Beijai o Filho, para que se não ire, e pereçais no caminho, quando em breve se inflamar a Sua ira; bem-aventurados todos aquêles que nÊle confiam".[7]) Como Príncipe dos reis, é Cristo o herdeiro de todos êles. As profecias que a isto dizem respeito são muito evidentes.[8]) Todos os reinos do mundo passarão a Cristo como legítimo herdeiro.[9]) Se os reis da terra acatassem o Filho de Deus como Príncipe dêles, reinariam com Êle em Seu futuro reino; mas como dÊle nada lhes interessa, serão desarraigados do mundo a perecerem para darem lugar à Sua eterna e gloriosa dominação.[10])

Em quarto lugar assevera Jesus em Sua saudação que nos ama. Seu amor por Seu povo é eloqüentemente demonstrado de inúmeras

maneiras e sobrepuja ao amor dos nossos mais íntimos familiares e amigos mais chegados. A supremacia de Seu amor foi demonstrada na dádiva de Si mesmo no maior sacrifício dos séculos. A um amor tão inigualável, só poderemos corresponder dando-nos a Êle em gratidão incondicional e indissolúvel.

Em quinto lugar sua saudação notifica-nos que Êle "em Seu sangue nos lavou dos nossos pecados". "E o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo o pecado".1) Maravilhosa provisão feita para nossa inteira salvação. Que amor incomparável Jesus nos demonstrou! Sim, só o Seu sangue, e nada mais apaga os nossos pecados e nos purifica, lavando-nos completamente. E' vão terem os homens indicado outro meio de lavar o pecado. Qualquer outro meio de purificação do pecador é considerado falso nas Sagradas Escrituras.

Em sexto lugar Seus seguidores são considerados reis, devido ao fato de reinarem com Êle no reino de Sua graça agora. Sendo êles constituídos num reino sacerdotal, são também sacerdotes.2) São sacerdotes porque dÊle receberam a incumbência de levar pecadores a Êle, o Sumo-sacerdote, e também porque oferecem sacrifícios, sacrifícios de si mesmos e sacrifícios espirituais e de louvor.3) Quando terminar o sacerdócio de Cristo, terminará também o dêles, e reinarão eternamente com o supremo Rei. Então glória e poder que só a Êle pertencem, todos os Seus santos súditos Lhe tributarão pelos séculos sem fim.

Em sétimo lugar Sua saudação faz pela primeira vez menção de Sua segunda vinda, no Apocalipse, tão amplamente referida por todos os profetas e apóstolos. Seu segundo advento como aqui é apresentado, não poderá ser mistificado ou falsificado jamais. Êle advertiu do fato que alguns tentariam falsificá-lo, concentrando-se em desertos e no interior de moradias, mas que não deveríamos crer que seria Êle.4) Outros creem que Êle virá em espírito, sendo isto flagrantemente falso. "Eis que vem com as nuvens e todo o ôlho O verá". Enquanto tôda a humanidade não O contemplar, conjuntamente, vindo com as nuvens, é porque Êle ainda não veio. Mas, quando Êle vier, até aquêles que O traspassaram ou que foram cúmplices do crime que Lhe infligiram, vê-Lo-ão com poder e glória suprema, descendo dos céus. Os famigerados Anás e Caifás, os membros do Sinédrio, Pilatos, Herodes e todos quantos foram acérrimos inimigos Seus, ressurgirão do pó da terra para O verem em majestade, assomando à terra "com as nuvens" dos céus. A ressurreição dos piores inimigos, do Seu tempo, será para "vergonha e desprezo eterno".5) Inutilmente lamentarão o crime de deicídio que praticaram, para o qual não obterão perdão.

Em oitavo lugar, a saudação de Jesus diz que, ao surgir Êle em magnificente resplendor, as tribos ou nações da terra se lamentarão. As multidões que não prezaram o Senhor da glória e nenhum

caso fizeram de Seu santo evangelho, para salvarem-se, só terão a lamentar a escolha tresloucada que preferiram. Mas, os seus escolhidos, que não perderam tempo com as coisas efêmeras dêste mundo, antes deram ouvidos à verdade e amaram o Salvador, só terão que se regozijar naquele dia terrível para os Seus adversários.[1])

Findando a Sua saudação, o Senhor Jesus apresenta-se como o "Alfa e o Ômega, o princípio e o fim". O "Alfa" e o "Ômega" são, respectivamente, a primeira e a última letras do alfabeto grego, pois em grego foi escrito o Apocalipse e o Novo Testamento. Com isto vemos que tôda a literatura, para ser saudável à alma, deve começar e terminar com Cristo, como a literatura das Escrituras Sagradas. Em tôda a conversação usa-se o alfabeto em cujos extremos estão o Alfa e o Ômega. Por isso, tôda a conversa ou palestra do seguidor de Jesus deve começar com Êle, prosseguir com Êle e terminar com Êle. Em outras palavras, tôda a linguagem do crente deve ter a Jesus como centro e ser-Lhe honrosa. Tudo, para que tenha um feliz princípio e um feliz termo, deve começar e findar com Aquele que é o Alfa e o Ômega. "Sem mim", dissera Êle, "nada podeis fazer".[2]) O próprio universo começou com Jesus; "sem Êle nada do que foi feito se fêz".[3]) Na profecia da renovação de "tôdas as coisas", Êle é ainda o Alfa e o Ômega, pelo que tudo tornará outra vez a seu glorioso estado de pureza e santidade virginais.[4]) Esta frase mágica — Eu sou o Alfa e o Ômega — é uma das maneiras chaves de Êle nos assegurar a Sua imutabilidade e que Êle é o Todo-poderoso.

"Amém" e "Amém". Nesta saudação da trindade encontra-se, duas vêzes, o vocábulo "Amém". "Amém", quer no hebraico quer no grego, significa: assim seja, seja feito, verdadeiramente, fielmente. "Em história sagrada, Amém é formado das letras iniciais das três palavras *Adonai*, *Melech*, e *Neeman*, que vale o mesmo que *Senhor Rei Fiel*, locução hebraica, mostrando a fé que se há de dar às promessas divinas".[5]) Digamos, pois, "Amém" à gloriosa saudação da trindade, tão cheia de amor e de gloriosas promessas. Digamos "Amém" a tudo quanto o Senhor de nós pede e a nós promete — Amém.

SÃO JOÃO NA ILHA DE PATMOS

VERSO 9 — *"Eu, João, que também sou vosso irmão, e companheiro na aflição, e no reino, e paciência de Jesus Cristo, estava na ilha chamada Patmos, por causa da Palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo".*

"EU, JOÃO, QUE TAMBÉM SOU VOSSO IRMÃO"

Depois de o profeta apresentar a saudação da trindade à igreja, fala então de si mesmo, identificando-se plenamente com o povo de

Deus. Êle preferiu o humilde título da família cristã — irmão. Com isto demonstrou que perante Deus não há títulos nem posições que distingam uns dos outros, mormente na igreja onde "todos vós", conforme dissera Jesus, "sois irmãos".[1])

"E companheiro NA AFLIÇÃO, E NO REINO, E NA PACIÊNCIA DE JESUS CRISTO: — Nos dias em que o apóstolo escreveu a revelação do Apocalipse, a igreja cristã era ferozmente perseguida pela espada do paganismo romano. Domiciano pretendia fazer afogar o cristianismo em sangue. Multidões eram sacrificadas e confiscados os bens dos cristãos. João procura animar a igreja ao enviar-lhe o Apocalipse da parte de Cristo, comunicando-lhe que também padecia pela mesma gloriosa fé. Êle não estava refugiado como um cobarde, não, mas a postos no seu dever como fiel porta-voz do seu amado Mestre. Por certo as palavras de João foram uma animação e confôrto à igreja sob a aflição da perseguição.

Para maior ânimo dos irmãos, o apóstolo acrescenta que dêles era também companheiro "no reino". Evidentemente, referia-se ao futuro e sublime reino da glória, posto que com a igreja vivia, como nós hoje ainda, no reino da graça. Todavia escrevera já Paulo às igrejas que "por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus".[2]) e que, "se sofrermos, também com Êle reinaremos".[3]) E, mais adiante: "E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições".[4]) Nos dias em que Paulo estas palavras escrevia à igreja, ela era paciente e cheia de fé, nas perseguições e aflições. Eis as suas palavras: "De maneira que nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus por causa da vossa paciência e fé, e em todas as vossas perseguições e aflições que suportais; prova clara do justo juízo de Deus, para que sejais havidos por dignos do reino de Deus, pelo qual também padeceis".[5]) A paciência do apóstolo amado e da igreja, naqueles dias, porém, era a "paciência de Jesus Cristo". Para que tenhamos uma idéia da paciência de Jesus, basta lermos Sua vida nos quatro evangelhos. E S, Pedro, para dizer-nos tudo em poucas palavras, da paciência de Jesus, assim escreveu. "O qual, quando O injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-se Àquele que julga justamente".[6])

JOÃO ESTAVA NA ILHA DE PATMOS

A ilha de Patmos, hoje denominada Palmosa, é uma ilha do Mar Egeu, próxima à costa da Ásia Menor. Conta apenas 40 quilômetros quadrados de superfície, sendo seu solo montanhoso, vulcânico, sem rios e pouco fértil. Ao tempo do império romano, Patmos era a ilha do destêrro dos criminosos, principalmente políticos. João foi para lá banido no ano 94 A.D., por ordem do imperador Domiciano, para que naquela ilha, afinal, perecesse como um dos indesejáveis do

império. Os motivos por que o apóstolo fôra enviado a Patmos, êle mesmo nô-los dá como veremos no parágrafo seguinte.

A CAUSA DO DESTÊRRO DE JOÃO PARA PATMOS

No versículo dois é salientado que João fôra escolhido como portador do Apocalipse, em virtude de ter anteriormente testificado da "palavra de Deus e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que tem visto". Agora, neste nono versículo, o apóstolo declara que, "por causa" da mesma "palavra de Deus" e do mesmo "testemunho de Jesus Cristo", o baniram para a ilha de Patmos. Tal era o crime de João, que o tirano de Roma, Domiciano, pensava punir. O despótico César temeu a "palavra de Deus" e o "testemunho de Jesus Cristo" emanantes dos lábios e da vida do fiel ancião. O que aqui mais se salienta, porém, não é o crime de Domiciano em face da idade do profeta, mas a firmeza e certeza dêste na "palavra de Deus" e no "testemunho de Jesus Cristo", a ponto de, com alegria e resignação, sofrer tremendas crueldades e privações, em sua velhice, em defesa dêstes sagrados direitos de Deus e de Cristo. Vemos assim que o Apocalipse foi dado à igreja cristã através de perseguições e sofrimentos, pelo que devemos prezá-lo, aceitá-lo e vivê-lo. O exemplo de João em sofrer galhardamente pela causa da verdade, deve contagiar a todo ministro de Cristo a também sofrer, se necessário fôr, em cativeiro ou não, em defesa da "palavra de Deus" e do "testemunho de Jesus Cristo".

ARREBATADO EM ESPÍRITO NO DIA DO SENHOR

VERSO 10 — *"Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta".*

"EU FUI ARREBATADO EM ESPÍRITO"

O Espírito Santo colocou João em estado de ver o sobrenatural. Corpòreamente êle não saiu da ilha de Patmos. Outros profetas também passaram por idêntica experiência. S. Pedro diz duma visão que teve: "Sobreveio-me um arrebatamento de sentidos".[1]) S. Paulo também declara: "Fui arrebatado para fora de mim".[2]) Ambos, Pedro e Paulo como João foram colocados pelo Espírito Santo em estado de poder ver o sobrenatural, sem sairem, fisicamente, do lugar onde se encontravam. De um dos antigos profetas lemos o seguinte: "Então alçou a sua parábola e disse: Fala Balaão, filho de Beor, e fala o homem de olhos abertos; fala aquêle que ouviu os ditos de Deus, e o que sabe a ciência do Altíssimo: o que viu a visão do Todo-poderoso, caído em êxtases, e de olhos abertos".[3]) Foi êste o estado em que João recebeu as visões do

Apocalipse, isto é, em êxtases, ou sob o controle do Espírito Santo. Nada em tôrno devia perturbar a atenção do profeta ao contemplar aí gloriosas cenas, sendo, portanto, indispensável um perfeito extase sob o Espírito de Deus.

"Eu fui arrebatado... no DIA DO SENHOR": — A construção da sentença — Dia do Senhor — do grego: *"Kuriakē hēmera"*, não deixa dúvida alguma de que o profeta refere-se a um dia de propriedade do Senhor. O vocábulo *Kuriakē* ê adjetivo possessivo que está determinando o substantivo *hēmera*, dia, como uma posse. Em outros têrmos, João faz alusão a um dia semanal que, antes da visão, êle considerava como "dia do Senhor", propriedade do Senhor.

Ao fazer menção do "dia do Senhor" em que fôra tomado em visão, João sabia, indubitàvelmente, qual era o "dia do Senhor". As Escrituras Sagradas, com as quais João estava familiarizado, definem-nos com irrecusável exatidão sôbre o "dia do Senhor" em que o Apocalipse foi revelado ao profeta. Hoje, ainda, o próprio Senhor nos diz com muita eloqüência qual seja o seu dia ou o "dia do Senhor". O "dia do Senhor" não é qualquer dia que o cristianismo queira determinar, mas é aquele que o Senhor já tem determinado. Quando o Senhor fundou o mundo e deu a Sua lei ao primeiro homem bem como à humanidade, definiu nela qual seja o "dia do Senhor", nestes têrmos: "Mas o sétimo dia é o Sábado do Senhor teu Deus".[1]) Sim, quem fala é o próprio Senhor e não podemos duvidar nem contradizer suas declarações e definições. Com evidência que não pode ser jamais contestada, Êle define, no Decálogo, que o Sábado do sétimo dia é o "dia do Senhor". Mais tarde, por intermédio do profeta Isaías, falou mais o Senhor, o seguinte: "Se desviares o teu pé do Sábado, e de fazer a tua vontade no meu santo dia, e se chamares ao Sábado deleitoso, e santo dia do Senhor digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras".[2]) Notemos como o Senhor chama aqui o Sábado de "Meu santo dia" e "santo dia do Senhor". E é maravilhoso que o Senhor do Velho Testamento é o mesmo Senhor do Novo Testamento, isto é, o Senhor Jesus. Quando, pessoalmente, entre os pecadores, Êle, de viva voz, confirmou que o "dia do Senhor" no Novo Testamento era o mesmo do Velho Testamento. Notemos Suas palavras: "Assim o Filho do Homem até do Sábado é Senhor".[3]) A declaração de Jesus não pode ser posta em dúvida, sob pena de negar o Senhor. Assim estava João, perfeitamente, familiarizado com o "dia de Senhor", e não podia ter dúvida de que se referia ao Sábado do sétimo dia, quando escreveu ter sido "arrebatado em Espírito no dia do Senhor".

Duas coisas são no Novo Testamento propriedades do Senhor: Uma é o Sábado — *Kuriakē hēmera* — "dia do Senhor". E a outra

é a Santa Ceia — *Kuriakē deipnon* — "Ceia do Senhor".[1]) Ambas as declarações contêm a forma grega possessiva e exprimem — propriedade do Senhor.

Satanás, porém, não podia ver com bons olhos a menção do profeta, estabelecendo o Sábado como "dia do Senhor". Faz êle crer aos cristãos que o "dia do Senhor" é o "primeiro dia da semana". Mas faltam as provas concludentes desta sua satânica assertiva. Em tôda a Bíblia não existe um único texto que faça menção do "primeiro dia da semana" ou domingo, como "dia do Senhor". E a doutrina que a Bíblia não define ou sanciona, não é digna de crédito e deve ser repudiada. Doutro lado, se João quis referir-se ao "primeiro dia da semana" ao dizer que foi arrebatado em Espírito no "dia do Senhor", então êle devia também ter considerado o "primeiro dia da semana" como "dia do Senhor" ao escrever o seu evangelho; pois o testemunho dos séculos, encabeçado por Irineu (175-200), comprova que João escreveu o seu evangelho em Éfeso, no ano 97 A. D., para onde fôra depois da morte do tirano Domiciano, e, portanto, o escreveu depois de ter recebido o Apocalipse em Patmos. "A Bíblia em parágrafos da Sociedade de Tratados de Londres", diz a respeito o seguinte: "Segundo o testemunho geral dos antigos escritores, S. João escreveu seu evangelho em Éfeso no ano 97".[2]) Mas o amado discípulo não deu qualquer título sagrado ao "primeiro dia da semana", ao escrever, depois do Apocalipse, o evangelho que traz o seu nome. Êle o chama simplesmente de "primeiro dia da semana".[3]) Também Mateus, Marcos e Lucas não dão qualquer título sagrado ao "primeiro dia da semana". Paulo, que é o único dos outros escritores do Novo Testamento que fala no "primeiro dia da semana", não lhe dá igualmente título sagrado".[4]) Desta maneira, o "primeiro dia da semana" não é superior à segunda, têrça, quarta, quinta e sexta-feiras. Temos dêste modo cinco testemunhos de que o "primeiro dia da semana" não é o "dia do Senhor", pois como tal nenhum dos cinco evangelistas o menciona.

A escolha do Sábado, o "dia do Senhor", para a revelação do Apocalipse, revela a importância de sua mensagem. Uma inspiração do Criador, relativa a tôda a dispensação cristã, deveria estar ligada a Êle como Seu legítimo Autor, e, só o Sábado, que O aponta a Seus filhos como Autor do mundo e do universo, poderia ser o dia apropriado e o único escolhido como data semanal da grande revelação.

"EU OUVI DETRÁS DE MIM UMA GRANDE VOZ COMO DE TROMBETA"

Como veremos mais adiante, a voz como de trombeta era a voz do amado Mestre de João. Sua meiga e adorável voz era-lhe agora

diferente da do tempo em que com Êle andava pessoalmente na terra. Na terra era ela a voz do Cordeiro de Deus; mas, ao ausentar-se do mundo, sua voz, recobrando o Seu estado de poder, faz-se, às vêzes, ouvir como a voz do Todo-poderoso. Ao voltar Jesus, sua voz abalará o céu e a terra, e porá em risco fatal o ímpio descuidado e rebelde aos reclamos de Sua divina lei.

UMA ENFÁTICA ORDEM A S. JOÃO

VERSO 11 — *"QUE DIZIA: o que vês escreve-o num livro, e envia-o às sete igrejas que estão na Ásia, a Êfeso, e a Smirna, e a Pérgamo, e a Tiatira, e a Sardo, e a Filadélfia, e a Laodicéia".*

O amado João não foi desobediente a esta sagrada incumbência. Devia escrever a mensagem que lhe seria mostrada, num único livro, e enviá-lo às sete igrejas. Não um livro para cada igreja, mas um só para tôdas elas. Isto comprova mais uma vez que as sete igrejas compreendem o todo da igreja cristã desde os apóstolos até à vinda de Cristo.

OS SETE CASTIÇAIS SIMBÓLICOS

VERSO 12 — *"E virei-me para ver quem falava comigo. E, virando-me, vi sete castiçais de ouro".*

Segundo a interpretação do mesmo Senhor Jesus, no versículo vinte, os sete castiçais de ouro representam as sete igrejas, ou, como vimos, a igreja de Cristo em Sua inteira história. E' maravilhoso que todos os castiçais eram de ouro, o que nos leva a crer que o desejo de Deus era que Sua igreja fôsse gloriosa em todos os sete períodos, e que entendesse o seu valor como igreja do Senhor não mudando seu aurífero caráter santo.

O ouro é emblema da fé, e a igreja cristã não só deveria ser gloriosa como o ouro, mas fervorosa, fiel e confiante na provisão de Deus e em Suas promessas.

E' sublime que a igreja de Cristo tenha sido simbolizada por castiçais. E que é um castiçal? Um castiçal é um objeto portador de luz. Assim a igreja deveria ser no mundo portadora de luz, da mais gloriosa luz, da luz de Deus, de Seu Filho e do evangelho, da luz que salva, por cuja razão não poderia ser simbolizada por castiçais doutro metal.

NOSSO PODEROSO SUMO-SACERDOTE

VERSOS 13-16 — *"E no meio dos sete castiçais um semelhante ao Filho do Homem, vestido até aos pés de um vestido comprido, e*

cingido pelos peitos com um cinto de ouro. E a Sua cabeça e cabelos eram brancos como a lã branca, como a neve, e os Seus olhos como chama de fogo; e os seus pés, semelhante a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha, e a sua voz como a voz de muitas águas. E Ele tinha na Sua destra sete estrêlas e da sua bôca saía uma aguda espada de dois fios; e o seu rosto era como o sol, quando na sua fôrça resplandece".

O FILHO DO HOMEM

João não tinha nenhuma dúvida ao referir-se à primeira pessoa que aparece nas cenas do Apocalipse como o "Filho do Homem". Ao contemplá-Lo sabia que, embora um tanto diferente dos dias em que andou na terra, era, indubitàvelmente, o seu amado Mestre. Muitas vezes ouvira Jesus referir-se à Sua pessoa como "Filho do Homem". Êste título do Salvador é um dos que mais O identificam com a família humana. Quão glorioso é sabermos que Ele possui uma parte nossa para que nós possamos possuir uma parte dÊle — a Sua divina pureza.

NO MEIO DOS SETE CASTIÇAIS

A visão dos sete castiçais constitui uma cena no lugar santo do santuário celestial. No lugar santo do santuário israelita, a igreja cristã futura era representada no castiçal com sete braços nos quais ardiam sete luzes. O Velho Testamento dá-nos uma fascinante descrição dêste castiçal de ouro puro, que convém apreciar detidamente.[1])

No meio dos sete castiçais de ouro João viu o "Filho do Homem", como figura central da primeira visão. A posição de Jesus nesta cena, demonstra que Ele não tem estado alheio à Sua igreja em tempo algum, mas que com ela tem convivido até ao presente. Sua presença tem acompanhado Sua igreja militante, o que é motivo de regozijo e confiança para ela. Êle "está em constante comunicação com seu povo. Conhece sua real condição. Observa sua ordem, sua piedade e sua devoção. Ainda que é o Sumo-sacerdote e Mediador no santuário celestial, Se representa como andando daqui para lá no meio de suas igrejas na terra. Com incansável desvêlo e constante vigilância, observa para ver se a luz de alguns de seus sentinelas arde dèbilmente ou se se apaga. Se o castiçal fôsse deixado ao mero cuidado humano, a vacilante chama languideceria e morreria; porém, Êle é o verdadeiro sentinela na casa do Senhor, o verdadeiro guardião nas cortes do templo. Seu constante cuidado e sustedora graça são a fonte da vida e da luz".[2]) Assim tôda a igreja deve ter presente que nada se furta a Seu olhar de perscru-

tador, pelo que a cada momento deve estar cônscia do seu compromisso perante Êle assumido, sob pena de ser chamada a contas.

JESUS NOSSO SUMO-SACERDOTE

Ao deparar Jesus no meio dos sete castiçais, evidencia-nos o profeta que Êle, ao subir ao céu, iniciou o seu ministério no lugar santo do santuário, ou primeiro compartimento.

Como oficiante no santuário celestial, Jesus é visto nesta visão com uma só veste sacerdotal, branca, que reune as vestes do sacerdote comum nos dias úteis e a do sumo-sacerdote, no dia da expiação, no lugar santíssimo, isto é, "vestido até aos pés com um vestido comprido, e cingido pelo peito com um cinto de ouro".[1]) "Como o sumo-sacerdote punha de parte suas suntuosas vestes pontificais, e oficiava no vestuário de linho branco do sacerdote comum, assim Cristo tomou a forma de servo, e ofereceu sacrifício, sendo Êle mesmo o sacerdote e a vítima".[2])

Até 1844 realizara Jesus, no lugar santo, o ofício diário do sacerdote comum; e de 1844 até agora, o ofício anual do sumo-sacerdote, no lugar santíssimo. A igreja cristã verdadeira, pois, tem um santuário e um sacerdócio, cujo único sacerdote e Sumo-sacerdote bem como vítima sacrifical, é o próprio Salvador. Sôbre o santuário veja-se ainda o capítulo onze versículos um e dois.

A MAJESTADE SUPREMA DE JESUS

João havia visto muitas vêzes a Jesus em Sua humilhação. Diàriamente O via como um homem pobre e humildemente trajado, não tendo onde reclinar a cabeça nem onde encontrar uma refeição a tempo e segura. Via-O ofendido pelos de Sua nação e desprezado pelos homens. "Êle havia visto a seu Mestre no Getsêmane com o rosto marcado com o suor do sangue de Sua agonia; 'Seu parecer era tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a Sua figura mais do que a dos outros filhos dos homens'.[3]) Êle O viu nas mãos dos soldados romanos, vestido com um velho manto purpúreo e coroado de espinhos. Havia-O visto pendurado na cruz do Calvário, o objeto de cruel escárneo e abuso. Agora a João é permitido, uma vez mais, contemplar a seu Senhor. Mas quão diferente é a Sua aparência! Não é mais um homem de tristezas, desprezado e humilhado pelos homens".[4])

A cabeleira de Jesus é agora semelhante à do Pai,[5]) não pela idade, pois o Eterno não conta tempo algum, mas pelo "resplendor da glória celestial". Os olhos do Salvador, porém, eram "como chama de fogo". Daniel contemplou-O nesta Sua majestade e descreve que os Seus olhos eram "como tochas de fogo".[6]) Nada e ninguém pode furtar-se a Seus olhos penetrantes; antes tudo, em tôda a Sua

criação, está evidente perante suas vistas perscrutadoras. Inútil é para o homem ocultar suas más obras. Não poderá jamais esquivar-se perante os olhos do supremo Juiz.

Os pés do Salvador já não são mais aquêles pés cobertos de poeira das estradas da Terra Santa. Agora são "semelhantes a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha". Daniel descreve Seus pés "como côr de bronze açacalado" ou polido.[1]) Sim, Seus pés são pés limpos, incontaminados, figura de que Êle palmilhou sempre caminhos puros, de justiça. Seus seguidores não deverão ter pés diferentes, a menos que queiram perder-se eternamente. Aquêles que esperam entrar no céu e desfrutar a feliz eternidade prometida, devem esquivar-se dos caminhos do pecado, e purificar seus pés nos caminhos da pureza e da justiça, imitando o jornadear do Mestre. Na fornalha desta vida de lutas devem purificar os pés do caráter e igualá-los aos do Salvador.

Mas ai! A voz do Mestre não é mais aquela voz branda e delicada! Sua voz é agora "como a voz de muitas águas". Para Daniel, era "a voz das Suas palavras como a voz duma multidão".[2]) Sua humilde voz de "Cordeiro de Deus" transmudou-se em a voz do Todo-poderoso. Ao voltar Jesus, Sua voz, ao fazer-Se ouvir como a "voz de muitas águas" e "como a voz duma multidão", abalará os céus e a terra, pondo em risco fatal a vida do ímpio descuidado e rebelde aos reclamos de Sua divina lei.

"Da Sua bôca saía uma aguda espada de dois fios". Esta espada não é uma espada real, de aço, mas simbólica "do poder de Sua palavra".[3]) No capítulo dezenove é referido que com esta espada, ao volver Êle à terra, ferirá as nações rebeladas contra Êle, para restaurar no mundo a justiça e a ordem por elas pervertidas.

Para completar o quadro de Sua tremenda majestade, "o Seu rosto era como o sol, quando na Sua fôrça resplandece". Daniel diz que "o Seu rosto parecia um relâmpago".[4]) Já os Seus olhos são descritos "como chama de fogo". Em virtude do resplendor fulminante de Seu rosto, os ímpios, em Sua vinda, procurarão em vão clamar às montanhas: "Caí sôbre nós, e escondei-nos do rosto dAquele que está assentado sôbre o trono, e da ira do Cordeiro".[5]) Serão aniquilados "pelo resplendor da Sua vinda".[6]) A Moisés que desejou ver a Sua face, replicou Êle: "Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá".[7]) Eu e tu, leitor, carecemos dum preparo perfeito para podermos, afinal, estar em pé diante do "Filho do Homem".[8]) Não devemos conformar-nos com preparativos de palavras ou segundo nosso próprio juízo. Não poucos cristãos há que pretendem ver logo a Jesus vindo em poder e glória. Mas, infelizmente, estão vivendo em plena desarmonia com Sua vontade, pisando abertamente Sua divina e santa Lei. Surpresas cruéis trará o segundo advento de Cristo a

êstes descuidados crentes que, fundados no fato de que Êle é amor, julgam que os salvará e negligenciam o devido preparo.

JOÃO CAI COMO UM MORTO

VERSOS 17-18 — *"E eu, quando O vi, caí a Seus pés como morto; e Êle pôs sobre mim a Sua destra, dizendo-me: Não temas; Eu Sou o primeiro e o último; Eu o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém. E tenho as chaves da morte e do inferno".*

Vencido pela majestade de seu Augusto Mestre, João cai fulminado a seus pés. Aquêle que pudera reclinar-se sôbre Seu peito não pode mais olhar para Êle. Temos neste incidente uma viva advertência: Se o discípulo amado não resistira à presença de seu Senhor glorificado, temamos e estejamos preparados, sem demora, pois logo estaremos também em Sua majestosa presença, ante Seus olhos de "fogo" chamejante e de Seu rosto "como o sol" abrasador.

Mas o compassivo Salvador não permitiu que Seu discípulo estivesse como um morto a Seus pés. Aquêle que fôra até ali conservado para contemplar a história da igreja e a ela enviá-la, não deveria permanecer inerte em Sua presença. A destra do Mestre repousou imediatamente sôbre Seu querido apóstolo, e êle "foi fortalecido para viver na presença de seu Senhor glorificado". Com uma voz não mais "de trombeta", não mais de "muitas águas", não mais "duma multidão", — mas amorável e melodiosa, o Senhor lhe diz: "Não temas". Sob Sua palavra de poder não devemos temer nada e ninguém. Não devemos temer quaisquer circunstâncias. Não devemos temer nem os homens nem os demônios. Ninguém contra Êle poderá batalhar e ninguém nos arrebatará de Sua "destra" se nÊle confiarmos até ao fim.

A João dá Jesus outra razão porque podemos confiar nÊle com segurança. Ei-la: Sua vitória sôbre a morte e o Hades, a sepultura. Eis nossa mais alentadora segurança em Cristo. Temos um Salvador vencedor e triunfante nos próprios domínios do imperador da morte.[1]) A morte e seu autor são inimigos vencidos, aniquilados. O Filho de Deus, nossa Esperança, arrebatou do cruel imperador "as chaves da morte e da sepultura". O arqui-criminoso pode reter na tumba os Seus queridos, mas apenas por um momento. As chaves das suas masmorras fatídicas lhe foram arrebatadas por um mais poderoso do que êle e seus presos serão libertados. O Redentor tem agora domínio absoluto sôbre a região da morte, os domínios de Seu tenaz inimigo vencido. Jesus comprometera-Se salvar Seu povo e assegurou-lhe a vitória imperecível. Os amados do Senhor estão, pois, encerrados provisoriamente no cárcere da morte. Logo Êle lhes abrirá as portas e sairão vitoriosos. Sim, caro leitor,

podemos confiar incondicionalmente num Salvador morto sim, mas vitorioso da morte, para nos arrebatar da cadeia do inimigo se para ali formos levados antes que Êle venha. O triunfo de Cristo sobre as potestades da morte assegurou-nos uma gloriosa vitória com Êle para sempre.

Como o velho Jó nos seus dias, devemos regozijar-nos na certeza inconfundível dum Redentor redivivo.[1])

"Reichal, o grande maestro, estava treinando seu côro para cantar o 'O Messias'. O côro havia cantado até o ponto em que toma o refrão: 'Eu sei que o meu Redentor vive'. A técnica da solista era perfeita — nada faltava, a enunciação era esplêndida... Quando a última nota silenciou, todos os olhos se voltaram para Reichal, esperando sua aprovação. Ao invés disso êle chegou-se à cantora e com os olhos tristes disse calmamente: 'Minha filha, tu não sabes que o teu Redentor vive, sabes?' Ela corou e respondeu: 'Pois sim, acho que sei'. "Então canta", disse Reichal, de tal maneira que todos quantos te ouvem fiquem convencidos que sabes o gôzo e poder do fato'. Em seguida deu sinal à orquesta para repetir. Quando a cantora terminou desta vez, o velho maestro aproximou-se dela com lágrimas nos olhos e lhe disse: — 'Sabes de fato, pois agora mo disseste'".[2])

Vivamos de tal modo a dar a todos a certeza de que nosso Redentor vive — de que Êle vive em nós. Sejamos, pois, a Êle, leais e amêmo-Lo acima de tudo, para que sejamos dÊle e Êle nosso eternamente.

UMA ADVERTÊNCIA AO PROFETA

VERSO 19 — *"Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer".*

João devia tomar muito cuidado para que a Igreja não fôsse privada, nem no mínimo, da revelação da ilha de Patmos. Noutras palavras, êle foi advertido a ser fiel porta-voz de seu Senhor à Sua igreja. Assim são também advertidos todos os ministros do evangelho a serem fiéis em sua sagrada missão. Não há nada mais desagradável a Deus e a Jesus do que a infidelidade de seus mensageiros. Que os embaixadores do Senhor, do presente, atendam à advertência e dêem a mensagem com acurada fidelidade.

O MISTÉRIO DAS SETE ESTRÊLAS

VERSO 20 — *"O mistério das sete estrêlas, que viste na minha destra, e dos sete castiçais de ouro. As sete estrêlas são os anjos das sete igrejas, e os sete castiçais, que viste, são as sete igrejas".*

"Cristo foi apresentado sustendo as sete estrêlas em sua destra. Isto nos assegura que nenhuma igreja que seja fiel à sua missão necessita temer a destruição; porque nenhuma estrêla que tem a proteção do Onipotente pode ser arrebatada da mão de Cristo.

"'O que tem as sete estrêlas em Sua destra... dis estas coisas'. Estas palavras são dirigidas aos mestres da igreja, àqueles aos quais Deus confiou pesadas responsabilidades. As doces influências que hão de abundar na igreja estão vinculadas, estreitamente, com os ministros de Deus, que devem revelar o amor de Cristo. As estrêlas do céu estão sob Sua direção. Enche-as de luz; guia e dirige seus movimentos. Se não o fizesse, chegariam a ser estrêlas caídas. Assim é com seus ministros. São instrumentos em Suas mãos, e todo o bem que podem fazer é realizado por meio do poder divino. Por meio deles se difunde a luz do Salvador, que deve ser sua eficiência. Se tão só olhassem a Êle como Êle olha ao Pai, seriam capacitados para fazer Sua obra. Quando dependerem de Deus, Êle lhes dará Seu resplendor para refleti-Lo ao mundo".[1])

"Lembrem-se aqueles que são como as estrêlas na mão de Cristo que devem cultivar sempre uma sagrada e santa dignidade. Êles são os representantes de Cristo. A simplicidade em Cristo é a pura e sagrada dignidade da verdade". "Os servos de Deus devem pregar a Sua palavra ao povo. Sob a operação do Espírito Santo, êles pôr-se-ão em ordem como as estrêlas na mão de Cristo, para brilhar com Seu esplendor".[2])

E' um vivo privilégio para os ministros do evangelho serem considerados como astros brilhantes. Disse Gabriel a Daniel: "Os entendidos pois resplandecerão, como o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrêlas sempre e eternamente.[3])

Assim não devem os ministros de Cristo seguir o curso que bem entendem e agir por si mesmos, mas depender inteiramente da inspiração e do poder de seu Mestre. Se forem fiéis no sagrado mister que lhes foi confiado, terão do Mestre a honra; mas, se não cumprirem fielmente a sagrada missão que se lhes confiou, serão jogados fora pela mesma mão que os sustém. Lembrem-se os ministros do desejo de Deus: Uma igreja tão gloriosa como um castiçal de ouro e um ministério tão fiel e tão puro como as estrêlas e os anjos. Se os ministros chegassem ao ponto de não mais refletirem a glória de Cristo, a igreja deixaria de ser um glorioso castiçal.

CAPÍTULO II

AS SETE IGREJAS

INTRODUÇÃO

A narrativa deste segundo capítulo, bem como a do terceiro, é uma continuação da primeira visão do Apocalipse contida nos versículos dez a vinte do capítulo primeiro. No versículo onze do capítulo precedente, o Senhor Jesus ordena ao profeta escrever num livro o que via e enviar às sete igrejas. Agora, neste segundo capítulo e no seguinte, o próprio Senhor dita ao profeta as cartas que devia escrever a cada uma das sete igrejas, cartas constantes de elogios, censuras, exortações, advertências e promessas. É deveras notável como na introdução de cada carta, o Senhor Jesus se apresenta como Alguém que determinou interferir no estado da igreja, quer para dar certeza de Seu eficaz auxílio sob quaisquer circunstâncias da igreja, quer para demonstrar Seu desagrado pelo desvio dela de Sua sagrada missão por Êle mesmo traçada.

Êste segundo capítulo trata de apenas quatro das sete igrejas − Éfeso, Smirna, Pérgamo e Tiatira. As demais três são consideradas no capítulo seguinte.

A IGREJA DE ÉFESO

VERSOS 1-7 − *"Escreve ao anjo da igreja que está em Éfeso: Isto diz Aquêle que tem na Sua destra as sete estrêlas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro: Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são, e tu os achaste mentirosos. E sofreste, e tem paciência; e trabalhaste pelo Meu nome, e não te cansaste. Tenho, porém, contra ti que deixaste a tua primeira caridade. Lembra-te pois donde caiste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; quando não, brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres. Tens, porém, isto: que aborreces as obras dos nicolaitas, as quais Eu também aborreço. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus".*

A CIDADE DE ÉFESO

A cidade de Éfeso estava situada na costa ocidental da Ásia Menor, na embocadura do rio Caistre, a poucos quilômetros do mar

Egeu. Foi edificada no século XI A.C., numa bela situação geográfica, tendo sido chamada — a cidade de mudança. Situada também na junção de estradas internacionais que ligavam a Europa à Ásia e à África, alcançou ser a cidade comercial mais importante da Ásia Menor. Com um pôrto grandemente importante, seus navios "sulcavam todos os mares" no desempenho dum comércio em grande escala, sendo considerada "um dos olhos da Ásia". Éfeso era a passagem principal da Ásia proconsular. Nos dias de seu apogeu era uma cidade bem edificada e de edifícios de apreciáveis proporções. O teatro comportava 30.000 pessoas[1]); a grande biblioteca, datada do período romano, era um dos edifícios mais interessantes de Éfeso, cuja fachada estava decorada com baixos relevos representando cenas de sacrifícios e batalhas; o Forum era também dos principais edifícios da cidade; o estádio era de 210m de comprimento por 62m de largura. Em Éfeso floresciam as instituições e uma civilização aperfeiçoada.

O que mais fazia de Éfeso uma cidade suntuosa e próspera, um centro internacional e uma atração mundial, era o famoso templo de Diana, a denominada "deusa da caça" dos efésios. Edificado no ano 620 A.C. foi destruído por um incêndio em 35. Tôda a Ásia contribuiu para a sua reconstrução de mármore puríssimo, duma arquitetura notabilíssima e de grandes riquezas internas, tendo 140m de comprimento por 79m de largura, sustentado por 127 colunas de 20m de altura e coberto com telhas de mármore branco. Sua reedificação durou 220 anos. Cresso, o rei do ouro e da Lídia, fêz generosas doações. O templo tornou-se então uma das sete maravilhas da antiguidade.

No fundo do templo erguia-se a estátua de ouro da deusa, chamada Hecate nos infernos, Lua no céu e Diana na terra. O monumento era ornamentado por famosas obras de arte de célebres escultores. "Tamanho prestígio adquiriu o oráculo da Diana dos Efésios", que, como dizem, "Alexandre o Grande em vão ofereceu os espólios de suas campanhas orientais em troca da honra de ter seu nome gravado nas colunas do templo da deusa".[2])

Os adoradores de Diana eram por demais fanáticos em seu culto. Uma amostra do tresloucado fanatismo por aquela deusa têmo-lo no décimo nono capítulo do livro dos Atos dos Apóstolos. Posteriormente, com a vitória do cristianismo sôbre o culto de Diana e durante os primeiros séculos, Éfeso foi sede de numerosos concílios.

Através de sua história a cidade de Éfeso passou às mãos de vários conquistadores. Os jônios a tomaram no século XI A. C. e fizeram-na capital da Jônia. Cresso a submeteu em 555 e, com o correr do tempo, passou a pertencer a outros senhores. A cidade, porém, encontrou o seu fim. Um terremoto a danificou sèriamente em 29 A.D., sendo reconstruída por Tibério. Os godos, em 260,

destruíram em parte, o famoso templo de Diana, tendo os citas, em 263, acabado de destruí-lo definitivamente. Constantino destruiu a cidade que ainda sobreviveu. Hoje, porém, não restam de Éfeso senão ruínas de vasta extensão, distinguindo-se claramente suas grandes obras que lhe deram em outros tempos fama e grandeza raramente igualadas.

A IGREJA DE ÉFESO

Uma florescente igreja cristã fundada por Paulo em Éfeso, e S. João ali viveu e ensinou algum tempo. A carta de Cristo dirigida "ao anjo da igreja que está em Éfeso", porém, não se relaciona com a igreja da cidade de Éfeso, mas, como vimos, com o primeiro período da igreja cristã — a igreja apostólica — que se estendeu desde o ano 31 até o ano 100, ao morrer S. João, a última testemunha pessoal de Jesus.

A definição da palavra Éfeso é *"desejával"*. E em verdade a cidade de Éfeso estava localizada numa "desejável" posição geográfica. Esta palavra descreve fielmente o caráter e a condição espirituais da igreja cristã em sua primeira etapa. Por muitas razões era a igreja apostólica "desejável" aos olhos de Deus: 1) Foi fundada diretamente por Cristo, antes dÊle subir ao céu, cujos primeiros pastôres, vazios de ambições e sabedoria mundanas, aprenderam pessoalmente dÊle; 2) era fiel aos princípios fundamentais da sã doutrina ensinada por Cristo; 3) possuia o poder sem limites da Chuva Temporã — o Espírito Santo e Seus maravilhosos dons; 4) não faltaram em si grandes profetas; 5) maravilhosas obras de extraordinário poder eram manifestas em seu meio; 6) deu o mais fiel e eloqüente testemunho em favor do Salvador; 7) suas obras missionárias eram inigualáveis e grandemente extensivas. Sim, Éfeso, a igreja dos apóstolos, era deveras "desejável".

O ANJO DA IGREJA DE ÉFESO

A palavra anjo, que provém do grego — *aggelos* — é no N. Testamento também aplicada para designar uma pessoa ou mais no sentido de "mensageiro", "emissário". De João Batista é dito ser ele o "anjo" (aggelos) que devia preparar o caminho para Jesus de Quem era êle precursor.[1]) O mesmo vocábulo *aggelos* é empregado para referir-se aos "mensageiros" que João Batista enviara certa vez a Jesus.[2]) Aproximando-se Jesus certa ocasião duma aldeia de samaritanos, enviou mensageiros — *aggelos* — para preparem pousada.[3]) De Rahab, na antiguidade, é dito que recebera "emissários" — *aggelos* — e os despediu por outro caminho.[4])

Assim, nas cartas simbólicas às sete igrejas, o dirigente, ou mais pròpriamente a direção responsável pela igreja, é chamada "anjo".

Que o têrmo "anjo" não designa uma só cabeça ou pessoa humana como dirigente supremo da igreja, é evidente pela própria organização da igreja apostólica, em cuja história constatamos uma junta diretiva.[1])

À referida junta da igreja de Éfeso, João devia enviar a carta que Cristo mesmo lhe ditaria. E assim com cada igreja dos demais períodos. Da direção é exigido manter a igreja em elevado estado espiritual, alimentá-la devidamente com a pura e santa palavra da vida e vigiar o adversário para que êle não a macule de qualquer modo com falsos ensinos e com aquilo que é dêste mundo. Daí tôda a negligência neste sentido, ao rebanho do Senhor, será indubitàvelmente punida no augusto tribunal do Todo-poderoso. Os cristãos, em geral, são aquilo que são os seus guias espirituais. As próprias Sagradas Escrituras dizem que o povo se identifica com os sacerdotes.[2]) Se a igreja em um dado período é pura e consagrada, é porque sua direção o é. Se noutro período ela não é inteiramente fiel a seus compromissos espirituais, é porque sua direção também não o é à sua alta missão.

As cartas de Jesus visam o estado geral da igreja através de sua direção responsável perante Êle.

COMO CRISTO SE APRESENTA À IGREJA DE ÉFESO

Embora os ministros da igreja de Éfeso fôssem simbolizados por uma das sete estrêlas e a igreja por um dos sete castiçais de ouro fino, o modo pelo qual Jesus se apresenta à igreja, dando-lhe a conhecer que seus ministros estavam em sua mão e que por isso mesmo somente dÊle deviam depender e ela própria considerar-se invisivelmente vigiada por Êle, é evidente que a igreja, pôsto que "desejável" a Seus olhos, O estava, entretanto, desagradando num dos pontos vitais de sua sobrevivência como igreja escolhida. E tudo indica que o ministério que pouco a pouco foi substituindo os apóstolos, que eram zelosos e fiéis porta-estandartes, estava negligenciando suas altas responsabilidades, não se dando conta de que estava na mão do Mestre. E' evidente que os novos ministros da palavra perderam o espírito apostólico, deixaram de estribar-se na revelação e no Revelador e arrastaram a igreja à frieza espiritual e à indiferença para com o zêlo missionário herdado das testemunhas oculares do Salvador.

O novo ministério não fêz mais questão da inspiração de poder e muito menos de proclamar a verdade do evangelho isenta de erros e de idéias humanas. Começou, assim, tão cedo na história do cristianismo, a germinar os princípios do que mais tarde resultou em grande apostasia da igreja, referida em várias profecias do Velho e do Novo Testamentos. O descaso dos que sucederam os apóstolos no ministério, redundou, afinal, num cristianismo como hoje conhece-

mos — um cristianismo que abandonou os ensinos de Cristo. Verdadeiramente, a introdução da carta de Cristo à igreja de Êfeso foi o Seu brado de alarma à Sua igreja em perigo.

EU SEI AS TUAS OBRAS

As obras de quem o Senhor não sabe? O que é possível furtar-se a Seus olhares?[1]) "Eu sei as tuas obras" "é uma advertência muito grande de Cristo aos seus seguidores; é um incentivo para se apegarem às boas obras e renunciarem as más. "As profundezas de cada coração estão abertas à inspeção de Deus. Tôda a ação, propósitos, palavras são tão distintamente observados como se houvesse unicamente um indivíduo em todo o universo, e como se tôda a vigilância e escrutínio de Deus fôssem empregados sôbre sua conduta".[2])

NÃO SOFREU OS MAUS E OS FALSOS APÓSTOLOS

Ainda em vida dos apóstolos, além dos "maus" oponentes de fora da igreja, começaram a manifestar-se "maus" dentro da igreja. Ananias e sua espôsa Safira, foram os primeiros "maus" que surgiram bem cedo e receberam o justo galardão.[3]) O "mau" Simão, mago de Samaria, também foi desmascarado e recebeu o seu justo quinhão.[4]) Hymeneo, Alexandre e Phileto são outros "maus" mencionados por Paulo, que a igreja não pôde sofrer.[5]) S. João cita um outro chamado Diotrefes ao qual teve de enfrentar.[6]) Êstes "maus" são apenas alguns da igreja mencionados pelos apóstolos. Se todos êles fôssem mencionados por nome, certamente a lista seria elevada. As epístolas do Novo Testamento não deixam dúvidas de que o número dêles era realmente grande.

Falsos apóstolos foram também desmascarados. Paulo alude a "falsificadores da palavra de Deus".[7]) "Porque tais falsos apóstolos", diz êle "são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo".[8]) Nas igrejas dos gálatas havia alguns que "querem transtornar o evangelho de Cristo".[9]) Aos efésios escreveu que havia alguns "que com astúcia enganam fraudulosamente" com "todo o vento de doutrina". Muitos, muitos falsos apóstolos surgiram, e até mesmo o primeiro concílio apostólico foi motivado por causa dêles. Todavia foram todos postos à prova e desmascarados como mentirosos, pelo que a igreja fêz jus ao elogio de seu Senhor.

IGREJA SOFREDORA, PACIENTE E TRABALHADORA

A igreja apostólica muito sofreu no desempenho de sua missão. Foi duramente perseguida pelos judeus por onde quer que fôsse içado o pavilhão do evangelho da cruz. Os romanos também perseguiram a igreja, sendo todos os apóstolos, com excepção de João,

martirizados. Nero foi o primeiro a lançar mão da espada contra a igreja vitoriosa. Êste famigerado monstro da história, "para gozar do espetáculo pavoroso do incêndio da antiga cidade dos Dardânios, espalhou pelas ruas de Roma as suas cortes de escravos armados de archotes e encarregados de lançarem fogo a todos os bairros da cidade. Durante o incêndio, Nero enfeitado de flôres, cercado de cortesãs, cantava, acompanhando-se à lira, os versos de Virgílio sôbre a destruição de Tróia! As chamas devoraram dez bairros daquela capital do mundo, e deixaram tão somente nos arrabaldes algumas casas meio queimadas. Este incêndio teve lugar a 19 de julho do ano de 64 da nossa era.

"Para descarregar sôbre inocentes o ódio público que sôbre êle pesava, Nero acusou daquele incêndio os cristãos, que eram odiosos como fazendo profissão de uma religião nova. Em primeiro lugar mandou prender alguns fiéis que eram acusados confusamente de muitos crimes, sem examinar a verdade, e os juízes condenavam-nos à morte não como incendiários, mas como inimigos do gênero humano. Ao seu suplício juntavam insultos cruéis; cobriam-nos de peles de animais para os fazer dilacerar pelos cães; eram pregados em cruzes, ou cravados no chão em estacas que lhes furavam a garganta; e nesta posição, vestiam-nos com túnicas untadas de pez ou de outras matérias combustíveis, às quais lançavam fogo, de modo que os pacientes serviam de archotes para iluminarem a noite. Nero fêz disso um espetáculo público no seu jardim onde êle próprio guiava seu carro à luz daqueles archotes humanos!

"Os historiadores falam com indignação da crueldade daquele príncipe que sacrificava milhares de homens à sua execrável tirania".[1]) Multidões foram sacrificados pelo tirano em suplícios inauditos. Durante quatro anos durou a terrível perseguição. Os mártires mais ilustres foram S. Pedro e S. Paulo, em Roma, e S. Marcos em Alexandria. A morte de Nero deu à igreja uma paz que só foi perturbada 30 anos mais tarde por Domiciano.

Domiciano ordenou a perseguição contra os cristãos principalmente fora de Roma. Embora sua perseguição sanguinária fôsse de pouca duração, mesmo assim numerosos mártires selaram sua fé com sangue, entre os quais Dionísio, o areopagita e o apóstolo S. André. Muitos foram desterrados para as ilhas do mar Egeu. S. João também foi alvo de Domiciano, de cujos ataques já tratamos na introdução. A história diz-nos que Domiciano era orgulhoso, vão, presunçoso, avaro, pródigo e cruel, e que tinha o diabólico prazer de dar homens a comer aos cães. Todos os dias mandava degolar alguns senadores, e por ordens suas cortavam as mãos a gente honrada que nas guerras civis recusara tomar o seu partido ou o seguira de má vontade; finalmente, inventando uma nova tortura, mandava queimar os seus amigos nessa parte que oferecera a Pollion, e que

emprestara a Nerva. Patrônio Segundo e Parthenio, chefes da milícia, assassinaram Domiciano e declararam imperador a Marco Nerva.

Embora perseguidos os cristãos e obrigados a abandonar tudo e todos, eram, não obstante, pacientes, conformados e regozijavam-se em toda a tribulação, pois sabiam êles em quem criam.[1])

Outro elogio do Senhor diz respeito ao trabalho de Sua igreja pelo Seu nome, sem se cansar. Os primeiros capítulos do livro dos Atos dos Apóstolos dão-nos uma descrição do que foram os gloriosos começos da vida missionária da igreja de Éfeso ou apostólica. O trabalho missionário foi o mais grandioso de tôda a história da igreja. Os apóstolos atiraram-se denodadamente aos quatro quadrantes do mundo em conquista de almas para Cristo. Multidões, desde o Pentecostes, renderam-se ao Salvador em todo o império romano. O trabalho de Paulo foi excessivamente grande em vasta porção do império. A própria igreja, unida com os apóstolos na obra missionária, fêz um trabalho digno de elogio. Em apenas 30 anos, "toda a criatura debaixo do céu" ouviu o maravilhoso convite da eterna salvação.[2]) Mesmo diante de inúmeros obstáculos e cerradas oposições, a obra continuou com entusiasmo, com crescente fervor e sob gloriosos sinais e maravilhas.[3]) Na verdade podia O Senhor Jesus escrever — Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho e a tua paciência — elogio bem digno dela.

A PERDA DO PRIMEIRO AMOR

A gloriosa igreja, fundada sob a poderosa manifestação do Espírito Santo de Deus e maravilhas jamais vistas; a igreja que em poucas décadas evangelizou o mundo e levou multidões a se decidirem pela palavra da cruz e pelo amoroso Salvador, é, por fim, acusada da perda do primeiro amor. Não é o caso que a igreja não amasse mais a Deus, a Jesus e a Sua verdade. E' certo que havia nela ainda amor, mas já não era aquele primitivo amor que a tudo excedia em seu meio. As cartas apostólicas evidenciam que em vida dos apóstolos aquêle glorioso e primitivo amor já manifestava sintomas de fraqueza, até que, afinal, desapareceu.

"A princípio, a igreja de Éfeso se distinguia por sua simplicidade e fervor. Os crentes tratavam sèriamente de obedecer a cada palavra de Deus, e suas vidas revelavam um firme e sincero amor a Cristo. Regozijavam-se em fazer a vontade de Deus porque o Salvador morava constantemente em seus corações. Cheios de amor para com seu Redentor, seu mais alto propósito era ganhar almas para Êle. Não pensaram em entesourar para si o precioso tesouro da graça de Cristo. Sentiam a importância de sua vocação e, responsabilizados pela mensagem: "Paz na terra; entre os homens de boa vontade", ardiam no desejo de levar as boas novas da salva-

ção aos recantos mais remotos da terra. E o mundo conheceu que êles haviam estado com Jesus. Pecadores arrependidos, perdoados, limpos e santificados se achegaram a Deus por meio de Seu Filho.

"Os membros da igreja estavam unidos em sentimento e ação. O amor a Cristo era a cadeia de ouro que os unia. Prosseguiam em conhecer ao Senhor cada vez mais perfeitamente, e em suas vidas se revelavam o gôzo e a paz de Cristo. Visitavam os órfãos e as viúvas em sua aflição, e se guardavam, sem mácula, do mundo; sentiam que se não fizessem assim, contradiriam sua profissão e negariam a seu Redentor.

"A obra era levada avante em cada cidade. As almas convertiam-se e por sua vez estas sentiam que era seu dever falar a outros do inestimável tesouro que haviam recebido. Não podiam descansar até que a luz que havia iluminado suas mentes brilhasse sôbre outros. Multidões de incrédulos aceitaram as razões da esperança cristã. Faziam ferventes e inspiradas súplicas pessoais aos errantes, aos perdidos e aos que, ainda que professassem conhecer a verdade, eram mais amantes dos prazeres que de Deus.

"Depois de certo tempo, porém, o zêlo dos crentes começou a diminuir, e seu amor para com Deus e seu amor mútuo decresceu. A frialdade começou a sentir-se na igreja. Alguns se olvidaram da maneira maravilhosa como receberam a verdade. Um após outro, os velhos porta-estandartes caíram em seu pôsto. Alguns dos obreiros mais jovens, que podiam haver levado as cargas dos soldados da vanguarda, e assim haver-se preparado para dirigir sàbiamente a obra, se haviam enfastiado das verdades tão a miúdo repetidas. Em seu desejo de algo novo e surpreendente, intentaram introduzir novas fases de doutrina, mais prazenteiras para muitas mentes, porém em desarmonia com os princípios fundamentais do Evangelho. Por causa de sua confiança em si mesmo e sua cegueira espiritual não podiam discernir que êsses sofismas seriam causa de que muitos pusessem em dúvida as experiências anteriores, produzindo assim confusão e incredulidade.

"Ao insistir-se nessas doutrinas falsas e aparecerem diferenças, os olhos de muitos foram desviados de Jesus, como o autor e consumador de sua fé. A discussão de assuntos de doutrina sem importância, e a contemplação de agradáveis fábulas de invenção humana, ocuparam o tempo que devia ser usado para pregar o Evangelho. As multidões que deviam convencer-se e converter-se pela fiel apresentação da verdade, ficaram desprevenidas. A piedade minguou ràpidamente e Satanás pareceu ter ascendência sôbre os que pretendiam ser seguidores de Cristo.

"Foi nessa hora crítica da história da igreja quando João foi sentenciado ao destêrro. Nunca antes a igreja havia necessitado de sua voz como agora. Quase todos os seus anteriores companhei-

ros no ministério haviam sofrido o martírio. O remanescente dos crentes sofria uma terrível oposição. Segundo tôdas as aparências, não estava distante o dia quando os inimigos da igreja de Cristo triunfariam".[1])

A perda do primeiro amor foi tão gravíssima que pôs em risco tôda a estrutura da igreja. O precioso castiçal de ouro fino corrompeu-se perigosamente. Aos olhos do amante Salvador era uma falta dolorosa, pois a igreja assim privava o mundo das bênçãos da salvação cujo infinito preço a tudo sobrepujou. Sim, a perda do primeiro amor trouxe o maior desastre para a igreja — o abandono dos princípios morais do evangelho do Senhor Jesus. E, até aos nossos dias, o cristianismo está com falta do primeiro amor — do primeiro zêlo, da primeira, dedicação, do primeiro fervor, do primeiro entusiasmo. A história ainda se repete. Quantos cristãos, aceitam o evangelho com fervor e entusiasmo ilimitados, para depois, com o correr do tempo, esfriarem, descurarem a vida cristã e menosprezarem o sagrado compromisso assumido perante o céu e a igreja de Cristo na terra. O entusiasmo se estingue e as idéias humanas começam a tomar o lugar das idéias divinas. Oh, como é grave a perda do primeiro amor! Tão grave é ela que o Senhor escreveu: "Tenho contra ti que deixaste a tua primeira caridade". A Caridade é o amor prático, e o Senhor não podia suportar tal falta em Sua igreja. A grave ocorrência pesa no coração dum Deus amante e dum amante Salvador. Sua "desejável" Éfeso maculara desastrosamente a sua reputação no mundo. Sabiam ambos, o Pai e o Filho, que a atitude da igreja era um atentado contra a sua própria prosperidade espiritual e o bem do mundo perdido. Todo o céu jazia prostrado em doloroso pesar e ansiava pela mudança da situação da igreja.

UMA ADMOESTAÇÃO E UMA ADVERTÊNCIA

Deus não estava alheio à gravidade do perigo que envolvia a igreja. "Em uma mensagem de infinita ternura revelou-lhes o Seu amor e o Seu desejo quanto a fazerem uma obra segura para a eternidade. 'Lembra-te — rogou-lhe — donde caiste, e arrepende-te e pratica as primeiras obras'[2]) Nestas mensagem apela-lhe o Senhor anciosamente que fizesse três coisas: Lembrar-se do seu glorioso estado primitivo, arrepender-se e praticar as primeiras obras de fé e fervor. Nenhum outro esforço a reabilitaria a não ser seguindo êste irrevogável e positivo conselho de seu Senhor, pois nada poderia substituir o seu "primeiro amor". Um regresso a Êle pelo arrependimento e prática das "primeiras obras", era a única solução pró-reabilitação. Nem o imenso trabalho; nem as imensas obras anteriores; nem a sua firmeza em fazer frente aos "maus" e aos falsos apóstolos"; e nem mesmo tôda a sua gloriosa e poderosa experiên-

cia anteriores, — poderiam preencher a grande lacuna produzida pelo abandono do "primeiro amor". Exclusivamente o retorno às primeiras obras poderia salvar a igreja da perigosa situação em que ela própria caíra.

A amorosa admoestação do Salvador foi acompanhada duma mui séria advertência. Se a igreja não atendesse à admoestação — não volvesse arrependida às "primeiras obras" — "brevemente a ti virei", advertira-a o Senhor, "e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres". A tirada do castiçal significa que Jesus privaria a igreja da luz e das bênçãos do evangelho, que até ali estavam ao seu alcance, para confiá-las a outras mãos. Não sabemos que percentagem da igreja, naquela época, havia rechassado "o primeiro amor"; mas, pela denúncia, admoestação e advertência contidas na carta, deveria ser elevada. Seja como fôr, a advertência fôra lançada e, se não atendida, a outrora Éfeso "desejável" perderia o seu lugar no plano da salvação de Deus.

A grave advertência à primitiva igreja é hoje ainda uma solene advertência. Repugna às vistas de Deus e do Salvador, aparentar ser ouro puro e não o ser; ser portador de luz e não conduzi-la. Como cristãos devemos examinarmo-nos a nós mesmos se estamos ou não sob a doce influência do "primeiro amor". Se dêle caímos como a Éfeso de outrora, atendamos à exortação de nosso Mestre — arrepende-te e pratica as primeiras obras. Em atendermos ao conselho do Senhor está a nossa segurança. Voltemos, pois, ao nosso primitivo estado de gôzo na verdade. A indiferença é a pior coisa na vida espiritual. Só aceitar a verdade meramente, não salva. E' necessário viver a verdade com zêlo e fervor. Pesemos bem a advertência de Cristo antes que, sem que mesmo saibamos, tenha sido removido o nosso castiçal e percamos o nosso lugar no plano divino.

ABORRECE AS OBRAS DOS NICOLAITAS

Segundo tudo indica nas cartas dirigidas a Éfeso e Pérgamo, os nicolaitas eram cristãos que seguiam certas doutrinas e práticas contrárias à revelação e tão destestáveis aos olhos de Deus que o Senhor mesmo diz: — as quais Eu também aborreço. Segundo diversos autores, admitiam os nicolaitas, como os gnósticos, a existências de sêres imanados de Deus, que serviam de intermediários entre o mundo material e o espiritual; e, segundo Irineu, Tertuliano e Clemente de Alexandria, os nicolaitas ensinavam que a sensualidade não contaminava o espírito e não constituía pecado, reinando daí, entre êles, a libertinagem sensual, a exaltação do adultério, a fornicação, a permissão de comer coisas sacrificadas aos ídolos e outros erros que contrariavam os sãos ensinos apostólicos. Diz! William Mitchell Ramsay que "um dos requisitos de membros" da

seita dos nicolaitas "era que ao menos uma vez ao ano prestasse culto de adoração ao imperador". Em resumo, impurezas morais e espirituais, ligadas ao culto, constituíam as práticas deletérias dos nicolaitas. Além disso negavam a divindade de Cristo como fazia o gnosticismo do segundo século.

A verdadeira origem dos nicolaitas não é perfeitamente definida na história. Dizem alguns que o fundador da seita foi Nicolau, prosélito de Antioquia, eleito um dos sete diáconos da igreja apostólica. Esta versão, porém, carece de fundamento verídico. Entretanto, que êles tinham muita semelhança aos gnósticos é evidente de idéias e crenças dêstes que professavam. Mas, o que é notável nesta carta à igreja de Éfeso, é que Cristo não só se dispôs a exaltar as suas boas obras e o seu excelente trabalho, como suas atitudes em aborrecer as más obras de falsos cristãos. Êste deve ser o alvo e a vida de todo o crente verdadeiro. Praticar as boas obras e aborrecer as más.

"QUEM TEM OUVIDOS OUÇA O QUE O ESPIRITO DIZ ÀS IGREJAS"

Em primeiro lugar, é nesta carta, como em tôdas as demais, dada muita ênfase à voz do Espírito Santo. O Espírito de Deus já falou muito aos homens através de todos os séculos da história do mundo. Êle sempre está falando aos ouvidos da consciência e entristece-se quando não é ouvida a Sua voz. Diz o profeta Isaías: "E os teus ouvidos ouvirão a palavra do que está por detrás de ti, dizendo: "Êste é o caminho, andai nêle, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda".[1]) A frase: "Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas", tem importante significação em tôdas as cartas às igrejas. Aliás, deveria a igreja ouvir com solenidade e acatação, não só os louvores e elogios como também as repreensões e advertências, e procurar pôr em ordem o que aos olhos perscrutadores de Deus não podia merecer a Sua aprovação.

UMA GLORIOSA PROMESSA AO VENCEDOR

Ao vencedor, não só da igreja de Éfeso, mas de todos os tempos, é feita uma gloriosa promessa especial. Vencer, portanto, deve ser o alvo de todo o sincero cristão. Mas, vencer o que? O que há para vencer na batalha da vida? A resposta é simples e clara: Dois mundos devem ser conquistados na grande batalha — mundo interior e o mundo exterior. Quem não fôr vitorioso neste? dois setores, não será vencedor, não fará jus à sublime promessa infalível. Todavia, para vencer e não ser vencido, é imprescindível lutar, lutar denodadamente pela causa da verdade, do bem, do direito; pela causa do evangelho de Deus e de Cristo. Sem que o crente vença não haverá vitória nem recompensa para êle. O vito-

rioso, porém, alegrar-se-á no triunfo conquistado e receberá o louro prometido por seu esforço. Vale, pois, a pena, vencer. Vençamos, caro leitor, todos os males do pecado, quer internos quer externos, e afinal teremos a dita de nos regozijarmos com regozijo eterno e divino.

A promessa feita ao vencedor é bem clara e bem definida: Participação "da árvore da vida que está no meio do paraíso de Deus". Duas pessoas, apenas, da família humana — Adão e Eva — provaram da árvore da vida, quando ainda em estado de inocência e pureza. Agora, a promessa apocalíptica estende-se a todos os vencedores da família de Adão, o que será uma experiência facinadora e sempiterna.

A árvore da vida está "no meio do paraíso de Deus". E onde está o paraíso de Deus? São Paulo dá uma precisa resposta a esta pergunta. Em uma de suas cartas à igreja de Corinto, refere um arrebatamento de sua própria pessoa ao paraíso e diz que êste está no terceiro céu.[1]) Apenas seis vêzes é a árvore da vida mencionada em tôda a Bíblia — três no Gênesis e três no Apocalipse — sempre, porém, no singular, dando a entender que há, no que respeita à família humana, uma só árvore da vida, aliás, a mesma da qual nossos primitivos pais eram participantes. E, se aos remidos vencedores é prometido comer dela, esta deve ser indiscutivelmente a mesma do paraíso de Adão, pois esta é a árvore da vida dêles, e deverão dela unicamente participar porque para êles fôra criada antes do pecado. Mas, como está então no paraíso de Deus a árvore da vida do paraíso de Adão? A única resposta a ser dada é que ela deve ter sido trasladada por Deus ao Seu paraíso no terceiro céu. O que segue ilucidar-nos-á com mais clareza tal questão.

"O ato de Deus ao colocar querubins para guardar o caminho da árvore da vida[2]), no jardim do Éden, não tem sòmente seu aspecto de severidade judicial, senão que é também em certo sentido, uma promessa de consolo. A bem-aventurada morada da qual se expulsou o homem, não é aniquilada nem abandonada à desolação e ruína, senão tirada da terra e do homem, e consignada ao cuidado dos sêres mais perfeitos de Deus, a fim de que possa ser devolvida finalmente ao homem quando haja sido redimido[3])... O paraíso verdareido (ideal) foi trasladado ao mundo invisível".[4])

"O jardim do Éden permaneceu sôbre a terra muito tempo depois que o homem fôra expulso de suas deleitáveis veredas.[5]) Foi permitido à raça decaída, por muito tempo, contemplar o lar da inocência, estando a sua entrada vedada apenas pelos anjos vigilantes. À porta do paraíso guardada pelo querubim, revelava-se a glória divina. Para ali iam Adão e seus filhos a fim de adorarem a Deus. Ali renovavam seus votos de obediência àquela lei, cuja transgressão os havia banido do Éden. Quando a onda de iniqüidade se propagou sôbre o mundo, e a impiedade dos homens

determinou sua destruição por meio de um dilúvio de águas, a mão que plantara o Éden o retirou da terra. Mas, na restauração final de tôdas as coisas, quando houver um novo céu e uma nova terra', deverá êle ser restabelecido, mais gloriosamente adornado do que no princípio".[1])

Compreendemos, pois, que a árvore da vida, e bem assim o paraíso do primeiro homem, foi trasladada para o paraíso de Deus. A árvore da vida foi uma das inestimáveis perdas de Adão. Mas, o Filho de Deus redimiu a falta e a queda do homem; e agora, pela obra da expiação, Adão é reintegrado em seu primeiro domínio.

"Em transportes de alegria, contempla as árvores que já foram o seu deleite — as mesmas árvores cujo fruto êle próprio colhera nos dias de sua inocência e alegria. Vê as videiras que sua própria mão tratara, as mesmas flores que com tanto prazer cuidara. Seu espírito apreende a realidade daquela cena; êle compreende que isso é na verdade o Éden restaurado, mais lindo agora do que quando fôra dêle banido. O Salvador o leva à árvore da vida, apanha o fruto glorioso e manda-o comer. Olha em redor de si e contempla uma multidão de sua família resgatada, no paraíso de Deus. Lança então sua brilhante coroa aos pés de Jesus e, caindo a Seu peito, abraça o Redentor".[2])

Certas árvores eram objeto de culto pelos pagãos de Éfeso e em outras partes da Grécia. Mas aos cristãos vencedores de todos os séculos, a promessa é — Dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus.

A IGREJA DE SMIRNA

VERSOS 8-11 — *"E ao anjo da igreja que está em Smirna, escreve: Isto diz o primeiro e o último, que foi morto, e reviveu; Eu sei as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico), e a blasfêmia dos que se dizem judeus, e não o são, mas são a sinagoga de Satanás. Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o Diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida. Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas: O que vencer não receberá o dano da segunda morte".*

A CIDADE DE SMIRNA

A cidade de Smirna foi edificada na costa ocidental da Ásia Menor em 1312, por Tesêo, que a batizou com o nome de sua esposa. A cidade veio a ser famosa por sua beleza. Antígono chamou-a "a bela" e, em suas medalhas, declarava-a "a primeira pela beleza". Ao tempo de S. João era chamada — ornamento da Ásia. E também tem sido chamada — a cidade da vida.

De uma história muito acidentada, a cidade de Smirna tem entretanto sobrevivido através de milênios. Encontrando-se na linha divisória entre a Jônia e a Eólia, a 40 milhas ao norte de Éfeso, foi alternadamente possuída por elas durante a célebre guerra de Tróia. O rei de Sardis, Alliates, a saqueou e destruiu em 628 A. C., sendo os planos da sua reedificação planejados séculos mais tarde por Alexandre o Grande, e executados por seus sucessores. Daí em diante Smirna fêz-se preponderante entre as cidades da Ásia Menor e tornou-se um grande centro comercial, retendo sua importância sob o domínio dos romanos. No século I Dolabela destruiu-a, erguendo-se com rapidez de suas ruínas. Seis vêzes foi destruída por terremotos e muito sofreu por incêndios, mas sempre se ergueu de suas ruínas. Sob o domínio bizantino Smirna passou por muitas vicissitudes. Foi conquistada pelos *seldjucidas* em 1084 e retomada pelos gregos em 1097; caiu nas mãos dos otomanos em 1322; nas dos hospitaleiros; nas dos cipriotas e nas das tropas da Santa Sé em 1341; foi saqueada em 1402 pelas tropas de Tamerlão e por fim conquistada vinte anos mais tarde pelos turcos.

Nenhuma cidade sofreu mais de cercos, massacres, terremotos, fogo e praga que Smirna. Mas ela subsiste em nossos dias como uma florescente e populosa cidade da Turquia, importante por sua exportação e importação de numerosos produtos através de suas rotas marítimas, ferroviárias e rodoviárias. Em face disto, Smirna é sede de várias missões cristãs na Ásia Ocidental, sendo uma forte cidade de cêrca de 150.000 habitantes. Mais cristãos são encontrados hoje em Smirna do que em qualquer outra cidade da Turquia.

Em Smirna nem tudo, porém, era prosperidade. O culto de Baco com suas festas contribuiu deveras para sua corrupção. Sob o poder dos romanos, a cidade tornou-se fiel ao culto imperial, celebrando periòdicamente honras aos Augustos. Foi em Smirna que Policarpo, avançado em anos, sofreu o martírio por recusar honrar a César, preferindo honrar a Jesus. Levado ao tribunal, o procônsul o exortou, dizendo: "Tem piedade da tua idade avançada; jura pela fortuna de César; arrepende-te e dize: fora os ateus (os cristãos)". Policarpo mirava solenemente a assistência e, levantando a sua mão, alçou os olhos ao céu e disse: "Fora com êstes ateus (os que o rodeavam)". O procônsul persuadiu-o ainda e disse: "Jura e sol-tar-te-ei; renuncia a Cristo". O venerando cristão respondeu: "Oitenta e seis anos eu O tenho servido e nunca me fêz mal algum; e como posso blasfemar de meu Rei que me tem salvado?" "Tenho feras e te exporei a elas se não te arrependeres", disse ainda o magistrado. "Trazei-as", disse o mártir. "Suavizarei o teu espírito com fogo", continuou o romano. "Amenizai-o", respondeu Policarpo, "com o fogo que me queima um só momento, mas lembrai-vos do fogo do castigo eterno, reservado para os ímpios". Na hora do seu mar-

tírio dava graças a Deus porque se contava entre os mártires de Cristo.[1])

A IGREJA DE SMIRNA

A carta à igreja de Smirna relaciona-se com o segundo período ..a igreja cristã, que se estendeu desde o ano 100 até 313 A. D.

A definição da palavra — Smirna — é "Mirra". E "Mirra", por rua vez, significa "perfume" ou "cheiro suave". Mirra, porém, em si mesma, é uma pequena planta, que quando esmagada, despreende uma resina aromática de cheiro agradável e de sabor amargo e um pouco acre. Na Arábia e na Abissínia há muita "mirra", e é onde se extrai boa porção de seu óleo que é célebre por seu suave perfume desde a mais remota antiguidade. A "mirra" teve um vasto uso em todo o passado distante, sendo considerada uma das mais finas especiarias. Entrou na composição aromática do óleo da unção do santuário, seu mobiliário e seus sacerdotes.[2]) Davi e Salomão empregaram a "mirra" como figura da agradável fragrância emanante do caráter de Cristo: "Todos os teus vestidos cheiram a mirra".[3]) "Os Seus lábios são como lírios que gotejam mirra".[4]) "O meu amado é para mim um ramalhete de mirra".[5]) Um dos presentes de natal que Jesus recebeu dos Magos, ao nascer, foi mirra, que aquèles dignitários consideravam um dos melhores dons do Oriente, e que serviu para unção do recém-nascido.[6]) E, na Sua morte, foi Jesus ungido com mirra para a Sua sepultura.[7]) O caráter de Sua igreja, que não pode ser dessemlhante do Seu, é também simbolizado pelo perfume da mirra.[8])

De tudo o que apreciamos sôbre a "mirra", significado de Smirna, compreendemos que a igreja, no segundo período de sua história, seria esmagada por perseguições de seus adversários; porém, para com o seu Amado e o céu, despreenderia de si, na opressão, o suave perfume simbólico da mirra da fidelidade e do amor a seu Salvador. E é isto mesmo que veremos mais adiante nesta narrativa.

O ANJO DA IGREJA DE SMIRNA

Sôbre o anjo desta igreja veja-se o anjo da igreja de Éfeso. O anjo desta igreja não era mais o ministério apostólico, um glorioso anjo, mas os ministros que tomaram o lugar daqueles bem-aventurados discípulos pessoais de Jesus Cristo. Ao novo ministério ou ao novo anjo, uma nova carta foi escrita, bem diferente da dirigida a Éfeso, isto é, sem nenhuma repreensão aparente.

COMO CRISTO SE APRESENTA À IGREJA DE SMIRNA

Ainda que a igreja de Smirna fôsse figurada por um castiçal de puríssimo ouro e seus ministros por uma luzente estrêla, o modo

como Jesus a ela se introduz, era-lhe presságio de que graves ocorrências estavam no caminho de sua história. "Isto diz o primeiro e o último, que foi morto, e reviveu". Como êle, Sua igreja seria perseguida de morte. Mas, devia emprestar-lhe o Seu ânimo de espírito na grave tribulação que se avizinhava, para que fosse, como Êle o foi, do princípio ao fim de Sua vida atribulada, sempre o mesmo — o primeiro e o último — e não alterar suas estreitas e amáveis relações para com Êle e o glorioso patrimônio da verdade que lhe confiara. Como Êle foi atribulado, perseguido e morto, mas triunfou tornando à vida pela ressurreição, os cristãos de Smirna poderiam valer-se desta vitória e, destemerosamente, enfrentar a calamidade vindoura com plena segurança de que Êle os faria também triunfar sôbre a morte pela ressurreição garantida na Sua ressurreição.

"EU SEI AS TUAS OBRAS, E TRIBULAÇÃO"...

"Eu sei as tuas obras", é a frase de Cristo em cada uma das sete cartas, antes de referir-se à condição da igreja em cada período. Por si só esta frase constitui uma denúncia ou um elogio mesmo às obras de cada cristão. Seria de suma importância que cada seguidor de Cristo meditasse nesta Sua frase dirigida à igreja, e a harmonizasse retamente, com sua condição espiritual. Se ela fôr um elogio, será maravilhoso; se fôr uma censura, procure remover o mal para torná-la então um verdadeiro elogio, para glória de Seu Senhor. Na carta a Smirna não há nenhuma censura direta mas sim uma indireta de que trataremos mais adiante.

Segundo afirma Aquêle que mandara escrever a carta à igreja, esta seria cruelmente atribulada, aliás, perseguida. E na verdade a história romana apresenta oito perseguições contra esta igreja, antes da maior de tôdas que cumpre a profecia dos dez dias de tribulação. Os imperadores Trajano, Adriano, Antônio Pius, Marco Aurélio, Cômodo, Sétimo Severo, Alexandre Severo, Maximino, Décio, Gallus, Valeriano, Deocleciano e Maximiano a perseguiram ferozmente. As catacumbas de Roma, que hoje ali ainda estão, falam-nos, eloquentemente, das horrorosas perseguições que os cruéis e tirânicos Césares fizeram desabar sôbre a igreja cristã nos primeiros séculos. Se o espaço permitisse, traçaríamos nestas páginas verdadeiros horrores físicos e materiais sofridos pelos cristãos desta igreja, incluso o seu heroísmo nas chamas, no coliseu, nas chacinas inúmeras. Basta que seu nome, como vimos, signifique "mirra" ou "cheiro suave", para têrmos uma idéia de seus sofrimentos bem como de seu heroísmo. A história acidentada da cidade de Smirna foi um verdadeiro emblema da igreja de Smirna. O seu Senhor na verdade sabia de sua tribulação ao escrever-lhe a carta que lhe correspondia. Experiências comovedoras revelam o destemor heróico dos mártires desta

igreja. Das numerosas que existem, damos abaixo três apenas, para têrmos uma idéia da fé invencível daqueles fiéis soldados da cruz.

"Nos dias do férreo império romano, o imperador Décio, que lançara forte perseguição contra os cristãos, soube da notícia de que os seus gladiadores, quarenta ao todo, haviam aceitado a fé cristã, e que abertamente professavam sua conversão contribuindo para que outras pessoas aceitassem a mesma fé. O irado imperador, deu ordens, imediatamente, para que os quarenta homens fôssem transportados para uma região deserta ao norte da Armênia, para um lago gelado onde deveriam ser abandonados, sem comida, sem roupa sem abrigo. Abandonados para morrerem em sofrimentos atrozes.

"Quando a cruel mensagem foi notificada aos gladiadores, êles disseram: 'Não negaremos a Jesus, nosso Salvador!' Escoltados por um forte grupo de soldados, foram transportados para o lugar de suplício, e naquela região deserta, perto dum lago congelado, lá entre neves eternas, foram abandonados para morrerem de frio e fome.

"No agasalho da tenda, o capitão da guarda pôde ouvir, naquela primeira noite, trazido pelo vento cortante daquela região frigidíssima, um canto estranho de linda melodia:

"Quarenta gladiadores,
Por Jesus Cristo lutando;
Pedindo dÊle vitória,
A coroa reclamando.

"Voltando-se impressionado para os guardas ao seu redor, êste comandante falou: A devoção dêsses homens para com seu Chefe é estupenda. Digo-vos que sei da dedicação dos soldados romanos para com o imperador e para com Roma. Tenho tomado parte em não poucas batalhas onde se defendeu o Império. Nunca, porém, do peito do mais bravo soldado de Roma vi sair manifestação mais positiva e sincera de devoção, do que a que ouço do peito exposto ao rigor do gêlo, dêstes que lá fora estão ...'

"Justamente quando acabava de proferir estas palavras, a cortina da tenda se abriu e um desgraçado gladiador arrastando-se arroxeado de frio e quase a expirar, num último esforço, atira-se aos pés do comandante e em palavras quase inaudíveis, fala: 'Eu renego a Jesus; eu me retrato; deixe-me viver'".

"Na frialdade do ar da noite ouvia-se o canto impressivo de vozes enfraquecidas ...

"Trinta e nove gladiadores
Por Jesus cristo lutando;
Pedindo dÊle vitória,
A coroa reclamando.

O comandante tocado de piedade pelo pobre gladiador desertado, fita-lhe os olhos e diz: "És o único que se atreveu a vir a mim, renegando a fé cristã?"

"'O único, senhor', respondeu, tremente, o homem.

"Num rasgo incompreensível, o oficial tirando o capote, jogou-o sôbre o pobre, tiritante homem e disse: 'Eu irei tomar o teu lugar'.

"Assim falando precipitou-se pela escuridão frigidíssima da noite e foi juntar-se ao grupo condenado.

"Dentro de poucos momentos ouvia-se de novo o canto impressionante dos gladiadores de Cristo:

"Quarenta gladiadores,
Por Jesus Cristo lutando;
Pedindo dÊle Vitória
A coroa reclamando".[1]*)*

"Um cristão, no segundo século, foi levado perante um rei, que exigiu que êle abjurasse sua fé em Cristo. Para amedrontá-lo o rei disse: 'Se não renunciares a Cristo, serás banido do reino'. O cristão respondeu: 'Vós podeis banir-me do reino, mas não podereis banir-me de Cristo, pois Êle prometeu que nunca me abandonará'. 'Confiscarei teus bens', disse o rei. 'Meu tesouro está no céu', respondeu o cristão. 'Eu te matarei', trovejou o rei. 'Tenho estado morto por quarenta anos... morto ao mundo do pecado, minha vida está escondida com Cristo em Deus', respondeu calmamente o cristão.[2])

"Uns cem anos depois do tempo dos apóstolos, a igreja de Cartago foi açoitada pela tormenta da perseguição. Sem dúvida, Cartago recebeu de Roma a luz da verdade, pois entre as duas cidades havia comunicações constantes.

"Uma jovem espôsa, chamada Perpétua, de vinte e dois anos foi presa como cristã. Sua mãe era crente, mas o pai não. Êle estimava muito a filha, e sempre lhe pedia que o livrasse do doloroso sentimento de vê-la, um dia, sofrer por causa de sua religião. Ela sabia que êle havia de passar por duros sofrimentos, pois não tinha a esperança da vida eterna, que tanto consolava a mãe.

— Minha filha — dizia êle — compadece-te de meus cabelos brancos. Tem compaixão de teu pai.

— Da vontade de Deus é que vai depender o que acontecer quando eu fôr levada ante o tribunal; não é a nossa fôrça que nos sustém, mas a do Senhor, respondia a filha.

"A jovem foi batizada na prisão, pois era recém-convertida.

"Os perseguidores usaram o seu filhinho para comover-lhe o coração de mãe, mas ela não cedeu. Puseram-na no calabouço.

— Senti-me tentada — disse ela — porque não havia estado num lugar tão medonho. Oh! que dia terrível! O calor por causa da

grande quantidade de presos, o trato cruel que recebíamos dos soldados e minha ansiedade por meu filho faziam-me sofrer muito".

"Os diáconos da igreja pagaram aos soldados para que os cristãos fôssem postos em um lugar à-parte. Perpétua teve, então, a alegria de ver consigo o filhinho. Disse ela: 'O calabouço tornou-se para mim um palácio'.

"Finalmente, quando foi levada à presença do governador, seu pai tornou a rogar-lhe que renunciasse à fé, por amor a seu próprio filhinho e a êle.

— Não posso, respondeu Perpétua.

"Foi-lhe perguntado:

— És cristã?

— Sim.

"Perpétua foi, então, mandada para a arena, às feras, diante do público.

"Mas as perseguições, longe de extinguir o Evangelho, convenciam da verdade a muitos. O povo via que Cristo, o Cristo vivo, sustinha os Seus filhos".[1])

A POBREZA QUE ENRIQUECE

Jesus diz à igreja que sabia de sua pobreza mas que ela era rica. Eis um verdadeiro paradoxo. Em bens dêste mundo, a igreja de Smirna tornou-se pobre. As perseguições haviam espoliado os bens dos cristãos. Mas esta pobreza material não devia ser lamentada. Ela possuía riquezas inapreciáveis, muito mais valiosas que as que èste mundo pode oferecer. Note-se o que diz S. Tiago sôbre a verdadeira riqueza que enriquece os pobres: "Ouvi, meus amados irmãos: porventura não escolheu Deus aos pobres dêste mundo para serem ricos na fé, e herdeiros do reino que prometeu aos que O amam?"[2]) Eis aí a riqueza da igreja de Smirna — a fé "muito mais preciosa que o ouro que perece".[3]) Isto não quer dizer que seja pecado a um cristão possuir riquezas materiais; salvo se êle não as empregar para a honra de Deus e prossecussão de Sua causa na terra. Deve êle angustiar-se mais pelas riquezas permanentes e temas que podem ser auferidas pela fé do evangelho de Jesus Cristo.

FALSOS JUDEUS, BLASFEMOS EM SMIRNA

O apóstolo S. Paulo diz que "não é judeu o que o é exteriormente ... mas é judeu o que o é no interior".[4]) Esta declaração leva-nos a crer que, em sentido espiritual, o nome "judeu" é emblema do "homem de fé" ou do "verdadeiro crente"; Portanto, a acusação de Cristo de que na igreja de Smirna havia falsos judeus, equivale a dizer que havia nela falsos cristãos, e que, a pretensão de ser cristão sem realmente o ser, era uma blasfêmia. Tais, escreveu Jesus, pertenciam à "sinagoga de Satanás". Vemos que a simples preten-

são de ser cristão repugna a Cristo e que a tais considera Êle membros da igreja de Satanás.

NADA TEMAS DAS COISAS QUE HÁS DE PADECER

Ao ter tido a igreja de Smirna conhecimento de sua história apocalíptica, possivelmente já estava em plena tribulação movida pelas perseguições romanas. É-lhe notificado de futuras coisas que devia padecer ainda. Nada, porém, devia temer. Aquêles que estão escudados em Cristo, que venceu tôda a fúria do inimigo, não devem temer quaisquer padecimentos, mormente quando Êle lhes suplica que não temam. O temor é falta de confiança em Seu poder e Sua ajuda prometida.

"EIS QUE O DIABO LANÇARÁ ALGUNS DE VÓS NA PRISÃO"

Esta é a única vez em que nas sete cartas é dito claramente que o Diabo tomaria a liderança na perseguição contra a igreja. Satanás não pode ver, com apreciação, os progressos da igreja de Cristo. Tôda a perseguição e oposição contra ela é por êle inspirada. Se a igreja, porém, se mantivesse na altura de igreja fiel, não havia razão para temer. O seu Salvador já tinha planos concretos para sair em seu auxílio e livrá-la para o Seu reino. E a nós, que estamos a dezessete séculos de Smirna, é feita a comunicação de que o Diabo planeja a nossa ruína e o nosso extermínio. Entretanto, não devemos temer, mas sim ser cristãos fiéis e firmes, confiantes no poderoso braço invencível dAquele que sobrepujou em poder a Seus inimigos e nossos e sôbre êles todos triunfou inexoravelmente para fortalecer-nos na possível tribulação imprevista.

"E TEREIS UMA TRIBULAÇÃO DE DEZ DIAS"

Nas profecias das Sagradas Escrituras, um dia equivale a um ano.[1]) Em vez de dez dias literais, temos aqui dez anos proféticos de perseguição contra a igreja do período de Smirna. Esta perseguição profética, ocorrida na gestão do imperador Deocleciano, tomou lugar entre os anos 303 e 313, durante dez anos.

Desde o edito de tolerância de *Galieno*, haviam os cristãos chegado a ser uma potência no império. Ao tempo de Deocleciano, havia o cristianismo penetrado em todos os pontos do império, no exército e sobretudo nas classes ilustradas. O número de romanos e gregos de educação estética, filosófica e retórica, que ingressaram no grêmio cristão, crescia de geração em geração. Mas, embora o número de cristãos fôsse sumamente pequeno comparado aos pagãos, superavam em união, fôrça moral e organização admirável.

O imperador absolutista compreendeu que a igreja cristã era, dentro do Estado, outro Estado perfeitamente organizado, cujos membros mais tolerantes e pacíficos só obedeciam à autoridade imperial quando suas consciências cristãs não se opunham a ela. A igreja cristã, pois, uma coletividade no seio do império, em cuja vida interior não tinha entrado a onipotência imperial, era um entrave na obra política de Deocleciano, mormente pelo fato da presença de cristãos de nomeada nas côrtes do império.

Deocleciano, depois de meditar no poder e na conduta moral elevada dos cristãos, compreendeu que o cristianismo, fôrça destrutora de tudo o que constituía o gênio romano antigo, devia ser eliminado e apagado o nome de Cristo. Incitado pelos sacerdotes do paganismo, por personagens de relêvo de seu govêrno e principalmente por Galério, assinou afinal o misérrimo edito de Nicomédia, em 23 de fevereiro do ano 303.

Uma verdadeira chacina seguiu-se ao fatídico edito, que foi o mais cruel de todos quantos antes foram promulgados contra os cristãos. Todos os templos cristãos, em tôdas as províncias, foram destruídos. Todos os livros sagrados foram exigidos para destruição. Deocleciano autorizou aos algozes inventarem novas torturas contra os fiéis seguidores de Cristo. Para os ferir eram empregados bastões, açoites e cordas; eram ligados pelas mãos e presos a postes e em seguida rasgavam-lhes as carnes com unhas de ferro, arrancando-lhes pedaços das pernas, do ventre e das faces. Uns eram suspensos por uma das mãos, outros amarrados a colunas sem que os pés tocassem o chão, para que o pêso do corpo aumentasse os seus sofrimentos. Neste estado sofriam os interrogatórios do governador, e eram sujeitos a êstes sofrimentos durante dias inteiros. Quando já quase mortas as vítimas, desprendiam-nas dos postes para fazê-las tornar à vida com novos suplícios.

Os cristãos eram condenados às chamas sem distinção de idade e de sexo. Eram postos, em grande número, em imensas fogueiras onde expiravam lentamente, em meio às chamas. Numa vez, no dia de Natal, à hora do culto, os pagãos cercaram a grande igreja de Nicomédia, repleta de cristãos, amontoaram lenha e palha e incendiaram o vasto edifício e todos, em número de 14.000, segundo os gregos, foram mártires nestas circunstâncias. Os escravos cristãos eram lançados ao mar com uma pedra no pescoço. As mesmas cenas se reproduziam na Mauritânia, na Mesopotâmia, na Cilícia, na Arábia e em Antioquia. Segundo Lactâncio, na Frígia, uma cidade inteira, de oito para dez mil habitantes, foi incendiada com seu governador, seus magistrados e seus moradores que se tinham declarado cristãos. Em Tebaida, diz Eusébio, os algozes imolavam mais de 100 pessoas por dia. Os suplícios mais horríveis

eram os mais agradáveis ao Cruel Valério. Nenhum cristão era afogado ou apunhalado senão depois de ter passado pelas torturas mais atrozes. O número de mártires foi incalculável. Toda a terra, diz Lactâncio, foi cruelmente atormentada, e salvas as Gálias, o Oriente e o Ocidente foram assolados e devorados por três monstros cruéis — Deocleciano, Galério e Maximiano, que lançaram mãos de todos os meios para destruir enfim o cristianismo. Na África a perseguição foi sumamente cruel. Seria impossível calcular exatamente o número de vítimas e descrever o horror e a variedade dos tormentos e crueldades exercidas naquela horrível perseguição que superou a tudo o que se pode dizer.

Dez anos de devastação, diz Sulpício Severo, desolaram a igreja de Deus; nunca guerra alguma esgotara tanto o gênero humano, e nunca a igreja obtivera tão gloriosos triunfos, visto que dez anos de morticínios não puderam vencê-la. No entanto, os próprios tiranos pensaram ter abolido para sempre o nome de cristão. Sôbre duas colunas de mármore que se vêem ainda na Espanha, fizeram gravar as duas inscrições seguintes:

"A Deocleciano, Joviano, Maximiano, Hércules, César Augusto, por ter destruído o nome cristão: Nomine cristianorum deleto. A Deocleciano, César Augusto por ter adotado Galero, e por ter abolido por tôda parte a superstição do Cristo: Superstitione Christi Ubique deleta ..."[1])

Quão enganados estavam aquêles monstros! A igreja cristã sobreviveu, sobrevive e sobreviverá até a Segunda Vinda de seu Senhor. Seus algozes tirano jazem no pó, apenas lembrados como cruéis assassinos; mas ela triunfou sempre sôbre todos êles e triunfará até ao fim.

"SÊ FIEL ATÉ À MORTE E DAR-TE-EI A COROA DA VIDA"

Êste notável pormenor da profecia foi cumprido admiràvelmente pelos cristãos perseguidos furiosamente por Deocleciano e seus sequazes. Ao instante da perseguição despertou-se nos cristãos o heroísmo agressivo do martírio que desafiou o despotismo pagão e saiu vencedor. Esta atitude arrastou Deocleciano e seus comparsas com fôrça irresistível numa perseguição que acabou num mar de sangue. Smirna manteve-se uma "mirra" odorífica ao ser esmagada pela indizível perseguição.

A coroa da vida não seria dada aos cristãos mártires imediatamente após o martírio, como não será dada a nenhum crente logo ao morrer. Ê-lhes garantida a coroa por sua fidelidade até ao derradeiro momento. S. Paulo, antes de sucumbir pela perseguição de Nero, escreveu que a "coroa da vida" lhe seria dada por ocasião da Segunda Vinda de

Cristo.[1]) S. Pedro diz que a coroa será dada ao fiel cristão "quando aparecer o Sumo Pastor".[2]) E Jesus assegura que a recompensa virá aos mortos pela ressurreição.[3]) Sejamos, pois, fiéis até à morte e também nós, com os mártires de Smirna e todos os justos, receberemos a "coroa da vida" no Segundo Advento de Jesus Cristo.

"QUEM TEM OUVIDOS, OUÇA O QUE O ESPÍRITO DIZ ÀS IGREJAS"

Novamente a voz do Espírito fala à igreja. Seria muita ousadia deixar de atender a voz do Espírito Santo em Suas admoestações, conselhos e promessas. Constitui grave perigo menosprezar a Sua voz amorável que todo o bem deseja ao pecador. Leitor, se até aqui não temos dado atenção à divina voz, demos daqui em diante, para não sermos decepcionados, afinal, com amarga e irremediável decepção. Vejamos esta mesma advertência na carta à igreja de Éfeso.

"O QUE VENCER NÃO RECEBERÁ O DANO DA SEGUNDA MORTE"

Aqui temos pela primeira vez no Apocalipse a menção da segunda morte. Só o cristão vencedor não passará pela experiência de morrer segunda vez. A primeira morte não nos é estranha. E' ela resultante da negligência imposta pelo pecado às leis naturais; morte que é, aliás, semeada de inúmeras maneiras no mundo. Esta primeira morte leva o seu morto ao sepulcro com todo o aparato dispensado por seus semelhantes vivos, cujas homenagens póstumas continuam indefinidamente.

Mas, o que é a segunda morte? E' o salário do pecado ou o resultado da persistência do pecador em pecar voluntariamente?[4]) E' o resultado da culpa do pecador em pecar contra Deus.[5]) Todos os ímpios serão ressuscitados para a segunda morte ou condenação.[6]) Milhões de milhões de vivos estão a caminho da segunda morte. Num terrível dilúvio de fogo terá lugar a segunda morte, mil anos após a Segunda Vinda de Cristo.[7])

O dano da segunda morte, de que nos fala o texto, é o extermínio total. Todos os ímpios tornar-se-ão em cinza.[8]) Mas é possível escapar da segunda morte. Foram feitas provisões por Deus e Seu Filho para dela escaparmos. Cristo livra desta morte a quem O quiser abraça-Lo e servi-Lo sincera e fielmente como seu Salvador pessoal.[9]) Êstes serão os vencedores que serão por Jesus preservados de tão grande morte. Aos fiéis crentes da igreja de Smirna garantiu Jesus a ressurreição e a vitória sôbre a segunda morte. A nós faz-nos Êle as mesmas promessas se nos devotarmos em servi-Lo com inteiro coração e verdadeiro amor divino.

A IGREJA DE PÉRGAMO

VERSOS 12-17 — *"E ao anjo da igreja que está em Pérgamo escreve: Isto diz Aquêle que tem a espada aguda de dois fios: Eu sei as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás; e reténs o meu nome, e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita. Mas umas poucas de coisas tenho contra ti: porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balac a lançar tropeços diante dos filhos de Israel, para que comessem dos sacrifícios da idolatria, e se prostituíssem. Assim tens também os que seguem a doutrina dos nicolaitas: o que Eu aborreço. Arrepende-te, pois, quando não em breve virei a ti, e contra êles batalharei com a espada da minha bôca. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer darei eu a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquêle que o recebe".*

A CIDADE DE PÉRGAMO

Pérgamo foi em tempos remotos uma importante cidade da Mísia, Ásia Menor, a 80 quilômetros ao norte de Smirna. Foi fundada em 1150 A. C. pelos gregos Aeólios. Pérgamo foi capital do reino do mesmo nome, fundado em 282 A. C. Os romanos, em suas conquistas, apoderaram-se da cidade e fizeram-na capital da Ásia Menor e sede de um tribunal. "O procônsul que ali governava fôra investido do símbolo de autoridade: a larga espada de dois fios". Pérgamo era bem edificada e contavam-se nela muitas palácios, um grande teatro e lindos parques.

Pérgamo era o quartel general de Satanás, na Ásia Menor. Quando os persas conquistaram os babilônios, estabeleceram liberdade a seus habitantes. Mas os sacerdotes, mais tarde, revoltaram-se e saíram da cidade de Babilônia. Posteriormente fugiram para Pérgamo e estabeleceram ali o seu quartel general. Pérgamo, portanto, tornou-se assento do satânico sistema dos mistérios de Babilônia. Esta falsa religião foi edificada com a pretensão de estabelecer uma ponte entre o céu e a terra. O monarca governante tornou-se o líder do sistema. Seu título, "Pontífice Máximo", é significativo. "Pont" significa uma "ponte" e "máximus" significa "grande". Em outras palavras, isto significa — o Edificador da Grande Ponte. Nisto vemos uma semelhança com a tôrre de Babel, cujo propósito era alcançar o céu por esforços humanos.

Quando o rei de Pérgamo entregou seu reino aos romanos, todo êste culto foi transferido para Roma, que desde então tem sido o quartel general dêste falso sistema de culto. O título, as chaves e as investiduras, tudo foi absorvido pelo cristianismo apóstata. Pér-

gamo tornou-se assim um elo entre a antiga Babilônia e a moderna Roma.

Pérgamo era a cidade dos templos. Alguns foram erigidos em honra de Augusto, Trajano e Sétimo Severo. O mais importante deles era o "Templo Zeus". Êste templo era dedicado a Aesculapius, "o deus serpente" ou o"deus da medicina". Uma serpente a era conservada sempre ali como um objeto de culto. Em Pérgamo havia também uma famosa escola de medicina, cujo emblema era a serpente ou o "Caduceus" gêmea, em volta de uma haste.

Além disso Pérgamo era um grande centro educacional. Possuía um grande ginásio e sua biblioteca de 200.000 volumes rivalizava com a do Egito, em Alexandria. Quando o Egito recusou supri-los de papiro, os habitantes de Pérgamo fundaram fábricas de pergaminho.

As escavações arqueológicas da segunda metade do século XIX, confirmam a existência de um vasto culto idolátrico em Pérgamo, nos primeiros séculos da era cristã. Nas proximidades da velha cidade em ruínas há umã outra moderna — Bergama — sem esplendor algum e apenas de 18.000 habitantes.

A IGREJA DE PÉRGAMO

A carta de Cristo à igreja de Pérgamo relaciona-se com o terceiro período da igreja cristã, de 313 a 538. Pérgamo significa "elevação", pois a própria cidade jazia edificada numa elevação de 1000 pés acima do vale. Êste significado descreve evidentemente o caráter e a vida espiritual da igreja em seu novo período. A igreja de Pérgamo é também denominada "igreja imperial", em virtude de ter sido elevada à categoria de igreja do Estado e de terem os imperadores preponderância em sua vida a começar com Constantino I o Grande. O terceiro sêlo, que corresponde ao mesmo período de Pérgamo, elucida eficazmente como a igreja foi elevada à categoria de igreja de Estado.

O ANJO DA IGREJA DE PÉRGAMO

Sôbre o anjo desta igreja veja-se o anjo da igreja de Éfeso. O teor da carta de Pérgamo e o terceiro sêlo correspondente, testificam do caráter dos ministros ou pastores, possivelmente com algumas excepções, que já se distanciava muito do apostólico nos princípios morais do são cristianismo.

COMO CRISTO SE APRESENTA À IGREJA DE PÉRGAMO

Com uma aguda espada de dois fios apresenta-se Cristo à Sua igreja. E' a mesma espada da Sua palavra de que trata o versículo

dezesseis do primeiro capítulo. Espada que penetra até à divisão da alma e do espírito, diz S. Paulo, ou da personagem e suas ações moral e espiritual, que penetra nas junturas e na medula ou seja nos recônditos da vida física; que interpreta os pensamentos e intenções ou os desejos concretizados pelo coração humano.[1]) Com uma espada tal vem Jesus a fazer guerra à igreja que O abandonara para amparar-se no braço do Estado romano. Aliás, o conteúdo da carta de Pérgamo é de tal natureza, que êle não podia apresentar-se a ela senão como um guerreiro que procura desforrar-se.

"EU SEI AS TUAS OBRAS"

E' esta a terceira vez que o Senhor Jesus diz estar a par das obras de Sua igreja. Sua carta é-lhe uma veemente denúncia. Êle sabia que a igreja estava dando um perigoso passo para divorciar-se dÊle e aliar-se aos potentados do mundo. Cada vez mais eram as obras do cristianismo decisivas no sentido da apostasia. Com tristeza teve Jesus de revelar à igreja a sua desastrosa posição.

A IGREJA DE CRISTO NO TRONO DE SATANÁS

Dêste período da igreja de Pérgamo, de 313 a 538, ou de Constantino a Justiniano, em que ela foi considerada Igreja Imperial, é dito que ela habitava no trono de Satanás. Daí concluirmos que o trono de Satanás devia ser um trono mundial, sede dum govêrno mundial, naqueles dias de seu período. E onde poderia estar o trono de Satanás senão em Roma? Na terra, onde o trono de Deus devia estar, Satanás colocou o seu trono, pois êle mesmo disse uma vez que ia estabelecer o seu trono. De Roma governava êle através dos cruéis imperadores romanos. E é deveras lamentável que a igreja de Cristo escolhesse para sua sede a mesma onde estava o trono de Satanás, a cidade dos Césares deificados. E quem dirá que em Roma não está ainda o mesmo trono? Estava aí para a igreja o resultado direto da aceitação das idéias humanas, das discussões e das polêmicas do período anterior, em vez do apêgo irrestrito ao puro evangelho de Cristo e à sua alta missão no mundo.

"E RETÉNS O MEU NOME, E NÃO NEGASTE A MINHA FÉ"

Contudo, habitando na sede imperial de Satanás, a igreja retinha o nome de Cristo e a Sua fé. Todavia estava em perigo de perdê-los em face do lugar que preferira como sua habitação. As acusações apresentadas contra ela, são evidências de que em parte já se havia corrompido no lugar do trono de Satanás. A igreja estava arrostando um perigo do qual não parecia dar-se conta.

"ANTIPAS, MINHA FIEL TESTEMUNHA"

Alguns comentadores supõem que Antipas não era pròpriamente um personagem, senão uma classe de cristãos que se opunha ao poder dos bispos e dos papas. Fontes há, porém, que o apresentam como um personagem real, mártir numa das perseguições contra os cristãos. Sob o nome "Antipas", uma das fontes diz o seguinte: "Mártir. Ignora-se a data de seu nascimento; não se pode precisar a sua morte; mas todos os historiadores, tanto os sagrados como os profanos, convêm que foi martirizado e morto no reinado de Domiciano. No Apocalipse de S. João é mencionado êste santo como a Testemunha Fiel de Jesus Cristo. Seus, biógrafos dizem que foi condenado a ser queimado dentro de um boi de bronze".[1])

A DOUTRINA DE BALAÃO

A doutrina de Balaão é bem definida nesta profecia: Idolatria e prostituição. Balaão havia sido um bom homem e profeta de Deus. A cobiça, porém, o separou de Deus e de sua alta missão. Procurado pelo rei de Moab, Balac, para amaldiçoar Israel que avançava vitorioso, Balaão acedeu ao pedido, embora contrariando visivelmente a vontade de Deus. Três vêzes, esforçou-se por amaldiçoar Israel; mas, em lugar de maldição, proferiu três vêzes bênçãos, porque Deus o impedia de amaldiçoar Seu povo. Ao chegar, entretanto, Israel à margem oriental do Jordão, Balaão sugeriu um plano ao rei moabita para perder o povo de Deus. Ali perto estavam os moabitas conjuntamente com os midianitas, acampados.

"Por sugestão de Balaão, foi pelo rei de Moab designada uma grande festa em honra a seus deuses, e arranjou-se secretamente que Balaão induzisse os israelitas a assistirem à mesma. Êle era conhecido por êstes como um profeta de Deus, e por isso teve pouca dificuldade em realizar seu propósito. Grande número de pessoas uniram-se a êle, testemunhando as festas. Aventuraram-se a ir ao terreno proibido, e foram enredados na cilada de Satanás. Iludidos pela música e dança, e seduzidos pela beleza das vestais gentílicas, romperam sua fidelidade para com Jeová. Unindo-se-lhes nos folguedos e festins, a condescendência com o vinho enuviou-lhes os sentidos e derribou as barreiras do domínio próprio. A paixão teve pleno domínio; e, havendo contaminado suas consciências pela depravação, foram persuadidos a curvar-se aos ídolos. Ofereceram sacrifícios sôbre os altares gentílicos, e participaram dos mais degradantes ritos.

"Não demorou muito tempo para que o veneno se espalhasse, como uma infecção mortal, pelo acampamento de Israel. Aquêles que teriam conquistado seus inimigos na batalha, foram vencidos

pelos ardis das mulheres gentílicas. O povo parecia ter endoidecido. Os príncipes e principais homens estavam entre os primeiros a transgredir, e eram tantos os culpados dentre o povo, que a apostasia se tornou nacional. Quando Moisés se apercebeu do mal, os tramas de seus inimigos tinham sido tão bem sucedidos que não somente se achavam os israelitas a participar do culto licencioso do monte Peor, mas os ritos pagãos estavam vindo a ser abservados no acampamento de Israel. O idoso chefe encheu-se de indignação, e acendeu-se a ira de Deus".[1]) Os responsáveis de Israel foram severamente punidos. E mais tarde Balaão foi castigado com a morte.[2]) Tôda esta história de Balaão e seus enganos para fazer pecar Israel perante a idolatria e a prostituição, encontramos nos capítulos vinte e dois a vinte e cinco do livro de Números. O que segue não é mais do que o cumprimento histórico da doutrina de Balaão na igreja do período de Pérgamo:

"Tal era a tendência dos tempos (IV século) no sentido de falsificar o cristianismo com o espírito do paganismo, em parte para conciliar os preconceitos dos conversos mundanos, em parte com a esperança de conseguir sua mais rápida disseminação. Há certa solenidade na voraz acusação que Fausto faz a Agostinho: 'Substituístes pelo vosso ágape o sacrifício dos pagãos; os seus ídolos pelos vossos mártires, que servis com as mesmíssimas honras. Apaziguais as sombras dos mortos com vinho e banquetes; celebrais as festas solenes dos gentios, suas calendas, e seus solistícios; e, quanto às suas maneiras, vós as conservastes sem qualquer alteração. Nada vos distingue dos pagãos, excepto que realizais vossas assembléias separados dêles".[3])

"Os cristãos frequentavam os túmulos dos mártires, na esperança de obter, por sua poderosa intercessão, tôda a sorte de bênçãos espirituais, porém, mais especialmente temporais... Quadros edificantes, que não podiam, por muito tempo, escapar do abuso da devoção indiscreta ou idolátrica, representavam a imagem, os atributos e os milagres do santo tutelar... Os bispos mais respeitáveis haviam persuadido os ignorantes rústicos a renunciarem mais alegremente as superstições do paganismo, se encontrassem alguma semelhança, alguma compensação no seio do cristianismo. A religião de Constantino conseguiu em menos de um século a conquista final do Império Romano; mas os próprios vencedores foram insensivelmente subjugados pelas artimanhas de seus vencidos rivais".[4])

"O paganismo não podia vencer a igreja como um inimigo; o perigo surge agora de sua amizade. E' então feita a experiência para ver se, mediante aliança com o cristianismo, sob pretexto de ligar as doutrinas e práticas cristãs e o desejo de conciliar o mundo gentílico, para ver se êste novo Israel, que não pode ser esmagado,

pode corromper-se gradualmente. O êxito desta tentativa pode ver-se até o dia de hoje, no paganismo virtual de grande maioria do professo mundo cristão, no qual tôda abominação a que a primitiva igreja resistiu até o sangue, pode ser encontrada sob o disfarce de títulos cristãos... O culto aos mártires da igreja nicena foi em todos os sentidos o correspondente às 'ofertas aos mortos', do culto de Baal-Peor".[1])

"Quase imperceptivelmente os costumes do paganismo tiveram ingresso na igreja cristã. O espírito de transigência e conformidade fôra restringido durante algum tempo pelas terríveis perseguições que a igreja suportou sob o paganismo. Mas, em cessando a perseguição e entrando o cristianismo nas côrtes e palácios dos reis, pôs ela de lado a humilde simplicidade de Cristo e Seus apóstolos, em troca da pompa e orgulho dos sacerdotes e governadores pagãos; e em lugar das ordenanças de Deus colocou teorias e tradições humanas. A conversão nominal de Constantino, na primeira parte do século quarto, causou grande regozijo; e o mundo, sob o manto de justiça aparente, introduziu-se na igreja. Progredia ràpidamente a obra de corrupção. O paganismo, conquanto parecesse suplantado, tomou-se o vencedor. Seu espírito dominava a igreja. Suas doutrinas, cerimônias e superstições incorporaram-se à fé e culto dos professos seguidores de Cristo.

"Esta mútua transigência entre o paganismo e o cristianismo resultou no desenvolvimento do 'homem do pecado' predidto na profecia como se opondo a Deus e exaltando-se sôbre Êle. Aquêle gigantesco sistema de religião falsa é a obra-prima do poder de Satanás — monumento de seus esforços para sentar-se sôbre o trono e governar a terra segundo a sua vontade".[2])

A DOUTRINA DOS NICOLAITAS

Além de acusada de tolerar a doutrina de Balaão — a idolatria pagã — a igreja é também acusada de tolerar a doutrina dos nicolaitas. Para não repetir aqui o que era a doutrina dos nicolaitas, procure o leitor inteirar-se dela no versículo seis do segundo capítulo referente à igreja de Éfeso.

ARREPENDE-TE, POIS

A igreja foi chamada ao arrependimento, ao abandono das doutrinas de Balaão e dos nicolaitas. Se ela não se erguesse para estirpar de seu meio tão repugnantes práticas, seria responsável pelo mal e o Senhor contra ela batalharia com a espada aguda de Sua boca. Quão repulsivas aos olhos de Deus e de Cristo são a idolatria e a prostituição da verdade praticadas por professos cristãos.

No entanto, as doutrinas de Balaão e dos nicolaitas estão até hoje em evidência, em não pequena escala, no seio do cristianismo nominal.

"QUEM TEM OUVIDOS, OUÇA O QUE O ESPÍRITO DIZ ÀS IGREJAS"

Não valia a pena a voz de apêlo divino dirigir-se à coletividade da igreja que se afastava mais e mais da divina rota. O apêlo era individual, a cada membro do seu grêmio para que ouvisse a voz do céu e escapasse da contaminação idolátrica e da prostituição e pudesse desfrutar duma imperecível recompensa pelos séculos eternos. Veja-se a mesma voz clamando à igreja de Éfeso.

UMA GLORIOSA PROMESSA AO VENCEDOR

Na antiguidade, quando Israel recebeu no deserto, pela primeira vez em sua história, o maná, como alimento, Deus ordenou a Moisés conservar um pouco dêle — um gomer cheio — para memória às suas gerações futuras.[1]) O gomer em que fôra guardado o maná, era de ouro, e foi depositado dentro da arca do concerto.[2]) E onde está agora aquêle maná guardado, no gomer de ouro, na arca da lei? Não poderá estar na arca do templo celestial que serviu de modêlo à do templo terrestre. Na arca do santuário terrenal é que deve estar o maná escondido, e ela não está no templo do céu que não poderá ter duas arcas. Mas, onde está então a arca do santuário da terra ou de Israel? A resposta é simples e clara: Ela foi escondida por ocasião do cativeiro babilônico de Judá.

"Entre os justos que permaneciam ainda em Jerusalém, aos quais se havia tornado evidente o propósito divino, havia alguns que determinaram colocar além do alcance de mãos desumanas a arca sagrada, que continha as tábuas de pedras sôbre as quais tinham sido traçados os preceitos do Decálogo. Isto êles fizeram. Com pranto e tristeza esconderam a arca numa caverna, onde, para sempre, foi oculta do povo de Israel e Judá por causa de seus pecados, e jamais lhes deve ser restaurada. Aquela sagrada arca está ainda escondida. Jamais tem sido perturbada desde que foi escondida".[3]) No segundo livro dos Macabeus lemos que a arca foi depositada numa caverna do monte "a que Moisés tinha subido, do qual êle viu a herança de Deus".[4]) O monte aqui referido foi o monte Nebo, donde Moisés viu a "herança de Deus" ou a terra de Canaã que os israelitas iriam receber por herança, o mesmo monte onde êle morrera.[5])

Assim o maná escondido se encontra ainda na arca escondida, onde fôra depositado. Um dia aquela sagrada arca vai ser retirada do lugar onde a depositaram aquêles santos homens de Jerusalém,

e dela tomado o vaso de ouro com o maná. Dêle comerão todos os vitoriosos. Evidentemente será multiplicado ao infinito para que tôda a hoste de remidos possa dêle participar. Quão glorioso será, leitor, sermos vencedores também, para recebermos do Senhor uma porção daquele precioso maná celestial com que fôra alimentado o povo de Deus durante tantos anos enquanto demandava a terra prometida.

Também aos vencedores é prometido uma lembrança que com êles perdurará pelos séculos sem fim: *Uma pedrinha branca com o nome do vitorioso nela escrito*, um nome que sòmente o que o recebe conhecerá. "Nos tempos primitivos, quando era difícil viajar por falta de lugares de hospedagem pública, a hospitalidade era exercida, mormente, por particulares. Entre as pessoas que eram objeto dessa hospitalidade e as que a praticavam, travavam-se, com frequência, relações de profunda amizade e consideração mútua; e chegou a ser um costume bem estabelecido entre os gregos e romanos facilitar aos hóspedes alguma marca particular, que se transmitia de pais a filhos e assegurava a hospitalidade e o bom trato quando quer que se apresentassem. Essa marca era geralmente uma pedrinha branca, cortada pelo meio, sôbre cujas metades o dono da casa e seu hóspede escreviam mútuamente seus nomes, para depois intercambiá-las. A apresentação desta pedra bastava para assegurar, a êles e seus descendentes, amizade, quando quer que voltassem a viajar pela mesma região. E' evidente que estas pedras tinham de ser guardadas privadamente, e ocultados, com cuidado, os nomes escritos nelas, para que outras pessoas não obtivessem os privilégios em vez de aquelas a quem estavam destinadas.

"Quão natural é, pois, a alusão a êste costume nas palavras: 'Dar-lhe-ei a comer do maná escondido'; e, havendo-lhe feito participar de minha hospitalidade, havendo-o reconhecido como meu hóspede, meu amigo, lhe regalarei a 'pedrinha branca, e na pedrinha um nome novo escrito, o qual ninguém conhece senão aquêle que o recebe'. Dar-lhe-ei a garantia de minha amizade, sagrada e inviolável, que êle sòmente conhecerá".[1])

Depois de sua vitória recebeu Jacó um novo nome, um nome relacionado com sua vitória, o nome "Israel". Será, diz o profeta Isaías, o nome que hão de receber os vitoriosos, "um nome melhor do que o de filhos e filhas: um nome eterno darei a cada um dêles, que nunca se apagará".[2]) Oh, sim, será um nome emblemático da inviolável e santa amizade eterna com Jesus! E, caro leitor, a menos que vençamos, serão vãos todos os nossos esforços por ganharmos o tão cobiçado nome novo prometido. Entretanto, não é difícil a vitória. Um pouco de mais esforço e boa vontade de nossa parte, assegurar-nos-á a vitória e o prêmio da amizade.

A IGREJA DE TIATIRA

VERSOS 18-29 — *"E ao anjo da igreja de Tiatira escreve: Isto diz o Filho de Deus, que tem seus olhos como chamas: de fogo, e os pés semelhantes ao latão reluzente: Eu conheço as tuas obras, e a tua caridade, e o teu serviço, e a tua fé, e a tua paciência, á que as tuas últimas obras são mais do que as primeiras. Mas tenho contra ti que toleras Jezabel, mulher que se diz profetisa, ensinar e enganar os meus servos, paira que se prostituam e comam dos sacrifícios da idolatria. E dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua prostituição; e não se arrependeu. Eis que a porei numa cama, e sôbre os que adulteram com ela virá grande tribulação, se não se arrependerem das suas obras. E ferirei de morte a seus filhos, e tôdas as igrejas saberão que Eu sou Aquêle que sonda os rins e os corações. E darei a cada um de vós, segundo as vossas obras. Mas eu vos digo a vós, e aos restantes que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina, e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás, que outra carga vos não porei. Mas o que tendes retende-o até que Eu venha. E ao que vencer, e guardar até ao fim as Minhas obras, eu lhe darei poder sôbre as nações, e com vara de ferro às regerá: e serão quebradas como vasos de oleiro; como também recebi de Meu Pai. E dar-lhe-ei a estrêla da manhã. Que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas".*

A CIDADE DE TIATIRA

Tiatira, cidade da Lídia, Ásia Menor, estava situada na estrada que ligava Pérgamo a Sárdis, acêrca de 43 quilômetros desta última. Era conhecida por Pelúpia, Semíramis e Euipia, quando Seleuco Nicator, colonizando-a com elementos gregos, deu-lhe o nome de Tiatira, no ano 280 A. C. Sôb os romanos tornou-se florescente pela indústria, afirmando as inscrições terem ali existido inúmeras associações operárias. Tornou-se uma cidade manufatureira. Suas indústrias principais eram a manufatura de instrumentos de latão e bronze e a tinturaria de tecidos, especialmente vermelho e púrpura. Os sagrados anais lembram uma piedosa mulher chamada Lídia, daquela cidade que, por ocasião da chegada de Paulo a Filipos, na Macedônia, ali estava vendendo púrpura de Tiatira, a qual aceitou o evangelho e foi batizada.[1]) Em Tiatira imperou a idolatria. Sua principal divindade era Apolo, "o deus sol", adorado num grande templo no qual havia um altar dedicado a uma divindade feminina, ou à grande sacerdotisa de Apolo. Alguns crêem que no tempo em que João escreveu esta carta havia uma mulher na igreja que confundia como uma profetisa e dominava a igreja. Havia ainda outra superstição de uma natureza extremamente curiosa, que parecia sido trazida para ali por alguns judeus corruptos das tribos

dispersas. Fora das muralhas havia um templo dedicado a sambata — santuário de Sibila oriental, às vêzes chamada caldéia, judia ou persa — no meio de um cercado chamado "côrte dos caldeus". Por essa razão havia em Tiatira uma grande mistura de raças.

Da velha Tiatira restam apenas traços na moderna cidade chamada Ak Hissar, com uma população de 20.000 habitantes.

A IGREJA DE TIATIRA

A carta dirigida a Tiatira corresponde ao quarto período da igreja cristã, desde 538 a 1517, ou até ao alvorecer da Reforma do século XVI. E' o período do meio de sua história e pode ela ser considerada — a igreja da Idade Média.

A definição da palavra "Tiatira" é — *sacrifício de contrição* — símbolo que descreve fielmente as circunstâncias da igreja em sua quarta etapa. Como indica a profecia do quarto sêlo referente ao mesmo período, a igreja foi perseguida de morte pelo papado romano. Os pormenores da carta de Tiatira harmonizam-se, cabalmente, com os horrores que a igreja sofreu na era papal da Idade Média, principalmente pela espada sanguinária da inquisição.

O ANJO DA IGREJA DE TIATIRA

Sôbre êste anjo veja-se o da igreja de Éfeso. O anjo desta igreja é acusado, como veremos, de estar alheio, voluntàriamente, à mesma corrupção que assolou a igreja do período anterior, e que agora se manifestou da parte de uma facção decidente. A carta revela que Cristo não pode ver com bons olhos os responsáveis pelo bem estar espiritual de Seu povo, cegos e indiferentes a perigos que ameaçam sua sobrevivência como povo escolhido.

COMO CRISTO SE APRESENTA À IGREJA DE TIATIRA

Como "Filho de Deus", é a primeira vez que Cristo se apresenta a Sua igreja e a única em todo o Apocalipse com êste título. O lugar de "Filho de Deus" seria usurpado pelo "filho da perdição" ou "homem do pecado" exatamente no período de Tiatira. E a igreja não devia trocar de Senhor. A igreja devia ter consciência de que pertencia ao "Filho de Deus" e que, por conseguinte, não lhe assistia o direito de viver como bem lhe parecesse. Fôra resgatada na cruz num imenso sacrifício e devia prezar o grande preço que custara ao "Filho de Deus" o seu resgate.

A igreja devia entender que ela estava sob Suas vistas chamejantes, que seu estado ante Seus perscrutadores olhos não lhe era estranho e que desaprova a sua desastrosa condição. Devia pesar

bem a pureza de Seus pés, revelando Seu incontaminado caráter que devia tomar como exemplo de vida. Em todo o Seu viver impoluto e imaculado na terra, Sua igreja carecia imitá-Lo, sob pena de vir a ser por Êle justiçada a fim de corrigir-se.

EU CONHEÇO AS TUAS OBRAS

Esta é a quarta vez que Cristo diz em Suas cartas conhecer as obras de Sua igreja. Quão glorioso seria para ela se Jesus apontasse apenas obras dignas em seu meio. Mas, como Êle não é parcial e não acoberta o pecado, é obrigado a revelar, à clara luz, a sua verdadeira condição. Um grave mal havia na igreja de Tiatira. Um mal que causou desastre ao cristianismo até ali unido. Um mal que ainda assola grande parte do cristianismo, do qual trataremos nos versículos vinte a vinte e quatro.

ELOGIOS À IGREJA DE TIATIRA

O período da igreja de Tiatira precedeu à grande obra da Reforma. Foi o período também chamado da "Igreja do Deserto", época das grandes perseguições de Roma papal, contra o povo de Deus. Neste tempo adverso para a igreja, manifestou ela verdadeira caridade, serviço, fé, paciência e obras pujantes de consagração. Basta o significado do têrmo "Tiatira", para têrmos uma idéia da consagração da igreja e de sua coragem em enfrentar os maus dias que dizimaram as suas fileiras pela espada de seus inimigos. A história dos Valdenses, que caracterizou em grande parte a época desta igreja, é uma gloriosa história de amor à verdade, de serviço incansável ao Salvador, de viva fé incontaminada, de paciência nos duros sofrimentos e de obras cristãs superabundantes. Uma citação, apenas, do trabalho dos valdenses, convence-nos de ter sido digno o elogio de Cristo à igreja daqueles dias:

"As igrejas valdenses, em sua pureza e simplicidade, assemelhavam-se à igreja dos tempos apostólicos. Rejeitando a supremacia do papa e prelados, mantinham a Escritura Sagrada como única autoridade suprema, infalível. Seus pastores, diferentes dos altivos sacerdotes de Roma, seguiam o exemplo de seu Mestre que 'viveu não para ser servido, mas para servir'. Alimentavam o rebanho de Deus, guiando-o às verdes pastagens e fontes vivas de Sua santa Palavra. Longe dos monumentos da pompa e orgulho humanos, o povo congregava-se, não em igrejas suntuosas ou grandes catedrais, mas à sombra das montanhas nos vale alpinos, ou, em tempo de perigo, em alguma fortaleza rochosa, a fim de escutar as palavras da verdade proferidas pelos servos de Cristo. Os pastores não somente pregavam o evangelho, mas visitavam os doentes, doutrinavam as crianças, admoestavam aos que erravam e trabalhavam para

resolver as questões e promover a harmonia e o amor fraternal. Em tempos de paz eram sustentados por ofertas voluntárias do povo; mas, como S. Paulo, o fabricante de tendas, cada qual aprendia um ofício ou profissão, mediante a qual, sendo necessário, proveria o sustendo próprio. De seus pastores recebiam os jovens instrução. Conquanto se desse atenção aos ramos dos conhecimentos fazia-se da Escritura Sagrada o estudo principal. Os evangelhos de S. Mateus e S. João eram confiados à memória, juntamente com muitas das epístolas. Também se ocupavam em copiar as Escrituras. Alguns manuscritos continham a Bíblia tôda, outros apenas breves excertos, a que algumas simples explicações do texto eram acrescentadas por aquêles que eram capazes de comentar as Escrituras. Assim se apresentavam os tesouros da verdade durante tanto tempo oculto pelos que procuravam exaltar-se acima de Deus.

"Mediante pacientes e incansáveis labôres, por vêzes, nas profundas e escuras cavernas da terra, à luz de archotes, eram copiadas as Escrituras Sagradas, versículo por versículo, capítulo por capítulo. Assim a obra prosseguia, resplandecendo qual ouro puro a vontade revelada de Deus; e quanto mais brilhante, clara e poderosa era por causa das provações que passavam por seu amor, apenas o poderiam compreender os que se achavam empenhados em obra semelhante. Anjos celestiais circundavam os fiéis obreiros. Satanás incitara sacerdotes e prelados a enterrarem a Palavra da verdade sob a escória do êrro, heresia e superstição; mas de modo maravilhosíssimo foi ela conservada incontaminada através de todos os séculos de trevas. Não trazia o cunho do homem, mas a impressão divina".

"Os missionários iam de dois em dois, como Jesus enviara Seus discípulos. Cada jovem tinha usualmente por companhia um homem de idade e experiência, achando-se aquêle sob a orientação do companheiro, que ficava responsável por seu ensino, e a cuja instrução se esperava que seguisse. Êstes coobreiros não estavam sempre juntos, mas muitas vêzes se reuniam para orar e aconselhar-se, fortalecendo-se assim mútuamente na fé.

"Tomar conhecido o objetivo de sua missão seria assegurar a derrota; ocultavam, portanto, cautelosamente seu verdadeiro caráter. Cada ministro possuía conhecimento de algum ofício ou profissão e os missionários prosseguiam na obra sob a aparência de vocação secular. Usualmente escolhiam a de mercador ou vendedor ambulante. 'Levavam sêdas, jóias e outros artigos, que naquele tempo não se compravam fàcilmente, a não ser em mercados distantes; e eram bem recebidos como negociantes onde teriam sido repelidos como missionários'. Em todo o tempo seu coração se levantava a Deus, rogando sabedoria a fim de apresentar um

tesouro mais precioso do que ouro ou jóias. Levavam secretamente consigo exemplares da Escritura Sagrada, no todo ou em parte; quando quer que se apresentasse oportunidade, chamavam a atenção dos fregueses para os manuscritos. Muitas vêzes assim se despertava o interêsse de ler a Palavra de Deus, e alguma porção era de bom grado deixada com os que a desejavam receber.

"A obra dêstes missionários começava nas planícies e vales ao pé de suas próprias montanhas, mas se estendia muito além dêstes limites. Descalços e com vestes singelas e poentas da jornada, como eram as de seu Mestre, passavam por grandes cidades e penetravam em longínquas terras. Por tôda parte espalhavam a preciosa verdade. Surgiam igrejas em seu caminho e o sangue dos mártires testemunhava da verdade. O dia de Deus revelará rica messe de almas enceleiradas pelos labores dêstes homens fiéis. Velada e silenciosa a Palavra de Deus rompia caminho através da cristandade e tinha alegre acolhida nos lares e corações".[1])

Eis uma amostra do testemunho do Senhor de que as obras da igreja do período de Tiatira eram maiores do que nos períodos anteriores. Que assim sejam, caro leitor, as nossas obras também, neste século de corrupção da carne e da própria fé.

JEZABEL, MULHER QUE SE DIZ PROFETISA

Na igreja de Pérgamo havia os que seguiam a doutrina de Balaão — idolatria e prostituição. Na igreja de Tiatira é mencionado haver uma mulher ensinando e enganando também com idolatria e prostituição. Mas, quem era a Jezabel da época da igreja de Tiatira? Ora, uma mulher é empregada nas profecias como emblema de igreja. Se a profecia fala duma mulher pura e amante da verdade, alude à verdadeira igreja; se, porém, apresenta uma mulher que contraria a verdade do evangelho, então aponta a uma igreja falsa. Daí a Jezabel de Tiatira dever representar uma igreja falsa, pelo fato de ensinar idolatria e prostituição da verdadeira fé do evangelho. Porém, antes de definirmos aqui a simbólica Jezabel, é imprescindível que conheçamos a Jezabel natural que serviu de símbolo.

Nos primeiro e segundo livros dos Reis de Israel encontramos tudo quanto podemos conhecer da história de Jezabel. Era ela uma princesa estrangeira, sidônia, que contraíra matrimônio com Acab, rei de Israel, núpcias estas contrárias à vontade de Deus, principalmente, por ser a estrangeira líder do culto idólatra de sua nação. Realizado o enlace; influenciou poderosamente, a agora rainha pagã de Israel, para que o rei israelita tornasse obrigatório o culto idólatra em tôda a nação e levantasse templos e altares pagãos.[2]) Jezabel tinha a seu encargo 850 falsos profetas ou sacerdotes da

idolatria que os sustentava.[1]) E quase que a totalidade do povo de Deus voltou-se à idolatria contrariando assim a Sua divina vontade. Foi então que surgiu o profeta Elias da parte de Deus, por cuja mensagem não choveu três anos e seis meses como castigo sôbre os idólatras.[2]) Tôda a terra de Israel foi aniquilada por uma tremenda estiagem em que grande número de pessoas sucumbiu pela fome. Decorridos os três e meio anos de sêca e destruição, aparece novamente Elias que, convocando o povo, provou a inutilidade do culto da idolatria e destruiu os falsos sacerdotes dêste falso culto.

Depois desta breve exposição, estamos prontos para harmonizar a verdadeira Jezabel do antigo Israel com a Jezabel simbólica da igreja de Tiatira, dos séculos V a XV. Aquela Jezabel da história israelita fêz várias obras detestáveis aos olhos de Deus. 1. Introduziu o culto idólatra, ou do sol, entre o povo de Deus, que era o fundamento do culto do paganismo; 2. proibiu o verdadeiro culto a Jeová; 3. tinha uma multidão de falsos sacerdotes a seu encargo; 4. perseguiu de morte os servos de Deus.[3]) Diante disso, estamos prontos a perguntar: Qual fôra a Jezabel ou igreja, que nos séculos citados de Tiatira introduziu na igreja cristã a idolatria, que proibiu o verdadeiro culto a Deus segundo as Escrituras Sagradas, que tinha multidões de sacerdotes sob suas ordens e que perseguiu de morte os servos de Deus que se opunham a seus ensinos? A única resposta a esta pergunta é: A igreja de Roma, a Jezabel da profecia, a falsa profetisa que pretende inspiração divina, sendo, entretanto apontada nas profecias como igreja anti-cristã por seus atos e obras. Não poderia a revelação apresentar, no emblema de Jezabel, uma figura mais vívida das abominações da igreja papal. Os documentos históricos que se seguem comprovam evidentemente a profecia:

O historiador Edward Gibbon assim descreve êste período da igreja: "A sublime e simples teologia dos primitivos cristãos foi gradualmente corrompida; e a monarquia do céu, já nublada pelas subtilezas metafísicas, degradou-se pela introdução de uma mitologia popular, que tendia a restaurar o reino do politeísmo".

"O cristianismo do sétimo século tinha-se tornado, insensivelmente, uma semelhança do paganismo; seus votos públicos e privados eram dirigidos às relíquias e imagens que desonravam os templos do Oriente: o trono do Todo-poderoso era obscurecido por uma nuvem de mártires, santos e anjos, os objetos de veneração popular". "No princípio do oitavo século... os mais timoratos gregos foram despertos por uma apreensão que, sob o disfarce de cristianismo, tivessem êles restaurado a religião de seus pais".[4])

Muitas autoridades de relêvo do catolicismo sabem que a sua religião é uma adaptação do paganismo. Disse o cardeal Baronius:

"E' permitido à religião usar para propósitos de devoção as cerimônias que os pagãos usaram para propósitos de impiedade em uma religião supersticiosa, depois de ter primeiro expiado êles por consagrações, a fim de que o Diabo possa receber uma maior afronta do emprêgo em honra de Jesus Cristo daquilo que Seu inimigo tinha destinado para seu próprio serviço".[1])

"O cardeal Newman escreveu 'do poder do cristianismo para resistir a infecção do mal, e transmutar os mesmos instrumentos e dependências do culto do demônio para um uso evangélico. 'Adiante declarou que Constantino 'a fim de recomendar a nova religião aos pagãos, transferiu a ela os ornamentos exteriores com os quais êles estavam acostumados em sua própria'. Depois enumerando muitos costumes e cerimônias pagãs, o prelado católico declarou que êles 'são todos de origem pagã, e santificados por sua adoração na igreja'".[2])

"O cardeal Nicholas Wiseman, em suas *Cartas a João Poynder sôbre sua obra intitulada 'O Papismo em Aliança com o Paganismo'*, fêz a seguinte e franca confissão: 'Desejo, no momento, conceder-vos inteira extensão de vossas apropriações e premissas; desejo admitir que todos os fatos que tendes apresentado são verdade, e todos os paralelos que tendes estabelecido entre os nossos ritos e os do paganismo, são corretos; e convosco desejo chegar ao resultado de vossas conclusões".[3])

No entanto, a igreja do período de Tiatira é recriminada por tolerar esta Jezabel que se cobre de púrpura e de escarlata como os grandes da cidade de Tiatira e que tanto mal causou e ainda causa ao cristianismo com suas abominações idolátricas. Aquela Jezabel de outrora em Israel, foi alvo duma profecia que lavrou o seu extermínio e foi cumprida a seu tempo.[4]) A moderna Jezabel, a igreja que introduziu a idolatria no seio do cristianismo, é também alvo de profecias que traçam inexoravelmente a sua destruição a seu próprio tempo, profecias que trataremos noutros capítulos.

"EU DEI-LHE TEMPO PARA QUE SE ARREPENDESSE DE SUAS PROSTITUIÇÕES E NÃO SE ARREPENDEU"

A igreja de Roma, transviada, era outrora uma parte do todo unido da igreja de Cristo. Não era vontade de Deus que nem mesmo a mínima fração de sua igreja se desagregasse. Foi com indixível pesar que Êle viu a congregação da capital do mundo antigo, naqueles dias, apartar-se da sã verdade e procurar independência do todo da igreja e vida própria sob a liderança de homens que pretendiam honras divinas. Foi com tristeza que Êle a viu corromper-se com a idolatria pagã e querer forçar a introdução do culto idólatra na massa da igreja tôda. A profecia reza que o Senhor deu

tempo para que a igreja de Roma se arrependesse de sua prostituição espiritual, mas não se arrependeu. Os apelos dos servos de Deus para que declinasse de sua apostasia, bem revelam o Seu ardoroso desejo para que tornasse ao seio do todo de Sua igreja. Mas todos os esforços foram inúteis. Ela preferiu permanecer na grande apostasia que a revelação denomina de "prostituição", pois todo afastamento dos princípios morais e fundamentais do são cristianismo é "prostituição" e apostasia. Sua sorte, portanto, que voluntàriamente buscara, será a mesma da Jezabel do Velho Testamento me lhe serviu de símbolo. Terrível será o futuro duma ou mais corporações ou mesmo dum ou mais indivíduos que desprezarem o tempo de graça que lhes é dado para se arrependerem de suas maldades e voltarem ao seio da igreja de Cristo. Tais corporações e indivíduos obrigarão a Deus a tratar um dia com êles como não gostaria de tratá-los.

O RESULTADO DA APOSTASIA PREFERIDA À VERDADE

Como primeiro resultado de não tornar de sua apostasia seria moderna Jezabel considerada adúltera. Sim, todo o desvio da doutrina original é considerado adultério. E, que esta mulher, não se arrependeria de seus adultérios e prostituições espirituais, pela preferência ao êrro e à idolatria, afirmam-nos outras profecias especialmente do livro do Apocalipse. Como segundo resultado de preferir as doutrinas pagãs às cristãs, todos os que com ela assim adulterassem, isto é, que com ela comungassem na idolatria e erros doutrinários, ver-se-iam em grande tribulação se não se arrependessem e a abandonassem. A tribulação aqui mencionada são as pragas vindouras da ira de Deus como as temos no capítulo dezesseis.

Os filhos desta Jezabel são evidentemente os seus adeptos. Se não se arrependerem como reza a profecia e não a abandonarem, serão feridos de morte, da morte do castigo. Esta é chamada a "segunda morte" e é várias vêzes mencionada no Apocalipse como um prêmio aos que optarem pelo êrro e menosprezarem o tão sublime, límpido e salutar evangelho de Jesus Cristo.

No dia do ajuste com a moderna Jezabel e seus filhos, tôdas as igrejas terão conhecimento real de que a falsa igreja e suas obras não estavam esquecidas. Saberão as igrejas que o Senhor é Aquêle "sonda os rins e os corações". Esta expressão é uma figura de justiça e juízo a serem aplicados contra a igreja idólatra.1) Em parte o juízo divino já caiu sôbre esta Jezabel quando em 1798 o papado foi despojado de seu poder temporal pela espada da França revolucionária. Mas, no fim do milênio, quando todos os rebeldes receberem o merecido prêmio de suas rebeldias, contra Deus e Sua

lei, então a moderna Jezabel e seus filhos receberão diante de tôdas as falsas igrejas que enganou, e com elas, a justa retribuição.

OUTRA CARGA VOS NÃO POREI

O versículo vinte e quatro reza que a idolatria faz parte das profundezas de Satanás. E aos cristãos do período de Tiatira, que não participaram da idolatria de Jezabel e não conheceram esta profundeza de Satanás não seria pôsto outra carga. O vocábulo grego *"baros"* traduzido por *"carga",* é usado apenas em quatro textos no Novo Testamento além do de nossa consideração, e em todos êles o sentido da tradução alude a uma responsabilidade definida concernente à vida cristã.[1]) Logo, a carga ou a responsabilidade era enfrentar a idolatria da igreja de Roma e recusá-la, embora essa Jezabel usasse da espada para impor a doutrina pagã.

"MAS O QUE TENDES RETENDE-O ATÉ QUE EU VENHA"

O que a igreja devia reter fielmente era a eterna verdade pura do evangelho de Cristo que lhe fôra confiado. Por nada no mundo devia desfazer-se dêste glorioso patrimônio que recebera regado com o sangue de seus irmãos dos períodos anteriores. O desejo de Cristo é que seus seguidores prezem, defendam, amem e vivam a sua sublime verdade embora em dias de adversidades e de perversão dos mais altos valores divinos.

"Até que Eu venha", aconselhou-a Jesus. Esta Sua vinda não é uma vinda condicional como referida nas ameaças às igrejas de Éfeso e de Pérgamo. O Senhor faz alusão à sua própria vinda em poder e glória, aos olhos de todos os viventes, para redimir Seu povo e restaurar tôdas as coisas.

UMA GLORIOSA PROMESSA AO VENCEDOR

Para que os cristãos de Tiatira fizessem jus à promessa inserida na carta, deveriam preencher dois requisitos especiais: Vencer e guardar as obras do Senhor Jesus até ao fim. A vitória sôbre o pecado é indispensável sejam quais forem as suas manifestações, e deveria ser o objetivo primário de todos os que almejam reinar com Cristo futuramente. Mas, para vencer, deverá o cristão guardar as obras de Jesus. Uma versão do Novo Testamento, assim reza: "Quem vencer e se guiar pelas minhas obras até ao fim..."[2]) Vencer, portanto, equivale a "se guiar" pelas obras de Cristo, aliás, viver como Êle viveu.

O poder sôbre as nações que terão os vencedores, será durante o milênio quando com Jesus exercerão o encargo de juízes para julgarem as nações ou os indivíduos que rejeitaram a salvação que

lhes fôra oferecida.[1]) Também depois do julgamento milenário participarão com Cristo na execução da sentença sôbre as nações condenadas. E' assim que com vara de ferro ou justiça inflexível regerão e quebrantarão as nações e povos que renegaram a Cristo e Sua gratuita salvação.

"E DAR-LHE-EI A ESTRÊLA DA MANHÃ"

A estrêla da manhã é plenamente definida por Jesus, nestas palavras: "Eu sou... a resplandecente estrêla da manhã".[2]) A estrêla matutina natural é Vênus, e está ligada ao amanhecer do dia. Nosso Senhor Jesus tomou esta gloriosa estrêla de pura côr branca como emblema de Sua pessoa e de Seu caráter santo e imaculado. S. Pedro, depois de aconselhar firmeza na palavra dos profetas, acrescenta: "Até que o dia esclareça e a estrêla dalva apareça em vossos corações".[3]) Assim compreendemos que a promessa de Jesus aos vencedores de dar-lhes a estrêla da manhã, é indicativa de que terão como mais alto prêmio estreita e íntima relação com Êle, como a estrêla da manhã ao dia, e serão iluminados por Sua presença em seus corações, tornando-se suas vidas uma brilhante luz.

"QUEM TEM OUVIDOS, OUÇA O QUE O ESPÍRITO DIZ ÀS IGREJAS"

A partir da igreja de Tiatira, esta admoestação do Espírito de Deus é inserida nas cartas em último lugar, como um apêlo que devia impressionar e perdurar nas mentes e nos corações dos servos de Deus. O futuro de todo o homem e de todo o cristão depende de sua atitude para com a divina voz. Há segurança e vida prezar e atender a voz de Deus através de Seu Espírito. Se os ouvidos de nossa consciência estão abertos, ouçamos com prazer e disposição para aceitar tôda a orientação da poderosa voz do céu que almeja nossa felicidade e nossa salvação.

CAPÍTULO III

AS SETE IGREJAS

INTRODUÇÃO

O capítulo três conclui a primeira visão do Apocalipse. Com êle chegamos ao fim da história profética interna da igreja cristã. Os quatro primeiros períodos simbolizados pelas igrejas de Éfeso, Smirna, Pérgamo e Tiatira, cobriram um total de quinze séculos, desde a era apostólica ao advento da Reforma. Os três restantes períodos, contidos no capítulo agora em consideração, ligados aos símbolos das igrejas de Sardo, Filadélfia e Laodicéia, cobriram já mais de quatro séculos, desde os primórdios da Reforma até nossos dias.

Pelos fins do primeiro período e durante o segundo e o terceiro, a igreja viveu seus trágicos dias ao deixar, pouco a pouco, esmaecer-se a gloriosa tocha que recebera das mãos dos apóstolos de Cristo. No quarto período, sob a suserania e oposição do papado, a luz quase estêve oculta, limitando-se às montanhas alpinas, com a "igreja do deserto", do capítulo doze. Porém, do quinto período em diante, a luz começa a recobrar a sua fôrça primitiva em tôda a parte, até que, no sétimo período, atinge a sua perfeição e grandeza apostólicas, ainda que a igreja não tenha alcançado a experiência para a qual fôra chamada por Deus.

A IGREJA DE SARDO

VERSOS 1-6 — *"E ao anjo da igreja que está em Sardo escreve: Isto diz o que tem, os, sete Espíritos de Deus, e as sete estrêlas: Eu sei as tuas obras, que tens nome de que vives, e estás morto. Sê vigilante, e confirma os restantes, que estavam para morrer; porque não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus. Lembra-te pois do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te. E, se não vigiares, virei sôbre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sôbre ti virei. Mas também tem em Sardo algumas pessoas que não contaminaram seus vestidos, e comigo andarão de branco; porquanto são dignas disso. O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de Meu Pai e diante dos seus anjos. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas".*

A CIDADE DE SARDO

Sardo era uma cidade da Ásia Menor, situada no sopé setentrional do monte Tmulos, a 75 quilômetros do mar Egeu, edificada sôbre uma rocha desmoronável a 1500 pés de altura. As quase perpendiculares muralhas da elevação em que fôra construída fazia-a parecer inexpugnável. Havia sòmente uma estrada que parecia ser facilmente guardada. Sôbre confidência, contudo, durante o reinado de Cresso, levou à captura da cidade de Sardo por Ciro, 549 A. C. Um dos seus soldados escalou a rocha numa escura noite quando os guardas não estavam vigiando. Entrando na cidade, êle abriu as portas aos persas. A mesma coisa foi repetida nos dias de Antíoco o Grande, 219.

A data de sua fundação é desconhecida. Sua origem como cidade importante e capital do reino histórico da Lídia deve remontar ao IX século antes de Cristo, crendo-se que foi edificada pelos reis lídios da dinastia dos Sandonidas. Os dias áureos de Sardo foram atingidos sob a realeza de Cresso, o rei do ouro em seu tempo. Êste monarca dotou-a duma magnificência rara. A riqueza acumulada em Sardo pode-se julgar pelos imensos regalos de Cresso a inúmeros templos do paganismo no país e no exterior. No período romano, porém, Sardo foi de pouca influência.

A cidade de Sardo, embora famosa por suas riquezas e seus monarcas, teve uma história física e política acidentada. Foi tomada grande número de vêzes por exércitos inimigos. Dario Histaspes incendiou-a para punir uma revolta; levantada das ruínas, prosperou sob os sucessores de Alexandre. Antíoco da Síria a tomou e a incendiou pela segunda vez. Sob Tibério sofreu um terremoto tendo-a César erguido das ruínas. Tamerlão destruiu Sardo em 1402. Êstes foram alguns dos muitos reveses que sofreu a cidade até que sua decadência se acentuou e feneceram sua glória e sua fama. Hoje subsistem apenas ruínas da pujança de Sardo de outrora incluso da tríplice muralha que a defendia.

A glória de Sardo está tôda no passado. Dana a descreve como um exemplo de aristocracia aniquilada. A descrição de Emerson é impressiva:

"Havia mais variedade e vívida lembrança associadas com o espetáculo de Sardo, do que podia, possivelmente, atrair algum outro pequeno lugar na terra; mas tudo estava mesclado com um sentimento de desgôsto na pequenez da glória humana... tudo, tudo se tinha dissipado! Havia diante de mim os templos de uma religião morta, as tumbas de monarcas esquecidos, e a palavra que ondulava nos salões de banquete dos reis; enquanto o sentimento de desolação era dolorosamente aumentado pelo calmo e suave firmamento acima de mim, que, em seu imarcessível esplendor, brilhava tão puramente agora como quando irradiou sôbre os áureos sonhos de Cresso".[1])

Sart, a moderna Sardo, é uma aldeia com poucas casas e algumas tendas de tribos nômades".

A IGREJA DE SARDO

A carta de Sardo liga-se ao quinto período da igreja cristã que mediou entre os anos 1517 e 1821.

A definição da palavra "Sardo" é — *Cântico de Alegria*. Alguma coisa aconteceu em prol da igreja perseguida. Daniel, referindo-se àqueles maus tempos para a igreja, diz na sua profecia que ela seria ajudada com um "pequeno socorro",[1]) um auxílio, aliás, que lhe trouxe alegria e levou-a a uma outra fase ou período histórico. Uma vez que Éfeso abrangeu o período apostólico; Smirna o dos mártires das perseguições do paganismo; Pérgamo o dos imperadores de Constantino a Justiniano; Tiatira o das perseguições de Jezabel, de Roma Papal, Sardo deve, inquestionàvelmente, designar, de acôrdo com o quinto sêlo, a Igreja da Reforma, ou o Protestantismo. Todos os comentadores convêm que Sardo, fora de tôda dúvida, é emblema da Reforma e sua obra se manifesta nas igrejas protestantes que dela resultaram; pois nenhum outro sucesso do cristianismo se identifica tão perfeitamente bem com a carta de Sardo como o da Reforma e suas consequências. Indubitàvelmente foi a Reforma uma "Sardo" ou um "Cântico de Alegria" para a igreja que gemia sob o tacão das perseguições impiedosas do papado. Mas, infelizmente e para vexame do Salvador, esta igreja de Sardo, que ainda hoje existe, está entregue a si mesma, jatando-se de pertencer a Cristo e no entanto ignora, talvez a seu gôsto, que já dois outros períodos da igreja cristã surgiram depois de si, com outros nomes, e que, portanto, ela deixou já de pertencer a Jesus Cristo. A igreja de Sardo de hoje ou o Protestantismo, equivale à antiga cidade de Sardo, lembrada apenas por uma aldeia sem significação, rodeada de ruínas informes que recordam seu esplendor passado. Como a cidade de Sardo outrora se ufanava do esplendor que lhe dera Cresso, a igreja de Sardo, hoje, orgulha-se de seu berço moderno — os Estados Unidos Protestantes.

O ANJO DA IGREJA DE SARDO

Sôbre êste anjo veja-se o anjo da igreja de Éfeso. O ministério de Sardo afastou-se de tal modo do exemplo apostólico, que hoje não mais expõe nem vive o puro evangelho de Cristo. Mesclou a divina revelação com as tradições humanas e filosofias da falsa chamada ciência a ponto de pouco transparecer da beleza da inspiração. Nenhuma carta enviada por Cristo à Sua igreja, nos períodos anteriores, é tão acusatória como a de Sardo. Basta que a carta acuse esta igreja de morta, de serem imperfeitas as suas obras e de ter esquecido a verdade recebida, para tudo dizer-se de sua triste história e condição. Foi deveras pesaroso a Cristo enviar-lhe a carta que lhe corres-

ponde. Todavia ela carecia de conhecer o seu estado e o mundo também devia ser cientificado de suas obras e sua rejeição.

COMO CRISTO SE APRESENTA À IGREJA DE SARDO

A Sardo introduz-se Jesus como aquêle "que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrêlas". Compreendemos que Cristo se apresenta à igreja com a plenitude do poder que põe a seu inteiro dispor. Mas também notifica a igreja que seu ministério, representado nas sete igrejas, Ele o tem em sua mão. Em resumo, ou a igreja lançaria mão do imenso poder do Espírito Santo que Cristo lhe oferecia, ou o seu ministério perderia o direito ao símbolo de estrêla e seria abandonado e com êle a própria igreja.

EU SEI AS TUAS OBRAS

Mais uma vez surge esta impressionante proposição do Senhor Jesus. Não só o Senhor diz saber as obras de Sua igreja como as menciona, tanto as boas como as más, em cada período. Êle aprova e alegra-se com as boas obras da igreja e reprova e entristece-se com as suas más obras.

"TENS NOME DE QUE VIVES E ESTÁS MORTO"

A cidade de Sardo bem podia ser chamada — a Cidade da Morte. Quão grandemente enganado pelo inimigo estava e está o anjo da igreja de Sardo. Julga-se estar vivo enquanto o Filho de Deus lhe diz que está morto, e com êle a sua igreja. Não poderá haver pretensão mais enganosa do que esta. Um morto que pensa estar vivo! Um ministério morto só poderá produzir uma igreja morta, mas, quando é que uma igreja pode considerar-se morta? A resposta é simples e categórica: Quando não tem mais a Cristo ou quando já O perdeu de vistas. Disse S. João: "Quem tem o Filho de Deus tem a vida: quem não tem o Filho de Deus não tem a vida".[1]) E' êste o estado profético e real do Protestantismo. Notemos os testemunhos do próprio meio do Protestantismo:

"Se se perguntasse: Em que tempo nos achamos? Onde estamos? e que há de ainda vir à luz? Como fiel atalaia, dar-vos-ei o melhor relatório que possa. Eu creio que nos achamos no estado da igreja de Sardo, na última parte, o qual produziu a Reforma, e a representa. Achamo-nos no declínio dêsse estado, e muitas coisas que se dizem dessa igreja concordam conosco, como seja essa de que temos nome de que vivemos e estamos mortos, etc. Estamos numa espécie de crepúsculo, entre o claro e o escuro, entre o dia e a noite".[2])

"A epístola à igreja de Sardo é tão vigorosamente característica das igrejas reformadas de hoje, que pouco mais precisamos fazer do

que ler essa epístola, para ver nossa própria semelhança... Temos o nome de uma igreja reformada em pureza, a qual protesta contra os erros do papado, na doutrina e na prática, mas, não nos achamos nós mortos quanto à fé e às boas obras?"[1])

"Tem-se apoderado dos protestantes em geral, uma espécie de torpor e de negligência quanto às coisas de Deus, às grandes verdades fundamentais do evangelho e às nossas próprias almas; temos ultimamente nos tomado de amores pelos dogmas papais, ou, pelo menos, cessado de odiá-los... Êstes indícios revelam os tempos. Mostram que o estado sárdio da igreja vai se aproximando de sua conclusão. A luz de nosso castiçal está a extinguir-se e a América parece ser a feliz terra onde Deus a firmará, principalmente, no próximo estado da igreja".[2])

Quão elevada fôra a posição primitiva de Sardo, nos começos de seu período, perante o mundo! Que maravilhosa obra realizaram os primeiros reformadores na restauração da verdade morta pela igreja de Roma. Lutero disse: "Em nome de Deus hei de ir contra os leões, e esmagar debaixo de meus pés os dragões e as víboras. Isto começará durante a minha vida e se concluirá depois de minha morte".[3]) Mas a luz que lhe fôra entregue por aqueles servos de Deus, não foi por ela aumentada nem seguida, antes abandonada. Desaparecidos aquêles baluartes, desenvolveu-se na igreja o orgulho e a popularidade a ponto de a vida espiritual desaparecer. A linha de demarcação entre a igreja da Reforma e o mundo deixou de existir. E, para apressar a sua desgraça, a igreja protestante uniu-se ao Estado. Esta união profana com os poderes políticos foi o principal fator de sua decadência espiritual. Amparado no braço secular, o Protestantismo de Sardo enfrentou com a espada do aço a igreja de Roma que lhe declarara guerra aberta, e rios de sangue ensangüentaram o solo europeu.

Parece-nos inacreditável que a igreja que ergueu a tocha flamejante do evangelho de Cristo nos escuros séculos; que deu a Bíblia ao povo na sua língua vernácula; que empreendeu a fundação de importantes sociedades bíblicas e de tratados e fundou as primeiras missões que se destinavam à evangelização dos pagãos — seja considerada morta pelo Grande Médico que não teve dúvidas em dar-lhe o atestado de óbito. A igreja que acusa ainda hoje a de Roma por suas falsas doutrinas e seu estado de corrupção da fé, não está perante Deus em melhor situação. Está morto o protesto que os príncipes protestantes apresentaram na dieta de Espira, em 19 de abril de 1529, donde procede o nome "protestante", e que "constitui a essência do Protestantismo". Notemos abaixo o famoso protesto agora morto:

"Resolvemos, com a graça de Deus, manter a pura e exclusiva pregação de Sua santa palavra, tal como ela está contida nos livros bíblicos do Velho e do Novo Testamentos, sem acrescentar alguma

coisa que possa contrariá-la. Esta palavra é a única verdade; é a regra segura de tôda doutrina e de tôda vida, e jamais pode falhar ou enganar-nos. Aquêle que edificar sôbre êste fundamento permanecerá contra todos os poderes do inferno, enquanto tôdas as vaidades humanas erguidas contra ela cairão perante a face de Deus".[1])

Mas quão diferente dêste solene protesto está hoje o protestantismo da igreja de Sardo! Sua vida e sua pregação estão longe de Espíra. Nem mais a pura pregação "de Sua santa palavra", nem mais ela como "regra segura de tôda a doutrina e de tôda a vida" é hoje o seu alicerce! Não é, pois, de admirar, a grave denúncia de Cristo na carta dirigida a esta igreja. Sardo estava e está morta. Sardo não mais pertence a Jesus Cristo.

"SÊ VIGILANTE, E CONFIRMA OS RESTANTES, QUE ESTAVAM PARA MORRER"

Quão impressiva é esta exortação à igreja moribunda. Uma outra versão diz: "Sê vigilante, e corrobora as coisas que ainda restam as quais estão a ponto de morrer".[2]) O vocábulo "morrer", do grego *"apothnesko"*, tem também o sentido de "morte espiritual".[3]) Compreendemos então que a igreja é estimulada a corroborar, isto é, a fortalecer ou confirmar as coisas espirituais que ainda restavam em si, e que estavam a ponto de desaparecer em meio à apostasia. Quando o coração de alguém pára de bater, êsse alguém está morto. Todavia alguma vida continua nos seus tecidos por algum tempo até que de todo se extinga. Semelhante fato sucedeu na igreja de Sardo: Declarada morta pelo Grande Médico, alguma coisa viva ainda continuou pelo apêgo nominal a alguma verdade bíblica, embora não lhe desse o devido valor. Estas coisas foi a igreja advertida a confirmar ou restabelecer praticando-as, porque, assim procedendo, tornaria novamente à vida espiritual verdadeira. Mas a Sardo protestante preferiu desatender o divino conselho e continuou morta até extinguir-se totalmente e não haver mais remédio.

"PORQUE NÃO ACHEI AS TUAS OBRAS PERFEITAS DIANTE DE DEUS"

Esta é a segunda grande denúncia de Cristo à igreja de Sardo. Em vez dum elogio geral como no caso das igrejas anteriores, Sardo só merece acusação. Quão comprometedor o seu estado espiritual! Enquanto se jatava de ter desmascarado a igreja perseguidora por seus erros e de a ter denunciado como Babilônia, sua situação era precária em face de suas obras imperfeitas. Sua desastrosa condição, até nossos dias, é devido à sua conformação aos métodos humanos. As inúmeras seitas em que se dividiu a Sardo protestante, é inolvidável cumprimento de tudo quanto encerra a sua carta profética.

UM APÊLO E UMA ADVERTÊNCIA

Em primeiro lugar Sardo é exortada a lembrar-se do que recebera e ouvira. Naqueles dias de trevas emanantes de Roma, Sardo recebera no seu castiçal a pura luz do evangelho de Cristo que lhe fôra entregue pelos primitivos baluartes vigorosos da Reforma. Sardo ouvira maravilhas dos lábios daqueles poderosos servos de Deus, guiados por Seu Espírito. E a igreja é exortada a guardar, a viver em harmonia com aquêle glorioso patrimônio do qual já cedo se esquecera. Mas, volvendo-se aos padrões do mundo, perdera de vista a cristalina verdade da inspiração para iluminá-la naqueles caóticos séculos das trevas do romanismo. A igreja não levou em consideração o apêlo de Cristo, e sua condição prosseguiu em debacle até que foi rejeitada como igreja de Deus.

A vinda de Jesus como um inesperado ladrão sôbre Sardo, não indica uma vinda condicional, mas a Sua própria vinda real ao mundo, ocasião em que ela seria surpreendida se não vigiasse e volvesse à mensagem que desprezara. E o estado atual da igreja de Sardo é evidência de que ela não atendeu o apêlo e, por consequência, terá que arcar na vinda breve do Senhor com a recompensa que naquele dia será o quinhão dos desprezadores da sã verdade evangélica.

POUCOS FIÉIS NA IGREJA DE SARDO

De modo geral a igreja foi acusada de imperfeição. Mas isto não implicava que não houvesse ao menos alguns fiéis em seu meio. Por entre as trevas notava o Senhor algumas luzes brilhantes, embora poucas. Alguns crentes de Sardo não se haviam contaminado. Conservavam a pureza da fé e o zêlo da vida cristã. E o Senhor lhes garantiu a felicidade futura, que é a de todos os remidos fiéis, de com Êle andarem de branco, no futuro reino, prêmio e emblema recordativo da pureza cristã mantida em suas vidas terrenas em meio à escuridão e apostasia da igreja. Os poucos fiéis de Sardo, não esquecidos por Jesus, demonstram que Êle em verdade não olvida seus dedicados filhos em qualquer lugar ou situação. Quão aprazíveis são êles a Seus olhos bem o vemos por êste extrato da carta de Sardo.

A TRÍPLICE PROMESSA AOS VENCEDORES DE SARDO

A primeira promessa é o fino vestido branco de que já falamos. A segunda é a conservação de seus nomes no livro da vida, tema tratado no capítulo vinte. Esta promessa implica que o vencedor viverá eternamente com seu Mestre. A terceira promessa é a confissão do nome do vencedor diante de Seu Pai e de Seus anjos. Esta confissão alude ao juízo tratado também no capítulo vinte. Aquêle que triunfar sôbre o reino da maldade, terá seu nome confessado

ou defendida sua integridade por seu Salvador, precisamente ao ser o caso de sua vida anterior à sua conversão apresentado no grande tribunal. Mas todo o que não se esforçar para vencer, seu nome será negado por Cristo no augusto tribunal.[1])

"QUEM TEM OUVIDOS, OUÇA O QUE O ESPÍRITO DIZ ÀS IGREJAS"

Com quanta solenidade dirige o Espírito o Seu apêlo à igreja em falta e aos poucos fiéis de seu meio. Para todo o crente em Jesus há segurança em acatar a voz do Seu representante, o Espírito Santo. Quem se mantiver indiferente à Sua voz, O ofenderá e cometerá o pecado imperdoável de que falara Jesus pessoalmente.[2])

A IGREJA DE FILADÉLFIA

VERSOS 7-13 — *"E ao anjo da igreja que está em Filadélfia escreve: Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem as chaves de Davi; o que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre: Eu sei as tuas, obras: eis que diante de ti pus uma porta aberta; e ninguém a pode fechar: tendo pouca fôrça, guardaste a minha palavra, e não negaste o meu nome. Eis que eu farei aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus, e não são, mas mentem: eis que eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés, e saibam que eu te amo. Como guardaste a palavra da minha paciência, também te guardarei da hora da tentação que há de vir sôbre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra. Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. A quem vencer, Eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dêle nunca sairá; e escreverei sôbre ele o nome do Meu Deus, e o nome da cidade do Meu Deus, a Nova Jerusalém, que desce do céu do Meu Deus, e também o Meu novo nome. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas".*

A CIDADE DE FILADÉLFIA

Filadélfia era uma antiga cidade da Lídia, Ásia Menor, situada a 27 milhas a sudoeste de Sardo e a 200 metros do nível do Mediterrâneo, sôbre uma parte do monte Tmulos. Dominava a bela e vasta planície fértil e bem regada do Hermus. Foi fundada por Átalo Filadelfo, rei de Pérgamo (159-138 A. C.) A intenção de seu fundador foi a propagação da cultura grega na Lídia e na Frígia. Nos seus áureos dias foi uma importante cidade bem edificada e comercialmente próspera, denominada às vêzes de — Pequena Atenas. O paganismo tinha em Filadélfia o seu culto do sol com seus altares e seus templos. Porém, pelos fins do I século, quando se escreveu o Apocalipse, o seu estado religioso cristão era florescente.

A cidade era objeto de frequentes terremotos. No ano 17 da era cristão um terremoto que a destruiu causou tal pânico a seus habitantes que muitos dêles viveram muitos anos fora de seus muros. Mas Tibério mandou-a reedificar. No século XIV Tamerlão destruiu Filadélfia que ainda sobreviveu. Foi a última cidade da Ásia Menor a cair nas mãos dos turcos (1390). Hoje a cidade chama-se *Allah Shehr*, nome turco que significa — *Cidade de Deus* — tendo cêrca de 3.000 casas e 10.000 habitantes.

A IGREJA DE FILADÉLFIA

A carta à igreja de Filadélfia compreende o sexto período da igreja cristã, de 1821 a 1844. Este foi de todos o menor período da igreja e o único em que ela não sofreu uma só censura de seu Senhor. Sua carta só contém elogios e é a única das sete na qual o Senhor Jesus a ela se dirige da maneira mais solene e mais sublime. Os cristãos do período da igreja da Filadélfia eram, antes, membros das igrejas protestantes, aquêles sinceros "que não contaminaram seus vestidos" com a apostasia da fria e indiferente Sardo e que a abandonaram para integrarem a nova igreja que surgia no tempo pré-estabelecido pela profecia.

O significado da palavra *"Filadélfia"* é — *Amor Fraternal* — o que expressa estreita amizade entre irmãos, principalmente entre os que comungam da genuína fé religiosa. O glorioso emblema harmoniza-se perfeitamente com os componentes desta igreja, cujo viver fremia de abundante amor mútuo e transbordante por Cristo.

O período de Filadélfia iniciou-se precisamente duas décadas depois de chegar o "tempo do fim" com a queda do poder temporal do papado quando as profecias que êste tempo indicavam deviam ser estudadas e proclamadas em altas vozes ao mundo, num grande movimento religioso. Ferventes de amor pelos perdidos pecadores, os cristãos desta igreja ergueram unânimes a voz num alto brado de alarma e num veemente convite às igrejas caídas que formavam a Sardo protestante adormecida e conformada consigo mesma, e ao mundo em geral. A nota tônica da memorável mensagem era a próxima segunda vinda de Cristo e a necessidade dum preparo cabal para receber o Senhor da glória. O Espírito de Deus acompanhava o grande movimento de Filadélfia, dando-lhe poder e fôrça. Os que formavam as suas fileiras, esquadrinhavam profundamente seus corações, consagravam-se diàriamente a Deus e transbordavam de paz, gôzo e amor em Jesus. Constantemente aumentava o número dos que, convictos da iminência da vinda do Senhor Jesus, ajuntavam-se ao movimento que cresceu mais e mais até que se tornou o maior que se verificou na história do cristianismo desde os dias apostólicos. Nos capítulos dez e quatorze encontra-se uma muito ampla exposição da vasta obra da igreja de Filadélfia.

O ANJO DA IGREJA DE FILADÉLFIA

Êste anjo deve ser apreciado pelo da igreja de Éfeso. Tão só é necessário dizer-se que, pelo teor da carta de Jesus, o ministério da igreja de Filadélfia era, em bom sentido, diferente dos demais dos períodos antecedentes. Pois quando um corpo de ministros recebe uma carta de Cristo relativa à conduta de Sua igreja e ela não contém nenhuma censura, é porque seus ministros, senhores de sua missão, souberam zelar pelo bem espiritual da igreja de Seu Salvador.

COMO CRISTO SE INTRODUZ À IGREJA DE FILADÉLFIA

O Filho de Deus identifica-se a esta igreja santa apresentando-se como Santo. No céu o seu nome é aclamado incessantemente como "Santo".1) Ao Seu povo é Êle apresentado como o "Santo de Israel".2) O Seu nome é "Santo".3) E de Seu povo Êle espera que seja "santo" como Êle o é.4) Também como "Verdadeiro" é Sua apresentação a Filadélfia. Se Êle não fôsse "verdadeiro", não poderia ter triunfado sôbre seus inimigos e tôda a hoste satânica. Não poderia Sua igreja nÊle confiar se não fôsse Êle "verdadeiro". Sua igreja só poderá ser santa e verdadeira se estiver nÊle e Êle nela. E nenhum indivíduo em particular conseguirá ser santo e verdadeiro sem que esteja em Cristo e Cristo nêle.

"A CHAVE DE DAVI"

Ao anunciar o anjo Gabriel a Maria o nascimento de Jesus, disse-lhe: "O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, Seu pai".5) Davi era pai de Jesus segundo a linhagem carnal, como vemos na Sua genealogia.6). Na terra foi Jesus reconhecido como "Filho de Davi".7) Dêste modo, o reinado de Cristo será uma continuação do reinado de Davi, tanto mais que o reino de Davi, que era ao mesmo tempo o reino de Israel, era, na terra, o reino do Senhor mesmo ou um emblema do futuro reino de Cristo.8) Na figura do rei Davi, é Jesus ainda referido nas profecias como Aquêle que há de reinar no glorioso reino futuro.9) E' esta a razão por que o Salvador declara ter a "chave de Davi". Chave é emblema de autoridade. Assim aquela autoridade que Jesus conferira a Davi, ao escolhê-lo para reinar em Seu nome sôbre Israel, Seu povo, reverterá a Êle como o verdadeiro Rei de quem Davi era um símbolo.

Na figura das chaves de Davi, é conferido a Jesus, e a Êle somente, o direito de abrir e fechar. Êste abrir e fechar aponta a uma porta, a mais gloriosa porta dada a conhecer ao homem. E' a porta da Salvação gratuitamente oferecida ao gênero humano. Quem abriu esta porta foi Cristo mesmo, em nome de Seu Pai, e a ninguém na terra assiste o direito de fechá-la enquanto estiver aber-

ta. Os fariseus do tempo de Jesus foram acusados de hipocrisia por pretenderem fechá-la aos homens.[1]) O único que pode fechar a gloriosa porta, e um dia o fará, é Cristo. E então ninguém poderá abri-la. A salvação estará encerrada para a família humana.

"EU SEI AS TUAS OBRAS"

Quão grato prazer teve Cristo em assim dirigir-se à igreja de Filadélfia. Às demais das sete igrejas não teve Êle êste mesmo prazer. Éfeso O amargurou deixando o primeiro amor; Smirna, pôsto que fiel nas perseguições, estava cheia de polêmicas desastrosas; Pérgamo estava no trono de Satanás e permeada de idolatria; Tiatira permitia a obra da ímpia Jezabel romana; Sardo, por sua vez, estava morta; e Laodicéia, como veremos, está morna e jatanciosa. Só Filadélfia alegrou a Seu Salvador com cem por cento de lealdade, pelo que foi isto grato conforto a Jesus. Maravilhosa igreja "sem ruga ou coisa semelhante".

UMA PORTA ABERTA DIANTE DA IGREJA

No capítulo quatro, lemos: "E eis que estava uma porta aberta no céu". Olhando o profeta através desta porta viu um compartimento cujo cenário não deixa dúvidas quanto a tratar-se do lugar santíssimo do santuário celestial. E' de suma importância o fato de S. João referir que a visão do quarto capítulo lhe foi dada "depois destas coisas", isto é, após descrever as cartas das igrejas de Filadélfia e Laodicéia, relacionadas, é evidente, com a "porta aberta" para o santíssimo do santuário do céu. Até o ano de 1844, Jesus oficiou no lugar santo do santuário. Nesta data, fechou-se a porta de acesso a êste compartimento, isto é, encerrou-se o síclo sacerdotal de Jesus, no lugar santo. Porém, "conquanto fôsse verdade que se achasse fechada a porta da esperança e graça pela qual os homens durante mil e oitocentos anos encontravam acesso a Deus, outra porta se abria, e oferecia-se o perdão dos pecados aos homens, mediante a intercessão de Cristo no lugar Santíssimo. Encerrara-se uma parte de Seu ministério apenas para dar lugar a outra".[2]) Em 1844, "Cristo abrio a porta, ou o ministério, do lugar santíssimo".[3])

Mas a igreja de Filadélfia não vira a porta do lugar santíssimo, aberta, que Deus abrira diante de si. Esta igreja, como vimos, esperava a segunda vinda de Cristo em 1844, no final do período dos 2300 anos da profecia de Daniel, capítulo oito versículo quatorze. Por esta razão não podia ver a obra mediadora de Cristo no lugar santíssimo, além do ano de 1844. Foi esta falta que determinou a sua amarga decepção naquele ano, demonstrada cabalmente na profecia do capítulo dez. A igreja que a seguiu, Laodicéia, deparou a porta aberta para o santíssimo e compreendeu o ministério sacerdotal de Jesus ali desde 1844 até que Sua porta também se feche e o

Senhor venha buscar os Seus amados seguidores. Enquanto esta porta não fôr fechada com o término do siclo da intercessão de Jesus no santíssimo, “ninguém a pode fechar”. E quem não entrar por esta porta de misericórdia agora, para encontrar a seu Salvador, nunca O há de encontrar e estará perdido para a eternidade.

"TENDO POUCA FÔRÇA, GUARDASTE A MINHA PALAVRA"

Esta pouca fôrça não implica em pouca fé e poder do alto, mas em recursos materiais e influência no mundo. O versículo seguinte atesta que a igreja tinha inimigos, da sinagoga de Satanás. Estes, da igreja de Sardo apóstata, cujo número era avultado, fizeram-lhe cerrada guerra. Todavia a igreja fôra elogiada por guardar a palavra viva do Senhor, em meio às oposições, pouca influência e bens no mundo. Fiel à Sua palavra e enfrentando os obstáculos, secundada pelo poder do alto, a igreja de Filadélfia ia cumprir o propósito de Deus exarado nas profecias.

FALSOS JUDEUS DA SINAGOGA DE SATANÁS

Não trata a profecia aqui de judeus segundo a carne ou a nacionalidade, mas de judeus espirituais, como vimos na igreja de Smirna. Eram êles falsos cristãos que, enquanto pretendiam ser cristãos, pertenciam à sinagoga de Satanás. Êstes mentirosos apóstatas da igreja de Sardo opunham-se à igreja de Filadélfia; viam com maus olhos a sua grande obra predita nas profecias. Mas, pelo trabalho glorioso que ela realizou, não podiam negar, embora com ela não se quisessem unir, que Deus a amava e que a estava fortalecendo e inspirando na sua gloriosa missão.

"COMO GUARDASTE A PALAVRA DA MINHA PACIÊNCIA"

A palavra da paciência de Jesus são as Escrituras Sagradas, Sua inspiração.[1]) Todo que a observar com fidelidade manifestará na vida a paciência que elas inspiram. Uma das recompensas que gozaria a igreja de Filadélfia por guardar a palavra da paciência do Senhor, era que seria guardada da terrível tentação que sobrevirá, em breve ao mundo. Esta tentação alude ao tremendo tempo em que as sete pragas forem derramadas na terra, também chamado tempo de angústia. Naquele tempo, os fiéis crentes da igreja de Filadélfia estarão guardados no túmulo, esperando o chamado de seu vitorioso Salvador.

"EIS QUE VENHO SEM DEMORA"

Em nenhuma outra parte das profecias do Apocalipse é feita referência à Segunda Vinda de Cristo com tanta evidência. À igreja de

Tiatira foi dito: "Mas, o que tendes retende-o até que Eu venha". A Sardo foi admoestado: "E, se não vigiares, virei sôbre ti como um ladrão", demonstrando maior aproximação do grande acontecimento. Mas, à igreja de Filadélfia, já não tratou Jesus da Sua Segunda Vinda como uma esperança senão como uma realidade próxima. E, agora, caro leitor, se quisesse Jesus anunciar-nos a Sua Segunda Vinda, dir-nos-ia simplesmente: "Eis, que estou às portas". Importa que nos preparemos com urgência para O saudarmos com alegria e esperança.

"GUARDA O QUE TENS PARA QUE NINGUÉM TOME A TUA COROA"

Como há uma coroa reservada a cada cristão fiel da igreja de Filadélfia, há também uma para todo o verdadeiro cristão de todos os tempos. S. Paulo que esperava a sua, a descreve como "coroa de justiça" incorruptível;[1]) S. Pedro, que também esperava a sua dií que será da glória incorruptível;[2]) e S. Tiago que será a "coroa da vida".[3]) Nada e ninguém no mundo deve influenciar na vida do cristão a ponto de êle perder a sua gloriosa coroa prometida. Mas, para que os cristãos de Filadélfia não perdessem a gloriosa coroa, foram admoestados a guardarem o que tinham e guardarem bem. Êles tinham uma preciosa verdade para viverem e a comunicarem ao mundo.

UMA GLORIOSA PROMESSA AO VENCEDOR

Aqui temos a mais linda promessa do Salvador à Sua igreja. Seriam feitos, os vencedores, colunas vivas no templo de Deus, com três gloriosas inscrições: O nome de Deus, o nome da Nova Jerusalém e o novo nome de Jesus. O templo de Deus nesta referência não representa o santuário celestial, mas a própria igreja viva, redimida. Isto é confirmado por S. Paulo, que disse: "Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: 'Nêles habitarei, e entre êles andarei; e Eu serei o Seu Deus e êles serão o Meu povo'"[4]) A promessa de ser uma futura coluna no templo da igreja significa que o vencedor receberá um lugar de honra permanente na igreja e ao mesmo tempo de segurança para ela como um edifício celestial vivo. Êle jamais, como sublime coluna, será removido, ou seja, jamais haverá possibilidade de cair ou *perder-se na eternidade*. Como é dito no próprio livro do Apocalipse,[5]) o nome de Deus e o novo nome de Jesus serão escritos nas testas dos vencedores, como colunas vivas de honra. Disto é evidente que pertencerão pelos séculos eternos a Deus, que os amou e planejou a sua redenção, e a Jesus que os redimiu por Seu precioso sangue e por cuja remissão hão de receber a vida eterna. O nome da cidade de Deus, a Nova

Jerusalém, nêles também estará, como um indicativo do destino que terão ao serem transladados da terra e porque durante mil anos serão cidadãos da Santa Cidade. A inspiração diz nos ainda das três simbólicas inscrições, o seguinte:

"Em suas testas estava escrito: 'Deus, Nova Jerusalém', e uma estrêla gloriosa contendo o novo nome de Jesus".1) O novo nome de Jesus será possivelmente o que o profeta Isaías menciona. Diz êle: " E êste será o Seu nome, com que o nomearão: O Senhor justiça nossa".2) Mas, para recebermos as três gloriosas inscrições, devemos vencer, vencer tôdas as más influências e todo o pecado que porventura exista em nós ou queira penetrar em nossas vidas, e ser já aqui colunas da igreja de Deus e de Cristo.3)

"QUEM TEM OUVIDOS, OUÇA O QUE O ESPÍRITO DIZ ÀS IGREJAS"

A uma igreja sem mácula, abundante em amor fraternal e zeloza em sua vasta obra missionária, teve por certo o Espírito Santo contentamento em exortar. O divino representante de Jesus não se alegra quando Sua voz não é acatada com prazer. Êle fala e exorta de inúmeras maneiras enquanto vê um raio de esperança no pecador. Mas, quando êste deliberada e definitivamente se recusa ouvir seus apelos, então Êle o abandona, não porque não simpatize mais com êle, mas porque decidiu o seu próprio destino ao contrário do desejo te Deus. A segurança e a vida eterna jazem em prezar e acatar a voz do Santo Espírito do Senhor.

A IGREJA DE LAODICÉIA

VERSOS 14-22 — *"E ao anjo da igreja que está em Leodicéia escreve: Isto diz o Amém, a Testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus. Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente: Oxalá foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha bôca. Como dizes: Rico sou, estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu; aconselho-te que de Mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas. Eu repreendo e castigo a todos quantos amo: sê pois zeloso, e arrepende-te. Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com êle cearei, e êle Comigo. Ao que vencer lhe concederei que se assente Comigo no Meu trono; assim como Eu venci, e Me assentei com Meu Pai no Seu trono. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas".*

A CIDADE DE LAODICÉIA

Laodicéia era uma antiga e principal cidade da Frígia Pacatiana, Ásia Menor, situada no vale do Meander, na confluência dos rios Lico e Halis, na encruzilhada de duas estradas principais que atravessavam a Ásia. Por isso era a cidade da riqueza com grandes mercados, grandes casas de câmbio, e grandes interêsses manufatureiros. A cidade era tradicionalmente denominada "Cidade de Banqueiros e Finanças". "Por causa de suas riquezas, seus cidadãos eram orgulhosos, arrogantes, e satisfeitos consigo mesmos". "Perto da cidade havia um bom número de fontes de água mineral fria, quente e morna. Acreditavam que as águas possuíam propriedades curativas. E, conquanto fôssem agradáveis para banho, as águas mornas eram de sabor desagradável e produziam nauseas". "Os banhos mornos e fontes minerais atraíam muitos visitantes da Europa e da Ásia".

Laodicéia chamava-se originalmente Dióspolis, cidade de Zeus, depois Roas. Antíoco II Teus, rei da Síria (260-247 A. C.), ampliou e engrandeceu a cidade mudando seu nome para Laodicéia, em honra de sua espôsa Laodice.

Laodicéia era um importante centro industrial e comercial, sendo seus principais produtos os tecidos e tapetes finos, macios e prêtos, que fabricava de lã natural de uma espécie de ovelhas pretas. Os mais afamados de todos eram os vestidos sem costura, prêtos, vestidos quase excessivamente pelos laodicenses como uma evidência de sua riqueza. Em Laodicéia havia também uma escola de medicina, cujos médicos preparavam o célebre "Pó Frígio" para a cura da oftalmia ou afecção inflamatória dos olhos e seus anexos. A cidade de Laodicéia sofreu graves reveses na sua história. Um terremoto a destruiu no ano 65 A. D., sendo reedificada por seus habitantes sem o auxílio do govêrno romano. Em 1255 os turcos apoderaram-se dela e em 1402 Tamerlão e arrazou totalmente. A antiga cidade é hoje um montão de ruínas históricas de sua passada grandeza. O local de suas tranqüilas ruínas é agora chamado pelos turcos *"Eski Hissar" — o Velho Castelo*.

A IGREJA DE LAODICÉIA

Na cidade de Laodicéia existiu, nos dias da mensagem do Apocalipse, uma igreja cristã fundada provàvelmente por S. Paulo. Na carta dêste apóstolo aos colossenses, a igreja de Laodicéia é mencionada quatro vêzes, pelas quais notamos que os cristãos laodicenses constituiam uma fervorosa, próspera e florescente igreja. Mas, a carta apocalíptica dirigida à igreja de Laodicéia não tem que ver com aquela igreja, antes assinala a sétima e última etapa da igreja cristã que, tendo seu início em 1844, irá até ao fim ou até à Segunda Vinda de Cristo em poder e glória.

O têrmo Laodicéia vem de dois vocábulos gregos combinados que significam: *Laos*: povo e *Dike*: *juízo*. Daí o correto significado da palavra Laodicéia ser — *povo do juízo ou do julgamento*. Quer dizer que a igreja de Laodicéia corresponde exatamente à época do juízo que se iniciou, segundo as profecias do Apocalipse e de Daniel, em 1844, e continuará até ao fim da graça redentora. Como última igreja de Cristo na terra, Laodicéia tem, como apontam profecias definidas que lhe dizem respeito, uma derradeira mensagem de esperança para o mundo em agonia. Esta sublime verdade a encontramos com seus devidos detalhes nas explanações dos capítulos dez e quatorze.

"E AO ANJO DA IGREJA QUE ESTÁ EM LAODICÉIA ESCREVE"

Sôbre êste anjo veja-se o da igreja de Éfeso. No caso de Laodicéia, as acusações dirigidas ao anjo são verdadeiramente dramáticas. Na sua pessoa a igreja é veementemente acusada de carência de fé, de justiça divina e de graça. Para têrmos uma idéia de como Cristo vê o estado de Laodicéia, basta dizer-se que a Sua carta não contém um só elogio sequer. Pois sua situação não permite o reconhecimento de suas obras missionárias em face de sua indiferença espiritual. Mas, tôda a carga acusatória do Senhor Jesus, recai de alto a baixo, inquestionàvelmente, sôbre seu anjo simbólico, cuja acusação não visa a sua obra missionária mundial, mas sim a vida espiritual interna da igreja, por êle negligenciada.

Apesar da condição da igreja de Laodicéia, Jesus diz-lhe em Sua carta que a ama, e que está à porta dos corações dos laodicenses fazendo pelos faltosos de Laodicéia o trabalho pessoal que seu anjo negligenciou. E' esta uma forte razão para crermos que a mensagem contida na carta de Laodicéia, fará a sua obra no devido tempo, levando os sinceros ao arrependimento e ao preparo necessário para encontrar-se com seu Salvador. E' claro que grande parte dos laodicenses em falta não dará importância à carta de Cristo, e terão de deixar a igreja queiram ou não.

COMO CRISTO SE APRESENTA À IGREJA DE LAODICÉIA

Em primeiro lugar Êle é o *"Amém"* para a Sua igreja. Para não repetirmos a dissertação sôbre o *"Amém"* veja o leitor os versículos quatro a oito do primeiro capítudo, onde temos uma apreciação especial de Jesus como o *"Amém"* de Sua igreja.

Em segundo lugar é Jesus a *"Testemunha Fiel e Verdadeira"*. "A mensagem" dirigida a Laodicéia, "tão penetrante e positiva, não admite qualquer dúvida, porquanto é a Testemunha Fiel e Verdadeira, Quem fala, e Seu testemunho não pode deixar de ser exato".[1])

Em terceiro lugar Jesus é "o princípio da criação de Deus". O vocábulo "princípio" não admite, com relação a Jesus, que Êle

haja sido criado por Deus. Jesus não foi criado, mas gerado pelo Pai como atestam vários textos escriturísticos.[1]) Se Êle fôsse criado por Deus, não seria mais do que um simples homem comum. Porém, Sua vida e Seu manifesto poder sobrenaturais são testemunhos inequívocos de que Êle foi conhecido na terra como Super-homem. Se Cristo fôsse criado, Deus não o chamaria de Deus.[2]) Se Jesus apenas tivesse sido criado, S. João não teria escrito dÊle o que encontramos no seu evangelho, capítulo primeiro, versículos um a três. Jesus jamais seria o *"Amém"* e a *"Testemunha Fiel e Verdadeira"* da igreja de Laodicéia, se houvesse sido simplesmente criado. Não seria Êle o *Alfa* e o *Ômega*, o *Princípio* e o *Fim*, o *primeiro* e o *último*, se tão sòmente Deus O tivesse criado. O vocábulo grego "ARCHE", traduzido por *"princípio"* no nosso texto, é traduzido diferentemente em vários outros textos, como indicativo de que tem outras aplicações. Alguns textos traduzem por "principado"[3]), "magistrado"[4]), "poder"[5]), "império"[6]), etc. Assim sendo, nosso texto apresenta Cristo não como "o princípio da criação de Deus", no sentido de um ser criado, mas como — o Magistrado, ou o poder, ou o império da criação de Deus, ou, mais propriamente, como "o Agente" ou a "causa da criação de Deus". Isto confirma inúmeros textos bíblicos que O apresentam como Criador, como por exemplo o de S. Paulo, que reza: "Porque nÊle foram criadas tôdas as coisas que há nos céus e na terra... tudo foi criado por Êle e para Êle".[7])

"EU SEI AS TUAS QBRAS, QUE NEM ÉS FRIO NEM QUENTE"

Tristemente faz a "Testemunha Fiel e Verdadeira" ressoar Sua voz na mais grave denúncia como jamais fizera contra a Sua igreja em tôda a sua história. Uma condição de indolência, de torpor, de letargia espiritual, é o que lhe é lançado em rosto numa acusação sem precedentes em nenhum outros dos períodos anteriores da vida da igreja desde o apostólico.

"A mensagem de Laodicéia se aplica ao povo de Deus que professa crer na verdade presente. A maior parte está constituída por mornos professos, que têm um nome porém nenhum zêlo". "Encontram-se ajudando o inimigo para debilitar e desalentar aqueles a quem Deus está empregando para fortalecer a obra. O têrmo 'morno' aplica-se a esta classe de pessoas. Professam amar a verdade, mas são deficientes na devoção e fervor cristãos. Não se atrevem a abandonar de todo a verdade e correr o risco dos incrédulos; porém não estão dispostos a deixar morrer o eu e seguir de perto os princípios da fé". "Não são nem frios nem quentes; ocupam uma posição neutra, e ao mesmo tempo se lisonjeiam de que não lhes falta nada. A Testemunha fiel aborrece esta mornidão. Abomina a indiferença desta classe de pessoas. Como a água morna, Lhe causam náuseas. Não são nem despreocupados nem egoisticamente obs-

tinados. Não se empenham cabal e cordialmente na obra de Deus, identificando-se com Seus interêsses; antes se mantêm atastados, e estão prontos a abandonar seu pôsto quando o exigem seus interesses pessoais mundanos. Falta em seu coração a obra interna da graça".[1]) Disse uma fervorosa cristã:

"Muitos, eu vi, que estavam a se lisonjear como bons cristãos, porém não possuiam um simples raio de luz que promana de Cristo. Não sabiam o que quer dizer ser renovados pela graça de Deus. Não tinham a experiência da vida nas coisas de Deus ... Meus amigos, não vos enganeis quanto à vossa condição. Não podeis enganar a Deus. D zia Testemunha verdadeira: 'Eu sei as tuas obras'".[2])

Eis em côres vivas a condição da igreja de Cristo dêste século das luzes e de juízo. Lamentàvelmente é esta a realidade tremenda de uma igreja conformada com o mundo e inteiramente satisfeita consigo mesma como a outrora comercial e material cidade que a prefigura. Indiferente para com o sagrado e contente consigo mesma, tornou-se repulsiva ao seu Senhor como algo morno e nauseabundo. Como é repelente ao céu um cristianismo sem vida o sem o calor espirituais emanantes de Cristo! Como é abjeto a Cristo um cristianismo de palavras e falto de sentimentos verdadeiramente cristãos! Quando os incrédulos deparam um cristianismo tal na vida daqueles que se jatam de serem o povo de Deus e terem a pretenção de salvá-los, êles então, infortunadamente, avaliam em pouco ou em nada o poder do evangelho de Cristo, e O repelem. Que desastroso sermão pregam os laodicenses com o modo de viver como cristãos! Oh, Senhor Jesus! intervém, Senhor! Salva Laodicéia de seu desolador estado! Salva o Teu povo, a Tua herança! Opera, Senhor! Opera sem tardança! Levanta o Teu povo, o Teu último povo, de sua letárgica indiferença, antes que tarde seja!

"OXOLÁ FÔRAS FRIO OU QUENTE"

A frialdade e o calor espirituais são preferíveis, diante de Deus, à mornidão. O estado de frieza não é muito pior em face da mornidão, porque a experiência tem demonstrado que há mais esperança da parte de quem ignora o evangelho do que da parte de quem depois de conhecê-lo e vivê-lo, se tenha tornado no triste estado de tíbio. E' deveras muito mais fácil converter um inveterado pecador do que despertar uma alma morna do torpor espiritual em que vive. Quando o pecador, gelado no pecado a ponto de sucumbir nêle, ouve os apelos do evangelho, sente o desejo de aproximar-se de seu Salvador. Não se dá isto com o decididamente morno, que é meio religioso e meio mundano; que vive um cristianismo mecânico, falto da vida de Cristo, da Sua fé e da Sua veste de justiça, como é evidentemente referido em Sua carta a Laodicéia. Todos os apelos para a aquisição duma melhor vida espiritual, mais fervorosa, mais

cheia do verdadeiro vigor cristão, são olhados com desdém pelo nosso cristianíssimo irmão tíbio de Laodicéia, contentíssimo com a forma vazia da vida cristã. Sim, Deus e Seu Filho vêem mais possibilidade de um pecador inteiramente frio converter-se e salvar-se, do que um cristão nominal, morno, aceitar os divinos apelos para ascender às culminâncias da pura fé do evangelho de Cristo.

"VOMITAR-TE-EI DA MINHA BÔCA"

Os têrmos gregos — CHLIAROS, morno e EMEO, vomitar — só aparecem uma vez no Novo Testamento e ambos são aplicados à igreja de Laodicéia. Semelhante à água morna da cidade de Laodicéia que causava náuseas, vômitos, assim é a igreja de Laodicéia perante Jesus a Quem ela pretende servir. Repugnando a sua condição o Senhor ameaça vomitá-la de sua bôca.

"A figura de vomitar de Sua bôca — adverte a inspiração — significa que Êle não pode oferecer vossas orações ou vossas expressões de amor a Deus. Ele não pode endossar a pregação de Sua palavra ou vossa obra espiritual em nenhum modo. Ele não pode apresentar vossas práticas religiosas com a súplica de que a graça vos seja dispensada".[1])

MISÉRIA SOB O MANTO DE FALSA RIQUEZA

O versículo dezessete revela a causa real do doloroso estado de Laodicéia que é a sua pretensão de ser o que em realidade não é. Contemplando-se a si mesma através de um falso prisma, esta igreja julga que a riqueza, tal que nada lhe falta, é o seu próprio mecanismo dentro do qual ela existe. Orgulha-se de ser a guarda do puro evangelho de Cristo; de ser a legítima depositária da verdadeira luz para o século atual; de ser a igreja do Senhor Jesus desta última geração do mundo; de sua inigualabilidade como organização; de sua grandiosa obra missionária mundial; de suas numerosas instituições; de seus processos financeiros; de seu magnífico corpo de ministros. Oh, que tremendo desastre! Não pode haver maior descalabro uma igreja tomar sua própria estrutura mecânica mundial como riqueza espiritual, e julgar que nada mais necessita enquanto, infelizmente, desconhece a sua verdadeira e indiscutível situação. Julgando gozar de elevado conceito e ter alcançado o apogeu espiritual, a "Testemunha Fiel" lança-lhe em rosto cinco evidentes fatos que testificam veementemente contra a sua vaidade em exaltar pretensões que jamais poderão salvá-la.

O têrmo — desgraçado — do grego *"talaipõros"*, revela desgraça espiritual.[2]) Também os vocábulos — miserável, pobre, cego e nu — do grego, expressam condição espiritual. Eis a grave denúncia da Testemunha Fiel à igreja que se julga rica e não ter falta de nenhum bem da divina graça. É o que é ainda mais grave é que a

igreja, diz-lhe o Senhor Jesus, não sabe o que ela é — "desgraçado, miserável, pobre, cego e nu". Quando alguém se ignora a si mesmo, é porque não faz caso de si; abandonou-se a si próprio. E toda esta culpa recai, antes de tudo, sobre o seu anjo.

"Na mensagem aos laodicenses, os filhos de Deus são apresentados em uma posição de segurança carnal. Estão tranqüilos, crendo-se em uma exaltada condição de progresso espiritual". "Que maior engano pode penetrar nas mentes humanas que a confiança de que nêles tudo está bem quando tudo anda mal! A mensagem da Testemunha Fiel encontra o povo de Deus sumido num triste engano, ainda que sincero nessa crença. Não sabe que sua condição é deplorável à vista de Deus. Ainda que aquêles aos quais se dirige se estão lisonjeando de que se encontram em uma exaltada condição espiritual, a mensagem da Testemunha Fiel quebranta sua segurança com a surpreendente denúncia de sua verdadeira condição de cegueira, pobreza e miséria espirituais. O testemunho, tão penetrante e severo, não pode ser um êrro, porque é a Testemunha Fiel que fala e seu testemunho deve ser correto.

"Aos que se sentem seguros em seus progressos, aos que se crêem ricos em conhecimento espiritual, é-lhes difícil receber a mensagem que declara estarem enganados e necessitados de tôda graça espiritual. O coração que não foi santificado é enganoso mais que tôdas as coisas e perverso'. Muitos se estão lisonjeando de que são bons cristãos, mas não têm um só raio da luz de Jesus. Não têm uma viva experiência pessoal na vida divina. Necessitam humilhar-se profunda e cabalmente diante de Deus antes de sentir sua verdadeira necessidade de esforços ferventes e perseverantes para obter os preciosos dons do Espírito".

"Muitos se aferram a suas dúvidas e pecados prediletos, mas estão tão enganados que falam e sentem como se não necessitassem de nada. Acham-se na maior necessidade da graça de Deus e de discernimento espiritual para poderem descobrir sua deficiência no conhecimento espiritual. Falta-lhes quase tôda qualificação necessária para aperfeiçoar um caráter cristão. Não têm um conhecimento prático da verdade bíblica, o qual conduz à humildade na vida e à uma submissão à vontade de Cristo. Não vivem obedecendo aos requisitos de Deus". "A maior razão por que os filhos de Deus se encontram agora neste estado de cegueira espiritual, é que não querem receber a correção. Muitos têm desprezado as reprovações e admoestações que lhes são dadas. A Testemunha Fiel condena o estado tíbio dos filhos de Deus, que dá a Satanás grande poder sôbre êles neste tempo de espera e vigilância". "Estas pobres almas estão enganadas por Satanás. Lisonjeiam-se de que se encontram bem, de que gozam do favor de Deus e são ricas em discernimento espiritual, quando são pobres, cegas e miseráveis. Estão fazendo a obra de Satanás, enquanto crêem ter zêlo por Deus".[1])

AS TRÊS NECESSIDADES DA IGREJA DE LAODICÉIA

Depois de diagnosticar a igreja de Laodicéia e declarar-lhe a grave enfermidade, o grande Médico receita os remédios eficazes para a sua pronta restauração. Sua cura, porém, não depende da posse da receita, mas de seguir a sua orientação, usando os medicamentos nela sàbiamente indicados. Os remédios receitados por Jesus, que são três, devem ser comprados exclusivamente dÊle. A não ser de Jesus, de nenhum outro podem ser adquiridos, pois são exclusividades dÊle como o supremo laboratorista espiritual. Se os laodicenses não adquirirem de Jesus a medicação receitada, e preferirem imitações próprias ou de outrem, falsificando assim a fórmula original, não sararão da enfermidade que então lhes será fatal.

1. *"Ouro provado no fogo"* — O ouro natural representa tôdas as riquezas terrenas. Com êle todos os desejos carnais podem ser satisfeitos. Mas, uma única coisa o precioso metal não poderá fazer jamais, isto é, salvar a vida. Como, porém, o mal da igreja de Cristo não é material e sim espiritual, o ouro que Jesus aconselha comprarem dÊle não pode ser o ouro natural. Deve representar um ouro indizivelmente melhor do que o natural que havia abundantemente na antiga e jatanciosa cidade de Laodicéia. Deve ser indubitàvelmente um ouro simbólico de tôdas as riquezas espirituais, ou seja a coisa mais preciosa, mais vital e mais indispensável para a sobrevivência da igreja de Cristo no mundo. Da posse dêsse sublime ouro, depende a aquisição de tôdas as bênçãos da graça de Deus em Jesus Cristo. E que ouro então será êsse de que a igreja de Laodicéia está em falta e deve adquirir de Jesus? Essa resposta é nos dada pela própria inspiração, como segue:

"A fé e o amor são as verdadeiras riquezas, o ouro puro que a Testemunha Fiel aconselha aos tíbios que comprem. Por ricos que sejamos nos tesouros terrenais, tôda nossa riqueza não nos habilita a comprar os preciosos remédios que curam a enfermidade da alma que se chama tibieza. O intelecto e as riquezas terrenais são impotentes para suprimir os defeitos da igreja de Laodicéia, ou para remediar sua deplorável condição. Seus membros são cegos e entretanto crêem que nada lhes falta. O Espírito de Deus não ilumina suas mentes, e êles não percebem seu estado pecaminoso; portanto, não sentem a necessidade de ajuda.

"Não possuir as graças do Espírito é, em verdade, triste; porém é uma condição ainda mais terrível o achar-se assim destituído da espiritualidade e de Cristo, e, entretanto, tratar de justificar-nos dizendo àqueles que estão alarmados por nós que não necessitamos seus temores e compaixão. Terrível é o poder do engano na mente humana! Que cegueira a que põe a luz em lugar das trevas e as trevas no lugar da luz! A Testemunha Fiel nos aconselha que compremos dÊle ouro refinado no fogo, vestidos brancos e colírio. O

ouro recomendado aqui, que foi provado no fogo, é a fé e o amor. Enriquece o coração, porque foi refinado até ficar puro, e quanto mais é, tanto mais resplandece".[1])

"O ouro provado no fogo é a fé que opera pelo amor. Sòmente isto pode pôr-nos em harmonia com Deus. Podemos ser ativos e fazer muita obra; mas sem amor, um amor tal como o que habitou no coração de Cristo, nunca poderemos ser contados com a família do céu".[2])

"Satanás está constantemente tentando remover êstes preciosos dons dos corações do povo de Deus. Todos estão empenhados em competir a partida da vida. Satanás bem sabe que se êle puder remover o amor e a fé, e suprir as suas lacunas com egoísmo e incredulidade, todos os preciosos traços restantes serão logo hàbilmente removidos por sua enganosa mão, e o jogo estará perdido".[3])

A fé é uma das maiores virtudes cristãs;[4]) é um firme fundamento do que se espera e uma prova do invisível.[5]) "Sem fé é impossível agradar a Deus".[6]) Sem fé não há possibilidade de vitória sôbre o mundo.[7]) A indispensabilidade da fé é evidenciada por esta declaração de Jesus: "Mas o justo viverá da fé; e, se êle recuar, a minha alma não tem prazer nêle".[8]) E' pela fé que o crente se apodera de Cristo e das inestimáveis riquezas de Sua graça. Mas, se ela não fôr secundada pelo escudo do amor, é falsa, é uma jatância perigosa.

Como sem o ouro natural monetário não é possível a vida material, não será também possível sem o ouro espiritual da fé a vida espiritual. O crente falto da verdadeira fé é espiritualmente morto, morto em sua devoção religiosa, morto em suas relações com seu Salvador, morto em todos os deveres para com a Lei de Deus e o evangelho de Cristo. E' êle um manifesto cadáver espiritual. Sua fé, destituída das obras de amor correspondentes, é morta e o mantém morto "em ofensas e pecados". Portanto, é dada aos crentes de Laodicéia a oportunidade de comprar de Cristo o precioso ouro da fé de que estão em falta, a não ser que queiram enfrentar o juízo destituídos dela.

O ouro da fé oferecido por Cristo é a Sua própria fé.[9]) E' um ouro provado no fogo: "Eis que te purificarei, mas não como a prata: provei-te na fornalha da aflição".[10]) Só com Sua fé provada no fogo das aflições desta vida, quando aqui estêve e com a qual resistiu inabalàvelmente as abrasadoras chamas de tôda a sorte de adversidades e aflições, é que podem triunfar os laodicenses. Exclusivamente com Sua fé poderão passar incólumes pelas ardentes chamas da vida. Enriquecidos com o ouro da pura fé, suas vidas serão triunfo real.

2. *Vestidos Brancos* — O conselho de Cristo para que Sua igreja dÊle compre também vestidos brancos, é indicativo de que em geral seus membros estão destituídos das referidas vêstes.

Os laodicenses antigos que lhes serviram de símbolo, vestiam-se de prêto! Os romanos reconheciam a veste preta como emblema de sujeição. Na Idade Média, grupos em certos países eram compelidos a usar vestes pretas para mostrar sua sujeição.

Não é da vontade de Jesus que Sua igreja persista na falta da preciosíssima vestimenta. "A vestidura branca é a pureza de caráter, a justiça de Cristo repartida ao pecador. E' na verdade uma vestidura de tecido celestial, que pode comprar-se unicamente de Cristo, por uma vida de obediência voluntária".[1]) "Quando nos submetemos a Cristo, nosso coração está unido com o Seu coração, nosso desejo confunde-se com o Seu desejo, nossa mente torna-se uma com Sua mente, nossos pensamentos são trazidos em obediência a Êle; vivemos então Sua vida. E' isto o que significa estar vestido com as vestes de Sua justiça. Então ao olhar o Senhor para nós, Êle vê, não as vestes de fôlhas da figueira, não a nudez e deformidade do pecado, mas Suas próprias vestimentas de justiça, que é a perfeita obediência à lei de Jeová".[2])

Quem não está trajado com tão preciosos vestidos, o está com os trapos prêtos, imundos, da justiça própria, expondo as vergonhas duma vida cristã infiel, inconsequente com a vida de Seu Salvador que é admoestado a imitar. Jesus quer que Seus seguidores andem bem vestidos, vestidos com Sua justiça. "Tirai-lhe êstes vestidos sujos. E a êle lhe disse: Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniqüidade, e te vestirei de vestidos novos".[3]) Êstes vestidos são as vestes para as bodas do Cordeiro, comparados ao "linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos".[4]) A menos que o seguidor de Jesus se vista com estas alvas vestes de Sua justiça, comprando-as dÊle por uma vida de consequente fidelidade aos princípios do são cristianismo, permanecerá vestido com as vestes negras da iníqua justiça humana, o que equivale a estar em nudez.

Se os laodicenses atenderem o apêlo de Cristo e comprarem dÊle vestimentas brancas, terão a alegria de dizerem: "Regozijar-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegra no meu Deus: porque me vestiu de vestidos de salvação, me cobriu com o manto de justiça, como um noivo que se adorna com atavios, e como a noiva que se enfeita com as suas joias".[5])

3. *O colírio para os olhos:* — O colírio natural é um medicamento destinado especialmente à cura da oftalmia ou inflamações na conjuntiva, isto é, na membrana mucosa que reveste a face anterior do globo ocular e seus anexos.

O fabrico de colírio na antiga cidade de Laodicéia evidenciava já a condição visual de seus habitantes. Imaginemos alguém cuja inflamação ocular já o cegou. Os olhos tornaram-se uma fonte de pus, e o próprio aspecto da face da pessoa repugna. O diagnóstico da igreja de Laodicéia acusa-a de oftalmia tão evidente, que a de-

clara cega. E o supremo Médico, em sua receita eficaz, não esqueceu a visão dos laodicenses coberta de repelentes inflamações. Não a visão física, é claro, mas a espiritual, pelo que o colírio oferecido pelo divino Médico deve denotar algo que vivifique o dicernimento espiritual e lhe dê visão clara. Sim, o colírio receitado por Cristo "é aquela sabedoria e graça que nos habilitam a discernir entre o bem e o mal, e a reconhecer o pecado sob qualquer disfarce. Deus tem dado à Sua igreja olhos que Êle quer que sejam ungidos com sabedoria para que vejam claramente; mas muitos tirariam os olhos da igreja se pudessem, porque não querem que suas obras saiam à luz, para não serem repreendidos. O colírio divino comunicará claridade ao entendimento. Cristo é o depositário de tôdas as graças. Êle diz: 'Aconselho-te que de mim compres'".[1])

O Espírito Santo é o Agente por meio do qual o colírio da sabedoria e graça podem ser dispensados à igreja enferma. Se os cristãos da Igreja de Laodicéia levarem em consideração o conselho de Jesus, "sentirão a necessidade de comprar ouro, que é a fé e o amor puro; vestes brancas, que são o caráter imaculado, purificado no sangue de seu amado Redentor; e colírio, que é a graça de Deus, e que lhes dará um claro discernimento das coisas espirituais para descobrir o pecado".[2])

UM SINAL DO DIVINO AMOR

O versículo dezenove revela a grandeza do amor de Deus por Sua igreja tão grandemente faltosa. O Senhor declara que ama a igreja de Laodicéia, embora a acuse da grande transgressão da indiferença quanto a seu lamentável estado. Que profundidade de amor que repele o pecado e tudo faz para livrar dele o pecador faltoso! "Eu repreendo e castigo a todos quanto amo". O castigo é revelado como prova de amor. Como um amante e amoroso Pai, o Senhor castiga e corrige a seus filhos. "Porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho".[3]) Maravilhosa correção e maravilhosos açoites do amor que visa salvar o filho amado de consequências funestas e fatais. Seu indizível amor pelos faltosos de Laodicéia leva Deus a chicoteá-los com tribulações, resultantes do afastamento dêles próprios dos sagrados caminhos. Longe de considerarem insuportáveis as chicotadas, devem-nas receber como amorosas e justas, pois visam restaurá-los como filhos à família celestial.

"Uma mulher que veraneava em um lugar pitoresco, foi um dia, dar um passeio. Subindo a encosta da montanha chegou à cabana de um pastor.

"Viu-o assentado com o rebanho à roda de si. Perto, num monte de palha, estava deitada uma ovelha que parecia sofrer. Observando-a atentamente notou que tinha a perna quebrada e condoeu-se

do pobre animal. Como foi que isso aconteceu? perguntou ela. Com grande surpresa ouviu esta resposta do pastor:

"Minha senhora, fui eu quem partiu a perna da ovelha.

"Vendo a pena que se manifestou no rosto da visitante o pastor continuou: 'Minha senhora, esta ovelha era a mais teimosa de todo o rebanho. Nunca obedecia à minha voz. Nunca seguia o trilho por onde eu conduzia o rebanho. Fugia e, às vêzes, chegava à beira de penhascos perigosos e de abismos profundos. E não só em desobediente, também desviava, constantemente, as outras ovelhas do rebanho. Tive já experiência com outras ovelhas desta mesma espécie, de sorte que lhe parti a perna. A primeira vez que lhe levei pasto tentou morder-me. Deixei-a durante dois dias; depois voltei para ao pé dela e então não só comeu o pasto como também me lambeu as mãos e mostrou-se perfeitamente humilde e mesmo afetuosa.

"'E agora vou-lhe dizer uma coisa: Quando esta ovelha estiver curada, o que será em breve, será a ovelha exemplar do rebanho. Nenhuma outra ovelha ouvirá a minha voz tão depressa. Nenhuma outra me seguirá tão de perto. Em vez de desviar as suas companheiras será um exemplo e guia para as caprichosas, guiando-as ao mesmo tempo que segue no caminho da obediência à minha voz. Sim, esta ovelha rebelde será completamente transformada. Pelos sofrimentos terá aprendido a obediência'"[1])

E assim é com o Senhor de Laodicéia. O cinzel de Seu amor tende a preparar seus componentes para tornarem-se uma bênção na igreja. O apêlo de Deus aos laodicenses é para que sejam zelosos e se arrependam. "Filho Meu, não rejeites a correção do Senhor, nem te enojes da Sua repreensão. Porque o Senhor repreende aquele a quem ama, assim como o pai ao filho a quem quer bem". "As repreensões da correção são o caminho da vida".[2]) "Eis que bem-aventurado é o homem a quem Deus castiga; não desprezes, pois, o castigo do Todo-poderoso".[3])

Mas não é fácil aos jatanciosos ricos de Laodicéia se arrependerem. "E' mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus". Fica entretanto com êles a advertência e o apêlo do amante Salvador, para que se arrependam e se emendem e com todo o zêlo e fervor O amem e O sirvam para se salvarem. Mas, se não atenderem a amorosa voz para se arrependerem, eis o resultado: "O homem que muitas vêzes é repreendido endurece a cerviz, será quebrantado de repente sem que haja cura".[4])

O propósito da mensagem à igreja de Laodicéia não é condená-la mas salvá-la. "Seu objetivo é levantar o povo de Deus, descobrir-lhes suas apostasias, e despertar zeloso arrependimento, para que êles possam ser favorecidos com a presença de Jesus, e preparados para o alto clamor do terceiro anjo".[5])

"EIS QUE ESTOU À PORTA E BATO"

Oh profundidade insondável do grande amor divino! O Salvador, qual penitente e suplicante, desce da glória onde em todos tem livre acolhida, para se colocar à porta da igreja de Laodicéia. Vêmo-Lo do lado de fora, onde o deixam desdenhosamente, batendo e rogando que seja admitido! De nenhuma outra das seis igrejas anteriores é dito terem cometido tão cruel indiferença para com o Senhor a quem tudo devem! Mas, que grandiosa manifestação de compaixão e clemência por uma igreja que em geral não Lhe corresponde! Mesmo que a tenha declarado morna, desgraçada, miserável, pobre, cega e núa, ela é ainda a Sua igreja amada e devota-Ihe tôda a imensidade de Seu inigualável amor. Ele não pode abandoná-la, pois é contrário a Seus afetos por ela deixá-la no abandono, a perecer. Êle compreende que, agora, no estado precário em que ela se encontra, mais que nunca necessita dÊle como Médico assistente. Não pode consentir, jamais, que Sua igreja padeça de tão grandes males, sem Sua assistência. Ansioso procura vê-la e ser por ela recebido com um amor não menor do que o que lhe tem dispensado.

Jesus está batendo à porta de sua igreja. E que porta é esta em que o Salvador bate, bate, bate, querendo uma espontânea entrada; Oh, sim, é a porta dos corações dos crentes de Laodicéia. Sim, Êle lhes clama: "Eis que estou à porta e bato". E oh incrível ingratidão! Êle está do lado de fora e a carta não faz mensão alguma de que a porta Lhe seria, pela totalidade dos laodicenses, aberta! Com espanto vêem os anjos o Comandante de suas santas hostes a bater, a bater sempre, para continuar indefinidamente do lado de fora como alguém que foi relegado! Mas o amoroso Salvador há de insistir até quando seja possível. E como é que bate o Senhor da glória? Eis aqui as Suas amorosas batidas:

"Tôda advertência, reprovação e súplica da palavra de Deus, ou recebida por meio de Seus mensageiros, é uma batida na porta do coração. E' a voz de Jesus que solicita entrada. A cada toque não atendido, torna-se mais fraca a disposição para abrir. A impressão do Espírito Santo que é hoje rejeitada, não será tão forte amanhã. O coração torna-se menos impressionável, e cai numa perigosa inconsciência da brevidade da vida e da grande eternidade além".[1])

Perguntamos: Abrir-lhe-ão a porta os indiferentes e mornos laodicenses? A resposta a esta pergunta solene é: sim. Mas quando o farão?

"Vários artistas têm pintado Jesus à porta, a bater. Talvez o quadro mais conhecido seja o de Hunt. Representa o Senhor à porta, esperando que Lhe dêem entrada. O rosto e olhar expressam terna simpatia e amor. Conta-se que, ao terminar o quadro, Hunt chamou um de seus amigos, cultor da mesma arte, para criticar o

trabalho. Disse êsse amigo: 'E' uma obra de mestre. Que maravilhosa expressão de ternura pôs você no rosto de Jesus!" Depois, como alguma coisa que lhe chamasse a atenção, afirmou: 'Perdoe-me; você pediu minha crítica. Quero dizer-lhe, então, que se esqueceu de colocar o trinco do lado de fora da porta. Como pode o Mestre entrar?' O autor sorriu, e respondeu: 'não, amigo, isso não foi esquecimento. A porta só pode ser aberta do lado de dentro'".

Tendo uma menina assitido com sua mãe a um sermão numa igreja, começou, em casa, depois, a pensar em alta voz: "Êle disse, Jesus, que queres entrar em nosso coração. Sei que me amas, e também sei que Te amo; e quero que entres no meu coração e mores comigo". A mãe da menina, que a estava escutando, ouviu-a dizer depois: "Quero que entres agora". E acrescentou depois a menina, cheia duma expressão angélica de alegria, com as mãos cruzadas sôbre o coração: "Oh! já estás aqui".[1])

Sim, Jesus não abre a porta. Ela deve ser aberta pelo dono da casa. Se Êle a abrisse, seria forçar a Sua entrada onde não há prazer em recebê-Lo. Ou abrir-Lhe-ão alegremente, ou O deixarão fora e não O terão jamais consigo.

"SE ALGUÉM OUVIR A MINHA VOZ, E ABRIR A PORTA ENTRAREI EM SUA CASA"

A igreja de Laodicéia, em geral, fechou seus ouvidos às denúncias, conselhos e exortações do Senhor Jesus. "O testemunho da Testemunha Fiel nem, pela metade, foi aceito. O solene testemunho sôbre que repousa o destino da igreja foi considerado levianamente, se não inteiramente desprezado".[2]) Mas o amante Salvador continua a bater e há de bater por mais algum tempo ainda. Ao enviar a carta a Laodicéia, bem sabia Êle que, para Sua tristeza, a igreja em sua totalidade não Lhe abriria a porta. Esta é a razão porque Jesus faz um apêlo individual a cada sincero cristão de Laodicéia para que O deixem entrar na casa de suas vidas, pelas portas de seus corações. "Se alguém ouvir a minha voz..." Assim o Senhor não está somente batendo, mas também falando, em particular, aos laodicenses. E o Seu chamado, não será em vão; em Laodicéia corações sinceros abrir-se-ão gozosos para Jesus.

Haverá imensa alegria para aquêles que abrirem as portas de seus corações ao Salvador. Em Seus dias na terra, um homem O recebeu alegremente em sua casa. Ao transpor-lhe a porta da casa e aquêle homem manifestar o seu regozijo, disse Jesus: "Hoje veio a salvação a esta casa".[3]) Deveras é isso mesmo. Ao entrar Jesus nos corações de Seus amados, a salvação entra e êles são salvos imediatamente. Agora a vida eterna lhes é assegurada, pois têm Aquêle por Quem esta vida únicamente lhes é possível.[4])

"Quando Cristo reina no coração, há santidade e libertação do pecado. A glória, a plenitude e a perfeição do plano do evangelho se cumprem na vida. A aceitação do Salvador proporciona um gôzo de perfeita paz, de genuíno amor e completa segurança. A beleza e a fragrância do caráter de Cristo, revelados na vida, testificam que Deus enviou, de fato, Seu Filho ao mundo, a fim de ser seu Salvador".[1])

Os laodicenses devem abrir, sem delongas, a porta a Jesus, e ter o gôzo, que teve aquela meninazinha, atrás mencionada de vê-Lo pela fé entrar em seu coração, e, com ela, exclamarem gozosos: "Oh! já estás aqui!" "Quando a alma se rende a Cristo, um novo poder toma posse do novo coração. Opera-se uma mudança que o homem jamais operaria por si mesmo. E' uma obra sobrenatural, que traz um elemento sobrenatural à natureza humana. A alma que está rendida a Cristo, torna-se Sua própria fortaleza, que Êle tem em um mundo revoltado, e vigia para que nenhuma autoridade seja conhecida nela senão a Sua própria. A alma assim guardada pelas agências celestiais, é invulnerável aos assaltos de Satanás".[2])

Quando o testemunho da Testemunha Fiel, concluir a sua obra, todos os impenitentes mornos, que porventura ainda cerrarem seus ouvidos e corações aos apelos de Jesus e preferirem continuar no deplorável estado espiritual, serão então arrojados da igreja por uma sacudidura determinada pelo fato de se terem levantado contra o testemunho da Testemunha Fiel. A igreja de Laodicéia estará então isenta de mornos, de cristãos espiritualmente desgraçados, miseráveis, pobres, cegos e nus. O puro trigo estará então só pela primeira vez na história da igreja de Cristo, pronto para ser recolhido ao celeiro do reino eterno que o espera. Abramos, pois, agora, a porta ao Salvador, e tenhamos o indizível gôzo de clamar alegremente: "Oh! já estás aqui!"

"E COM ÊLE CEAREI, E ÊLE COMIGO"

Quão preciosa é esta promessa aos crentes de Ladiocéia vencedores. O amor do Salvador é salientado em tôda a Sua plenitude. Que imenso regozijo deve ser ter como hóspede o Rei da glória. Deverá possuir um coração sumamente imperdernido quem permanecer indiferente a tão terna e misericordiosa promessa. Com os mornos laodicenses que lhe abrirem alegremente a porta, quer Êle regozijar-se numa ceia amigável e íntima. Ninguém que O receba necessitará de pôr a mesa e arranjar as iguarias para o honrado hóspede. Êle mesmo tomará isto a Seu encargo, pois a ceia constará, não de iguarias terrenas, mas de celestiais, as mais apetecíveis e saudáveis à alma. Davi, nos seus dias, escreveu ao receber Jesus como Hóspede de sua vida: "Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos".[3]) Ao ser recebido, deseja Jesus celebrar

com o Seu hospedeiro a ceia gloriosa da sã verdade, das Suas facinantes promessas, da glória futura com a qual logo cobrirá a Seus amados que O receberem gostosamente. Oh, que banquete sublime que maravilha receber o Salvador para com Êle antegozar a ceia das glórias futuras dum reino sempiterno de paz e amor! Sim, caros laodicenses, haverá eterno ganho em abrirmos a porta ao amorável Salvador e cear com Êle e Êle conosco, antecipadamente a gloriosa ceia celestial.

UMA GLORIOSA PROMESSA AO VENCEDOR

Chegamos à última das sete principais promessas de Cristo à Sua igreja. E' a mais maravilhosa e principal de tôdas. A grandeza desta promessa jaz no fato de ela ser feita àqueles a quem Cristo ameaçou vomitar de Sua bôca. O cristão da igreja de Laodicéia que não fôr tocado por esta tão elevada promessa, não o será por nenhuma outra. Se êle considerar de pouco valor assentar-se com Jesus em Seu trono, nada mais resta a fazer por êle, Jesus venceu e agora regozija-se em dizer que, pela fato de ter vencido, assentou-Se com o Pai em Seu trono. Enquanto participa do trono do Pai Jesus é sumo-sacerdote do Seu povo.

A promessa de assentar-se no Seu trono, não significa que todos os vencedores se assentarão no mesmo trono onde Êle se há de assentar como Rei coroado, mas que participarão de Seu reino e poder, fato que há de ocorrer durante o milênio quando dÊle receberão poder para, assentados em tronos, julgarem os ímpios recalcitrantes. Devem os laodicenses ter em alta conta a sublime promessa, e a ela se apegarem para vencerem a mornidão, a indiferença e a presunção de falsa riqueza para poderem triunfar com Cristo e participar de Seu trono. "Conta-se que Vasco da Gama teve um dia de sufocar uma revolta da marinhagem. Para dominar a perigosa revolta, Vasco da Gama não discutiu, mas lançou ao mar as bússolas e cartas de marear, e, apontando para a longínqua Índia, disse apenas: Êste é o rumo, agora o piloto é Deus'".[1]) E' isto o que devem fazer os cristãos de Laodicéia — vencer a revolta da carne contra o direito divino. Devem jogar ao longe a bússola da pretensão e as cartas da justiça própria. Urge que tomem como piloto o Deus Filho que bate em seus corações, e então, com segurança, chegarão à gloriosa terra prometida que buscam.

"QUEM TEM OUVIDOS, OUÇA O QUE O ESPÍRITO DIZ ÀS IGREJAS"

Pela derradeira vez o Espírito fala à igreja de Deus. Sua voz estende-se por todo o período desta última igreja como se estendeu a cada um dos seis inteiros períodos anteriores. Se os crentes de Lao-

dicéia fizerem ouvidos moucos à voz do Espírito de Deus, e não derem importância às Suas advertências exaradas em sua carta, têm então pecado contra o Espírito Santo, e não lhes restará esperança alguma de salvação em Cristo. Em atender â voz de amor da terceira pessoa da Trindade que lhes fala em nome de Deus e de Seu Filho, estará a segurança dêles todos.

CAPÍTULO IV

A MAJESTADE DA CÔRTE DO UNIVERSO

INTRODUÇÃO

Êste capítulo, que é um dos menores do livro do Apocalipse, contém uma visão da côrte e do trono de Deus. A Majestade do Todo-poderoso e a vigilância absoluta dos Seus domínios são evidentemente manifestos, e o Espírito Santo, a grande fôrça do Seu govêrno universal, é apresentado em forma simbólica de poder inigualável. E a graça infinita do incomensurável amor de Deus pelo homem é também solenemente representada no cenário da visão.

Esta pequena visão, que é um vislumbre apenas da indiscritível glória e do poder do Eterno, deve levar-nos a unir-nos com os que O rodeiam em sua côrte, na honra, na veneração e no respeito que Lhe são tributados.

UMA PORTA ABERTA NO CÉU

VERSO 1 — *"Depois destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no céu: e a primeira voz que como de trombeta ouvira falar comigo, disse: Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer".*

"DEPOIS DESTAS COISAS"

"Depois destas coisas", isto é, das anteriormente reveladas e descritas nos três primeiros capítulos, uma nova visão é apresentada ao profeta, que abrange outros três capítulos — o quarto, o quinto e o sexto.

"E EIS QUE ESTAVA UMA PORTA ABERTA NO CÉU"

Em sua primeira visão João vê a Jesus como Sumo-Sacerdote oficiando no primeiro compartimento do santuário. No início desta nova visão, vê êle "uma porta aberta no céu" que só podia ser a porta de acesso ao segundo compartimento do santuário; isto é comprovado pelo relato dêste quarto capítulo, cuja encenação é, em verdade, a do segundo compartimento onde está a côrte de Deus. Portanto, esta segunda visão desenrolou-se no lugar santíssimo do santuário, enquanto a primeira se desenrolou no lugar santo.

UMA VOZ "COMO DE TROMBETA"

Esta voz “de trombeta", “como a voz de muitas águas", já falara ao profeta na primeira visão. Esta mesma voz fêz-se ouvir no passado ao profeta Daniel, “como a voz duma multidão”. Esta não é a voz de Deus falando ao homem. Na verdade o Todo-poderoso não se entende pessoalmente com o mortal, desde que êste se tornou um pecador. Mas é a voz, como testificam as profecias de Daniel e do Apocalipse, do Filho de Deus, por meio de quem Êle somente se entende com o homem caído em estado de pecado.

Tão solenes eram as cenas que o profeta devia ver e seguir, que o próprio Filho de Deus achou por bem mostrar-lhe, pessoalmente, pois, tratavam-se de cenas ligadas à côrte incluso mesmo o trono do Eterno Pai. “Sobe aqui, mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer”, isto é, não depois de se haverem cumprido as “coisas” que já vira, mas, como diz uma outra versão, as “que devem suceder depois destas” ou depois das que já contemplara.

O ETERNO EM SEU TRONO

VERSOS 2-3 — *“E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava pôsto no céu, e um assentado sôbre o trono. E o que estava assentado era, na aparência, semelhante à pedra jaspe e sardônica; e o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante à esmeralda”.*

"E EIS QUE UM TRONO ESTAVA PÔSTO NO CÉU"

Ao ser novamente arrebatado em espírito, segue-se que o profeta foi envolvido por uma nova ou segunda visão.

O trono de Deus é a primeira apresentação da nova visão. Eis o único trono que permanece pelos séculos eternos.1) Os tronos dos homens, na terra, são instáveis, passageiros e perecíveis. Mas, o trono de Deus, figura de Seu governo no universo, é imperecível porque está fundamentado na justiça e no juízo.2) Segundo o profeta Ezequiel, o trono de Deus é de “safira”, pedra preciosa de côr azul-brilhante.3)

"E UM ASSENTADO SÔBRE O TRONO"

Ao profeta não foi permitido contemplar o Eterno assentado em Seu trono. Nenhuma tentativa é feita para descrever o indescritível Ser, “a quem nenhum dos homens viu nem pode ver”, que “habita na luz inascessível” ao mortal. Embora isto, foi ao profeta permitido ver, ao menos, a glória de Deus, que êle descreve como as pedras preciosas — jaspe e sardônica. O jaspe é transparente e resplandescente, um silex (duro), existindo de várias côres: — branco,

vermelho, marrom, amarelo, verde, cinza, opaco, roxo e prêto. A sardônica é de uma variedade parda ou vermelho-sanguíneo da calcedônia. Como se trata da glória de Deus, temos no jaspe e na sardônica os emblemas das vestes da realeza do Rei do universo, que são, é bem de ver, o branco e o vermelho-purpúreo.

"E O ARCO CELESTE ESTAVA AO REDOR DO TRONO"

O profeta Ezequiel, descrevendo o arco-celeste contemplado numa visão que teve do trono e da glória de Deus, diz: "Como o aspecto do arco que aparce na nuvem no dia da chuva, assim era o aspecto do resplandor em redor".[1])

As sete côres do espectro solar divisadas no arco-íris, são, em sua ordem de cima para baixo, as seguintes: "Vermelha, alaranjada, amarela, verde, azul, anilada e violeta". S. João não descreveu as côres do arco-íris como Ezequiel, mas, limitou-se a dizer que seu aspecto era semelhante "à esmeralda". A esmeralda é uma pedra preciosa de uma bela côr verde-transparente. O verde é a côr mais recreativa ao olhar, razão por que predomina na natureza. No arco-íris, a côr verde é a côr central, pelo que na visão predominou mais à vista do profeta, daí ter dito que o "arco-celeste" "parecia semelhante à esmeralda".

Como emblema da graça de Deus, a forma do arco-íris indica que a divina graça não se circunscreve a uma limitada porção do mundo, mas que o abraça inteiramente, e em suas sete belas côres deparamos a evidência da perfeita e abundante graça que alcança o pecador.

A primeira vez que o arco-íris surgiu nas nuvens, foi depois do dilúvio. "Para que não acontecesse que a acumulação de nuvens e queda da chuva enchessem os homens de um terror constante, proveniente do mêdo de um outro dilúvio, o Senhor animou a família de Noé com a promessa: "Eu convosco estabeleço o Meu concêrto,... não haverá mais dilúvio para destruir a terra... O Meu arco tenho pôsto na nuvem; êste será por sinal do concerto entre Mim e a terra. E acontecerá que, quando Eu trouxer nuvens sôbre a terra, aparecerá o arco nas nuvens... E Eu o verei, para Me lembrar do concêrto eterno entre Deus e tôda a alma vivente'".[2])

"No céu, uma semelhança do arco-íris rodeia o trono, e estende-se como uma abóbada por sôbre a cabeça de Cristo". "Quando o homem pela sua grande impiedade convida os juízos divinos, o Salvador, intercedendo junto do Pai em seu favor, aponta para o arco nas nuvens, para o arco celeste em redor do trono e acima de Sua cabeça, como sinal da misericórdia de Deus para com o pecador arrependido".[3])

"O arco-íris da promessa, que circunda o trono no alto, é um perpétuo testemunho de que 'Deus amou o mundo de tal maneira

que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquêle que nÊle crê não pereça, mas tenha a vida eterna'. Êle testifica perante o universo que Deus nunca abandonará Seu povo na luta com o mal. Enquanto durar o próprio trono de Deus, é para nós uma garantia de fôrça e proteção".[1])

"Assim como o arco nas nuvens resulta da união da luz solar e da chuva, o arco acima do trono de Deus representa a união de Sua misericórdia e justiça".[2]) E' a junção da justiça com a misericórdia e desta com aquela que torna a salvação abundante e completa. A justiça de Deus é representada por Sua lei, que eleva Seu trono, e a Sua misericórdia pelo arco-íris que circunda Seu trono. Daí o caráter do Rei do universo representado nestas duas grandes virtudes: Justiça e misericórdia.

"O arco-íris rodeia o trono como uma segurança de que Deus é verdadeiro, que nÊle não há mudança nem sombra de variação. Temos pecado contra Êle, e somos indignos de Seu favor; contudo, Êle mesmo pôs em nossos lábios a mais maravilhosa das súplicas: 'Não nos rejeites por amor de Teu nome; nem abatas o trono da Tua glória: lembra-Te, e não anules o Teu concêrto conosco'[3]) Quando viemos a Êle confessando nossa indignidade e pecado, Êle se tem comprometido a atender nosso clamor. A honra de Seu trono está empenhada no cumprimento da salvação que nos tem dado".[4]) "Pela fé olhemos sôbre o arco-íris em tôrno do trono, a nuvem de pecados confessados atrás dêle. O arco-íris da promessa é uma segurança a tôda alma humilde, contrita e crente, de que sua vida é uma com Cristo, e de que Cristo é um com Deus. A ira de Deus não cairá sôbre a alma que procura refúgio nÊle. Deus mesmo declarou: 'Quando Eu vir o sangue, passarei sôbre vós'. 'O arco estará na nuvem; e Eu olharei a êle, para que Me lembre do concêrto eterno'"[5])

Em várias partes das Sagradas Escrituras é referido que Jesus, ao vir segunda vez à terra, virá nas nuvens do céu. E porque há de vir Êle nas nuvens? Simplesmente para que a nuvem reflita o arco-íris da sua incomensurável graça. Os que O esperam verão o arco-íris celeste e alegrar-se-ão com indizível alegria. Sim, por certo será "ouvida pelo povo de Deus uma voz clara e melodiosa, dizendo: 'Olhai para cima; e, levantando os olhos para o céu, contemplam o arco da promessa'.[6]) Glorioso dia será aquêle que o fiel povo de Deus'".

OS VINTE E QUATRO ANCIÃOS

VERSO 4 — *"E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sôbre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestidos brancos; e tinham, sôbre suas cabeças coroas de ouro".*

QUEM SÃO OS VINTE E QUATRO ANCIÃOS?

Ninguém mais do que êles mesmos poderá dizer quem êles são. No capítulo seguinte temos o testemunho deles próprios assegurando terem sido comprados pelo sangue do Salvador. Com isto testificam que viveram nesta terra. No nosso texto, aparecem com vestes brancas e coroas de ouro, insígnias de vitória em tremendo conflito que só poderiam ter travado na terra, e vitória que só aqui poderiam ter alcançado.

Êstes vinte e quatro anciãos ressuscitaram com Cristo do sepulcro. "Quando Cristo ressurgiu, trouxe do sepulcro uma multidão de cativos. O terremoto, por ocasião de Sua morte, abrira-lhes o sepulcro e, ao ressuscitar Êle, ressurgiram juntamente. Eram os que haviam colaborado com Deus, e que à custa da própria vida tinham dado testemunho da verdade. Agora deviam ser testemunhas dAquele que os ressuscitara dos mortos". "Aquêles, porém, que ressurgiram por ocasião da ressurreição de Cristo, saíram para a vida eterna. Ascenderam com Êle, como troféus de Sua vitória sôbre a morte e o sepulcro.[1]) Êstes, disse Cristo, não mais são cativos de Satanás. Eu os redimi. Trouxe-os da sepultura como as primícias de Meu poder, para estarem comigo onde Eu estiver, para nunca mais verem a morte nem experimentarem a dor.

"Êstes entraram na cidade e apareceram a muitos, declarando: Cristo ressurgiu dos mortos, e nós ressurgimos com Êle.[2]) Assim foi imortalizada a sagrada verdade da ressurreição. Os ressurgidos santos deram testemunho da veracidade das palavras: 'Os Teus falecidos viverão; juntamente com o Meu cadáver êles se levantarão'"[3]) "Êles foram escolhidos dentre os santos de cada século, desde a criação até mesmo aos dias de Cristo. Assim é que, enquanto os chefes judaicos procuravam ocultar a realidade da ressurreição de Cristo, Deus fêz levantar um grupo dos seus sepulcros para testificar que Jesus ressuscitou e, também, declarar a Sua glória".[4])

POR QUE SÃO EM NÚMERO DE VINTE E QUATRO?

Os que com Cristo ressuscitaram e com Êle ascenderam ao céu contam uma multidão. Mas apenas vinte e quatro dentre êles rodeiam o trono. Por que somente vinte e quatro dêles foram assim distinguidos e honrados? A resposta acha-se no capítulo seguinte no que respeita ao ofício dêstes anciãos no santuário celestial.

OS SETE ESPÍRITOS DE DEUS

VERSO 5 — *"E do trono saíam relâmpagos, e trovões, e vozes, e adiante do trono ardiam sete lâmpadas de fogo, as quais são os sete Espíritos de Deus".*

RELÂMPAGOS, TROVÕES E VOZES

Vemos aqui diversas maneiras de Deus fazer-Se ouvir pelos mortais. Pelos relâmpagos, manifesta o Seu poder visível; pelos trovões, o Seu poder audível; e, pelas vozes, o Seu poder perceptível à consciência. No monte Sinai, ao entregar Deus Sua lei ao Seu povo, êste mesmo quadro — relâmpagos, trovões e vozes — manifestou a Sua presença.[1]) O mais acertado, é dar o mortal a devida atenção à múltipla voz de Deus falando a êle, para que mais tarde não tenha que arrepender-se em vão.[2])

"OS SETE ESPÍRITOS DE DEUS"

Não devemos confundir as sete lâmpadas de fogo que representam o Espírito Santo com os sete castiçais que representam as sete igrejas. Não há identidade entre castiçais e lâmpadas. Castiçais não são lâmpadas como lâmpadas não são castiçais. Todavia um castiçal serve como pedestal ou como velador para pôr em evidência uma lâmpada. As sete lâmpadas de fogo, desta segunda visão, deviam ter sido vistas pelo profeta nos sete castiçais que êle vira em sua primeira visão. Mas ao descrever anteriormente apenas os sete castiçais, alude à igreja em si mesma. Agora, porém, vê o Espírito Santo ardendo na igreja simbolizada nos sete castiçais.

Os sete Espíritos de Deus, que o profeta menciona quatro vêzes no Apocalipse, estão representados nas sete lâmpadas diante do trono de Deus. O número sete, com relação ao Espírito, não indica que Deus tenha sete Espíritos. Em parte alguma do Velho ou do Novo Testamentos lemos de Sete Espíritos de Deus a não ser nos símbolos do Apocalipse. Símbolos são apenas símbolos ilustrativos e não realidades. O número sete é o número perfeito, que forma um todo, uma plenitude. Várias vêzes encontramos êste número nas profecias do Apocalipse, sempre apresentando um fato ou um acontecimento em seu todo. Os "Sete Espíritos de Deus", representam o Espírito Santo na plenitude de Sua ação e poder. As lâmpadas que O simbolizam num todo, são fogo e luz ao mesmo tempo. O fogo é emblema de poder; e, a luz, emblema de sabedoria. Daí a visão apresentar o Espírito Santo na plenitude de poder e da sabedoria divina celestiais. O modo do Espírito Santo distribuir êste Seu poder e esta Sua sabedoria é demonstrado também através de outros símbolos. Por exemplo, Êle é figurado como óleo, rio, chuva, fermento, sal, muralha de fogo, vento. etc. Ora, em todos êstes símbolos concentram-se realmente sabedoria e poder distribuídos aos filhos de Deus. O fogo representa também calor, o calor do Espírito Santo para manter a igreja na temperatura espiritual que ela sempre deverá manifestar. E a luz, que contém raios benéficos curativos, bem revela a ação benéfica do Espírito Santo em sarar as enfermidades da alma e da igreja.

O Espírito Santo é a terceira Pessoa da Trindade divina. É o maior dom por Cristo solicitado do Pai para Seu povo. É o maior poder de que o céu dispõe e pôs ao alcance do povo do Senhor. Mas, estará Êle sendo procurado e usado em Sua plenitude? Uma pessoa visitou certa vez uma grande usina elétrica. A reprêsa desta tinha cêrca de dois quilômetros de comprimento. Perguntou ela ao guia: "Qual a porcentagem da fôrça dêste rio aproveitada e transformada em eletricidade e quanto se perde?" O guia sacudiu a cabeça e respondeu: "Não usamos a centéssima parte de sua fôrça".1) O poder do Espírito Santo que Deus pôs à disposição dos Seus é imenso. O Senhor não Se agrada de que êste poder seja usado em tão diminutas proporções como o potencial daquele rio por cujo símbolo Êle também é revelado. Êle quer que Seu poder seja empregado em Sua plenitude máxima.

O Espírito Santo é o legítimo e único representante de Cristo na terra e em meio de Sua igreja.2) Encerra todos os recursos do céu dispensados aos escolhidos de Deus e de Seu Filho. E' o poder que convence "o mundo do pecado, da justiça e do juízo".3) Êle é o Consolador, o Espírito de Verdade, o Mestre por excelência e o Guia seguro prometido por Cristo aos Seus amados seguidores.4) Êle também ajuda o pecador em suas petições a Deus e por êle intercede "com gemidos inexprimíveis".5)

E' o Espírito Santo que opera o novo nascimento na vida do pecador;6) que o santifica, dignifica, eleva e enobrece.7) Depois, então, do novo nascimento do Espírito Santo, a pessoa, qual árvore de justiça, produzirá na sua vida os múltiplos frutos do Espírito.8) Assim a pessoa regenerada ouve de contínuo a Sua voz para andar no caminho que deve andar.9)

O imenso poder do Espírito Santo é dado a quem o pedir, declarou Jesus.10) Porém, só os que a Deus obedecem têm o direito de pedi-lo para o receberem.11) Tão abundantemente deseja Jesus conceder o Seu Espírito como um caudaloso rio que corre ininterruptamente.12) A necessidade do Espírito Santo jaz no fato de não podermos adorar a Deus a não ser por Seu intermédio.13) Porém, o maior perigo é o pecado contra o Espírito Santo. E' o pecado imperdoável.14) E êste pecado consiste em resistir constantemente à voz de apêlo do Espírito para uma aceitação da verdade do evangelho, suas doutrinas e seus princípios. Quando o Espírito Santo não mais faz ouvir a Sua voz apelativa, na consciência, é porque Seu esforço pelo indivíduo cessou; êle pecou contra a terceira pessoa da Trindade desatendendo constantemente a Sua voz. Assim fêz a nação judaica concernente a Cristo e o evangelho. Foram os guias judeus acusados mesmo de resistirem o Espírito Santo.15)

O conselho das Sagradas Escrituras a nós é não entristecermos o Espírito Santo.16) Não devemos endurecer os nossos corações à Sua voz.17) Consintamos que Êle nos purifique, santifique e nos

guie nesta vida, embora haja lutas e contratempos a enfrentar. Sem Sua direção pereceremos infalivelmente.

AS QUATRO CRIATURAS VIVENTES

VERSOS 6-8 — *"E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal. E no meio do trono, e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos, por diante e por detrás. E o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e tinha o terceiro animal o rosto como de homem e o quarto animal era semelhante a uma águia voando. E os quatro animais tinham, cada um de per si, seis asas, e ao redor, e por dentro, estavam cheios de olhos; e não descansavam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, que era e que é, e que há de vir".*

O MAR DE CRISTAL

Êste mar, referido também no capítulo quinze, onde no futuro estarão os inúmeros vitoriosos sôbre os poderes do mal, deve ser um vasto espaço diante do trono de Deus; tão maravilhoso é êle que o profeta comparou ao transparente e custoso cristal. Conceda-nos Deus a Sua graça, para que um dia possamos estar sôbre êle, contemplá-lo e avaliá-lo de viva vista.

AS QUATRO CRIATURAS VIVENTES

Sôbre quatro criaturas viventes repousa o trono de Deus, pelo que elas assim estão no meio e ao redor do trono, com seus rostos voltados para as suas bordas. Ezequiel diz que as "quatro criaturas viventes" são "anjos querubins".[1]) As características dêstes querubins são emblemas do caráter do trono de Deus ou do Seu govêrno universal. A vigilância do Seu govêrno sôbre Seus ilimitados domínios, é manifesta plenamente pelo número incomum de olhos — ao redor e por dentro — que têm os quatro querubins. E' isto demonstração de que o govêrno de Deus, sôbre milhões de milhões de mundos habitados, não está acéfalo no abandono, mas sob vigilância e cuidado perfeito do Todo-poderoso.

O que mais se salienta nas quatro criaturas ou querubins são as semelhanças que aparentam ter. A visão de Ezequiel dá-nos detalhes que S. João não nos dá destas criaturas-querubins. O profeta do Velho Testamento diz que cada uma tinha quatro rostos: rostos de homem, de leão, de boi, e de águia, e que tinham também a aparência de "ardentes brasas de fogo, como a de labaredas". O movimento das asas das quatro criaturas era "como o ruído de grandes águas, como a voz do Todo-poderoso, o ruído de tumulto como o ruído de um exército".

Os quatro rostos das criaturas viventes prendem acima de tudo a nossa atenção. Rostos de leão, de novilho, (ou de boi) de homem e de águia. No leão, temos a figura da majestade e poderio incomparáveis; no novilho (ou boi), temos o emblema do serviço e sacrifício; no homem, a imagem da sapiência e retidão; na águia, a insígnia da contemplação panorâmica, da perspicácia e das atenções imediatas.

Também encontramos vestígios dos emblemas das quatro criaturas nas quatro divisões das tribos do antigo Israel. Cada uma destas quatro divisões tinha uma tribo líder e sua bandeira.1) Judá era a tribo líder da primeira divisão, cuja insígnia de sua bandeira era um leão,2) sendo de Jesus dito que Êle é o "Leão da tribo de Judá". Sendo assim, Rubem, que era a segunda tribo na liderança, devia ter em sua bandeira um bezerro (ou boi); Efraim, que era a terceira, devia ter um homem; e, Dan, que era a quarta, a de uma águia voando.

As quatro criaturas demonstram estarem também ligadas aos quatro característicos de Jesus, apresentados nos quatro evangelhos que relatam a sua vida pública terrena. Mateus começa seu evangelho com a genealogia, demonstrando os direitos de Jesus ao trono de Davi, e, portanto, O apresenta como Rei ou o Leão. Marcos O apresenta como Servo ou o novilho (ou boi). Lucas vê em Cristo o lado que mais fala ao espírito do homem, e O apresenta, portanto, como homem. Para João Jesus é o Filho de Deus e igual a Deus, apresentando-O assim como uma águia nas supremas alturas.

O TEMA ININTERRUPTO DAS QUATRO CRIATURAS VIVENTES

Em primeiro lugar é dito que têm seis asas, vendo Ezequiel que "corriam (ou voavam), e tornavam, à semelhança dos relâmpagos". O tema, de dia e de noite destas criaturas "é um tributo à honra da Majestade do que Se assenta sôbre o trono: "Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, Todo-poderoso, que era, e que é, e que há de vir". Às Suas honras ao Criador associam-se os serafins acima do trono, vistos na visão de Isaías.3) E com êles associam-se milhões de milhões de anjos em torno do trono, fazendo também ouvir suas vozes em tributo de honra ao que vive para todo o sempre. A maneira como João descreve a visão, dá-nos uma precisa idéia de como os sêres da divindade encaram o poder do Rei do universo. Feliz seria o mundo se se associasse com ela na exaltação do Criador e único Potentado.

A ATITUDE DOS VINTE E QUATRO ANCIÃOS

VERSOS 9-11 — *"E, quando os animais davam glória, e honra ações de graças ao que estava assentado sôbre o trono, ao que vive para todo o sempre, os vinte e quatro anciãos prostravam-se*

diante do que estava assentado sobre o trono, e adoravam o que vive para todo o sempre; e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo: Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque tu criaste tôdas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas".

Os vinte e quatro anciãos não podiam ficar indiferentes ao tributo de louvor e honra dos anjos ao Eterno Rei. Adoram a Deus, lançam suas coroas diante do Seu trono, e O louvam como "digno" de "receber glória, e honra, e poder", porque Êle tudo criou e tudo mantém.

No céu, Deus é adorado como Criador de tôdas as coisas. Na terra, ensinam os homens e um grande número de pretensos teólogos cristãos que a criação é o produto de si mesma pelo processo da evolução. Êste espúrio ensino que tira de Deus a honra de Criador dos céus e da terra, está aumentando o número de apóstatas e causando grandes malefícios à verdadeira doutrina do criacionismo ensinada no Gênesis e em tôdas as Escrituras Sagradas. Porém, o são cristianismo abjura esta reprovável teoria ateística, infiltrada sorrateiramente pelo cristianismo-pagão no mundo-cristão.

CAPÍTULO V

UM LIVRO SELADO COM SETE SELOS

INTRODUÇÃO

Êste novo capítulo encerra a continuação da visão precedente, no lugar santíssimo do santuário celestial. O tema que êle apresenta é um livro selado com sete selos. Uma só pessoa, em todo o universo de Deus, foi achada digna de abrir o livro e remover os seus sete selos.

Ao ter sido encontrada a pessoa digna, denominada de "Leão da Tribo de Judá", a divindade e tôda a criatura, na vastidão universal sem fim, prorrompeu uníssona num côro inigualável e numa gloriosa tributação de louvor e honra ao Todo-poderoso e a Seu Filho, o cordeiro que ia abrir o livro e desatar os seus sete selos.

UM LIVRO NA DESTRA DE DEUS

VERSO 1 — *"E vi na destra do que estava assentado sôbre o trono um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos".*

O livro que estava na mão de Deus não tinha a forma dos livros como hoje conhecemos. Tôda vez que as Escrituras Sagradas se referem a livros, sempre aludem a rolos escritos em papiro ou pergaminho. O livro visto na mão de Deus estava escrito "por dentro e por fora". Alguns comentadores opinam que a vírgula devia, por razão, ser colocada depois da palavra "dentro", lendo-se então a frase: "Um livro escrito por dentro, e por fora selado". Entretanto, "algumas vêzes os rolos eram escritos de ambos os lados, e a maneira em que isto era feito é também explanada por um moderno viajante, que viu dois antigos rolos dêste gênero na Síria, que narraremos em suas próprias palavras: 'No mosteiro', diz Mr. Hartley, 'observei dois belos rolos originais, contendo a liturgia de S. Crisóstomo e que os gregos atribuiam a S. Tiago. Para ler você começa por desenrolar, e continua a ler e desenrolar, até enfim chegar à vareta em que o rolo está prêso; então você vira o pergaminho, e continua a ler do outro lado, rolando-o gradualmente até completar a liturgia'".[1])

Diante do exposto, não vemos razão para não aceitar que o livro que estava na mão de Deus era um rolo "escrito por dentro e por fora" ou de ambos os lados. O livro continha uma nova seqüência profética completa em sete partes, como no caso das sete

igrejas. Os selos não eram dispostos de modo que precisassem ser removidos para que o livro pudesse ser desenrolado a fim de ser revelado cada conteúdo a êle referente. Porém, o conteúdo de cada parte do livro estava totalmente coberto com o seu selo, podendo mesmo ser desenrolado todo o livro e ainda estar êle perfeitamente selado. Pois, como veremos no sexto capítulo, cada uma das sete partes do livro surgia *in totum* e imediatamente ao serem abertos os selos correspondentes.

UM DESAFIO AO UNIVERSO

VERSOS 2-4 — *"E vi um anjo forte, bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro, e de desatar os seus selos? E ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para êle. E eu chorava muito, porque ninguém fôra achado digno de abrir o livro, nem de o ler, nem de olhar para êle".*

Um preeminente e poderoso anjo lança ao universo inteiro um solene repto: "Quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos?". Note-se que o anjo não pergunta "quem é capaz" de abrir o livro e de desatar os seus selos", mas — quem é digno — de o fazer. Mas o universo inteiro quedou mudo diante do solene desafio. Ninguém se reconhecera digno nem mesmo de olhar para o maravilhoso livro.

O amado apóstolo, diante do silêncio do universo para êle incrível, chora copiosamente. Temeu que a igreja do Senhor ficasse privada de conhecer o conteúdo do livro selado. Seu coração se comoveu e abateu-se profundamente seu espírito. Seu zêlo por ser a igreja provida de maiores conhecimentos dos mistérios da redenção foi manifesto em pranto. Com suas lágrimas copiosas parece querer interferir junto de Deus para que não deixasse Seu povo na falta da revelação contida naquele livro. E o pranto do profeta diz-nos eloqüentemente que o Apocalipse foi regado com lágrimas em sua recepção. O livro continha uma revelação especial de Deus a Seu povo, e a êle não se dirige Deus por intermédio de qualquer ser, razão por que o universo se julgou indigno de o abrir.

Há um único Ser que é o Mediador entre Deus e o pecador, e somente Êle seria capaz de abrir o livro e desvendar seus segredos à igreja. As lágrimas do amado discípulo, porém, constituem um veemente apêlo a todos aquêles que foram investidos com as dignidades do santo ministério, para que não permitam faltar à igreja um conhecimento abundante das sublimes verdades a ela indispensáveis.

A PESSOA DIGNA DE ABRIR O LIVRO SELADO

VERSOS 5-7 — *"E disse-me um dos anciãos: Não chores: eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para*

abrir o livro e desatar os seus sete selos. E olhei, e eis que estava no meio do trono e dos quatro animais viventes e entre os anciãos um Cordeiro, como havendo sido morto, e tinha sete pontas e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados a tôda a terra. E veio e tomou o livro da destra do que estava assentado no trono".

O CONSÔLO DE UM DOS ANCIÃOS

O profeta estava banhado em lágrimas. Pois êle mesmo diz que "chorava muito", porque ninguém se apresentava para abrir o livro. Mas o seu pranto era o pranto dos "bem-aventurados" que são "consolados" com indizível consolo.[1])

Um dos vinte e quatro anciãos, que havia sido remido da terra e que tinha em seu coração a causa e a igreja de Deus no mundo, teve a alegria de enxugar as lágrimas do amado do Senhor. "Não chores", foi a frase inicial consoladora do ancião, expressiva de profunda ternura de quem compartilhava da aflição de um ente querido da família da terra à qual também pertencia.

"Não chores", dir-te-ei quem abrirá o livro e removerá os seus selos. Foi a providência de Deus que designou aquele ancião, dentre os circunstantes, para cientificar o profeta Quem e porque só Êle abriria o livro e removeria seus selos revelando seus mistérios.

O LEÃO DE JUDÁ E A RAIZ DE DAVI

Aqui temos um dos títulos do Salvador: "Leão da tribo de Judá". Por que Jesus é chamado Leão? Não ignoramos que o leão é o rei dos animais, o mais poderoso dêles e de todos o único invencível. Eis uma perfeita figura de Cristo. Pôsto que também tenha a natureza humana, ninguém O igualou em fôrça e poder. Êle triunfou e triunfará sôbre tôdas as forças do mal numa vitória total e esmagadora. Êle é, pois, o Leão invencível em Quem podemos confiar seguros de que a Seu lado triunfaremos infalivelmente.

Jesus é o "Leão da tribo de Judá" porque Êle procedeu desta tribo judia que se tornou afinal a tribo líder do povo de Deus, aliás, a primeira na ordem do Israel de Deus como vemos no Apocalipse. Mas Êle é também denominado: "Raiz de Davi". Ora a raiz é quem sustenta a planta, sabemos. E aqui vemos em Cristo o sustentáculo de Davi em sua posição como monarca de Israel. E é notável que o reino de Davi era o reino de Cristo mesmo sôbre Israel,[2]) um emblema do futuro reino de Cristo.[3]) E, ainda, o próprio Davi era uma figura profética de Cristo.[4])

"QUE VENCEU"

Estas palavras lembram uma espetacular vitória ganha num tremendo conflito. E quem ignora que Cristo triunfou heroicamente

na batalha contra Satanás, seus anjos e seus oponentes humanos? Sim, como Leão de Judá e Raiz poderosa de Davi, Êle venceu todos os Seus inimigos, e foi então capacitado "para abrir o livro e desatar os seus sete selos". Assim foi o profeta consolado em seu pranto, e alegrou-se em ver o seu Senhor amado revelar à Sua igreja as maravilhas daquele extraordinário livro.

"UM CORDEIRO, COMO HAVENDO SIDO MORTO"

Não necessitamos pensar muito para sabermos que Cordeiro é este da visão. "O Salvador é apresentado perante João sob os símbolos do 'Leão da tribo de Judá', e de um 'Cordeiro como havendo sido morto'. Êstes símbolos representam a união do onipotente poder e do sacrifício de amor. O Leão de Judá, tão terrível para com os desprezadores de Sua graça, será o Cordeiro de Deus ao obediente e fiel".[1])

Mas, o Cordeiro, como reza outra versão, estava "em pé". Não estava abatido pela morte mas triunfante sôbre ela. A frase: "Como havendo sido morto", refere-se ao passado. A cena tão somente lembrava o Seu sacrifício de amor pelo homem, na cruz. Os símbolos que seguem, testemunham do poder com que foi investido o Cordeiro, como uma nova evidência do Seu triunfo sôbre a morte e os potentados do mal.

"E TINHA SETE PONTAS E SETE OLHOS"

Novamente temos diante de nós o número sete que, como já vimos, representa um todo e uma unidade em sua plenitude. Com clareza que não deixa dúvida, é dito que o Cordeiro tinha "sete pontas e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados a tôda a terra". No capítulo anterior notamos a representação do Espírito Santo em forma de sete lâmpadas de fogo, emblemas de poder e sabedoria. Agora o mesmo Espírito é representado em "sete pontas e sete olhos". As sete pontas, são simbólicas da plenitude do Seu poder sôbre todos os poderes, que Cristo exerce nos céus e na ferra, por Seu Espírito Santo. Os sete olhos são figuras da vigilância completa que o Senhor exerce "por tôda a terra" através também de Seu Santo Espírito.[2]) Vemos assim que todo o poder do Onipotente Deus emana através de Cristo, Seu Filho. Cristo mesmo, ao ressuscitar, disse: "É-me dado todo o poder no céu e na terra".[3])

Dêste modo os homens são advertidos de que o poder pertence a Cristo e não a êles, e de que estão sob a Sua mais acurada vigilância em suas ações.

O CORDEIRO TOMA O LIVRO

Alguns têm ficado perplexos quanto a um Cordeiro poder tomar o livro da mão de Deus. As Sagradas Escrituras, no entanto,

estão repletas de símbolos designando poderes e personagens em ação ou indicando o que tais poderes e personagens iriam realizar. Assim, não eram os símbolos que iriam realizar o que êles representavam mas sim as personagens que êles figuravam.

O próprio Senhor Jesus é apresentado no Velho e no Novo Testamentos através de muitos símbolos, incluso o de Cordeiro. Quando lemos que Êle, como Cordeiro, tomou o livro, não imaginamos a ação executada propriamente por um Cordeiro, senão por Êle de quem o Cordeiro era símbolo. Só o Salvador era digno, nos céus e na terra, de tomar o livro selado e revelar o seu conteúdo a Seu povo amado.

O OFÍCIO DOS VINTE E QUATRO ANCIÃOS

VERSOS 8-10 — *"E, havendo tomado o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo todos êles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos. E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o Teu sangue compraste para Deus homens de tôda a tribo, e língua, e povo, e nação: e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e êles reinarão sôbre a terra".*

ASSISTENTES NO SACERDÓCIO DE CRISTO

Já consideramos estes vinte e quatro anciãos como remidos da terra e assuntos ao céu com Cristo. Agora é nos dito que tinham "salvas de ouro cheias de incenso que são as orações dos santos". Nisto êles se nos apresentam como assistentes no sacerdócio de Cristo no santuário celestial.

Quando estava em função o santuário terrestre, o sacerdócio compuha-se de um "sumo-sacerdote" e de muitos "sacerdotes" assistentes, cujo ministério era figura do de Cristo. Embora os sacerdotes assistentes tivessem várias responsabilidades no ritual — como oferecer incenso, dispor as ofertas sacrificais e de manjares, etc. — a intercessão era feita únicamente pelo sumo-sacerdote, no lugar santíssimo. Enquanto esta intercessão, porém, era realizada pelo sumo-sacerdote, no lugar santíssimo e no dia anual da expiação os sacerdotes comuns, seus auxiliares, nada realizavam no santuário. O ofício dêles era diário e não anual. O mesmo verificamos no ministério do santuário celestial tipificado pelo terrenal. Cristo, o Sumo-sacerdote, é ali o único intercessor no grande dia da expiação que tomou início no ano de 1844. Disto é evidente que os vinte e quatro anciãos, seus auxiliares, não têm nenhum trabalho a realizar. A razão por que compreendem o número de vinte e quatro, encontramos na distribuição do sacerdócio elaborada por Davi em vinte e quatro turmas sacerdotais.1) Davi era, como já foi dito, uma figura

de Cristo, e o sacerdócio de Cristo está em harmonia com a organização sacerdotal por êle elaborada. E' notável o fato de a profecia mencionar que os vinte e quatro anciãos tinham salvas com incenso e não que tinham incensários com incenso. O incenso só é oferecido, no lugar santíssimo, que é o teatro da visão de 1844 até ao fim, pelo Sumo-sacerdote. Êles, porém, tinham provisões de incenso para o ofício do Sumo-sacerdote em favor dos santos. Parece termos aqui que êles proviam o incenso para uso do Sumo-sacerdote no santíssimo, como o faziam os sacerdotes comuns do santuário terrestre.

O NOVO CÂNTICO DOS VINTE E QUATRO ANCIÃOS

O novo cântico acompanhado do toque de suas harpas é uma expressão da experiência da salvação que em Cristo auferiram. E' isto o que diz outra versão: "Porque foste morto, e nos resgataste para Deus com o Teu sangue, de toda a tribo, e língua, e nação".1) De que tribo ou povos eram êles, não sabemos. Apenas somos informados de que eram santos cooperadores com Cristo, de cada século desde o princípio do mundo. No novo cântico expressam também que foram feitos reis e sacerdotes. O sacerdócio de Cristo, no qual tomam parte, é em face do reino da graça, um sacerdócio real.2) São, portanto, reis, do reino da graça, aliás, tanto mais que estão assentados em tronos onde só reis podem assentar-se. E o cântico dêles finda com esta declaração: "E reinaremos sôbre a terra". Tornar a esta terra com Cristo e com Êle e a família de Deus remida reinarem eternamente num reino de paz e amor é a esperança dos vinte e quatro anciãos.

Cada cristão que na terra vive não deveria ter menor esperança do que reinar com seu Salvador na terra, eternamente. Mas, quantos cristãos estão pensando nos preparativos para o reino de Cristo?

A VOZ DE MILHÕES DE MILHÕES DE ANJOS

VERSOS 11-12 — *"E olhei, e ouví a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número dêles milhões de milhões, e milhares de milhares, que com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e fôrça, e honra, e glória, e ações de graças".*

UM MARAVILHOSO CANTO

Em tôrno da côrte universal milhões de milhões fazem ouvir as suas vozes, conjuntamente com os vinte e quatro anciãos, ao tomar O Cordeiro o rolo do livro. Imaginemos o que significa milhões de milhões de vozes soando uníssonas! Quão retumbante não fôra este

angélico canto no santuário de Deus! Enquanto os anciãos entoam uma sublime melodia expressiva da remissão em Cristo, os anjos santos, embora não experimentem o gôzo de serem remidos, por não terem caído de seu estado santo, contudo expressam a dignidade do Cordeiro em receber as mais altas honras dos céus e da terra.

O MINISTÉRIO DOS ANJOS

Os santos anjos têm um santo ministério a cumprir. Segundo as Escrituras Sagradas, são os anjos seres reais, corpóreos, os primeiros da criação universal de Deus. Certamente para o nosso bem, não nos tem Deus permitido vê-los. Êles foram criados com glória e poder acima do homem.[1]) Se necessário, movem-se numa velocidade acima da da luz.[2]) Magníficos em poder, são fiéis em cumprir as ordens do Criador.[3])

Inúmeras provas bíblicas há de que os anjos são sêres morais, corpóreos. Somos informados de que têm asas, e estas servem, é claro, para conduzir seus corpos no espaço. Êles comem, e isto é uma forte evidência de que possuem corpos.[4]) Isaías, por inspiração, fala nos seus rostos, nos seus pés e nas suas asas.[5])

Há entre os anjos categorias. Existem os chamados "querubins",[6]) "serafins".[7]) Outros são denominados "anjos da guarda".[8]) Um anjo bem conhecido por nome na terra é Gabriel, o anjo assistente de Deus.[9]) Há entre os anjos uma organização perfeita cujos textos citados ajudam-nos a entendê-la.[10])

Os anjos estão ligados com todo o interêsse ao plano da salvação do homem.[11]) Alegram-se indizìvelmente quando um pecador se converte, aceitando a Jesus como Salvador.[12])

Numerosas referências bíblicas há de que os anjos servem a favor dos que hão de herdar a salvação.[13]) Ló e sua família foram por êles salvos da destruição de Sodoma;[14]) guardaram a Jacó e sua família ao regressarem do Oriente;[15]) muitas vêzes, anjos manifestaram-se a Israel no deserto. Elias foi socorrido por anjos em sua aflição;[16]) Eliseu foi guardado de perecer, pelos anjos;[17]) Jerusalém foi protegida por um poderoso anjo;[18]) Daniel foi guardado uma noite inteira, por um anjo, na cova dos leões, em Babilônia;[19]) anjos libertaram os apóstolos da prisão;[20]) um anjo apareceu a Paulo quando em perigo de naufrágio.[21]) Os anjos estiveram ligados ao ministérios pessoal de Cristo na terra e muitas vêzes socorreram o Salvador.[22]) A inúmeras outras pessoas bíblicas foram os anjos enviados com mensagens especiais. Estão ainda hoje em franca atividade, protegendo os servos de Deus que hão de herdar a salvação. Dois fatos recentes, a seguir, ilustrarão suas atividades em nosso tempo.

Em primeiro lugar temos um notável incidente com o missionário Von Asselt, na ilha de Sumatra, no século passado, contado por êle mesmo como segue:

"Depois de me achar neste novo lugar por alguns meses, chegou a mim, vindo do distrito onde estivéramos anteriormente, certo homem que eu ali conhecera. Encontrava-me sentado na frente da casa, e êle sentou-se ao meu lado, e durante algum tempo estêve falando disto e daquilo. Afinal, saiu-se assim:

— Ora, *Tuan* (Mestre), tenho ainda um pedido.

— Qual é?

— Eu desejava ver de perto os seus guardas.

— De que guardas fala o senhor? Eu não tenho nenhum guarda.

— Refiro-me aos guardas que o senhor põe ao redor de sua casa durante a noite, para protegê-la.

— Mas eu não tenho guardas, disse eu novamente; possuo apenas um pastorzinho, e um cozinheirinho, e fracos guardas haviam de êles ser.

"O homem olhou-me então com incredulidade, como se quisesse dizer: 'Oh! não me queira fazer crer o contrário, pois eu sei bem'. Depois perguntou:

— Dá-me licença de olhar por tôda a sua casa, a ver se não estão escondidos aí?

— Sim, por certo, disse eu, rindo; pode procurar, não há de encontrar ninguém.

"Procurou por todos os cantos, mesmo pelas camas, mas voltou para mim muito desapontado. Então comecei eu próprio a fazer-Ihe uma espécie de inquérito, perguntando-lhe o que sabia acêrca desses guardas, de quem falava, e eis o que me relatou:

— Quando o senhor veio para o meio de nós, a princípio, *Tuan*, ficamos muito zangados contra o senhor. Não queríamos que viesse morar em nosso meio; não tínhamos confiança no senhor, e julgávamos que tivesse qualquer mau desígnio contra nós. Então nos reunimos e resolvemos matar o senhor e sua esposa. Assim, fomos noite após noite à sua casa; mas quando nos aproximávamos, ali estavam unidos em tôrno da casa, uma dupla fila de guardas com armas brilhantes, e não nos atrevíamos a atacá-los, para entrar na casa. Mas não queríamos abandonar nosso plano, de modo que fomos procurar um assassino de profissão (havia ainda entre os selvagens battakios, naquele tempo, uma especial corporação de assassinos, que matavam por salário, qualquer pessoa que se desejasse afastar do caminho), e perguntámos-lhe se queria matar o senhor e sua esposa. Êle riu de nós, por causa de nossa covardia, e disse: 'Não temo nenhum deus e nenhum demônio. Hei de passar com facilidade pelo meio daqueles guardas'. Então nos reunimos todos naquela tarde, e o assassino, brandindo sua arma em tôrno da cabeça, ia adiante de nós. Ao aproximar-nos de sua casa, deixámo-nos ficar para trás, e que êle fôsse sozinho. Dentro de pouco tempo, porém, êle voltou correndo, e disse: 'Não, eu não me atrevo a atravessar sòzinho; duas filas de homens, grandes e fortes lá estão,

bem unidos, ombro a ombro, e suas armas brilham como fogo'. Então desistimos de matá-lo. Mas, agora, diga-me, *Tuan*, quem são aqueles guardas? O senhor nunca os viu?

— Não, nunca os vi.

— E sua mulher, nunca os viu?

— Não, minha mulher nunca os viu.

— Todavia todos nós os vimos; como é isso?

"Entrei, então, e trouxe uma Bíblia, e abrindo-a diante dêle, disse:

Veja aqui; êste livro é a palavra de nosso grande Deus, onde Êle promete guardar-nos e defender-nos, e nós cremos firmemente nessa palavra; portanto, não precisamos ver os guardas. Mas os senhores não creem, e assim o grande Deus tem de mostrar-lhes os guardas, para que aprendam a crer".[1])

Durante a Segunda Guerra Mundial deu-se talvez o caso mais surpreendente da proteção de um anjo de Deus. Um pastor nativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia, do Arquipélago da Melanésia, das Ilhas Salomão, recebe, da direção da denominação, a alta incumbência da direção de todo o trabalho naquelas ilhas do oceano Pacífico, ao terem de se retirarem os missionários estrangeiros.

Entretanto, Kata Ragoso, o pastor nativo que agora encarava com seriedade "seus deveres materiais e espirituais", que sôbre seus ombros pesavam, foi levado, em virtude dos mesmos deveres, a entrar "logo em conflito com certo oficial" japonês "que lhe ordenara fazer algo contrário à consciência. Não sendo atendida a intimação, foi o chefe nativo recolhido ao cárcere. Agravou-se a situação. O inimigo avançava. O oficial ficara furioso porque Ragoso persistia em se recusar a assumir certa atitude que supunha conseguir facilmente de um humilde nativo. Afinal foi o prêso amarrado e impiedosamente açoitado. O militar pretendia, agora que o prisioneiro se esvaía em sangue, uma absoluta submissão. Ao ouvir mais uma intimação, olhando ao militar bem nos olhos, Kata Ragoso respondeu calma e resolutamente que sentia muito, porém a consciência cristã não lhe permitia obedecer.

"Irado, o oficial saca do revólver e fere o prêso na cabeça, espanca-o cruelmente e prostra-o inconsciente. Só mesmo a intervenção de outro oficial evitou que a violência prosseguisse até a morte do inocente. Recobrados os sentidos foi novamente a vítima intimada a cumprir as ordens. Como a resposta continuasse em negativa inflexível, o oficial, ardendo em cólera, decidiu que Ragoso fôsse finalmente fuzilado.

"Formou-se o pelotão que executaria a sentença. Calmo e despreocupado lá estava um homem de porte cortês, olhar claro e suave, espírito abnegado e caráter nobre. Foi a vítima amarrada ao poste de execução. Era notável em Kata Ragoso um semblante que irradiava serenidade. Seus lábios se moviam ligeiramente. Ali estava a

oração, única arma que o cristão de hoje trocara pelas outras do canibal de ontem.

"De fuzis apontados para o coração do condenado, os soldados aguardavam apenas a clássica contagem — um, dois, três — para darem aos gatilhos. Houve silêncio e a ordem começou: Um! Dois Tr ...

"Entretanto, a palavra fatal — o três — não pôde ser pronunciada. Engastalhou misteriosamente na garganta do oficial. Sua confusão era visível e os comandados, desviando agora a vista da mira, voltaram a olhar para a bôca do superior, buscando ouvir o complemento da ordem. E embaraçado começou nervosamente: Um! Dois! Tr...

"A língua tornara a trair-lhe a vontade, recusando pronunciar a curta palavra suficiente para eliminar uma vida. Algo misterioso estava ocorrendo. Kata Ragoso, firme como uma estátua, aguardava a morte. Ela não chegava porque os tiros não eram disparados; estes não eram disparados porque faltava uma palavra; esta não era articulada porque o comandante era incapaz de pronunciá-la! Um mistério que não podiam explicar.

"Então atônito, quase em desespêro, fazendo um esforço ingente para gritar, o oficial recomeçou: Um! Dois!...

"Agora havia ocorrido algo diferente: perdeu completamente a fala. O espanto apossou-se das testemunhas do fuzilamento e dos comandados. As armas foram baixadas e todos ficaram perplexos. O superior perdera a fala e deixou o local. Ficou mudo um dia e meio. Ragoso foi levado de novo para a prisão".

Os nativos cristãos, das Ilhas Salomão, convocaram uma reunião em que tratariam do caso de Ragoso. "Decidiram que certa noite, quando a lua começasse a iluminar as montanhas, todos — homens, mulheres e crianças — na mesma hora, deveriam orar pedindo a interferência do céu em favor do amado chefe, injustamente condenado à morte, injustamente prêso. E no tempo aprazado, quando a lua lançava seus poéticos raios de luz sôbre os elevados montes daquela região, um vulto desconhecido começou a se mover no cenário da noite, levando um molho de chaves. Ninguém o conhecia. Era alto e imponente. Caminhou calmamente para o presídio sem ser impedido. Abriu a porta da prisão e depois chamou em voz alta: RAGOSO!

"O prisioneiro atende e vai ao encontro do desconhecido. Saíram juntos. O cárcere foi fechado e o misterioso personagem pega de Kata Ragoso pelo braço e o conduz a salvo a uma praia distante. Ao chegarem perto da água, parou e disse haver uma canoa não longe dali, que o chefe nativo poderia usar para regressar em paz ao lar.

"Com efeito, lá estava um excelente barco e seus remos. Entretanto, voltando-se Ragoso para apertar a mão e dizer algumas

palavras de profunda gratidão ao seu providencial libertador, notou que êle desaparecera. Ninguém jamais tornou a vê-lo".[1])

Êste incidente é altamente comprobatório, conjuntamente com o anterior referido, que ainda, mesmo em pleno século XX, Deus tem ordenado a Seus anjos que salvem seus escolhidos fiéis de perigos que ameaçam as suas próprias vidas. Vemos nestes dois casos citados a repetição de tantos salvamentos efetuados pelos anjos de Deus em todo o passado.

O UNIVERSO EM DELÍRIO

VERSOS 13-14 — *"E ouvi a tôda a criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a tôdas as coisas que nêles há, dizer: Ao que está assentado sôbre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre. E os quatro animais diziam: Amém. E os vinte e quatro anciãos prostraram-se, e adoraram ao que vive para todo o sempre".*

Em seguida à manifestação dos anjos, o universo prorrompe numa delirante ovação a Deus e ao Cordeiro, no que foi aplaudido pelas quatro criaturas viventes e pelos vinte e quatro anciãos com Amém e adoração. Em outras palavras, todo o universo pôs-se em delírio de louvor ao tomar o Cordeiro o livro para abri-lo e revelar o seu conteúdo. E nós, que aqui na terra vivemos, exatamente na época em que foi aberto o sexto selo e que se cumprem os símbolos nêle revelados, devemos associar-nos àqueles santos tributos de honra, louvor e ações de graças dirigidos ao Todo-poderoso e ao Cordeiro divino morto e redivivo por nós.

CAPÍTULO VI

A ABERTURA DOS SETE SELOS

INTRODUÇÃO

Êste capítulo apresenta a continuação da visão dos dois últimos. No capítulo anterior vimos o Cordeiro tomar o livro selado da mão de Deus sob uma aclamação sem precedente do universo; e neste vê-Lo-emos abrir um por um os selos.

Facina-nos a maneira notável como Deus escreveu o livro selado. Não notamos palavras nêle escritas. Sua confecção é no estilo de cenas vivas e animadas. Eis uma maneira gloriosa de Deus escrever a Seus filhos, para que êles somente entendam e seus inimigos ignorem.

Ao serem abertos os selos, ouvem-se vozes, deparam-se personagens cavalgando animais de vários pêlos ou côres e empunhando instrumentos diversos, mortandade, astros escurecendo, astros caindo, a natureza cambaleando como um ébrio, montes e ilhas desaparecendo e os próprios homens, grandes e pequenos apavorados diante da realidade da intervenção de Deus e Seu Filho nos negócios do mundo. Um livro verdadeiramente maravilhoso e fascinante.

A sequência profética-simbólica dos sete selos relaciona-se com a história missionária da igreja cristã, com os primeiros sinais anunciando o segundo advento de Cristo e o próprio aparecimento do Senhor Jesus em glória e terrível majestade.

O PRIMEIRO SÊLO

VERSOS 1-2 — *"E, havendo o Cordeiro aberto um dos selos, olhei, e ouvi um dos quatro animais, que dizia como em voz de trovão: Vem, e vê. E olhei, e eis um cavalo branco: e o que estava assentado sôbre êle tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso e para vencer".*

A VOZ DA PRIMEIRA CRIATURA VIVENTE

À abertura do primeiro sêlo, uma das criaturas viventes, com terrível voz de trovão, convida o profeta para ver de perto cenas que estavam ocultas e que já não eram mais mistério. E, ansioso por conhecer o conteúdo do livro, João atende ao convite. E a nós, que agora estamos apreciando a remoção dos selos, é estendido o mesmo convite para atentarmos bem e entendermos as cenas.

UM CAVALO BRANCO

Nos dias da inspiração do Apocalipse, o cavalo era simbólico da fôrça e o meio mais rápido de comunicação.[1]) Sua força combinada com sua rapidez simbolizava aquela forma de vitalidade e poder que sustém, opera e conduz avante, a despeito dos obstáculos.

Nos antigos exércitos a cavalaria era a arma principal de guerra e a mais temível de tôdas, tipificando a fôrça e a coragem no conflito.

As Escrituras Sagradas dão importância capital ao cavalo como emblema representativo daqueles que realizam a obra de evangelização do mundo, isto é, a igreja de Deus.[2]) Assim, os quatro cavalos e suas diferentes côres, como apresentados nos quatro primeiros selos, representam as quatro primeiras fases da igreja cristã em sua fôrça e caráter como entidade religiosa evangelizadora do mundo.

Um cavalo branco é o primeiro da série, a aparecer. A côr branca naqueles dias, era emblema de vitória e triunfo entre os romanos. Nas comemorações triunfais, o general honrado e seu estado maior eram vestidos de branco e conduzidos em carros tirados por cavalos exclusivamente brancos. A mesma figura é aplicada na profecia que alude à segunda vinda triunfal de Cristo, que O apresenta vindo à terra vestido de branco e cavalgando um cavalo branco, seguido de Seus anjos também vestidos de branco e em cavalos brancos.[3])

Sem dúvida alguma, o primeiro cavalo de côr branca é uma vívida figura dos triunfos da igreja apóstolica em sua campanha evangelizadora do império romano, desde o ano 34 ao ano 100 A. D. A côr do cavalo é imperativa da pureza da fé e da mensagem naqueles começos da igreja cristã. Os primitivos cristãos eram em geral puros no viver cristão e na anunciação do evangelho sem mescla de erros e superstições. Na vida e no trabalho do Senhor estavam em plena harmonia com a incomparável côr. A despeito dos esforços do inimigo de todo o bem em perverter a fé e manchar a igreja, foi êle sempre repelido, desbaratado e desmascarado. Os apóstolos mantiveram a igreja na sua altura devida, isenta de contaminação doutrinária e dos pecados do século. Valorosos ministros do evangelho foram êles no desempenho da gloriosa comissão de evangelizar o mundo e guardar a igreja de Deus de sua maldade.

O INVISÍVEL GINETE

O Ginete que cavalgava o cavalo branco era simbólico de Cristo. Somente Êle é o guia de Sua igreja. Jamais as Escrituras Sagradas indicaram outro Chefe de Seu povo além dÊle mesmo. Êle é designado como cabeça diretriz da igreja[4]) e prometeu estar com ela até ao fim para guiá-la e instrui-la.[5]) Por meio de Seu Espírito

está sempre presente com Sua igreja, inspirando-a em seu nobre trabalho.[1])

A igreja na era apostólica foi pura na doutrina e na vida cristã, porque deixou Cristo dirigir os seus destinos. Veremos com tristeza, porém, na abertura dos selos seguintes, que os homens destronaram Cristo da diretriz de Sua igreja, e a corromperam desastrosamente.

O arco que o cavaleiro trazia, nos dias antigos era uma arma de ataque e conquista no exército, um instrumento de vitória.[2]) Tremendas cargas de cavalaria e de flechas caracterizavam em geral as guerras daquelas épocas longínquas. O divino Cavaleiro do primeiro sêlo, intrépido soldado na maior batalha dos séculos, foi quem guiou as cargas da igreja do primeiro século ou apostólica em suas inúmeras conquistas de almas no império dos Césares. Dêle rezava a profecia então já milenária: “Cinge a Tua espada à coxa, ó Valente, com a Tua glória e Tua majestade. E neste Teu esplendor cavalga pròsperamente, pela causa da verdade, da mansidão e da justiça; e a Tua destra Te ensinará coisas terríveis. As Tuas frechas são agudas no coração dos inimigos do Rei, e por elas os povos cairam debaixo de Ti”.[3]) Maravilhoso simbolismo das triunfantes vitórias evangelizadoras da igreja, sob a liderança do Glorioso Ginete apostólico. E a igreja triunfou no primeiro século.

Ao sair para a peleja recebe o Cavaleiro uma coroa. Enquanto naqueles tempos de outrora os vencedores dêste mundo recebiam a coroa de louros após regressarem vitoriosos,[4]) a Cristo, o cavaleiro do primeiro sêlo, é concedida a coroa, antecipadamente, como evidência segura da vitória na Sua nobilíssima e nova emprêsa de conquista. Tal foi a triunfal arrancada da igreja cristã com Cristo como seu Líder. Graças a Êle como seu guia, ela foi vitoriosa em viver, em proclamar a justiça do evangelho da divina graça e em enfrentar os muitos e tremendos sistemas de erros contra os quais teve de contender.

"E SAIU VITORIOSO E PARA VENCER"

Duas vitórias são aqui atribuídas a Cristo. Uma já conquistada e outra por conquistar. Êle fêz jus aos louros da primeira vitória por ter triunfado sôbre os potentados das trevas e os homens seus aliados; sôbre a morte e a sepultura; sôbre tôda a frente de batalha até regressar ao céu com a vitória total sôbre tôdas as hostes de Seus inimigos. Cristo venceu sem canhões, sem metralhas, sem bombas atômicas. Venceu sob o estandarte do amor com que amou mesmo os Seus adversários,[5]) derramando Seu precioso sangue pelo bem do gênero humano. Foi assim que Cristo triunfou em Sua anterior e espetacular vitória sôbre as potências das trevas, sendo capacitado para sair “vitorioso e para vencer”, para conquistar nova e grandiosa vitória conjuntamente com Sua igreja.

O TRIUNFO DA IGREJA NO PRIMEIRO SÉCULO

Ao regressar Jesus ao céu, Seus apóstolos atiraram-se a tôdas as direções do mundo em conquista de outros seguidores do Mestre. Começaram a gloriosa emprêsa em Jerusalém onde fôra seu Mestre mais odiado. Judéia e Samaria foram os imediatos objetivos, e então o campo mundial sem quaisquer restrições.

Maravilhoso foi o início da enorme tarefa em Jerusalém. Cheios do poder do alto que lhes fôra prometido, anunciaram os apóstolos um Salvador ressuscitado e contaram a sublime história genealógica de Abraão até o Messias, sob demonstrações estupendas de prodígios gloriosos tais como o Mestre operara quando ainda na terra. Multidões aceitaram o evangelho, mesmo grande número de adversários do Mestre.[1]) A igreja que contava antes do Pentecostes uns 500 membros, atingiu imediatamente a muitos milhares.[2]) E, quando ela foi perseguida e obrigada a deixar Jerusalém, alastrou sua obra missionária em grande proporção.[3])

Foi no período desta primeira perseguição contra a igreja que Saulo de Tarso, também perseguidor, foi convertido pessoalmente por Jesus numa abortiva aparição do Senhor a êle.[4]) Tornou-se então Paulo um destemeroso batalhador pela causa do evangelho da cruz. Todo o potencial de sua vida foi posto em ordem de batalha pela causa de Cristo. Por mais de trinta anos combatera bravamente por Jesus, avançando sempre para novas conquistas. Embora tivesse de enfrentar inúmeras privações e perigos, nada e ninguém deteve a sua marcha vitoriosa. O livro dos Atos dos Apóstolos encerra o extraordinário triunfo do evangelho de Cristo através do ministério de S. Paulo. Suas quatorze epístolas são evidentes testemunhos do progresso imenso da anunciação das boas novas do evangelho no primeiro século. O império romano continha, já nos dias de Paulo, uma vasta rede de igrejas florescentes, muitas vêzes visitadas pelo próprio apóstolo dos gentios que as fundara.

Multidões aceitaram o evangelho no período apostólico. Desde a Índia à Espanha e dos desertos africanos ao Danúbio, estava erguido e vitorioso o estandarte ensangüentado da cruz em milhões de corações. E é ainda Paulo que nos conta da enorme obra por êle e os demais apóstolos realizada, afirmando que o evangelho, nos seus dias, chegara a "todo o mundo" e fôra "pregado a tôda a criatura que há debaixo do céu".[5]) Neste mesmo período foi escrito todo o Novo Testamento incluso a recepção do Apocalipse, por S. João, na ilha de seu desterro — Patmos.

O Cavaleiro guia da Igreja era na verdade digno da coroa vitoriosa que recebera antes de encetar a batalha. Todo o triunfo da obra missionária da igreja foi a Êle devido. Ficou bem patente que, quando a igreja, em qualquer tempo, consente em ceder a liderança de sua existência e trabalho a Cristo como Supremo Guia, ela cresce em vigor espiritual e missionário.

O SEGUNDO SÊLO

VERSOS 3-4 — *"E, havendo aberto o segundo sêlo, ouvi o segundo animal, dizendo: Vem e vê. E saiu outro cavalo, vermelho; e ao que estava assentado sôbre êle foi dado que tirasse a paz da terra, e que se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada".*

A VOZ DA SEGUNDA CRIATURA VIVENTE

Ao convidar a segunda criatura vivente ao profeta para contemplar as cenas do segundo sêlo, parece ter havido um programa pré-organizado para a ocasião da abertura pelo menos dos quatro primeiros selos.

UM CAVALO VERMELHO

O primeiro sêlo revelou a igreja de Cristo em sua pureza virginal, simbolizada num cavalo branco. Mas, o novo símbolo apresenta a igreja em estado de corrupção. A côr vermelha, em se tratando da vida espiritual, é emblema de pecado: "Ainda que os vossos pecados sejam vermelhos como o carmezim..."[1]) O pecado só é manifesto coletivamente pela igreja, quando corrompidos ou abandonados os princípios ou os alicerces da fé do evangelho. E foi isto o que mudou a condição da igreja cristã. Os sagrados princípios da pura fé do imaculado evangelho, foram corrompidos pela aceitação, por parte da igreja, de ensinos errôneos, de idéias e tradições humanas. A igreja abandonou a sua primitiva beleza espiritual, renunciou a simplicidade evangélica, incorporou doutrinas errôneas e eliminou quase tôdas as verdadeiras doutrinas da fé cristã original. Este período do segundo sêlo, de corrupção dos princípios básicos da igreja, estendeu-se desde o ano 100 ao ano 313 A. D.

FALSOS ENSINOS ENTRAM NA IGREJA

Enquanto ainda viviam os apóstolos de Cristo, "já o mistério da injustiça" operava. Todavia êles enfrentaram com denodo a onda malsã que tentava corromper a fé e a doutrina. Na frase de S. Paulo a anciãos da igreja, no seu tempo, de que surgiriam entre êles — homens que falariam coisas perversas, vemos os falsos ensinos que seriam introduzidos na igreja.[2]) Aos gálatas advertiu S. Paulo contra um falso evangelho da pena de homens que procuravam "transtornar o evangelho de Cristo".[3]) Aos coríntios adverte ainda dos "falsos apóstolos" que eram "obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo".[4]) Zelos fanáticos sem entendimento estavam também se manifestando. O teor das cartas dos apóstolos às igrejas é evidência clara de que êles estavam detendo

a onda do "mistério da injustiça" que forçava a corrupção da primitiva fé.

Mas infelizmente as portas da igreja foram abertas aos mais degradantes e corruptos ensinos de homens que procuravam a preeminência em seu meio. O manancial da revelação divina foi abandonado em favor das criações filosóficas humanas. Os ensinos dos profetas e dos apóstolos inspirados foram trocados pelos ensinos de homens de mentes corruptas e falíveis. Eusébio, cognominado "pai da história da igreja", diz daquele período de transição da igreja, o seguinte:

"Porém, quando a santa comitiva dos apóstolos deixou de existir de diferentes maneiras, e estava morta aquela geração que havia tido a honra de ouvir, com seus próprios ouvidos, a sabedoria divina, começou então a ensinar-se na igreja o êrro ímpio mediante o engano de falsos mestres. Êstes começaram então a pregar a falsamente chamada gnosis (conhecimento) desde o momento em que não havia já nenhum apóstolo em vida, opondo-se assim com todo descaramento à pregação da verdade".[1])

Dêste modo o gnosticismo foi o primeiro ou dos primeiros grandes erros que transtornaram a igreja e a afastaram de sua pureza e santidade apostólicas. Forjou várias concepções errôneas sôbre a pessoa de Cristo, opiniões que negavam a Sua verdadeira humanidade e Sua morte. Ensinou que Cristo não viera em carne mas como espírito ou fantasma; que ensinou Seus discípulos mas sempre como um ser celestial e nunca em carne e ossos; que Êle jamais participou da natureza material. Ensinou ainda, o gnosticismo, que o Deus que criou o mundo não é o Deus do Velho Testamento que Cristo revelou. Assim, para o gnosticismo, seu Deus não era o do Velho Testamento, e o seu Cristo não nascera, não morrera e não ressuscitara. O gnosticismo não foi outra coisa senão a combinação da filosofia helênica e a especulação oriental com as crenças primitivas do cristianismo, baseando-se sempre em conhecimentos místicos e sobrenaturais. Foi um grave perigo para a igreja cujos alicerces foram por êle minados.

O marcianismo foi outro perigoso movimento provocado pelo gnosticismo, no segundo século. Separou o cristianismo de seus alicerces históricos. Negou a encarnação de Cristo. Condenou o Velho Testamento e seu Deus. E Marciano, seu organizador, fundou uma igreja própria para êle e seus seguidores, movimento que alcançou até o quinto século.

O montanismo de Montano, outro movimento filosófico herético do segundo século, começou por ensinar que a promessa de Cristo já havia sido cumprida, e que começava a dispensação do Espírito Santo. Possuía duas profetisas que anunciavam a proximidade do fim do mundo e que a Jerusalém celestial estava para estabelecer-se na Frígia, para onde todos os crentes deviam seguir. Recomen-

dou o mais tremendo acetismo, o celibato, o jejum e a abstinência da carne.

Irineu, teólogo do segundo século, em sua nova teoria de Cristo como o novo cabeça da humanidade, acrescentou a sugestão de Maria, Sua mãe, como a segunda Eva, ensinando que o nó da desobediência de Eva foi desfeito pela obediência de Maria; o que a virgem Eva amarrou pela incredulidade, dizia êle, a virgem Maria soltou pela fé. Eis aí a exaltação de Maria depois da morte dos apóstolos de Jesus e no período da decadência da igreja.

Tertuliano, convertido ao cristianismo no fim do segundo século, ensinava, entre outras teorias, que há um só Deus e que Pai, Filho e Espírito Santo são aspectos do mesmo Deus único e que não dão a idéia de personagens distintas como nós entendemos.

Origenes interpretava as verdades cristãs, no terceiro século, em têrmos do pensamento helênico. Dizia que o universo visível foi criado por Deus como lugar de punições e reforma, onde colocava espíritos caídos na proporção da gravidade dos seus crimes. Ensinou que Cristo, na ascenção, como na ressurreição, perdeu a natureza humana, recebendo a glória de Sua divindade. E pregava que, afinal, todos os homens e todos os demônios incluso o próprio Diabo, serão salvos, sendo isto a restauração de tôdas as coisas.

Numerosos teólogos sem teologia, antes falsos teólogos, pervertiam a igreja e viviam vida perversa. A adoração do sol, comprovada por Justino o Mártir, o culto aos mortos, o batismo falsificado e o batismo de crianças, a presença física de Cristo na eucaristia, o perdão dos pecados, as penitências, o celibato clerical e um dilúvio de práticas contrárias ao são evangelho, inundavam a igreja e afogavam a fé apostólica cristã verdadeira. Várias obras apareceram com os nomes dos apóstolos, cujos autores pretendiam com isso dar valor a suas opiniões errôneas e despertar interêsse e aceitação.

Para que tenhamos uma idéia mais real da calamitosa situação da igreja pós-apostólica, urge que se apresente nesta dissertação ainda duas grandes heresias. A primeira é a heresia da cristologia, que resultou em verdadeiras contendas entre os chamados teólogos daqueles primeiros séculos após os apóstolos. Os monarquianos, que se dividiam em duas classes muito diferentes, por um lado ensinavam que Jesus era o Filho de Deus por adoção, e por outro lado que Êle era somente uma manifestação temporária do único Deus. E em Roma, no começo do terceiro século, existia a luta entre três cristologias. Alguns, seguidores de Teodoto, ensinavam que Cristo não era divino; outros ensinavam que de certa maneira Se tornou divino na Sua ressurreição. Paulo de Samosata, bispo de Antioquia, 260-272, ensinou que Jesus era um homem, único nascido de virgem, e que Sua união com Deus era apenas moral, e que, por meio desta união ressuscitou dos mortos e recebeu uma espécie de divindade delegada. Samosata foi afinal excomungado e expulso.

Noeto, de Smirna, ensinou que Cristo era o próprio Pai, e que o Pai nasceu, sofreu e morreu. Sabélio ensinava em Roma, em 215 que o Pai, o Espírito Santo e o Filho são todos um e o mesmo. Cada um era uma forma de manifestação do único Deus. No Seu caráter de Criador, revelava o Pai, no de redentor, como Filho, e por fim, como Espírito Santo. Sabélio foi excomungado em Roma. Calixto ensinou em Roma que o Pai e o Filho devem ser chamados um só Deus.

A questão da cristologia foi uma verdadeira balbúrdia, que, para descrevê-la, seriam precisas numerosas páginas. O que aqui foi dito é o suficiente para termos uma idéia do abandono da fé, pouco a pouco, pelos seguidores dos apóstolos mortos.

A grande heresia, porém, que redundou em consequências as mais desastrosas para tôda a igreja e a que determinou a sua apostasia e a sua união com o Estado romano, foi a ascendência crescente da igreja da cidade de Roma sôbre as demais igrejas da cristandade. Os bispos das grandes cidades, de grande influência política do império, iam adquirindo uma certa superioridade sôbre os outros, e, o de Roma, mais do que todos os outros, estava procurando traduzir-se numa superioridade de jurisdição. Roma, Alexandria, Antioquia, Cartagena e Éfeso, com Jerusalém por sentimentos religiosos, tinham grande preeminência, mas Roma mais do que todas.

Em verdade a igreja de Roma começou a impor-se às demais. Mesmo antes do fim do primeiro século, Clemente, escrevendo aos coríntios em nome de tôda a congregação (93-97), falava como quem contava com a obediência. Irineu de Lyon, escrevendo em 185, dá a expressão ao sentimento geral do Ocidente no seu tempo quando declara que aquela igreja foi fundada por Pedro e Paulo, e que por "necessidade tôdas as igrejas deviam concordar com ela".

O desenvolvimento do episcopado monárquico tardou. Parece que o primeiro foi de Aniceto (154-165). A influência do seu bispo cresceu ràpidamente na luta gnóstica, e com êste prestígio veio a primeira asserção geral da autoridade do bispo de Roma em tôdas as igrejas. Nesta época (155) o costume na Ásia Menor, era o de comemorar a Páscoa com a ceia do Senhor na tarde do dia quatorze de Nisan, data da Páscoa judaica, sem olhar para o dia da semana em que esta data caísse. O costume de Roma era o de celebrar a Páscoa sempre no domingo. Em 190 a questão (da data da Páscoa) azedou-se de tal forma que foram convocados sínodos em Roma, Palestina e outras partes, que decidiram a favor da prática romana. As igrejas da Ásia Menor, chefiadas por Policrates, bispo de Éfeso, não se conformaram. Ante isto Victor, bispo de Roma (189-198), excomungou as congregações recalcitrantes. Êste ato arrojado despertou protestos por tôda a parte, notadamente de Irineu de Lyon, mas ficou como uma notável afirmação da autoridade de Roma. E o prestígio

de Alexandria e Cartagena no terceiro século, como centros do pensamento cristão, já não podia tirar de Roma a sua posição de líder.

Foi assim que o cavalo, representativo da igreja, mudou de côr. As numerosas heresias mataram a pureza e a fé virginais da igreja, principalmente a repugnante ascenção da igreja da capital do império na liderança das demais do mundo cristão.

"E FOI-LHE DADA UMA GRANDE ESPADA"

As ordens transmitidas ao cavaleiro do segundo sêlo, para que tirasse "a paz da terra, e que se matassem uns aos outros", tendo para êsse fim recebido 'uma grande espada", bem evidencia que êle não era mais o Senhor Jesus. No primeiro século ou na era apostólica, a igreja, sob a liderança de Cristo, prosperou rapidamente, quer em conquistas de conversos ao cristianismo, quer em vida espiritual fundamentada exclusivamente na revelação do Velho e do Novo Testamentos. Aquele glorioso triunfo apostólico, porém, estava a desaparecer. A igreja destronou a Cristo de sua liderança preferindo em seu lugar homens falíveis como guias, resultando em grave declínio da verdadeira obra missionária de evangelização e de lutas odiosas entre os seus novos chefes.

Sim, o cavaleiro não tinha mais o arco da conquista e as flechas do puro evangelho, mas uma "grande espada" nua e flamejante. A paz, semeada pela pregação incontaminada do evangelho apostólico, sob a liderança do Filho de Deus, e a convivência dos cristãos em perfeita unidade e amor, desapareceu da igreja. A espada simbólica das lutas internas fêz a sua nefanda obra e desacreditou diante dos pagãos as virtudes do evangelho da cruz. Terríveis controvérsias surgiram permeadas de odiosas excomunhões, e banições eram lavradas por inúmeros sínodos e concílios provinciais. As polêmicas ativaram os ânimos a ponto de as discussões serem mescladas com ataques pessoais e acusações da pior espécie. A lei de Deus, base do correto viver, foi relegada, e a paz; foi perdida de vista na igreja.[1]) O próprio Príncipe da Paz foi afastado do trono da igreja e ela virou confusão. Estava dado o passo para a apostasia iminente. A profecia da decadência cumpriu-se perfeitamente — a paz foi afastada da terra dos povos cristãos e êstes mataram-se com as diabólicas armas do ódio e dos ataques e acusações pessoais, apenas para fundamentar a defesa de crassos erros que vituperavam o são cristianismo.

O TERCEIRO SÊLO

VERSOS 5-6 — *"E, havendo aberto o terceiro sêlo, ouvi dizer ao terceiro animal: Vem, e vê. E olhei, e eis um cavalo prêto; e o que sobre êle estava assentado tinha uma balança na mão. E ouvi uma voz do meio dos*

quatro animais, que dizia: Uma medida de trigo por um dinheiro, e três medidas de cevada por um dinheiro: e não danifiques o azeite e o vinho".

A VOZ DA TERCEIRA CRIATURA VIVENTE

João é mais uma vez convidado para deparar o novo símbolo representativo da igreja. Por certo estava êle ansioso e aflito por ver a nova cena, esperando uma modificação profética do aspecto da igreja cristã. Mas, teve êle uma amarga decepção. Sua esperança quanto ao futuro da igreja desfez-se ante seus olhos espectantes. Jamais pensara que a igreja pura, fervorosa e missionária que êle e os demais apóstolos deixaram no mundo, iria transformar-se tão desastrosamente como a deparara nas cenas daquele estranho livro selado.

UM CAVALO PRÊTO

Em oposição à belíssima côr branca do primeiro cavalo, emblema glorioso da igreja em pureza de fé, eis agora um cavalo prêto, representando a igreja no quarto, quinto e parte do sexto século. A côr preta encerra um terrível símbolo. O prêto é figura de luto, pranto, dor, fome, e, em se tratando de espiritualidade, designa êrro, trevas e apostasia da fé e dos princípios da moral cristã. Tal foi a condição da igreja nos séculos já mencionados. A despeito, porém, da luta interna e dos assaltos das perseguições do paganismo, no segundo, terceiro e parte do quarto século, a igreja não estava ainda de todo corrompida, pois a côr do cavalo não era preta, mas vermelha. Mas as polêmicas e as rivalidades internas dêstes séculos, que haviam dado lugar a muitas heresias, abriram por fim a porta para confirmar estas e estabelecer uma avalanche de erros, tais, que a apostasia lavrou e carcomeu a vida espiritual da igreja, enegrecendo-a fatalmente. Referindo-se a esta etapa do terceiro sêlo e do cavalo prêto, que mediou desde o edito de tolerância de Constantino, em 313, até ao estabelecimento do papado, em 538, diz Mosheim o seguinte:

"Aquelas vãs ficções, que uma inclinação à filosofia platônica e às opiniões populares haviam feito adotar pela grande maioria dos doutores cristãos antes do tempo de Constantino, foram agora confirmadas, ampliadas e ornadas de diversas maneiras. Daí nasceram aquela veneração extravagante pelos santos mortos, e aquelas absurdas noções de certo fogo destinado a purificar as almas desencarnadas, que agora prevaleciam e que deixavam por tôda parte indícios públicos. Daí também o celibato dos sacerdotes, o culto das imagens e relíquias que, com o transcurso do tempo quase destruiu a religião cristã, ou pelo menos eclipsou seu lustre e corrompeu sua própria essência da maneira mais deplorável. Um séquito enorme de diferentes superstições foi substituindo gradualmente a verdadeira religião e piedade. Esta odiosa revolução deveu-se a uma variedade de causas.

Uma ridícula precipitação quanto a receber opiniões novas, um absurdo desejo de imitar os ritos pagãos, e de realizá-los com o culto cristão, e aquela ociosa propensão da humanidade em geral para buscar uma religião aparatosa, tudo contribuiu para estabelecer o reinado da superstição sôbre as ruínas do cristianismo". "Necessitar-se-ia um volume inteiro para enumerar as diversas fraudes que astuciosos velhacos praticaram com êxito para enganar aos ignorantes, quando a verdadeira religião ficou quase completamente substituída pela horrível superstição".[1])

Foi também neste desastroso período do cavalo prêto que surgiu a misérrima heresia ariana, cuja controvérsia originou-se em 320, em Alexandria, em uma disputa entre Ário, o seu originador, e o bispo Alexandre. Consulte-se algures sôbre o Arianismo.

O CAVALEIRO DO CAVALO PRÊTO

Na carta dirigida à igreja de Pérgamo, a igreja cujo período corresponde ao do terceiro sêlo, que estamos considerando, o Senhor Jesus enfatiza, com evidência, que a igreja cristã estava habitando "onde está o trono de Satanás". Habitar "onde está o trono de Satanás", equivale a amparar-se em dito trono. Já o têrmo "Pérgamo" que significa "elevação", é emblema da elevação da igreja pelo poder imperial, desde os dias de Constantino aos princípios do sexto século. Daí o cavaleiro não ser outro senão o imperador romano. A igreja, corrompida e apóstata, tornou-se "Igreja Imperial" em lugar de "Igreja Cristã". Pela primeira vez verifica-se o odioso consórcio entre a Igreja e o Estado, considerado por Deus como "prostituição".[2])

Quando Constantino ascendeu ao trono imperial, a igreja cristã era cruelmente perseguida pelo paganismo romano. Êle viu que, quanto mais sangue cristão era derramado, mais a igreja cristã crescia em número e poder, fato que o impressionou sobremaneira a ponto de ver nela um fator decisivo para a sua política. Daí Constantino, em sua astúcia, inventar ter visto no céu uma cruz, debaixo da qual se lia, dissera êle, a frase — IN HOC SIGNO VINCES — Com êste Sinal Vencerás. O imperador colocou a cruz no estandarte de seu exército e encarregou de sua custódia e defesa a cinqüenta soldados escolhidos. Além disso colocou também a cruz nos chapéus, nas armas e nos escudos de seus soldados. Logo promulgou Constantino, conjuntamente com Licínio, com quem se reunira, o célebre edito de Milão em favor da igreja cristã perseguida e duma liberdade religiosa em geral, cujo texto é o seguinte:

"Nós, Constantino e Licínio, estando felizmente reunidos em Milão, para tratarmos de tudo que diz respeito ao interêsse e segurança do império, pensamos que entre as coisas que exigem nossa maior atenção nenhuma tem tanta vantagem para a maior parte dos homens como o decidir qual o modo por que se deve honrar a Di-

vindade. Por isso temos resolvido conceder aos cristãos e a todos os outros a liberdade de cada um seguir a religião em que crê, a fim de que a Divindade que está no céu, qualquer que ela seja, dê paz e prosperidade a nós e a todos os nossos súditos.

"Parece-nos ser sistema muito bom e racional não negar a nenhum dos nossos súditos, quer seja cristão ou de outro culto, o direito de seguir a religião que melhor entender. Assim a Divindade Suprema, que cada um de nós livremente adora, poderá conceder seu favor e benevolência costumados. E' ainda necessário que Vossa Senhoria saiba que nós suprimimos tôdas as restrições contidas no edito precedente, o que já tínhamos enviado, relativamente aos cristãos, e que a partir desta data, nós lhes permitimos a observância de sua religião, sem que de modo algum possam ser molestados ou inquietados.

"Queremos que nossa resolução seja conhecida com tôda a segurança possível, para que não ignoreis que nós concedemos aos cristãos a liberdade mais completa e absoluta para praticarem seu culto. Isto que nós concedemos aos cristãos deverá V. S. compreender que também concedemos aos outros, de tal modo que todos podem seguir o culto que quiserem, como convém à tranqüilidade do nosso tempo, a fim de que não se lese a honra ou a religião de quem quer que seja.

"No referente aos cristãos ordenamos que os lugares, onde costumavam reunir-se, lhes sejam restituídos, sem obrigação de pagarem ao fisco qualquer importância. Todos aquêles que haviam recebido terras ou dons, devem, quanto antes, devolver tudo isso aos cristãos. Se constar haver outros que tenham comprado, seja-nos isso comunicado para providenciarmos. Tôdas estas coisas devem imediatamente ser consignadas à comunidade dos cristãos. Podem êles ter os lugares restituídos e possuir coletivamente muitos outros bens, devendo contar com nossa benevolência.

"Em tôdas estas coisas se portará V. S., a fim de que as vantagens dos cristãos sejam já postas em prática por esta lei e se favoreça assim a tranqüilidade pública. Por já têrmos experimentado o favor divino, manifesto em coisas graves, determinamos isto para bem estar do império. E para que a nossa benevolência não seja por mais tempo ignorada, trate V. Excia. de fazer publicar em todos os lugares, para que tôdas as pessoas a possam conhecer".[1])

Êste edito do ano 313 foi desastroso para a religião cristã. Pôsto que com êle cessassem as perseguições e deixasse de correr sangue cristão; que os bens confiscados aos cristãos fôssem a êles devolvidos; que os sacerdotes cristãos fôssem cumulados de distinções e a igreja de honrarias; que em bem da religião cristã mandasse o imperador levantar grande número de templos e de magníficas catedrais em muitas cidades como Jerusalém, Constantinopla e Roma, contudo a igreja cristã jazia à beira do abismo, pois o novo imperador a tomara como instrumento de sua política e êle próprio a diri-

gia a seu gosto, procurando estendê-la a todos os lugares do seu domínio. Verdadeiramente o imperador era daí em diante o cavaleiro que cavalgava o cavalo preto do terceiro sêlo relativo ao terceiro período da história da igreja cristã.

Constantino, como prova de que tomara a igreja cristã como simples instrumento de política, nunca se tornou cristão. Até à sua morte manteve-se neutro entre o cristianismo e o paganismo, procurando, ao favorecer a um que o outro não se crêsse desprezado. Além disso, como real evidência de que não se fizera cristão, mandou cunhar moedas, em 315, em que aparecia com a cabeça velada, nas quais se lia "DIVUS CONSTANTINUS, SOL INVICTUS, COMES". Daí sua confissão de que o seu deus não era o Deus dos cristãos, mas o "Sol Invictus", de cujo paganismo continuou sendo pontífice. Também deu outras provas de que não se tornara cristão, entre elas o assassínio de seu cunhado Licínio, em 323; o de seu filho maior, Crispo, ídolo do exército e do povo, em 326; e pouco tempo depois mandara afogar sua esposa Fausta, em um banho quente. Espavorido pelo remorso, consultou Constantino aos pontífices do paganismo, a fim de saber que sacrifícios poderia oferecer aos deuses para expiar seus crimes. Mas os sacrificadores rejeitaram as suas ofertas, e êle foi repelido com horror pelo hierofante, cuja voz gritava: "Longe daqui os parricidas, a quem os deuses não perdoam nunca".[1])

Foi Constantino quem convocou o primeiro concílio da igreja, em 325, na cidade de Nicéia, ao qual compareceram 318 bispos. Foi desde esta grande reunião que o império começou a exercer influência sôbre a vida interior da igreja e ainda sôbre a sua essência dogmática. O imperador, sem ser membro da igreja nem sequer exteriormente, era o centro diretivo dos debates. "Foi êle quem convocou êste primeiro concílio ecumênico, marcando o lugar e o tempo da reunião, o qual passou a ser em seguida um privilégio da coroa; foi êle quem abriu e presidiu os debates e de tal modo ficou estabelecido êste costume, que, mais tarde, quando os imperadores não podiam ou não queriam abrir e presidir pessoalmente a estas assembléias, faziam-se substituir por delegados. Também sôbre a resolução final dêste concílio, Constantino exerceu uma influência decisiva".[2]) Está aqui, pois, a incontestável evidência histórica de que a igreja cristã, a começar com Constantino, tornou-se Igreja Imperial, embora muito pesasse sôbre o imperador a influência do bispo de Roma.

Foi neste período do terceiro sêlo que Constantino promulgou a sua célebre lei dominical, no ano 321, segundo a qual cristãos e pagãos deviam venerar, como dia de repouso, o dia do Sol do culto pagão. Sôbre esta lei dominical falaremos mais adiante.

A palavra profética cumpriu-se exatamente. A igreja trocou o seu poderoso braço de apôio, Jesus Cristo, pelo do imperador romano. Constantino abriu as portas da igreja ao paganismo, por von-

tade desta, atingindo ela um vergonhoso estado de corrupção. O Diabo teve êxito completo em misturar o êrro com a verdade para corromper e contaminar a igreja do Senhor Jesus. Daí em diante, até nossos dias, o cristianismo jaz em sua apostasia geral, com o nome de que vive, estando na realidade sem sua vitalidade original. Constantino, depois de sua obra, sob o poder das trevas, morreu a 22 de maio do ano 337, tendo antes da morte recebido o batismo do bispo ariano Eusébio de Nicomédia, de quem também recebeu o sacramento da eucaristia.

A BALANÇA NA MÃO DO CAVALEIRO

Já compreendemos que êste cavaleiro era o imperador. E êle, não contente em exercer o juízo no setor de sua alçada civil, alvorou-se em juíz na igreja. Uma balança é emblema de justiça real, e Constantino e seus sucessores, como já vimos, usurparam êste direito da igreja, que jamais foi conferido ao govêrno civil. Nos dias dêstes potentados da coroa cesariana era crime desprezar a ortodoxia oficial. Depois de cair o império do Ocidente, o imperador oriental pretendeu esta mesma supremacia, até que Justiniano a transferiu, em 533, ao bispo de Roma.

OS EMBLEMAS DO TRIGO E DA CEVADA

Trigo e cevada são cereais alimentícios muito parecidos. Ambos são produzidos em espigas. Porém, um não é o outro. Diferem um tanto na conformação da espiga, na aparência, na côr e até no alimento intrínseco. Como figuras do período do terceiro sêlo, o trigo representa a pura verdade do evangelho de Cristo, enquanto a cevada, as tradições e os erros que penetraram na igreja. O valor do trigo e da cevada — uma medida de trigo por um dinheiro e três de cevada pelo mesmo preço — indica que de fato havia escassez de trigo, pelo que era de mais valor, enquanto havia abundância de cevada, sendo esta três vêzes mais barata. O vocábulo grego "medida" é "choinix", indicativo do "sextário", "medida romana para os líquidos e secos, equivalente a dezesseis onças e meia de água".[1])

Tal fôra o estado de degradação a que levaram a igreja de Cristo os cristãos apóstatas. E até hoje, para vitupério de Cristo, êste estado de coisas perdura no seio do cristianismo nominal, que só tem a aparência de cristianismo, e apresenta ao mundo evidentemente mais "cevada" do que "trigo" ou mais erros tradicionais do que verdades fundamentais.

OS EMBLEMAS DO AZEITE E DO VINHO

A voz do trono que anunciava a condição da igreja em se tratando do alimento espiritual, ordenava aos cristãos a não danifica-

rem "o azeite e o vinho". Nas Escrituras Sagradas o azeite é simbólico do Espírito Santo[1]) e o vinho é emblema do sangue purificador de Cristo.[2]) A expressão: "Não danifiques o azeite e o vinho", é uma declaração figurada de que o Espírito Santo e o sangue de Cristo não deviam ser invocados como graças purificadoras e santificadoras enquanto a igreja permanecesse naquele estado deliberado de corrupção da fé e dos princípios do são cristianismo.

O QUARTO SÊLO

VERSOS 7-8 — *"E, havendo aberto o quarto sêlo, ouvi a voz do quarto animal, que dizia: Vem e vê. E olhei, e eis um cavalo amarelo, e o que estava assentado sôbre êle tinha por nome Morte; e o inferno o seguia; e foi-lhe dado poder para matar a quarta parte da terra, com espada, e com fome, e com peste, e com as feras da terra".*

A VOZ DA QUARTA CRIATURA VIVENTE

A última das quatro criaturas viventes anunciou a abertura do quarto sêlo, tomando o profeta posição para contemplar suas cenas. Jamais o amado João julgara que a igreja de seu Senhor atingisse o terrível grau tal como lhe fôra feito conhecer pelos selos anteriores e mòrmente pelo quarto sêlo, em que, como veremos, o crime tornou-se a ordem do dia na igreja outrora pura e santa.

UM CAVALO AMARELO

Este é o último cavalo da visão dos sete selos. O vocábulo grego que designa a côr dêste cavalo é "chloros", que em si mesmo é um corpo simples, gasoso, de côr esverdeada pálida. "Em dissolução ou em estado gasoso, cloro destrói a parte corante das substâncias vegetais e animais", razão por que "a indústria emprega-o em branquear tecidos". Neste símbolo a igreja aparece com sua côr mudada. Sua côr é agora a pálida côr esverdeada do cloro, a côr da morte. Que esta côr do quarto cavalo indica seguramente morte na igreja, é confirmado pelo nome do cavaleiro que em verdade é chamado "morte".

O CAVALEIRO DO CAVALO AMARELO

O cavaleiro que agora monta o cavalo ou tem as rédeas da igreja em suas mãos, não mais é o imperador romano do Ocidente cujo império ruiu com as invasões dos bárbaros; não é nem mais o imperador romano do Oriente. E muito menos poderá ser Cristo. O cavaleiro que, no período do quarto sêlo, correspondente aos séculos sexto a dezesseis ou que desde o ano 538 a 1517 desempenhou

seu funesto papel na igreja, é aquele a quem o imperador Justiniano transferiu as insígnias do poder sôbre a igreja, isto é, o papado.

Seu nome de "Morte" é representativo de sua obra nefasta realizada na igreja ou contra a igreja de Cristo, durante os chamados séculos escuros da Idade Média. Como uma prova inconteste de que êste hediondo cavaleiro ia efetuar uma obra de carnificina real na igreja, é referido que o Hades o seguia. Hades é o têrmo grego que designa o "lugar dos mortos" ou a "sepultura".[1]), O papado, pois, ia efetuar uma obra de chacina na igreja e levar multidões de seus membros à sepultura; ia desembainhar a espada contra os que, na igreja, ainda mantinham sua sinceridade a Cristo e ao evangelho apostólico. Os homens, que pretendiam ser os ministros da palavra da vida, são acusados na profecia como ministros da "morte". Dezenas de milhões de santos inocentes e verdadeiros seguidores do Filho de Deus, pagaram com a vida a sua fidelidade à verdadeira fé. O que segue é a voz inestinguível da história em confirmação dos hediondos crimes de Roma contra a igreja do Senhor Jesus.

"Ouvi-me, se bem que em verdade eu mal saiba como falar sôbre êste assunto. Sinto-me quase mudo de horror ao pensar nêle. Visitei na Espanha, na França, na Itália, os lugares mais profundamente manchados e tintos com o sangue dos mártires. Visitei os vales de Piemonte. Estive à sombra da grande catedral de Sevilha, no lugar em que queimaram os mártires, ou os despedaçaram membro a membro. Tenho pesquisado muitos volumes de história e martirológio. Tenho visitado, seja em viagem, seja em pensamento, cenários demasiado numerosos para os poder enumerar, nos quais os santos de Deus foram mortos por Roma papal, por êsse grande carniceiro de corpos e almas. Não vos posso dizer o que tenho visto, o que tenho lido, o que tenho pensado. Não vos posso exprimir o que sinto. Oh! é uma sangrenta história!

"Estive naquele vale de Lucema, onde habitavam os fiéis Valdenses, aquêles antigos protestantes que se apegaram ao evangelho puro através de todos os séculos Escuros, aquele aprazível vale com suas encostas cobertas de pinheiros, que Roma transformou num matadouro. Que horríveis massacres de homens mansos, inofensivos, de espírito nobre! Que horríveis massacres de delicadas mulheres e indefesas crianças! Sim, vós os odiastes, caçastes, armastes-lhes ciladas, os torturastes; os apunhalastes, os atravessastes com lanças, os empalastes, os enforcastes, os assastes, os esfolastes, os cortastes em pedaços, os violastes, desrespeitastes as mulheres, as crianças; enterrastes pedras e paus, entulhaste-os de pólvora e depois os fazíeis explodir; vós os rasgastes de meio a meio, membro a membro, os arremessastes em precipícios, os despedaçastes de encontro às rochas; vós os torturastes, os mutilastes, os queimastes, os despedaçastes, os massacrastes homens santos, santificadas mulheres, mães, filhas, tenros meninos, inocentes criancinhas, às centenas, mi-

lhares, milhares de milhares. Vós os sacrificastes em montes, hecatombes, transformando tôda a Espanha, Itália, França, a Europa cristã, num matadouro, num ossário, num Aceldama. Que horrível! E' demasiado horrível para se demorar nisso o pensamento. A vista se obscurece, desmaia o coração, a alma fica aturdida em presença do espantoso espetáculo.

"O' sicário, dourado sicário, de fronte e coração de aço! vermelhas são as tuas vestes, tuas mãos são vermelhas. Teu nome está escrito neste livro. Deus o escreveu. O mundo tem lido. És uma assassina, ó Roma. És a Babilônia assassina — "a Grande Babilônia", embriagada, repugnantemente embriagada; sim embriagada com o sangue sagrado que derramaste em rios, em torrentes, o sangue dos santos, o sangue dos mártires de Jesus".[1])

Não só na profecia do quarto sêlo é o papado apontado como o exterminador da igreja nos Séculos Medievais. As profecias de Daniel falam bem claro sôbre suas impiedosas perseguições dos santos.[2]) O Apocalipse ainda refere noutras narrativas proféticas a êsses horríveis crimes dos pretensos sucessores do humilde S. Pedro.[3]) E parece incrível, que em pleno século XX, a igreja papal ainda arrogue as mesmas pretensões de matar os por ela considerados heréticos. Numa obra católica, publicada em 1911, é audazmente pretendido que a igreja tem o divino direito de "confiscar a propriedade dos heréticos, aprisioná-los, e condená-los às chamas". "Em nosso século o direito de infligir as mais severas penalidades, mesmo a morte, pertence à igreja porque a experiência nos ensina que não há nenhum outro remédio", pois, "o último recurso é a pena de morte". E o mesmo autor continua: "Não há ofensa mais grave do que a heresia..., e portanto ela deve ser desarraigada com fogo e espada. E' um dogma católico o que deve ser fielmente crido, que a pena extrema não somente pode, mas deve ser infligida sôbre os obstinados heréticos".[4]) Esta confissão evidencia o totalitarismo da igreja católica nos séculos passados e suas pretensões ao mesmo poder no século atual.

OS INSTRUMENTOS DOS CRIMES DO PAPADO

Espada, fome, peste e feras da terra são as armas destruidoras usadas pelo papado contra as testemunhas de Jesus. A espada das cruzadas contra os Valdenses, Albigenses, Huguenotes e outras vívidas testemunhas do Senhor Jesus, tem muito a dizer nas páginas da história de Roma. Os satânicos cárceres dos tribunais da inquisição papal têm também muito a dizer sôbre a terrível fome e as assoladoras epidemias que levaram multidões de santos encarcerados à morte. Homens quais "feras da terra" ou piores que elas, — prelados, bispos, cardiais, papas, — não se saciavam nunca de carnagens e do sangue dos seguidores do Filho de Deus. Os maiores

crimes da história contra os santos encontram-se na história do papado romano. Se os pecados de Sodoma haviam atingido os céus, os crimes da Sé romana não deixaram de lá chegar, para que como aquela receba esta um dia a sua justa retribuição.

A quarta parte da terra foi ensanguentada de sangue inocente e santo. As profecias das trombetas fazem referência apenas à terça parte da terra conhecida, que eram a Europa, a Ásia e a África. Nos dias, porém, em que a espada papal fazia as suas vítimas na igreja de Cristo, Colombo descobriu mais uma parte da terra, até então desconhecida — a América. Assim as carnificinas daqueles homens-feras eram efetuadas na quarta parte da terra — a Europa.

Se tôda a história das chacinas do papado contra as verdadeiras testemunhas de Cristo fôsse coletada, certamente que não poucos volumes poderiam ser editados. O que neste sentido, porém, foi dito nesta dissertação do quarto sêlo, é o bastante para certificarmo-nos do cumprimento da profecia.

O QUINTO SÊLO

VERSOS 9-11 — *"E, havendo aberto o quinto sêlo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram. E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como êles foram".*

AS ALMAS DEBAIXO DO ALTAR

O quinto sêlo é uma sucessão inequívoca do quarto sêlo e estende-se desde o ano 1517 até 1755. No quarto sêlo vimos os terríveis extermínios do papado contra os santos do Altíssimo, sendo mencionado que o Hades ou a sepultura, seguia a estas matanças, isto é, que os mártires baixaram à sepultura, à medida que pereciam. Porém, o quinto sêlo apresenta-nos o quadro das testemunhas de Deus e de Seu Filho chacinadas exatamente no quarto sêlo pela espada papal às dezenas de milhões.

Como pudera João ver as almas dos mártires debaixo do altar? Que significam os têrmos "Alma" e "Altar"? O vocábulo "alma" de nosso texto, vem do grego "psyche" e ocorre 103 vêzes no Novo Testamento. Segundo Young, em sua Analytical Concordance to the Bible, "psyche" tem o significado de "alma animal", o que equivale a "ser vivente", ou, mais pròpriamente, a uma "pessoa". Inúmeras vêzes no Novo Testamento "psyche" é traduzido diretamente por "pessoa" enquanto nos demais em que aparece tem outro sig-

nificado. Por exemplo, é mencionado que "psyche" "descansa", come, bebe e folga";[1]) e que é, pois, êste "psyche" senão uma pessoa denominada de "alma"? Pode uma alma imaterial descansar, comer, beber e folgar? Referindo-se aos conversos do Pentecostes, a história dos Atos dos Apóstolos diz que "naquele dia agregaram-se quase 3.000 almas" (psyche) à igreja, pelo batismo.[2]) Porventura estas almas pentecostais batizadas eram incorpóreas? Não; eram pessoas, o que mais uma vez confirma que "Psyche" tem o significado que Young lhe dá, isto é, "alma animal" ou pessoa vivente. "E José mandou chamar", ao Egito, "a seu pai Jacó, e a tôda a sua parentela, que era de setenta e cinco almas".[3]) Novamente "psyche" indica pessoas reais, a parentela de José. Poderíamos continuar a referir todos os textos do Novo Testamento em que "psyche" é usado, e a conclusão seria a mesma. Mas, apenas um texto mais ainda. Salientando a ressurreição de Jesus, menciona S. Pedro a profecia de Davi de que a Sua alma (psyche), não foi deixada no Hades (sepultura), e torna claro que o profeta se referiu à ressurreição de Cristo da sepultura.[4]) E todos sabemos que o "psyche" de Jesus que saiu da sepultura, não foi uma alma incorpórea, mas o próprio Senhor em carne e ossos. Esta é talvez a mais forte evidência de aue "psyche" tem apenas o significado de "alma animal" ou simplesmente de "pessoa".

Diante dêstes testemunhos da inspiração, o profeta vira em visão as próprias pessoas dos mártires das perseguições papais do quarto sêlo, sob o altar, e não suas almas desencorporadas. Resta, porém, sabermos agora, a que altar se refere a revelação.

Os imortalistas crêem e ensinam que o altar, sob o qual foram vistas as almas dos mártires, é um altar localizado no céu, e que, portanto, dizem êles, as almas dos santos, sejam de que época fôr da história, ascendem ao céu depois da morte de seus corpos. Mas, essa crença baseada no quinto sêlo, está em plena desarmonia com a visão do profeta. Em primeiro lugar, vimos já como o vocábulo "alma", do grego "psyche", de modo algum designa almas desencorporadas. Em segundo lugar é evidentemente claro que as almas dos santos mártires foram vistas debaixo do altar onde foram sacrificadas, e, em nenhuma parte das Sagradas Escrituras consta haver no céu um altar sacrifical e muito menos de mártires humanos do cristianismo.

No céu existe um só altar, que é o altar do incenso, localizado no lugar santo do santuário, denominado também de "altar das orações", nada tendo que ver com sacrifícios e muito menos humanos.[5]) Os mártires do cristianismo não são mortos no céu; ali no império da luz e do bem, ninguém é perseguido por sua fé cristã ao ponto de ter que selá-la com seu sangue. Além disso, a visão dos sete selos compreende cenas que se desenrolariam na terra, com referência à igreja de Cristo, e não no céu.

Sem nenhuma dúvida e nenhuma objeção eficaz, o altar, onde foram os mártires do quarto sêlo sacrificados, é a própria terra onde os abatera a espada do papado romano. Antecedentemente a êles, inúmeros cristãos foram sacrificados no altar da terra. S. Paulo diz de si mesmo: "Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício".[1]) Seu martírio tomou lugar aqui na terra, onde o sacrificaram seus oponentes. Também o Senhor Jesus foi sacrificado na terra, o altar de Seu martírio. A expressão de S. João de que viu "debaixo do altar as almas dos que foram mortos" no período da opressão despótica do papado, deve ser entendida como uma afirmativa de que êles estão debaixo da terra, o altar em que os sacrificaram ou que estão em seus sepulcros e não no céu onde não há nenhum altar para tal.

A oração de alguns mártires era o verdadeiro clamor da profecia. Alguns que deram suas vidas em testemunho de sua fé em Cristo reconheceram o significado desta profecia do quinto sêlo. "O Espêlho do Mártir", um velho livro Holandês, dá o seguinte colóquio entre Cornélio, o monge, examinando Herman, que foi queimado no poste em 1569:

"Cornélio: "Ah! Você maldito, endurecido e teimoso anabatista! Como o Diabo no inferno (onde você irá logo) incitará tua bôca amaldiçoada com pez ardente, alcatrão e enxofre; espere um pouco sòmente".

"Herman: "Não inteiramente; só irei para debaixo do altar, que João viu em sua revelação, às almas que foram mortas pela palavra de Deus, e pelo testemunho que deram, e que clamam com grande voz, dizendo: Até quando, ó Senhor, Santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam na terra"?[2])

PORQUE O PAPADO MARTIRIZOU OS SANTOS

A resposta encontramos na profecia alusiva aos próprios mártires. Em primeiro lugar, diz a revelação, sofreram êles o martírio por amarem a "palavra de Deus", as Escrituras Sagradas. Eis a razão primária por que foram mortos às dezenas de milhões. E foi também "por amor do testemunho que deram" que foram abatidos. E qual o "testemunho que deram?" Oh, sim, êles honraram ao Criador e ao Salvador acima de tudo no mundo entre os que não o faziam; tornaram manifesta em suas vidas a gloriosa luz do puro evangelho do Senhor. Como filhos de Deus viveram ante os inimigos da verdade divina a vida por ela recomendada.

O GRANDE CLAMOR DOS MÁRTIRES

Já vimos que o têrmo "alma" é sinônimo da pessoa dos mártires. Uma outra grande evidência de que êles não estão nos céus em almas desencorporadas, é que, primeiro, pedem vingança do

"nosso sangue", clamam êles. Nenhum dos imortalistas crê que almas tenham "sangue". Mais uma vez é confirmado, pelo teor da profecia, tratar-se de pessoas e jamais de almas sem corpos. Porém, a prova mais forte de não tratar-se de almas que estejam no céu, é que elas pedem vingança contra seus matadores. Porventura alguém é levado ao céu para pedir vingança contra seus algozes? E' o lugar de eterna glória e perpétua felicidade, lugar para pedidos de vingança, que é ao mesmo tempo uma manifestação de ódio? Há lugar para ódio no coração dos habitantes do céu? Não; nunca, jamais. Descontantementos e intranqüilidades são inadmissíveis na eterna glória. Repugna a idéia de que as almas estejam encerradas sob um altar celestial, pedindo vingança, enquanto todos os demais habitantes celestiais se regozijam e tributam ao Todo-poderoso os mais altos louvores e glórias, como expressam os capítulos quatro e cinco do Apocalipse.

O clamor figurado dos milhões de milhões de mártires do quarto sêlo, longe de encerrar quaisquer afirmativas de que êles estejam no céu, é uma evidência de que o sangue que lhes derramaram seus inimigos será vingado no tempo devido. "Minha é a vingança; Eu recompensarei, diz o Senhor".1) Seus chacinadores pagarão, um dia, o sangue que dêles derramaram injustamente. O sangue de seus assassinos será derramado pelo sangue que dêles derramaram.2) Sôbre os judeus, dissera Jesus, cairia o sangue dos justos que êles derramaram.3) O crime de Roma, de extermínio dos santos, é tão aviltante à vista de Deus, que a revelação representa as vítimas como clamando vingança ao Todo-poderoso. E' um clamor de justiça que será satisfeito.

Mas, insistem os imortalistas que estas almas devem estar conscientes porque clamam. Êles voluntàriamente ignoram os simbolismos do Apocalipse, e que as Escrituras Sagradas nalguns casos, personificam e atribuem vida até a objetos inanimados. Uma parábola do Velho Testamento atribui o dom da fala às árvores.4) O profeta Abacuc diz que a pedra "clama" da parede e a trave responderá do madeiramento.5) S. Tiago refere que o salário dos trabalhadores, diminuído, clama a Deus.6) E Deus mesmo dissera a Caim: "A voz do sangue do teu irmão clama a Mim desde a terra".7) E êste clamor simbólico do sangue de Abel foi o clamor emblemático do primeiro mártir, demonstrando a culpabilidade de Caim e a sua inexorável vingança.

Do exposto acima, porém, não nos consta que as árvores, a pedra, a trave, o salário e o sangue possam falar para clamar. Cada caso foi demonstrado, como se as coisas inanimadas pudessem falar para que soubéssemos que Deus não fica indiferente às injustiças cometidas contra Seus filhos e Seus santos. O mesmo é evidente com os crimes contra os santos mártires praticados pelo papado. À justiça de Deus não estão encobertos; mas, o clamor simbólico das

vítimas torna claro que êles serão vingados com ampla vingança sôbre seus assassinos.

Uma das vítimas de Roma, Leonardo Schoener, que foi decapitado em Rottemburg, Bavária, a 14 de janeiro de 1528, escreveu a seguinte oração, achada em seus papéis na cela de sua prisão: "Estamos dispersos como ovelhas sem pastor. Fomos compelidos a abandonar casa e lar. Somos como corvos noturnos que habitam nas rochas. Nossas moradas estão nas cavernas e rochedos escarpados ... Não só os homens mas também mulheres e donzelas têm dado testemunho à verdade que Jesus Cristo é a verdade, e o Único Caminho para a eterna vida. O mundo ainda rola, e não descansa: êle delira como se estivesse louco. Êles inventaram mentiras contra nós. Não cessam seus fogos e homicídios. O' Senhor, até quando estarás em silêncio? Até quando não julgarás o sangue dos Teus santos? Suba êle ante Teu trono. Quão precioso a Teus olhos é o sangue dos Teus piedosos santos. Portanto temos conforto em tôda a nossa necessidade, um refúgio em Ti só, e em ninguém além de Ti; mas nenhum conforto, nem repouso, nem paz nesta terra. Mas aquêle que espera em Ti jamais será confundido. O' Senhor, não há nenhum pesar tão grande, capaz de separar-nos de Ti".[1]

Êste importante testemunho de uma dos milhões de vítimas do despotismo e intolerância de Roma-papal, elucida eloqüentemente o clamor profético dos mártires. Ainda em vida, sabendo que a levariam ao suplício, pede vingança do sangue dos escolhidos do Senhor, contra seus carrascos. Não, não; as almas por João vistas sob o altar, clamando vingança, não estavam no céu, mas sob o altar, sob seus sepulcros, a terra, debaixo da qual ainda permanecem.

"E FORAM DADAS A CADA UM COMPRIDAS VESTES BRANCAS"

Os mártires baixaram às suas sepulturas do modo mais ignominioso. Seus inimigos falsearam os motivos de suas vidas; mancharam a reputação e infamaram os nomes dêles; e de vergonha e opróbrio foram cobertas suas tumbas, como se contivessem o pó dos mais vis e desprezíveis sêres humanos. A igreja que os perseguiu e os matou, e que moldava então os sentimentos das principais nações da terra, não poupou esforços para fazer de suas vítimas um objeto de aborrecimento para todos.

Mas, a Reforma Luterana instalada no século dezesseis, aliás em 1517, e que ganhou terreno mais e mais, tirou a máscara de Roma e descobriu seus crimes e sua corrupção. Nações ilustres olharam Roma como um poder corrompido e corruptor, cuja reputação foi baixando precipitadamente. Por fim foram plenamente expostas tôdas as corrupções e abominações romanas, destacando-se o gigantesco sistema da iniqüidade

da côrte de Roma em tôda a sua deformidade demoníaca, diante do mundo. A Reforma deu ao povo a Bíblia na língua vulgar e a sua pregação constatou que aquêles, contra os quais a Sé romana desembainhara sua espada e os assassinara, como herejes, eram bons, honestos, puros, fiéis e verdadeiros cristãos. Assim foi notório que sofreram o martírio não por serem vis criminosos e herejes, mas pelo único motivo de amarem a "palavra de Deus e darem um digno "testemunho" do nome cristão e do nome do Salvador. Então suas virtudes foram admiradas; aplaudida foi a grande fé que lhes dera valor no martírio; seus nomes foram memorizados; e honrado foi o heroísmo com que marcharam para o cadafalso em defesa dos direitos de Jesus Cristo. Foi dêste modo que receberam compridas vestes brancas. A própria revelação vindica assim o santo caráter daquelas verídicas testemunhas do Salvador, covardemente martirizadas pela tirania diabolesca do papado. Em outros têrmos, a Reforma os vestiu com as vestes da justiça de Cristo.

Quando a Europa, desperta pela Reforma, se viu diante da realidade da natureza do papado, um clamor de vingança foi o resultado lógico da mudança de atitudes para com aquêles que tinham sucumbido como "heréticos" mas que eram agora olhados como "santos" e "mártires". Milton, o poeta cego, expressou em versos o clamor por justiça de ambos, o sangue dos mártires e os lábios dos vivos que estavam enfim livres do cativeiro que tinha escravizado as almas de milhões durante os séculos medievais:

"Vinga, ó Senhor, a matança de teus santos cujos ossos
"Jazem espalhados sôbre as gélidas montanhas alpínicas;
"Mesmo aquêles que guardaram a Tua verdade tão pura como na antiguidade,
"Quando todos os nossos pais adoravam o pau e a pedra,
"Não olvides: em Teu livro lembra seus gemidos
"Que foram Tuas ovelhas, e em seus antigos apriscos
"Mortas pelos sanguinolentos piemonteses que rolaram
"Mãe com o filho abaixo das rochas. Seus lamentos
"Os vales ressoaram às montanhas, e elas ao céu. Seu sangue mar-
[tirizado e suas cinzas espalhadas
"Sôbre todos os campos italianos, ainda agita o triplo tirano; que
[dêstes possa crescer
"Um cêntuplo, que tendo aprendido o Teu caminho
"Possa escapar apressadamente da desgraça de Babilônia!"[1])

"E FOI-LHES DITO QUE REPOUSASSEM AINDA UM POUCO DE TEMPO"

Os mártires perguntaram figurativamente "até quando" seriam vingados. Mas, depois de o "verdadeiro e Santo Dominador" vindicar a justiça de Suas fiéis testemunhas, mediante a obra da Reforma, responde-lhes à súplica por vingança: Deviam repousar ainda um pouco mais. Isto é mais uma concludente prova de que na

realidade não estavam no céu desfrutando o eterno gôzo, mas em seus sepulcros onde um pouco mais deveriam permanecer. Permanecer ali até que outros, não poucos de seus conservos, selassem também, com sangue, sua fé, até que o número deles, como mártires sob o tacão romano, fôsse completado. O tacão de Roma continuou a pisar os "santos do Altíssimo" e massacrá-los mesmo quando a Reforma se estendera e se estabelecera firmemente, e centenas de milhares tombaram em terríveis sortidas do ódio de Roma"! O punhal dos assassinos não se fartava de sangue e de carnagens.

Uma multidão ainda de vítimas, foi agregar-se às que já estavam sob o"altar". E juntos esperam a vingança sôbre seus homicidas. Terrível vingança há de ser aquela no tempo designado pelo Todo-poderoso. Mas aquelas fiéis multidões que sucumbiram "por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram", receberão o reino e, com o seu Senhor, que amaram mais que suas vidas, reinarão pelos séculos intérminos da gloriosa eternidade. Também os mártires da era do Velho Testamento, "tendo testemunho pela fé, não alcançaram a promessa: provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que êles sem nós não fôssem aperfeiçoados".[1]) Estão também guardados "debaixo do altar" da terra que lhes sorveu o sangue, para que um dia, conjuntamente com todos os mártires do Novo Testamento, recebam o imperecível galardão.

O SEXTO SÊLO

VERSOS 12-17 — *"E, havendo aberto o sexto sêlo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue. E as estrêlas do céu caíram sôbre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte. E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas forem removidos dos seus lugares. E os reis da terra, e os grandes, e os ricos, e os tribunos, e os poderosos, e todo o servo, e todo o livre, se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas; E diziam aos montes e aos rochedos: Caí sôbre nós, e escondei-nos do rosto daquele que está assentado sôbre o trono, e da ira do Cordeiro; porque é vindo o grande dia da sua ira; e quem poderá subsistir?"*

E EIS QUE HOUVE UM GRANDE TREMOR DE TERRA

Os eventos dêste sexto sêlo não se acham em nada relacionados com a história da igreja cristã como os anteriores. Não há nêle nenhuma linguagem figurada como nos antecedentes, senão extritamente literal. Os portentosos acontecimentos revelados neste sêlo prenunciam o maior acontecimento dos séculos: O Segundo Advento de nosso Senhor Jesus Cristo em grande glória e suprema Majestade.

A profecia estabelece "um grande tremor de terra" como marco inicial do sexto sêlo. E o grande terremoto a primeiro de novembro de 1755, preenche absolutamente os requisitos da profecia.

Evidentemente não fôra Lisboa a vítima única do tremendo abalo daquele ano. Porém, foi a velha capital portuguêsa a maior vítima do grande cataclisma, pelo que êle é denominado de — Terremoto de Lisboa. Os relatórios que a nós chegaram dão-nos um quadro da horrorosa tragédia que viveu Lisboa naquele dia fatídico:

"Em Lisboa, 'um som como de trovão foi ouvido sob o solo, e imediatamente depois violento choque derribou a maior parte da cidade. No lapso de mais ou menos seis minutos, pereceram sessenta mil pessoas. O mar a princípio se retirou, deixando sêca a barra; voltou então, levantando-se doze metros ou mais acima de seu nível comum'. 'Entre outros acontecimentos extraordinários que se refere terem ocorido em Lisboa durante a catástrofe, estêve o sossobro do novo cais, construído inteiramente de mármore, com vultosa despesa. Grande número de pessoas ali se ajuntara em busca de segurança, sendo um local em que poderiam estar fora do alcance das ruínas que tombavam; súbitamente, porém, o cais afundou com todo o povo sobre êle, e nenhum dos cadáveres jamais flutuou na superfície'.

"'O choque' do terremoto 'foi instantâneamento seguido da queda de tôdas as igrejas e conventos, de quase todos os grandes edifícios públicos, e de mais da quarta parte das casas. Duas horas depois, aproximadamente, irromperam incêndios em diferentes quarteirões, e com tal violência se alastraram pelo espaço de quase três dias, que a cidade ficou completamente desolada. O terremoto ocorreu num dia santo, em que as igrejas e conventos estavam repletos de gente, muito pouca da qual escapou'". "'O terror do povo foi indiscritível. Ninguém chorava; estava além das lágrimas. Corriam para aqui e para acolá, cheios de delírio, com horror e espanto, batendo no rosto e no peito, exclamando: *"Misericórdia! é o fim do mundo!"* Mães esqueciam-se de seus filhos e corriam para qualquer parte, carregando crucifixos. Infelizmente, muitos corriam para as igrejas em busca de proteção; mas debalde foi exposto o sacramento; em vão as pobres criaturas abraçaram os altares; imagens, padres e povo foram sepultados na ruína comum'. Calculou-se que noventa mil pessoas perderam a vida naquele dia fatal".[1])

Assim Lisboa, um dos centros de carnagens do papado naqueles dias, sofreu a ira da natureza — um terremoto acompanhado de fogo e inundação. "O edifício principal que também desabou por completo foi o tribunal da inquisição; seguiu-se depois o suntuoso colégio dos jesuítas que sepultou a todos os que nêle viviam como se o Senhor houvesse querido dar a entender a proximidade da ruína daquela ordem sem consciência".[2])

A EXTENSÃO DO GRANDE TERREMOTO

A extensão do cataclisma foi enorme e jamais atingida anterior e posteriormente por terremoto. Pôsto que, geralmente, conhecido por terremoto de Lisboa, estendeu-se pela maior parte da Europa, África e América. Foi sentido na Groenlândia, nas Índias Ocidentais, na ilha da Madeira, na Noruega e Suécia, Grã-Bretanha e Irlanda. Abrangeu uma extensão de mais de dez milhões de quilômetros quadrados. Na África, o choque foi quase tão violento como na Europa. Grande parte da Argélia foi destruída; e, a pequena distância de Marrocos, foi tragada uma aldeia de oito ou dez mil habitantes".[1]) Em Antígua e Barbados, como também na Escócia, Alemanha, Holanda, Córsega, Suíça e Itália, sentiram-se tremores e ligeiras oscilações do solo.

"Diz-se que o movimento deste terremoto foi ondulatório, e que viajava à velocidade de 30 quilômetros por minuto. Uma grande onda varreu a costa da Espanha, e diz-se que se elevou a dezoito metros em Cadiz. Em Tanger, África, elevou-se e caiu dezoito vêzes sôbre a costa; em Funchal, Madeira, elevou-se perpendicularmente uns cinco metros acima da maré alta". "Em Kinsale, Irlanda, uma grande onda precipitou-se ao pôrto, fêz girar vários navios, e tombou sôbre a praça do mercado".

Com o correr do tempo tem havido terremotos que, embora de consequências muito severas em certas localidades, foram de extensão bem reduzida. O denominado de Lisboa, porém, como acabamos de apreciar, foi o "grande tremor de terra" da profecia e proporciona-nos a data incontestável do sexto sêlo e da série de sinais precursores do dia do juízo ou da intervenção de Deus, por Jesus Cristo, no caos mundial da civilização hodierna.

"E O SOL TORNOU-SE NEGRO COMO O SACO DE CILÍCIO"

Antes desta anunciação apocalíptica do escurecimento do sol, outras profecias muito anteriores fizeram a mesma referência como um sinal do fim do mundo ou da Segunda Vinda de Cristo.[2]) O Senhor Jesus, referindo-se, pessoalmente, aos sinais de Seu segundo Advento, aludiu ao escurecimento do sol, salientando o tempo exato dêsse acontecimento, isto é, "logo depois" da grande aflição ou perseguição contra os cristãos na Idade Média, movida pelo papado.[3]) E, segundo atesta a história, as perseguições ou a "grande aflição", causada pela espada de Roma, cessou cêrca do ano de 1773. Logo depois deveria ocorrer o grande fenômeno.

Foi precisamente a 19 de maio de 1780 que tomou lugar o sobrenatural escurecimento do sol, apenas sete anos depois da cessação das perseguições contra os santos. As narrativas que até nós

chegaram do grande escurecimento, são perfeitamente comprobatórias da profecia. O continente Americano foi o primeiro a ser envolto pelas densas e estranhas trevas, pois que se manifestaram nos Estados Unidos, desde cêrca das dez e meia hora da manhã até ao pôr do sol.

"Multidões acreditavam que ia chegar o fim do mundo; homens no campo caíam de joelhos a orar; muitos correram à casa de vizinhos para confessar culpas e pedir perdão; multidões acorriam aos templos, onde os havia, e ali, ministros piedosos, exortando-os ao arrependimento, intercediam junto a Deus em seu favor; e em tôda a parte, nesse dia de espanto e alarme, os descuidosos de outros tempos refletiam sôbre seus pecados e lembravam-se de seu Criador".[1]) "O congresso de Connecticut achava-se em sessão em Hartfort. Quase prevalecia a opinião de que o dia de Juízo houvesse chegado. A câmara dos representantes, impossibilitada de executar seu expediente, adiou a sessão. Uma proposta para adiar o Concílio (êste era um segundo corpo legislativo chamado o Concílio do Governador) estava sendo considerada. Quando foi pedida opinião do Cel. Davenport, respondeu êle: 'Sou contrário ao adiamento. Ou o dia de juízo está se aproximando, ou não. Se não está, não há motivo para o adiamento; se está, prefiro ser encontrado praticando o meu dever. Desejo, portanto, que se tragam velas'".[2])

A grande escuridão não se limitou à América do Norte. Foi observada em tôda a Europa e grande parte da Ásia e África.[3]) Andou de continente em continente como uma advertência do céu às descuidadas multidões em face da proximidade do fim da civilização em seu estado de rebeldia contra as leis do Criador.

O sol apresentava, como reza a profecia, a côr do "saco de cilício". Êste era um tecido grosseiro de pêlos de cabra ou camelo, fabricado na Cilícia, donde o seu nome. Sua côr era semelhante à do sol quando olhado através de um vidro bem enfumaçado, sendo esta a côr real do astro naquele memorável dia, aliás, uma semelhança sangüínea.

"Que as trevas não foram causadas por um eclipse é manifesto, pelas várias posições dos planetas do nosso sistema naquela ocasião; pois a lua estêve a mais de cento e cincoenta graus do sol durante todo o dia, e, consoante os cálculos rigorosos feitos pelos mais celebrados astrônomos, não podia, na ordem da natureza, haver passagem do planeta Vênus ou Mercúrio sôbre o disco solar nesse ano; não podia ser um cometa — muito menos uma montanha — que obscurecesse a atmosfera, pois isso deixaria ainda inexplicada a profunda escuridão da noite seguinte. Nem a um eclipse do sol se seguiria tão excessiva escuridão noturna; e quanto à lua, ela estava nessa ocasião a mais de quarenta horas de movimento para além do ponto de oposição ao sol".[4])

O dia escuro constituiu um acontecimento tão importante na Nova Inglaterra que foi comemorado em um dos poemas de Whittier:

"Foi num dia de maio do longínquo ano
De mil setecentos e oitenta, que baixou
Sôbre a florescência e vida amena primaveril,
Sôbre a fresca terra e os céus de meio dia,
O pavor de uma grande escuridão...
"Homens oravam, mulheres choravam; os ouvidos aguçavam-se
Para ouvir o toque condenatório da trombeta ao despedaçar-se
O firmamento enegrecido, para que a terrível face de Cristo
Olhasse através das nuvens fendidas, não com o olhar que teve
Como amante hóspede em Betânia, mas severo,
Personificando a Justiça e a inexorável lei".[1])

"E A LUA TORNOU-SE COMO SANGUE"

Foi êste também o vaticínio do profeta Joel ao referir-se à grande escuridão.[2]) Todos os entendidos sabem que a lua é um satélite da terra e que sua luz é a própria luz solar refletida. Na ocasião do escurecimento do sol, a luz que êste apresentava na ocasião era a única que a lua podia refletir, a côr escura do sangue, o que mais uma vez confirma plenamente a côr do saco de cilício manifesta pelo sol. Segundo várias notícias que se conservam da época da repentina escuridão, ela manifestou-se também no ano de 1783, na Europa, Ásia e África, como vimos. E, o periódico Neue Hamburger Zeitung de 18 de julho de 1783 noticiava que "o sol e a lua, ao nascerem e se porem, são de côr vermelha de sangue".

A grande treva constituiu um fenômeno inexplicável pela ciência. Unicamente a revelação a define como um sinal precursor da Segunda Vinda de Cristo à terra. Desde que sucedeu, decorreram já mais de 170 anos, pelo que o ajuste com a desequilibrada civilização deve estar às portas.

"E AS ESTRÊLAS DO CÉU CAÍRAM SÔBRE A TERRA..."

Também o Senhor Jesus predisse êsse sucesso conjuntamente ao anunciar o escurecimento do sol e da lua. E, cinqüenta e três anos após a escuridão do sol e da lua, cumpria-se mais êste notável detalhe do sexto sêlo. Nos Estados Unidos foi mais intenso e memorável o cumprimento da profecia. Na madrugada de quarta-feira, 13 de novembro de 1833, o impressionante chuveiro de estrêlas cadentes tomou lugar, do qual várias testemunhas nos legaram solenes relatórios do fenômeno.

"Denison Olmsted, da Universidade de Yale, disse: 'Os que tiveram a felicidade de testemunhar a exibição de estrêlas cadentes na madrugada de 13 de novembro de 1833, viram provàvelmente a maior

demonstração de fogos celestes que já houve desde a criação do mundo, ou pelo menos nos anais compreendidos nas páginas da história'. Calculou êle que os meteoros caíam à razão de 34.640 por hora.

"O mais sublime fenômeno de estrêlas cadentes, do qual o mundo tenha fornecido registo", diz Burrit, "foi testemunhado através dos Estados Unidos, na manhã de 13 de novembro de 1833. Não se averiguou precisamente a inteira extensão dessa assombrosa exibição, mas compreendeu ela parte considerável da superfície da terra. A primeira aparência foi a de fogos de artifício da mais imponente grandiosidade, cobrindo tôda a abóbada dos céus de miríades de bolas de fogo semelhantes a foguetes. Suas coruscações eram brilhantes, resplandescentes, e incessantes, e caíam densas como os flocos nas primeiras nevadas de dezembro".[1])

As estrêlas deram razão ao profeta caindo como a figueira deixa cair seus figos verdes quando abalada por um vento forte:

"As estrêlas não caíam como que desprendidas de *várias* árvores sacudidas, mas de *uma só*. As que apareciam no Oriente caíam para o Oriente. As que apareciam no Norte, caíam para o Norte; as que apareciam no Oeste, caíam para o Oeste. As que apareciam no Sul, (pois saí de minha residência e fiquei no parque), caíam no Sul, e não caíam como cai a fruta madura; longe disso; não *voavam*, mas eram como que *lançadas*, como o figo verde que, a princípio resiste para não deixar o galho, mas quando se desprende voa velozmente, em linha reta, e logo cai. E na imensidade que caíam, algumas cruzavam a trajetória de outras, como se fossem arrojadas com mais ou menos força".[2])

Uma senhora, D. Martina de la Rosa, que em 1935 contava 129 anos de idade e tinha 27 quando caíram as estrêlas, residia na ocasião do fenômeno em Santana, Califórnia, com seu marido. O seu testemunho concernente ao chuveiros de estrêlas, é o seguinte:

"Uma cena que nunca esquecerei é a da chuva de meteoros que iluminou esplendorosamente os céus, fêz cem anos em novembro passado. Ninguém havia visto algo parecido antes, e não creio que desde então alguém tenha presenciado coisa semelhante. Lembro-me, de como meu espôso e eu nos acordamos sobressaltados pela intensa luz que inundou nossa habitação e que alumiava a terra como se fôsse de dia. Não sabíamos o que estava acontecendo e ficamos possuídos de profunda inquietação! Quando saímos fora, os céus estavam iluminados com luzes estranhas. Muita gente orava, outras pessoas estavam em pé, tomadas de pasmo! Durante muitos dias todo o mundo falava sôbre êste fenômeno. Cinqüenta anos mais tarde, os que haviam presenciado êsse espetáculo ainda se lembravam dêle perfeitamente!"[3])

Com vivo terror o povo contemplou o chuveiro de meteoros como patente quadro da profecia. O cientista inglês Tomás Milner, ao es-

crever para os leitores europeus que estavam profundamente impressionados com o fenômeno, revelou: "Em muitas partes, a população, em massa, ficou aterrorizada, e os mais ilustrados ficaram possuídos de admiração, ao contemplarem tão vívido quadro da figura apocalíptica, as estrêlas do céu, que caíam sôbre a terra, do mesmo modo como uma figueira lança de si seus figos verdes, ao ser abalada por um forte vento... A notícia dêste espetáculo celeste, ocorrido no continente ocidental, atraiu poderosamente a atenção, como se pode imaginar, dos astrônomos da Europa e de todo o mundo".[1])

Noutras partes da América fôra também presenciado o grande sinal. No México, Canadá e Antilhas foi deparado. Na Europa foi observado "na Inglaterra, França, Suíça, Alemanha do Sul, Bélgica, nas províncias do Reno, e até em Berlim, Varsóvia, Riga, Petersburgo, Odessa, e também em Suczewa no Bucovina, onde segundo as observações do Dr. Rohrer caíam tão numerosas as estréias fugazes, que podiam comparar-se com uma *verdadeira chuva de fogo"*.[2])

"A cena foi aparentemente mais brilhante na Ásia ocidental. O missionário veterano, Dr. H. H. Jessup, do Colégio Missionário Presbiteriano de Beyruth, descreve-a nos seus 'Cinqüenta e três anos na Síria': 'Na madrugada do dia 14 (nov.), às três horas, despertei de um profundo sono com a voz de um dos moços, gritando: 'As estrêlas estão caindo': Os meteoros derramavam-se como uma chuva de fogo. Muitos dêles eram grandes e variegados, e deixavam após si um comprido rasto de fogo. Um imenso meteoro caiu sôbre o Líbano parecendo tão grande como a lua, e explodiu com um grande rumor, deixando uma coluna verde de luz no seu percurso. Foi debalde tentar contá-los, e a cena continuou até à alva, quando sua luz se obscureceu pelo rei do dia... Os maometanos, dos minaretes convocaram para a oração, e o povo comum estava aterrorizado".[3])

O memorável chuveiro de estrêlas cobriu considerável parte do globo como um inolvidável testemunho do cumprimento da profecia. Foi uma solene advertência predita, destinada a sacudir a civilização espiritualmente indiferente e acomodada em seus prazeres carnais efêmeros.

Êstes quatro sinais do sexto sêlo, precursores da Segunda Vinda de Cristo, não são os únicos preditos nas Sagradas Escrituras. Há inúmeros outros anunciados pelos profetas, apóstolos e pelo próprio Senhor Jesus. Citá-los todos seria aumentar êste volume em muitas páginas. O leitor mesmo poderá ler alguns mais nos textos aqui citados.[4])

"E O CÉU RETIROU-SE COMO UM LIVRO QUE SE ENROLA"

Êste novo detalhe do sexto sêlo revela um acontecimento futuro. O verbo "retirou-se", vem do grego — Apochorizomai — e encontra-se no nosso texto e nos Atos dos Apóstolos capítulo quinze, versículo

trinta e nove, onde é traduzido por — se apartaram. Mas, como é possível o céu retirar-se ou apartar-se? O que é realmente o céu? Ora, o céu é o imenso espaço que se estende em todas as direções do universo de Deus, povoado de miríades de mundos habitados. Por isso seria um tanto difícil aceitarmos literalmente as palavras do vidente. Pois, para onde se iria o céu imenso, se porventura se apartasse ou se retirasse? Vemos que a linguagem do profeta é altamente figurativa e como tal a devemos considerar.

A expressão de que o céu se retirou "como um livro que se enrola", dá a entender que uma cortina ou um véu foi ou será removido para a contemplação de novas cenas relacionadas com o sexto sêlo. E na verdade êle descreve, a seguir, o que sucederá quando isto tomar lugar. Agora estamos vivendo exatamente entre os versículos 13 e 14 do capítulo seis do Apocalipse. Ao cumprir-se a última profecia referente à luta terrena, o céu retirar-se-á ou dará lugar a que se contemplem as cenas que darão fim ao estado atual da civilização.

"E TODOS OS MONTES E ILHAS FORAM REMOVIDOS DOS SEUS LUGARES"

Êste quadro de destruição conduz-nos à sétima praga do capítulo dezesseis. Ao finalizar a obra de proclamação do evangelho, as sete pragas cairão sôbre os que rejeitam a gratuita graça remidora de Deus. Na sétima praga um terremoto e maremoto sem precedentes históricos, mundial, total, ocorrerão. Montes, ilhas, cidades, tudo, enfim, ruirá em escombros sôbre a face de tôda a terra. Será um acontecimento tremendo que encontrará multidões descuidadas e sem o devido preparo espiritual para enfrentá-lo.

O DESESPÊRO DE GRANDES E PEQUENOS

Afinal o céu retirar-se-á para que o pecador impenitente contemple a majestade do Todo-poderoso dirigindo-se à terra. Tôdas as classes estarão em franco desespêro, excepto os verdadeiros cristãos. Os reis da terra ver-se-ão despojados da autoridade terrena que os entoxica e verão a majestade da supremacia de um Monarca que reina sôbre todos êles, mas cujo poder jamais acataram. Os ricos que ajuntaram tesouros na terra e não no céu, verão sem valor algum os seus bens, e perder-se-ão porque confiaram nas suas riquezas e não em Deus.[1]) Os tribunos e os poderosos também se verão despojados de suas dignidades e autoridades de que agora gozam com prejuízo de seus deveres para com o céu. Servos e livres, conjuntamente com os grandes e poderosos serão surpreendidos naquele tremendo dia em que seus pecados e descréditos contra a lei de Deus os conduzirão a um fatal desenlace.

Debalde tôdas estas classes procurarão esconder-se da presença do supremo Juiz nas rochas e rogarão aos montes que os cubram da espantosa presença do Todo-poderoso. "Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que Eu não o veja? diz o Senhor; porventura não encho Eu os céus e a terra? diz o Senhor".[1])

Não poderão ocultar a culpabilidade de que são alvos nem jamais escapar à demorada vingança que por fim se manifestou. Terão de confessar ter chegado o "grande dia da Sua ira", da qual foram notificados mas dela zombaram. Não subsistirão ante a face do Rei do universo.[2])

CAPÍTULO VII

O SELAMENTO DO POVO DE DEUS

INTRODUÇÃO

O sétimo capítulo é um parênteses entre o sexto e o sétimo selos. O seu conteúdo não pertence nem a um nem a outro. A primeira parte do capítulo contém uma obra profética mundial a realizar-se por um povo especial antes do fim dos acontecimentos finais preditos no sexto sêlo, antecedentemente à Segunda Vinda de Cristo.

A segunda parte do capítulo trata duma gloriosa visão referente aos santos na glória, "diante do trono, e perante o Cordeiro", em regozijo pela grandiosa salvação. E, então, um quadro verdadeiramente glorioso daqueles "que vieram de grande tribulação", e contudo "lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do cordeiro".

QUATRO ANJOS RETÊM OS QUATRO VENTOS

VERSO 1 — *"E depois destas coisas vi quatro anjos que estavam sôbre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sôbre a terra, nem sôbre o mar, nem contra árvore alguma".*

DEPOIS DESTAS COISAS

O capítulo anterior termina com acontecimentos alusivos à Segunda Vinda de Cristo. A expressão — depois destas coisas — não favorece a idéia de que a nova visão conste de sucessos a cumprirem-se depois da Segunda Vinda de Cristo. Alude simplesmente a uma outra visão e não que devesse ela cumprir-se após cumprirem-se os sucessos da última.

QUATRO ANJOS NOS QUATRO QUADRANTES DA TERRA

As sagradas Escrituras relatam que os anjos são agentes celestiais que intervêm nos negócios dos homens tôda vez que Deus achar conveniente. Nesta profecia vemos quatro anjos sôbre os quatro quadrantes da terra — Norte, Sul, Leste e Oeste — retendo os quatro ventos nestes e dêstes quatro pontos cardiais. Isto denota uma imensa obra que está em operação na terra sob poderosos anjos.

Como já vimos, a primeira parte do capítulo sete é um parênteses em meio ao sexto sêlo, isto é, uma profecia a cumprir-se imediatamente antes da Segunda Vinda de Cristo. Portanto, a obra dos quatro anjos e a do outro dos versículos dois e três, serão realizadas, incontestàvelmente, antes do grande acontecimento.

OS QUATRO VENTOS RETIDOS PELOS QUATRO ANJOS

Ventos nas profecias bíblicas são emblemas de comoções, lutas, e guerras entre os povos e nações.[1]) Os quatro ventos detidos pelos quatros anjos representam todos os elementos de luta e comoção que existem no mundo. "Ao cessarem os anjos de Deus de conter os ventos impetuosos das paixões humanas, ficarão às soltas todos os elementos de contenda. O mundo inteiro se envolvera em ruína mais terrível do que a que sobreveio a Jerusalém na antiguidade".[2])

"Anjos acham-se hoje a refrear os ventos das contendas, para que não soprem antes que o mundo haja sido avisado de sua condenação vindoura; mas, está-se formando uma tempestade, prestes a irromper sôbre a terra; e, quando Deus ordenar a Seus anjos que soltem os ventos, haverá uma cena de lutas que nenhuma pena poderá descrever. A Bíblia, e a Bíblia só, dá-nos uma perspectiva correta destas coisas. Ali estão reveladas as grandes cenas finais da história de nosso mundo, acontecimentos que já estão projetando suas sombras diante de si, fazendo o ruído de sua aproximação com que a terra trema e o coração dos homens se desmaie de temor".[3])

Os estandartes fictícios da paz oferecida pelas nações, uma às outras, não são senão o restringimento dos ventos das lutas de suas paixões políticas detidos pelos quatro anjos. Apenas algumas rajadas sopram da grande tempestade que virá ao soltarem os ventos. Os acontecimentos internacionais falam em alta voz de que se aproxima o momento decisivo em que os ventos serão soltos, e tudo termine num terrível caos.

Simultâneamente com o estrondo da tormenta, ao serem soltos os ventos, virão as sete últimas pragas tremendas preditas no capítulo dezesseis. O mundo será convertido num assombroso vale de espanto e de dor por estas pragas.

Mas, a obra dos mensageiros angélicos de segurar os ventos, tornará possível a realização de uma outra obra sumamente especial e sublime como descrita nos versículos seguintes. Quando esta obra começar e alcançar o seu têrmo, a dos quatro anjos, logicamente, alcançará também o seu. A divina graça por um mundo caído e ingrato a Deus terá se esgotado para sempre. Multidões que receberam o convite da misericórdia estarão excluídas da gratuita salvação que desprezaram. Agora, porém, é o tempo de decisão. E só aquêle que fizer a boa escolha, sobreviverá.

UM NOVO ANJO ENTRA EM CENA

VERSOS 2-3 — *"E vi outro anjo subir da banda do sol nascente, e que tinha o sêlo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fôra dado o poder de danificar a terra e o mar, dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado nas suas testas os servos do nosso Deus".*

SUBIA DA BANDA DO SOL NASCENTE

Este anjo tem uma obra definida a realizar na terra num tempo enquanto os outros quatro ainda seguram os quatro ventos. De muita significação é a sua subida da banda do sol nascente. Isto é, duma obra mundial rápida como o rápido subir do sol; duma nova obra como um novo nascer do sol. O subir do anjo do nascente do sol, e portanto com costas para êste astro, evidencia sua mensagem contra a adoração do sol nos últimos dias, pelo falso cristianismo, como veremos no capítulo treze versículos dezesseis e dezoito.

"E TINHA O SÊLO DO DEUS VIVO"

No passado como no presente o sêlo tem sido usado como instrumento de validade.[1]) Os antigos reis tinham também o sêlo do reino para assegurar a validade de seus decretos e leis. Tinham o sêlo em forma de sinete ou no próprio anel real.[2]) Nos dias atuais o sêlo, como estabilidade de leis e decretos governamentais e de tôda transação legal entre os homens, tem seu uso em grande escala em tôdas as nações. E' o sêlo que dá valor a tôda espécie de documentos. E' o sêlo que oferece garantia do próprio govêrno da nação em tôda a documentação em que é usado.

Num decreto-lei, de um soberano ou presidente de nação, porém, êste deve, imprescindivelmente, assinar sôbre o sêlo o seu nome, especificar as suas funções e declarar a nação onde exerce o seu encargo. O sêlo de um antigo rei da Itália, assim rezava: *Victor Emmanuel III, Rei da Itália.* Seu sinete ou sêlo continha o seu nome, as suas funções reais e o território no mundo onde exercia o seu domínio, que era a Itália.

O anjo de nossa consideração trazia o "sêlo do Deus vivo". Nos domínios de Deus, que abrangem o universo inteiro, não há transações comerciais por Ele estipuladas, para que neste mister haja necessidade de sêlo correspondente. Nesta terra de pecadores é que os homens inventaram selos para suas transações de negócios visto não confiarem uns nos outros. Deus, porém, é um Soberano e a nossa consideração diz-nos que Êle tem o Seu sêlo. E, como os reis da terra põem o sêlo real somente em suas constituições e decretos-leis, o mesmo faz Deus, com a diferença de que Êle não faz constantes mudanças da constituição de Seu govêrno e tão pouco pede decretos-leis freqüentes como o fazem os homens. Se Deus

mudasse sua constituição universal e necessitasse promulgar decretos-leis com freqüência, então Êle seria igual aos homens que erram e daí necessitarem mudar sempre suas leis. Mas Deus tem uma constituição única, imutável e eterna para todos os súditos de Seus vastos domínios. E sendo sumamente perfeita a sua constituição, como Êle o é, e contendo em si mesma tôdas as responsabilidades de seus súditos para com Êle como Soberano e para com êles em suas relações mútuas, não há necessidade de que Deus promulgue decretos para ajustar erros de Seus súditos contra Sua constituição perfeita, imutável e eterna.

E qual é a constituição do governo universal de Deus? A resposta simples e precisa é esta: São os dez mandamentos, o santo e imutável Decálogo. Em tôdas as Sagradas Escrituras dos dois Testamentos Deus reivindica Sua lei como imutável, inalterável, insubstituível, eterna. E por que? Simplesmente porque ela tem o Seu sêlo de validade e imutabilidade. Êle mesmo diz por um de Seus profetas: "Liga o testemunho, sela a lei entre os Meus discípulos".[1] Note-se que é o próprio Senhor Deus quem afirma o fato de que os Seus adoradores devem reconhecer o sêlo de Sua lei como evidência de que se lhes roga extrita fidelidade a Suas cláusulas.

O sêlo de Deus deve, portanto, encontrar-se em Sua lei onde devemos procurá-lo. E uma vez ali encontrando o Seu sêlo, certificar-nos-emos de que êle, que deve ser aplicado em Seus servos, não se trata de alguma marca ou sinete que deva ser impresso na carne, mas de uma instituição ou uma observância da lei, a êles obrigatória, que os distingue como verdadeiros adoradores de Deus. Vimos já como o sêlo dos monarcas terrenos contém o nome do soberano, suas funções e a circunscrição onde suas funções são exercidas. Na lei de Deus devemos encontrar detalhes semelhantes concernentes ao sêlo de Deus. Seu nome, suas funções e Seu domínio devem ser encontrados conjuntamente em uma das cláusulas ou mandamentos de Sua lei. Se tais detalhes não forem encontrados na lei dos dez mandamentos, ela não terá então o sêlo de Deus e por conseqüência não será imutável e de perpétua obrigação. Urge, pois, que examinemos os dez preceitos da lei de Deus para ver em qual dêles encontramos os requisitos de um sêlo ou do sêlo de Deus.

No capítulo vinte do livro do Êxodo, versículos três a dezessete, temos a lei dos dez mandamentos. Os primeiros quatro mandamentos contêm os deveres do homem para com Deus enquanto os seis últimos os deveres do homem para com o seu semelhante. O sêlo de Deus não poderá ser encontrado na parte da lei cujos mandamentos regulam as relações humanas dos filhos de Deus. Mas Seu sêlo só poderá ser achado na primeira parte da lei, constante de quatro preceitos, que regulam as relações do homem para com Deus.

Nos três primeiros mandamentos não poderemos encontrar o sêlo de Deus. Embora êstes mandamentos contenham o nome de Deus,

não encerram os demais requisitos indispensáveis do sêlo do supremo Soberano, como não o contêm os seis últimos que relacionam os homens mútuamente. Resta-nos ainda fazer mensão do quarto mandamento. Estará nêle o sêlo de Deus?

O quarto mandamento da lei de Deus, não só contém o sêlo de Deus como êle próprio é o sêlo de Deus, o sêlo de Sua lei, a garantia, a segurança da imutabilidade, perpetuidade e inalterabilidade do sagrado Decálogo. Vejamos como reza o quarto mandamento:

"Lembra-te do dia do Sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás tôda a tua obra. Mas o sétimo dia é o Sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fêz o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que nêles há, e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia do Sábado, e o santificou".[1])

Eis diante de nós o sêlo de Deus no mandamento sabático do repouso semanal do sétimo dia. Apontando ao homem o sábado, o sétimo dia da semana, como repouso do Senhor, fá-lo Deus ver nêle o sêlo da Sua autoridade suprema e universal. Os requisitos do sêlo do Rei do universo são evidentíssimos no quarto mandamento do Decálogo. Nêle está o Seu nome, que O coloca acima de tudo e de todos. Está também nêle claramente delineado o Seu título, isto é, Sua apresentação como Criador. E ainda deparamos no mesmo mandamento, com absoluta evidência, a jurisdição de Deus, os Seus domínios sem fronteiras, aliás, *os céus, a terra e o mar*. Em outros termos, o sêlo de Deus está inserido no quarto mandamento: *O Senhor Deus, Criador dos céus, da terra e do mar e de tudo quanto nêles há*. E' êste Seu sublime sêlo, a essência do quarto mandamento sabático, que dá validade e imutabilidade à lei de Deus e revela o verdadeiro autor do Decálogo. O quarto mandamento do Sábado do sétimo dia, portanto, contém a assinatura de Deus como Legislador da grande lei do Seu universo. Sem o quarto mandamento do Sábado do sétimo dia, a lei não terá autoridade alguma. Pois ficaria desconhecido o seu Legislador.

Quem quer que porventura rejeite o repouso semanal do sétimo dia, estará rejeitando o próprio Legislador da lei e estará preferindo uma lei a cujo legislador excluiu premeditadamente. A rejeição do Sábado do quarto mandamento equivale à rejeição do sêlo do Criador do universo. Demasiado tarde crerão os inimigos da verdade que o Sábado do quarto mandamento é o "sêlo do Deus Vivo".

O Sábado é também denominado nas Escrituras Sagradas de "Sinal de Deus", o que é sinônimo de "Sêlo de Deus". Das evidências apresentadas no quarto mandamento da lei, em virtude das quais o Sábado é o Sêlo de Deus, uma é a referência de que Deus é o

Criador dos céus e da terra. Esta mesma referência fêz Moisés ao aludir ao sábado como sinal de Deus.[1]) Mil anos depois de Moisés, outro profeta salienta eloqüentemente o Sábado como sinal entre Deus e Seus verdadeiros filhos, sinal de que Deus os santifica e de que é o Deus dêles.[2]) Uma profecia apocalíptica alusiva às primeiras conquistas maometanas na Idade Média, faz menção dos servos de Deus que seriam salvaguardados pelo fato de terem em "suas testas o sinal de Deus".[3]) Assim, tanto no Velho como no Novo Testamento ou nas duas dispensações — a mosáica e a cristã — o Sábado é o Sêlo ou o sinal da suprema autoridade de Deus e o distintivo que distingue os verdadeiros adoradores de Jeová.

O SELAMENTO DO POVO DE DEUS

O anjo portador do sêlo de Deus "clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fôra dado o poder de danificar a terra e o mar, dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado nas suas testas os servos do nosso Deus".

O alto clamor do anjo já indica que os quatros outros estavam soltando os ventos. Seu clamor denota uma obra a realizar-se no derradeiro final da história do mundo, imediatamente antes dos anjos soltarem os ventos dramáticos que trarão o fim de nossa arruinada civilização. E que obra mais haveria de ser senão a anunciada pelo próprio anjo nesta profecia — o assinalamento do povo de Deus? Agora os acontecimentos mundiais entre as nações iradas de nosso século, dizem bem evidentemente que os quatro anjos estão afrouxando suas mãos e os quatro ventos destruidores estão quase a soprar. "Guerras e rumores de guerra" prenunciam a borrasca final.

O Salvador, porém, não ficará indiferente a Seus escolhidos. O anjo que surje do lado do sol nascente, bradando poderosamente aos quatro outros, logo procederá de sua parte com uma nova mensagem de detenção dos ventos ou da ira das nações, para que a grandiosa obra do selamento de Seu fiel povo, aqui anunciada, seja concretizada. Aguardemos, pois, com fé e esperança, êste extraordinário acontecimento num breve futuro.

De acordo com as palavras do anjo do selamento, os servos de Deus receberão o sêlo "nas suas testas". Vimos como o sêlo de Deus é o Seu santo Sábado que O apresenta como Criador de tudo o que há nos céus e na terra. Como é possível o Sábado como sêlo de Deus ser aplicado em suas testas? Porventura aplicá-lo como sêlo implica em escrevê-lo exteriormente nas suas testas? Não; em absoluto. Mas a razão por que os servos de Deus serão selados em suas testas, é porque, segundo a ciência agora comprova, é "na parte anterior do cérebro que se encontra *o centro, o pivô*, da vida humana, que é aí onde são determinadas as normas de moral". "A parte do cérebro chamada frontal, ou coronal, é a controladora de

todos os processos naturais ou biológicos do homem, da humana criatura".[1])

E "o Dr. Walter E. Dandy, cirurgião norte-americano, especialista em cérebros, acaba de descobrir a sede da consciência. Segundo êsse sábio, a consciência fica localizada no *"corpus atratum"* no centro da cavidade craniana. Operações realizadas pelo Dr. Dandy e outros cirurgiões durante um período de quinze anos, reforçam essa teoria sendo que, pela mesma, a sede da consciência" fica na parte anterior do centro cerebral, em nível paralelo aos olhos e ao ápice das orelhas, mais ou menos em linha direta com o plano superior das mesmas".[2])

Maravilhoso! O sêlo de Deus no "centro", no "pivô da vida humana", "na parte anterior do centro cerebral", na "sede da consciência" individual, no controle, por assim dizer, "da humana criatura"! Daí infere-se que, aquele que aceita o Sábado do sétimo dia como dia de repouso de Deus, o aceita por convicção e consciência clara e o guarda como um tributo de honra moral ao seu Criador. O sêlo de Deus é colocado na sede de sua límpida consciência. E isto é deveras glorioso!

O ANJO DO SELAMENTO

Êste anjo não pode ser um anjo real. Aos anjos não fôra entregue a grande tarefa de evangelizar o mundo e apontar aos homens o sêlo de Deus. A obra do selamento compreende uma grande reforma — no derradeiro fim da historia — prevista pela inspiração entre os homens no que respeita à observância do Sábado do sétimo dia do quarto mandamento da lei de Deus e sua aceitação como sêlo de Deus. O glorioso anjo deve representar, fora de tôda dúvida, um movimento mundial, em nossa presente geração, que conduz o sêlo de Deus, o Sábado, e para o qual logo, como jamais antes, chamará a atenção dos homens. E' o mesmo movimento representado pelo terceiro anjo do Apocalipse quatorze que chama a atenção do mundo contra o sinal da bêsta em oposição ao sinal e sêlo Deus.

O anjo do selamento representa a última fase da obra do terceiro anjo, que não é difícil de ser compreendida. Quem quer que se dê à tarefa de investigar, certificar-se-á de que, em 1844, surgiu em verdade um movimento religioso mundial — o terceiro anjo de Apocalipse quatorze — que atingiu tôdas as nações e se propaga já em cêrca de 800 idiomas e dialetos, sendo o Sábado da lei de Deus o sinal de sua lealdade ao seu Legislador, e o distintivo que o separa de todos os que o rejeitam. Êste grande movimento mundial compreende a Igreja Adventista do Sétimo Dia, cuja história profética poderá ser melhor apreciada nos capítulos dez e quatorze do mesmo livro do Apocalipse.

O SELADOR DOS SERVOS DE DEUS

O anjo do selamento não é o selador ou o agente que sela os servos de Deus. O anjo é tão sòmente o portador do sêlo. O selador deve ser Aquêle que é o único capaz de convencer os homens da obrigação de observarem a lei de Deus e de aceitarem o Sábado como sêlo e sinal de Deus. Diz o Senhor Jesus: "Mas Aquêle Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, êsse vos ensinará tôdas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito".[1]) "Todavia digo-vos a verdade, que convém que eu vá; porque, se Eu não fôr, o Consolador não virá a vós; mas, se Eu fôr, enviar-vo-lo-ei. E quando êle vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo".[2]) Aqui está Aquêle que convence o pecador. E de que o convence? "Do pecado, e da justiça e do juízo". Em outras palavras, Êle convence o mundo de transgressão da lei de Deus, porque pecar é violar a grande lei;[3]) convence-o da necessidade de obrar a justiça que só é possível pela observância sincera da lei dos dez mandamentos de Deus;[4]) convence-o do juízo de Deus que é efetuado com base exclusivamente na lei de Deus.[5])

O Espírito Santo é, pois, o Selador, o Agente que convence os homens a aceitarem o Sábado como repouso, sinal e sêlo de Deus. Diz S. Paulo: "Fostes selados com o Espírito Santo da promessa". "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção".[6])

"Na Inglaterra o grande sêlo do govêrno é guardado por um alto funcionário chamado "Lord Privy Seal" (Senhor Chanceler). E' o secretário particular do rei e, sob a direção do rei, e em sua presença, aplica o sêlo a qualquer documento. Isto torna o 'projeto' uma 'lei', obrigando todo o reino a observá-la. Assim o Espírito Santo é o Chanceler de Deus. O Sábado é o sêlo, isto é, o instrumento, o Espírito Santo o aplica".[7])

O TEMPO ESPECIAL DO SELAMENTO

Embora o Sábado tenha sido o sinal e sêlo de Deus desde o princípio do mundo, o selamento do povo de Deus anunciado no Apocalipse é simultâneo com a imposição do sinal da bêsta.[8]). Todos terão de fazer a grande decisão. "Aquêles que estão unidos com o mundo, estão recebendo o molde mundano, e preparando-se para o sinal da bêsta. Aquêles que não confiam em si mesmos, que se estão humilhando perante Deus e purificando suas almas em obedecer à verdade, — êstes estão recebendo o molde celestial, e preparando-se para receber o sêlo de Deus em suas testas. Quando o decreto sair, e o sêlo fôr impresso, seus caracteres permanecerão puros e imaculados para a eternidade". "O dia da vingança de Deus está iminente sôbre nós. O sêlo de Deus só será colocado na testa daqueles que suspiram e gemem pelas abominações que se cometem

na terra. Os que se ligam em simpatia com o mundo estão a comer e a beber com os temulentos, e serão seguramente destruídos com os obreiros da iniqüidade. O curso do nosso procedimento determinará se receberemos o sêlo de Deus vivo, ou seremos derribados pelas armas destruidoras". "Nem todos quantos professam guardar o Sábado serão selados. Muitos há, mesmo entre os que ensinam a verdade a outros, que não receberão o sêlo de Deus em suas testas. Tiveram a luz da verdade, sabiam a vontade do Mestre, compreendiam todo ponto de fé, mas não tinham obras correspondentes". "Nenhum de nós receberá jamais o sêlo de Deus enquanto nosso caráter tiver uma mancha". "Agora, eis o tempo de preparo. O Sêlo de Deus jamais será pôsto na testa de um homem, de uma mulher impuros. Jamais será colocado na fronte do homem ou da mulher ambiciosos, amantes do mundo. Jamais será pôsto na testa de homem ou mulher de língua falsa ou de coração enganoso. Todos quantos receberem o sêlo precisam achar-se sem mancha diante de Deus, — candidatos ao céu".[1])

Destas declarações acima entendemos que, ainda que uma pessoa guarde o repouso do Sábado do sétimo dia, não é por êsse ato imediatamente selada. Únicamente depois de seus pecados serem apagados por Jesus no santuário celestial é que serão selados os Seus servos, porque só então estarão sem pecados, imaculados diante de Deus, e poderão só agora receber o "sêlo do Deus vivo", pois o Sábado, como vimos, é um sinal de santificação.

"Jesus está agora no Seu templo santo aceitando os nossos sacrifícios, nossas orações e as confissões das nossas faltas e pecados, perdoando tôdas as transgressões de Israel para que possam estar limpos antes que Êle abandone o santuário. Quando Jesus sair do santuário, os que são santos e justos serão santos e justos ainda; porque todos os seus pecados serão apagados e serão então selados com o sêlo do Deus vivo.[2])

A obra do selamento, que logo será levada a cabo, como predita no capítulo sete do Apocalipse, tem o objetivo de convidar homens e mulheres a prepararem-se para receber o sêlo de Deus, quando todos terão evidentemente de decidir entre o sêlo de Deus e o sinal da bêsta.

OS 144.000 ASSINALADOS

VERSOS 4-8 — *"E ouvi o número dos assinalados, e eram cento e quarenta e quatro mil assinalados, de tôdas as tribos de Israel. Da tribo de Judá, havia doze mil assinalados; da tribo de Rubem, doze mil; da tribo de Gad, doze mil; da tribo de Asser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil; da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil; da tribo de Zabulon, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamin, doze mil".*

ASSINALADOS DENTRE O ISRAEL DE DEUS

A profecia do assinalamento não trata do Israel carnal que foi condenado como nação por ter rejeitado o Filho de Deus. Outra evidência é que a obra do selamento não foi efetivada em tempo algum entre o antigo Israel quando contava ainda doze tribos intactas. Pois, trata-se duma obra mundial e não só na Palestina. Muito menos poderá tratar-se de uma obra entre os judeus atuais que contam apenas uma tribo, ou seja a de Judá, espalhada pelo mundo. Outro fator que prova não tratar-se das antigas doze tribos de Israel é que há alterações que não continham entre elas, mo passado. Por exemplo: A revelação não apresenta a tribo de Dan de nenhum modo, aparecendo em seu lugar a tribo de Levi que não fazia parte das doze antigas, mas era a tribo do sacerdócio. Também a tribo de Efraim não aparece com êste nome mas com o nome de José. Os acontecimentos que cumprem a profecia do assinalamento, testificam tratar-se duma obra atual entre o povo verdadeiro de Deus que, por seus característicos tão diversos e internacionais, conta também doze tribos.

Nas portas da Nova Jerusalém encontram-se os nomes das doze tribos, e é claro que não é possível tratar-se dum povo rejeitado por Deus. Pois através de suas portas entrarão e sairão todos os remidos de todas as nacionalidades e não de uma raça única. Assim todos os remidos pertencerão à doze tribos.

Nos fundamentos do muro da cidade estão os nomes dos doze apóstolos de Cristo, que não têm nenhuma relação com aquelas antigas tribos que se esfacelaram pela incredulidade e rejeição de Deus.

Quem são os 144.000?: O número dos assinalados com o sêlo de Deus é um número prefixado pela inspiração. Os 144.000, é bem de ver, não são os únicos que serão salvos; pois em seguida o profeta descreve uma visão em que vê outra multidão incontável. Então, perguntamos: Quem são realmente os 144.000 que serão assinalados ou selados em nossa geração? Em primeiro lugar concordamos que os 144.000 contam um número todo particular dentre as hostes dos remidos. De modo especial hão de estar com Cristo "sobre o monte de Sião".1) Cantarão um "cântico novo diante do trono", que ninguém a não ser êles poderá cantar.2) Êles seguirão "o Cordeiro para onde quer que" Êle fôr. São aquêles "que dentre os homens", serão "comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro".3) Baseados nestes fatos inspirados, temos fortes razões para conceber que os 144.000, ao chegarem ao céu, terão passado, todos êles, por uma única e idêntica experiência na terra. E isto leva-nos a crer que êles deverão estar vivendo na terra ao mesmo tempo e numa mesma época definida. Em nossa consideração acima referimos o texto em que é dito que êles "foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro". E o que são primícias?

Para o agricultor, as primícias são os primeiros frutos a amadurecerem em sua lavoura antes de ela estar preparada para a colheita total.[1]) No ritual do santuário, em Israel, havia a oferta das primícias ou dos primeiros frutos amadurecidos, que o israelita devia levar ao santuário no dia da festa das primícias, como gratidão a Deus pelos prenúncios de uma farta colheita em sua lavoura, e ao mesmo tempo como emblema de Cristo.[2]) No plano da salvação de Deus, Cristo é chamado as primícias da grande ressurreição dos justos que ainda jazem na sepultura ou o primeiro ressurreto que encabeça a ressurreição geral dos santos, que ocorrerá no Seu segundo advento.[3]) Êle é considerado o fruto visível, o primeiro, por assim dizer, amadurecido, da grande colheita da ressurreição total dos santos que dormem no pó da morte. E, agora, falando Tiago dos crentes vivos, diz: "Segundo a sua vontade, Êle nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como primícias das Suas criaturas".[4]) Note-se que os verdadeiros cristãos são no mundo dos vivos considerados "primícias"; aliás, primícias dos santos de todos os séculos a serem salvos.

Assim são os 144.000. Ao voltar o Salvador, para efetuar a colheita dos santos, êles serão os primeiros frutos maduros visíveis que o divino Segador terá ante Seus olhos. Serão os santos vivos, que jamais passarão pela morte, primícias da grande colheita de tôdas as épocas da história. Pois é dito "que dentre os homens foram comprados para Deus como primícias", o que indica realmente que serão salvos dentre os vivos da terra na Segunda Vinda de Cristo, além dos santos mortos que ressurgirão do túmulo. Note-se como a inspiração ainda apresenta os 144.000:

"No mar cristalino diante do trono, naquele mar como que de vidro misturado com fogo — tão resplendente é êle pela glória de Deus — está reunida a multidão dos que "saíram vitoriosos da bêsta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome".[5]) Com o Cordeiro, sôbre o monte Sião, 'tendo harpas de Deus', estão os cento e quarenta e quatro mil que foram remidos dentre os homens; e ouve-se, como o som de muitas águas, e de grande trovão, 'uma voz de harpistas, que tocavam com as suas harpas'. E cantavam um 'cântico novo' diante do trono — cântico que ninguém podia aprender senão os cento e quarenta e quatro mil. E' o hino de Moisés e do Cordeiro — hino de livramento. Ninguém, a não ser Os cento e quarenta e quatro mil, pode aprender aquêle canto, pois é o de sua experiência — e nunca ninguém teve experiência semelhante. 'Êstes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai'. Estes tendo sido trasladados da terra, dentre os vivos, são tidos como as primícias para Deus e para o Cordeiro'.[6]) 'Estes são os que vieram de grande tribulação'[7]); passaram pelo tempo de angústia tal como nunca houve desde que houve nação; suportaram a aflição do tempo da angústia de Jacó; permaneceram sem intercessor durante

o derramamento final dos Juízos de Deus. Mas foram livres, pois 'lavaram os seus vestidos, e os branquearam no sangue do Cordeiro'. "Viram a terra devastada pela fome e pestilência, o sol com poder para abrasar os homens com grandes calores, e êles próprios suportaram o sofrimento, a fome e a sêde".[1])

Aí está a grande razão pela qual os 144.000 terão privilégios especiais. Depois de atravessarem o terrível tempo de angústia vitoriosos, farão jus aos privilégios que lhes estão reservados em promessas. Veja-se também o capítulo quatorze versículos um a cinco e capítulo quinze versículos dois a quatro.

UMA INCONTÁVEL MULTIDÃO

VERSOS 9-17 — *"Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de tôdas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos: E clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro. E todos os anjos estavam ao redor do trono, e dos anciãos, e dos quatro animais: e prostraram-se diante do trono sôbre seus rostos, e adoraram a Deus, dizendo: Amém. Louvor e glória, e sabedoria, e ação de graças, e honra, e poder, e fôrça ao nosso Deus, para todo o sempre. Amém. E um dos anciãos me falou, dizendo: Estes que estão vestidos de vestidos brancos, quem são, e donde vieram? E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E êle disse-me: Estes são os que vieram de grande tribulação. e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem de dia e de noite no Seu templo; e aquêle que está assentado sôbre o trono os cobrirá com a sua sombra. Nunca mais terão fome, nunca mais terão sêde; nem sol nem calma alguma cairá sôbre êles. Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos tôda a lágrima".*

DE TÔDAS AS NACIONALIDADES DA TERRA

Depois de ver a obra do assinalamento do povo de Deus dêstes últimos dias, o profeta em seguida contempla todos os santos salvos, uma inumerável multidão "de tôdas as nações, e tribos, e povos e línguas", de todos os séculos da história do mundo. Esta grandiosa reunião de todos os santos, diante do trono de Deus e perante o Cordeiro, tomará lugar imediatamente ao vir Jesus buscá-los para a glória eterna. Todos trajarão uma vestimenta única — as vestes brancas simbólicas da justiça do Salvador. Ostentarão palmas em suas mãos como emblemas da grande vitória alcançada sob o poder de Jesus.

Numa aclamação retumbante e unânime agradecerão os santos a Deus e ao Cordeiro a misericordiosa salvação de que foram alvos. E os milhões de milhões de anjos, sensibilizados pela manifestação de gratidão dos santos, associar-se-ão com êles na adoração a Deus, pois os acompanharam na terra e os serviram cada dia, e então alegrar-se-ão com êles diante do grande trono.

UMA PERGUNTA E RESPOSTA DUM DOS ANCIÃOS

Foi uma pergunta feita ao profeta: "Êstes que estão vestidos de vestidos brancos, quem são, e donde vieram?" Mas João não pôde responder à pergunta. E por que não? Porque não se tratava daqueles que haviam ressuscitados e que compunham a multidão incontável, mas duma outra multidão que, embora estivesse também diante do trono, êle havia apenas ouvido e descrito o seu número que era de 144.000. Esta multidão dos assinalados e selados, o profeta ainda não havia contemplado. Êle somente diz que ouvira o seu número, não tendo visto. Eis a razão porque não pudera responder à pergunta do ancião. Se a pergunta se referisse à multidão dos ressuscitados, êle imediatamente saberia responder, pois isto lhe fôra comunicado antes. Mas o mesmo ancião respondeu à pergunta, e a fêz de tal modo que não deixou dúvidas de que sua pergunta havia aludido de fato aos 144.000 distintos ali também presentes e em um grupo em separado.

Em primeiro lugar, diz o ancião, êstes vieram de grande tribulação. "Êstes...", quer dizer todos os que o ancião incluira na sua pergunta ao profeta. Todos juntos numa "grande tribulação", o que só é possível quanto aos 144.000 que em breve terão de enfrentá-la. Trata-se do mesmo "tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo", referido por Daniel na sua profecia do capítulo doze versículo primeiro, que é o mesmo tempo das sete últimas pragas.

A razão da vitória dos 144.000 jaz no fato de que "lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro". Êles lavaram. Na verdade tudo é feito pelo poder de Deus; mas a aceitação tem que vir espontânea da parte do pecador. E' por isso que diz que êles lavaram as suas vestes em Seu sangue. Aceitaram o Seu sacrifício expiatório por seus pecados. E nisto obtiveram a eterna vitória.

UMA PARTE DO PRÊMIO DA GRANDE VITÓRIA

Aos 144.000 serão conferidos privilégios especiais. Além dos já considerados e de outros contidos em capítulos subsequentes, os versículos quinze a dezessete falam ainda de outros importantes. Êles estarão "diante do trono de Deus, e O" servirão "de dia e de noite no Seu templo; e Aquêle que está assentado sobre o trono os

cobrirá com a sua sombra". Êste sublime privilégio de estar junto de Deus e O servirem dia e noite, e outros mais, levam-nos a crer que a morada dos 144.000 será sempre com Deus e com Jesus, na santa cidade, a Nova Jerusalém. O versículo quatro do capítulo quatorze parece fortalecer firmemente êste pensamento.

"Nunca mais terão fome, nunca mais terão sêde; nem sol nem calma alguma cairá sôbre êles". Isto denota que por certo tempo e conjuntamente, sofrerão fome, sêde e serão fatigados pelo calor do sol. Nesta circunstância, como já apreciamos, vemos o tempo de angústia e das sete pragas por onde hão de passar antes de serem libertados e gozarem seus privilégios.

E a resposta do santo ancião ao amado profeta, sôbre os 144.000, assim termina: "Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos tôda a lágrima". Esta gloriosa promessa, secundada pelas palavras do versículo quatro do capítulo quatorze, evidencia incontestàvelmente, que os 144.000 gozarão da eterna e estreita amizade de Jesus e de Sua constante companhia, tal como no caso do pastor em relação a seu rebanho. Há quase 3.000 anos referira-se Davi a esta amável e desvelada companhia do Bom Pastor, dizendo: "Êles se fartarão da gordura da tua casa, e os farás beber da corrente das tuas delícias".[1]) E para completar o eterno gôzo, suas lágrimas serão enxugadas, pelo que suas lutas, pezares e sofrimentos estarão enterrados para sempre no passado.

CAPÍTULO VIII

O COLAPSO DE ROMA OCIDENTAL

INTRODUÇÃO

Êste capítulo inicia-se com o sétimo sêlo cuja corrente profética foi interrompida pelas visões do capítulo sete.

Uma nova corrente profética, composta de sete trombetas, é introduzida neste oitavo capítulo para continuar no seguinte e concluir-se nos versículos quinze a dezenove do capítulo onze. Nas profecias, os toques de trombetas são emblemas de guerra; e, nesta revelação, o teor da profecia já indica isso mesmo, aliás guerras de conquista e aniquilamento, movidas por poderes levantados contra o império mais opressor da história do mundo — o império romano.

O capítulo finda com uma solene advertência com relação a três "ais" ou os toques das três últimas trombetas, cujos acontecimentos seriam muito mais solenes e terríveis do que os relacionados com os toques das quatro primeiras trombetas.

A ABERTURA DO SÉTIMO SÊLO

VERSO 1 — *"E, havendo aberto o sétimo sêlo, fêz-se silêncio no céu quase por meia hora".*

O sétimo sêlo é o desfêcho da grande cadeia profética iniciada na era apostólica e tem que ver com um silêncio no céu quase por meia hora. No céu, em tôrno do trono de Deus, há constante manifestação de altos louvores ao Criador e ao Redentor do homem, como apreciamos nos capítulos quatro e cinco. Mas, as celestiais hosanas a Deus e a Seu Filho, cessarão um dia por quase meia hora, e todas as harpas serão postas de lado. Por que? Que acontecimento tomará lugar para que cessem os coros e as orquestras celestiais?

Segundo o Senhor Jesus pessoalmente se referira, Deus o Pai e todos os santos anjos, O acompanharão em Sua segunda vinda ao mundo.[1]) Assim sendo é claro que o céu, isto é, a Santa cidade estará em silêncio enquanto o séquito da divindade não regressar com os escolhidos do Salvador. Haverá silêncio no céu até que todos a êle regressem outra vez.

A meia hora de silêncio no céu não será literal mas profética, pois é assim que entendemos a medida de tempo nas revelações concernentes às profecias. Para sabermos o tempo exato de quase meia hora profética, temos que dividir um dia profético por vinte e quatro horas.

Um dia profético equivale a um ano, ou, melhor dito — vinte e quatro horas proféticas, E, mais ainda, o ano profético compreende 360 dias literais.[1]) Agora, para termos o tempo exato de "quase meia hora" profética, teremos que, em primeiro lugar, dividir 360 dias por 24 horas. E o resultado da operação será 15 dias. Quer dizer que uma hora profética equivale a 15 dias literais e meia hora a 7 dias e meio. O tempo, pois, que Cristo dispenderá para vir à terra e voltar ao céu, não será de meia hora ou sete dias e meio, mas "quase meia hora", isto é, exatamente sete dias. Eis o tempo que o Salvador gastará para vir à terra com Seu séquito buscar Seus remidos e regressar ao céu ou à Santa Cidade.

Ao regressar a corte celestial com os escolhidos do Senhor, encher-se-á novamente o céu com tributação de louvores ainda maiores. Multidões de salvos de todos os séculos prorromperão num cântico de vitória triunfante, seguidos pelos miríades de miríades de santos anjos.

UMA NOVA CORRENTE PROFÉTICA DO NÚMERO SETE

VERSO 2 — *"E vi os sete anjos, que estavam diante de Deus, e foram-lhes dadas setes trombetas".*

Eis a terceira cadeia profética do Apocalipse ligada ao número sete. Profèticamente falando, trombeta é símbolo de guerra ou de graves acontecimentos políticos entre as nações.[2]) Quando o ocorreriam os toques destas trombetas é de suma importância sabermos antes de irmos adiante. Em primeiro lugar tenhamos em mente que, tôdas as profecias do Apocalipse, dizem respeito a sucessos relacionados com a era cristã, quer no que respeita a opressões políticas quer religiosas, e que, note-se bem, tôdas as correntes de profecias sob o número sete, enchem inteiramente esta era. Assim as sete trombetas far-se-iam soar, infalivelmente, na era cristã, enchendo-a de acontecimentos sangrentos tremendos.

Todavia, como as sete igrejas revelam a condição interna e os sete selos a condição externa da igreja cristã, as sete trombetas demonstram evidentes guerras ou juízos que desabariam sôbre os seus opressores, a começar com os primeiros que foram os romanos, ou, mais evidentemente, Roma-Pagã Ocidental e Roma-Cristã Oriental.

UMA ESPECIAL PROVIDÊNCIA EM PROL DOS SANTOS

VERSOS 3-4 — *"E veio outro anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sôbre o altar de ouro, que está diante do trono. E o fumo do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus".*

O ANJO MINISTRANTE DO SANTUÁRIO

Antes dos sete anjos sairem de diante de Deus para cumprirem a sua missão, uma nova cena é apresentada na visão. Um novo anjo surge, não com trombeta, mas com um incensário de ouro, pondo-se "junto do altar". No céu há um único altar, aliás, o do incenso, que se encontra no primeiro compartimento ou lugar santo do santuário.

Mas, quem é o anjo que se apresentou junto do altar para ministrar o incenso? Um anjo comum não pode exercer funções de sacerdote, pelo fato de um sacerdote ser um mediador entre o pecador e Deus, e os anjos jamais foram designados como tais. O Mediador entre o pecador e Deus é um só — Jesus Cristo.[1]). Daí o anjo ministrante da visão ser o próprio Senhor Jesus, não só porque já O vimos noutra visão ministrando no santuário, mas porque a revelação O apresenta também como um anjo, o "anjo do concerto".[2]) Assim vimos sanado êste particular da visão que, possivelmente, já tem tornado perplexo algum estudante das profecias e do santuário.

O INCENSO E AS ORAÇÕES DOS SANTOS

No ritual do santuário de Israel, figura do celestial, a queima do incenso, no altar do mesmo nome, no lugar santo, pela manhã e à tarde, simbolizava os méritos da intercessão de Cristo, como Mediador, em favor do pecador penitente ou de Seu povo. O nosso texto declara que ao anjo, ou a Cristo como Sumo-sacerdote, foi dado "muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sôbre o altar de ouro". Ora, como as sete trombetas se estendem por tôda a era cristã e os acontecimentos resultantes de seus toques iriam pôr em perigo a igreja ou "todos os santos", e êles por isso mesmo necessitariam orar muito, demonstrou-lhes o Salvador, o anjo ministrante, que não lhes faltariam os Seus méritos em todo o tempo dos sonidos das sete trombetas. Procurou dêste modo, o Senhor, dar-lhes a certeza de Sua simpatia nos sofrimentos que iam padecer ao tocarem os anjos as suas trombetas. Estimulou-os a orarem abundantemente e confiarem com segurança no incenso dos Seus méritos infalíveis em prôl da oração sincera e confiante dos Seus amados suplicantes. Êle lhes assegurou, na visão, que Sua mediação pô-los-ia em salvaguarda e que em Seus méritos podiam descansar seguramente pela fé, a verdadeira fé.

O ATO FINAL DO MEDIADOR

VERSO 5 — *"E o anjo tomou o incensário, e o encheu do fogo do altar, e o lançou sôbre a terra; e houve depois vozes, e trovões, e relâmpagos e terremotos".*

O mesmo fogo do altar, que produz a nuvem de incenso que sobe para Deus com as orações dos santos, é lançado na terra, produzindo efeitos tremendos. O mesmo fogo sagrado usado na mediação dos

santos é arrojado sôbre as cabeças daqueles que desprezaram a intercessão do Salvador. A mesma graça que absolve o pecador, torna-se em condenação ao ímpio impedernido que dela não se aproveitou.

O ato do lançamento do fogo do altar sôbre a terra declara que a obra da mediação do "anjo do concêrto" irá até ao fim ou até que o último anjo faça soar a sua trombeta, e indica também o término da mediação do Salvador. Então não mais será oferecido incenso pelas orações mesmo dos santos. Êles próprios terão que viver sem mediação até ao aparecimento do seu Senhor para arrebatá-los da terra. E, para os ímpios desprezadores do tão incomensurável amor de Deus a êles manifesto, estará a porta da misericordiosa graça fechada para sempre.

Ao lançamento do fogo do altar, seguem-se "vozes e trovões, e relâmpagos e terremotos", anunciando a recompensa do ímpio. As mesmas cenas são descritas noutras visões do Apocalipse, como evidências irrecusáveis da ira dum Deus amoroso tão audazmente ofendido e dum amante Salvador vilmente desprezado.

PREPARAM-SE OS SETE ANJOS

VERSO 6 — *"E os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las"*.

Contra quem iriam os sete anjos tocar as suas trombetas é de capital importância sabermos antes de apreciarmos os efeitos de seus toques. As sete trombetas não demonstram mais do que evidentes guerras ou juízos que desabariam sôbre os opressores da igreja e povo e Deus na terra. E quais são êstes opressores apontados nas profecias? Na era cristã, a que dizem respeito as profecias do Apocalipse e bem assim a das sete trombetas, o inimigo da igreja de Deus — é Roma, e é Roma nas suas duas fases e também tôdas as demais potências opressoras. Segundo o teor da profecia, as seis primeiras trombetas estavam destinadas a porem abaixo tôda a estrutura de Roma-Pagã no Ocidente e de Roma-Cristã no Oriente; e, como isto tomou lugar, dir-nos-ão os toques das mesmas trombetas. A sétima trombeta está destinada a eliminar Roma-papal e todos os persistentes inimigos da igreja de Deus no século XX.

Caudilhos especiais iriam com suas hordas guerreiras vibrar fulminantes golpes sôbre o coração de Roma. E, para que o leitor se certifique disto com acêrto, saiba que os versículos três a cinco atestam que a obra das seis primeiras trombetas tomaria lugar antes do ano de 1844, visto que até esta data a mediação mediante a apresentação do incenso fôra realizada no lugar santo do santuário. Até 1844, Roma foi, indiscutivelmente, o poder inimigo único da igreja de Cristo, sendo que dêste ano para cá, outros poderes fizeram-se também abertos adversários da igreja de Cristo, os quais cairão pelo toque da sétima trombeta, com o resto de Roma.

A PRIMEIRA TROMBETA

VERSO 7 — *"E tocou o primeiro anjo a trombeta, e formou-se uma chuva de pedras e de fogo, misturados com sangue, que caiu sôbre a terra, e foi abrasada a têrça parte da terra, e foi queimada a têrça parte das árvores, e queimada tôda a herva verde".1)*

OS EFEITOS DO TOQUE DA PRIMEIRA TROMBETA

A "chuva de pedras e de fogo, misturados com sangue", são emblemas bélicos de destruição. Um dos inspirados profetas dá-nos uma figura disto mesmo: "Eis que o Senhor mandará um homem valente e poderoso; como uma queda de saraiva, uma tormenta de destruição'.2) Não resta dúvida de que um homem valente e poderoso, invadiria repentinamente a têrça parte da terra com os seus comandados, como se caísse do alto semelhante a uma "chuva de pedras" ou de saraiva, e causaria destruição e copioso derramamento de sangue.

Naqueles dias quando o profeta de Patmos recebeu a revelação do Apocalipse, somente três partes da terra eram conhecidas: A Europa, tendo Roma por capital; o Oriente ou Ásia, tendo Constantinopla por metrópole; e a África, tendo Cartago por cidade líder. E esta era também a tríplice divisão do império romano naqueles dias. E' por êste fato que as primeiras trombetas apontam realmente acontecimentos políticos ligados àqueles antigos tempos, quando persistia a tríplice divisão do mundo, não sendo conhecidas a América e a Oceania, que completam hoje as cinco partes ou cinco continentes do mundo.

ALARICO E SEUS VISIGODOS

Naqueles antigos tempos, quando a terra conhecida compreendia as três divisões citadas, tomaram lugar as grandes invasões contra o império romano. Consultando as páginas da história de então, verificamos que a Europa romana ou o Ocidente foi a primeira vítima duma avalanche de guerreiros vindos dalém das fronteiras do Reno e do Danúbio. As quatro primeiras trombetas tratam dos quatro primeiros ataques de vulto sôbre o Ocidente romano, que redundaram na derrocada e esfacelamento de Roma Ocidental ou Européia.

Com alusão à primeira trombeta ou à primeira fulminante investida contra Roma Ocidental, não há historiador que não diga que Alarico, com seus visigodos, foi o primeiro terrível inimigo de Roma a feri-la, sèriamente, abalando sua gigantesca estrutura. Trouxe êle do norte, a região da saraiva, uma terrível tempestade que harmonizando-se com a profecia, demonstrou-se um juízo inexorável e extremamente sanguinário sôbre os cruéis senhores do mundo. A pena do historiador confirma, que só no temível Alarico e suas hos-

tes visigodas encontrou a profecia o seu verídico cumprimento. Vejamos o que diz o historiador G. Oncken, em sua história universal:

"O povo visigodo cansado da sua mortificada situação, irritado desde a morte de Teodósio por mil perseguições, ardis e amiudadas crueldades, sublevou-se em 395, rompendo um pacto que os bizantinos haviam já roto tantas vêzes com as suas sangrentas surprêsas; aclamou rei de tôdas as tribos Alarico, a quem o govêrno de Constantinopla negara o acesso que havia pedido e que, havendo servido já o grande Teodósio em muitas ocasiões com dissimulada repugnância estava furioso vendo destruída a sua esperança de ocupar no exército bizantino o pôsto elevado que ambicionava. Alarico aproveitou, pois, àvidamente a ocasião de alcançar o seu fim por outro caminho, quer dizer, fazendo guerra ao império como chefe do seu povo; pôs-se à sua frente, não como Teodorico por direito tradicional de nascimento, pois nem filho era sequer de um chefe de tribo, mas como Fritigerno, um chefe aventureiro. A exemplo dêste evitou também Alarico nas suas guerras as praças fortificadas, conhecendo muito bem a impossibilidade de empreender sítios com os seus germanos, aos quais ordenou 'paz com as muralhas', contentando-se com as planícies cultivadas onde podia alimentar a sua gente e enriquecer-se fàcilmente pela rapina. Dêste modo devastou sucessivamente a Trácia, a Macedônia, a Tessália, a Ilíria e a Arcádia, sem que as tropas imperiais ousassem fazer-lhe frente, nem defender as Termópilas, nem o ístimo de Corinto. Por êste ístimo penetraram os godos na Grécia onde, à excepção de Tebas, salva pelas suas fortes muralhas, ocuparam sem resistência Esparta, Corinto, Argos, Tegea, Megara e Atenas".[1])

Eduardo Gibbon, também famoso historiador, diz igualmente sobre esta investida de Alarico, o seguinte: "A nação goda tomou as armas ao ouvir o primeiro som da trombeta, e apesar da insólita severidade do inverno, rodaram seus pesados carros sôbre a larga e gelada superfície do rio. Os férteis campos de Fócia e Beócia ficaram cobertos por um dilúvio de bárbaros; os homens foram mortos e as mulheres e o gado foram levados. As profundas e sangrentas pegadas dos godos podiam discernir-se facilmente depois de vários anos. Todo o território da Ática foi devastado pela funesta presença de Alarico. Os mais afortunados dos habitantes de Corinto, Argos e Esparta salvaram-se da morte mas contemplaram a conflagração de suas cidades"[2])

Sôbre esta tremenda sortida de Alarico informa ainda o historiador César Cantu o seguinte: "Alarico, da família dos Baltes, a mais ilustre entre os godos depois da dos Amales, mostrara-se a Teodósio um inimigo terrível; reconciliado com êste, fôra nomeado chefe das milícias. Quando o imperador morreu, porque se julgasse mal recompensado, saiu do território que lhe fôra determinado, e onde se conservava contrafeito, para devastar, pode ser que por instigações de Rufino, a Trácia, a Panônia, a Macedônia e a Tessália.

Transpôs as Termópilas, mal defendidas, e penetrou na Grécia, que até então se vira poupada pelos bárbaros, sem que os generais, com quem porventura Rufino estava concertado, pusessem o mais leve obstáculo às suas rapinas. Templos e cidades foram reduzidos a cinzas; os ritos de Ceres Aeleusina cessaram; do golfo Adriático ao mar Negro foram todos os habitantes trucidados ou reduzidos à escravidão".[1])

Estilicão, o grande general romano, desembarcou um exército no ístimo de Corinto, e conseguiu cercar Alarico e suas fôrças. Mas Alarico, tendo conseguido um convênio em regra com Estilicão e talvez também com Rufino, abandonou sem ser molestado o Peloponeso, em direção ao Épiro, ocasião esta em que a côrte de Constantinopla lhe satisfez todas as suas exigências, nomeando-o comandante da Ilíria e alimentando sua gente e provendo-a de todo o necessário, à custa dos arsenais e depósitos imperiais.

Mas o rei visigodo não se deteve. Penetrou até o coração da Itália, ameaçando sèriamente Roma. Estilicão acudiu a repeliu Alarico e seu bando da Península, para além do Pó. Todavia o rei godo tomou a marchar em direção de Roma sendo novamente obrigado a retroceder, estabelecendo negociações de paz e galgando a Ilíria, onde se estabeleceu. Mas Estilicão foi assassinado pelos próprios romanos, o que trouxe à Itália o maior perigo e a expôs em verdade aos bárbaros sedentos de vingança e riquezas.

"Então Alarico, fechando os ouvidos às palavras de amizade, põe-se em marcha (409), e do alto dos Alpes Juliano aponta aos companheiros as delícias do clima italiano, as cidades opulentas e os feraces vergéis; lembra-lhes as riquezas do mundo inteiro acumuladas em Roma por centenas de triunfos, acrescentando que é facílimo apoderarem-se delas. Logo caem em seu poder Aquiléia, Albino, Concórdia e Cremona; todos os dias se agrupam novos aliados em volta da sua bandeira, que dentro em pouco se desfralda em frente de Ravena, onde a sua vista incute terror. Costeia o Adriático e, tomando a via Flamina, corre de cidade em cidade, sem desembainhar a espada, e vai assentar arraiais defronte das muralhas da antiga dominadora do mundo. Procura um eremita aplacar-lhe o furor, e Alarico responde: 'Não posso parar, é Deus que me impele'. Foi também assim que, mil anos depois Mahomet mandou pela noite acordar o Vizir e lhe disse: 'Peço-te Constantinopla; não posso conciliar o sono neste travesseiro. Deus quer que os romanos me sejam dados'".[2])

"Foram-lhes deputados o senador Basilio e João, tribunos dos notários, encarregados de obterem dêle as melhores condições. Como disseram a Alarico: 'Não vês quanta gente há ainda em Roma?', êste respondeu: 'Quando mais basto está o feno, melhor se ceifa', e convidou-os a lhe entregarem o ouro e a prata tôda que houvesse na cidade, os objetos de valor e os escravos bárbaros. 'E então o que nos deixas?' perguntaram-lhe. 'A vida', respondeu Alarico.

"Sem embargo, consentiu num armistício, durante o qual se deixou levar a sentimentos mais humanos. Reduziu a contribuição a cinco mil libras de ouro, trinta mil de prata, trinta mil de pimenta, quatro mil túnicas de sêda, três mil peças de púrpura fina, e exigiu, além disso, a liberdade de todos os escravos bárbaros. Para satisfazer êste resgate, foram fintados todos os cidadãos, mas foi impossível completá-lo. Então recorreram aos ornamentos dos templos, sendo derretidas muitas estátuas, entre as quais se contava a de Valor, o que foi acompanhado das lágrimas dos idólatras, que viam no fato a ruína total da virtude romana. Satisfeito com o preço, Alarico levantou o assédio. Abriram-se as portas da cidade, e durante três dias se estabeleceu um mercado de víveres nos arrabaldes, o que permitiu encher os celeiros particulares, na previsão de novos desastres. Alarico manteve as suas tropas em rigorosa disciplina, para defender os vencidos do mais leve insulto; depois dirigiu-se para a Etrúria, onde tencionava estabelecer quartéis de inverno. Reuniram-se-lhe quarenta mil bárbaros, cujas cadeias rompera e que respiravam vingança contra senhores cruéis, e ao mesmo tempo Ataulfo, seu cunhado, levou-lhe um reforço de godos e de hunos, achando-se dêste modo à frente de cem mil homens no meio da Itália desalentada. Como, porém, mostrasse desejos de paz, foram três senadores enviados expressamente de Roma à côrte de Ravena, para solicitar a troca dos reféns e a conclusão de um tratado. Por bases, Alarico queria o pôsto de general dos exércitos do Ocidente, com uma contribuição anual de dinheiro e trigo, e a posse da Dalmácia, da Nórica e da Venécia, o que o tornaria senhor do Danúbio e da Itália. Olimpio, ministro de Honório, recusou-se a satisfazer semelhante exigência. Fêz mais: mandou sair de Roma, no encalço dos negociadores, um corpo de seis mil dálmatas. O resultado foi os bárbaros sentirem-se ofendidos com esta precaução, e envolverem-nos e exterminarem-nos".[1])

"Contudo, o resto do império achava-se à mercê dos bárbaros, e Roma viu novamente o terrível Alarico dirigir-se contra ela. O godo, dominando a cólera, conservando moderação na prosperidade, continuou a mandar bispos ao imperador para que salvasse a cidade e a Itália tôda da inevitável ruína; mas porque visse desatendidas tôdas as condições que propunha, assenhoreou-se do pôrto de Óstia e intimou Roma para que se rendesse à discrição, sob pena de ver destruir de um só golpe os celeiros donde recebia a subsistência. O senado teve então de ceder ao clamor do povo, e Alarico ordenou-lhe que aceitasse por imperador Atalus, prefeito da cidade. O novo imperador nomeou o bárbaro general dos exércitos do Ocidente, e Ataulfo capitão das suas guardas, com o título de conde dos domésticos; dêste modo pareceu que as duas nações se protegiam mútuamente".[2])

Mas a política romana incitou novamente os visigodos. "Então Alarico, só respirando vingança e rapina, tornou a apresentar-se de-

baixo dos muros de Roma. Depois de prolongado sítio, penetrou ali (24 de agosto), por traição de alguns escravos, passando por debaixo dos arcos triunfais que sete anos antes tinham sido levantados para celebrar a completa destruição da sua raça. Deste modo a cidade dos Césares, depois de haver pelo espaço de mil cento e sessenta e três anos saqueado o mundo, achou-se entregue como prêsa ao furor dos bárbaros. Contudo Alarico mandou que se poupasse o sangue e fossem respeitadas as igrejas de S. Pedro e S. Paulo.

"O saque nem poupou os primores artísticos nem as roupas menos luxuosas dos particulares. No longo séquito de carros que acompanhava o exército godo, acumulavam-se o ouro, as jóias e as pedras preciosas, atiradas para ali em monte com mesas de prata, tapetes e túnicas de sêda. O ignaro camartelo dos bárbaros deitou por terra vasos magníficos, estátuas admiráveis, porque todo o seu afinco estava em descobrir tesouros, que supunha enterrados. As chamas fizeram desabar muitos palácios, e foram degolados muitos homens e mais ainda reduzidos à escravidão, deduzidos os que puderam ser resgatados pelo afeto dos parentes ou pela caridade religiosa. Não faltaram virgens nem nobres matronas que tivessem de recorrer ao suicídio para escapar à desonra".[1])

"Ao cabo de seis dias, os godos evacuaram a cidade e dirigiram-se pela Via Ápia para a Itália meridional, saqueando e submetendo um país que lhe oferecia quanto pode seduzir um conquistador, sem apresentar nada do que pode infundir-lhe receio. Numerosos italianos se haviam refugiado nas terras mais distantes, uns nas ilhas ou na África, outros no Egito, em Constantinopla, em Betleém, e os que tinham conseguido subtrair alguma coisa à assolação socorriam os outros. Alguns destes exilados foram acolhidos por Crisóstomo, que os consolou; condoendo-se de tantas misérias, julgava ver o cumprimento das profecias e pensava que o fim do mundo estava próximo, pois que sucumbia Babilônia, a grande prostituta do Apocalipse".

"O acampamento dos godos estava apinhado de cidadãos e matronas ilustres, agora escravos e miserável ludíbrio da sorte, que se viam obrigados a servir o vinho das terras que já lhes não pertenciam à grosseira gente do norte. Refestelados à sombra dos plátanos e loureiros dos jardins de Cícero e de Lúculo, os bárbaros desfrutavam as delícias do formoso céu da Itália, prontos para novos combates e novas carnificinas.

"Chegado ao estreito de Messina, Alarico lançou a vista para a Sicília, que devia servir-lhe de degrau para alcançar a África; sobreveio, porém, uma borrasca, que dispersou o primeiro comboio e desgostou os godos de um elemento a que não estavam habituados; depois, a morte de Alarico (412) desviou-os completamente do pensamento de ir mais longe. Para darem sepultura ao herói, desviaram o curso do Bruxêncio, que banha os muros de Cosentia, abriram

uma cova no leito do rio e depositaram nela Alarico com ricos despojos; em seguida restituiram o rio às suas ribas, tendo prèviamente morto os escravos que haviam empregado naquele trabalho, para que ninguém soubesse onde repousava o homem que fôra o terror de Roma".[1])

Depois de Alarico, decresceu o poder dos visigodos com os seus sucessores, até que se acantonaram na península Ibérica, ou Espanha, onde formam ainda, até hoje, o seu reino ou seu domínio, — os espanhóis.

CUMPRIMENTO DA PROFECIA

A pena do historiador encarregou-se de revelar-nos os episódios que cumpriram plenamente a profecia. Alarico foi na verdade o homem guiado, como êle mesmo confessara, para cumprir cada requisito da primeira trombeta. Caindo sôbre Roma Ocidental qual repentina chuva de saraiva destruidora, derramou sangue de multidões principalmente nos Bálcãs e na Itália e incendiou numerosas cidades por onde efetuou sua marcha. Cláudio, um poeta romano daqueles tempos, diz o seguinte, descrevendo as devastações de Alarico:

"Aonde quer que as levem as fúrias, as dispersas hostes precipitam-se através de sombrios caminhos, e labirintos desconhecidos como uma chuva de saraiva, ou um sôpro pestilencial".[2]) Êste mesmo poeta "lamentou patèticamente a sorte das *árvores na conflagração* de todo o país", o que demonstra extraordinário cumprimento da profecia neste pormenor.[3]) Deste modo temos em Alarico e sua hoste visigoda ávida de rapina, a saraiva, o sangue e o fogo como salientados pelo profeta, numa devastação aterradora e quase incrível, desde os Bálcãs, até ao sul da Itália. De Alarico chegou a dizer um historiador: "Recorreu o país como um anjo exterminador, encarregado da tarefa de arruinar o antigo império romano".

Mas a invasão de Alarico do Império de Roma Ocidental foi a chave que abriu as fronteiras romanas a novas e também terríveis invasões de outras hordas bárbaras assoladoras.

A SEGUNDA TROMBETA

VERSOS 8-9 — *"E o segundo anjo tocou a trombeta; e foi lançada no mar uma coisa como um grande monte ardendo em fogo, e tornou-se em sangue a têrça parte do mar. E morreu a têrça parte das criaturas que tinham vida no mar; e perdeu-se a têrça parte das náus".*

OS VÂNDALOS DE GENSERICO NA PROFECIA

O toque e os efeitos da segunda trombeta, por circunscrever a têrça parte do mar, aponta a uma das três partes em que, como já

vimos, dividia-se o mundo nos dias do domínio romano. Portanto, esta segunda trombeta e seus efeitos, como a primeira, abalaria ainda mais os alicerces do império dominador, da férrea Roma dos Césares.

Os têrmos desta profecia asseguram que a segunda trombeta trata duma grande batalha naval em que um grande incêndio tomaria lugar. Um novo inimigo de Roma surgiria para abalar o seu poderio naval como Alarico o fêz com o seu poderio de terra. E quem foi êste novo e temível adversário, diz-nos infalivelmente a história.

Depois de Alarico e seus visigodos, o sério e imediato inimigo de Roma, confirma-nos a história, foram os vândalos e Genserico, seu rei. Pois foram os vândalos de Genserico, dentre todos os povos invasores do império romano, os únicos que formaram imediatamente uma grande fôrça naval no Mediterrâneo. Depois de invadir (429) Genserico o norte da África, procedente da Espanha com os seus vândalos, estabeleceu ali, definitivamente, o seu reino, fazendo de Cartago a sua capital, tendo vencido tôda a resistência de Roma e Constantinopla coligadas.

A PROVÍNCIA ROMANA NA ÁFRICA

"Vejamos agora o que era a província romana na África, quando êste homem terrível pôs o pé nela. Um contemporâneo de Genserico chama-lhe (a África) com retórica exagerada 'a alma do império'. Ainda que não tanto, era não obstante da maior importância para tôda a Itália, e muito especialmente para as duas grandes capitais Roma e Ravena, as quais abastecia de víveres, quase exclusivamente, sobretudo desde que o outro celeiro do império, o Egito, estava destinado a abastecer principalmente Constantinopla, elevada à categoria da segunda capital. A isto acrescia o fato de ter até aquela época desfrutado paz, ordem e segurança, causara então no resto do mundo; de modo que a civilização romana que ali tinha deitado profundas raízes, pôde produzir na África ainda frutos abundantes, quando já os não produzia noutras províncias. Esta, ainda em meio e depois do desmoronamento do poder de Roma, tinha permanecido, graças à sua posição geográfica, tão bem preservada dos ataques dos germanos, que só lhe ganhava a êste respeito, a Bretanha, que não foi invadida senão vinte anos depois. No século III, tinham visitado, apenas de passagem, as costas africanas piratas francos, mas desde então era tão grande a fama da segurança que gozavam os seus habitantes, que muitas famílias opulentas se tinham estabelecido nela, fugindo da Itália e da Espanha, países continuadamente ameaçados por novas invasões". "Os cartagineses tinham elevado a um altíssimo grau de perfeição o cultivo e aproveitamento destas terras, cuja fertilidade era tão grande que o trigo dava em Bizacena cento e cincoenta grãos por um.

Os romanos velavam ainda com maior solicitude sôbre êste país que pârecia um jardim semeado de povoados e de quintas elegantes. Os artigos principais de exportação, além dos cereais, eram o azeite e a lenha que consumiam em grandes quantidades os banhos e termas públicas da Itália".[1])

GENSERICO REI DOS VÂNDALOS

"O rei Genserico, cujo nome significa ganso bravo, conforme o costume dos antigos de compararem os heróis com animais valentes e arrojados é uma das figuras mais imponentes da época da irrupção dos povos bárbaros tão rica em heróis. Tem-se feito um paralelo entre êle e o sábio rei dos godos, Teodorico o Grande; mas o vândalo estava para o godo como a noite sangrenta para o dia benéfico. A seu nome liga-se a suspeita de fratricídio. Era de baixa estatura e coxeava por ter caído de um cavalo; homem pouco comunicativo, duro para suportar tôda espécie de fadiga, iracundo, ambicioso e muito hábil em semear entre os homens a discórdia, fato que recorda o deus supremo dos germanos, Odin ou Wodan, e mais pronto a atuar que outros a decidirem-se. Com manha e traição, faltando à sua palavra, se apoderou de Cartago, capital do seu reino ocupada pelos romanos; arrazou as muralhas de outras cidades para evitar futuros movimentos de resistência; e despojou os habitantes de suas terras até que êle e os seus vândalos satisfizeram a fome de propriedade territorial sem entrar numa divisão ordenada. Os proprietários da região que não fugiram a tempo foram assassinados, ou expulsos e perseguidos, cruelmente pela sua fé católica porque o novo amo era ariano; afogou em torrentes de sangue os motins e as sedições dos seus; e saqueou tôdas as costas, povoações e ilhas do Mediterrâneo onde pôde chegar. A bordo das suas terríveis embarcações não designava rumo algum ao piloto que esperava as suas ordens, porque dizia que 'o vento e as ondas os levariam para aquêles a quem Deus larga de Sua mão', segundo conta a tradição. Esta mesma expressão põe as lendas na bôca de seu terrível competidor na Europa, o 'açoite de Deus', Átila o huno. Como Átila, foi Genserico açoite da humanidade, terror dos povos, e qual tempestade desencadeada em vez de conservar e de criar não fêz mais que destruir, não só os seus vizinhos mas também o seu próprio povo, e todos os povos onde chegou a sua ação ou que a sua influência alcançou. Teodorico foi um rei de paz; Genserico um rei destruidor, espantoso, o rei do terror".[2])

"A tomada de Cartago efetuou-se, como se pode supor, vandàlicamente. Os bárbaros, destruiram os teatros, o templo da Memória, a via ou rua da 'Deusa Celeste'; mataram grande número de habitantes e outros foram repartidos como escravos; muitos fugiram e se expatriaram; o dinheiro e objetos de valor tiveram que ser entregues aos vencedores, que saquearam e destruiram as igre-

jas católicas ou as entregaram ao culto ariano. O clero e as famílias senatoriais, que representavam mais diretamente a resistência nacional e religiosa, ao mesmo tempo que a riqueza, e que portanto eram as pessoas mais perigosas, foram perseguidas com mais rigor.

"Semelhante provação devia naturalmente excitar os romanos a uma nova guerra, mas Genserico era já, como êle costumava chamar-se com orgulho, 'o rei do mar e da terra', temido em tôdas as costas do Mediterrâneo. Não esperou que o atacassem. Reuniu as suas esquadras e passou à Sicília, ponte natural entre a Itália e a África; pôs cerco a Palermo e ameaçou a Itália meridional. O imperador Valentiniano fêz um apêlo ao povo com o fim de organizar um levantamento geral de todos os habitantes capazes de empunhar armas, prometendo-lhes o auxílio do imperador de Constantinopla Teodósio II. Nestas críticas circunstâncias distinguiu-se notàvelmente pela sua perícia um ascendente de Cassiodoro. No ano 441 chegou com efeito o anunciado auxílio do império do Oriente, uma esquadra de 1.100 naus levou todo um exército bizantino comandado pelos generais Areolindo e Ansila, mas quis a desgraça que ao desembarcarem na Sicília passassem o tempo em vacilações, e em lugar de auxiliar a África, foram apenas um pesado encargo para aquela ilha, conforme diz um autor da época; e quando chegou a notícia que hordas de hunos tinham invadido e assolavam o império oriental, regressou tôda a armada em 442 para proteger o seu pais".[1])

GENSERICO E SEUS VÂNDALOS SAQUEIAM ROMA

"Quando o terrível 'açoite de Deus' ficou desfeito nos campos de Chalons, deixando livre o Ocidente, tratou o astuto vândalo de se pôr em boa inteligência com Roma, pois nem de outro modo se explica que justamente então suspendesse a sua perseguição contra os católicos; mas quando no ano seguinte, em 10 de março de 455, foi assassinado o imperador Valentiniano e proclamado em seu lugar Máximo, reinando a desordem e a confusão na capital, coube outra vez à cidade eterna a desgraça de ver dentro dos seus muros novos conquistadores germânicos como tinham visto antes os godos de Alarico. Desta vez eram os vândalos conduzidos pelo terrível rei do mar que faziam a sua visita. Conta-se, ainda sem provas fidedignas, que Eudócia, a viúva do imperador assassinado, obrigada a casar-se contra sua vontade com Máximo, chamou os vândalos para que a vingassem.

"A sua (de Genserico) numerosa e bem armada esquadra fundeou em Portus Romanus (Óstia), que era então o Pôrto de Roma, e cujos habitantes divididos em diferentes partidos, ficaram aterrorizados ao saberem do desembarque dos vândalos".[2])

Máximus, que por desleixo imperdoável se não tinha apercebido para a defesa, só tratou de fugir convidando os senadores a

imitarem-no; mas apenas se soube do seu intento, o povo apedrejou-o e atirou com o seu cadáver ao rio (12 de junho de 455).

"Três dias depois desta sedição, Genserico estava às portas de Roma, e a cidade, intrépida para o assassinato mas sem energia para o combate, gemia e suplicava. E' tradição que o papa, o mesmo Leão que saíra ao encontro de Átila, foi em procissão com o clero ao acampamento dos vândalos, e obteve do rei concessões humanitárias. Mas, não obstante, a cidade foi posta a saque durante quatorze dias, as riquezas que tinham escapado a Alarico carregaram os seus navios africanos, e assim se consumou a vingança de Cartago sobre a sua humilhada rival.

"O templo de Júpiter Capitolino, monumento de patriotismo e magnificência bem mais que de sentimentos religiosos, ficou sem o seu teto de bronze, dourado; todavia, foram poupadas as estátuas dos deuses e heróis. Tito depositara no templo da paz as alfaias preciosas do culto hebraico, a mesa de ouro, o candelabro também de ouro de sete braços; tudo isto caiu nas mãos dos bárbaros. As igrejas cristãs foram igualmente espoliadas, e o papa Leão mandou fundir seis vasos de prata dados por Constantino. Os palácios foram saqueados com extraordinária rapacidade, e à própria Eudócia, quando ia encontrar-se com o libertador por ela chamado, roubaram quantas jóias em si trazia; depois meteram-na com as duas filhas a bordo dos navios, conjuntamente com milhares de escravos escolhidos pela beleza ou pela robustez".[1]) "Todo êste despôjo, exceto um barco carregado de estátuas que foi a pique, chegou sem nenhum contratempo à África".

"De regresso a Cartago não perdeu Genserico um momento em aproveitar a confusão inseparável do interregno e falta de chefe no império romano ocidental, para se apoderar dos distritos e cidades onde se mantinham ainda guarnições romanas, e submeter à sua coroa 'tôda a Africa', isto é, tudo o que compreendia a província romana dêste nome".[2])

Majordano, imperador que reinou em Roma de 457 a 461, "para levar a cabo seu plano de ataque contra os vândalos" "resolveu transportar o seu exército à África ocidental desde o molhe de Cartagena investir com êle até Cartago".) "Os bosques dos Apeninos foram derribados, os arsenais e fábricas de Ravena e Misena foram restaurados; Itália e Gália competiram mútuamente em contribuições generosas para o serviço público, e a armada imperial, de trezentas galeras, com adequada proporção de transportes e navios menores, fôra reunida no seguro e espaçoso. pôrto de Cartagena, na Espanha". "Porém Genserico salvou-se de uma ruína iminente e inevitável pela traição de alguns súditos poderosos, que invejavam ou temiam o êxito de seu senhor. Guiado por sua comunicação secreta, surpreendeu a frota sem custódia na baía de Cartagena; muitos dos navios foram afundados, capturados ou queimados; e os preparativos de três anos foram destruídos em um só dia". "O reino

da Itália, nome a que se havia reduzido gradualmente o Império Ocidental, foi afligido, durante o govêrno de Ricimero, pelas depredações incessantes dos piratas vândalos. Na primavera de cada ano, equipavam uma frota formidável no porto de Cartago; e Genserico mesmo, ainda que já velho, comandava entretanto em pessoa as expedições mais importantes". "Os vândalos visitaram repetidas vezes as costas da Espanha, Ligúria, Toscana, Campânia, Bútio, Apúlia, Calábria, Venécia, Dalmácia, Êpiro, Grécia e Sicília". "A celeridade de seus movimentos lhes permitia ameaçar e atacar os objetivos mais longínquos que atraíssem seus desejos; e como sempre embarcavam um número suficiente de cavalos, podiam recorrer, apenas desembarcassem, a desalentada região com um corpo de cavalaria ligeira".[1])

"Uma expedição preparada em 466 contra a África não se realizou porque o mau tempo obrigou as trirremes romanas a ficar nos portos da Sicília. Morreu Severo e Ricimero de acôrdo com o imperador Leão pôs em seu lugar o general dêste, Antêmio; mas quando se apresentou a Genserico a embaixada para obter dêle o reconhecimento do novo imperador e a promessa de respeitar o território italiano, repetiu ambas as propostas e enviou, pelo contrário, os seus navios piratas a devastar as costas do império oriental, a Grécia, Êpiro, o Peloponeso e a Ilíria, semeando por tôda a parte o terror com as suas inauditas crueldades. Irritados os vândalos pelo mau êxito de um ataque ao cabo Tenaro, na Lacônia, retiraram-se e caíram sôbre a ilha de Zante onde assassinaram todas as pessoas que primeiro encontraram e levaram consigo quinhentas das principais que mataram no mar alto, semeando as águas com os fragmentos dos seus corpos despedaçados. A própria cidade de Alexandria temeu ver-se atacada por êles, e a Sardenha foi conquistada, saqueada e incorporada no império vândalo. Escusado é dizer as crueldades que cometeram com o clero católico e suas igrejas no seu próprio país, e muito mais nas terras onde desembarcavam".[2])

Exaustos já, convieram os dois impérios — Ocidental e Oriental — num grande esforço na intenção de dar cabo ao adversário. Mas soube êste novamente valer-se de sua astúcia e mais uma vez derrotar fragorosamente as forças coligadas.

"E FOI LANÇADA NO MAR UMA COISA COMO UM GRANDE MONTE ARDENDO EM FOGO"

Fogo no mar! Como é possível isto? Evidentemente só um incêndio de navios ou duma esquadra de guerra poderia cumprir êste simbolismo. E, recorrendo à história bélica-marítima do mundo, só encontramos êste cumprimento nas batalhas decisivas entre as esquadras dos vândalos e dos romanos. "Por fim convieram os dois impérios romanos do Ocidente e do Oriente, graças às ativas

negociações do imperador Leão, em unir as suas fôrças para uma expedição comum e poderosa contra êste terrível rei do mar, com a esperança de o aniquilar juntamente com todo o seu reino e acabar assim com as suas selvagens piratarias".[1]) "Os gastos totais da campanha africana quaisquer que fossem os meios de sufragá-la, ascenderam à soma de 13.000 libras de ouro, uns 5.200.000 libras esterlinas". "A frota que saiu de Constantinopla para Cartago consistia em 1.113 navios, e o número de soldados e marinheiros excedia a 100.000 homens". "O exército de Heráclito e a frota de Marcelino uniram-se ou secundaram ao lugar-tenente imperial".[2])

"Basilisco, cunhado do imperador e chefe de tôda a esquadra, devia desembarcar junto de Cartago e tomar esta capital, enquanto outro general, Heráclio, tinha ordem de desembarcar perto de Trípoli e marchar dali sobre Cartago. Marcelino, finalmente, devia sair da Dalmácia com tropas ocidentais, e conquistar a Sicília. O perigo era grande e o ataque combinado pareceu sair tal como se tinha calculado. Marcelino ocupou a Sardenha e Heráclio tôdas as cidades de Trípoli e marchou por terra sôbre Cartago. Entretanto tinha saído também Basilisco da Sicília, como depois saiu Belisário e tinha desembarcado a duzentos e oitenta estádios a Este de Cartago, mas depois de alguns reencontros fatais para as tropas de Genserico, êste pediu-lhe uma trégua de cinco dias, que os chefes da expedição nesciamente lhe concederam, segundo alguns, mediante a influência do dinheiro e a traição de alguns bizantinos arianos. Êste prazo bastou ao vândalo, que só esperava o vento favorável do poente para executar o seu plano de ataque. Sem perder um momento preparou os seus brulotes, tripulou os seus velozes corsários e enquanto se levantava a desejada brisa que impelia os brulotes até o espêsso bosque das trirremes bizantinas".[3])

Genserico "fêz tripular seus maiores navios de guerra com os mais valentes mouros e vândalos, rebocando muitos barcos cheios de material combustível. Na obscuridade da noite, êstes navios destruidores foram arrojados contra a frota indefesa dos romanos, que de nada suspeitavam ao sentir o perigo iminente. A ordem em que estavam dispostas as embarcações muito juntas e amontoadas, auxiliou o progresso do fogo, que foi propagado com rápida e irresistível violência; e o ruído do vento, o crepitar das chamas, os gritos dissonantes dos soldados e marinheiros, que não podiam nem mandar nem obedecer, aumentava o horror do tumulto noturno. Enquanto trabalhavam para subtrair-se às chamas e salvar pelo menos parte da frota, as galeras de Genserico os assaltavam com valor e disciplina, e muitos dos romanos que escaparam à fúria das chamas, foram mortos ou feito prisioneiros pelos vândalos vitoriosos".[4])

"A catástrofe foi horrível; a grandiosa e soberba armada ficou destruída apesar da resistência heróica de alguns capitães. Em vão ofereceu Genzo, o filho do rei, ao valente legado bizantino Johannes salvar-lhe a vida quando lutava desesperada e heroicamente na

proa do seu navio para conter a abordagem: quando se viu perdido, subiu à gávea do mastro maior e dali se lançou com a sua pesada armadura ao mar, respondendo a Genzo enquanto se afundava 'que jamais se renderia a perros'. Basilisco fugiu com os restos da esquadra para Constantinopla onde lhe valeram o sagrado asilo que encontrou na basílica de Santa Sofia e a influência da imperatriz para se livrar do castigo. Heráclio viu-se obrigado a reembarcar; e tendo sido Marcelino assassinado na ilha da Sardenha em agosto de 468, recuperaram os vândalos também esta parte do império.

"Êste gigantesco esforço custara aos romanos a metade do seu exército; por isso foi que Genserico pôde mais do que nunca satisfazer os seus instintos de vingança e de saque, correndo e devastando costas e ilhas dos dois impérios sem receio de encontrar em nenhuma parte resistência".[1])

O CUMPRIMENTO DA PROFECIA

Depois da extensa narrativa sobre a segunda trombeta, deparamo-la em perfeita harmonia com os fatos históricos. Uma guerra naval deu inexorável cumprimento ao requisito da inspiração. Todos os detalhes da revelação foram plenamente cumpridos. A batalha predita deu-se exatamente numa das três partes do mar Mediterrâneo então conhecido e navegado, o que equivale a dizer que não foi uma batalha naval geral, mas, segundo reza o texto, uma batalha localizada. Tão grande foi o derramamento de sangue que o profeta diz que a têrça parte do mar tomou-se em sangue, ou que foi manchada de sangue a têrça parte do Mediterrâneo, tendo perecido a têrça parte dos marinheiros, que na verdade eram as "criaturas que tinham vida no mar". "Também foi perdida a têrça parte das naus na desesperada batalha, o que quer dizer que cêrca de 500 navios foram alvos das impetuosas chamas. Mas, o que mais se salienta, do qual mais evidente cumprimento divisamos na história daquela refrega naval, é o "grande monte ardendo em fogo". Mesmo deixando de lado os registos do historiador, que nos falam duma tremenda catástrofe, podemos ter uma idéia do enorme incêndio naval de 500 navios, ativado por combustível altamente inflamável e pelo vento poente. Em fim, a tragédia que cumpriu a profecia inspira-nos confiança plena nas Sagradas Escrituras, mòrmente em tôdas as suas infalíveis profecias.

A TERCEIRA TROMBETA

VERSOS 10-11 — *"E o terceiro anjo tocou a sua trombeta, e caiu do céu uma grande estrêla, ardendo como uma tocha, e caiu sobre a têrça parte dos rios, e sobre as fontes das águas. E o nome da estrêla era Absinto, e a têrça parte das águas tornou-se em absinto, e muitos homens morreram das águas, porque se tornaram amargas".*

UMA NOVA TEMPESTADE SÔBRE ROMA

Ao considerarmos a primeira e a segunda trombetas, constatamos que Alarico assolou o ocidente romano destruindo a eficácia de seu exército de terra, e que Genserico aniquilou o poder marítimo dos dois impérios conjugados. Porém, estando ainda os vândalos depredando todas as costas do Mediterrâneo, uma nova tempestade desabou fulminante sôbre o Ocidente.

Ao sonido da terceira trombeta, reza o sagrado texto, "caiu do céu uma grande estrêla, ardendo como uma tocha". Caindo qual ardente tocha, o que indica destruição em grande escala e imediata, deve a "grande estrêla" apontar a um valente capitão que, com sua aguerrida hoste que obedece com fanatismo a seu comando, iria arrojar-se como se fôra um ardente e impetuoso meteoro de grande brilho; um gênio militar daqueles agonizantes dias de Roma, que lhe vibraria formidável golpe e desapareceria tão ràpidamente como um astro que fulgura na sua carreira inicial para logo desaparecer em nada. Indubitàvelmente, um guerreiro colérico como jamais os séculos viram igual, sedento de glórias e de vingança sôbre seus inimigos, e que cumpriria a terceira tremenda tempestade da profecia contra Roma, não obstante pouco durável o esplendor de sua carreira bélica e sua supremacia de armas sôbre seus rivais, surgiria inesperado no horizonte internacional ao tempo das invasões sôbre o império dos Césares.

SÔBRE A TÊRÇA PARTE DOS RIOS E SÔBRE AS FONTES DAS ÁGUAS

Na expressão — a têrça parte dos rios — é indiscutível que a "grande estrêla" iria cair sôbre a linha do alto Danúbio e do Reno, e a região dos Alpes abundante em mananciais de águas onde não poucos rios que banham o continente se abastecem. Todos êstes territórios dos rios e das fontes, deveria constituir o cenário das operações repentinas e efêmeras do grande astro. O grande guerreiro incógnito no emblema da "grande estrêla", traçou sua marcha sôbre o ocidente romano, pelo que a revelação se antecipou em tornar manifesta com muita antecedência e exatidão.

"E O NOME DA ESTRÊLA ERA ABSINTO"

O absinto é uma planta muito amarga e que exala um forte cheiro aromático penetrante, conservando êstes agudos característicos mesmo depois de sêca ou em sua essência verde escura. O emblema do absinto torna patente que a "grande estrêla", ao arrojar-se sôbre a região prognosticada, acarretaria acontecimentos amargos em que "muitos homens" morreriam naquele território dos rios e fontes alpinas das águas, aliás, matanças enormes resultariam de sua inesperada queda. E assim dá-nos a profecia um quadro dantesco das chacinas nunca dantes registradas e dos morticínios sem paralelo nos campos de batalha, em consequência do advento daquela candente estrêla

fulminante "como uma tocha" e amarga como o "absinto". Não encontramos na voz da profecia inspirada a previsão dum drama tão horroroso como o que aqui temos, e de tão grandes consequências em tão diminuto espaço de tempo, a ser desempenhado por um único personagem envolto na figura dum grande astro, seguido por soldados reverentes e fanáticos.

A "GRANDE ESTRÊLA" DA PROFECIA

Agora, resta-nos saber que "grande estrêla" foi a que caiu na região dos ricos e suas origens, na Europa. O grande vulto, que operou nas vizinhanças superiores do Danúbio e do Reno e das fontes alpínicas originárias dos rios europeus, e causou enormes desolações e extensas carnificinas, diz-nos a história com indiscutível infalibilidade. Sim, a pena do historiador aponta a grande figura genial da guerra, o grande caudilho da destruição na região pré-apontada como um candente meteoro que se extinguiu logo após seu grande brilho.

"Átila, clama bem alto a voz da história, foi a "grande estrêla" a "tocha" ardente, o amargo "absinto" que assolou, saqueou e muito sangue fêz jorrar insaciavelmente ali naquela "têrça parte dos rios" e nas "fontes das águas" de Roma Ocidental decadente. Foram manifestos nos símbolos da profecia o caráter de Átila, a miséria da qual foi instrumento, a extirpação total que causou e o terror que inspirou o seu nome nos seus dias de chefe de seus terríveis hunos que o reverenciavam em tresloucado fanatismo.

De Átila, é dito que "em seu aspecto, parecia-se muito a um brilhante meteoro que fulgurasse pelo céu". Vindo do Oriente, arrojou-se com seus hunos sôbre o império, na rapidez dum fulgurante meteoro. Êle mesmo "considerava-se consagrado a Marte, o deus da guerra, e sabia ataviar-se em forma peculiarmente vistosa, de maneira que sua aparência, de acôrdo com a linguagem de seus lisonjeadores, bastava para deslumbrar a quem o contemplasse".[1])

OS HUNOS ANTES DA SUPREMACIA DE ÁTILA

Os hunos, de cujo povo Atila era natural, procederam da costa ocidental do Mar Cáspio. "Ammianus Marcellinus diz que eram duma ferocidade sem igual; logo que nasciam, queimavam-lhes a parte inferior da cara com um ferro quente para nunca terem barbas, o que lhes dava parecenças com eunucos; tinham o tronco grosso e curto, os membros robustos, a cabeça enorme, os ombros largos, e podiam tomar-se por animais levantados sôbre as patas traseiras, ou pelas toscas cariátides que sustentam as varandas. Outros comparam o rosto de um huno a uma posta de carne informe com dois buracos no lugar dos olhos, acrescentando que, apesar de baixos são vigorosos, têm ombros largos trazendo a cabeça bem levantada, montam admiravelmente a cavalo e são excelentes arqueiros".[2])

"Viviam à maneira de selvagens, não sabendo sequer cozer as viandas e alimentando-se de raízes cruas ou de carne de animais, que maceravam para ficar mais tenra, entalando-a entre a sela e o cavalo".[1])

"Acostumados desde a infância a sofrer fome, sêde, frio, mudavam a miude de residência, transportando as famílias em carros puxados por bois". "Vestiam-se de pano grosseiro ou de peles de murta, e só largavam o fato quando êle caía aos pedaços. Com o capacete na cabeça, uma pele de bode nas pernas, e nos pés calçados tão tosco que quase os impedia de andar, raro desciam do cavalo, sôbre o qual passavam dias e noites, ora sentados ora bifurcados na sela. Nesta postura comiam, bebiam, celebravam conselho; para dormir inclinavam-se sôbre o pescoço da cavalgadura. Arrojavam-se sôbre o inimigo soltando urros ferozes, e se achavam resistência, voltavam as costas e fugiam, para logo depois tornarem à carga, rápidos como o relâmpago e impetuosos como o furacão. As frechas que despediam, no ataque e na fuga, tinham pontas de osso, tão mortíferas como se fôssem de ferro".[2])

Em 376 deixaram as margens do Volga sob o comando de Belamir, e empurraram os povos godos para as fronteiras de Roma, e estabeleceram-se ao norte do Danúbio. "Os hunos não queriam parar ali, e Belamir, animado pelas vitórias ganhas, devastou as províncias romanas, onde destruiu muitas cidades, até que o desarmaram com a promessa dum tributo anual de dezenove libras de ouro (Cr$ 3.600,00). Uldino, que lhe sucedeu no comando (387), foi assassinado, e os romanos tiveram de conjurar com mais valiosos tributos as ameaças de Karaton (412). Desde esta época ficaram os hunos aparecendo de quando em quando na história do império; cêrca de 40 anos depois, Roilas conduziu-os para aquém do Danúbio, saquearam a Trácia e ameaçaram Constantinopla (425). Estava iminente o perigo quando a peste os dizimou e Roilas foi morto por um raio.

"Ruas ou Rugulas (430) recebia de Teodosius II um tributo de trezentos e cincoenta libras de ouro (Cr$ 66.600,00) para estar quieto; informado, porém, de que os amilzures, os itimares, os tonosures e os boisks, povos limítrofes do Danúbio, tinham feito aliança com os romanos, declarou a Teodósio que romperia o tratado se êle se não desligasse daqueles povos e não os obrigasse a voltarem para o país donde tinham saído. Esta atitude foi-lhes talvez aconselhada por Aétius, que se tinha retirado para junto dêle; mas logo depois de ter firmado um tratado de aliança com Valentinianus III, Ruas morreu (433), deixando a suprema autoridade a seus dois sobrinhos, Blêda e Átila, o *Açoite de Deus".*

ÁTILA E O IMPÉRIO DO ORIENTE

Constantinopla e seu imperador foram assombrados por Átila. "Êste guerreiro terrível pareceria, não já um personagem histórico,

mas um mito, um símbolo de imensa destruição, se não falassem dêle tantos escritores e não o tivesse visto o historiador Priscus. No princípio do seu reinado atemorizou Teodosius, que lhe comprou uma paz vergonhosa por setecentas libras de ouro cada ano; o imperador concedeu também ao bárbaro licença para comerciar livremente nas margens do Danúbio e prometeu-lhe a restituição de todos os seus vassalos refugiados nas províncias imperiais: quando Átila os houve às mãos (e alguns dêles eram de raça real), mandou-os crucificar a todos. Depois de ter humilhado o império, que ficou à sua mercê, na necessidade de obedecer a todos os seus caprichos, declarou guerra aos bárbaros de diversas origens estabelecidos ou errantes no centro da Europa. Gépidas ostrogodos, suevos, alanos, quados, marcomanos, submeteram-se-lhe, por vontade ou à fôrça; dilatou o seu império desde os países habitados pelos francos até aos dos escandinavos, aterrando o mundo todo. Formavam-lhe cortejos inúmeros reis, e setecentos mil guerreiros esperavam que um sinal seu lhes indicasse a região marcada pela vingança de Deus.

"Pinta-se Átila disforme de rosto, de côr azeitonada, com a cabeça grande, o nariz chato, os olhos pequenos e encovados, alguns raros pêlos no queixo, os cabelos encarapinhados, membrudo e vigoroso; era altivo no porte e no olhar, como homem que se sente superior, pela energia, a quanto o rodeia. A sua vida era a guerra, mas sabia dominar-se; exigindo com severidade que os outros fossem justos; para êle a justiça era a própria vontade... 'A estrêla cai, a terra treme, sou o martelo do universo, dizia, onde o meu cavalo assentou as patas'. Tendo-lhe um eremita chamado *Açoite de Deus*, adotou êste cognome como um presságio e convenceu as nações de que o merecia. Um homem dêstes podia tolerar um colega? Matou Blêda, e depois de ter vencido o mundo bárbaro, voltou-se contra o mundo civilizado.

"Primeiramente marchou sobre a Pérsia e, atravessadas as montanhas, entrou na Média (444); mas os descendentes de Kiros e de Arsakês encontraram em si o antigo valor da sua raça e obrigaram-no a retroceder, deixando-lhes grande parte da prêsa já feita. Então o vândalo Genserico, que temia perder a África em resultado do bom acordo de Teodósius e Valentinianus, instigou Átila a invadir o império do Oriente. Uma das suas hordas foi paralizar o comércio que se fazia pelo Danúbio, dispersando e matando os mercadores atacados de improviso, e demoliu a fortaleza de Margum a pretexto de recuperar um tesouro tirado pelo bispo e de prender alguns homens, que se haviam esquivado à justiça do seu rei. A guerra assolou, pois, a Mésia, e o bispo de Margum, para se subtrair ao perigo, entregou a sua cidade aos delegados de Átila. Daqui, a torrente bárbara precipitou-se sôbre todas as praças fortes da fronteira ilírica e destruiu as cidades populosas de Sirmium, Singidunum, Ratiária, Marcianópolis, Naissus e Sárdica, que constituíam uma

fronteira militar. E tendo desenvolvido as suas hordas ferozes numa formidável linha de quinhentas milhas, do Euxino ao Adriático, mandou a Valentinianus e a Teodosius um mensageiro, que disse aos imperadores: 'Átila, meu e vosso amo, ordena-vos que lhe prepareis um palácio'".[1]) "Teodósio chamou a tôda a pressa as tropas que tinha mandado à Sicília contra Genserico e as que andavam às mãos com os persas; não ousara, porém, pôr-se à frente do exército e não tinha generais nem soldados capazes de se arrostarem com tal inimigo. Três vitórias assinaladas levaram Átila até aos arrabaldes de Constantinopla, onde um terremoto demoliu vinte e oito torres, e o imperador chegou a julgar-se pouco seguro na sua capital. Setenta cidades foram saqueadas pelos hunos; os habitantes que escapavam ao morticínio ficavam escravos e eram avaliados, nas partilhas, segundo a sua robustez. Teodosius, o invencível Augustus, desprovido dos recursos que as tiranias vigorosas sempre encontram e a generosa liberdade multiplica, entendeu que o melhor expediente a adotar era pedir misericórdia ao temeroso huno, e assim o fêz. Átila ditou as condições de paz, e entre outras as seguintes: Cessão, por parte do imperador, dos países vizinhos do Danúbio numa extensão correspondente a quinze dias de marcha, elevação do tributo anual de setecentas mil libras de ouro, além de seis mil pagas à vista como indenização de guerra. Esta quantia exorbitante para um país exausto pelo luxo, por uma ruim administração e pelos preparativos bélicos, teve de ser paga por meio de um imposto extraordinário sôbre os senadores, muitos dos quais se viram obrigados a vender em hasta pública as jóias das esposas e ornamentos hereditários dos palácios. O orgulho, que sobrevivia à grandeza, deu o nome de sôldo a êste tributo e conferiu o título de general do império ao rei dos hunos, que dizia rindo: 'Os generais dos imperadores são escravos, os generais de Átila são imperadores'.

"Autorizado pela degradação e vileza do inimigo a tudo ousar, Átila exigiu também de Teodosius que renunciasse o título de senhor do país desde o Danúbio até Naissus e à Nova na Trácia e depois, sempre que queria galardoar algum dos seus oficiais, mandava-o à côrte de Constantinopla a insultar o imperador no seu próprio paço, sob pretexto de reclamar a execução dos tratados; o embaixador enriquecia com os presentes, à custa dos quais Teodosius julgava comprar-lhe a benevolência".

"Pouco tempo depois (28 de julho de 450) morreu Teodosius de uma queda do cavalo, tendo cinqüenta anos de idade e quarenta e três de um reinado infeliz e vergonhoso e apenas ilustrado pelo código que fêz publicar (438), e que foi a primeira compilação de leis que os romanos tiveram".

"Marcianus (que sucedeu a Teodosius) sentia a necessidade de conservar a paz, mas não a queria à custa de covardias; por isso, quando Átila lhe mandou pedir o tributo com arrogância, respondeu-lhe: 'Tenho ouro para os meus amigos e ferro para os meus

inimigos'; últimas palavras dignas de um romano. Átila resolveu declarar-lhe guerra; todavia, hesitou no fundo da Panônia entre dirigir-se para o Oriente ou para o Ocidente, entre eliminar do mundo Constantinopla ou Roma. As circunstâncias lançaram-no sôbre o Ocidente".[1])

ATILA INVESTE SÔBRE O OCIDENTE

E' agora que o veremos cair como uma "grande estrêla" destruidora como uma tocha candente e amarga como o absinto, "sôbre a têrça parte dos rios, e sôbre as fontes das águas". Até então esteve Átila em escaramuças e humilhações no império do Oriente, e reunindo sob seu comando um poderoso exército para se tornar senhor do mundo. Sua carreira guerreira de grande fulgor qual brilhante astro que surge repentino e assolador, inicia-se com sua terrível invasão do império do Ocidente.

"Honória, irmã de Valentinianus", "mandou secretamente oferecer a Átila a sua mão com todos os direitos anexos. A ocasião sorriu ao huno, que logo pediu formalmente a princesa em casamento, e com ela metade do império. O pedido não foi satisfeito, a pretexto de que as leis romanas não concediam nenhum direito hereditário às mulheres e Honória foi reenviada para a Itália, onde a casaram com um homem obscuro e onde depois sofreu perpétuo encarceramento. Mas o orgulhoso Átila ofendeu-se com a repulsa, e para vingá-la reuniu um sem número de povos germânicos, vassalos ou aliados, como os gépidas, regidos por Arderico, e os ostrogodos, capitaneados por Valamir, e abalou-se da Panônia (459). Chegado, depois de penosa marcha, à confluência do Necker e do Reno, encontrou-se com o filho mais velho do Clodion, passou com êle o rio por uma ponte formada de vigas atadas umas às outras, e meteu na Bélgica uma multidão feroz e inumerável (451)"[2]). Os burguinhões são derrotados à sua frente; e, depois de destruir vários, "Átila desce para a margem esquerda do Reno até Mogúncia, e, precedido pelo terror, seguido pela devastação, toma e saqueia Treves e Ecarpiana. Não deixa pedra sôbre pedra em Metz, onde degola todos os habitantes e até as crianças, e dá igual sorte a Tongres".[3])

Aétius reuniu abundantes tropas para repelir o temível inimigo que fazia perigar a sobrevivência de todos os povos europeus. "Quando o exército de Aétius se aproximou, os hunos levantaram o cerco de Orleans, passaram o Sena e esperaram o ataque nos campos Catalaúnicos, nas margens do Marne onde a cavalaria podia manobrar à vontade (451).

"Nesses campos famosos defrontavam os três mundos, asiático, romano e germânico, os homens que estavam a ponto de perder o senhorio da Nova Europa e os que pretendiam apoderar-se dêle. Roma tinha reunido em volta dos seus estandartes os visigodos, os

letes, os armoricanos, os gauleses, os brenes, os saxões, os burguinhões, os sarmatas, os alanos, os francos, os ripuários; com Átila estavam outros francos e outros burguinhões, boios, hérulos, turíngios, gépidas, ostrogodos: eram irmãos, desde muito separados, que se encontravam agora para se exterminarem. Átila percebeu que as suas tropas hesitavam, e disse-lhes, segundo um dêsses historiadores que se comprazem em falar pelos seus heróis: 'Que tendes a temer dessa reunião de inimigos diferentes na língua e nos costumes, e que só o mêdo associou? Arrojai-vos sôbre os alanos e os godos; o corpo não se sustenta em pé quando tem os ossos quebrados. Mostrai o vosso valor habitual. O homem destinado a vencer, não há frecha que lhe toque; o que está votado à morte, morreria até no asilo do lar. Essa turba pávida nem sequer afrontará o vosso olhar. Vou despedir a primeira frecha contra o inimigo; morte àquele cujas mãos ficarem ociosas enquanto eu combater".

"A batalha foi encarniçada, sem misericórdia, sem quartel. Átila dirigiu os seus mais rudes ataques contra os godos, que considerava com razão o mais sério obstáculo às suas conquistas. Teodorico, rematando com prodígios de valor uma existência belicosa, morreu na refrega; cento e cincoenta mil homens juncaram com os seus cadáveres as margens do Marne, e a vitória coube aos romanos".[1]) Os dois inimigos retiram-se depois da vitória dum e derrota doutro. Átila e seus hunos tornaram a passar o Reno em direção a Panônia.

"Na primavera seguinte (452) aprestou-se para outra invasão. Depois de ter pedido novamente a mão de Honória, que novamente lhe foi negada, pôs-se em marcha, passou os Alpes e sitiou Aquiléia..., e Aquiléia transformou-se em momentos num triste montão de escombros. Altium, Concórdia, Pádua tiveram igual sorte. Entranhando-se então no país, Átila devastou Vicência, Verona, Pérgamo. Pávia e Milão salvaram-se do incêndio submetendo-se e entregando tôdas as riquezas que possuíam os habitantes.

"Tôda a Itália, espantada e desalentada com a notícia destes repetidos desastres, estava no auge da confusão, sem govêrno, sem exército e quase despovoada. Só Aétius se conservava firme; mas os aliados que o haviam socorrido do outro lado dos Alpes viam com indiferença a fúria dos hunos dilacerar a Itália. O império do Oriente contentava-se com prometer socorro; dispondo, portanto, de pouquíssimas forças, o general romano apenas podia picar os flancos do exército de Átila. O próprio Valentinianus descansava pouco na fidelidade hesitante de Aétius.

"Neste estado de coisas, o papa Leão, e Avienus, varão consular, resolveram apresentar-se súplices a Átila e interceder, em nome da religião e das antigas tradições, pela salvação de Roma. Encontraram o terrível guerreiro perto de Peschiera; foram bem recebidos e pediram-lhe que se retirasse, prometendo-lhe enormes riquezas a título de dote de Honória".[2])

EXTINGUE-SE O BRILHO DA GRANDE ESTRÊLA

"O famoso conquistador, que parece um gigante porque lhe serve de pedestal um montão de ruínas, e perante o qual tremia o mundo desde o Báltico até ao Atlas e ao Tigre, pôs-se novamente em marcha para a sua cidade de madeira. No caminho teve a fantasia de juntar a tantas mulheres, que lhe haviam dado inúmeros filhos, a jovem e formosa Ildegunda; a alegria desta união ou os excessos do tálamo foram-lhe fatais. O seu cadáver estêve exposto no campo entre duas filas de tendas de sêda. Os hunos cortaram os cabelos, golpearam o rosto e solenizaram as exéquias derramando sangue humano. Em volta do catafalco cantavam, com olhares torvos: 'Êste é Átila, rei dos hunos, filho de Munzak, senhor de mui valorosas nações, o qual, com um poder inaudito, possuiu a Scytia e a Germânia, apavorou os dois impérios de Roma, a tal ponto que para lhe não entregarem todas as riquezas, depois de o terem aplacado com súplicas, lhe pagaram um tributo anual. E depois de ter dirigido tão gloriosamente todas estas empresas, é que êle morreu, não de ferida aberta por um inimigo, não por traição dos seus, mas sem dor, no meio da alegria'. Os seus restos mortais, fechados em três caixões, um de ouro, outro de prata, outro de ferro, foram sepultados de noite com a mais preciosa prêsa feita aos romanos e os cadáveres dos escravos que tinham aberto a cova; em volta da sepultura, os nobres celebraram os funerais com banquetes intemperantes".[1])

O CUMPRIMENTO DA PROFECIA

Átila cumpriu com fidelidade extrema cada sentença da profecia que lhe diz respeito. Foi êle a "estrêla" semelhante a uma "tocha" que incendeia e a um "absinto" que causa amargura. "A tradição popular que se formou no decorrer dos tempos, concentrou em Átila todos os horrores que caíram sôbre a Europa com a invasão dos bárbaros; a imaginação dos povos ignorantes personificou a figura de Átila como o verdadeiro flagelo de Deus. Êstes exageros foram em grande parte devidos à rapidez, semelhante à de um meteoro, com que a invasão de Átila, a mais importante de todo o largo período das irrupções bárbaras, passou pela cena do mundo, e porque foram mais consideráveis as destruições por ela provocadas".[2])

Se não fôra o teor da profecia, parecer-nos-ia incrível que o poder de Átila desaparecesse tão rapidamente como o brilho de um meteoro que se extingue num instante após a sua queda. Gibbons diz-nos que "tôda a largura da Europa, que se extende por mais de oitocentos quilômetros, desde o Euxino ao Adriático, foi invadida de uma vez, ocupada e assolada pelos miríades de bárbaros que Átila

levou ao campo".[1]) Daí a aparição de Átila, tão bem como sua imediata desaparição, ser um mistério quase impenetrável, parecendo, pela apresentação da profecia, que seu advento, como guerreiro flagelador, foi providencial e que, ao ter cumprido sua missão como vingador dos povos sob Roma, devesse desaparecer como um efêmero meteoro que perde rápido o seu resplandor.

Todavia, à morte de Átila, "o mundo respirou como se houvesse desaparecido um astro que inspirasse receios. Podia dizer-se: Há também cometas no horizonte político das nações".[2]) À sua morte esfacelou-se o seu império, invadido por diversíssimas nações, e por fim a raça dos hunos confundiu-se com outros povos, desaparecendo.

A QUARTA TROMBETA

VERSO 12 — *"E o quarto anjo tocou a sua trombeta, e foi ferida a têrça parte do sol, e a têrça parte da lua, e a têrça parte das estrêlas; para que a têrça parte dêles se escurecesse, e a têrça parte do dia não brilhasse, e semelhantemente a noite".*

O OCIDENTE ROMANO EM DESESPERADA AGONIA

Os toques das três primeiras trombetas sob Alarico, Genserico e Átila sacudiram o império romano ocidental desde os seus alicerces. O implacável poder que por séculos sujeitou as nações em suas garras de ferro, estava a ponto de sucumbir. O trono romano europeu tornou-se por fim insustentável. No espaço de vinte anos, desde a morte de Valentiniano (16 de março de 455), nove imperadores haviam desaparecido sucessivamente. A antiga glória e poderio de Roma sumira-se como que por encanto, e o cetro invencível dos Césares de outrora retrocede vencido frente às enfurecidas hordas barbáricas invasoras. Faltava apenas um sôpro para converter em ruínas o edifício cambaleante da arrogância e da tirania.

As invasões dos bárbaros privaram Roma de uma após outra de suas ricas províncias. A África, o celeiro da velha capital, foi ocupada pelos vândalos; Espanha, Gálias, Panônia, Bretanha e Ilíria foram violentamente arrebatadas. Enfim, todo o ocidente foi infestado de povos de raças mui diversas que lutavam desesperadamente pela melhor região onde sobreviver. Suas inúmeras legiões dantes invencíveis e formadas de patriotas foram aniquiladas e prostradas pela derrota. O diminuto exército que ainda lhe restava, era constituído na maioria por mercenários das próprias tribos invasoras que não manifestavam qualquer interêsse em manter uma causa para a qual não despertavam sentimentos patrióticos. Tudo quanto restava do antigo e poderoso império, estava concentrado, no que respeita ao Ocidente, exclusivamente na Itália, como uma tênue sombra do

que fôra o potente poder dos antigos Césares vitoriosos. Em Roma jazia ainda um imperador fantoche e sem prestígio algum diante do poder barbárico arrogante e ameaçador. Que restava mais, se não o golpe de misericórdia no cadáver agonizante do império do Ocidente?

A TÊRÇA PARTE DO SOL, DA LUA E DAS ESTRÊLAS DO IMPÉRIO

A propósito da figura apresentada nesta profecia, alusiva ao sol, à lua e às estrêlas, encontra-se uma outra no Velho Testamento referente aos mesmos astros, que abre caminho para entendermos o que em Roma era emblema do sol, da lua e das estrêlas, cuja têrça parte perderia a sua luz.

Trata-se dum sonho inspirado de José, filho do velho patriarca Jacó. Como José mesmo relatou seu sonho, aqui o temos: "Eis que ainda sonhei um sonho; e eis que o sol, e a lua, e onze estrêlas se inclinavam a mim".[1]) E notemos como entendeu o sonho seu pai: "E contando-o a seu pai e a seus irmãos, repreendeu-o seu pai, e disse: Que sonho é êste que sonhaste? Porventura viremos, eu e tua mãe, e teus irmãos, a inclinar-nos perante ti em terra?".[2]) Assim, no sonho de José, o sol representava o pai, a lua sua mãe e as estrêlas seus irmãos. Dêste modo havia no lar de José sol, lua e estrêlas a brilhar no firmamento da família. Para nós êste sonho é tão interessante quão maravilhoso, tendo tido o seu fiel cumprimento.

O mesmo que na casa de José, dava-se quanto ao govêrno romano. Nêle havia um sol, que era a pessoa do imperador; havia também nêle uma lua, ou a insígnia imediatamente inferior, que era o consulado; e ainda havia estrêlas que designavam as insígnias inferiores à lua do consulado, que eram as senatoriais. Em outras palavras, o trono, o consulado e o Senado, eram o sol, a lua e as estrêlas do govêrno imperial romano. Como era na casa de José assim era no firmamento do domínio mundial de Roma. Que Roma era considerada um grande luminar nos dias de sua supremacia mundial, confirma Jerônimo ao expressar a consternação do Oriente pelo saque da capital do império assaltada pelos visigodos de Alarico, em 410. Assim expressou-se Jerônimo: "Quando a brilhante luz de todo o mundo foi apagada, ou, antes, quando o Império Romano foi decapitado, e, para falar mais corretamente, o mundo todo pereceu numa cidade, eu fiquei mudo e humilhei-me a mim mesmo".[3]) Disse ainda mais Jerônimo: "Clarissimum Terrarum Lumem extinctum est" (o glorioso sol do mundo extinguiu-se).[4])

Entretanto, como reza a previsão do profeta, todos os luminares imperiais — sol, lua e estrêlas — ou, melhor dito, todo o poder de Roma, iria apagar-se ou ser extinto em sua têrça parte pelos efei-

tos do toque da quarta trombeta. Aliás, o império do Ocidente era a terça parte que iria sucumbir para sempre.

O GOLPE DE MISERICÓRDIA NO IMPÉRIO OCIDENTAL

Alarico, Genserico e Átila desferiram tremendos golpes na estrutura de Roma Ocidental e deixaram-na cambaleante em seus fundamentos. Agora, pela quarta trombeta, constatamos que a Providência escolheu outro homem para vibrar o golpe de misericórdia no gigante moribundo. E quem foi êsse homem, veremos a seguir.

Odoacro, grande vulto das hostes de Átila, reuniu sob seu comando, à morte deste, os remanescentes de sua tribo hérula e outros germanos, e empenhou-se em correrias de rapinas nas províncias romanas especialmente na Nórica, entrando depois para o exército romano, sendo chamado em cêrca de 472 para o exército da Itália.

Ao chegar Odoacro à Itália, com os de sua raça, o exército romano era ali quase que completamente composto de mercenários bárbaros das tribos invasoras. Todos êstes mercenários que com suas famílias e utensílios domésticos afluíram em massa às legiões do exército imperial, e se haviam acostumado à vida sedentária e vantajosa num país como a Itália, temiam a possibilidade de verem-se obrigados a abandonar a península. Nasceu-lhes então o desejo de permanecerem no país como donos, a exemplo doutras tribos noutras províncias.

Quando Orestes, depois de destronar Nepos, tornou-se senhor da Itália e fêz com que seu jovem filho, Rômulo, fôsse proclamado imperador, não ficaram com isto satisfeitos os bárbaros do exército, e reclamaram um têrço das terras da Itália para estabelecerem-se como proprietários e não serem considerados inferiores às outras tribos acantonadas nas províncias. Tendo, porém, Orestes se negado às suas pretensões, levantou-se Odoacro, que tinha uma das praças da guarda imperial, e propôs-lhes satisfazer as aspirações uma vez que o reconhecessem por chefe.

E, reconhecido que foi pelos sublevados, levou-os Odoacro ao território de Veneza, onde se reforçou com novos contingentes rúgios, hérulos e outros bárbaros que chamou a si. Imediatamente, dirigiu-se contra as tropas que permaneciam fiéis a Orestes, e, antes de atacá-las, foi proclamado rei por seus guerreiros, a 23 de agosto de 476. Orestes encerrou-se em Pávia, sendo a cidade capturada e incendiada por Odoacro a 27 do mesmo mês. Tendo Orestes fugido a Piacenza, foi alcançado no dia seguinte e decapitado em presença dos amotinados. Dali marchou Odoacro com seu exército a Ravena, em cujas imediações, a 4 de setembro, apresentou-lhe batalha Paulo, irmão de Orestes, com as tropas fiéis ao imperador. Paulo foi morto e suas fôrças derrotadas. Já não restava agora mais poder bélico para defender as insígnias imperiais no Ocidente.

ESCURECE A TÊRÇA PARTE DO SOL

"O último imperador do Ocidente, o jovem Rômulo Augusto, que por sinal tinha o nome do fundador de Roma, cônscio de que o debacle das remanescentes legiões do império por Odoacro lhe tirara tôda a esperança de sustentar-se no trono, vira-se na contingência de abdicar, antes de ser afastado da dignidade imperial pelo bárbaro vitorioso. O infeliz Augusto foi o instrumento de sua própria queda: êle participou ao senado sua resignação; e esta assembléia, em seu derradeiro ato de obediência a um príncipe romano, afetou ainda o espírito de liberdade, e as formas da constituição. Por decisão unânime, foi dirigida uma carta ao imperador Zenon, genro e sucessor de Leão, o qual fôra últimamente restaurado, após breve rebelião, ao trono bizantino. Êles negaram solenemente a necessidade, bem como o desejo de continuar por mais tempo com a sucessão imperial na Itália; daí, em sua opinião, a majestade de um único monarca era suficiente para providenciar e proteger, ao mesmo tempo, tanto no Oriente, como no Ocidente. Em seu próprio nome, e no do povo, consentiram em que a sede do império universal fôsse transferida dc Roma para Constantinopla, e renunciaram vilmente ao direito de escolher seu chefe, único vestígio que restava ainda da autoridade que dera leis ao mundo. A república (êles repetiam êsse nome sem corar) poderia, com segurança, confiar na competência civil e militar de Odoacro; e pediram humildemente que o imperador o investisse do título de patrício, e da administração da diocese da Itália".[1])

Tendo deixado a púrpura pela fôrça das circunstâncias, Rômulo Augusto retira-se para uma linda vivenda, próxima de Nápoles, onde podia desfrutar tranqüilamente "uma pensão anual de 6.000 moedas de ouro", favor que lhe concedeu o vencedor.

A queda do império do Ocidente, no ano 476, sob a espada de Odoacro, deu por encerrada a história do que foi o cruel império de ferro. Estava dado o misericordioso golpe no cadáver que durante anos agonizava. Roma perdeu a glória que desfrutou por mais de doze séculos, de 753 A.C. a 476 A.D., de ser a metrópole do mundo.

CUMPRIMENTO DA PROFECIA

Estava ferida a têrça parte do sol imperial para jamais tornar a brilhar e cumprida a profecia inspirada. E, agora, um vez extinto o sol do império no Ocidente, com a queda da dignidade imperial, as instituições — o Consulado e o Senado ou a lua e as estrêlas — que dependiam de sua luz para poderem brilhar ali, também se extinguiram para que, como vaticinara o profeta, se fizesse noite completa no Ocidente romano. Esta profecia demonstra que a queda de Roma Ocidental seria definitiva, e que o império do Oriente

jamais restauraria a autoridade da metrópole destronada e dos romanos no continente europeu.

Gregório I, papa de 590-604, exclamou pasmado da extinção da antiga glória de Roma: "Onde está o Senado? Onde está o povo?... Tôda a glória de dignidade terrena expirou da cidade".[1]) *Findou afinal* a considerada inextinguível glória romana ocidental. Um eterno dia escuro e uma eterna noite sem luminares, sobrevieram no continente europeu para o cetro romano imperial. A profecia da inspiração foi inteiramente cumprida, protestando-nos de que há segurança em nela confiarmos.

A queda total da supremacia de Roma no Ocidente, determinada pelos sucessos das quatro primeiras trombetas, ocasionou uma completa nova ordem de coisas na Europa ou no Ocidente. Surgiram novas formas de govêrno, novos países, novos líderes políticos, novas leis, novas línguas novos costumes e novos ornamentos. Foi, por assim dizer, fundado um novo continente que constituiu a Europa Moderna de nossos dias.

UMA SOLENE ADVERTÊNCIA

VERSO 13 — *"E olhei, e ouvi um anjo voar pelo meio do céu, dizendo com grande voz: Ai! ai! dos que habitam sôbre a terra! por causa das outras vozes das trombetas dos três anjos que hão de ainda tocar".*

Um novo anjo aparece para introduzir o seguinte grupo de trombetas. Sua grande voz expressa a solenidade de sua advertência aos habitantes da terra. Por duros que houvessem sido os quatro primeiros toques das trombetas que sepultaram o império romano do Ocidente, não deixa dúvidas a advertência angélica dos horrores que sobreviriam ao soarem os três últimos anjos as suas trombetas. Acontecimentos ainda de consequências mais terríveis e maior alcance tomariam lugar. A quinta e a sexta trombetas, como veremos, daria cabo ao império romano do Oriente, e a sétima ao império mundial dos reinos da fôrça. Tão tremendos seriam tais acontecimentos, que são pelo mensageiro celeste apresentados em forma de "ais!" O primeiro "ai" pertence à quinta trombeta, o segundo à sexta e o terceiro à sétima.

CAPÍTULO IX

O MAOMETANISMO NA PROFECIA

INTRODUÇÃO

No capítulo anterior apreciamos a queda de Roma-Ocidental pelos acontecimentos ligados às quatro primeiras trombetas. Agora, no nono capítulo, apreciaremos a queda de Roma-Oriental ou do que restava ainda daquela dominação que foi um gravíssimo pesadelo para o mundo por muitos séculos.

Árabes e turcos são os açoites dos dois primeiros "ais" ou das quinta e sexta trombetas, numa guerra chamada "santa" de estrangulamento do poder bizantino opressor. Três principais fatos asseveram, sem contestação, representarem estas duas trombetas os árabes e os turcos: 1) Os símbolos nelas contidos que somente a êstes povos podem ser aplicados; 2) o testemunho histórico que não deixa quaisquer dúvidas de que o islamismo, através destas duas nações, cumpriu precisamente a profecia; 3) a apresentação profético-matématica referente ao tempo de supremacia dêstes dois poderes maometanos.

Os árabes enfraqueceriam o império, causando dano a todos quantos recusassem reconhecer o profeta da Arábia e seus ensinos; os turcos, porém, atormentariam e matariam "a têrça parte dos homens" numa investida de conquista do poder dos bizantinos infiéis ao Islã. Mas, a parte mais gloriosa desta profecia, reside no fato de que, ao tempo dos terríveis sucessos destas duas trombetas, haveria um povo com o "sinal de Deus" "nas suas testas", pelo que, reza a revelação, seria protegido pela providência.

A QUINTA TROMBETA

VERSO 1 — *"E o quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrêla que do céu caiu na terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo".*

UMA ESTRÊLA CAI SÔBRE A TERRA

Na sequência das sete trombetas encontramos duas estrêlas que caem. A primeira, Átila, como vimos no toque da terceira trombeta, caiu sobre a região dos rios e fontes do império do Ocidente, sendo assim prevista a limitação das consequências de sua queda.

Mas, esta outra estrêla que nos é apresentada na quinta trombeta, caiu na "terra", o que indica que as consequências de sua queda seriam de caráter ilimitado, isto é, mundial.

Mas, quem representa esta nova estrêla da profecia? Ora, como no caso de Átila, ela deve aludir indubitavelmente a um personagem que procuraria impor-se ao mundo pretendendo ser alguma coisa. Já salientamos que a quinta e a sexta trombetas apontam ao poder maometano e, segundo a sequência da revelação concernente a estas trombetas, a estrêla é a primeira coisa que aparece em relação a êste poder, o que inquestionàvelmente designa o fundador do maometanismo. E em realidade o nome de dito poder indica por si só o seu fundador — Maomet. Tôda a descrição que seguirá desde êste primeiro texto até ao final, é evidente comprovação de que Maomet é a estrêla salientada nesta profecia.

MAOMET ANTES DAS PRETENSÕES DE PROFETA

Maomet nasceu no ano 570 e seu nome significa "exalçado". Filho de Abdallah e de Amina, pertencentes à tribo dos Coraichitas que tinha a seu cargo a custódia do templo de Kaaba, ficou órfão de pai aos dois meses de idade e de mãe aos seis anos. A meninice e juventude de Maomet são descritas permeadas de lendas muçulmanas que, embora inverosímeis, é claro, inspiraram um fanatismo cego a seus seguidores, a ponto de estarem sempre prontos a matar e a morrer em defesa do profeta e de seus ensinos.

Entretanto, à mercê dos cuidados dos parentes Maomet fêz-se homem, afinal, casando-se aos 25 anos com uma viúva rica, Cadicha, já quarentona, a serviço de quem estivera por algum tempo. Porém, não se contentou Maomet somente com Cadicha. No decorrer de sua vida realizou "ainda quatorze uniões conjugais". Entre as suas espôsas e concubinas figuravam uma cristã (copta do Egito), uma judia e uma criança de sete anos, Aixa (mais tarde favorita e que era filha de Abu Becre — o sucessor do profeta".[1]) "Teve também onze concubinas".[2])

MAOMET PRETENDE RECEBER VISÕES

O matrimônio contraído com Cadicha fêz de Maomet um dos mais ricos habitantes de Meca. Renunciando, porém, algum tempo depois suas operações comerciais, fixou tôda a sua atenção no espetáculo moral que ofereciam seus compatriotas e no remédio que êle cria mais eficaz para erguê-lo a um plano mais elevado.

Êste remédio era o plano de uma nova religião, que consumiu quinze anos até que amadurecesse a seu contento. Mas, para cimentar o novo credo que pretendia fôsse aceito por seus compatriotas e pelo mundo todo, procurou dar cunho de revelação aos dog-

mas da nova seita de sua invenção. Aos 40 anos, depois de já ter meditado 15 em seu projeto, aliás em 610, pretendeu ter chegado o momento de pôr em prática o que pretendia. Começou por participar o aparecimento do anjo Gabriel a êle, na solidão do monte Hira, o qual viera comunicar-lhe a elevada missão para a qual fôra escolhido como profeta. Verdadeiras lendas absurdas envolvem a pretensão de Maomet como profeta escolhido e inspirado de Deus, que são demasiado ridículas para serem inseridas nesta obra.

Depois de participar a nova a Cadicha, poucas pessoas, inclusive Abu-Becre, ficaram a par da sua pretensa investidura. Durante três anos comunicou-a secretamente; afinal declarou que Deus lhe ordenara que a proclamasse ao gênero humano. Todavia as lendas maometanas que cercam Maomet dão uma idéia do triste fundamento do maometanismo. Em tôdas as suas fantásticas visões lendárias, crêem orgulhosamente os fanáticos muçulmanos.

MAOMET É REPELIDO DE MECA

As classes de Meca não receberam com bom grado, a princípio, as doutrinas de Maomet. Quando em 622 se encontravam em Meca muitos peregrinos fiéis ao profeta, desencadeou-se então a perseguição. Por ordem de Maomet e em segrêdo, seus seguidores abandonaram a cidade com destino a Medina e outras partes. Maomet ficou em Meca até que todos os seus partidários dela se retirassem. Uma assembléia, entretanto, resolveu dar cabo dêle antes que também deixasse a cidade. Mas êle, acompanhado de Abu-Becre, fugiu para Medina, onde foi recebido de braços abertos, e cuja cidade foi chamada "cidade do profeta".

A fuga de Maomet, de Meca, em 16 de julho do ano 622, a Hegira, determina o início da era maometana, observada por todos os seguidores do profeta. Esta fuga, porém, a contra gosto do fugitivo, despertou-lhe ódio de vingança contra Meca e seus perseguidores.

MAOMET VITORIOSO NA ARÁBIA

Estabelecido e apoiado firmemente em Medina, começou Maomet a sua guerra contra Meca, a cidade sagrada do país. Disse que "a chave do paraíso é a espada, que uma gota de sangue derramada pela causa de Deus, uma noite passada sob as armas a céu aberto, têm mais merecimento do que dois meses de jejum e de oração. Os pecados do que morre em combate são-lhe perdoados, e as suas feridas exalam um perfume de âmbar, etc.".[1]) Quando avançou sôbre Meca para tomar vingança, esta capitulou, moralmente, aceitando uma paz humilhante imposta pelo profeta.

Maomet aproveitou-se do tratado com os coraishitas para visitar Meca como peregrino. Muitos dos seus adversários creram nêle.

Afinal tomou Meca de verdade; e Maomet ali permaneceu 15 dias estabelecendo sôbre base firme a religião e o govêrno; recebeu a submissão de algumas tribos sujeitando outras pela fôrça. Maomet tornou-se então chefe político e espiritual da Arábia.

"E FOI-LHE DADA A CHAVE DO POÇO DO ABISMO"

O têrmo "chave", dêste texto, referente à chave dada a Maomet, vem do grego *"kleis"*. Êste mesmo vocábulo aparece em cinco outros textos do Novo Testamento, e tôdas as vêzes é usado para exprimir — *autoridade conferida.*[1]) Portanto, a chave entregue a Maomet, foi o poder e a autoridade supremas que seus compatriotas lhe conferiram. O têrmo "abismo" vem também do grego *"abussos"*. E' usado em mais seis outros textos do Novo Testamento e em cada caso determina um estado caótico ou circunstâncias caóticas.[2]) Assim recebera Maomet, de seus concidadãos, a "chave" da autoridade para exercer o seu poder num caos, ou num ambiente caótico que era a Arábia dos seus dias. O estado em que se encontrava o seu país ao impor-se como profeta, era realmente lamentável. Não havia govêrno central. Numerosas tribos com govêrno próprio, independente, formavam a nação.

Cosroe, rei da Pérsia, depois de comparar a condição política e civil dos árabes com as dos outros povos, disse: "Mas entre os árabes não encontro, na ordem moral nem na ordem material, nenhuma destas coisas excelentes; não têm fôrça, nem estabilidade, e o que mostra quanto são inferiores às outras nações é o seu gênero de vida, pouco diferente do das feras e das aves de rapina com que fazem sociedade. Acrescenta que matam os filhos no berço para os não verem sofrer fome; que as tribos andam perpètuamente em guerra umas com as outras, matando e roubando para terem de comer; que lhes falecem todos os gozos de vida, pois não sabem o que são ricos vestuários, nem cozinha delicada, nem bons vizinhos, nem divertimentos".[3])

Dêste modo, a Arábia com a sua política de rivalidades internas, intermináveis, sua moral e mais a corrupção religiosa oriunda de vários cultos, principalmente a idolatria, era, sem dúvida alguma, o "abismo", o caos, ou, no teor da profecia, "o poço do abismo", cuja "chave" autoritária foi entregue a Maomet nos dias em que êle se ergueu ali como pretenso profeta de Allah.

MAOMET ABRE O POÇO DO ABISMO

VERSO 2 — *"E abriu o poço do abismo, e subiu fumo do poço, como o fumo de uma grande fornalha, e com o fumo do poço escureceu-se o sol e o ar"*.

O FUMO QUE SAIU DO POÇO

Já apreciamos como a Arábia, em sua condição moral, política e religiosa, ao levantar-se Maomet, era o "abismo", o caos representado na profecia. Senhor da Arábia, Maomet não modificou as condições reinantes para melhor, senão que, embora abolindo aquele estado de coisas reinantes, como vimos, deixou o "abismo" caótico pior, no país inteiro, pelo fato de criar uma política religiosa aberrante e falsa, pela qual se tornou ditador político e religioso, seguido e adorado por um país inteiro cujos súditos transformara em fanáticos, prontos a matar e morrer por seus erros encobertos em pretensas revelações. Com a chave da autoridade que lhe conferiram os seus, abriu o "poço" da Arábia ao mundo; e, com que intensão o abriu às nações? Que pretendia tirar dêle para elas daquele "poço" arábico?

Maomet tinha "fumo" reservado para o mundo naquele "poço do abismo". "Fumo", diz a revelação, "como o fumo duma grande fornalha". Que fumo era êsse? Era um "fumo" que escureceu o "sol e o ar". Mas, "o sol e o ar", aqui, são simbólicos. Como o sol natural faz incidir seus raios sôbre a terra para iluminá-la e trazer-lhe benefícios, assim os raios do sol da justiça de Cristo são refletidos do alto através do verdadeiro cristianismo, para benefício do mundo. O ar, que está impregnado de elementos vitais para a manutenção, purificação e fertilização da vida física, é emblema da divina graça como manifestada através do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, que é um lenitivo, um bálsamo purificador da vida espiritual diária dos seguidores do Salvador.

Mas Maomet escureceu êste "sol" e êste "ar" sublimes, com o "'fumo" que fêz emanar do "poço do abismo" ou da Arábia. E' claro que o "fumo" referido não é natural, mas simbólico como "o sol e o ar". Todavia, de influência asfixiante, pestilenta e mortífera como o fumo; e, em tão grande proporção, pois diz que emanava como se saísse "de uma grande fornalha", que se espalhou aos quatro ventos, escurecendo "o sol e o ar".

Este "fumo" mortífero é a religião maometana fundada por Maomet que emanou da Arábia. Um "fumo" que escureceu o "sol" da justiça de Cristo e o "ar" do evangelho da Sua graça, para milhões de habitantes do mundo em dilatadas extensões. Há plausível diferença entre o cristianismo e o maometanismo, já no fato de que o primeiro é representado nas profecias como uma luz que desceu do céu, enquanto o segundo como um "fumo" pestilento e sufocante que emanou — do poço do abismo. Também, nesta própria profecia o evangelho da graça divina é apresentado como "o sol e o ar", cheios de vida e de luz, enquanto o maometanismo, como vimos, como um fumo asfixiante que mata a alma e a vida espiritual.

O "KORÃO" E SUAS DOUTRINAS

O “Korão”, livro sagrado do maometanismo é um sistema de erros de falsa inspiração atribuído a Maomet. Os adeptos do embusteiro profeta, no entanto, acreditam cegamente que o livro não é obra pessoal dêle, mas que reproduz fielmente as palavras divinas transmitidas pelo anjo Gabriel, durante mais de vinte anos, ora em Meca, ora em Medina. Mas a própria tradição não se harmoniza com esta crença.

Os ensinos do “Korão” negam a divindade do Filho de Deus e colocam Maomet acima dÊle; negam a morte expiatória de Cristo e a obra regeneradora do Espírito Santo; não encaram o pecado como tal e a necessidade de perdão como indispensável. Negam, enfim, todo o plano da salvação como revelado no Evangelho de Cristo. Além de ser constituído de preceitos religiosos que contrariam as Sagradas Escrituras, é um livro imoral, pois contém “evocações e promessas do mais requintado sensualismo”, “e da poligamia”. O próprio profeta árabe era imoral e polígamo. Na verdade a Arábia foi o “poço” que Maomet abriu e donde emanou sôbre o mundo cristão o “fumo” duma religião imoral inventada, como se fôra uma revelação destinada a substituir todos os credos incluso o cristianismo.

A MORTE DE MAOMET E SEU TÚMULO

Sua morte ocorreu a 8 de junho de 632, aos 63 anos de idade. “Mas quando se tratou de escolher o lugar para a sua sepultura houve desinteligências. Os Moadjerianos queriam levá-lo para Meca, sua pátria; os ansarianos desejavam conservá-lo em Medina, que lhe fôra asilo; outros entendiam que devia ser depositado em Jerusalém, no meio dos profetas. Abu Becre resolveu a questão declarando que êle manifestara o desejo de ser inumado no lugar onde morresse.

“Cavou-se-lhe, pois, a sepultura mesmo debaixo do leito onde falecera; em volta do túmulo ergueu-se depois uma suntuosa mesquita, modelada pela de Meca, em forma de tôrre, cercada de galerias cobertas, com um pequeno edifício no centro. Sustentam-na 296 colunas todas diferentes, que se levantam do pavimento e são ornadas de arabescos, de pedras preciosas e de incrustrações de ouro. No ângulo sudeste da mesquita está o túmulo, num quadrado de pedras negras que sustentam duas colunas; ao lado dêle repousam os seus dois primeiros sucessores, e as sepulturas estão sempre cobertas com tapetes preciosos”. “Visitar-lhe o sepulcro é um dos deveres capitais do islamismo. O crente que se põe a caminho para essa visita deve repetir assiduamente certas fórmulas, sobretudo quando avista as árvores do território de Medina. Antes de entrar na cidade purifica-se com ablusões, veste o seu melhor fato, perfuma-se

com os mais preciosos aromas e dá esmolas. Ao aproximar-se da mesquita diz: "O' Senhor, sêde propício a Maomet e à família de Maomet. Senhor, perdoai os meus pecados e abri-me as portas da vossa misericórdia". Dirige-se depois ao *canteiro glorioso das flores*, isto é, ao túmulo, e vai orar nos diferentes lugares consagrados pelas recordações, observando as cerimônias que praticaram os primeiros apóstolos".[1])

Tudo quanto foi dito até aqui de Maomet, foi para mostrar, como reza a profecia, que o consideravam como uma grande "estrêla" e ainda o consideram. Através dos séculos, seus seguidores o reverenciam e o adoram no seu túmulo como se fôra em realidade profeta de Allah.

HORDAS MAOMETANAS COBREM A TERRA

VERSO 3 — *"E do fumo deram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como o poder que têm os escorpiões da terra".*

GAFANHOTOS SAEM DO FUMO

Do "fumo" emanante do "poço do abismo", sairam gafanhotos, diz o texto sagrado. Daí a conclusão inequívoca, de que estes gafanhotos são simbólicos, e que sairam da Arábia conjuntamente com as idéias de Maomet, espalhando-se sôbre a terra. Portanto, não são gafanhotos naturais, mas emblemas dos fanáticos maometanos a infestarem os países cristãos do Oriente e do Ocidente na propagação das pestilentas doutrinas do falso profeta da Arábia. O gafanhoto, a base do símbolo, é particularmente arabe. A Arábia é considerada o país dos gafanhotos. "O nome Arabah é aparentado com o de Arbeh que significa multidão de gafanhotos". Já em tempos bíblicos remotos, fôra o gafanhoto usado como símbolo para designar o número e o caráter de uma horda invasora de árabes sôbre a Palestina.[2]) E é notável como um vento oriental, dos lados da Arábia portanto, levou ao Egito os gafanhotos daquela terrível praga.[3])

Está assim o símbolo de gafanhoto plenamente em harmonia com os miríades de árabes sarracenos que transpuseram inúmeras fronteiras em propagação da nova fé. Foi de fato a religião de Maomet que fêz dos árabes o que êles se tornaram. Foi ela que pela primeira vez os uniu em um, em número incontável como gafanhotos; foi ela que lhes deu o impulso do gafanhoto para se apressarem a sair como seus propagadores pelo mundo. A forma de gafanhotos com seu progresso migratório rápido e grande capacidade de marcha, indica exatamente a enxameante quantidade de propagadores do islamismo a precipitarem-se irresistíveis para Leste e Oeste contra a cristandade.

MAOMET INICIA A MARCHA DO ISLAMISMO

"Decidido então a propagar a sua fé além das fronteiras da península, o profeta escreveu aos príncipes limítrofes, selando as cartas com um sêlo de prata com a legenda *Maomet, apóstolo de Deus"*. "O profeta dirigiu terríveis ameaças a quem recusava acreditar nêle". "Em Medina, para onde foi (anos das embaixadas, 630-631), recebeu Maomet embaixadores de muitos povos; a todos acolheu, impondo como primeira condição dos tratados de aliança a abolição da idolatria".[1])

"Maomet organizou em 10 anos umas quarenta expedições. Êste homem, que uns apresentam como um hábil impostor e outros como um iluminado epiléptico, tomou pessoalmente parte em cerca de trinta campanhas e comandou uma dezena de batalhas, sem falar nas difíceis negociações que teve de orientar".[2])

À morte de Maomet o califado ampliou as conquistas impondo a fé do profeta. "A conquista árabe alastrou-se como corrente tempestuosa sobre o Oriente e o Ocidente, em duas vagas imponentes. A primeira, desencadeada então precisamente por ordem do Kalifa (Ornar), inundou a Pérsia até ao Oxo, a Síria, a Mesopotâmia, a Armênia e parte da Ásia Menor, até perto de Constantinopla, o Egito e o litoral norte da África até para além de Cartago e só foi detida pelos distúrbios internos, que estalaram nos últimos anos do reinado de Othmann (24-35;644-655)". "Mas logo que Abdelmelik (65-86;685-705) assegurou o domínio da dinastia Omaiada, a nacionalidade árabe no poderoso reinado de El-Walid (86-96; 705-715) inunda, numa segunda onda, países e povos no Oriente ainda para além das fronteiras da Índia e do Turkestão, no Norte até ao Caucaso, e às muralhas de Constantinopla, e no Ocidente até ao Atlântico e ao interior da França, onde só Carlos Martel a detém nas batalhas de Tours e Poitiers (114;732). Com isto tinha o grande movimento chegado já ao ponto culminante".[3]) Quatrocentos mil sarracenos sob o comando de Abdarama foram esmagados por Carlos Martel, recuando para a Espanha os sobreviventes árabes.

Jamais o mundo vira um império e uma religião alcançar em tão pouco tempo um tão dilatado território. Kandemir, o historiador persa, resume assim as campanhas de Ornar: "Tomou aos infiéis 36.000 cidades e castelos, destruiu 4.000 templos ou igrejas, e fundou ou aumentou 1.400 mesquitas".[4])

Assim, pela imprevisão brusca de suas invasões, pela prodigiosa rapidez de suas conquistas e pela grande destruição e saque que faziam, assemelhavam deveras os árabes-sarracenos a espêssas nuvens de gafanhotos caindo sôbre o Oriente e o Ocidente, na tentativa de fazer musulmano o mundo inteiro.

FOI-LHE DADO O PODER DOS ESCORPIÕES

O escorpião é um inseto prêto grandemente venenoso. Tem em geral duas a três polegadas de comprimento, alcançando até seis nos climas tropicais. Só na Palestina existem oito ou mais espécies. São carnívoros em seus hábitos e movem-se em atitudes de ameaça, com a cauda levantada. O ferrão situado no fim da cauda, tem em sua base uma glândula que secreta um fluido venenoso, que é descarregado na vítima por dois orifícios na extremidade. Além disso tem um par de tenazes com as quais se firmam nas suas vítimas para aplicar-lhes o inexorável ferrão. Nos climas quentes a ferroada do escorpião ocasiona muitas vezes graves sofrimentos e em alguns casos alarmantes sintomas.

Pelas razões apresentadas o escorpião é nesta profecia emblema de flagelo. E é notável que os desertos por onde peregrinaram os israelitas saídos do Egito, desertos da Arábia, abundavam escorpiões como ainda hoje são comuns ali.[1]).

A aplicação profético-simbólica é verdadeiramente extraordinária. Enquanto as hordas arábico-serracenas caíam sôbre as nações repentinamente e numerosas como gafanhotos, para saquear e destruir segundo a ordem do profeta, por outro lado, como que possuindo caudas de escorpiões, injetavam pela fôrça o veneno do embuste duma política civil-religiosa que causava mal-estar aos vencidos. Enfim, eis o trato desprezível e opressor com que na realidade se distinguiram em suas conquistas os aderentes de Maomet. Reduzidos economicamente à condição de miséria e política e espiritualmente abatidos e vexados por aquêles gafanhotos-escorpiões, era desastrosa e miseranda a condição dos povos submetidos, despojados de seus bens e picados pelo aguilhão duma política e duma religião venenosas. Todavia o símbolo encontrou a sua realidade nas hordas maometanas numa grandiosa exaltação e confirmação da profecia.

UMA SOLENE ORDEM AOS SOLDADOS DO ISLÃ

VERSO 4 — "*E foi-lhes dito que não fizessem dano à herva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma, mas somente aos homens que não têm nas suas testas o sinal de Deus*".

NÃO DEVIAM FAZER DANO À VEGETAÇÃO

Aqui temos a evidência de que a profecia não trata de gafanhotos literais mas simbólicos. Se se referisse a gafanhotos no sentido literal, não rezava que não deviam fazer "dano à herva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma". Estas palavras da profecia foram rigorosamente observadas nas recomendações de Abu-Becre, o primeiro califa e sucessor de Maomet. Ao assumir o po-

der e reunir as tribos árabes para lançá-las na guerra santa, recomendou aos chefes do exército, o seguinte:

"Quando combaterdes os combates do Senhor, portai-vos como homens, sem voltar as costas; mas que vossas vitórias não sejam manchadas com o sangue de mulheres ou crianças. Não destruais as palmeiras, nem queimeis nenhuns campos de cereais — Não derribeis nenhuma árvore frutífera, nem causeis dano algum ao gado; a não ser o que matardes para comer. Quando fizerdes qualquer pacto ou estipulação, mantei-a, e cumpri vossa promessa".[1]) Vemos que as palavras da profecia concernente à vegetação foram evidentemente cumpridas nas recomendações de Abu-Becre.

O SINAL DE DEUS NO IMPÉRIO MAOMETANO

Consideremos a maravilha da profecia em salientar que as hordas maometanas não se dirigiríam contra os que tinham "nas suas testas o sinal de Deus", "mas somente" contra os "homens que não têm nas suas testas o sinal de Deus".

As conquistas maometanas duraram, podemos dizer, até dois séculos depois da queda de Constantinopla em 1453. Portanto, desde o sétimo até ao décimo sétimo século, havia religiosos que, segundo a revelação, tinham "nas suas testas o sinal de Deus", ou o "sêlo de Deus", como diz outra versão. Na explanação do capítulo sete temos demonstrado claramente que o "sêlo de Deus" é o santo Sábado do quarto mandamento da lei de Deus. A profecia destaca a proteção de Deus em favor dos que tinham o Seu sinal "nas suas testas", isto é, os que observavam inteligentemente o santo repouso do sétimo dia da semana — o Sábado. Na verdade, não só nos séculos das conquistas do islamismo haviam os fiéis que tinham o "sêlo de Deus nas suas testas", mas também em tôda a era cristã, haviam não poucos cristãos que observavam com fiel reverência o verdadeiro dia de repouso semanal.

A ênfase da profecia em favor da vigência do Sábado como "sêlo de Deus" na era cristã, jaz ainda no fato de que os conquistadores islamíticos dirigir-se-iam a uma classe de pessoas que não tinham "nas suas testas o sêlo de Deus". Enquanto êsses sofreriam com as investidas dos exércitos sarracenos do Islã, aquêles seriam salvaguardados miraculosamente.

Gibbons, o grande historiador, preservou-nos as palavras da ordem do dia transmitidas por Abu-Brece a seus soldados, e nas quais, com tôda a probabilidade, encontramos o cumprimento da profecia quanto aos que tinham o "sêlo de Deus nas suas testas". Vejamos parte daquelas instruções: "Ao avançardes, haveis de encontrar algumas pessoas religiosas que vivem retiradas em mosteiros, e se propõem a

servir a Deus dessa maneira: deixai-as em paz, e nem as mateis, nem destruais seus mosteiros. E encontrareis outra espécie de gente, que pertence à sinagoga de Satanás, que têm coroas raspadas; estais certos de que lhes rachareis o crâneo, e não lhes deis quartel até que êles, ou se tornem maometanos ou paguem tributo".[1])

Agora, enquanto o falso cristão se recusa a observar o santo repouso de Deus, alegando sem base, que não devemos observá-lo mais, mas sim o domingo em seu lugar, a própria revelação, o Novo Testamento, desmascara essa impostura e assegura a imutabilidade do repouso do Sábado do sétimo dia na era cristã para o verdadeiro cristão. Não só nesta profecia o Sábado é apresentado como "sinal de Deus", mas também em todo o Novo Testamento êle é o repouso de Deus na era cristã.

DANO E TORMENTO DE ESCORPIÃO

VERSOS 5-6 — *"E foi-lhes permitido, não que os matassem, mas que por cinco meses os atormentassem; e o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião, quando fere o homem. E naqueles dias os homens buscarão a morte, e não a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles".*

No versículo quatro é dito que os gafanhotos ou os soldados maometanos iriam fazer dano aos homens. Agora, aqui é dito que iriam atormentá-los. A palavra grega — dano — é *"adikeo"*, que significa "fazer mal", fazer injustiça". Mas, "atormentassem" que vem de *"basanismos"*, significa "provar", "experimentar". Em outras palavras, os maometanos fariam "dano" ou causariam mal, injustiça, prejuízos materiais, e iriam também atormentar ou provar, experimentar, por em xeque o domínio político-religioso dos danificados por êles. Primeiramente os fanáticos islamitas iriam saquear e impor a religião, de preferência. Depois iriam sondar a força político-religiosa dos vencidos, o que indica que aspiravam ao poder do Império do Oriente, que era o objetivo principal de seus ataques.

Pôsto que por constantes ataques chegassem os árabes muçulmanos a assaltar Constantinopla, contudo não puderam fazer capitular a metrópole e bem assim o império. Inutilmente os árabes assaltaram a capital bizantina por terra e mar durante cinco anos inteiros (673-678): êles não conseguiram tomá-la".[2]) Foi-lhes dada permissão para "danificar" e não para matar o império e apoderar-se do seu poder. E é assombroso que se portaram em conformidade com os detalhes da profecia.

Ainda que as investidas dos chefes e soldados maometanos causassem "dano" a princípio e por fim "tormento", a morte fugia dos que a preferiam antes do que as desgraças que lhes causava o tacão das hordas dos sucessores do profeta árabe. E o escorpião é sem-

pre o mesmo símbolo dos danos e dos tormentos causados aos povos submetidos, seja no que aludia à propriedade e riqueza saqueadas, seja no que dizia respeito aos domínios político-religiosos-imperial-cristão-ambicionados. Sobre os cinco meses de tormento veja-se o versículo dez.

UM EXÉRCITO DE CAVALARIA

VERSO 7 — *"E o parecer dos gafanhotos era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra; e sobre as suas cabeças, havia umas como coroas semelhante ao ouro; e os seus rostos eram como rostos de homens".*

Cada vez convence-nos mais e mais a profecia não tratar ela de gafanhotos naturais. No símbolo de gafanhotos semelhantes a "cavalos aparelhados para a guerra", deparamos a numerosa cavalaria árabe a avançar, tribo após tribo, em sucessivas vagas, para o Oriente e para o Ocidente. A Arábia não só era terra de gafanhotos como de cavalos. O cavalo árabe tomou a dianteira em todo o mundo, e desde a infância ambientam-se seus ginetes com cavalos velozes e fogosos, estando sempre prontos para a batalha.

Sôbre suas cabeças tinham os guerreiros do profeta "umas como coroas semelhantes ao ouro". O texto não diz que eram "coroas", mas "umas como coroas" ou alguma coisa na cabeça parecida com coroa. Era o "turbante amarelo" usado por eles, como coroas, "eram seu adôrno e motivo de jatância. A rica prêsa mantinha-os abundantemente providos dêles e os renovavam com frequência. Tomar o turbante significa proverbialmente fazer-se muçulmano. Além disso, os árabes distinguiam-se antigamente pelas mitras que usavam".[1])

Os rostos de homem designam os árabes. Pôsto que naqueles antigos dias bárbaros, suceptíveis de cultura, a grande firmeza de propósito fêz dêles um povo civilizado e culto e lhes deu um lugar preeminente entre as nações, dos quais elas muito aprenderam.

CABELOS DE MULHERES E DENTES DE LEÕES

VERSO 8 — *"E tinham cabelos como cabelos de mulheres, os seus dentes eram como de leões".*

Semelhantes às mulheres, não cortavam os cabelos os antigos árabes. O cabelo comprido era para êles um especial adôrno e entre êles era costume não cortá-los. "Assim Plínio, contemporâneo de S. João ao fim do primeiro século, fala dos árabes como usando turbante, tendo cabelos longos e não cortados, bigode no lábio superior, ou barba; êsse venerável sinal de varonilidade", segundo chama Gibbon, em linguagem árabe. Assim os descreve Solino no terceiro século; assim Amiano Marcelino no quarto; assim o fazem Clau-

dio, Teodoro de Mops Suesta e Jerônimo, no quinto".[1]) Era sôbre a vasta e longa cabeleira que usavam o turbante que os orgulhava.

Seus dentes semelhantes aos de leões, denotam o valor, a ferocidade e a fôrça irresistível do fanatismo com que se lançavam sôbre suas prêsas e as dominavam, devorando-as quanto de seus bens podiam fazer, por tôdas as terras quer do Oriente quer do Ocidente.

AS COURAÇAS SARRACENAS

VERSO 9 — *"E tinham couraças como couraças de ferro; e o ruído das suas asas era como o ruído de carros, quando muitos cavalos correm ao combate".*

"Famosas são suas couraças de ferro e aço que revestiram depois de haver adotado a nova religião que se propuseram difundir por todo o mundo. Destas couraças diz o Korão: "Um dos dons divinos aos árabes são as couraças".[1]) "A couraça era usada entre os árabes nos dias de Maomet. Na batalha de Ohud (a segunda que pelejou Maomet) contra os coraichitas de Meca (624), "700 dêles estavam armados de couraças".[2])

Ao contrário dos exércitos grego e romano e doutros povos, as cargas árabes não eram produzidas por infantaria mas por cavalaria, que era a arma que maiormente compunha seu exército. E ao avançarem compactos semelhantes às ondas de gafanhotos, imitavam êstes, com suas couraças especialmente, o ruído de suas asas, como se estivessem conduzindo ao combate carros de guerra tirados por muitos cavalos.

Tão completo foi o cumprimento dêste pormenor da revelação que parece que Maomet e seus guerreiros tinham conhecimento da profecia.

O TEMPO DO TORMENTO MUÇULMANO

VERSO 10 — *"E tinham caudas semelhantes às dos escorpiões, e aguilhões nas suas caudas; e o seu poder era para danificar os homens por cinco meses".*

CAUDAS SEMELHANTES ÀS DOS ESCORPIÕES

Temos aqui a terceira referência ao escorpião. O versículo três alude que os conquistadores árabes tinham o poder que têm os escorpiões da terra; no versículo cinco é dito que o "tormento" que infligiam "era semelhante ao tormento do escorpião, quando fere o homem; e, neste versículo dez, é mencionado que tinham caudas semelhantes às dos escorpiões, e aguilhões nas suas caudas". "Poder", "tormento" e "aguilhão" dos escorpiões, tal fôra o martírio da conquista e dominação maometana sôbre os povos submetidos.

O poder dum implacável domínio causado pela miséria resultante do arrebatamento de tudo, e o "tormento" e o "aguilhão" venenoso duma política-religiosa detestável — eis o quinhão das nações submetidas pelos fanáticos do arrogante profeta.

A DATA INICIAL DOS 150 ANOS DE TORMENTO

De acôrdo com o método das Escrituras Sagradas de medir o tempo profético, cada dia equivalente a um ano, temos nestes 150 dias 150 anos reais.[1])

O tormento maometano é equivalente ao desejo manifesto que tiveram os súditos do profeta de se apoderarem do domínio político e religioso do império do Oriente e instaurar-lhe uma política e uma religião diferentes. Êste tormento e êste desejo não podiam ser manifestos sem que o primeiro ataque, com êste objetivo, tomasse lugar. Os maometanos tinham primeiramente em vista apenas causar dano e impor a religião; por fim veio o desejo da conquista real do poder político bizantino, para a fácil imposição da política-religiosa do profeta árabe.

Como encontrar a data inicial e final deste período de tormento político-religioso? Encontra-la-emos na história dos turcos seldjucidas que abraçaram a religião maometana ao aportarem na Ásia Ocidental vindos da Ásia Oriental. A revelação não menciona que a quinta trombeta aponta unicamente aos árabes como seus protagonistas. Tanto árabes como turcos estavam apontados na revelação para darem fim à suzerania bizantina no Oriente, ou ao que restava do império romano no mundo. Já algumas dinastias que dividiram entre si o Kalifado haviam sido fundadas por turcos, sem o concurso de sua nação. "Agora, para submeter tôdas essas dinastias chegava em massa a nação destinada a substituir por tôda a parte a dos árabes".[2]) Abraçando o maometanismo os turcos adataram-se "fàcilmente a uma religião que considerava meritórios o saque e a devastação".[3])

As hordas turcas, chegadas da Ásia Oriental, seguiram os árabes em causar "dano" ao ímpério do Oriente em bandos indisciplinados e sem muito controle de seus chefes. "Assim como ao ocuparem Bagdad as hordas turcas se tinham espalhado sôbre a Pérsia e a Mesopotâmia, estenderam-se então pela Síria, Armênia e Ásia Menor, já em nome de sultões, já por conta própria. Com estas tropas irregulares, difíceis de disciplinar mas utilíssimas em país inimigo, não podiam os sultões seldjucidas proceder melhor do que lançando-as sôbre o território bizantino e sôbre os países maometanos fronteiriços, como a Mesopotâmia e a Síria, onde podiam deixá-las quase abandonadas a si mesmas e aos seus chefes, sem deixar, até onde fôsse possível, de intervir quando êstes travassem luta entre si".[4]) E na verdade muito lutaram entre si os comandantes turcos

indisciplinados. Porém, até antes do comêço do período de tormento ao poder civil bizantino, eram com valor derrotados pelo exército do império que ainda se mantinha forte. Até ao ano 1296, as tropas imperiais conseguiram deter as investidas dos turcos seldjucidas. Dai em diante tomava-se cada vez mais difícil para os generais bizantinos enfrentar com sucessos os ataques dos turcos.

"Desde a morte de Maomet até quase aos fins do século XIII, estiveram os maometanos divididos em varias facções sob caudilhos diversos, sem um govêrno civil central que abarcasse a todos. Foi então que, pelos fins do século XIII, Otman fundou um govêrno ou império que se incrementou até abarcar tôdas as principais tribos maometanas, consolidando-as numa grande monarquia".[1]) "Otman desenvolveu tanta atividade e energia que constituiu um perigo gravíssimo para o império. Êstc chefe eminente dum novo ramo turco destinado a um grande futuro unia a simplicidade dum cheik de tribo nómade a qualidades de grande capitão e de governante, e o entusiasmo religioso e o afã juvenil de propagar o islamismo e o domínio de sua raça".[2]) E é na história de Otman que encontramos precisamente a data inicial do período de tormento de 150 anos ao govêrno civil do Império do Oriente. O parágrafo seguinte, de Gibbon, dá-nos o ponto de partida dêste tormento com uma admirável exatidão.

"Otman possuia, e talvez sobrepujasse, as ordinárias virtudes de um soldado; e as circunstâncias de tempo e lugar eram propícias para sua independência e êxito. A dinastia Seldjucida não mais existia; e a distância dos Khans mongóis logo o libertaram do contrôle de um superior. Êle estava situado na fronteira do império grego; o Korão santificou seu *olhar* ou guerra santa, contra os infiéis; e seus erros políticos abriram os desfiladeiros do Monte Olímpio, e convidaram-no a descer às planícies da Bitínia. Até ao reinado de Paleólogos, êstes desfiladeiros tinham sido vigilantemente guarnecidos pela milícia da região, que era recompensada por sua própria segurança e uma isenção de impostos. O imperador aboliu o seu privilégio e assumiu o seu encargo; mas o tributo era rigorosamente coletado, a vigilância dos desfiladeiros negligenciada, e os intrépidos montanheses degeneraram em uma multidão temerosa de campônios sem energia ou disciplina. Foi a 27 de julho, do ano 1299 da era cristã, que Otman invadiu pela primeira vez o território de Nicomédia; e a singular exatidão da data parece revelar certa previsão do crecimento rápido e destruidor do monstro. Os anais dos vinte e sete anos de seu reinado exibem uma repetição das mesmas incursões; e suas tropas hereditárias eram multiplicadas em cada campanha pelo acréscimo de prisioneiros e voluntários. Em vez de retirar-se para as montanhas, manteve os mais vantajosos e defensivos postos; fortificou as cidades e castelos que êle tinha assaltado".[3])

O TORMENTO DE 150 ANOS

O poder turco, que com Otman iniciou sua marcha contra o Império do Oriente desde "27 de julho do ano 1299", e durante 150 anos, atormentaria por constantes depredações o poder político-religioso bizantino. Até esta data supra, lutaram os turcos muito entre si mesmos, e, tôda vez que procuravam penetrar as fronteiras do império, eram vigorosamente rechassados pelo exército imperial que era ainda forte; mas, durante todo êste lapso de tempo de 150 anos, empenharam-se na verdade os turcos otomanos numa guerra quase sem tréguas contra o Império do Oriente, apoderando-se duma após outra de suas províncias na Ásia e na Europa. E a longa descrição dêste tormento por 150 anos, dada a seguir, é indispensável para apreciarmos devidamente o cumprimento da profecia.

Desde 27 de julho de 1299 foram notáveis os progressos que Otman "fêz do outro lado do Tumarich, e terríveis os efeitos do sistema bárbaro que os turcos empregaram depois também na península balcânica", que era território do Império do Oriente, "de destruir a civilização e arruinar a população antiga, para restabelecer sôbre as ruínas o domínio turco. Os otomanos, assim como os seus irmãos, os seldjucidas, assolaram bàrbaramente os territórios onde pensavam estabelecer-se". "Com espantosa regularidade assolou cada ano as terras limítrofes, evitando as praças fortes; os infortunados habitantes refugiaram-se como puderam na direção da costa; muitos passaram à Europa, e alguns até se estabeleceram no território sérvio".[1])

Urchan, filho e sucessor de Otman I, infligiu, como seu pai, duros reveses aos bizantinos. Sob êle, os emires seldjucidas Caraú, Saracum e Aidin causaram grandíssimos prejuízos, desde 1329 a 1334, às povoações marítimas, desde Salónica a Rodosto.

Em 1342, comandados por Omarbeg, penetraram os turcos na Europa, destroçando numeroso exército neste e nos anos imediatos. Com a tomada de Galípoli, em 1353, que foi imediata e fortemente guarnecida, tiveram os turcos assegurada a tôda a hora a sua passagem para a Europa. O sagaz sultão não se deixou mover já nem pelas súplicas, nem pelas amabilidades diplomáticas, nem pelo ouro do imperador, a restituir esta aquisição incomparável de seu filho Suleiman. Tôda a península de Galípoli cai por fim às mãos dos turcos, que ficaram, com isso, definitivamente estabelecidos na Europa.

À morte de Urchan em 1359, seu filho Amurate I tomou a liderança do governo. Adrianópolis, depois da consolidação da conquista da península de Galípoli, caiu às mãos de Amurat após sangrenta batalha de longas horas.

Vãs foram as coligações balcânicas empreendidas contra o poder de Amurat, que alcançava sempre novas vitórias à custa de muito sangue de seus adversários. Cada vez tornava-se mais precária a

situação do que restava do império bizantino, irremediàvelmente condenado a perecer.

Em 1383, o próprio João V celebrou com o sultão um convênio declarando-se vassalo do império turco e obrigando-se a pagar o correspondente tributo por sua fitícia independência. Amurat vence nova coligação balcânica contra os turcos em 1388, assenhoreando-se sucessivamente de todas as praças fortes das margens do Danúbio.

Bajazete, filho de Amurat sucedeu-o no trono. Com êste novo sultão tiveram os bizantinos de se convencerem que o poder turco era mais perigoso que dantes. Apenas Bajazete tomou as rédeas do governo em Adrianópolis, apressou-se a tirar todas as vantagens da vitória referida e da derrota dos slavos. Durante o inverno imediato, de 1389 a 1390, percorreram os turcos o território sérvio em tôdas as direções, humilhando-o duramente. Semelhantemente dilataram os turcos as suas fronteiras de Oeste, Noroeste e Norte. Antes de rebentar a guerra com a Hungria, Bajazete fêz sentir a sua preponderância sobre o Império bizantino com tôda a rudeza brutal do conquistador invencível, e incorporou definitivamente a Bulgária a seu Império, transformando-a em província turca. A caducidade e fraqueza crescente do Império, que se ia decompondo e afundando com persistência aterradora, unidos à altivez e vaidade pretenciosa dos imperadores, davam abundantes ocasiões a Bajazete, afeiçoado a mortificar, tiranizar, escarnecer e fazer sentir o seu desprezo às pessoas que não podiam prejudicá-lo, para satisfazer seu instinto malévolo à custa do imperador, já fazendo dêle sangrenta zombaria, já reptando-o, com atos brutais, inspirados pela cobiça insaciável. Desde logo renovou, não obstante, ao subir ao trono, o convênio que seu pai fizera em seu tempo com João V; não tardou, porém, em manifestar a sua índole perversa. Propôs-se, no ano de 1390, a anexação de Filadélfia, cidade opulenta, próspera, grande praça de armas e única possessão que tinha ficado ao minguado Império da Ásia". Tão triste espetáculo moveu os habitantes a capitular e submeter-se, como o fizeram, sob condições relativamente vantajosas. Os turcos ocuparam a cidade, mudaram o nome dela em Alacher, e o sultão fê-la capital duma nova província que formou com os emiratos de Sarucan. Menteche e a praça e território de Éfeso, que arrebatara ao emir de Aidin, confiando o governo dêste a seu filho". "Bajazete, para humilhar ainda mais o imperador, exigiu que mandasse derribar as novas obras de fortificação que, à última hora tinha feito construir, desde a Porta de Ouro até ao mar, com blocos de mármore procedentes de várias igrejas derruídas da capital. O imperador não teve outro remédio senão cumprir a vontade do sultão; mas a dor o matou em 16 de fevereiro de 1391.

"Seu filho Manoel, jovem valente, capaz, simpático e digno de melhores tempos, tinha voltado à corte de Brussa depois da restauração do pai; e, quando teve notícia de seu falecimento, marchou

de novo para Constantinopla para assumir o govêrno. A fim de não dar tempo ao sultão de amadurecer algum projeto dos seus, partiu sem despedir-se dêle, o que serviu logo a Bajazete de pretexto para desafogar a sua raiva, assolando todo o território desde Panion, nas margens do Mar de Mármara, até à campina de Constantinopla, e ocupar, em 25 de maio de 1391, Salônica, ainda que transitoriamente".[1])

"Em 1393 Bajazete ajuntou aos seus Estados uma grande parte da Tessália, anexação que piorou ainda a situação dos potentados da Grécia".[2]) "A política brutal do sultão paralisava todos os movimentos dos bizantinos, e em especial do imperador, porque Bajazete, para ter a capital continuamente ameaçada, angustiada e receiosa de ver-se a cada instante atacada pelo inimigo, tinha bloqueado Constantinopla e os seus territórios até onde lhe era possível, com o seu costumado desprezo de todo o direito internacional; sistema que os grandes chefes turcos tinham empregado desde o primeiro dia com completo êxito contra as grandes praças bizantinas na Ásia".[3])

Em 1396, uma grande coligação, sob a direção superior de Sigismundo, pôs-se em marcha contra Bajazete. Em duas batalhas que se feriram saíram vitoriosos os turcos com grande mortandade infligida à coligação, a despeito do valor de Sigismundo. Depois de várias outras matanças do sultão, "a sorte mais dura foi a que preparou a fatal jornada de Nicópolis ao pobre imperador de Constantinopla. Apenas Bajazete regressou do campo de batalha, intimou ao angustiado Manoel Paleólogo a ordem de entregar-lhe a sua capital e, ao receber a sua resposta negativa, restabeleceu o bloqueio e aumentou o seu rigor, ocupando ainda tôdas as terras e praças que restavam ao Império e que pôde submeter".

"O advento de Gengiskhan, todavia, livrou os bizantinos dos tormentos de Bajazete, que foi derrotado pelos mongóis, aprisionado e obrigado a segui-los numa liteira à maneira de jaula, morrendo a 8 de março de 1403. O exército turco foi aniquilado e o Império Otomano feito em pedaços aos pés do Khan mongólico. Os remanescentes do exército do sultão refugiaram-se nos montes e fugiram para a Europa.

"O estado em que ficaram as coisas deu a entender que estava afastado para sempre o perigo turco. E a depredação dos mongóis aliada à dos turcos antecedentemente, deixaram o poder bizantino em mais grave situação. Por último, o govêrno de Constantinopla, ainda que se viu súbitamente salvo da ruína e da *morte política*, carecia de recursos materiais e morais para completar a destruição do poder turco que Timur tinha precipitado. O Império bizantino estava reduzido à capital, a alguns fragmentos de territórios e a várias ilhas. A população estava cansada; a miséria prolongada, sem um intervalo de prosperidade, durante tão longo período, tinha-a ren-

dido; o Império, algum dia o mais opulento do mundo, estava pobre; da sua importante força militar só havia ficado a lembrança".[1])

Mas os turcos refizeram-se da refrega mongólica. Depois de Bajazete, surge Maomet I no poder Otomano. As relações amigáveis que Maomet procurou manter a princípio com seus vizinhos foram um grato alívio ao govêrno bizantino. A situação, porém, mudou repentinamente ao ver-se Maomet único senhor do Império turco. O mandato de Maomet I foi ocupado mais em submeter alguns emires rebeldes do que empreender novas conquistas. Em 1421, por sua morte, ocupou o trono seu filho Amurat II com menos de 20 anos de idade. "A côrte de Constantinopla pôs em movimento tôdas as suas artes diplomáticas para desviar o golpe tremendo que a ameaçava dum momento para outro, e que já não podia ser senão o golpe de misericórdia. Efetivamente, Amurat estava resolvido a concluir a obra de seu avô Bajazete e a acabar com os restos do Império. Começou, pois, sem demora a bloquear a capital por terra e a devastar todo o território até às portas da cidade". Em vão tentou Amurat tomar a capital bizantina. Foi repelido pelo povo da capital que pelejou com o valor do desespêro.

Amurat não tornou mais a pôr cêrco a Constantinopla. Seu exército assolou então, durante quatro semanas, os territórios bizantinos e venezianos da península grega. Inúteis coligações foram formadas contra êle nos balcãs, tendo a tôdas aniquilado com grandes perdas para seus inimigos.

O TÉRMINO DO PERÍODO DE 150 ANOS

A situação do Império do Oriente tornou-se tão precária que sua vida já dependia da vontade do sultão. A sucessão de João VIII Paleólogo revelou que o Império bizantino, que agora compreendia pouco mais que a capital, não podia dar nem mais um passo sem o consentimento de Amurat. E é de suma importância lembrarmos que a esta altura expiravam os 150 anos preditos de tormento político sôbre o Império Oriental. Os parágrafos seguintes são de inestimável valor no que diz respeito ao término deste período, iniciado a 27 de julho de 1299 com o assalto de Otman ao território bizantino de Nicomédia.

"Constantino Dragoscés, último imperador de Constantinopla, era filho de Manoel Paleólogo. Êle sucedeu a João Paleólogo, seu irmão, em 1449, e foi o décimo terceiro do nome de Constantino ou o décimo quinto segundo outros autores, que compreendem nesse nome dois príncipes que outros historiadores não os reconhecem como Césares. Então com a exaltação de Constantino a um trono que nenhum poder humano podia mais suster, o império estava reduzido ao território de Constantinopla e algumas cidades da Grécia

e da Moréa. Constantino se achava nesta última província; Demétrio, seu irmão, mais próximo da capital, mantinha algumas pretensões à coroa. A imperatriz mãe, o Senado, o clero, o povo e o exército declararam-se por Constantino, e a sorte pareceu designá-lo para venerar a queda do Império do Oriente como uma nobre vítima imolada sôbre um túmulo ilustre. Êle necessitou solicitar em Adrianópolis, junto do sultão, Amurat, a ratificação dessa escolha; exemplo vergonhoso de aviltamento e da fraqueza dos últimos romanos.

Constantinopla, em aflição sôbre o trono, procurou apoiar-se numa potência inimiga dos turcos".[1])

"Constantino XI Dragatzes, último imperador de Bizâncio, filho do imperador Manuel Paleólogo, nascido em 1403 e falecido em 29 de maio de 1453, seguiu a seu irmão João VIII Paleólogo em 1449 com o apoio do sultão Amurat II".[2])

"Um embaixador, o historiador Phranza, foi imediatamente enviado à corte de Adrianópolis. Amurat recebeu-o com honras e despediu-o com regalos; porém a graciosa aprovação do sultão turco anunciou sua supremacia e a queda iminente do império do Oriente. Pelas mãos de dois ilustres legados, a coroa imperial foi colocada em Sparta na cabeça de Constantino".[3])

Êstes três parágrafos anteriores demonstram a grandiosa evidência com que os fatos históricos cumpriram a profecia. Como apreciamos, o período de tormento iniciado aos 27 de julho de 1299, devia findar aos 27 de julho de 1449. E o que nos diz a história? Ela responde-nos que, nesta última data, o tormento alcançou seu climax, tendo Constantino XII, suplicado do sultão turco a ratificação de sua escolha para a dignidade do trono. Ao procurar de Amurat a aprovação de sua eleição, quis dizer-lhe Constantino, que o império agonizante não poderia prosseguir sem o seu consentimento, significando isto colocar-se como irrecusável vassalo do sultão vencedor e dos turcos vitoriosos.

Esta manifesta fraqueza de Constantino deu aos turcos segura evidência das precárias condições do poder bizantino e levou-os a reconhecerem não mais a necessidade de atormentarem o agonizante cadáver do Império, mas estar maduro para receber o golpe de misericórdia. A profecia da sexta trombeta descreve simbolicamente êste golpe fulminante e arrazador, que tão somente aguardava o momento próprio para abater o que ainda subsistia da arrogância impiedosa daquela Roma dos altivos Césares. O tormento havia já passado, e a morte devia encenar a parte final do drama.

O ANJO DO MAOMETANISMO

VERSO 11 — *"E tinham sôbre si rei, o anjo do abismo; em hebreu era o seu nome Abaddon, e em grego Apollyon".*

Embora admitamos que Satanás fôsse o inspirador da religião do Islã nos seus começos e ainda o seja, o anjo referido como rei dos maometanos não é propriamente êle. Seu rei é claramente definido no versículo como "anjo do poço do abismo", como reza outra versão. Quem é êste anjo? Nos primeiros dois versículos temos esclarecido com precisão inquestionável, que a Maomet foi dada a "chave do poço do abismo" para abri-lo, e que, ao abrir o poço, sairam gafanhotos destruidores, isto é, os soldados islamitas que, sob sua inspiração pessoal, deixaram a Arábia e atiraram-se sôbre as nações cristãs para as conquistarem para a nova fé. O termo "anjo", do grego *"aggelos"*, é a aplicação não só para designar um anjo real, como também a pessoa com missão religiosa especial. Deste modo, o "anjo do poço do abismo", chamado também "rei", do maometanismo, é, sem nenhuma dúvida, o próprio Maomet, o fundador e guia vivo e morto da política e religião islamítica; pois, a profecia refere-se a todos os súditos do Islã e não a uma ou mais facções em separado. Maomet dizia que o "anjo Gabriel" era o inspirador da doutrina que pregava; porém a revelação enfatiza que êle mesmo era o anjo que forjou o amontoado de erros civis e religiosos contidos no Korão.

"Abaddon" e "Apollyon", do hebraico e grego, cujo significado é "destruidor", é aplicado aqui a Maomet. Êle não somente destruiu, pessoalmente, em campanhas que tomou parte dirigindo-as, como inspirou a guerra santa. Mas, o maior poder destrutivo dêste anjo dos maometanos, são os seus ensinos contidos no Korão, que encobrem a justiça de Cristo e a gloriosa graça do evangelho aos próprios árabes e os demais povos que aceitaram o maometanismo.

É PASSADO O PRIMEIRO "AI"

VERSO 12 — *"Passado é já um ai; eis que depois disso vem ainda dois ais"*.

O primeiro "ai", a quinta trombeta, foi tremendo em seus danos e tormentos que causou tanto à política como à religião cristã ou seja ao Império do Oriente, que deixou arruinado, reduzido e cambaleante. Nas sexta e sétima trombetas apreciaremos o que estava reservado nos dois últimos "ais".

A SEXTA TROMBETA

TRIUNFO E DECLÍNIO DO MAOMETANISMO

A voz do altar de ouro

VERSO 13 — *"E tocou o sexto anjo a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro, que estava diante de Deus"*.

A VOZ DAS QUATRO PONTAS DO ALTAR

O altar aqui referido é o mesmo altar do incenso já considerado no capítulo oito versículo três. Segundo o versículo dez, os 150 anos alcançaram até 27 de julho de 1449. A êste dia e data liga-se a voz ouvida vinda do altar no instante inicial do sonido da sexta trombeta. E esta voz só pode ser de quem oficiava junto ao altar de ouro ou do incenso, que é Cristo. Antes do toque da primeira trombeta, Êle aparece junto do altar do incenso; e, antes do toque da sexta trombeta, Êle ali ainda está oficiando em favor das orações dos santos. Durante todos os tempestuosos séculos resultantes dos toques das trombetas, Jesus está no pôsto do seu ofício em favor do Seu povo em perigo. E, ao soar o sexto anjo a sua trombeta, ordena Jesus ao anjo dar início aos sucessos que a ela dizem respeito, porque Êle estava a postos junto do altar em prol de Seus escolhidos.

OS QUATRO ANJOS DO RIO EUFRATES

VERSO 14 — *"A qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos, que estão presos junto ao grande rio Eufrates".*

Os referidos quatro anjos estavam presos junto ao rio Eufrates ou na sua região. Na esplanação do versículo dez verificamos que os turcos, arrebataram a supremacia árabe ao aportarem na Ásia Ocidental. A história dos turcos é, em ligeiros traços, a seguinte: "Eram originários do Altai, donde em tempo remoto, se estenderam pelo interior da China e do Turquestão. Impelidos para diferentes lados nas suas longas lutas com os chineses e mongóis, e por fim empurrados para o lado do Oeste, espalharam-se em duas grandes massas por tôda a Ásia Ocidental e pelo sul da Europa, uma vez por seu próprio impulso, no comêço da época de que tratamos agora, e a segunda vez, dois séculos depois, arrastados e dirigidos pelos mongóis capitaneados por Gengis-Khan".[1])

Outro passo histórico reza sôbre os turcos o seguinte: "No século XI hordas selvagens e guerreiras de turcomanos, depois de haverem abraçado o islamismo, abandonaram sua antiga residência nas margens do Mar Cáspio e do Arai e fizeram irrupção no território do califado de Bagdad. Seu primeiro caudilho chamava-se Selgiuk ou Seljuk e dêste nome procede o que se deu posteriormente a seus sucessores como ao povo inteiro, isto é, o de Sedyucidas ou Selgiucidas. Pouco a pouco conseguiram sujeitar a seu domínio aos príncipes do Irã e da Mesopotâmia que estavam sempre em guerra uns com os outros e a quase tôda a Ásia Menor maometana".[2])

Esta invasão turca da Ásia Ocidental deu lugar a que os invasores fundassem quatro sultanados nas imediações do rio Eufrates. O primeiro foi fundado em Bagdad, por Tognelbeg, em 1055; o segundo em Icônio, por Solimão I, em 1064; o terceiro em Damasco, por Tutusch, em 1079; o quarto em Alepo, por Muslin, em 1079. São êstes os quatro sultanados, localizados na região do rio Eufrates, os anjos que deviam ser soltos no momento inicial no toque da sexta trombeta, como alude a profecia apocalíptica.

O verbo grego *"LUÕ", soltar*, é usado várias vezes no Novo Testamento, indicando no conjunto das frases dos textos, que aquilo que ia ser solto não mais tornaria ao lugar donde seria solto.[1]) Assim os quatro anjos ou os quatro sultanados, seriam soltos de suas sedes junto ao Eufrates para não mais tornarem a elas. E é importante que a profecia não lhes designa outras quatro sedes regionais, mas diz que "estavam preparados" para, conjuntamente e num espaço de tempo igual, "matarem a terça parte dos homens". Indiscutivelmente, os quatro sultanados unir-se-iam sob uma só bandeira para dar cabo totalmente do Império Bizantino. Mas, quem os soltaria ou soltou e uniu os quatros sultanados Seldjucidas do Eufrates? A história nô-lo atesta que foram os otomanos, também turcos, cuja dinastia Constantino XII reconhecera suprema no seu próprio Império. Os quatro sultanados Seldjucidas foram absorvidos pelos otomanos vitoriosos sôbre os bizantinos. Todo o povo turco estava agora unido numa só dinastia, a otomana, e posteriormente num só sultanado, o de Constantinopla. Nómades que antes eram, estavam afinal os Seldjucidas politicamente "preparados" para, sob a dinastia otomana, empreenderem a marcha dum govêrno cujo tempo de supremacia a própria profecia prefixara.

A SUPREMACIA PROFÉTICA DA TURQUIA

VERSO 15 — *"E foram soltos os quatro anjos, que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e ano, a fim de matarem a têrça parte dos homens".*

O DOMÍNIO INDEPENDENTE DA TURQUIA NA PROFECIA

Os quatro anjos foram soltos depois de concluído o período de tormento iniciado por Otman I e concluído por Amurat II. À vitória sôbre Constantino XII, tôda a nação turca estava então unida sob uma só bandeira e um só sultanado, para levar a cabo a sua aspiração que não era mais que o cumprimento da profecia.

De conformidade com o versículo quinze, o poder da Turquia, como nação real, iniciou sua marcha a "27 de julho de 1449", com o reconhecimento de Constantino XII da supremacia otomana ao submeter sua eleição ao consentimento do sultão. Êste sucesso ates-

ta que desta data em diante os turcos eram senhores do Império do Oriente, embora faltasse derribar o pouco que dêle ainda restava. E, a voz da divina profecia declara solenemente que o povo turco estava preparado então "para a hora, e dia, e mês, e ano", a fim de exercer o seu domínio político e profético como nação constituída.

"Hora, e dia, e mês, e ano", é a maneira bíblica de medir o tempo em matéria de profecia. O ano profético equivale a 360 dias literais e o mês a 30 dias, sendo que cada dia é igual a um ano como já o temos demonstrado. Analisando de trás para diante, temos os resultados seguintes: Um ano, 360 dias ou 360 anos; um mês, trinta dias ou 30 anos; um dia, um dia ou um ano; uma hora, a vigéssima quarta parte do ano ou 15 dias. Somando tudo temos 391 anos e 15 dias, que é o tempo apontado na profecia do Apocalipse, segundo a qual a Turquia exerceria, como potência política, o seu poder independente numa das mais estratégicas regiões do mundo civilizado.

Êste período de 391 anos e 15 dias, acrescentado a 27 de julho de 1449, alcança até 11 de agôsto de 1840, data em que algo surpreendente devia infalivelmente ocorrer com a Turquia, já que, a revelação serviu-se anunciar que sua suzerania política compreenderia, como vimos, um período profético bem assentado. Veremos a seguir como exerceu a Turquia o seu poder, no tempo limitado pela profecia, e como perdeu o seu poder político no cenário internacional.

PARA "MATAREM A TÊRÇA PARTE DOS HOMENS"

O sucessor de Amurat II, Maomet II, estava determinado a fazer capitular, a todo o custo, a metrópole do império do Oriente que ainda se mantinha. Desta capitulação estavam convencidos os bizantinos que o sultão acabaria para sempre com o seu Império ja moribundo.

Maomet II preparava-se febrilmente para capturar Constantinopla. Perguntou ao fundidor de canhões que desertou e passou para o seu lado: "Podes fundir-me um canhão de tamanho suficiente para derribar a muralha de Constantinopla"? Então estabeleceu-se a fundição em Adrianópolis, fundiu-se o canhão, preparou-se a artilharia, e começou o assédio".[1])

Em fevereiro de 1453, os turcos arrastaram lentamente para a campina de Constantinopla um canhão gigantesco, fundido por Orlan, que pesava 150 quintais e disparava balas de ardósia escura de seis quintais. A 5 de abril estava Maomet II diante de Constantinopla, frente a suas fôrças num total de 250.000 homens. Sua artilharia compunha-se, além do colossal canhão, doutros dois um tanto menores, e de 14 baterias de peças comuns. O bombardeio de tôda esta artilharia maometana sôbre a capital bizantina demonstrou um quadro verdadeiramente dantesco. Uma só das 14 baterias,

segundo um escritor árabe, constava de 130 canhões. "O fumo que se espalhou no ar, ascendendo para o céu, tornou a claridade do dia sombria como a noite; e a face do mundo tornou-se em breve tão escura como a negra sorte dos desgraçados infiéis".[1]) E Gibbons acrescenta que "tanto o acampamento como a cidade, os gregos como os turcos, achavam-se envoltos numa nuvem de fumo, a qual só podia ser dissipada pela libertação final ou a destruição do império Romano".[2]) A esquadra maometana compunha-se de 145 barcos, 12 galeras grandes, 80 barcos de duas pontes, pouco mais ou menos 25 barcos menores, e um número regular de bergantins.

O grande ataque começou. A artilharia otomana ia causando grandes danos na cidade principalmente às suas muralhas. Tendo Maomet recebido do imperador Constantino a negativa para render-se, fixou o dia 29 de maio para o grande assalto conjunto a Constantinopla. E sem aviso prévio especial ou sinal extraordinário, às duas da manhã de terça-feira, 29 de maio de 1453, começou a última agonia do império e do povo bizantino.

Após terem os defensores da cidade se defendido com grandes perdas para o inimigo, a balança oscilou duma maneira funesta repetidas vêzes, porque sucessivamente foram tomando parte na luta até 70.000 turcos, preenchendo sempre novas massas as terríveis lacunas que os bizantinos e italianos abriam nas suas fileiras. Saganos-Pacha arremessou sucessivamente uma secção dos seus janízaros, que conseguiram ocupar um pano de muralha; e enquanto os sitiados lutavam furiosamente com êles para expulsá-los dali, outra secção penetrou pela pequena porta chamada Cercoporta ou Silocerco, à esquerda e perto do Hebdomon do lado sul, que fôra aberta em 27 de maio para efetuar uma sortida, e por negligência não se tinha tornado a fechar. Por ali subiram os turcos às muralhas e avançaram na direção da porta de Adrianópolis, facilitando ao mesmo tempo o assalto de outros turcos que encostaram escadas; e, refoçados já por um número suficiente, atacaram o imperador e os seus pela retaguarda.

Então ficou tudo perdido. Enquanto a artilharia turca situada em frente das frotas Romanas e Cársias, abria uma grande brecha pela qual se precipitavam os vencedores e penetravam na cidade em grandes massas, o imperador Constantino, pelejando como um qualquer de tantos guerreiros sem distintivo algum, buscou e encontrou a morte. Os turcos ainda empregaram muito tempo para passar à espada a guarnição, até que, conhecendo o seu escasso número, preferiram o saque a uma mortandade inútil. Mais de 60.000 pessoas caíram prisioneiras; mas a pior sorte coube a muitos milhares de infelizes de tôdas as idades, sexos e classes que às seis e às sete da manhã, quando se espalharam pela cidade as primeiras notícias da desgraça definitiva, se tinham refugiado na catedral de Santa Sofia, onde estavam à espera, em oração, confiando em antigas profecias do milagre duma vitória no último instante. Mas o milagre não se deu; os ven-

cedores abriram as portas a machadadas, tiraram os cristãos que quiseram para vendê-los como escravos, desonraram os jovens de ambos os sexos, destruiram e profanaram os objetos sagrados, celebraram orgias, alojaram os seus cavalos no próprio interior do templo e por último começaram a destruí-los até que o sultão em pessoa chegou à cidade, os expulsou dali e pôs fim àquela obra selvagem.

Ao entrar Maomet II com seus ministros na cidade, dirigiu-se imediatamente à igreja de Santa Sofia. Ali um dos seus Mollahs subiu ao púlpito donde proclamou solenemente a lei de Mafoma: depois o sultão subiu ao altar, e dali fêz a sua oração de costume; e desta forma a famosa catedral bizantina, obra de Justiniano, ficou convertida em mesquita e dedicada ao culto maometano. Maomet fêz cortar a cabeça de Constantino II e a expôs à vista de todos, para que todo o mundo se convencesse de que o Império e o seu último soberano tinham deixado de existir.[1])

A queda de Constantinopla livrou o Ocidente e o Oriente para sempre do cetro martirizante dos orgulhosos Césares. Visigodos, vândalos, hunos, hérulos, árabes e turcos fizeram ruir em escombros inrreconstruíveis a cruel tirania duma raça que arruinou o mundo por mais de dezesseis séculos.

A queda de Constantinopla deu à Turquia um poderoso ímpeto de conquista. Tôda a Ásia Menor, Síria, Mesopotâmia, Pérsia, Iraque Arábia, Palestina, Trácia, Rumânia, Bulgária, Hungria, Besarábia, Grécia, Albânia, Bósnia, Sérvia, ilhas do mar Egeu, Creta; enfim, todos os territórios do Império do Oriente caíram em suas mãos. Assim a Turquia matou politicamente a têrça parte dos homens ou conquistou todos os seus domínios. Mais tarde incorporou também a seu império o Egito, a Etiópia e a Líbia.

Mas as conquistas turcas tiveram fim. Extinta a sua antiga força de expansão, fôra-se desmantelando a partir da paz de Carlowitz (1690) e, mais rapidamente ainda, a seguir à de Kutschuk-Kainardsche, de 1774. O outrora invicto poder chegou afinal ao ponto de desmoronar-se frente às influências das nações européias. Primeiramente devia matar todo o poder político do antigo Império do Oriente, e, depois, para não ser morta, devia ser sustentada, como veremos adiante, pelos balões de exigênio-político dos aliados que buscou.

O DEBACLE DA TURQUIA EM 11 DE AGÔSTO DE 1840

As condições internas da Turquia, desde o fim do século dezessete, "em vez de se revigorarem, pioraram sempre sob a influência moderna. A antiga sobriedade e simplicidade turcas não tiveram inimigo mais terrível do que a invasão irresistível da cultura européia, que lhes transmitia todos os vícios e nenhuma das suas vantagens. O mal atingiu primeiro os círculos governamentais e do funcionalismo. As reformas intentadas por Maomet II, que deviam

transformar o império num estado de tipo europeu, introduziram nas suas artérias um veneno mortal, pondo a nu os contrastes entre os princípios da cultura da Europa ocidental e os conceitos fundamentais de religião e nacionalidade dos Osmans, mostrando aos maometanos ortodoxos o sucessor do profeta como um herético incrédulo.

"Maomet Ali, do Egito, contemplava com dor e indignação a decadência turca, cuja culpa êle atribuía à incapacidade e desonestidade dos mais altos funcionários da Porta, e sobretudo ao seu mortal inimigo, Chosrew Pachá, que após a guerra russo-turca ganhara novamente tôda a confiança do sultão. Maomet Ali sentia-se o homem que poderia levar a cabo a regeneração do império; as suas relações com as potências européias, a partir da insurreição grega, assemelhavam-se mais às de um soberano independente do que às de um vassalo da Turquia; o seu tesouro repleto, o seu exército bem disciplinado, davam-lhe já uma posição muito superior à do sultão. A sua ira aumentou ainda quando viu que não eram mantidas as promessas que lhe tinham sido feitas em troca do auxílio que prestara na luta contra os gregos, e não bastou a acalmá-lo a cedência da ilha de Creta por 25 milhões de piastras, visto que as forças da Porta não conseguiram já pacificar a ilha, que teve de ser submetida pelas tropas egípcias. Como a recompensa prometida, isto é, a Síria Meridional, de que o Egito tinha necessidade para desenvolver as fôrças do seu território, tal como diante dum pôrto se tem necessidade do mar, e entre duas casas, de um caminho, parecia fugir-lhe, o Pachá resolveu tomá-la por suas mãos. O pretexto foi-lhe fornecido por uma velha questão com o Pachá Abdalah de Akka, favorito especial de Chosrew, que punha obstáculo à importação e exportação do Egito e dava asilo a grande número de fellahs fugitivos. Seguido de 30.000 homens, Ibraim, o carrasco da Moréia, invadiu a Síria e apoderou-se, sem encontrar resistência, das cidades de Gaza, Jafa e Jerusalém, e cercou, por terra e por mar, a fortaleza de Akka.

"Foi quando o desânimo da Porta, e incapaz de opor imediatamente a violência à fôrça, procurou ganhar tempo, convidando, a 1 de dezembro de 1831, ambas as partes a apresentarem as suas queixas ao Sultão. Quando Maomet Ali, em vez de obedecer à ordem de evacuar a Síria, solicitou, embora com simulada humildade, os govêrnos de Akka e Damasco, um *firman* do sultão pronunciou a sua destituição e a de seu filho; e como ainda por êste processo nada se conseguiu, foi lançado o anátema contra ambos, sendo encarregado de executar a sentença o exterminador dos janízaros, Hussein-Pachá, com um exército de 60.000 homens. Mas ainda êste tinha chegado ao Tauro quando, a 25 de maio, Akka foi tomada de assalto por Ibraim, e logo a seguir também Damasco abriu as suas portas ao guerreiro egípcio. Ibraim continuou a sua marcha sôbre a Antioquia e, a 6 de julho, desbaratou a vanguarda exausta dos

turcos; desmoralizado com esta derrota, o Sirdar bateu em retirada com o exército principal e, a 30 de julho, Ibraim, com uma segunda vitória, apoderou-se do pôrto de Alexandria, assenhoreando-se de tôdas as provisões aí acumuladas.

"Maomet Ali reiterou então as suas propostas, mas como a Porta lhe respondesse exigindo a sua plena submissão, autorizou o filho a passar o Tauro e declarou ao mesmo tempo aos cônsules europeus que exigiria a cedência da Síria contra o pagamento dum tributo conveniente. A 21 de dezembro o último exército de que o sultão dispunha foi destroçado, após uma luta encarniçada, junto de Korich, e o próprio grão-vizir foi feito prisioneiro. Abria-se já ao vencedor o caminho de Constantinopla, quando se lhe interpôs um novo adversário".[1])

Nesta perigosa guerra entre o sultão Mahmud e Maomet Ali, intervieram a Rússia, França, Áustria, Prússia e Inglaterra, já para salvar seus interesses nos Dardanelos e no próprio Egito e demais pontos estratégicos, já para conservar o comércio livre com o Oriente. Enfadonha política discutem estas potências quanto ao modo de intervir na refrega entre a Porta e o Egito.

Entretanto a guerra recomeçou novamente. "Em lugar de dar ouvidos às advertências dos diplomatas e dos oficiais prussianos, Mahmud deu ordem às tropas para avançarem". "A 9 de junho, Maomet Ali e seu filho foram, com grande solenidade, declarados rebeldes e colocados fora da lei. Foi êste o último ato oficial de Mahmud, que morreu a 30 de junho, cedendo o trono otomano a seu filho Abdul-Medjid, de 17 anos de idade".[2]) A situação agravou-se mais e mais e o exército turco estava vencido, impotente. Chegara então o momento de as grandes potências tomarem posição para salvar a Turquia de sua ruína inevitável.

"Em convênio de Londres, cujas bases haviam sido preparadas por Palmerston desde janeiro findo, e do qual não notificou ao embaixador francês até a entrevista de 17 de julho, firmou-se a 15 do mesmo mês. Em virtude dêste documento, estipulou-se que, havendo chegado o sultão a pôr-se inteiramente de acordo com as potências signatárias sôbre as condições que haviam de oferecer-se a Maomet Ali, as altas potências contratantes haviam de unir suas fôrças em caso necessário a fim de obrigar ao Pachá do Egito a aceitar o acordo, estariam dispostas a defender a capital de Constantinopla e os estreitos, no caso de que Maomet prosseguisse sua marcha contra a residência do sultão, e continuariam ocupando a mesma tôdas juntas, em tanto que o soberano o cresse necessário. Teve-se cuidado de fazer constar que esta cooperação destinada a proteger Constantinopla e os estreitos se havia estipulado por *expresso convite do sultão*, e só seria aplicável ao caso especial definido no tratado. Quanto aos têrmos do arreglo, dispôs-se em artigos espe-

ciais que se Maomet Ali se submetesse no prazo de dez dias, receberia o pachalato hereditário do Egito junto com a administração vitalícia da Síria meridional, com o titulo de Pachá do Acre e o mandato da fortaleza de São João. Se ao cabo dos dez dias continuasse em sua obstinação, retirar-se-ia o oferecimento da Síria e Acre feito pelo sultão; e se ao fim de outros dez dias persistisse em sua atitude rebelde, o sultão ficaria em liberdade plena para revogar todos os seus oferecimentos e tomar as determinações que pudessem sugerir-lhe seus próprios interesses e os conselhos de seus aliados. Em um protocolo reservado da mesma data concordou-se pôr em vigor o convênio sem aguardar a alteração de ratificações. Finalmente, em virtude de outro protocolo firmado em Londres em 5 de setembro e comunicado a Guizot no dia 17, as potências aliadas protestariam formalmente de não ter intenção de obter vantagens em separado de sua intervenção.

"Entretanto havia dado princípio a ação dos aliados conforme ao convênio. Em 11 de agosto (*), Sir Carlos Napier havia-se apresentado defronte a Beirut e intimado a Solimão Pachá que evacuasse a cidade e a Síria. Até então, entretanto, não se havia disparado um só tiro, e o govêmo francês influiu junto de Maomet Ali instando a moderar suas condições. A 17 de setembro Thiers escreveu a Guizot comunicando-lhe que o Pachá aceitaria o govêrno hereditário do Egito e o da Síria para Ibraim, enquanto vivesse êste; porém Palmerston não quis dar ouvidos a modificação alguma das condições estipuladas no convênio de 15 de julho. De qualquer modo que fôsse, havia sido demasiado tarde para evitar as hostilidades. Em 11 de setembro, Napier bombardeou Beirut e desembarcou uma divisão otomana para operar contra Ibraim na Síria. Quatro dias depois, o sultão, que havia rompido todas as negociações com o enviado de Maomet Ali, ao ter as primeiras notícias da rebelião da Síria, ocorrida em agosto, declarou deposto a Maomet Ali e lhe nomeou sucessor, fundando-se em que havia expirado o prazo que assinalavam os artigos adicionais do convênio. Em Alexandria, a 23 de setembro os cônsules das quatro potências notificaram ao Pachá sua própria destituição, e ao mesmo tempo a próxima chegada da sentença do sultão".[1])

Êste notável documento histórico assinala, com quase incrível evidência, a data de 11 de agôsto de 1840 em que a profecia encontrou o seu pleno cumprimento. Os acontecimentos encaminharam-se de tal modo, que, nesta data precisa, os aliados intervieram pela fôrça em favor da Turquia e contra Maomet Ali, Pachá revoltado do Egito.

---

*) A data de 1840 encontra-se no alto da página da história universal, citada.

"Dois anos antes, Josias Litch, um dos principais ministros que pregavam o segundo advento, publicou uma explicação de Apocalipse 9, predizendo a queda do Império Otomano. Segundo seus cálculos esta potência deveria ser subvertida "no ano 1840, no mês de agosto"; e poucos dias apenas antes de seu cumprimento escreveu: "Admitindo que o período, 150 anos, se cumpriu exatamente antes que Deacozes subisse ao trono com permissão dos turcos, e que os 391 anos, quinze dias, começaram no final do primeiro período, terminará no dia 11 de agôsto de 1840, quando se pode esperar seja abatido o poderio otomano em Constantinopla. E isto, creio que verificar-se-á ser o caso".[1])

Êste grandioso sucesso que enaltece a voz da divina profecia e assinala o debacle político da Turquia, atesta plenamente que o período de 150 anos, exarado no versículo dez, iniciou-se realmente em 27 de julho de 1299 e findou em 27 de julho de 1449, quando começou o outro período de 391 anos e 15 dias, findo em 11 de agôsto de 1840, quando Sir Carlos Napier se apresentou diante de Beirut, intimando às forças de Maomet Ali a abandonarem a Síria. Desde esta data até o presente, a Turquia é considerada "o homem doente", amparada pelas potências cristãs que a livraram do colapso certo se não houvessem intervido em seu favor.

A NUMEROSA HOSTE TURCA

VERSO 16 — *"O número das tropas de cavalaria era de duas miríades de miríades; eu ouvi o número dêles".*[2])

"Duas miríades de miríades", segundo o texto original, é uma frase numeral indefinida que só existe esta única vez no Novo Testamento. Outras frases há em que "miríades" é empregado uma só vez, para referir um número sem precisá-lo exatamente, mas para designar não pequena quantidade.[3]) Quando se trata, como no nosso texto, que é uma excessão, em que "miríades" aparece duas vêzes, uma seguida da outra, deve-se entender um número enormíssimo embora impreciso. Tais eram, segundo esta profecia, as multidões de guerreiros que compunham as "tropas de cavalaria" turca que se jogaram sobre a Ásia Ocidental.

A pena do grande historiador Gibons, sem precisar o número de ginetes da cavalaria dos turcos, corroborando todavia com a profecia, diz-nos: "As miríades dos turcos cobriam uma fronteira de mil quilômetros, desde o Tauro até Erzerum, e o sangue de 130.000 cristãos foi o sacrifício grato ao profeta árabe".[4]) Outro historiador expressa-se assim sôbre os turcos: "O número dos turcos aumentava anualmente por hordas tais que os escritores gregos empregavam continuamente metáforas derivadas de torrentes, enchentes e inundações para pintar sua fôrça esmagadora".[5])

O PODER DA CAVALARIA DOS TURCOS

VERSOS 17-19 — *"E assim vi os cavalos nesta visão; e os que sôbre êles cavalgavam tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões; e de suas bocas saía fogo e fumo e enxofre. Por estas três pragas, foi morta a têrça parte dos homens, isto é pelo fogo, pelo fumo, e pelo enxofre, que saía das suas bocas. Porque o poder dos cavalos está na sua bôca e nas suas caudas. Porquanto as suas caudas são semelhantes a serpentes, e têm cabeças, e com elas danificam".*

AS COURAÇAS DOS GINETES DA CAVALARIA TURCA

No versículo nove vimos como a história comprova terem os árabes maometanos usado couraças reais em suas campanhas pró difusão do islamismo. Porém, no versículo dezessete, que é o que consideramos, as couraças dos turcos eram de "fogo, e de jacinto, e de enxofre". Evidentemente não se poderá conseguir uma mescla sólida de fogo, jacinto e enxofre para confecção de couraças. O têrmo grego, tanto do versículo nove como do dezessete, é *"thõrax"*, usado no Novo Testamento também no que respeita a couraças simbólicas. S. Paulo fala na "couraça da justiça"[1]) e na "couraça da fé".[2]) Compreendemos assim que o têrmo *"thõrax"* é empregado tanto no sentido de couraças reais como simbólicas. No caso dos turcos, a referência a "couraças" só pode ser simbólica visto, como salientamos, a impossibilidade de fazer-se couraças com mescla de fogo, jacinto e enxofre.

Segundo esta profecia, três eram as côres que compunham as "couraças" dos guerreiros turcos: 1) Fogo, ou côr vermelha; 2) jacinto, ou côr azul; 3) enxofre, ou côr amarela. "Tais eram as côres que predominavam na endumentária" do exército turco cuja descrição profética corresponde ao uniforme daqueles soldados do maometanismo turco. Daubuz, um antigo estudante inglês, escreveu das côres descritas pela profecia, o seguinte:

"Desde seu primeiro aparecimento os otomanos têm-se interessado usar vestimenta belicosa de escarlate, azul, e amarela: um traço descritivo o mais evidente em seu contraste com a aparência militar dos gregos, francos, ou sarracenos contemporâneos".[3]) O cumprimento dêste interessante detalhe da profecia não deve causar-nos surpresa; pois a inspiração jamais poderá equivocar-se ou falhar.

CAVALOS COM CABEÇAS DE LEÕES VOMITANDO FOGO

"As cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões". Aqui temos o emblema do poder, do valor e da ferocidade da cavalaria turca invasora, espalhando, com o arrojo do leão, a morte e a des-

truição. Ferozes e astutos como leões, demonstraram-se os turcos mais desumanos que os árabes que na profecia da quinta trombeta são apresentados com dentes simbólicos de leão.

Os cavalos da cavalaria vomitavam "fogo, e fumo, e enxofre". Inquestionàvelmente deparamos neste pormenor o emprêgo da arma de fogo pelos ginetes do exército turco. Precisamente iniciara-se por aquela época o uso da pólvora e das armas de fogo para fins bélicos. O resultado da detonação duma arma de fogo é realmente uma chama de fogo, uma nuvem de fumo e um cheiro acre de enxofre. Mas como poderia sair isto das bocas dos cavalos? E' que os ginetes turcos descarregavam suas armas, em suas cargas de cavalaria, estendendo-as para a frente, dando a parecer, a quem os via pelejar, que o "fogo, fumo e enxofre" da detonação, saíam das bôcas dos seus cavalos. Gibbons diz que "as incessantes cargas de lanças e setas iam acompanhadas de fumo, e o ruído e o fogo de seus mosquetes e canhões".[1])

AS TRÊS PRAGAS QUE MATARAM O IMPÉRIO DO ORIENTE

Fogo, fumo e enxofre, as três pragas em que a têrça parte dos homens seria morta pelos turcos. Como vimos, trata-se das armas de fogo como resultado do uso da pólvora para fins bélicos naqueles dias do século XV. Os turcos as empregaram como meio eficaz para a destruição de Roma Oriental, ou, como refere a revelação, "matarem", aliás, politicamente, a têrça parte dos homens que a lideravam pondo fim ao Império. No entanto, embora fôsse nesta guerra de extermínio usado vasto número de canhões pelos turcos, a profecia insiste em salientar que, as três pragas que matariam a política e o domínio Oriental romano-bizantino, "fogo, fumo e enxofre", "saiam das bôcas dos cavalos", dando isto a entender que, à cavalaria turca, provida de mortíferos mosquetes, caberia decidir a derrota do velho império.

A CONCENTRAÇÃO DO PODER DA CAVALARIA OTOMANA

Não só o poder simbólico da cavalaria turca se concentrava na bôca dos cavalos como também nas suas caudas. No versículo dez lemos que os gafanhotos, simbólicos dos árabes tinham caudas "semelhantes às dos escorpiões, e aguilhões nas suas caudas", "para danificar os homens". Agora, os cavalos, simbólicos da cavalaria otomana, tinham caudas "semelhantes a serpentes" com cabeças que danificavam. Ambos — os gafanhotos árabes e os cavalos turcos — tinham caudas venenosas — veneno de escorpião e veneno de serpente. Árabes e turcos injetariam veneno nas suas vítimas. E que veneno daninho poderia ser senão o da falsa política civil-religiosa que imporiam pela fôrça aos povos que haveriam de subjugar pelas armas?

UMA ADVERTÊNCIA REJEITADA

VERSOS 20-21 — *"E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras de suas mãos, para não adorarem os demônios, e os ídolos de ouro, e de prata, e de bronze, e de pedra, e de madeira, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar. E não se arrependeram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem das suas ladroíces".*

"Os outros homens, que não foram mortos por estas pragas", isto é, pelas armas de fogo da cavalaria turca, são os demais governantes cristãos europeus e seus súditos aos quais não chegou a desolação turca. Êles não encararam o terrível ataque turco como um flagelo merecido pelo Império do Oriente, como prêmio de seus pecados e de sua aborrecível idolatria que era odiada com ódio mortal pelos maometanos. "Não se arrependeram" do culto dos "demônios", como é considerada a idolatria pelas Sagradas Escrituras. Nem tão pouco "se arrependeram" dos seus "homicídios", de suas "feitiçarias", de suas "prostituições" e "das suas ladroices". Eis o quadro do cristianismo apresentado na profecia! Um cristianismo sem Cristo e apóstata, odiado de morte pelos conquistadores muçulmanos.

Deus não se agrada daqueles que não aprendem as lições que seus juízos lhes ensinam. Antes da visão das trombetas sobre os árabes e os turcos, a advertência clara foi — "ai! ai dos que habitam sobre a terra". Mas o cristianismo nominal daqueles dias do avanço maometano, nem um caso fêz, como hoje também não o faz, das advertências do céu. Nem antes nem depois dos açoites dos árabes e turcos se arrependeu de sua vã idolatria e de seus homicídios e maldades. O castigo, as "pragas" maometanas, não o induziu a melhorar a conduta e a moralidade. A lição foi desprezada com grave perda para a vida moral e espiritual. E assim caíram os dois Impérios, as duas Romas cristãs — Ocidental e Oriental — aquela sob as hordas visigoda, vândala, huna e hérula, e esta sob as hordas árabe e turca do Islã.

CAPÍTULO X

O GRANDE DESPERTAMENTO RELIGIOSO DO SÉCULO XIX

INTRODUÇÃO

Com êste décimo capítulo chegamos a um grande despertamento religioso cristão. Já salientamos que o evangelho apostólico, depois da morte dos apóstolos, foi relegado, mòrmente com o advento de Constantino a princípios do quarto século, quando a igreja cristã fôra elevada à categoria de igreja do Estado, tornando-se Igreja Imperial. E, o papado, a êsse tempo, com o gérmen da apostasia grandemente desenvolvida, crescera mais e mais a ponto de tomar a liderança do cristianismo apóstata, lançar a verdade do evangelho por terra e prosperar com os ensinos das tradições humanas e alianças com os governos terrenos. A verdadeira igreja de Cristo, por longos séculos, foi perseguida pelo romanismo, sendo dizimada pelos tribunais da inquisição, por cruzadas e por chacinas inúmeras.

A situação da igreja de Cristo, por mais de doze séculos era desesperada e as trevas duma apostasia geral pairavam sôbre o cristianismo nominal sob o tacão de Roma papal. Todavia, a queda do poder temporal do papado em 1798, trouxe uma era nova para o cristianismo em geral e para a civilização hodierna. Um grande despertamento religioso, nos começos do século XIX, surgiu como resultado da queda do poder opressor, e o mundo foi sacudido por uma mensagem solene e poderosa, tal como anunciada nas profecias principalmente na do capítulo que agora vamos considerar.

Notaremos que esta profecia, como uma evidência do tempo em que devia cumprir-se, acha-se inserida como um parêntesis entre a sexta e a sétima trombetas, devendo portanto cumpri-se antes do toque inicial da sétima trombeta, isto é, antes de 1844.

UM PODEROSO ANJO DESCE DO CÉU

VERSO 1 — *"E vi outro anjo forte, que descia do céu, vestido de uma nuvem; e por cima da sua cabeça estava o arco celeste, e o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo".*

"E VI OUTRO ANJO FORTE"

Um anjo, nas profecias do evangelho que dizem respeito à evangelização geral do mundo, é emblema dum movimento religioso a

ocorrer na terra. O símbolo dum anjo tão somente indica o movimento e sua natureza celestial. A expressão — anjo forte — designa o poder com que se manifestaria o movimento religioso desta profecia. E, sua vestimenta "de uma nuvem", é simbólica da presença de Deus como guia do movimento, pois uma nuvem sôbre o acampamento de Israel e suas jornadas era evidência da presença de Deus como guia de Seu povo.[1])

UMA MENSAGEM DE JUÍZO E DE MISERICÓRDIA

O arco celeste da divina graça que se acha em tôrno do trono de Deus[2]) aparece por cima da cabeça do anjo, como prova de que o movimento por êle representado traz uma mensagem de convite e perdão ao pecador. Porém, o anjo tem o seu rosto "como o sol e os seus pés como colunas de fogo". Esta é a primeira vez que uma profecia refere um movimento religioso figurado num anjo como tal. Pôsto que a mensagem do movimento que êle representa seja de graça e de perdão, seu rosto e seus pés anunciam que também possui uma mensagem de juízo. O sol do seu rosto é figura de miticulosa investigação ou de juízo investigativo, enquanto o fogo dos seus pés é emblema de justiça ou de juízo executivo. Todavia, ainda que a mensagem anuncie a proximidade do juízo, é acompanhada da misericordiosa graça: "Porque o juízo será sem misericórdia sôbre aquele que não fêz misericórdia; e a misericórdia triunfa do juízo".[3])

UM LIVRINHO ABERTO NA MÃO DO ANJO

VERSO 2 — *"E tinha na ma mão um livrinho aberto, e pôs o seu pé direito sôbre o mar, e o esquerdo sôbre a terra".*

UM LIVRINHO ABERTO

O livrinho aberto na mão do anjo contém a mensagem do grande movimento que êle simboliza. Deve impreterivelmente tratar-se de um dos livros das Sagradas Escrituras que tenha estado fechado ou selado por determinado tempo ou até o tempo do cumprimento desta profecia, cujo conteúdo deveria despertar o interêsse e a atenção do movimento representado pelo forte anjo e constituir a base real da sua proclamação. Em tôdas as Escrituras Sagradas do Velho e do Novo Testamentos, não encontramos outro livro que tenha sido mandado fechar e selar, até um tempo definido, senão o livro do profeta Daniel, que na verdade é um "livrinho" de apenas treze páginas. Sôbre isto lemos as próprias palavras de Gabriel a Daniel:

"E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela êste livro, até ao fim do tempo: muitos correrão de uma parte para a outra, e a ciência se multiplicará".[4])

Dois acontecimentos irrecusáveis asseguram a época em que deveria ser aberto o livro de Daniel: 1) O advento do "fim do tempo"; 2) a era da multiplicação da ciência. Agora, a primeira pergunta que temos a fazer e responder, é esta: Quando chegou o "fim do tempo" predito por Daniel? No próprio livro dêste profeta encontramos a resposta evidente. No capítulo onze versículos 30 a 35, temos a introdução da potência papal como poder perseguidor do povo de Deus. O último destes versículos declara que o povo de Deus seria perseguido, por dito poder, "até ao fim do tempo", o que quer referir-se até ao fim da supremacia temporal do papado ocorrido em 1798 quando a França revolucionária lhe tirou o poder e aprisionou o papa reinante — Pio VI. Prova mais incontestável de que o "fim do tempo, chegou com o fim da supremacia temporal do papado em 1798, temos ainda no capítulo doze do livro de Daniel. No versículo sete é esclarecido que o povo de Deus seria perseguido até completar-se o período de "um tempo, dois tempos e metade de um tempo", ou sejam 1260 anos de supremacia temporal de Roma papal, em realidade findos em 1798 pela espada de França. Como Daniel não entendesse isto e pedisse explicação ao anjo, êste lhe disse: "Vai, Daniel, porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim".[1]) Note-se a clareza de Gabriel em dizer, em outras palavras, que o "tempo do fim" chegaria com o fim do poder do papado — depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo", período findo em 1798. O ano de 1798 é, por conseguinte, o marco inicial do "fim do tempo". Outra incontestável prova que estabelece êste ano como inicial do "fim do tempo", encontramos no versículo quarenta do capítulo onze, onde a profecia, fazendo alusão à França da revolução, estabelece que "no fim do tempo, o rei do sul", o Egito, lutaria com ela, "e o rei do norte", a Turquia, entraria no conflito contra a França. E, qualquer compêndio de história universal estabelece que foi no ano de 1798 que Napoleão Bonaparte invadiu o Egito. Outro sucesso ainda, que confirma o início do "fim do tempo" em 1798, é o incremento da ciência; pois notamos que Daniel se refere, enfâticamente, que, ao chegar este tempo, a ciência se multiplicaria ou tomaria lugar a era das invenções modernas. Em verdade as maravilhas da ciência moderna que hoje conhecemos tiveram seu simples comêço nos primeiros anos do século dezenove, ao chegar o "fim do tempo" predito.

Exatamente ao chegar o fim do tempo, manifestou-se, tanto na América como na Europa, um grandioso incremento no estudo das profecias especialmente as do livro de Daniel. E agora, depois de tôdas estas considerações fundadas na própria palavra da profecia, podemos assegurar, que, em 1798 o sêlo do livro de Daniel foi removido, tornando-se êle aberto ao estudo de inúmeros pesquisadores da

verdade, resultando no grande movimento religioso do qual falaremos pormenorizadamente no versículo oito.

UM MOVIMENTO EM TERRA E MAR

A posição do anjo com um pé na terra e outro no mar, denota a extensão mundial do movimento missionário por êle representado e também de que a mensagem do livro de Daniel deveria atravessar os mares e alcançar os continentes ao chegar o "fim do tempo".

OS SETE TROVÕES

VERSOS 3-4 — *"E clamou com grande voz, como quando brama o leão: e havendo clamado, os sete trovões fizeram soar as suas vozes. E, sendo ouvidas dos sete trovões as suas vozes, eu ia escrevê-las, e ouvi uma voz do céu, que me dizia: Sela o que os sete trovões falaram, e não o escrevas".*

UM CLAMOR COMO DE LEÃO

No primeiro versículo salientamos que a aparência do anjo anunciava a graça de Deus em virtude do juízo. A proclamação do movimento por êle simbolizado, como veremos, foi a proximidade do juízo sôbre um mundo em decomposição moral. E a poderosa voz do anjo é indicativa da extraordinária proclamação que abalaria o mundo e poria a tremer os homens em face da iminência do juízo. O versículo oito de nosso capítulo e o sexto, sétimo e oitavo do capítulo quatorze dizem-nos bastante da poderosa voz de leão do anjo simbólico.

AS VOZES DOS SETE TROVÕES

Os sete trovões fizeram soar suas vozes ao proferir o anjo poderosamente a sua mensagem. Isto denota que suas vozes estão ligadas ao grande movimento ou ao tempo da proclamação da mensagem do livro de Daniel aberto. Quais são em verdade suas sete vozes, não nos é dado conhecer, pois por ordem duma voz do céu não foram elas escritas para a posteridade. Que seriam entretanto solenes acontecimentos, podemos prever por suas vozes simbólicas de trovões. Deus achou por bem silenciá-las para não serem seus filhos antecipadamente perturbados pelos acontecimentos a que elas diriam respeito. Todavia o Senhor fortaleceria a seus escolhidos para que pudessem enfrentar os "trovões" ao soarem êles suas poderosas vozes.

UM JURAMENTO SOLENE

VERSOS 5-6 — *"E o anjo que vi estar sôbre o mar e sôbre a terra levantou a sua mão ao céu. E jurou por Aquêle que vive para*

todo o sempre, o qual criou o céu e o que nêle há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nêle há, que não haveria mais demora".

IDENTIFICAÇÃO COM O ANJO DA PRIMEIRA MENSAGEM

Êste anjo do capítulo dez identifica-se precisamente com o primeiro anjo do capítulo quatorze. Ambos conduzem uma mensagem de graça e de juízo para proclamá-la. Ambos proferem sua proclamação com poderosa voz. Ambos exaltam a Deus como Criador dos céus, da terra, do mar e tudo o que nêles há. Assim o anjo do capítulo dez é o mesmo primeiro anjo do capítulo quatorze, onde é apresentada sua obra de extensão mundial e a sua mensagem da hora do juízo.

"QUE NÃO HAVERIA MAIS TEMPO"

Uma outra versão, em vez de rezar: "que não haveria mais demora", reza assim: "que não haveria mais tempo". E o tempo que não mais haveria, não pode significar o tempo corrente do calendário ou o fim do mundo. Tão pouco significa o tempo da graça como devendo findar então, pois esta continuará até que a obra sacerdotal de Cristo esteja concluída no santuário celestial, isto é, até findar o toque da sétima trombeta. A expressão — que não haveria mais tempo — relacionada com êste anjo do capítulo dez e sua obra, é indicativa de que o movimento que êste anjo representa está ligado ou fundamentado em um período de tempo especial, depois do qual não haveria outro que se estendesse além de seu término. E não há dúvida de que o movimento neste capítulo predito surgiu nos derradeiros dias do maior período de tempo — tempo profético — da revelação, como encontrado no livro de Daniel capítulo oito versículo quatorze, concluído em 1844. E não encontramos, quer no Velho quer no Novo Testamento, outro período de tempo profético que vá além de 1844. Atualmente vivemos na hora do juízo, iniciado em 1844, findo o qual findará a graça salvadora e a corrompida civilização encontrará o seu fim. E não há outro período ou "tempo profético" anunciando a duração do tempo do juízo ou outra qualquer ocorrência.

O SEGRÊDO DE DEUS NA VOZ DO SÉTIMO ANJO

VERSO 7 — *"Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o segrêdo de Deus, como anunciou aos profetas, seus servos".*

O TEMPO DA VOZ DO SÉTIMO ANJO

No capítulo dez vemos que o movimento simbolizado no anjo alcançaria até o ano de 1844 e que, de acordo com as palavras do

juramento do angélico ser, a voz do sétimo anjo não seria ouvida durante o referido movimento que encontrou seu fim na primavera de 1844. Disto nos certificamos de que a voz do sétimo anjo começaria a fazer-se ouvir da primavera de 1844 em diante, imediatamente ao concluir-se a obra do anjo do capítulo dez. Desde 1844 para cá, portanto, se está consumando o "segrêdo de Deus". Todavia perguntamos: O que é o "segrêdo de Deus?"

O SEGRÊDO PROFÉTICO DE DEUS

O "segrêdo de Deus" é também nas Escrituras Sagradas chamado — mistério de Deus. Os textos aqui indicados certificam que o "segrêdo" ou o "mistério de Deus" é o grande plano da salvação em Jesus Cristo.[1]) Esteve oculto no passado, mas, manifestou-se em sua glória pela pregação do evangelho ao mundo gentílico, e, "Cristo em vós", ou Cristo recebido no coração do contrito pecador, é considerado "as riquezas da glória dêste mistério".

Mas o anjo do Apocalipse dez, em seu juramento, proclama que "nos dias da voz do sétimo anjo", se cumpriria "o segrêdo de Deus". Quer isto dizer que, de 1844 ao final, seria consumada a obra do evangelho no mundo. Não foi consumada na Velha Dispensação chamada Mosáica, por incredulidade do antigo povo de Deus que por isso mesmo foi rejeitado como Seu povo. Não foi consumado na era cristã até antes de 1844, porque o cristianismo deixou de cumprir a sua missão, apostatando. Mas seria consumado de 1844 ao final, na voz do sétimo anjo, o que implica em dizer que um glorioso movimento mundial tomaria lugar desta data em diante, proclamando o "mistério de Deus" e consumando a obra da redenção entre as nações, através da pureza do evangelho isento de erros e tradições humanas. E êste movimento predito surgiu em 1844, exatamente depois do primeiro movimento que findou nesta data, tem abrangido todo o mundo, e logo terminará a sua tarefa quando tôdas as coisas serão novamente congregadas em Cristo Jesus.

O LIVRINHO É COMIDO PELO PROFETA

VERSOS 8-10 — *"E a voz que eu do céu tinha ouvido tornou a falar comigo, e disse: Vai, e toma o livrinho aberto da mão do anjo que está em pé sôbre o mar e sôbre a terra. E fui ao anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E êle disse-me: Toma-o, e come-o, e êle fará amargo o teu ventre, mas na tua bôca será doce como mel. E tomei o livrinho da mão do anjo, e comi-o; e na minha bôca era doce como mel; e havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo".*

O PAPEL DE S. JOÃO NESTA PROFECIA

O anjo desta profecia é, como já dissemos, representante do grande movimento que envolveu a igreja de Deus nos começos do

século XIX. O profeta, porém, toma o lugar de representante pessoal e físico do mesmo movimento. Pôsto que São João vivesse dezessete séculos antes do alvorecer do "fim do tempo" para que tomasse lugar o grande movimento missionário da igreja de Deus nos primeiros anos do século XIX, é êle escolhido, como um de seus representantes, para desempenhar simbolicamente o papel que a igreja devia desempenhar a seu devido tempo conforme esta profecia. Deste modo, temos aqui o profeta, pròpriamente, como a igreja de Deus e seu inteiro movimento missionário iniciado no "fim do tempo". Tudo o que daqui em diante, dos versículos oito a dez, nos referirmos ao profeta, devemos aplicar à igreja de Deus.

UM LIVRINHO DOCE COMO MEL

Como vimos na explanação do versículo dois, êste livrinho é o livro de Daniel, aberto no "fim do tempo" iniciado em 1798. O ato de o profeta ser ordenado a tomar o livrinho da mão do anjo e comê-lo, bem representa os piedosos homens da igreja de Deus que, inspirados por Seu Espírito, tomariam, a princípio do século XIX, o livro de Daniel e estudariam com fervor as suas profecias. Pôsto que o livro de Daniel estivesse aberto, pois o tempo para isso chegara, havia, entre suas solenes profecias uma que dizia respeito exatamente àqueles primeiros anos do "fim do tempo", sendo que, antes de tôdas, deveria chamar-lhes especialmente a atenção. E esta profecia era a das "duas mil e trezentas tardes e manhãs" do capítulo oito versículo quatorze, que reza o seguinte: "E êle me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado". "As duas mil e trezentas tardes e manhãs", são dois mil e trezentos dias.[1]) Porém, como se trata de uma profecia, cada dia representa um ano literal.[2]) Temos assim 2300 anos no fim dos quais, diz a revelação, a verdade ou a pura pregação do evangelho deveria ser restaurada e o santuário purificado.

O capítulo nove do livro de Daniel, que contém a explanação de Gabriel relativa à primeira parte dos 2300 anos, diz-nos que êste grande período da profecia iniciar-se-ia com a "saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém". E esta ordem, dada aos judeus que eram cativos no Oriente ao tempo da dominação mundial da Pérsia, foi emitida pelo rei Artaxerxes I, Longimano, na primavera ou na última parte do ano 457 A. C. Contando desta data inicial, os 2300 anos alcançaram a primavera ou a última parte do ano de 1844, quando, então, a verdade seria restaurada pela pregação e o santuário seria purificado. A restauração da verdadeira pregação não temos dúvida de que trata da anunciação mundial do evangelho tal como êle foi inspirado do céu e anunciado outrora pelos profetas e apóstolos do Senhor Jesus. Mas, o que é a purificação do santuário?

Segundo o ritual do santuário do antigo Israel, a purificação do santuário significava a remoção simbólica dos pecados do povo de Deus do santuário, através de um sacrifício especial, oferecido no dia dez do sétimo mês judaico, correspondendo a outubro do nosso calendário. O Santuário terrenal, feito por Moisés conforme o modêlo do celestial,[1]) era uma figura do santuário da dispensação cristã, no céu, onde Cristo ministra por Sua igreja desde que para lá ascendeu, depois de sua ressurreição. Assim a purificação simbólica do santuário de Israel realizada pelo sumo-sacerdote uma vez ao ano, era emblema da purificação do santuário celeste que Cristo, como oferta sacrifical e Sumo-sacerdote do mesmo, devia realizar a partir do final dos 2300 anos ou de 1844. Como no santuário terrenal os serviços diários eram efetuados no lugar santo e a purificação no lugar santíssimo, de modo idêntico, Cristo, desde que ascendeu ao céu, efetuou sua obra de intercessão no lugar santo do santuário celestial até 1844. Nesta data, em outubro, Êle deixou o lugar santo e penetrou no lugar santíssimo para efetuar a purificação do santuário ou seja a remoção dos pecados de seu povo contrito e que nÊle confia como Mediador entre Deus e o homem. Esta obra de purificação continuará até o fim da graça, finda a qual estará concluída a purificação do santuário e a segunda vinda de Cristo tomará lugar imediatamente.

Depois de tôda esta exposição acima, perguntamos: Como entenderam a questão da purificação do santuário, segundo a profecia de Daniel, os servos de Deus dos princípios do século XIX? A resposta enfática e histórica é esta: Eles entenderam que o santuário a ser purificado no final dos 2300 anos, em 1844, era a própria terra e que, para que isto pudesse ser realizado, Jesus deveria voltar naquele ano e atear fogo e enxofre ao mundo para purificá-lo da maldade humana. Porém, como chegaram a esta conclusão sobre a terra como sendo o santuário a ser purificado? Simplesmente pelo fato de não haver, em 1844, mais santuário na terra e desconhecerem a sublime doutrina do santuário celestial figurado pelo terrenal do antigo Israel. O fato de conceberem, pelo livro de Daniel, que Jesus voltaria em 1844 para purificar a terra e salvá-los, é que cumpre a profecia de ter o profeta achado o livrinho doce como o mel ao tomá-lo da mão do anjo e comê-lo. Nada mais glorioso e mais doce para êles do que um livro que lhes indicava matemàticamente não só a volta de seu amado Senhor como também o ano certo de Seu aparecimento. Tiveram a grata satisfação de repetirem as experiências dos profetas Jeremias e Ezequiel ao comerem também a mensagem celestial.[2]) Esta descoberta que julgavam incontestàvelmente verídica, acharam por bem levá-la a todo o mundo, pois o anjo fôra visto na visão com um pé na terra e outro no mar. O histórico de todo êste sucesso teremos a seguir.

A GRANDE PROCLAMAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

Em primeiro lugar mencionaremos os Estados Unidos da América do Norte, onde a proclamação da volta de Cristo, em 1844, foi mais intensiva. Ali, Guilherme Miller, um fazendeiro de cêrca de 50 anos, de Low Hampton, estado de Nova York, que se tornou pastor da igreja Batista, estudou ardorosamente as profecias de Daniel.

"A profecia que mais claramente parecia revelar o tempo do segundo advento era a de Daniel 8:14: 'Até duas mil e trezentas tardes e manhãs, e o santuário será purificado'. Seguindo sua regra de fazer as Escrituras seu próprio intérprete, Miller descobriu que um dia na profecia simbólica representa um ano (Números 14:34; Ezequiel 4:6); viu que o período de 2300 dias proféticos, ou anos literais, se estenderia muito além do final da dispensação judaica, donde o não poder êle referir-se ao santuário daquela dispensação. Miller aceitou a opinião geralmente acolhida, de que na era cristã a terra era o santuário, e, portanto, compreendeu que a purificação do santuário predita em Daniel 8:14 representa a purificação da terra pelo fogo, à segunda vinda de Cristo".[1]) Feito o cálculo do grande período profético, Miller convenceu-se afinal de sua conclusão em outubro de 1844. Diante disso, sentiu que era seu dever comunicar a outros a luz que havia recebido.

Miller começou por apresentar suas opiniões primeiramente a particulares. Entretanto, depois de esperar nove anos, afinal, em 1831 expôs pela primeira vez públicamente as razões de sua fé. "Sua primeira conferência foi seguida de um despertamento religioso, no qual se converteram treze famílias inteiras, com excepção de duas pessoas. Foi imediatamente convidado a falar em outros lugares, e quase em tôda parte seu trabalho resultava em avivamento da obra de Deus". "Em muitos lugares as igrejas protestantes de quase todas as denominações abriram-se-lhe amplamente; e os convites para nelas trabalhar vinham usualmente dos ministros das várias congregações". Em 1833 Miller recebeu da igreja batista de que era membro uma licença para pregar. Grande número dos ministros de sua denominação aprovou-lhe também a obra, e foi com essa sanção formal que continuou com os seus trabalhos. Pôsto que seus labores pessoais estivessem limitados principalmente à Nova Inglaterra e aos estados centrais, viajou e pregou incessantemente".[2])

Vários outros ministros, além dos da igreja batista que se uniram a Miller e sua obra, das igrejas Cristã, Metodista, Congregacionalista, etc., aceitaram de bom grado as idéias de Miller da próxima vinda de Cristo para purificação da terra. O chuveiro de Estrêlas predito por Jesus[3]) e S. João[4]) como precursor do segundo advento, ocorrido a 13 de novembro de 1833, foi recebido como evidência do dia do juízo próximo anunciado pela pregação de Miller. Porém, a profecia da queda da Turquia, cumprida em 11 de agosto

de 1840 pelos acontecimentos internacionais, levou multidões a se convencerem "da exatidão dos princípios de interpretação profética adotados por Miller e seus companheiros, e maravilhoso impulso foi dado ao movimento do advento. Homens de saber e posição uniram-se a Miller tanto para pregar como para publicar suas opiniões, e de 1840 a 1844 a obra estendeu-se ràpidamente".[1]) "O testemunho das profecias que pareciam indicar a vinda de Cristo na primavera de 1844, apoderou-se profundamente do espírito do povo. Ao ir a mensagem de um estado a outro, despertou-se por tôda parte grande interêsse. Muitos estavam convictos de que os argumentos tirados dos períodos proféticos eram corretos e, sacrificando o orgulho de suas opiniões, recebiam alegremente a verdade. Alguns ministros puseram de lado suas idéias e sentimentos sectaristas e, renunciando a seus salários e suas igrejas, uniram-se na proclamação da vinda de Jesus. Houve, entretanto, relativamente poucos ministros que aceitaram esta mensagem; foi, por conseguinte, confiada em grande parte aos humildes leigos. Lavradores deixavam os campos, mecânicos, as ferramentas, negociantes, as suas mercadorias, profissionais, os seus cargos; não obstante, o número de obreiros era pequeno em comparação com a obra a ser empreendida. A condição de uma igreja ímpia, e um mundo jazendo na maldade, pesavam na alma dos verdadeiros atalaias, e êles voluntàriamente suportavam as fadigas, privações e sofrimentos, a fim de que pudessem chamar os homens ao arrependimento para a salvação. A obra, ainda que Satanás se opusesse, prosseguia firmemente, sendo a verdade do advento aceita por muitos milhares".

"Ao serem repetidas as provas da próxima vinda de Cristo, vastas multidões escutavam silenciosas e extasiadas as solenes palavras. O céu e a terra pareciam aproximar-se um do outro. O poder de Deus se fazia sentir em velhos e jovens, e nos de meia-idade. Os homens procuravam seus lares com louvor nos lábios, ressoando o som festivo no ar silencioso da noite. Pessoa alguma que haja assistido àquelas reuniões jamais poderá esquecer-se dessas cenas do mais profundo interêsse".

"A proclamação de um tempo definido para a vinda de Cristo despertou grande oposição de muitos, dentre tôdas as classes, desde o ministro, no púlpito, até ao mais ousado pecador". "Muitos que professavam amar o Salvador, declaravam que não se opunha à doutrina do segundo advento; faziam objeções, unicamente, ao tempo definido. Mas os olhos de Deus, que vêem tudo, liam-lhes o coração. Não desejavam ouvir acerca da vinda de Cristo para julgar o mundo com justiça. Haviam sido servos infiéis; suas obras não resistiriam à inspeção do Deus que sonda os corações, e receavam encontrar-se com o Senhor. Tais como os judeus nos dias de Cristo, não estavam preparados para recebê-Lo. Não somente se recusavam ouvir os claros argumentos das Escrituras Sagradas, mas procuravam

ridicularizar aos que aguardavam o Senhor. Satanás e seus anjos exultavam e lançavam afronta ao rosto de Cristo e dos santos anjos, por ter Seu povo professo tão pouco amor por Êle que não desejavam o Seu aparecimento".

Miller e seus cooperadores "não faziam tentativas para converter os homens a uma seita ou partido em matéria de religião. Daí o trabalharem entre todas as facções e seitas, sem interferências comi sua organização ou disciplina". "Em todos os meus trabalhos", disse Miller, "nunca tive o desejo ou o pensamento de criar qualquer interesse separado do das denominações existentes, ou de beneficiar uma em detrimento de outra. Pensava em beneficiar a tôdas. Supondo que todos os cristãos se regozijassem com a perspectiva da vinda de Cristo, e que os que não viam as coisas como eu as via, não haveriam, porisso, de menosprezar os crentes nesta doutrina, não pensei em qualquer necessidade de reuniões separadas. Todo o meu objetivo se concentrava no desejo de converter almas a Deus, cientificar o mundo do juízo vindouro e induzir meus semelhantes a fazer o preparo de coração que os habilitaria a encontrar-se com seu Deus em paz. A grande maioria dos que se converteram pelos meus trabalhos, uniram-se às várias igrejas existentes".[1])

A nota tônica da pregação de Miller era essencialmente esta: A Segunda Vinda de Cristo em 1844 para purificar o planêta de suas impurezas, e o preparo de um povo para subsistir ante Sua majestosa presença naquela data.

A GRANDE PROCLAMAÇÃO EM OUTROS PAÍSES

"Em 1821, três anos depois de Miller chegar à sua explicação das profecias que apontavam para o tempo do juízo, o dr. José Wolff, 'o missionário a todo o mundo', começou a proclamar a próxima vinda do Senhor. Wolff nasceu na Alemanha, de filiação hebréia, sendo seu pai rabino judeu". "Durante vinte e quatros anos, de 1821 a 1845, Wolff viajou extensamente na África, visitando o Egito e a Abissínia; na Ásia, atravessando a Palestina, Síria, Pérsia, Búcara e a Índia. Visitou também os Estados Unidos, pregando, na viagem para lá, na ilha de Santa Helena. Chegou a Nova York em agosto de 1837; e depois de falar naquela cidade, pregou em Filadélfia e Baltimore, dirigindo-se finalmente a Washington. Ali, diz êle, 'por uma proposta apresentada pelo ex-presidente John Adams, em uma das; casas do Congresso, consedeu-se-me unânimemente o uso do salão do Congresso, para uma conferência que eu pronunciei em um sábado, honrada com a presença de todos os congressistas, e também do bispo de Virgínia e do clero e cidadãos de Washington. A mesma honra me foi conferida pelos membros do govêrno de Nova Jersey e Pensilvânia, em cuja presença fiz conferências sobre minhas pesquisas na Ásia, e também sobre o reino pessoal de Jesus Cristo'.

"O dr. Wolff viajou nos países mais bárbaros, sem a proteção de qualquer autoridade européia, suportando muitas agruras e cercado de inumeráveis perigos. Foi espancado e sofreu fome, sendo vendido como escravo, e três vêzes condenado à morte. Foi assediado por ladrões, e algumas vêzes quase pereceu de sêde. Uma ocasião despojaram-no de tudo que possuía, obrigando-o a viajar centenas de quilômetros a pé, através de montanhas, descalço e com os pés enregelados ao contacto do chão frio, e o rosto açoitado pela neve. Quando advertido pelo fato de ir desarmado entre tribos selvagens e hostis, declarava estar 'provido de armas — oração, zêlo para com Cristo e confiança em Seu auxílio'. 'Também estou provido', disse êle, 'do amor de Deus e do meu próximo, em meu coração, e da Bíblia em minhas mãos'. Aonde quer que fôsse levava consigo as Escrituras em hebraico e inglês. De uma de suas últimas jornadas diz êle: 'Eu... conservava a Bíblia aberta na mão. Sentia que o meu poder estava no livro e que sua fôrça me sustentaria'. Assim perseverou em seus labores até que a mensagem do juízo foi levada a uma grande parte habitável do globo. Entre os judeus, turcos, persas, hindus e muitas outras nacionalidades e raças, êle distribuiu a Palavra de Deus nessas várias línguas, e em tôda parte anunciou a proximidade do reino do Messias.

Em suas viagens em Búcara encontrou a doutrina da próxima vinda do Senhor, professada por um povo remoto e isolado. Os árabes do Yemen, diz êle, 'acham-se de posse de um livro chamado 'Seera', que dá informação sôbre a segunda vinda de Cristo e Seu reino em glória; e esperam ocorrerem grandes acontecimentos no ano de 1840'".[1])

"O Dr. José Wolff, segundo as anotações que fêz em seu diário entre os anos 1821 e 1845, proclamou o breve advento do Senhor na Palestina e Egito, às margens do Mar Vermelho, na Mesopotâmia, Criméia, Geórgia, através do Império Otomano, na Grécia, Arábia, Turquestão, Bokara, Afganistão, Cachemira, Hindostão e no Tibet, na Holanda, Escócia e Irlanda, em Constantinopla, Jerusalém, Santa Elena e também a bordo de seu barco no Mediterrâneo, e na cidade de Nova York a todas as denominações". "Acêrca de seus labores extraordinários o *Investigador* disse: 'Possivelmente ninguém deu maior publicidade à doutrina da segunda vinda do Senhor Jesus Cristo que êste bem conhecido missionário ao mundo inteiro. Onde quer que vá, proclama o iminente advento do Messias em glória'"[2])

"D. T. Taylor fala como segue concernente à ampla difusão da esperança adventista:

"Em Wurtemberg, há uma colônia cristã que conta com centenas de membros que esperam o próximo advento de Cristo; também há outra que tem a mesma crença nas margens do mar Cáspio. Os 'molocanes', corpo numeroso de dessidentes da igreja grega russa, que

residem nas praias do Báltico e são um povo muito piedoso, do qual se diz que 'toma a Bíblia só como credo, e a norma de sua fé é simplesmente as Santas Escrituras', se caracteriza por 'esperar o reinado imediato visível de Cristo na terra'. Na Rússia, a doutrina da vinda de Cristo e seu reinado pregava-se até certo ponto, e a recebem muitos da classe humilde".[1])

"Outro missionário verificou existir crença semelhante na Tartária. Um sacerdote tártaro perguntou ao missionário quando Cristo viria pela segunda vez. Ao responder o missionário que nada sabia a respeito, o sacerdote pareceu ficar grandemente surpreso com tal ignorância de quem professava ser ensinador da Bíblia, e declarou sua própria crença baseada na profecia de que Cristo viria aproximadamente em 1844.

"Já em 1826 a mensagem do advento começou a ser pregada na Inglaterra. O movimento ali não tomou forma definida como na América; o tempo exato do advento não era geralmente tão ensinado, mas proclamava-se, vastamente, a grande verdade da próxima vinda de Cristo em poder e glória. E isto não somente entre os dissidentes e não-conformistas. Mourant Brock, escritor inglês, declara que mais ou menos setecentos ministros da Igreja Anglicana estavam empenhados na pregação dêste 'evangelho do reino'. A mensagem que indicava 1844 como o tempo da vinda do Senhor, foi também dada na Grã-Bretanha. Publicações sôbre o advento, provenientes dos Estados Unidos, eram amplamente disseminadas. Livros e revistas reeditavam-se na Inglaterra".

"Na América do Sul, em meio da desumanidade e artimanha dos padres, Lacunza, jesuíta espanhol, teve acesso às Escrituras, e recebeu assim a verdade da imediata volta de Cristo. Constrangido a fazer a advertência, e desejando contudo escapar das censuras de Roma, publicou suas idéias sob o pseudônimo de 'Rabbi Ben-Israel', representando-se a si mesmo como judeu converso. Lacunza viveu no século dezoito, mas foi aproximadamente em 1825 que seu livro, encontrando acesso em Londres, foi traduzido para a língua inglêsa. Sua publicação serviu para aprofundar o interêsse que já se despertava na Inglaterra pelo assunto do segundo advento.

"Na Alemanha, a doutrina fora ensinada no século dezoito por Bengel, ministro da igreja luterana e célebre sábio e crítico da Bíblia". "A luz brilhou também na França e Suíça. Em Genebra, onde Farei e Calvino tinham propagado as verdades da Reforma, Gaussen pregou a mensagem do segundo advento". "Na Escandinávia, também, a mensagem do advento foi proclamada e suscitou grande interêsse. Muitos despertaram do descuidoso sentimento de segurança para confessar e abandonar seus pecados, buscando perdão em Cristo. O clero da igreja do Estado, porém, opôs-se ao movimento, e por meio de sua influência alguns que pregavam a men-

sagem foram lançados na prisão. Em muitos lugares, onde os pregadores da próxima vinda do Senhor foram desta maneira silenciados, Deus Se serviu enviar a mensagem de um modo miraculoso, por meio de criancinhas. Como fossem menores, a lei do Estado não as podería proibir, e foi-lhes permitido falar sem serem molestadas.

"O movimento ocorreu, principalmente, entre as classes mais humildes, e o povo se reunia nas modestas moradas dos trabalhadores para ouvir a advertência. Os mesmos pregadores infantis eram na maior parte pobres habitantes de cabanas. Alguns dêles não tinham mais de seis ou oito anos de idade; e, ao mesmo tempo que sua vida testificava que amavam o Salvador e procuravam viver em obediência aos santos mandamentos de Deus, manifestavam, de ordinário, apenas a habilidade e inteligência que usualmente se vêem nas crianças daquela idade. Quando se encontravam em pé diante do povo, evidenciava-se, entretanto, que eram movidos por uma influência acima dos seus dotes naturais. O tom da voz e as maneiras se transformavam, e com poder solene faziam a advertência do juízo, empregando as próprias palavras das Escrituras: 'Temei a Deus, e dei-lhe glória; porque vinda é a hora de Seu juízo'. Reprovavam os pecados do povo, não sòmente condenando a imoralidade e o vício, mas repreendendo o mundanismo e a apostasia, admoestando os ouvintes a que fugissem apressadamente da ira vindoura.

"O povo ouvia com tremor. O Espírito convincente de Deus falava-lhes ao coração. Muitos eram levados a investigar as Escrituras com novo e mais profundo interêsse; os intemperantes e imorais corrigiam-se; outros abandonavam as práticas desonestas, e fazia-se uma obra tão assinalada, que mesmo ministros da igreja do Estado eram obrigados a reconhecer que a mão de Deus estava no movimento. Era vontade de Deus que as novas da vinda do Salvador fossem dadas nos países escandinavos; e, quando silenciou a voz de Seus servos, pôs Êle Seu Espírito sôbre as crianças para que a obra pudesse cumprir-se".[1])

E' surpreendente que o grande movimento mundial foi levantado em vários países da terra. Homens especiais foram despertados simultaneamente em vários pontos do planêta e, sem comunicação entre si, fizeram ressoar a grande proclamação em todo o mundo civilizado. Diz-se que Guilherme Miller, o lider do movimento nos Estados Unidos, tinha em setembro de 1844 o endereço de 3000 pregadores em todo o mundo, cuja mensagem era — "Temei a Deus, e dai-lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo". Todos, incluso até as crianças da Escandinávia, tinham uma nota tônica única — a segunda vinda de Cristo para juízo, em 1844. Quão doce era para as massas que assim criam o livrinho de Daniel, que por

sua maior profecia os concitava ao preparo para abraçarem logo a seu amado Salvador.

O LIVRINHO DOCE TORNOU-SE AMARGO

Aquêles que aguardavam a Cristo em 1844, nos Estados Unidos, estabeleceram a data de 21 de março para encontrarem-se com o Senhor. "Na primavera alguns crentes tinham tal impressão de que o Senhor viria antes de outro inverno, que não cultivaram seus campos. Alguns que os cultivaram e plantaram tão certos estavam de que Êle viria naquele outono, que não fizeram suas colheitas. Outros, diz-se, saíram à ceifa, mas sentiram-se incapazes de prosseguir, e lá as deixaram, para mostrar sua fé por suas obras. Certo adventista encontrou um solícito vizinho que se ofereceu para colher-lhe as batatas, dizendo: 'Talvez o senhor precise delas'. 'Não!' disse o homem de fé. 'Deixarei que êsse campo de batatas pregue minha fé no breve aparecimento do Senhor".[1])

Mas a data prefixada de 21 de março de 1844 passou e Jesus não apareceu. Os sinceros crentes ficaram por algum tempo envoltos em indizíveis perplexidades e com angústia d'alma voltaram a investigar novamente a palavra de Deus e buscar nas profecias as provas de sua fé. Alguns "crentes que não haviam consagrado inteiramente sua vida à mensagem, voltaram-se contra ela. Fizeram tudo que podiam para prejudicar os que ainda se apegavam à doutrina da próxima vinda do Senhor, e à mensagem da hora do juízo".[2]) "Muitos dos crentes adventistas não abandonaram, no entanto, a sua fé. Admitiam francamente ter havido um êrro, mas mostravam que a parábola das dez virgens indicava que haveria um TEMPO DE TARDANÇA. Estudaram diligentemente e oraram com fervor, pedindo luz. S. S. Snow abraçou a opinião de que, como os tipos que apontavam ao segundo advento do Salvador eram observados pelos judeus no décimo dia do sétimo mês do ano sagrado judaico, assim os 2300 dias terminariam no décimo dia do sétimo mês (tempo judaico) ou seja a 22 de outubro de 1844. Ora, como haviam êles chegado a êsse tempo de tardança? — Cometeram o engano de colocar o princípio dos 2300 dias na primavera em lugar de o fazer no outono. O decreto para restaurar e edificar Jerusalém, foi dado" "por Ataxerxes Longimano no sétimo ano de seu reinado. Entrou em vigor no outono do ano 457 A. C. Assim o dia 22 de outubro de 1844 foi fixado pelos crentes do advento como data definida em que Jesus devia vir".[3])

A parábola das 10 virgens[4]) ilustra perfeitamente o não aparecimento de Cristo a 21 de março de 1844. "E tardando o Espôso", reza a parábola, "tosquenejaram todas" as virgens, "e adormeceram". "Pela tardança do Espôso é representada a passagem do tempo em que o Senhor era esperado, o desapontamento, e aparente demora".[5])

Todavia, a nova data — 22 de outubro — fundamentava agora a esperança da vinda de Cristo naquele ano de 1844. O clamor da meia noite — Aí vem o Esposo, saí-lhe ao encontro — tornou-se então a nota tônica do movimento no verão de 1844 próximo ao grande dia.

"Semelhante à vaga da maré, o movimento alastrou-se pelo país. Foi de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, e para os lugares distantes, no interior, até que o espectante povo de Deus ficou completamente desperto. Desapareceu o fanatismo ante essa proclamação, como a geada matutina perante o sol a erguer-se. Viram os crentes suas dúvidas e perplexidades removidas, e a esperança e coragem animaram-lhes o coração". "Ao brado: 'Aí vem o Esposo; saí-lhe ao encontro', os expectante 'se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas'; estudavam a Palavra de Deus com interêsse mais intenso do que nunca. Eram enviados anjos do céu para despertar os que se haviam desanimado e prepará-los para receber a mensagem. A obra não se mantinha pela ciência e saber dos homens, mas pelo poder de Deus. Não foram os mais talentosos os primeiros a ouvir e obedecer à chamada, mas os mais humildes e dedicados. Lavradores deixaram as colheitas nos campos, mecânicos depuseram as ferramentas, e com lágrimas e regozijo saíram a dar a advertência. Os que anteriormente haviam dirigido a causa foram dos últimos a unir-se a êste movimento. As igrejas, em geral, fecharam as portas a esta mensagem, e numeroso grupo dos que a receberam cortou sua ligação com as mesmas. Na providência de Deus, esta proclamação se uniu com a mensagem do segundo anjo, conferindo poder à obra".[1])

O clamor da meia noite corresponde à mensagem do segundo anjo do Apocalipse quatorze, e bem fará o leitor considerá-lo agora mesmo para apreciá-la no inteiro conjunto dos acontecimentos.

"À medida que se aproximava o tempo, 22 de outubro de 1844 — faltando ainda apenas algumas semanas ou dias — os mensageiros cresceram em fervor nos apelos a amigos e vizinhos. Ao partirem, eram as despedidas deveras solenes. Numa reunião campal, a derradeira que esperavam realizar nesta terra, irmão apertava a mão de irmão, cada um apontando ao outro a reunião final do grande acampamento na Nova Jerusalém.

"Recursos haviam afluído abundantemente. Milhares de revistas e folhetos eram espalhados. Alguns que se haviam apegado a seus bens, rogavam nos últimos dias para que os dirigentes do movimento os aceitassem. 'Vindes demasiado tarde. Não precisamos de dinheiro agora', era a recusa. Não esperavam absolutamente publicar mais nem um nada de literatura.

"Chegou, enfim, o dia. Encontrou milhares à espera. Não tinham tomado providências para coisa alguma terrestre além daquela data. Nem sequer nutriam o pensamento: 'Se Êle não vier'. Com expectante ansiedade, reuniam-se nas casas de culto, esperando a

cada instante ouvir 'a voz do Arcanjo' e 'a trombeta de Deus', e ver Jesus, seu Rei, vindo levá-los para o lar. Alguns que se não haviam unido aos crentes adventistas, foram possuídos de solenidade diante da fervorosa sinceridade dêles, e vigiavam apreensivos enquanto o dia passava. Outros continuavam ridicularizando. Em certo lugar, enquanto os crentes congregados oravam a Deus, os zombadores reuniram-se em tôrno do prédio. Dois dos mais ousados vestiram longos vestidos brancos e, trepando no telhado da casa, cantaram hinos e escarneceram. Dêsse incidente provém a história de que os crentes puseram vestidos para a ascenção, e esperaram pela vinda de seu Senhor".[1])

E o dia 22 de outubro passou, como passara o dia 21 de março, e Jesus não deu sequer sinal de Sua segunda vinda à terra. "Um sentimento de terror, e receio de que a mensagem pudesse ser verdadeira, servira algum tempo de restrição ao mundo incrédulo. Passado que foi o tempo, êsse sentimento não desapareceu de pronto; a princípio não ousaram exultar sôbre os que foram decepcionados; mas, como sinais nenhuns da ira de Deus se vissem, perderam os temores e reencetaram a exprobração e o ridículo. Numerosa classe, que tinha professado crer na próxima vinda do Senhor, renunciou à fé. Alguns, que se sentiam muito confiantes, ficaram tão profundamente feridos em seu orgulho, que pareciam estar a fugir do mundo. Como outrora Jonas, queixavam-se de Deus e preferiam a morte à vida. Os que haviam baseado sua fé nas opiniões de outrem, e não na Palavra de Deus, achavam-se agora novamente prontos para mudar de idéias. Os escarnecedores ganharam para as suas fileiras os fracos e covardes, e todos êstes se uniram para declarar que não mais haviam motivos de receios ou expectação. O tempo havia passado, o Senhor não viera, e o mundo poderia permanecer o mesmo por milhares de anos.

"Os crentes fervorosos e sinceros haviam abandonado tudo por Cristo, desfrutando Sua presença como nunca dantes. Conforme acreditavam, tinham dado o último aviso ao mundo; e, esperando serem logo recebidos na companhia do divino Mestre e dos anjos celestiais, tinham-se em grande parte retirado da companhia dos que não receberam a mensagem. Com intenso desejo haviam êles orado: 'Vem, Senhor Jesus, e vem presto'. Mas Êle não viera. E, agora, assumir de novo o fardo pesado dos cuidados e perplexidades da vida, suportar as exprobrações e zombarias de um mundo escarnecedor, era uma terrível prova de fé e paciência"[2])

"O sentir dos que ainda criam que Deus os havia guiado em sua experiência, exprime-se nestas palavras de Guilherme Miller: 'Tivesse eu de viver de novo a minha vida, com a mesma evidência que tive então de ser sincero para com Deus e o homem, eu teria de agir como agi'. 'Espero ter limpado minhas vestes do sangue das almas. Sinto que, tanto quanto estava em meu poder, me li-

vrei de tôda culpa em sua condenação'. 'Pôsto que tenha sido duas vêzes desapontado', escreveu êste homem de Deus, 'ainda não estou abatido nem desanimado... Minha esperança na vinda de Cristo é tão firme como sempre. Fiz apenas aquilo que, depois de anos de solene consideração, compreendi ser meu dever sagrado fazer. Se errei, foi do lado da caridade, do amor para com os meus semelhantes e da convicção do dever para com Deus'. 'Uma coisa sei: nada preguei que não cresse, e Deus foi comigo; Seu poder se manifestou na obra, e muito benefício foi feito'. 'Muitos milhares, segundo a aparência humana, foram levados a estudar as Escrituras pela pregação da profecia acêrca do tempo; e por êsse meio, mediante a fé e aspersão do sangue de Cristo, foram reconciliados com Deus'. 'Nunca solicitei a aprovação dos orgulhosos, nem desfaleci quando o mundo se mostrava hostil. Não comprarei hoje o seu favor, tão pouco irei além do dever, para não lhes despertar o ódio. Jamais lhes implorarei minha vida, nem tão pouco vacilarei, espero, em perdê-la, se Deus em Sua bondosa providência assim o determina"'[1])

O grande êrro do movimento consistiu em não compreenderem seus dirigentes a natureza do acontecimento que tomaria lugar no fim do período profético das 2300 tardes e manhãs ou anos, findo na primavera, isto é, em outubro de 1844. Porém, o versículo onze do capítulo dez e os dois primeiros do capítulo onze, elucidam-nos com afinco sobre o verdadeiro acontecimento daquele memorável ano e abrem-nos o caminho para encontrarmos o verdadeiro povo de Deus da presente geração, representado nas virgens prudentes da parábola que entraram com o "Espôso" "para as bodas".

"IMPORTA QUE PROFETIZES OUTRA VEZ"

VERSO 11 — *"E êle disse-me: Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações e línguas e reis".*

S. João é aqui ainda o representante daqueles que sofreram a amarga decepção em 1844. Por seu intermédio é lhes enviada a mensagem contida neste undécimo versículo. E' deveras notável como a profecia indica neste texto um novo movimento mundial constituído de elementos dentre os que sofreram a amargura de não contemplarem o Salvador vindo em 1844 para remi-los. "Importa que profetizes outra vez". Outra vez deviam levantar o clamor mundial da segunda vinda de Cristo, sem no entanto assinalarem uma nova data para o Seu aparecimento. Foi esta uma das razões porque sofreram a amarga decepção: Não considerarem o capítulo dez do Apocalipse, especialmente o versículo onze que estabelece a prossecução da mensagem da segunda vinda de Cristo num novo movimento ainda de maiores proporções. E também não levaram em conta o capítulo quatorze em que o terceiro anjo devia seguir

aos primeiro e segundo que os representavam. O terceiro anjo está evidentemente inserido no versículo onze do décimo capítulo. Mas não o enchergaram, e, por êste motivo, a profecia antecipou-se em revelar a grande amargura do, para êles, trágico ano de 1844.

Aquêles, porém, que depois da grande desilusão ainda permaneceram em suas primitivas convicções quanto à data de 22 de outubro de 1844, "com fervorosa oração examinaram a sua atitude e estudaram as Escrituras para descobrir onde haviam errado. Como não pudessem ver engano algum no cômputo dos períodos proféticos, foram levados a examinar mais particularmente o assunto do santuário".[1]) E o resultado do exame têmo-lo nos dois primeiros versículos do capítulo onze que se ligam estreitamente com êste último do capítulo dez. Ali vemos a questão do santuário, relacionada com o ano de 1844, solucionada pela profecia, bem como o surgimento dum novo movimento mundial cujo centro de culto e adoração é o santuário celestial.

CAPÍTULO XI

A VITÓRIA DA BÍBLIA SÔBRE O ATEÍSMO

INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar apresenta-nos este capítulo um panorama do santuário de Deus e seus adoradores. Em seguida trata das perseguições contra a igreja de Cristo pelo papado, na Idade Média, e da humilhação das Escrituras Sagradas por êste poder no mesmo período. A revolução francesa vem a seguir com seus tremendos horrores e sua decidida ação ateística contra o santo livro de Deus, que por fim triunfa sôbre seus inimigos.

A sétima trombeta, com seus acontecimentos que porão fim ao império da maldade na terra, é a visão por excelência dêste capítulo. Todavia deparamos ainda a ira das nações modernas a despeito do anseio pela paz; o tempo do juízo e do merecido galardão aos santos; e o tempo da destruição dos que destróem a terra. Por fim descreve o profeta sua visão da "arca do concerto" de Deus, contendo o original da lei do Decálogo, vista no templo de Deus, cuja violação pelo mundo é apresentada como causa de sua próxima destruição.

A MEDIÇÃO DO TEMPLO DE DEUS

VERSOS 1-2 — *"E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara, e chegou o anjo, e disse: Levanta-te, e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nêle adoram. E deixa o átrio que está fora do templo, e não o meças; porque foi dado às nações, e pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses".*

"LEVANTA-TE"

No versículo onze do capítulo precedente é apresentado incontestàvelmente o novo movimento mundial que deveria surgir com elementos dentre os que foram decepcionados naquele ano de 1844. E, então, no versículo primeiro do undécimo capítulo, que agora apreciamos, se nos diz que o povo, que constituiria o referido e novo movimento mundial, inteirar-se-ia da questão do santuário e dêle faria o centro de sua adoração.

E na verdade o povo anunciado no versículo onze do capítulo dez surgiu no devido tempo, aliás, em 1844. E, examinando o autor a história das religiões, verificou que outro não pode ser êste povo

ou movimento senão a Igreja Adventista do Sétimo Dia, que iniciou sua marcha profética exata e imediatamente depois da inesperada decepção e naquele mesmo ano de 1844. No capítulo quatorze encontramos provas ainda mais evidentes sôbre o surgimento dêste povo no tempo prefixado pela profecia e sôbre a gloriosa mensagem de esperança que proclama ao mundo. Eis, pois, a igreja de Cristo, que, como reza o versículo primeiro, recebera a ordem profética de levantar-se nesta última geração da história do mundo para restaurar o puro evangelho apostólico que gira em tôrno do ritual do santuário celestial.

"MEDE O TEMPLO DE DEUS"

Uma cana ou uma vara métrica simbólica é entregue ao profeta para medir o templo de Deus. João, o amado, que nos seus dias terrenos anunciara a pura verdade do "evangelho do reino", em conexão com o santuário, era legítimo representante da Igreja de Cristo desta geração, referida acima, que surgiria para restaurar a mesma verdade cristalina de que fôra êle portador ao mundo da parte de seu Mestre. Portanto, a êste povo, é entregue aquela vara métrica para medir o santuário e seu inteiro ritual. Mas, o que significa medir o santuário? O que simboliza a vara para medi-lo? Medir o santuário significa entendê-lo inteiramente. Aquêles que foram decepcionados em 1844, não o entenderam, daí a amarga decepção que tiveram de sofrer. Mas o povo que os seguiria, dentre êles mesmos, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, entendê-lo-ia tendo, é bem de ver, de medi-lo antes. E como pôde esta Igreja medir ou entender o santuário e seu serviço vê-lo-emos a seguir.

A VARA MEDIDORA DO SANTUÁRIO CELESTIAL

Esta vara métrica é o santuário terrestre de Israel. Ao ser ordenado Moisés, por Deus, a construí-lo entre seu povo, como centro de adoração, foi-lhe dado como modêlo o próprio santuário celeste que contemplara, em visão, no Monte Sinai, depois do Êxodo do Egito. Foi precisamente para Seu povo entender o santuário celestial que Deus lhe deu o santuário terrenal. Tudo quanto o Velho e o Novo Testamentos dizem do santuário de Israel, constitui a vara de medir o santuário celestial. No livro aos Hebreus, São Paulo explana magnificamente o santuário celestial, usando, como vara métrica, nada mais que o santuário da terra.

Não queremos fazer aqui uma nova explanação do santuário terrenal ou de Israel para que possamos entender o celestial. Os versículos oito a dez do capítulo anterior já nos dão esta explanação pormenorizada.

Foi pela consideração e estudo do santuário da terra que, depois da decepção de 1844, aqueles que iriam constituir o povo de Deus dêstes últimos dias entenderam tôda a questão do santuário celestial prefigurado no terrenal. E ficaram maravilhados com a notável descoberta.

"E O ALTAR"

No santuário celestial não há mais que um altar, que é o altar do incenso. Êste altar, como já considerado no capítulo oitavo, está no lugar santo do santuário de Deus. Nêle queimou Jesus incenso até 1844, pois no lugar santo desempenhara suas funções sacerdotais até esta data, passando daí em diante a oficiar no lugar santíssimo onde não há nenhum altar. À Igreja da profecia, que surgiu em 1844, é ordenado medir também o altar do incenso, o que equivale a dizer que êsse altar, que está no lugar santo, continuaria em função de 1844 até ao fim da intercessão de Jesus no lugar santíssimo, sem o que não haveria valor algum para a igreja em medi-lo. E, para medi-lo exatamente, só poderá ser feito mediante o do santuário de Israel que é sua figura.

Ora, no dia da expiação ou purificação do santuário israelita, o sumo-sacerdote obedecia à seguinte determinação do ritual concernente ao incenso: "Tomará também o incensário cheio de brasas de fogo do altar, de diante do Senhor, e os seus punhos cheios de incenso, aromático, moído, e o meterá dentro do véu".1) Note-se que as brasas que o sumo-sacerdote punha no incensário eram "do altar, de diante do Senhor", que é o altar do "incenso contínuo".2) Pois em tal dia o incenso só podia ser queimado no incensário com brasas do altar do incenso.3) E isto infere que no dia da expiação era queimado incenso neste altar, uma vez que nêle havia brasas. Nêsse dia especial, o sumo-sacerdote, enchendo o seu incensário com brasas do altar do incenso, punha sobre elas o incenso aromático e, com o incenso transformando-se em nuvem, emblema dos méritos de Cristo, entrava êle no lugar santíssimo para purificar o santuário com o sangue do sacrifício.

E é importante o fato de que o povo, nesse dia, orava em torno do santuário, enquanto o sumo-sacerdote estava procedendo a expiação "perante o Senhor" no lugar santíssimo, indo as suas orações diretamente ao altar do incenso, o altar das orações,4) que na expiação estava ligado ao incensário que o sumo-sacerdote tinha em sua mão, no lugar santíssimo, sem o que as orações daquele dia nenhum valor teriam.

O mesmo que se dava no santuário terrenal, devia dar-se no celestial. Cristo, ao deixar o lugar santo e passar para o lugar santíssimo, em 1844, levou o incensário cheio das brasas do altar do

incenso, único altar ali. Foi êste o verdadeiro acontecimento de 1844, que não entenderam Guilherme Miller e os seus colaboradores.

"Cristo aparecera, não à terra, como esperavam, mas, conforme fôra prefigurado tipicamente, ao lugar santíssimo do templo de Deus no céu. E' Êle, representado pelo profeta Daniel, como estando a vir, nesse tempo, ao Ancião de dias: 'Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do homem; e dirigiu-Se' — não à terra, mas — 'ao Ancião de dias, e O fizeram chegar até Êle.[1]) Esta vinda é também predita pelo profeta Malaquias: 'De repente virá ao Seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo do concêrto, a quem vós desejais; eis que vem, diz o Senhor dos exércitos'.[2]) A vinda do Senhor ao Seu templo foi súbita, inesperada, para Seu povo. Não O buscaram *ali*. Esperavam que viesse à terra, 'como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho".[3])[4])

Na parábola das dez virgens, os crentes que em 1844 estavam preparados e firmes na mensagem e que estudaram a questão da purificação do santuário e compreenderam-na, entraram com o Senhor para as bodas, acompanhando-o ao santíssimo do santuário. Êste povo do novo movimento mundial é mais pormenorizadamente descrito nas profecias do capítulo quatorze.

O povo de Deus neste grande dia da expiação ou purificação do santuário, que se iniciou em 1844, deve orar e orar muito. Pois há incenso no altar para receber suas orações e incenso no incensário para intercessão por êles. Suas orações vão ao altar que se acha ligado ao incensário que está nas mãos de Cristo, o Intercessor. E quão sublime é entendermos que nossas orações, ao chegarem ao altar, ligam-se imediatamente com o incensário do Intercessor.

"E OS QUE NÊLE ADORAM"

A ordenança do anjo inclui também medir os que adoram no templo de Deus. Esta ordem não é mais nem menos do que medir o caráter moral e espiritual de seus adoradores pelas leis moral e cerimonial do templo celestial. Medi-los também pela luz do castiçal que ali há, para ver se andam na luz e são uma luz; medi-los pela mesa dos pães, para certificar se se alimentam do verdadeiro pão da vida; medi-los pelo altar do incenso, para avaliar a vida de oração dêles aqui na terra; medi-los pela arca do concêrto, para ver se vivem na terra segundo a lei moral. Medi-los, sim, pelo santuário, para constatar se no mundo vivem em plena concordância teórica e prática com aquele sublime templo. Medi-los, sobretudo, pelo caráter do seu Intercessor, ao qual suplicam perdão e forças.

Uma responsabilidade inquestionàvelmente enorme pesa sôbre os adoradores do templo de Deus, o santuário celestial. Nenhuma alma, cuja vida não se harmonizar com a pureza, santidade e ritual do santuário, poderá adorar nêle. Deverão seus adoradores estar moral e espiritualmente em harmonia com o templo e o altar ou não terão ali Intercessor.

"E DEIXA O ÁTRIO QUE ESTÁ FORA DO TEMPLO"

No santuário da terra em Israel, figura do verdadeiro, havia um átrio que o circundava, fechado por uma cêrca de cortinas de linho, no qual eram imolados e queimados no altar os animais de acôrdo com o ritual. O santuário celestial, onde Jesus é o único Sumo-sacerdote Mediador, também tem o seu átrio, que deve ser, como no da terra, o lugar onde o Cordeiro de Deus foi imolado como oferta pelo pecado do povo de Deus. E bem sabemos que Jesus, foi imolado nesta terra, que é o átrio do santuário celestial, como mais evidentemente comprova a última parte do versículo dois. Este átrio não devia ser medido, pois nada há na terra que deva harmonizar-se com a vida do cristão; êle somente deve estar em harmonia com o templo e seu ritual, jamais, porém, com o mundo corrompido e mau.

O átrio "foi dado às nações", o que mais uma vez confirma tratar-se da terra. Neste átrio do templo as nações pisariam a "cidade santa" por 42 meses. A "cidade santa" aqui referida só pode ser a Igreja de Cristo; pois não conhecemos na terra uma "cidade santa" literal. E é notável a inferência de que a Igreja de Cristo está no átrio do templo celestial. No santuário terrestre, apenas os sacerdotes oficiantes tinham acesso ao átrio, sendo os únicos ministros da palavra. Porém, na Igreja de Cristo, todos estão no átrio do templo porque todos têm uma missão sacerdotal a desempenhar no mundo. No templo, entretanto, só o "Sumo-sacerdote da nossa confissão" tem direito de entrar. Mas quão gloriosa é realmente a referência de que a Igreja do Senhor Jesus está no átrio do santo templo! Quão perto dêle está ela! Simbolicamente, está em lugar sagrado!

Mas as nações iriam pisar a "cidade santa" no átrio do templo, o que implica em tremenda e ousada responsabilidade por parte delas. Pisar a Igreja de Cristo nas dependências do Seu santo templo, significa expor-se a consequências gravíssimas. E na verdade as nações fizeram isto mesmo, expressando falta de senso em relação ao sagrado e desrespeito a Cristo, o Senhor da igreja.

Durante 42 meses a Igreja estaria sob o tacão das nações. Sôbre êstes 42 meses veja-se o capítulo treze versículo cinco. 42 meses a trinta dias cada mês são 1260 dias. E êstes 1260 dias, segundo o modo de as Sagradas Escrituras contarem o tempo profético, um

dia equivalente a um ano, são 1260 anos. Nisto podemos ver que as nações européias, no período de 1260 anos, coagidas pelo papado, pisariam a Igreja de Cristo no próprio átrio do santuário, onde o Senhor oficia como seu Sumo-sacerdote. E foi sob a coação dos senhores da tiara que as nações pisaram cruelmente a Igreja do Senhor Jesus, como prova evidentemente a própria história.

AS DUAS TESTEMUNHAS

VERSO 3 — *"E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de saco".*

Pelo teor da profecia estas duas testemunhas de Deus não podem ser pessoas nem instituições. Durante 1260 dias ou anos proféticos, como vimos, as duas testemunhas teriam o poder de Deus para profetizar, o que já nos revela serem dois profetas, como mesmo testifica o versículo dez. Também não podem referir-se a profetas reais. Pois nenhum homem viveu 1260 anos, As vestes de saco durante 1260 anos, indicam a humilhação a que foram submetidas naquele grande período de supremacia temporal do papado, acertadamente chamado Idade Escura. E por que fôra êle chamado Idade Escura? Ora, onde há escuridão, há, sem dúvida, ausência de luz. Não havia falta, é bem de ver, da luz natural resultante do sol ou de algum combustível. Havia falta, sim, duma outra luz que, faltando ou sendo removida, chegam as trevas, também não naturais, com seu cortejo de consequêncais desastrosas.

Naqueles dias escuros da Idade Média, conta-nos a história, foram sem limites as pretensões do papado. Foi o papismo que escureceu aquêles séculos medievais com suas pretensões temporais e espirituais. Em outros termos, êste poder, com suas pretensões despóticas, relegou a luz do evangelho de Deus, trazendo trevas espirituais espêssas sôbre o mundo e a cristandade, aceitas do paganismo de que é sucessor. Agora compreendemos que as duas testemunhas que no período papal foram humilhadas por êste poder, eram o Velho e o Novo Testamentos. As Escrituras Sagradas foram proibidas pelos papas aos leigos e, os poucos exemplares existentes aqui e ali, eram compostos numa língua, o latim, que para aquela diversidade de povos com múltiplos idiomas, que constituiram a Europa, era uma língua morta. Na verdade as duas testemunhas, Velho e Novo Testamentos, aliás a Bíblia Sagrada, foram humilhadas no referido período escuro do papado, e por êste mesmo poder.

Notemos o que diz o historiador Eugênio Lawrence concernente a esta obra papal: "Começou então uma notável contenda entre a igreja romana e a Bíblia, entre os impressores e os papas. Durante muitos séculos as Escrituras haviam estado ocultas num idioma mor-

to, ocultas do ôlho público pelos anátemas dos sacerdotes, e em forma manuscrita tão custosa que só era acessível aos opulentos. Uma Bíblia custava tanto como um grande domínio de terras, e com grandes dificuldades podiam as maiores universidades e os mosteiros mais ricos comprar um só exemplar. Sua linguagem e suas doutrinas haviam sido olvidadas desde fazia muito tempo pelo povo, e em seu lugar se havia alimentado o intelecto da Idade Média com extravagantes lendas e visões fradelescas, com fantasias de sacerdotes ociosos, e fábulas de pessoas inescrupulosas. Os prodígios realizados por uma imagem favorita, as virtudes das relíquias, os sonhos de um impudico eclesiástico ou de um monge fanático, haviam suplantado os modestos ensinos de Pedro e a narrativa de Lucas. Os homens viam diante de si tão só a imponente estrutura da igreja de Roma, que asseverava ter a supremacia sôbre as consciências e a razão, perdoar pecados, determinar doutrinas, e que desde muito havia deixado de lembrar que havia um Redentor, uma Bíblia, e até um Deus. A isso seguiu um ateísmo prático. Com frequência o papa era cético, excepto quanto a seu próprio direito de governar".[1])

"Em 3 de novembro de 1911, o seminário 'The Truth' que se edita em Jerusalém, publicou o teor de um documento existente na Biblioteca Nacional de Paris, contendo conselhos que os cardiais entregaram ao Papa Júlio III, em 1051. Transcrevemos o conteúdo dêste documento.

"'De todos os conselhos que podemos dar a Vossa Santidade, retivemos, por último, o mais necessário.

"'Precisamos estar bem alerta e agir na questão em apreciação com todos os recursos de nosso poder, por se tratar do seguinte:

"'A leitura do Evangelho deve ser consentida o mais restritamente possível, principalmente nas línguas modernas e nos países sujeitos à vossa jurisdição. O texto limitado que é lido ordinariamente na missa deveria bastar e a ninguém deve ser permitido lêr mais. Enquanto o povo se contentar com essa limitação, florescerão os vossos interêsses, mas logo que o povo queira saber mais, começarão os vossos interêsses a sofrer marcha decadente.

"'Êste é o livro que mais do que qualquer outro tem provocado rebelião contra nós, pelo que estamos quase perdidos, porque, em verdade, se alguém examinar assiduamente a Bíblia e a confrontar com o que sucede nas vossas igrejas, forçosamente achará a contradição e verá que os vossos ensinamentos se desviam múltiplamente... e se o povo compreender isso, certo é que continuamente nos desafiará até que fique tudo desvendado e então seremos objeto de vasto ódio e escárneo mundial. Por isso é preciso que a Bíblia seja subtraída à vista do povo, porém, com muita precaução, para não dar lugar ao alvoroço'".[2])

DUAS OLIVEIRAS E DOIS CASTIÇAIS

VERSO 4 — *"Estas são as duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus de tôda a terra".*

Das duas testemunhas é dito aqui serem duas oliveiras e dois castiçais. Compreendemos que a oliveira é uma árvore produtora de azeite, enquanto o castiçal é um objeto portador de luz. Uma visão do profeta Zacarias, concernente às duas oliveiras e aos dois castiçais, diz o seguinte: "Falei mais, e disse-lhe: Que são as duas oliveiras à direita do castiçal e à sua esquerda? E, falando-lhe outra vez, disse: Que são aqueles dois raminhos de oliveira, que estão junto aos dois tubos de ouro, e que vertem de si ouro? E êle me respondeu, dizendo: Não sabes o que é isto? E eu disse: não, Senhor meu. Então êle disse: Êstes são os dois filhos do óleo, que estão diante do Senhor de tôda a terra".[1])

Analisando conjuntamente os textos do Apocalipse e de Zacarias, ressaltam verdadeiras maravilhas referentes ao Velho e ao Novo Testamentos. Ambos vertem azeite, que é emblema do Espírito Santo e Seu poder dêles emanantes; e também vertem ouro que é simbólico da fé advinda da aceitação da verdade da divina graça redentora que emana de suas páginas; e são, ainda, na figura de dois castiçais, dois portadores de luz, da mais gloriosa luz, da luz do evangelho de Cristo. As duas testemunhas ou os dois Testamentos, "são os dois filhos do óleo", diz o profeta, ou sejam as duas inspirações do Espírito Santo — o Velho e o Novo Testamentos — através dos profetas que falaram sob Seu controle.

Estas duas gloriosas testemunhas de Deus, de Seu Filho, e de Seu Espírito, que foram humilhadas vilmente pela apostasia papal, "estão diante do Senhor da terra", diz tanto S. João como Zacarias. Com isto vemos que Deus tem os originais do Velho e do Novo Testamentos diante de Si, no Seu templo santo, dando-nos disto certeza a visão de Zacarias do lugar santo do santuário celestial, onde viu êle o castiçal de ouro de sete lampadas e também as duas oliveiras, uma à direita e outra à esquerda dêle.

O TREMENDO PODER DAS DUAS TESTEMUNHAS

VERSO 5 — *"E se alguém lhes quiser fazer mal, fogo sairá da sua bôca, e devorará os seus inimigos: e, se alguém lhes quiser fazer mal, importa que assim seja morto".*

Estas palavras evidenciam o poder das duas testemunhas, Velho e Novo Testamentos. Seus adversários expõem-se à verdadeira destruição ao humilhá-las, tratá-las mal e pervertê-las. Aquêle poder que os vituperou e os violentou nos séculos medievais e ainda o faz hoje, está com sua sentença lavrada pelas próprias duas testemu-

nhas, que é fogo, fogo devorador. Nos dias do profeta Elias um incidente houve que bem ilustra o poder de fogo das duas testemunhas ou os dois Testamentos que são a própria palavra de Deus. Consultemos aquêle incidente nos textos aqui citados e teremos uma idéia do que significa opôr-se às duas testemunhas de Deus.[1]) Na bôca de Elias, o profeta, a palavra de Deus, a mesma das duas testemunhas, tornou-se um fogo para vindicar a Sua honra. Ao profeta Jeremias dissera o Todo-poderoso: "Eis que converterei as minhas palavras na tua bôca em fogo, e a êste povo em lenha, e êles serão consumidos".[2]) Ao mesmo profeta dissera o Senhor Deus: "Não a minha palavra como um fogo, diz o Senhor, e como um martelo que esmiuça a penha".[3])

Assim é o poder das duas testemunhas. Todos os seus inimigos e todos os que lhe fizerem mal causando-lhes dano e pervertendo seus ensinos, serão consumidos com fogo que sairá de suas bôcas. Morte a seus adversários é a sentença inexorável.

O TREMENDO PODER DAS DUAS TESTEMUNHAS

VERSO 6 — *"Estes têm poder para fechar o céu, para que não chova, nos dias da sua profecia; e têm poder sôbre as águas para convertê-las em sangue, e para ferir a terra com tôda a sorte de pragas, tôdas quantas vêzes quiserem".*

O poder das duas testemunhas não tem limite. Neste versículo vemos o seu "poder para fechar o céu para que não chova". Nos dias de Elias e por intermédio dêste profeta foi isto confirmado de modo assombroso. Dissera o profeta ao apóstata rei Acab: "Vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou, que nestes anos nem orvalho nem chuva haverá, senão segundo a minha palavra".[4]) E deveras "três anos e seis meses, não choveu sôbre a terra".[5]) As calamidades resultantes desta terrível estiagem não podem ser descritas em palavras humanas.[6]) A palavra de Elias era a Palavra de Deus que é a mesma das duas testemunhas. E podemos afirmar, pelos incidentes descritos nos textos sagrados, que opôr-se às duas testemunhas de Deus é um verdadeiro suicídio.

O poder das duas testemunhas ou dos dois profetas, manifesta-se igualmente em converter as águas em sangue e ferir a terra com tôda a sorte de pragas. No passado o Nilo, no Egito, pela palavra de Deus na bôca de Moisés, que é a mesma das duas testemunhas do Apocalipse, foi convertido em sangue, e também mais nove calamidades sobrevieram ao Egito; e, no futuro, a mesma palavra revelada a S. João, converterá tôdas as águas do mundo também em sangue e feri-lo-á com pragas as mais severas. Assim vemos que blasfemar, ofender, perseguir ou corromper as duas testemunhas, significa expôr-se a perigo fatal ou perecer seguramente.

FRANÇA ATENTA CONTRA AS SAGRADAS ESCRITURAS

VERSO 7 — *"E, quando acabarem o seu testemunho, a bêsta que sobe do abismo lhes fará guerra, e os vencerá, e os matará".*

Depois do papado humilhar, audazmente, por 1260 anos as duas testemunhas ou seja a Bíblia, um outro poder surge para fazer-lhe guerra: "A bêsta que sobe do abismo", diz a revelação. Uma bêsta é um reino, uma nação ou um poder.[1]) Subir "do abismo" indica evidentemente ter surgido do caos, do anarquismo, da confusão política.

Qual foi o poder anárquico que surgiu em torno do fim dos 1260 anos de suzerania papal, findos em 1798, e que guerrearia as "duas testemunhas" ou as Sagradas Escrituras? Qualquer pessoa que conheça a história final dos 1260 anos, sabe que o novo poder que se levantou pelos fins deste período, foi a França revolucionária. Esta potência, portanto, indicada na profecia, faria guerra aos dois profetas ou duas testemunhas, isto é, rejeitaria com violência as Escrituras Sagradas. E esta profecia teve perfeito cumprimento no período revolucionário francês, em que todo o culto cristão foi banido por certo tempo da França e a Bíblia foi rejeitada e ultrajada por esta nação, decididamente.

"Os adversários da Convenção vestiram um burro, carregaram-no com um lote de símbolos do cristianismo, depois conduziram-no em procissão para gáudio dos escarnecedores, *com um Antigo e um Novo Testamento atado à cauda*, o qual reduziram a cinzas no meio dos gritos e das aclamações blasfematórias da multidão em delírio".

"Outro escritor disse: 'No dia 10 de novembro de 1793, um jumento vestido com hábito sacerdotal, conduzido por dois exaltados republicanos, (pensamos que foi em Lião) levando vasos sagrados com que davam a beber a êste animal; e quando foram chegados a um edifício público, Bíblias, livros de devoção, etc.... foram postos em pilha formando um montão enorme ao qual foi lançado fogo no meio da gritaria duma grande multidão dizendo: 'Vivam os republicanos exaltados'... Em qualquer parte onde uma Bíblia era encontrada, podemos dizer que era condenada à morte.. ,"[2])

A CIDADE ONDE A FRANÇA MATOU AS DUAS TESTEMUNHAS

VERSO 8 — *"Os seus cadáveres jazerão nas ruas da grande cidade, a qual espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado".[3])*

A "GRANDE CIDADE QUE ESPIRITUALMENTE SE CHAMA SODOMA E EGITO"

As duas testemunhas foram mortas pela França revolucionária "nas ruas da grande cidade". Quanto à "grande cidade" não há

dúvida alguma de que a referência aluda a Paris. Outras evidências comprobatórias de que se trata, realmente, da cidade de Paris, são ainda inseridas na profecia. Paris é apresentada "espiritualmente" nesta profecia como "Sodoma e Egito". Portanto, o povo de Paris devia apresentar, pelo menos ao tempo da revolução francesa, os característicos dos habitantes de Sodoma e do Egito.

"A grande cidade em cujas ruas as testemunhas foram mortas, e onde seus corpos mortos jazeram, é 'espiritualmente' o Egito. De tôdas as nações apresentadas na história bíblica, o Egito, de maneira mais ousada, negou a existência do Deus vivo e resistiu aos Seus preceitos. Nenhum monarca já se aventurou a rebelião mais aberta e arrogante contra a autoridade do Céu do que o fêz o rei do Egito. Quando, em nome do Senhor, a mensagem lhe fôra levada por Moisés, Faraó, orgulhosamente, respondeu: 'Quem é o Senhor cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir Israel'[1]) Isto é ateísmo; e a nação representada pelo Egito daria expressão a uma negação idêntica às exigências do Deus vivo, e manifestaria idêntico espírito de incredulidade e desafio. A grande cidade é também comparada 'espiritualmente' com Sodoma. A corrupção de Sodoma na violação da lei de Deus, manifestou-se especialmente na licenciosidade. E êste pecado também deveria ser característico preeminente da nação que cumpriria as especificações dêste texto".[2])

Perguntamos agora: Manifestou a França revolucionária, principalmente Paris, os característicos de Sodoma e do Egito? Ouve licenciosidade, crime, rejeição do culto divino e exaltação do ateísmo? A voz da história confirma plenamente e de maneira assombrosa a existência de todos êstes característicos vis de Sodoma e do Egito, em tôda a França, principalmente, em Paris, nos dias da revolução, mòrmente no período do terror.

A França, "durante o período revolucionário mostrou um estado de rebaixamento moral e corrupção semelhante ao que trouxera destruição às cidades da planície. E o historiador apresenta juntamente o ateísmo e a licenciosidade da França, conforme os dá a profecia: 'Ligada intimamente a estas leis que afetam a religião, estava a que reduzia a união pelo casamento — o mais sagrado ajuste que sêres humanos podem formar, cuja indissolubilidade contribui da maneira mais eficaz para a consolidação da sociedade — à condição de mero contracto civil de caráter transitório, em que quaisquer duas pessoas poderiam empenhar-se e que, à vontade, poderiam desfazer... Se os demônios se houvessem disposto a trabalhar para nerável, belo ou perdurável, na vida doméstica, e de obter ao mes-descobrir o modo mais eficaz de destruir o que quer que seja ve-mo tempo certeza de que o mal era seu objetivo criar se perpetuaria de uma geração a outra, não poderiam ter inventado plano mais

eficiente do que a degradação do casamento... Sofia Arnoult, atriz famosa pelos ditos espirituosos que proferia, descreveu o casamento republicano como sendo 'o sacramento do adultério'".[1])

Quão fielmente estas palavras aplicadas a Sodoma e ao Egito se cumpriram na França, especialmente na capital, o centro de tôda a devassidão nos dias da revolução.

"ONDE O SEU SENHOR TAMBÉM FOI CRUCIFICADO"

Como é possível que Jesus fôsse crucificado em Paris? Literalmente sabemos que isto não aconteceu. Mas, quando os seguidores de Cristo são vituperados, maltratados e mortos, Êle toma isto tudo como sendo feito a Êle mesmo. Jesus mesmo dissera: "Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um dêstes meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes".[2]) Para a França crucificar a Jesus em Paris, devia fazer isto na pessoa de Seus seguidores. E em realidade muitos cristãos foram trucidados em Paris, na célebre noite de São Bartolomeu, a 24 de agosto de 1572. Terrível fôra o massacre.

Porém notemos como mais foi Jesus crucificado em Paris: "O mesmo espírito sobrenatural que instigou o massacre de S. Bartolomeu, dirigiu também as cenas da revolução. Foi declarado ser Jesus Cristo um impostor e o grito de mofa dos incrédulos franceses era: 'Esmagai o Miserável!' querendo dizer Cristo. Blasfêmia que desafiava o Céu e abominável impiedade iam de mãos dadas, e os mais vis dentre os homens, os mais execráveis monstros de crueldade e vício, eram elevados aos mais altos postos. Em tudo isto, prestava-se suprema homenagem a Satanás, enquanto Cristo, em Seus característicos de verdade, pureza e amor abnegado, era crucificado".[3])

E não somente em Paris foi Jesus crucificado, senão também em tôda a França; porém, os decretos de matanças contra os Seus seguidores e os vilipendiosos anátemas contra Êle manifestos, sempre procederam de Paris, onde eram promulgados. Assim foi Jesus crucificado na "grande cidade" da licenciosidade e do ateísmo nos tempos modernos.

INTERVENÇÃO NA ATITUDE FRANCESA

VERSO 9 — *"E homens de vários povos, e tribos, e línguas, e nações verão seus corpos mortos por três dias e meio, e não permitirão que os seus corpos mortos sejam postos em sepulcros".*

A linguagem deste versículo denota que destacados cristãos de várias nações acompanhavam atentos a atitude de França em matar as duas testemunhas ou os dois profetas — o Velho e o Novo Tes-

tamentos. Não compartilharam dos ímpios sentimentos dos revolucionários franceses na guerra ateística contra a Bíblia. Ao contrário, protegeram suas nações do contágio da pestilenta atitude daqueles ateus sem escrúpulo e irreverentes. Não permitiram que as duas testemunhas fossem sepultadas, embora estivessem mortas três e meio dias ou anos. Fizeram, como veremos adiante, um gigantesco esforço para exaltação ao máximo possível da Bíblia, tanto na França como em tôdas as nações do glôbo.

UMA DIABOLESCA ALEGRIA

VERSO 10 — *"E os que habitam na terra se regozijarão sôbre êles, e se alegrarão, e mandarão presentes uns aos outros; porquanto êstes dois, profetas tinham atormentado os que habitam sôbre a terra".*

Temos aqui a alegria dos que odiavam a Bíblia, as duas testemunhas, que os atormentara pela reprovação de seus maus atos. Mas a liberdade que julgaram ter auferido em matar os dois profetas de Deus, trouxe-lhes um caudal de tôda obra perversa pela França em fora. Nunca um povo ou uma nação sofrera consequências tão funestas pelo repúdio das Escrituras Sagradas. Sob o manto duma alegria diabolesca sôbre o assassínio das duas testemunhas, jazia uma avalanche de degradação e um dilúvio de sangue que afogou a nação inteira. Todavia a perversa alegria duma aparente vitória sôbre os dois profetas atormentadores, ia ser breve.

A RESSURREIÇÃO DOS DOIS PROFETAS

VERSO 11 — *"E depois daqueles três dias e meio o espírito de vida, vindo de Deus, entrou nêles; e puseram-se sôbre seus pés, e caiu grande temor sôbre os que os viram".*

Os dois profetas — Velho e Novo Testamentos — ou seja a Bíblia, foram mortos na França, no período mais agudo da revolução. Durante três dias e meio ou sejam três e meio anos, estiveram insepultos, na praça da "grande cidade" de Paris. Depois dêste período mortal, tornaram à vida pelo "espírito de vida, vindo de Deus". Os parágrafos seguintes confirmam sobejamente a profecia, e dão-nos conta de que exatamente mediaram três e meio anos entre a morte e a ressurreição dos dois profetas no período de supremacia dos jacobinos.

"Havia muito tempo que a revolução rompera com tôdas as tradições do Estado monárquico e da Igreja Católica; restava-lhe só concluir o rompimento com tudo quanto constituía o patrimônio criado pelo cristianismo e pela civilização cristã em geral. Tal rompimento levou-o a efeito o partido dominante dos jacobinos, logo que, depois de outubro de 1793, julgou ter consolidado suficiente-

mente a sua posição para poder acreditar no caráter irrevogável das suas medidas,

"O deputado Fabre d'Eglantine apressou-se a ocorrer a esta necessidade, relatando à convenção, em nome da Comissão organizadora do novo calendário, a 24 de *outubro* de 1793, *um trabalho que continha o projeto pôsto* em vigor a partir de 24 de novembro".[1])

Foi, portanto, a 24 de outubro de 1793, que o jacobinismo anunciou ao público, em um projeto, a resolução de subverter tudo que restava de mais nobre da religião cristã, e isto através dum novo calendário inteiramente ateísta que punha de lado todo o fundamento que o cristianismo tinha na Bíblia ou nos dois profetas citados. Desde 24 de outubro de 1793, e durante três e meio anos, a Bíblia ou os dois profetas — Velho e Novo Testamentos — estariam mortos, ressuscitando após êste período de tempo. Com uma simples operação matemática concordaremos que os três anos e meio findaram em abril de 1797. Algo importante deveria ter ocorrido neste mês e neste ano, para que os dois profetas pudessem tornar à vida; aliás, apenas a queda dos jacobinos poderia trazer à vida êstes dois profetas mortos. Foi esta, realmente, a ocorrência de abril de 1797? Vejamos o que diz o historiador:

"As novas eleições de abril de 1797 foram uma esmagadora derrota para o diretório e para os antigos partidos. Dos oitenta e quatro departamentos da França, sessenta e seis, nas assembléias primárias, escolheram os seus eleitores entre indivíduos não republicanos e só dez se conservaram fiéis aos jacobinos. A capital não só abandonou completamente os jacobinos, mas tomou ela mesma a direção da contra revolução. Na escolha dos eleitores e na eleição dos deputados de Paris foram postos de parte não só todos os republicanos, mas mesmo os constitucionais, que se tinham evidenciado nas primeiras fases da revolução. O espírito predominante do novo têrço de deputados tendia a fazer ressurgir a monarquia, mas gradualmente, com o auxílio da constituição em vigor e sem recorrer de forma alguma a uma nova revolução. A abolição dos decretos de perseguição aos sacerdotes e emigrados e o restabelecimento da paz com a Europa eram os pontos capitais do programa da nova maioria do Conselho dos quinhentos".[2])

A profecia teve o seu cumprimento plenamente assegurado e indiscutível. O jacobinismo que matou os dois profetas e com êste ato todos os altos valores do cristianismo, foi esmagadoramente derrotado em tôda a França, principalmente, em Paris, onde cometera o miserando crime contra as duas testemunhas de Deus. Assim os três dias e meio proféticos ou três e meio anos, ajustaram-se perfeitamente no período de supremacia dos jacobinos, e a revelação cumpriu-se notàvelmente.

A Bíblia foi novamente aceita e a religião cristã restaurada imediatamente na França. O Conselho dos Quinhentos apresentou a

"revisão das leis relativas ao culto religioso", que "consistia umas quantas propostas, que aboliam por igual as restrições republicanas ao culto papal, e as restrições papais ao protestante. Ditas propostas eram estas:

"1. Que *todos* os cidadãos podiam comprar ou alugar edifícios para o *livre* exercício religioso.

"2. Que *tôdas* as congregações podiam unir-se ao toque de sinos.

"3. Que *nenhuma prova* nem *promessa* de nenhuma classe que não se exigisse a outros cidadãos fôsse exigida aos ministros daquelas congregações.

"4. Que qualquer pessoa que intentasse impedir ou de qualquer maneira interromper o culto público fôsse multada até em 500 libras, e não menos de 50; e que se a interrupção procedesse de autoridades constituídas, as tais autoridades fossem multadas em uma soma dupla.

"5. Que seja livre para todos os cidadãos a entrada às assembléias com propósito de culto religioso.

"6. Que tôdas as demais leis concernentes ao culto religioso sejam abolidas".[1])

Estavam novamente restaurados os dois profetas, e a religião cristã na França, depois de os seus matadores, os jacobinos, serem derrotados no poder em abril de 1797. A restauração, porém, não deu ao papado, como rezavam as leis de Luiz XIV, a primazia de culto. Ao protestantismo foi concedido igualdade de direitos religiosos nos decretos do novo regime.

O TRIUNFO DOS DOIS PROFETAS RESSUSCITADOS

VERSO 12 — *"E ouviram uma grande vos do céu, que lhes dizia: Subi cá. E subiram ao céu em uma nuvem: e os seus inimigos os viram".*

A expressão da poderosa voz do céu concitando os dois profetas a subirem até lá é inconteste evidência da exaltação e glorificação das Escrituras Sagradas depois dos três e meio dias em que jazeram mortas "nas ruas da grande cidade" de Paris. A frase — e subiram ao céu em uma nuvem — é emblema de elevação celestial, pois ninguém mais do que Deus poderia elevar ao sumo a Bíblia, a Sua palavra, liberta da humilhação francesa.

COMO OS DOIS PROFETAS SUBIRAM AO CÉU

Na verdade os dois profetas não subiram literalmente ao céu. A exaltação e glorificação da Bíblia depois daqueles três e meio anos, é uma designação emblemática de sua vasta difusão não só na própria França como no mundo inteiro. Movidos pelo poder de Deus levantaram-se homens para darem cumprimento ao desígnio da profecia inspirada. Em 1804 fundou-se a Sociedade Bíblica Bri-

tânica e Estrangeira que, ano após ano, ampliou as suas edições, lendo já alcançado a tiragem de muitos milhões de exemplares anualmente. Em 1816 surgiu a Sociedade Bíblica Americana, que, em seu grande esforço, está seguindo de perto a Britânica na produção e difusão de Bíblias no mundo.

Além das duas sociedades bíblicas citadas, outram foram fundadas na Europa. "Em 1812 fundaram-se a sociedade russa e a de Stuttgart, em 1813 a de Dresden, em 1814 a de Berlim, em 1817 a de Hamburgo".

Também várias sociedades de tratados foram fundadas com o objetivo de difundir as doutrinas da Bíblia em todo o glôbo. Já em 1687 nasceu em Londres a primeira delas; surgiram "depois a de Eisleben, em 1811; a de Hamburgo, em 1820; a de Paris, em 1822; a de Nova York, em 1825; a de Stuttgard, em 1833; a de Basiléia, em 1834; a de Berlim, em 1845; etc.". Não só dêste modo e pelas sociedades Bíblicas foram as sagradas Escrituras e suas verdades espalhadas pelo mundo inteiro, mas também por meio das missões modernas até aos confins da terra. Várias sociedades missionárias foram fundadas: "A de Londres, em 1795; a da Escócia, em 1796; a da Holanda, em 1797; a anglicana, em 1799; a grande Sociedade Americana, em 1810; a de Berlim, em 1823; a de Paris, em 1824; a de Renana e a de Basiléia, em 1829; a Norte Alemanha, em 1836; etc.". Hoje, grande é o número de sociedades missionárias e numerosos os bravos heróis que desde William Carrey têm levado o estandarte da fé e da Bíblia às mais remotas regiões da terra.

Desde que as duas testemunhas tornaram à vida, têm elas sido honradas como nunca antes. Antes de 1804, a Bíblia havia sido impressa em cincoenta línguas. Hoje, porém, sua mensagem pode ser lida em mais de 1120 idiomas diferentes. Verdadeiramente os dois profetas, o Velho e o Novo Testamentos, subiram ao céu numa exaltação inquestionavelmente celestial. Assim, é a Bíblia, depois de Jesus, a mais valiosa bênção que Deus haja concedido ao homem nesta vida.

Os inimigos e perseguidores da Bíblia viram a sua exaltação e temeram. "O incrédulo Voltaire, jactanciosamente, disse certa vez: 'Estou cansado de ouvir dizer que doze homens estabeleceram a religião cristã. Eu provarei que basta um homem para suprimi-la'. Faz mais de um século que morreu. Milhões têm aderido à guerra contra a Escritura Sagrada. Mas tão longe está de ser destruída que, onde havia cem no tempo de Voltaire, há hoje dez mil, ou antes, cem mil exemplares do livro de Deus. Nas palavras de um primitivo reformador, relativas à igreja cristã, a 'Bíblia é uma bigorna que tem gasto muitos martelos'. Disse o Senhor: "Toda a ferramenta preparada contra ti, não prosperará: e tôda a língua que se levantar contra ti em juízo, tu a condenarás"'.[1])

Sendo o livro mais perseguido através dos séculos, a Bíblia entretanto mantem-se indestrutível e poderosa para transformar o homem.

O PERÍODO AGUDO DA REVOLUÇÃO FRANCESA

VERSO 13 — *"E naquela hora sobreveio um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade: e no terremoto foram mortos os nomes de sete mil homens: e os demais foram atemorizados, e deram glória ao Deus do céu".*[1])

Êste terremoto não é natural mas simbólico, e devia ter ocorrido na França no período mais agudo da revolução; pois desde o versículo sete a profecia vem tratando da grande catástrofe que caiu sôbre o povo francês com aquela revolução. E note-se que o terremoto referido ocorreu "naquela hora", aliás, quando a Bíblia foi relegada e todo o culto divino pôsto abaixo pelos jacobinos. Portanto, o terremoto aqui aludido, deve infalivelmente ser simbólico do período do "terror", em que os revolucionários atentaram contra tudo que dizia respeito a Deus. Sim, a revelação aponta o "terror", aquêle "terror" que embebeu a França em dilúvio de sangue, no qual a "santa guilhotina" não teve descanso em tôda a nação, dia e noite. "Só em Paris, foram supliciadas, em quatro meses 12.000 mulheres... Até novembro de 1793 tinham sido encarcerados como suspeitos 200.000 indivíduos; e foi necessário para os receber, converter em prisões os palácios, os colégios, os mosteiros, donde tinham expulsado os que os ocupavam. Afinal não havia escolha; eram a esmo as prisões, por bairros, religião, famílias, localidades, por causa de opiniões expressas ou supostas. Numa só noite prenderam trezentas famílias no arrabalde Saint-Germain; noutra, trinta e três membros do parlamento de Toulouse; em outra, finalmente, vinte e sete negociantes de sêdas. Não se davam ao trabalho de procurar um crime; o parentesco, a riqueza, a categoria, os nomes históricos, parlamentares, bispos, eram motivos suficientes. Tôda espécie de superioridade era atacada pelo ciúme da igualdade.

"Nunca se viu tamanha facilidade em receber ou em dar a morte, quer no campo de batalha, quer no patíbulo, sem idéia de perigo ou sacrifício, por sistema, por hábito. Os acusados eram conduzidos ao tribunal às carroçadas; julgavam-nos e executavam-nos às fornadas... As execuções eram de cincoenta por dia. *Isto vai bem,* dizia Fouquier, *as cabeças caem que nem granizo. Ainda há-le ir melhor na década próxima: havemos de precisar pelo menos cento e cincoenta.* Billaud-Varenne exclamava: *O tribunal revolucionário julga fazer uma maravilha quando decepa sessenta ou setenta cabeças. Um número sempre igual não espanta: é preciso duplicá-lo.* Vadier dizia também: E' necessário levantar um muro

de cabeças entre nós e o povo. O número das vítimas subiu a cento e cincoenta por dia. Foi necessário abrir um cano para dar vasão ao sangue. De março a junho de 1793, foi o número das vítimas 94.577; de junho a 26 de julho, contaram-se 1285. Paris começava a sentir piedade; mas tremia. Em tôda a França reproduziam-se cenas semelhantes".[1]) "O feroz Carrier foi mandado a Nantes, e esta cidade veio a ser o teatro das mais revoltantes atrocidades; 500 meninos, todos abaixo de 14 anos, foram espingardeados; 1500 outros foram afogados no rio com 1.404 nobres e 5.300 artífices. Mil e duzentos vendeanos foram fuzilados num prado vizinho d'Angers".

"Para despejá-las", as prisões, "o acusador público fazia julgar cada dia 80 a 100 prisioneiros, e grandes carros, preparados dante-mão, os levavam por multidões à guilhotina. Entre êles achavam-se milhares de clérigos, religiosos e freiras de tôdas as ordens. As execuções não se concentravam em Paris. Os numerosos enviados de Robespierre inundaram de sangue todos os departamentos e tornaram-se dignos duma horrível celebridade pelo furor com que desempenharam sua missão infernal".[2])

"Os cincoenta jurados" do acusador público Fouquier Tinville, "estabelecidos pela lei de 22 *prairial* eram a escumalha do *club* jacobino; a maior parte dêles não sabia 1er nem escrever; apresentavam-se ébrios na sessão e a custo podiam pronunciar o seu *veredictum;* ingênuamente declaravam que se não houvesse crimes, seria preciso inventá-los e que para se reconhecerem os culpados bastava olhar para os acusados".[3])

Poderíamos encher páginas e páginas relatando as atrocidades e as chacinas em massa bem como o sangue desmedido derramado pelos revolucionários ateus de França no período do "terror". Mas, o que aqui foi dito, é suficiente para dar ao leitor uma idéia precisa de que o "terror" fôra o "grande terremoto" moral da profecia, que abalou tôda a nação francesa nos dias da revolução.

CAIU A DÉCIMA PARTE DA CIDADE

A cidade referida como destruída pelo terremoto, não é Paris ou outra qualquer da França e nem mesmo uma cidade real, em qualquer outro país; pois vimos que o terremoto predito não alude a um abalo císmico natural, mas aos horrores do "terror". A cidade da alusão da profecia, é uma cidade espiritual mencionada no Apocalipse e da qual a Revelação nos põe precisamente a par.

A cidade cuja décima parte caiu com o terremoto do "terror", acha-se mencionada nove vêzes no Apocalipse. Sua primeira mensão acha-se no texto de nossa consideração. Nos outros oito textos encontram-se dela detalhes que nô-la identificam com precisão. Vá-

rias vêzes o Apocalipse a denomina de Babilônia, e diz que ela é uma mulher que negocia com corpos e almas de homens.1) Ora, mulher na Bíblia é emblema de igreja, como podemos ver comprovado no capítulo seguinte. E qual é a igreja que negocia com corpos e almas de homens senão a igreja de Roma? Assim temos aqui a identificação da cidade de que trata a profecia dêste undécimo capítulo. Esta cidade romana chamada Babilônia, constou, em verdade, de dez partes, pois é dito que sua décima parte caiu. Tratando-se da igreja papal, trata-se verdadeiramente do poder papal, cuja igreja exercia seu domínio exatamente em dez distintos territórios ao tempo do terremoto do "terror". Tão bem é esclarecido isto no Apocalipse que não há qualquer razão para dúvidas. Lemos o seguinte alusivo ao papado: "E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão poder como reis por uma hora, conjuntamente com a bêsta. Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à bêsta".2) Os dez reinos são as dez nações bárbaras que formaram a Europa moderna e entregaram "o seu poder e autoridade à bêsta", isto é, ao papado romano. Evidentemente, temos nesta definição a grande cidade, chamada Babilônia, cuja décima parte caiu com o "terremoto" do "terror" revolucionário francês.

A França era uma das dez nações que jaziam aos pés do papado e, portanto, a décima parte da Babilônia papal a cair. Fêz guerra ao papado ao tempo da revolução, e desligou-se dêle abolindo todo o culto católico e levando à guilhotina multidões de sacerdotes e de freiras. Foi assim que caiu a décima parte da cidade da grande Babilônia romana.

"FORAM MORTOS OS NOMES DE 7.000 HOMENS"

Enquanto o período do "terror" matou inúmeras dezenas de milhares de pessoas pela guilhotina e pelos fuzilamentos, aqui temos um número de homens em que apenas seus nomes foram mortos no "grande terremoto". Esta peculiar afirmativa da profecia leva-nos a crer que êstes 7.000 homens foram destituídos de altas funções na nação francesa. E, a pena inconsciente do historiador, confirmando a revelação, abisma-nos em assentar o cumprimento perfeito dêste notável quão assombroso detalhe profético dos atos do "terror". Eis no parágrafo seguinte o grandioso depoimento comprobatório da história, que vem, mais uma vez, exaltar ao sumo as grandes profecias das Sagradas Escrituras e confirmar a inspiração.

"Um dos primeiros atos do regime do terror tinha sido a demissão de todos os oficiais nobres. Em poucas semanas o exército do Reno perdera assim 7.000 oficiais e em todo o exército francês nasceria uma desorganização e uma anarquia irreparável se Carnot não tivesse sido um homem competente, que soube preencher da

melhor forma possível as vagas ocasionadas pelo arbitrário procedimento dos jacobinos".[1])

Aí está, aos olhos de todos, o surpreendente e duplo cumprimento da profecia inspirada. Duplo cumprimento, porque, além de ser prefixado o número dos homens a serem atingidos pelas medidas do "terror", seus nomes, e não a pessoa física deles, seriam o alvo essencial daquele "terremoto" provocado pelos jacobinos. Assim, cumpriu-se duplamente a profecia: 1) No número de homens e, 2) na posição dêstes homens, que eram "oficiais nobres".

"E OS DEMAIS FORAM ATEMORIZADOS E DERAM GLÓRIA AO DEUS DO CÉU"

Os terroristas da revolução compreenderam o abismo a que haviam jogado a França. Tremeram diante das cenas de horror e de carnagens que decretaram contra seus próprios compatriotas. Assombraram-se do dilúvio de sangue que fizeram correr pelas plagas da pátria por êles manchada com tantos crimes. Reconheceram aquêles gratuitos ateus a nefanda desgraça que trouxeram à nação em sua tentativa por destronar a Deus. Sim, êles e todos os que escaparam às suas chacinas inúmeras daqueles dias de luto para a França, reconheceram a inutilidade de batalhar contra o Todo-poderoso, e deram-Lhe glória restabelecendo, novamente, o culto divino em tôda a nação, convictos da necessidade do retorno à fé cristã e à Bíblia por êles relegada. Ficou então provado perante o mundo que os que guerreiam contra o céu cavam sua própria tumba e que a ira do homem redunda em louvor de Deus.

É PASSADO O SEGUNDO "AI"

VERSO 14 — *"E' passado o segundo ai; eis que o terceiro ai cedo virá".*

O segundo "ai", referente à sexta trombeta, findou a 11 de agosto de 1840 com a queda da suzerania da Turquia, cuja nação passou a ser amparada por um grupo de nações européias conjuntas. É, porém, surpreendente que o profeta colocasse o fim do segundo "ai" imediatamente depois de descrever as cenas proféticas da revolução francesa e não em seguida ao fim da descrição dos sucessos concernentes aos turcos na sexta trombeta. Possivelmente, dado a importância da revolução francesa em suas relações com Deus e o cristianismo, é que ela figura como um parêntesis dentro da sexta trombeta.

Conjuntamente com êste versículo anunciando o têrmo do segundo "ai", acompanha a advertência de que o terceiro "ai", ou seja a sétima trombeta, que começou a soar em 1844, não muito depois de 11 de agosto de 1840, logo haveria de vir. Isto é evidente de

que a sétima trombeta soaria um pouco depois do fim da revolução francesa, aliás, no ano citado de 1844.

A SÉTIMA TROMBETA

VERSOS 15-19 — *"E tocou o sétimo anjo a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e Êle reinará para todo o sempre. E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus, dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-poderoso, que és e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder, e reinaste. E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o Teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra. E abriu-se no céu o templo de Deus e a arca do Seu concerto foi vista no Seu templo: e houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos e grande saraiva".*

O FIM DOS REINOS DA FÔRÇA

Ao soar a sétima trombeta, grandes vozes no céu anunciam o maior acontecimento da história do mundo — a intervenção de Cristo nos domínios dos homens. Desde 1844, ao sonido desta última trombeta, êste futuro e não distante acontecimento, está sendo anunciado a "grandes vozes" em tôda a terra. Esta é a mais solene anunciação que tem chegado aos ouvidos dos mortais; é a nota tônica do grande movimento Adventista desde o ano de 1844; pois o acontecimento supremo de nossa história, como humanidade, deveria, antes de concretizar-se, ser anunciado, de viva voz, aos homens. As primeiras seis trombetas anunciaram e realizaram a queda de Roma Ocidental e Oriental, pelos visigodos, vândalos, hunos, hérulos, árabes e turcos. A sétima trombeta anuncia a queda total das nações e do poderio do homem no mundo, pelo Segundo Advento de Cristo.

"Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do Seu Cristo, e Êle reinará para todo o sempre". Maravilhosa e inconfundível certeza: Cristo aqui "reinará para todo o sempre". Desde já deveríamos levantar nossas vozes em gratidão a Deus pelo próximo fim dos reinos da força e da opressão. Jamais terá fim o reinado de Cristo. E a paz eterna do Seu reino não será mantida pela fôrça ou pelas armas belicosas. Pois todos os súditos do Seu reino serão ordeiros e pacíficos, estando êles agora passando pela experiência destas virtudes para poderem reinar com Êle no mundo da ordem e da justiça.

A AÇÃO DE GRAÇAS DOS VINTE E QUATRO ANCIÃOS

O regozijo dos vinte e quatro anciãos ao som da sétima trombeta foi sem limite. Adoraram a Deus e deram-Lhe graças pela restauração do reino de Cristo neste mundo de onde eles são naturais. Veja-se sôbre êles o capítulo quatro.

E IRARAM-SE AS NAÇÕES

A ira das nações está ligada à sétima trombeta. Desde o ano de 1848, ano das nacionalidades constituídas, as nações têm vivido em trágicas convulsões. Uma após outra catástrofe, com um mínimo de intervalo, tem arrastado a humanidade mais e mais para a ruína fatal. Nosso século presenciou já duas guerras que bem demostraram o cumprimento desta profecia apocalíptica, além de numerosos outros conflitos de outra natureza no mundo internacional. A ambição desmedida e o desejo de supremacia de certas nações levaram a civilização para o caos e comprometeram a sobrevivência da família humana. A diplomacia internacional tem feito mais no sentido de provocar novos conflitos do que cimentar a paz que vive sempre a prometer. As nações estão gastando hoje mais para a guerra do que antes das duas grandes catástrofes do século que provocaram, e, torturadas pela cobiça e atormentadas pela suspeita, olham ao futuro com apreensão e ansiedade. Todos os esforços em prol da paz têm ruído como um castelo de cartas, tendo os tratados sido assinados com rancor e ameaças para a primeira oportunidade. O problema da paz jamais poderá ser solucionado pelo homem e através de idéias humanas. Homens bem intencionados têm surgido e tudo feito para trazerem o mundo à concórdia internacional e não têm sido bem sucedidos. Projetos de paz; obras literárias pró paz; sociedades pacifistas; congressos de paz; prêmios de paz; sociedades internacionais de paz; — tudo tem fracassado. No fim de cada conflito reanimam-se os anelos de paz, surgem conferências inúmeras pró paz, tão somente para logo serem suplantados por novas corridas armamentistas. Tratados de papel não cimentam a paz. Falam de paz os homens, mas têm a guerra no coração.[1]) Êles não conhecem os caminhos verídicos da paz real.[2])

A paz é um dom de Deus.[3]) Para que os homens tenham êste dom, é imperativo que façam as pazes com Deus por Seu Filho Jesus Cristo.[4]) Cristo é o Príncipe da Paz;[5]) sem Êle não haverá paz no mundo. Rios de ouro gastam as nações em busca da paz. Mas ela não lhes surgirá a menos que aceitem os planos pacifistas de Cristo. Isaías pinta a decepção dos embaixadores da paz de nosso século: "Eis que os seus embaixadores estão clamando de fora; e os mensageiros de paz estão chorando amargamente".[6])

Só a paz de Cristo satisfará as necessidades do mundo. Disse o Senhor: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vô-la dou

como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize".[1]) Sim, Sua paz é diferente da que o mundo procura. E' paz sem tratados de papel; paz sem canhões, sem ambições e sem ódio. Paz, afinal, pelas idéias de Cristo e não pelas idéias dos homens.

Há quem pense que a Bomba Atômica garantirá a paz mundial. Mas até agora ela não se demonstrou paladina da paz! Com seu advento o mundo internacional, dividido em dois grandes blocos, piorou e tornou-se mais tenso. As nações e a civilização tornaram-se mais temerosas e apreensivas com o seu advento. Em lugar de paz, diz a profecia que as nações irar-se-íam como jamais. Só a paz de Cristo e por Cristo é a única solução para os problemas internacionais de um mundo enfermo gravemente pelas doenças do ódio, da ambição e da suspeita. Sejam os homens pacifistas pelas idéias de Cristo; vivam com Cristo acima das perturbações da vida, e a paz surgirá como um caudal inestimável sôbre êles e a humanidade.

"E VEIO A TUA IRA"

A ira de Deus que virá ao som da sétima trombeta, são as sete próximas pragas. Constituem elas a ira de um Deus ofendido e cansado de sofrer com tanta perversidade nos Seus domínios mundiais. No capítulo dezesseis podemos apreciar as setes pragas vindouras.

OUTROS SUCESSOS DA SÉTIMA TROMBETA

À sétima trombeta está afeto o juízo que dará galardão aos profetas e aos santos que temeram e temem a Deus, pequenos e grandes. Este é o julgamento iniciado no fim do período dos 2300 anos, que podemos apreciar nos capítulos dez e quatorze. Mas, êste tempo da sétima trombeta é também o "tempo de destruíres os que destroem a terra". A intervenção de Cristo no mundo visa especialmente os que o destroem. E quem são êstes que destroem o mundo? São os fazedores da guerra e os pervertedores da justiça de Deus, que pizam Sua lei como se ela para êles não tivesse valor algum. São os súditos rebeldes dos domínios de Deus que serão os alvos de Sua ira. Haverá então paz mundial; pois os inimigos da verdadeira paz e da ordem serão aniquilados para, todo o sempre.

A ARCA DO CONCÊRTO DE DEUS

A abertura do templo de Deus em relação com a sétima trombeta diz respeito ao lugar santíssimo do santuário celestial, em cujo compartimento está a "arca do concêrto".

Com referência à "arca do concêrto" temos um assunto deveras muito solene. A "arca do concêrto" de Deus deve ser para nós um

tema da mais alta consideração. A suprema importância deste tema e a sua magnitude, jazem no fato de a "arca do concêrto" de Deus estar ligada deveras à sétima trombeta, e, portanto, aos acontecimentos alusivos a estes últimos dias da história do mundo. Perguntamos: Que tem que ver a "arca do concêrto" de Deus com esta geração? Devemos nós alguma consideração para com ela? Tem o concêrto da arca que ver conosco e nós com êle? A resposta convincente não é possível dar em poucas palavras. O decorrer desta explanação dir-nos-á da nossa relação para com a "arca do concêrto" de Deus, ou, noutras palavras, de nossa relação para com o concêrto da arca.

Nos versículos um e dois dêste mesmo capítulo salientamos que, para entendermos o santuário ou templo de Deus bem como seu mobiliário e seu ritual, só é possível pelo estudo do santuário terrestre. Para sabermos o que é a "arca do concêrto" vista pelo profeta ao abrir-se o templo ou o santuário de Deus no céu, devemos considerar a "arca do concêrto" no santuário terrenal, em Israel, que foi modelada pela do santuário celestial.

Moisés, dezesseis séculos antes de S. João, viu a "arca do concêrto" de Deus do santuário celestial bem como todo o mobiliário do mesmo santuário, que serviu de modêlo para o terrestre.[1]) E é notável que o próprio Senhor Deus dera a Moisés as devidas instruções para confecção da "arca do concêrto". Moisés, a fizera de "madeira de Setim" ou acácia. Tinha cêrca de um metro e sessenta e cinco centímetros de comprimento por um metro de largura e um metro de altura. Era uma caixa com estas dimensões coberta de ouro por dentro e por fora. Ao redor, na parte superior, havia uma coroa de ouro fino. Em cada extremidade, de ambos os lados, havia uma argola de ouro e varais de madeira de acácia cobertos de ouro para a condução da arca pelos sacerdotes. A coberta ou tampa da arca chamava-se "propiciatório", que era duma só peça de ouro puro. Nas duas extremidades do propiciatório havia dois querubins feitos de ouro massiço, que estendiam cada um uma de suas asas sôbre o propiciatório, cujas faces se voltavam para êle.[2]) "De cima do propiciatório, do meio dos dois querubins", Deus falava com o sumo-sacerdote.[3]) Esta era a "arca do concêrto" modelada pela celestial, que Moisés, ao aprontar o santuário, colocou no seu lugar santíssimo.

O QUE É O CONCÊRTO DE DEUS NA ARCA?

Para sabermos qual seja êle, urge que saibamos qual foi o concêrto que Deus ordenara Moisés colocar na arca do santuário terrestre antítipo do celeste. Demos, pois, a palavra a Moisés para que nos esclareça esta questão:

"E vós vos chegastes, e vos pusestes ao pé do monte: e o monte ardia em fogo até ao meio dos céus e havia trevas, e nuvens e escuridão; então o Senhor vos falou do meio do fogo: a voz das palavras ouvistes; porém, além da voz, não vistes semelhança nenhuma. Então vos anunciou Êle o Seu concêrto, que vos prescreveu, os dez mandamentos, e os escreveu em duas tábuas de pedra".[1]) "E virei- me, e desci do monte, e pus as tábuas na arca que fizera: e ali estão, como o Senhor me ordenou".[2])

Agora estamos prontos para responder, que o concêrto depositado por mandado de Deus na arca, é a Lei de Deus, os dez mandamentos escritos em duas tábuas de pedra pelo dedo do próprio Senhor Deus.[3])

Em virtude do concêrto de Deus depositado na arca, esta foi denominada, além de "arca do concêrto de Deus"[4]) de "arca do concêrto do Senhor";[5]) "arca do concêrto do Senhor dos Exércitos";[6]) "arca do concêrto do Senhor de todo a terra";[7]) "arca do concêrto do Senhor vosso Deus";[8]) "arca de Deus";[9]) "arca do Senhor";[10]) "arca do Senhor Deus";[11] "arca do Senhor vosso Deus";[12]) "arca do Deus de Israel";[13])"arca do Senhor Deus de Israel";[14]) "arca do nosso Deus";[15]) ("arca da Tua fôrça";[16]) "arca da Tua fortaleza";[17]) "arca do testemunho";[18]) "arca sagrada".[19])

Vemos que a arca era o receptáculo do concêrto de Deus com Seu povo, e que era considerada um poder, uma "fôrça", uma "fortaleza", não em virtude de si mesma, mas do "concêrto" ou da lei de Deus, os "dez mandamentos" que ela continha. Notemos alguns dos grandes milagres que Deus operou no passado, por Seu povo, através da "arca do concêrto":

Na passagem do Jordão;[20]) na tomada de Jericó;[21]) nas guerras de Israel.[22]) A imprudência de alguns concernentes à "arca do concêrto", resultou em grande dano: "Cincoenta mil e setenta homens", num lugar, morreram como castigo porquanto ali olharam para dentro da arca.[23]) Um homem foi fulminado por encostar sua mão à arca.[24]) No entanto, outros foram abençoados em face do respeito que manifestaram para com a arca de Deus.[25])

O que ressalta desta consideração sôbre a "arca do concêrto", é que ela era simbólica da presença e do poder de Deus entre Seu povo. Ela "também é a união da justiça com a misericórdia no plano da redenção humana".

Como salientamos nos versículos um e dois, o povo de Deus, por Êle levantado em 1844, adoraria no santuário celestial, tendo entendido o mesmo e seu ritual. A visão de S. João que estamos apreciando aponta exatamente para aquêle memorável ano. "A arca do concêrto de Deus está no santo dos santos, ou lugar santíssimo, que é o segundo compartimento do santuário. No ministério do tabernáculo terrestre, que servia como 'exemplar e sombra das coisas celestiais', êste compartimento se abria somente no grande

dia da expiação, para a purificação do santuário. Portanto, o anúncio de que o templo de Deus se abrira no céu, e de que fôra vista a arca de Seu concêrto, indica a abertura do lugar santíssimo do santuário celestial, em 1844, ao entrar Cristo ali para efetuar a obra finalizadora da expiação. Os que pela fé seguiram seu Sumo-sacerdote, ao iniciar Ele o ministério no lugar santíssimo, contemplaram a arca de Seu concêrto. Como houvessem estudado o assunto do santuário, chegaram a compreender a mudança operada no ministério do Salvador, e viram que Ele agora oficiava diante da arca de Deus, pleiteando com Seu sangue em favor dos pecadores.

"A lei de Deus no santuário celeste é o grande original, de que os preceitos escritos nas tábuas de pedra, registados por Moisés no Pentateuco, eram uma transcrição exata. Os que chegaram à compreensão dêste ponto importante, foram assim levados a ver o caráter sagrado e imutável da lei divina".[1])

Graças a Deus que Ele tem um povo no mundo que respeita o Seu "concêrto", a Sua grande e santa lei moral, que está na "arca do concêrto" no santuário celestial, o grande original cuja cópia foi dada a Seu povo para que a ensinasse ao mundo. A prova inquestionável de que as tábuas originais da lei estão na "arca do concêrto" do templo celestial é evidente dos têrmos que o profeta usa para descrever a arca. Denominando-a de "arca de concêrto" êle esclarece, fora de tôda a dúvida, que o mesmo concêrto, ou sejam os dez mandamentos, que estavam na "arca do concêrto" no templo terrenal, estão na "arca do concêrto" no templo celestial. Dêste modo, é anunciado na sétima trombeta a obrigatoriedade, para todo o cristão, de fidelidade ao concêrto de Deus contido na arca do templo celestial, os dez mandamentos.

Os relâmpagos, vozes, trovões e terremotos que o profeta vê e ouve na visão relativa ao ano de 1844 em conexão com a abertura do templo de Deus e a contemplação da "arca do concêrto", lembram o solene momento em que a Lei de Deus fôra dada no Sinai por Seu próprio Legislador. Agora, mais uma vez, no fim do tempo, quando a Lei de Deus devia ser restaurada por um povo especial, as mesmas circunstâncias do Sinai são salientadas na profecia, para dar ênfase à santidade e indispensabilidade da grande Lei como norma de justiça e de juízo.

E, no momento iminente do Segundo Advento de Nosso Senhor Jesus Cristo, a grande lei da "arca do concêrto" será realmente manifesta ao mundo como evidência de sua condenação:

"Quando o juízo estiver assentado e os livros forem abertos, e todo o homem fôr julgado conforme as coisas escritas nos livros, então as tábuas de pedra, escondidas por Deus até aquêle dia, serão apresentadas perante o mundo como insígnias de justiça. Então

os homens e mulheres verão que o requisito de sua salvação é a obediência à perfeita lei de Deus".[1])

A gloria da cidade celestial emana de suas portas entreabertas. Aparece então de encontro ao céu u'a mão segurando duas tábuas de pedra dobradas uma sôbre a outra. Diz o profeta 'Os céus anunciarão a Sua justiça; pois Deus mesmo é o juiz'.[2]) Aquela santa Lei, a justiça de Deus, que por entre trovões e chamas foi do Sinai proclamada como guia da vida, revela-se agora aos homens como a regra do juízo. A mão abre as tábuas, e vêem-se os preceitos do decálogo, como que traçados com pena de fogo. As palavras são tão claras que todos as podem ler. Desperta-se a memória, varrem-se de tôdas as mentes as trevas da superstição e heresia, e os dez preceitos divinos, breves, compreensivos e autorizados, apresentam-se à vista de todos os habitantes da terra.

"E' impossível descrever o horror e desespêro dos que pisaram os santos mandamentos de Deus. O Senhor lhes deu Sua Lei; êles poderiam haver aferido seu caráter pela mesma, e conhecido seus defeitos enquanto ainda havia oportunidade para arrependimento e correção; mas, a fim de conseguir o favor do mundo, puseram de parte seus preceitos e ensinaram outros a transgredi-los. Esforçaram-se por compelir o povo de Deus a profanar o Seu Sábado. Agora são condenados por aquela lei que desprezaram. Com terrível clareza vêem que se acham sem desculpas. Escolheram a quem servir e adorar. 'Então vereis outra vez a diferença entre o justo e ímpio; entre o que serve a Deus, e o que O não O serve'[3])

"Os inimigos da Lei de Deus, desde o ministro até ao menor dentre êles, têm nova concepção da verdade e do dever. Demasiado tarde vêem que o Sábado do quarto mandamento é o sêlo do Deus vivo. Tarde demais vêem a verdadeira natureza de seu sábado espúrio, (domingo) e o fundamento arenoso sôbre o qual estiveram a construir. Acham que estiveram a combater contra Deus. Ensinadores religiosos conduziram almas à perdição, ao mesmo tempo que professavam guiá-las às portas do paraíso. Antes do dia do ajuste final de contas, não se conhecerá quão grande é a responsabilidade dos homens no mister sagrado, e quão terríveis são os resultados de sua infidelidade. Sòmente na eternidade poderemos com acêrto avaliar a perda de uma única alma. Terrível será a condenação daquele a quem Deus disser: Retira-te, mau servo".[4])

CAPÍTULO XII

A IGREJA DE CRISTO NA ERA CRISTÃ

INTRODUÇÃO

O duodécimo capítulo do Apocalipse revela por meio de símbolos a tremenda batalha dos séculos entre as forças do bem e as do mal, entre a luz e as trevas, entre a verdade e o êrro. Seu simbolismo claro, lembra em primeiro lugar a origem do mal, para depois tratar dos já dezenove séculos de oposição cerrada da intolerância religiosa contra a igreja de Cristo. O capítulo deixa irrecusavelmente estabelecido o fato de que, na era cristã, a verdadeira igreja cristã não é a igreja dominante e aliada aos poderes seculares, mas uma igreja perseguida, fiel entretanto aos requisitos da Lei de Deus e do evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.

Segundo a ordem da visão a igreja é apresentada num glorioso símbolo, revelando sua pureza, sua divina justiça e seu fundamento profético. O grande adversário da igreja segue-a num emblema que revela sua guerra aberta contra ela para, se possível, destruí-la. Usando os poderes apóstatas da era cristã, procura oprimir a igreja numa guerra sem tréguas, derramando-lhe rios de sangue, porém, sem conseguir fazê-la desaparecer do mundo. Todavia, findando o capítulo, é apresentada a verdadeira igreja cristã de nossa geração e sua fidelidade aos "mandamentos de Deus" e ao "testemunho de Jesus Cristo".

O GLORIOSO SÍMBOLO DA IGREJA CRISTÃ

VERSO 1 — *"E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrêlas sôbre a sua cabeça".*

UMA MULHER

O primeiro símbolo desta profecia é uma mulher vestida gloriosamente com vestes celestiais. No capítulo dezessete apresenta-se uma outra mulher vestida, não com vestes celestes, mas com roupagens e adornos humanos, a qual é simbólica da igreja apóstata aliada aos poderes civis da terra, e chamada Babilônia. Porém, a mulher do capítulo doze, é simbólica da verdadeira e pura igreja de Cristo na era cristã. Isaías já se referira, no seu tempo, à igre-

ja, no símbolo de uma mulher.[1]) E S. Paulo, confirmando Isaías, diz: "Porque estou zelozo de vós com zêlo de Deus; porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo".[2]) Note-se a clareza do apóstolo: A igreja — uma mulher virgem, pura aliás; e Cristo — marido, de sua igreja. Como podemos entender que a igreja seja simbolicamente esposa de Cristo quando no capítulo vinte e um do Apocalipse, é mencionada a Nova Jerusalém como Sua esposa? Isto se explica no fato de que a igreja de Cristo é referida também com os nomes de Sião ou Jerusalém e "cidade santa".[3]) A conclusão a que chegamos é que a igreja é representante da Nova Jerusalém, a verdadeira esposa de Cristo, pelo que como tal é denominada.

Com isto é-nos revelado existir entre Cristo e Sua igreja a mesma intimidade, confiança e amor que há entre esposos reais. A igreja, considerada um componente do sexo frágil, é protegida e fortalecida por seu Todo-poderoso esposo nos seus combates seculares contra os poderes do mal. Se não fôra assim, a linguagem de S. Paulo seria outra.

AS VESTES DE SOL

Vimos que a mulher é a igreja de Cristo. Assim a gloriosa veste que ostenta não é terrena mas celestial como indica o símbolo solar que a representa. É a santa veste da justiça de Cristo a Quem ela pertence. Cada verdadeiro crente de Sua igreja está vestido com esta santa vestimenta. "Quando nos submetemos a Cristo, nosso coração une-se ao Seu coração, nossa vontade funde-se com a Sua vontade, nossa mente chega a ser uma com a Sua mente, os pensamentos se sujeitam a Êle; vivemos Sua vida. Isto é o que significa estar vestido com o manto de Sua justiça".[4])

Contemplada nas alturas siderais, entendemos que a igreja do Senhor, pôsto que no mundo, devia ilumina-lo com a luz de Sua justiça. "Vós sois a luz do mundo", dissera Jesus à igreja.[5] As brilhantes vestes da igreja ou o seu santo caráter, resplandecem através de suas obras feitas em harmonia com a justiça de Cristo.

A LUA COMO FUNDAMENTO

A expressão — tendo a lua debaixo de seus pés — revela que a igreja do Senhor Jesus funda-se numa base tão gloriosa e eterna como a própria lua. S. Pedro descobre-nos o alicerce básico da igreja de Cristo, nestas palavras: "E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrêla da alva apareça em vossos corações".[6]) E S. Paulo, confirmando S. Pedro, declara: "Edificados sôbre o fundamento dos apóstolos e dos pro-

fetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina".[1]) Pela palavra dos dois apóstolos dos quais não é possível duvidar, vemos a existência e tôda a vida da verdadeira igreja cristã dependentes exclusivamente do Velho Testamento — a palavra dos profetas — como seu indiscutível alicerce. Foi o Velho Testamento que Cristo tomou como base de Sua pregação e Sua vida. Foi o Velho Testamento que Êle mandou Seus apóstolos pregarem ao mundo, pôsto que não existia o Novo Testamento. O Novo Testamento é em realidade a pregação do Velho Testamento pelo ministério apostólico. O Velho Testamento é o pedestal do Novo Testamento; é o alicerce do edifício do Novo Testamento. Portanto, rejeitar o Velho Testamento como base da vida religiosa cristã, significa rejeitar incontinentemente o Novo Testamento, que é a estrutura do Velho Testamento.

Dêste modo, a igreja cristã, resplendente da luz solar da justiça de Cristo, lança sua luz para a lua do Velho Testamento como seu irremovível alicerce luminoso na noite dos séculos. E quão apropriado é dizer-se aqui que a Era Mosaica, longe de ter sido relegada, brilha pela luz refletida da era cristã, como a lua brilha refletindo a luz solar.

A COROA DE DOZE ESTRÊLAS

A coroa representa, em si mesma, a vitória da igreja cristã através dos séculos em todos os seus combates contra as forças do mal, bem como o seu triunfo final sôbre elas. A constelação de doze estrêlas que forma a coroa é emblema dos doze apóstolos, fato que em primeiro lugar confirma que a mulher é um símbolo da igreja cristã. Porém, ao usar estrêlas para figurar os doze apóstolos, a revelação indica o glorioso labor daqueles doze homens. As estrêlas incontáveis dos céus estão sob os cuidados do Criador, que a cada uma determinou um lugar para um determinado propósito nas imensidades siderais. Suas brilhantes luzes tiveram nÊle a sua origem, e, ao luzirem na vastidão da noite, declaram a Sua glória e anunciam as obras das Suas mãos. Assim sucedeu com os doze apóstolos. Fazendo-se discípulos dAquele que dissera — Eu sou a luz do mundo — tornaram-se luzes, e, levando a tôdas as terras a Sua luz, tornaram-se astros na noite dos tempos. Sôbre os que iluminam o mundo com a pregação da justiça divina, lemos: "Os entendidos pois resplandecerão, como o resplandor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como es estrêlas sempre e eternamente".[2])

Porém, a razão de somente os doze apóstolos figurarem na constelação que forma a coroa simbólica da igreja jaz no fato de terem sido êles os primeiros a desfraldarem a bandeira da cruz e do puro evangelho de Cristo ao mundo após a Sua ascenção e os pri-

meiros a se disporem a morrer para que Seu nome pudesse viver como esperança de milhões. Todos os apóstolos foram mártires. Segundo a tradição, Pedro foi crucificado de cabeça para baixo, em Roma; André foi crucificado numa cruz em forma de "X", na Grécia; Tiago, irmão de João, foi morto à espada, em Jerusalém, por Herodes Agripa; João, salvo por um milagre, dum caldeirão de óleo fervente, morreu de morte natural; Felipe foi açoitado e crucificado, na Frigia; Bartolomeu foi esfolado e depois crucificado de cabeça para baixo; Tomé foi atravessado por uma lança, na índia; Mateus foi martirizado na Etiópia; Tiago, filho de Alfeu, foi lapidado em Jerusalém; Tadeu foi crucificado em Edessa; Simão Cananita foi crucificado na Bretanha; e Matias foi apedrejado em Jerusalém. Mas todos são considerados estrêlas pela inspiração.

A MULHER ESTAVA GRÁVIDA

VERSO 2 — *"E estava grávida, e com dores de parto, e gritava com ânsias de dar à luz".*

Que a mulher é a igreja cristã do novo pacto temos demonstrado sobejamente. Que êste novo pacto, porém, já fôra feito anteriormente com os velhos patriarcas, com os profetas e com os verdadeiros israelitas, também não há dúvida. Êstes sinceros e reais crentes é que formavam a igreja do Novo Concêrto antes da era cristã. A ela foram feitas as promessas messiânicas, desde Adão. Dela deveria surgir o prometido Filho de Deus. E como anelavam aquêles fiéis servos de Deus o aparecimento do Messias, dizem-nos com clareza as mensagens dos profetas do Velho Testamento. Isto confirmou Jesus a Seus discípulos quando lhes dissera: "E, voltando-Se para os discípulos disse-lhes em particular: Bem-aventurados os olhos que vêem o que vós vêdes; pois vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vêdes, e não o viram; e ouvir o que ouvis, e não o ouviram".[1]) Aqui, revela-nos o próprio Senhor Jesus a ânsia da mulher ou da igreja, em dar à luz. Quantas súplicas subiram ao céu rogando a vinda do Messias, só Deus sabe. Quantos cânticos proféticos expressivos do mesmo desejo ascenderam ao céu, dizem bem claramente os salmos de Davi.

Durante 4.000 anos a igreja anelou ver e ouvir o Messias, que era a ânsia da mulher por dar à luz. Mas os bem-aventurados, dissera Jesus, eram os seus discípulos que, não só O viam e O ouviam, como O reconheciam verdadeiramente "Aquele de Quem Moisés escreveu na lei, e os profetas".[2]) Sim, afinal a mulher "deu à luz um filho". E Jesus nasceu entre Seu povo, Sua igreja, como O tendo ela dado à luz. Tudo isto testifica de que a mulher desta profecia não é a virgem Maria como alguns ensinam, a não ser que tôda esta revelação esteja em franca contradição consigo mesma.

UM GRANDE DRAGÃO VERMELHO

VERSOS 3-4 — *"E viu-se outro sinal no céu; e eis que era um grande dragão vermelho, que tinha, sete cabeças e dez chifres; e sobre as suas cabeças sete diademas. E a sua cauda levou após si a têrça parte das estrêlas do céu, e lançou-as sôbre a terra; e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe tragasse o filho".*

O SÍMBOLO DE DRAGÃO NA MITOLOGIA E NA PROFECIA

A profecia do dragão vermelho é uma das mais extraordinárias da inspiração e do Apocalipse. O emblema de dragão está ligado à história da mitologia dos antigos povos. Gregos, romanos e bizantinos adotaram a figura do dragão como expressão de força e poder. Do terceiro ao quinto séculos da era cristã, o dragão era, depois da águia, a principal insígnia das legiões romanas.

Outros povos antigos — cananeus, egípcios, assírios, babilônios, medas e persas, e outros — tinham também suas crenças mitológicas do dragão, tendo sido encontrada sua figura gravada em pedra em Persépolis e em Nínive. Também a era cristã, depois da queda de Roma pagã, não deixou de apontar aqui e ali a figura emblemática de dragão. Era símbolo da soberania céltica e figurava nos estandartes inglêses dos tempos pagãos no reinado de Henrique VIII. No século XVII foi encontrado nos primeiros mosquetes de guerra como também nos escudos dos guerreiros. E a moderna China conserva sua credulidade no dragão, herança de seus antepassados. Quatro são os dragões chineses: 1.) O Celestial, que guarda as mansões dos deuses. 2.) O Espiritual, que ordena os ventos para a chuva em benefício da humanidade. 3.) O da Terra, que determina o curso das águas. 4.) O dos Tesouros Ocultos. E até mesmo o próprio cristianismo atual manifesta suas crendices no dragão!

O dragão, porém, como pintado na tela da profecia do Apocalipse, é distinto de tudo quanto há na mitologia e na história sagrada concernente ao termo. O versículo nove do capítulo doze o define como figura de Satanás, ou, mais propriamente, segundo atestam suas características proféticas, como a personificação de um poder político liderado por Satanás para a consecução de seus fins. E a revelação não nos deixou às escuras quanto ao poder civil e religioso simbolizado pelo dragão sob a supervisão de Satã.

A ERA DO DRAGÃO VERMELHO

Diga-se antes de tudo, que nenhuma profecia da inspiração trata de acontecimentos anteriores à sua anunciação. Pois do contrário não seria ela uma profecia. Portanto, a profecia do dragão, dada a São João cêrca de 94 A. D., deve aludir a um poder domi-

nante de seu tempo, com prosseguimento futuro, ou inteiramente do futuro, nunca, porém, do passado. E isto é confirmado pela história profética do dragão (Apoc. 12) que o relaciona com a era cristã e o define como um poder perseguidor da igreja de Cristo do Novo Testamento.

O DRAGÃO VERMELHO E O QUARTO ANIMAL

Entre o dragão vermelho do Apocalipse doze e o quarto animal de Daniel sete, há perfeita identificação. Ambos não encontram paralelo na zoologia; ambos são terríveis e espantosos; ambos possuem 10 chifres; ambos estão ligados à história da Igreja Cristã. O quarto animal, segundo a própria revelação, é o quarto reino da terra que indubitàvelmente é Roma Pagã.[1]) Consequentemente, o dragão, que se identifica com o quarto animal, é também, logicamente, Roma Pagã. Tanto o quarto animal como o dragão vermelho, representam um e o mesmo poder, aliás — Satanás com a "toga romana". Tôdas as suas características e ações proféticas são evidentes afirmativas de que êle é Satanás e Roma irmanados num único objetivo — guerrear a verdade e o povo de Deus.

Em confirmação do exposto, refere a história que o dragão dos estandartes romanos era vermelho como o símbolo do Apocalipse. Ammianus Marcellinus escreveu — de "a púrpura padrão do dragão".[2])

Além disso, confirma a inspiração que, "conquanto o dragão represente primeiramente Satanás, é, em um sentido secundário, símbolo de Roma Pagã".[3]) Sim, secundàriamente é Roma e nenhum outro poder anterior ou posterior a Roma; pois a ela, como poder civil ligado ao dragão, é feita exclusivamente alusão.

Assim o dragão vermelho não pode ser simbólico de poderes antecessores a Roma — já porque nunca foram representados nas profecias como dragões; já porque, como aludido, os profetas nunca trataram em profecias, de poderes anteriores à sua época; já porque a revelação, aludindo ao dragão, é clara em assegurar tratar-se ùnicamente de Roma.

AS SETE CABEÇAS DO DRAGÃO

As sete cabeças do dragão são exclusivamente cabeças suas, próprias: "E tinha sete cabeças..." Vemos que pertencem ao corpo do dragão vermelho. Entre elas e o corpo não há a mínima discrepância racial ou política. No tempo e no espaço — dragão e cabeças — estão perfeitamente unidos num todo e num mesmo propósito. Elas são o próprio dragão e êle as próprias cabeças. Estas são cabeças diretivas do dragão. Cabeças e dragão são um todo unido em uma só época — a de Roma.

As sete cabeças possuem "diademas" ou coroas, evidência essa de que estavam em função na era do dragão vermelho e no momento da visão do Apocalipse. Em outros termos, as sete cabeças imperavam através do dragão e o dragão através delas. A inspiração jamais apontaria cabeças coroadas sem ação direta por meio dum corpo a que pertençam e êste por elas.

Em face de tudo isto, as sete cabeças são absolutamente romanas. E, se não o fôssem, a revelação teria cometido o maior dos descalabros, aliás, de revelar um corpo simbólico de um poder que ela mesma define como romano, e ajustar-lhe cabeças simbólicas de poderes não mais existentes e cujos sistemas governamentais jamais se igualaram ao de Roma ou lhe foram superiores. Só mentes desequilibradas pelo gérmem do erro e da presunção contra a verdade poderiam conceber um tal pensamento destrutor da beleza da revelação.

AS SETE CABEÇAS E OS DEZ CHIFRES

Os dez chifres vêmo-los primeiramente no quarto animal de Daniel sete, representativo de Roma Pagã. Êles, segundo o mesmo profeta, indicam a divisão décupla de Roma Pagã nos reinos que constituiriam a Europa moderna. Depois divisamos os dez chifres do quarto animal nas sete cabeças do dragão vermelho, o que comprova que o dragão e o quarto animal são, indubitàvelmente, o Império Romano que se dividiria em dez partes. Em outras palavras, as sete cabeças dividir-se-iam em dez partes, pois os dez chifres nelas estão, o que indica que elas são o dragão e o próprio Império Romano.

Outro fato notável, nos dez chifres, é que êles, tanto no quarto animal de Daniel sete como nas cabeças do dragão, não são coroados. Isto evidencia sobejamente que os reinos futuros por eles representados — a Europa atual — não exerciam nenhuma influência politicamente mundial na era do dragão ou enquanto se mantinha firme o poder romano dos Césares no Ocidente.

A teologia popular, porém, fundada em idéias humanas divorciadas da inspiração, pretende que, cinco das sete cabeças, designam não Roma, mas os cinco impérios antecessores de Roma — Egito, Assíria, Babilônia, Medo-Persa e Grécia. Todavia é evidente que os dez chifres estão divididos entre as sete cabeças e não sòmente entre as duas últimas. E nenhum dos oponentes, da teologia popular desejará afirmar que aquêles impérios sucedidos por Roma se dividiram em reinos, para contribuir na formação da Europa moderna. Pois seria mesmo ridícula a concepção de que aquelas potências pudessem formar um continente, dividindo-se para formá-lo, sem jamais ali terem exercido domínio e sem existirem em nenhuma parte do globo na época da formação da Europa. Fica as-

sim derribada a tentativa dos pretensos teólogos populares para estabelecer cinco das sete cabeças como representativas daqueles impérios anteriores e inferiores a Roma.

A BÊSTA DO CAPÍTULO TREZE E AS SETE CABEÇAS

A bêsta do capítulo treze é o mesmo Império Romano em sua nova fase — a Papal. Suas cabeças e dez chifres o identificam plenamente. As sete cabeças, embora não mais coroadas, são contudo cabeças vivas, pois as vemos blasfemando nesta nova etapa de Roma. E, em realidade, o único poder de que temos conhecimento profético que blasfemaria contra Deus, é Roma. As cabeças estão cheias de "nomes de blasfêmias". Êste fato é comprovante de que elas não podem representar poderes imperiais antecessores de Roma, pelo motivo de eles não terem sido cristãos mas adoradores de outros deuses. Só um poder que pretende ser cristão e adorar a Cristo e a Deus a seu próprio modo de ver, e não segundo Ambos pretendem, poderia blasfemar contra Eles. E êste poder é Roma. O profeta vê blasfêmias presentes e não passadas. Aqui está, pois, mais um comprovante de que as sete cabeças pertencem apenas a Roma e são romanas. Se não fossem cabeças romanas mas de poderes imperantes antes de Roma, não estariam vivas, mas mortas e sem qualquer ação mesmo no que respeita às blasfêmias que proferem.

A BÊSTA DO CAPÍTULO DEZESSETE E AS SETE CABEÇAS

A bêsta "cor de escarlata" do capítulo dezessete é o mesmo Império Romano; pois possui também sete cabeças, que são as mesmas do dragão e da bêsta do capítulo treze, bem como os 10 chifres. Uma mulher está assentada sobre a nova bêsta escarlata, que é, sem contestação, a igreja de Roma. Isto revela que tal igreja lideraria o Império Romano na fase papal. E nesta nova bêsta romana tudo continua vivo, pois ela está cheia de blasfêmias que só podem ser possíveis através de suas cabeças. Eis, assim, nova evidência de que as sete cabeças são realmente romanas e jamais representativas de potências mortas do passado. E, agora, notemos a evidente explanação que a própria inspiração, no capítulo dezessete, dá das sete cabeças: Veja-se a exposição de AS SETE CABEÇAS DA BÊSTA, no capítulo dezessete.

TESTEMUNHO DE EXPOSITORES DAS PROFECIAS

Numerosos expositores das profecias do Apocalipse dão seu depoimento interpretativo evidentemente igual ao dado até aqui sôbre o dragão e as suas sete cabeças. Tais depoimentos poderão ser surprêsa para os modernos intérpretes dêstes símbolos do Apocalipse; todavia constituem êles, como até aqui temos apreciado, uma

interpretação lógica, correta e indubitável. Seguem vários grupos diferentes de intérpretes da profecia do dragão e suas cabeças, ligados à Igreja Primitiva, ao Protestantismo, ao Grande Despertamento Religioso do Século XIX e aos Adventistas do Sétimo Dia:

1. A Igreja Primitiva: — "O dragão de Apocalipse doze era comumente aceito como Roma Pagã — o quarto na série dos quatro poderes mundiais de Daniel.[1])

2. No Segundo, Quarto e Quinto Séculos: — Tertuliano de Cartago (160-240); Vitorino, bispo de Pettau, Panônia Superior morto em 303 ou 304); Jerônimo (420).[2])

3. No Século Dezesseis: — Thomas Brihtman.[3])

4. No Século Dezessete: — Joseph Made; João Tillinghast; Tomas Goodwin; Villiam Serwin; Daniel Cramer; Thomas Allen; Roger William; Benjamin Arres.[4])

5. No Século Dezoito: — Isaac Newton; Theodores Crinsoz de Bionens; Aaron Burr; Isaac Backus; Thomas Newton; James Bieheno; David Austin; Joseph Galloway; Thomas Scott; Cotton Mather; Edward Jonathan.[5])

6. No Século Dezenove: — Lorenzo Gleming; George Storrs; Henry Gauntlett; Williams Jones, Thomas Keyworth; Elias Smith; Samuel Gousen; Edward Bishop Elliott; John Bayford; Timothy Dwight; *Joseph Lathrop; Amzi Armstrong;* John Schmucker; S. M. Mccorkle; Robert Reid; *Alexandre Campbell; John Thomas;* Robert Scoot; A. L. Crandall; *Isaac T. Hinton; George Junkin;* John Robinsons; Edward Winthrop.

7. No Século Dezenove pelos Principais Mileritas: — *William Miller; Josias Litch;* Carlos Fitch; Henry Jones; *Sylvestre Bliss; Apollis Hale;* José Bates; James White; Robert Winter.[6])

8. No Século Dezenove pelos Principais lideres Adventistas — 1844-1875: — *José Bates; James White; Eiran Edson; John N. Andrews;* Samuel W. Rhodes; Otis Nichols; George W. Holt; Merrit E. Cornell; *Joseph H. Waggoner; John N. Loughborough;* Stephen N. Haskell; Coodlos H. Bell; E. G. White; *Urich Smith.*[7])

Os nomes acima sublinhados interpretaram as sete cabeças do dragão como sete fórmulas do governo de Roma como demonstrado no capítulo dezessete versículos nove e dez.

SÃO DERRIBADAS AS PRETENSÕES DA ALTA CRÍTICA

Esta exposição — bíblica e histórica — do dragão e suas sete cabeças, evidentemente lógica, é uma debacle nas pretensões contraditórias da tal crítica que pretende explanações fantasiosas incluindo poderes desaparecidos e antecedentes de Roma como cumpridores da profecia no que respeita às cinco primeiras cabeças do dragão, indo ao ponto de até incluir, entre as sete cabeças, poderes que jamais reinaram nas sete colinas, como — o Exarcado de Ravena

os Estados Unidos, a Imagem da Besta, o Protestantismo, a França, as Nações Unidas e Satanás!

Um dos fantásticos intérpretes da alta crítica chega até a reservar três cabeças para o Papado, quando o anjo que expunha o significado das sete cabeças ao profeta declarou que depois da sexta cabeça — a Imperial — viria somente uma, a sétima, que é em verdade o Papado. Sim, esta classe de intérpretes pretende possuir uma visão mais lúcida que os próprios anjos que assistiram os profetas que estas revelações receberam! Afastando-se do texto da inspiração e da história que o cumpre, lançam suas fantasias interpretativas no mercado da credulidade popular e mesmo ante seus próprios discípulos que os fazem propagadores de seus erros, sendo assim vilipendiada a divina inspiração.

Que o Todo-poderoso nos ajude a crermos na revelação como ela foi comunicada da parte do céu a nós. Renunciemos as interpretações absurdas e sem fundamento nas Escrituras Sagradas e na História, e conheceremos cada vez mais a verdade em sua meridiana beleza, e, por ela, ligar-nos-emos mais estreitamente ao Salvador Jesus, e Êle por certo nos salvará em Sua segunda vinda que logo tomará lugar.

A CAUDA DO DRAGÃO

Parte de sua força está em sua cauda que representa a astuta maneira com que enganou a terça parte dos anjos, enquanto as cabeças e os chifres apontam seus agentes e colaboradores humanos especiais.

O DRAGÃO PAROU DIANTE DA MULHER

Conhecedor profundo das profecias messiânicas, Satanás vigiou o tempo do nascimento de Jesus na esperança de tragá-Lo ao nascer. Que o Filho da mulher é Cristo, atesta o versículo cinco que diz ter Êle sido arrebatado para Deus e Seu trono. Através de Herodes, intentou Satanás na matança das criancinhas de Betleém, eliminar a Jesus entre elas.[1]) Herodes era um representante de Roma, e, através deste poder Satanás, por meio dele, procurou eliminar o Filho de Deus. Também Sua crucificação foi um ato resultante dum decreto de Roma. Segundo consta, a sentença de Pilatos foi encontrada por um dos cruzados de Godofredo de Boullion, em Jerusalém, e assim reza:

"Neste ano, 19 do reinado de Tibério, Imperador Romano de todo o mundo e monarca invencível; 321 da Olimpíada; 124 da Ilíada; 4187 da criação do mundo, segundo os hebreus; 73 da progênie do Império Romano e 1207 da independência da Babilônia, sendo governador da Judéia, Quintino Sérvio; Regente o Governador de Jerusalém, o gratíssimo Presidente Pôncio Pilatos; Gerente

da Galiléia, Herodes Antipas; Pontífices do Sumo-sacerdote, Caifás; magnos do Templo, Ali Ismael; Robam Achabel, Franchino Centauro; cônsules romanos na cidade de Jerusalém, Quintino Cornélio Sublime e Sixto Pompilio Rusto; hoje, dia 25 de março, Eu, Pôncio Pilatos, aqui Presidente do Império Romano, dentro do Palácio e arqui-residência, julgo, condeno e setencio à morte Joshua, chamado pela plebe — Cristo Nazareno — e galileu de nação, homem sedicioso contra a Lei Mosaica e contrário ao Grande Imperador Tibério César.

"Determino, ordeno por esta que se lhe dê a morte na cruz, sendo pregado com cravos como os réus, porque congregando por aqui muitos homens ricos e pobres, não tem cessado de promover tumultos por toda a Judéia, dizendo-Se Filho de Deus, Rei de Israel, ameaçando com a ruína Jerusalém e o Sacro-Templo, negando o tributo a César, e tendo ainda o atrevimento de entrar com ramos e em triunfo e com parte da plebe dentro de Jerusalém; que seja ligado e açoitado, e que seja vestido de púrpura e corrido de alguns espinhos, com a própria cruz aos ombros para que sirva de exemplo a todos os malfeitores; e que juntamente com Êle, sejam conduzidos dois ladrões homicidas; e sairão pela Porta-Sagrada, hoje Antonina, e que se conduza Joshua ao monte público da Justiça, chamado Calvário, onde crucificado e morto, ficará Seu corpo na cruz como espetáculo para todos os malvados, e que sobre a cruz seja pôsto um título em três línguas: hebraica, grega e latina. 'Joshua Nazarenus Rex Judaeorum'.

"Mando também que nenhuma pessoa de qualquer estado ou condição se atreva temeràriamente a impedir a Justiça por mim ordenada, administrada e executada com todo o rigor, segundo os decretos e leis romanas; quem tal ousar será acusado de rebelião e sofrerá as penas respectivas; Testemunhas: pelas 12 tribos de Israel, Rabain Daniel; Rabain Janin; Boncar Barbassu; Lobi Peluculani; pelos fariseus: Rubzia, Simeão, Ronol, Rabani, Mondoam, Buncorfosi; pelos hebreus: Nitaubeta; pelo Império e Presidente de Roma: Luxio Lexhitio, Amasso Chilio".[1])

A SUPREMACIA DE CRISTO

VERSO 5 — *"E deu à luz um filho, um varão que há de reger todas as nações com vara, de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o Seu trono".*

PORQUE ÊLE É DIVINO

Pois Ele é Filho de Deus disto testificando Seu próprio Pai.[2]) Como Filho de Deus é a "expressa imagem do Pai".[3]) Quando na terra, dirigia-se a Deus como Pai.[4])

Jesus é chamado também Deus, sendo este o evidente testemunho mesmo de Seu Pai.[1])[2]) Pois Êle disse: "Eu e o Pai somos um".[3]) E, como Deus que é Jesus, vive por Si só, emancipado pelo Pai.[4])

PORQUE ÊLE É PREEXISTENTE

Não devemos julgar que a existência de Cristo data apenas de Seu nascimento da virgem Maria. Diz o profeta: "E tu, Betleém, Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade".[5]) São Paulo declara que Êle "é antes de todas as coisas", e Êle mesmo diz existir antes que que o mundo existisse.[6])[7])

Se Cristo não fora preexistente, Seu nascimento não teria sido sobrenatural e não poderia ser Êle o Salvador do mundo.

PORQUE ÊLE É O CRIADOR DE TUDO

Seu amado apóstolo escreveu que Êle estava no princípio com Deus e que nada foi feito sem Êle.[8]) S. Paulo, confirmando, diz: "Porque nÊle foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por Êle e para Êle"[9]) Tudo quanto existe nos três reinos da natureza, foi criado por Cristo, e Êle é a vida de Sua criação, o seu guia e o seu mantenedor supremo.

PORQUE ÊLE É TODO-PODEROSO

Tudo subsiste por Seu poder. "Êle é antes de tôdas as coisas e todas as coisas subsistem por Êle".[10]) Pela palavra do Seu poder é todo o universo sustentado.[11]) Pessoalmente dissera exercer todo o poder nos céus e na terra.[12]) O mar da Galiléia é uma das eloquentes testemunhas oculares de Seu sobrenatural poder sobre as obras da natureza e seus elementos, ao acalmar naquele mar duas tempestades e caminhar por cima de suas águas revoltas.[13]) Tôdas as obras que Jesus operara na terra, testificaram que Êle é o Todo-poderoso.

PORQUE ÊLE

E' Reis dos reis e Senhor dos senhores.[14]) E' homem universal — chama-Se "Filho do Homem". E' imutável: "Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente".[15])

PORQUE ÊLE TINHA PODER

Para ler os corações;[1]) para anunciar o futuro;[2]) para criar;[3]) para dar vida;[4]) Para perdoar pecados;[5]) para receber adoração;[6]) para curar enfermidades;[7]) para transformar os corações;[8]) para ressuscitar os mortos.[9])

PORQUE SÓ ÊLE PODIA DIZER

"Eu Sou o caminho, a verdade e a vida";[10]) "Eu Sou o pão da vida";[11]) "Eu Sou o bom pastor";[12]) "Eu Sou a porta das ovelhas";[13]) "Eu Sou a videira verdadeira";[14]) "Eu Sou a ressurreição e a vida";[15]) "Eu Sou a luz do mundo";[16])

PORQUE A SUA VIDA TERRENA FOI ANTECIPADA PELA INSPIRAÇÃO

Os antigos profetas que predisseram o Seu primeiro advento, delinearam pormenorizadamente a Sua vida terrena, desde o Seu nascimento à Sua ascenção. Sua biografia foi, séculos antes de Êle nascer, revelada pela inspiração como uma prova indiscutível de Sua divindade. Na Sua vida e ministério cumpriu Êle todos os requisitos das profecias que Lhe diziam respeito. Depois de Sua ascenção, cumpriram-se através dos séculos, até nossos dias, as previsões que pessoalmente fizera aos homens. Foi Êle o inspirador quer do Velho quer do Novo Testamento. Todos os grandes acontecimentos da história do mundo Êle os revelou antecipadamente aos homens. Numa palavra — Cristo é o coração da história, e, portanto, Sua supremacia na própria história, não necessita ser discutida. Aquele a quem a inspiração apresenta como O "que há de reger todas as nações com vara de ferro", isto é, com justiça imparcial, equitativa a todos, não pode de modo algum ser considerado um simples homem. Acatêmo-Lo, pois, como divino e terno Todo-poderoso.

O TESTEMUNHO DOS GRANDES

"Lemos que recentemente foi descoberta, em Roma, na livraria dos Padres Nazaristas, uma carta escrita por Públio Lêntulo, oficial da corte de Pôncio Pilatos, ao imperador romano, César. Esta carta é traduzida como segue:

"Eu soube, ó César, que desejavas algumas informações a respeito desse virtuoso homem chamado Jesus, o Cristo, a quem o povo considera profeta e Seus discípulos O têm como o Filho de Deus, Criador do céu e da terra. E' fato que todos os dias se ouvem coisas maravilhosas ditas por Êle. Para abreviar, Êle ressuscita mortos e cura doentes.

"E' um homem de estatura média, cuja aparência demonstra tanta doçura e dignidade, que se sente, ao olhar para Êle, que se deve amá-Lo e ao mesmo tempo temê-Lo... Todos acham Sua conversa agradável e atrativa. Se desejas vê-Lo, ó César, conforme uma vez me escreveste, faze-me saber, e eu tO enviarei.

"Embora nunca tenha feito qualquer estudo, é versado em todos os ramos de conhecimento... Muitas pessoas fazem gracejos dÊle ao vê-Lo vir vindo, mas, logo que estão em Sua presença, tremem e O admiram.

"Os hebreus dizem que nunca viram um homem como Êsse, nem ouviram ensinos como os que Êle ministra. Muitos crêem que Êle é bom, e outros asseveram que é teu inimigo, ó César. Êsses maus judeus dão-me muita perturbação. Dizem que Êle nunca perturbou a ninguém, mas que, ao contrário, procura levar felicidade a todos".[1])

Napoleão, quando exilado em S. Helena, pronunciou, talvez, o maior testemunho sobre Jesus. Em resposta ao general Bertrand que argüia contra a divindade de Cristo, disse: "Conheço os homens, e vos digo que Jesus Cristo não é um homem... Tudo a Seu respeito espanta-me. Seu espírito causa-me respeito, e Sua ordenação confunde-me. Não há comparação possível entre Êle e algum outro ser no mundo. Êle é verdadeiramente um Ser por Si mesmo... Seu nascimento e a história de Sua vida, a profundeza de Sua doutrina,... Seu evangelho,... Seu império, Sua marcha através dos séculos — tudo é para mim uma maravilha, um mistério insolúvel. Ainda que eu me achegue e examine rigorosamente, tudo está acima de mim, grande com uma grandeza que me abisma... Alexandre, César, Carlos Magnos, e eu fundamos impérios. Mas em que baseamos as criações de nosso gênio? Na força. Jesus Cristo foi o único que fundou Seu império no amor; e a esta hora milhões morreriam por Êle. Quanta imperfeição encontramos nos sêres humanos, excepto em Cristo!... De princípio ao fim Êle é sempre o mesmo — majestoso e simples; infinitamente forte e infinitamente dócil... Cristo provou que Êle era o Filho do Eterno por Seu menosprêzo do tempo. Toda a Sua doutrina significa apenas uma e a mesma coisa — Eternidade!... Que prova da divindade de Cristo! Com um império tão absoluto, Êle tem somente um alvo — a perfeição espiritual dos indivíduos, a pureza da consciência, a união com a verdade, a salvação da alma... Eu estou em Santa Helena,... encadeado nesta rocha... Você (general Bertrand)... partilha e consola meu exílio... (a voz do imperador treme de emoção). Logo eu estarei em meu sepulcro.. . Morro antes do meu tempo; e meu corpo morto deverá retornar à terra, para tornar-se alimento dos vermes. Vejo o destino próximo daquele a quem o mundo chamou o Grande Napoleão!"[2])

Abraão Lincoln, o grande estadista norte-americana, dá também o seu eloqüente testemunho em favor da supremacia de Cristo, dizendo: "Eu sei que há Deus e que Êle abomina a injustiça da escravatura. Eu percebo a chegada da tempestade, e sei que Sua mão está nela... Eu nada sou, mas a verdade é tudo. Eu sei que estou certo, porque eu sei que a liberdade é justa, porque Cristo a ensinou, e Cristo é Deus".[1])

A FUNDAÇÃO DO CRISTIANISMO

O tempo que mediou entre o nascimento e a ascenção de Jesus, como mencionado no versículo cinco, foi o tempo da fundação do cristianismo. Não quer dizer isso que o cristianismo não existisse antes. Sua fundação remonta ao princípio do mundo, quando o homem caído ouviu pela primeira vez, no Éden, a primeira profecia messiânica ou cristã. Referindo-nos à sua fundação, porém, nos dias de Cristo e por Cristo, tão somente queremos dar-lhe o cunho de Cristo como seu fundador pessoal e pessoal expositor de suas bases aos homens. O poder do cristianismo é o próprio poder de Cristo. Como plano divino para salvar o impenitente pecador, não encontra êle rival em nenhuma religião de outro cunho, embora existam às centenas no mundo. Sua fôrça moralizadora não encontra paralelo na história da humanidade. Sua marcha vitoriosa através das inúmeras vicissitudes dos séculos, escuda-se, na própria vitória pessoal de Cristo sobre Satanás e seus agentes humanos.

O CRISTIANISMO LEGÍTIMO

Ao nos referirmos ao cristianismo queremos aludir ao cristianismo executor, na prática e na pregação, das idéias de Cristo e Seus ensinos contidos nas Escrituras do Velho e do Novo Testamento. Ambos os Testamentos foram inspirados por Cristo, e encerram, portanto, as bases do são e verdadeiro cristianismo. Mas, o estado do cristianismo historicamente dominante é constatado pelo estado do mundo de sempre, mòrmente em nossa geração. Evidentemente, o pomposo cristianismo da época é humano, pois não tem forças para erguer o mundo do caos em que se encontra e moralizá-lo. Os cristãos deixaram de viver e anunciar o sublime cristianismo de seu fundador, e daí os incrédulos e ateus zombarem dele como se fosse o que eles patenteiam nas vidas dos cristãos e religiões cristãs.

Diz-se que Mahatma Mohandas Karamchand Gandhi, o falecido sábio, filósofo e líder político e religioso de milhões de Hindus, foi nomeado professor, certa feita, do Colégio Nacional de Ah-medabad. Certa vez perguntou Gandhi a seus alunos: "Que quereis que vos ensine?" E eles responderam-lhe dizendo: "Ensinai-nos religião". "Assim Gandhi, o mais conspícuo dos homens da

Índia, sentou-se para ensinar religião aos seus alunos. E de que lhes falou? Falou-lhes, porventura de Guatama, que plantou os alicerces do Budismo? Não. Falou-lhe de Confúcio, o fundador da doutrina chinesa? Não. Falou-lhes de Maomet, profeta de centenas de milhões na Índia e em todo o mundo? Não. O grande sábio declinou dessas figuras, para contar a seus discípulos a história de Jesus — Sua pureza, Sua bondade, Sua paciência, Seu amor. Falou-lhes do Seu sermão na montanha, Seu serviço entre os famintos e nus, os doentes e mortos. 'Isto', disse êle, 'é religião pura e incontaminada'. 'Mas', continuou, 'enquanto eu vos apresento os ensinos e a vida de Jesus, como a religião mais pura, desejo fazer-vos compreender que há uma grande diferença entre Jesus, o Cristo, e o Cristianismo. Nem todos os que se chamam pelo nome de Jesus são de Jesus. Nações que se ufanam de ser consideradas cristãs, em suas ações negam a religião de Cristo; povos que se dizem cristãos, muitas vêzes em sua vida difamam a Jesus. Admiram a Jesus mas não praticam o Cristianismo"'.[1])

Falou Gandhi a verdade sobre o cristianismo de nosso século? Sim; asseverou que os cristãos não praticam o cristianismo como vivido e ensinado por Cristo. Foi uma grave porém verdadeira denúncia de um homem pagão, grandemente admirado no mundo. "Admiram a Jesus mas não praticam o cristianismo"! Terrível, sim, terrível denúncia. Outros testemunhos idênticos poderiam ser aqui inseridos. Mas o de Gandhi já nos deixa perplexos; basta.

Na verdade não podemos entender o cristianismo atual. O mundo nunca viu tantos templos cristãos; nunca tantas datas tidas como cristãs, foram comemoradas; nunca tanta literatura cristã fora editada. Até mesmo o vívido "Drama da Paixão" é encenado e filmado. Todavia nunca foi o cristianismo tão desprovido de poder e espiritualidade como no presente tempo.

PODEMOS VIVER HOJE O CRISTIANISMO REAL?

Há plausível diferença entre a religião cristã verdadeira e a religião cristã modernizada. "O apóstolo São Paulo mostrou que a religião não consiste de ritos e cerimônias, credos e teorias. Paulo ensinou que religião é uma energia prática e salvadora, um princípio inteiramente de Deus, uma experiência pessoal de poder transformador de Deus sobre a alma".[2]) "A religião do evangelho é Cristo na vida; um princípio vivo e ativo. E' a graça de Cristo revelada no caráter, demonstrada em boas obras".[3]) "A religião não é meramente uma emoção, um sentimento. E' um princípio que está entrelaçado com todos os deveres diários e transações da vida".[4]) "A religião não consiste meramente num sistema de doutrinas sêcas, mas na fé prática que santifica a vida e corrige a conduta do indivíduo no círculo da família e na igreja".[5])

Se quisermos, poderemos ser verdadeiros cristãos e viver a verdadeira religião prática do Cristo, se tão somente a Êle fizermos uma entrega incondicional de nossa vida para vivermos Sua vida. "Um jovem pintor que estudava sob a direção de um grande mestre, chegou um dia ao "Studio" e pediu o pincel do mestre. Recebendo-o foi muito contente para o seu trabalho. Decorrido algum tempo, voltou declarando que não pintava melhor com êle do que com o seu. Um criado do "Studio", ouvindo a queixa do moço, disse-lhe: 'Não é do pincel do mestre que o senhor precisa, é do seu talento'".[1])

Sim, o cristão carece do talento do Mestre para pintar na sua vida o quadro da verdadeira religião de Cristo. O sacrifício da cruz deve ser reconhecido na sua grandeza por todos quantos esperam ser cristãos resgatados por Cristo para a vida eterna. Devem reconhecer a cruz como um serviço diário imposto a eles em prol de outros. Não é possível conceber-se um cristão que nada faça para difundir a gloriosa salvação de que êle próprio foi alvo.

Conta-se que, "no fim da Segunda Guerra Mundial, os soldados norte-americanos aquartelados numa aldeia alemã bombardeada começavam a ajudar os habitantes a remover e a reparar as casas atingidas. A igreja semi-destruída era o principal problema. Pouco a pouco, foram tapando as fendas das paredes e do teto. E um dia começaram a ajuntar os fragmentos de uma estátua de Cristo que tombara do altar-mór. Quando repuseram a estátua no pedestal, parecia quase nova. Faltavam-lhe, porém, as mãos de mármore, que não foram encontradas. Os soldados escreveram, então, ao pé da imagem do Salvador, esta linha lapidar: 'Não tenho outras mãos que não as vossas'".[2])

Sim, as mãos de Cristo, agora, na terra, são as mãos daqueles que reconhecem que Êle os salvou. Eis o verdadeiro cristão: Vive e trabalha para Cristo de Quem deriva o nome. Êle vive de tal modo a demonstrar que valeu a pena o Salvador ter dado Sua vida divina para remí-lo.

Dêste modo temos demonstrado que a religião cristã é uma energia viva propulsora da vida do cristão. Vivamos o são cristianismo e um dia alegrar-nos-emos em sermos recebidos por Cristo em Seu eterno reino de amor.

A MULHER FUGIU PARA O DESERTO

VERSO 6 — *"E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias".*

Ao ver-se vencido mais uma vez por Cristo e compreendendo que a morte do Filho de Deus assegurara a sua futura destruição no tempo que êle bem compreendia, Satanás enfureceu-se sobremaneira

e procurou vingar-se na mulher, a igreja, que teve de fugir das vistas de seus agentes para um lugar provido por Deus, isto é, para o deserto. Durante 1260 dias ou 1260 anos, como temos demonstrado no capítulo onze, Deus a guardou num esconderijo seguro, tal a ira do dragão, para que ela pudesse subsistir. Os versículos treze a dezesseis pormenorizam mais os sucessos de todos estes séculos,

A ORIGEM DO MAL

VERSOS 7-9 — *"E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos; mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou no céu. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás que engana todo o mundo; êle foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com êle".*

A INCONTESTÁVEL EVIDÊNCIA DO MAL

A origem do mal é um tema que preocupa a milhões. Na verdade a existência do mal não pode ser jamais negada. O mal transborda inteiramente o mundo, manifesta-se em todos os seus setores, assalta os seres humanos e até mesmo os irracionais não perdoa. Qual é a origem do mal?

Há entre os homens algumas hipóteses incorretas sôbre a origem do mal. Alguns dizem que os homens criaram o mal. Mas, embora seja certo que eles praticam o mal, é também certo que êles não nasceram maus. Êles aprenderam com alguém a praticar o mal mesmo antes de terem consciência dêle. Outros, mais ousados, dizem que foi Deus quem criou o mal.

Certa vez nascera uma menina sem seus dois pés. Ao crescer e ver as outras crianças correrem e brincarem, perguntou à sua mãe. "Maezinha, onde estão os meus pés?" A mãe, fazendo um esforço tremendo para conter as lágrimas, respondeu: "Querida, Deus não te deu pés..."[1]) Mas a declaração da mãe foi injusta e contra Deus, como veremos ao tratarmos sôbre o verdadeiro autor do mal.

Outros afirmam que todos trazem a sua sina e o seu destino traçado por Deus e até mesmo a hora da morte. A isto perguntamos: Criou Deus homens para serem ladrões, assassinos, guerreiros, orgulhosos, imorais, etc.? Criou Deus seus filhos para sofrerem e depois matá-los sob as rodas de um trem, de um automóvel ou de qualquer outro modo e num dia que determinou para assim dar fim dêles? Se Deus tudo isto fizesse e consentisse, Êle nunca seria Deus. Os que O acusam de que Êle quer que isto e aquilo aconteça a Seus filhos e que lhes marcou até o dia da morte, deviam pensar sèriamente na responsabilidade que assumem em assim O

acusarem. Deus não é o Autor do mal. Êle é o Autor de todo bem. Aquêle Deus que deu o Seu próprio Filho para salvar a humanidade de perecer não pode e não deve ser considerado Autor do mal. No entanto o mal existe e os homens aprenderam a praticá-lo. E com quem o aprenderam?

O caráter do mal prova que êle é instigado. Conta-se que um automóvel, certa vez, andava perfeitamente sem chofer. Porventura andava, em verdade, por si só? Não, alguém guiava os seus movimentos por ondas elétricas, de uma cabine. Diz-se, também, que um avião sem piloto e com quatorze passageiros, decolou na Terra Nova, atravessou o Atlântico e aterrizou num aeródromo perto de Londres, sem a menor novidade. Agiu êle por si só? Não, alguém o comandava de uma cabine, em terra, por ondas elétricas.

Assim é o mal. Êle não é natural do homem. O homem não foi criado com êle nem para êle. Como nos casos do automóvel e do avião, há alguém que está atrás da maldade, inspirando-a. Se o homem pode dirigir um automóvel e um avião sem tocá-los com suas mãos, alguém pode dirigi-lo na prática do mal sem lhe pôr as mãos. Daí o homem executar o mal por alguém inteligente que às ocultas o obriga a cometer.

QUEM É RESPONSÁVEL PELA ORIGEM DO MAL?

Antes de tudo notemos o que dissera Jesus aos judeus que queriam matá-Lo: "Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai: êle foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nêle; quando êle profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira".[1]) Daí o testemunho indubitável de Cristo de que o diabo é quem inspira os homens a praticarem o mal. Mas, há quem pergunte: Donde veio o diabo? Deixemos que Jesus responda: "E disse-lhes: Eu via Satanás, como um raio, cair do céu".[2]) Então, se Satanás caiu do céu, e o testemunho de Cristo não pode ser contraditado, criou Deus a Satanás, porventura? A isto respondemos como já dito, que Deus não é o Autor do mal e muito menos de Satanás.

A ORIGEM DE SATANÁS

Como constatamos pela afirmativa de Jesus, Satanás "caiu do céu". E São Paulo diz-nos que êle é um anjo caído.[3]) Êle não foi, entretanto, criado um Satanás. De seu primitivo estado é dito o seguinte: "Tu estiveste nas delícias do paraíso de Deus: o teu vestido estava ornado de toda a casta de pedras preciosas: o sárdio, o topázio e o jaspe, a crisólita, e a cornelina, e o berilo, a safira, e o carbúnculo, e a esmeralda e o ouro, tudo foi empregado em

realçar a tua formosura: e os teus instrumentos foram preparados no dia em que foste criado. Tu eras um querubim, que estendia as suas asas, e protegia a arca, e o propiciatório, e eu te pus sobre o monte santo de Deus, tu andaste no meio de pedras incendidas".[1])

Notemos, pois, a honrada posição que Satanás, antes Lúcifer, ocupava no céu: ",.. Estendia as suas asas, e protegia a arca, e o propiciatório". Em outras palavras, sua posição era a de guardião da arca da Lei básica do governo universal de Deus. Deus não lhe podia ter conferido posição mais honrada do que esta.

Mas um grande desastre sucedeu um dia com Lúcifer. Diz o profeta: "Prefeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniqüidade em ti".[2]) Sua criação foi obra prima de Deus. Um dia, porém, achou-se pecado nele. Era a primeira vez que o pecado se manifestava no universo. Surgiu em Lúcifer pela primeira vez. Êle não se contaminou pelo pecado de alguém; foi nele que se originou o pecado. E como se originou nele o mal, sendo êle perfeito, glorioso e grandemente honrado por Deus com a maior posição celestial? Isto o mesmo profeta nos responde: "Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor".[3])

Sim, Lúcifer olhou para si mesmo, viu-se coberto de glória e beleza, chamou a atenção para si mesmo e creu que sua posição era inferior à que êle achava merecer. Achou que Deus fora injusto em não igualá-lo em posição a Seu Filho, colocando-o no trono junto de Si e fazendo-o participante de Seu govêrno universal. Daí, não podendo, por direito, galgar a posição que ambicionava, formulou um plano para exaltar-se a si mesmo.

"Eu subirei ao céu", dizia Lúcifer no seu "coração"; "acima das estrêlas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, da banda dos lados do norte. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo".[4]) Sua revolta começou no seu coração. Seu plano no seu coração foi bem definido: 1) Galgar uma posição mais exaltada; 2) um reino onde êle fosse o soberano do trono; 3) ser igual a Deus. Iniciou então por espalhar o descontentamento entre os anjos, inocentes e apresentar-lhes o seu plano dum govêrno à parte, fazendo-lhes inúmeras promessas se o acompanhassem em derrubar o govêrno de Deus para estabelecer a chamada "nova ordem" que tinha em vista. E na verdade conseguiu êle seduzir a têrça parte dos santos anjos e arrastá-los para a sua órbita.

Deus, porém, fêz tudo para salvar Lúcifer e os anjos que o apoiaram, da ruína que se seguiria se persistissem na rebelião. Todavia os rebeldes recusaram todo o conselho para se submeterem ao amoroso amor infinito como até ali o haviam feito. Diante da ousada recusa, determinou Deus que os rebelados fossem expulsos do

céu. Foi então que houve batalha no céu: Miguel e os Seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos". Miguel, que significa: "Semelhante a Deus", é Cristo, o que pode ser comprovado por vários textos das Escrituras.[1]) Mas os amotinados não prevaleceram. Foram expulsos do céu e precipitados na terra: "E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamado o Diabo e Satanás,... êle foi precipitado na terra e seus anjos foram lançados com êle".

SATANÁS ENGANA TODO O MUNDO

E' êle o autor de toda a perversão que há no mundo. Suas primeiras vítimas foram os nossos primitivos pais no jardim do Éden. Fê-los crer que, obedecendo antes a êle do que a Deus, seriam mais felizes. E o resultado de ter o casal dado ouvidos antes às suas insinuações do que a Deus, tem o mundo visto por cêrca já de 6000 anos. Êle perverte os corações e transtorna os indivíduos, as sociedades, as corporações, as nações, etc.: joga uns contra os outros e faz crer que todos têm razão. Mantém a todos empenhados numa terrível batalha sangrenta. Ódio, orgulho, latrocínios, vingança, guerras, crimes, imoralidades, perversidade, desonestidade — é a sua ordem do dia ininterrupta através dos séculos, de milênios. "Todo o mundo", diz S. João, "está no maligno".[2]) Satanás é o verdadeiro autor de todo o sofrimento e da morte.[3])

Jesus adverte-nos contra os enganos de Satanás: "Acautelai-vos", diz Êle "que ninguém vos engane".[4]) E o pior engano é o engano religioso. Deus e Seu Filho têm na terra uma única igreja. Satanás criou centenas de credos com dogmas anti-evangélicos e pôs nêles o nome de Deus e de Cristo, para confundir os homens e evitar que encontrem a verdadeira igreja cristã. Seus mais perigosos agentes são assim descritos: "Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo. E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. Não é muito pois que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça: ao fim dos quais será conforme as suas obras".[5])

Ao atormentar Satanás a humanidade com toda a sorte de males, o faz, não porque a odeie, mas porque ela pertence a Deus e a Jesus. Assim, nela, êle vinga-se da derrota que lhe infligiram o Pai e o Filho e também do futuro castigo que seguramente lhe sobrevirá.

POR QUE DEUS NÃO EVITOU QUE SATANÁS PECASSE?

Eis uma interrogação que preocupa a muitos. Crêem que Deus poderia ter evitado o pecado de Satanás e bem assim a propaga-

ção do mal. Na verdade Deus tinha poder para fazer isto. Mas, evitar que os Seus cometam o que desejam é contrário ao Seu caráter como Deus. Êle não pode trazer os Seus filhos em sujeição de modo a controlá-los como simples autômatos. Como Seus filhos poderiam amá-Lo com sinceridade e serem-Lhe leais se os trouxesse em sujeição?

Para que todos os filhos de Deus pudessem amá-Lo e apreciar Seu amor, deu-lhes Deus capacidade para decidirem seu próprio destino — se querem ou não servi-Lo e amá-Lo. Deus só aceita um culto de amor e não um culto por coação. O perigo jaz em fazerem os Seus filhos mau uso do dom do livre arbítrio com o que os dotara.

POR QUE DEUS NÃO DESTRUIU SATANÁS IMEDIATAMENTE AO PECAR?

Esta é outra interrogação que deixa a muitos em perplexidade. Acham que se Deus assim agisse, teria evitado que os outros anjos pecassem e que o mundo fosse infeliz. Mas Deus não pensa como o homem pensa. Quais seriam as consequências se Deus destruísse Satanás imediatamente no seu pecado? O universo inteiro não tinha entendido ainda os planos de Satanás. Se destruído logo, os anjos e o universo desconfiariam de Deus e pensariam que Satanás tinha razão e por isso Deus o destruíra. Deus seria olhado por Seus filhos como um tirano e por eles servido pelo temor.

Assim achou Deus melhor deixar o caso de Satanás amadurecer. As obras dele deveriam ser manifestas em toda a sua realidade. O universo deveria entender o verdadeiro caráter de sua rebelião. Deus, sendo amor e justiça, assim deveria agir, como o fez. E na verdade o universo já compreendeu tudo. Dissera Jesus uma vez: "E Eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim".[1]) Ao morrer Jesus na cruz, todo o universo entendeu perfeitamente o caráter de Satanás e suas obras. Deus esperou mais de 4000 anos até que suas obras amadurecessem. A morte de Jesus revelou Deus como justo e Satanás como assassino. Sua sentença de morte foi lavrada pela morte de Jesus, e o dia virá em que ela será executada.

O ACUSADOR FOI DERRIBADO

VERSOS 10-12 — *"E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino de nosso Deus, e o poder de seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante de nosso Deus os acusava de dia e de noite. E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra de Seu testemunho; e não amaram as suas vidas, até à morte. Pelo que alegrai-vos, ó céus, e vós que nêles habitais. Ai dos que habi-*

tam na terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo".

Êstes versículos cumpriram-se inteiramente na crucificação de Jesus. Ao expirar o Senhor, vitorioso sôbre Satanás, êste "viu que estava desmascarado. Sua administração foi exposta perante os anjos não caídos e o universo celestial. Revelara-se um homicida. Derramando o sangue do Filho de Deus, desarraigou-se Satanás das simpatias dos seres celestiais. Daí em diante sua obra seria restrita. Qualquer que fôsse a atitude que tomasse, não mais podia esperar os anjos ao virem das cortes celestiais, nem perante êles acusar os irmãos de Cristo de terem vestes de trevas e contaminação de pecado. Estavam rotos os derradeiros laços de simpatia entre Satanás e o mundo celestial".[1])

Até à morte de Cristo, Satanás ainda ia às vezes ao céu.[2]) Como vimos acima, sua intenção era acusar os filhos de Deus que haviam aceito a salvação em Jesus. Aos santos anjos, ali no céu, acusou Abraão, Jacó, Jó, Josué, Moisés e o povo de Deus em geral.[3]) A morte de Cristo, porém, fechou para êle o céu e ali não mais pôde acusar os servos de Deus. Foi então derribado segunda vez, como acusador. "Pelo sangue do Cordeiro" vertido na cruz, "e pela palavra do Seu testemunho", o povo de Deus tem assegurada a vitória contra Satanás.

Ao ser derribado o acusador e não lhe ser mais permitido galgar as cortes celestiais para acusar os servos de Deus, os habitantes dos céus regozijaram-se indizivelmente. Não mais veriam o indesejável pizar os átrios sagrados para depor contra aqueles pelos quais o Filho de Deus dera Sua vida na cruz. O inimigo estava definitivamente subjugado. À justiça de Deus no trato com o rebelde tinha sido reconhecida. A salvação estava assegurada ao gênero humano. "E o reino de Deus, e o poder do Seu Cristo", estabelecer-se-iam na terra. Mas, "ai dos que habitam na terra e no mar". Por que? "Porque o Diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo". Avaliemos bem a declaração do céu: "Porque o Diabo desceu a vós..." Êstes "vós" são os habitantes da "terra" e do "mar" de que fala o texto. Sua ira é vibrada contra eles como uma vingança contra o Filho de Deus.

"Terríveis são as cenas que provocam esta exclamação da voz celestial. A ira de Satanás aumenta à medida em que o tempo se abrevia, e sua obra de engano e destruição atingirá o auge no tempo de angústia.

"Terríveis cenas de caráter sobrenatural logo se manifestarão nos céus, como indício do poder dos demônios, operadores de prodígios. Os espíritos diabólicos sairão aos reis da terra e ao mundo inteiro, para segurá-los no engano, e forçá-los a se unirem a Satanás em sua última luta contra o govêrno do céu. Mediante êstes agen-

tes, serão enganados tanto governantes como súditos. Levantar-se-ão pessoas pretendendo ser o próprio Cristo e reclamando o título e culto que pertencem ao Redentor do mundo. Efetuarão maravilhosos prodígios de cura, afirmando terem recebido do céu revelações que contradizem os testemunhos das Escrituras.

"Como ato culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará Cristo. A igreja tem, há muito tempo; professado considerar o advento do Salvador como a realização de suas esperanças. Assim, o grande enganador fará parecer que Cristo veio. Em várias partes da terra, Satanás se manifestará entre os homens como um ser majestoso, com brilho deslumbrante, assemelhando-se à descrição do Filho de Deus dada por S. João no Apocalipse.[1]) A glória que o cerca não é excedida por coisa alguma que os olhos mortais já tenham contemplado. Ressoa nos ares a aclamação de triunfo: 'Cristo veio! Cristo veio!' O povo se prostra em adoração diante dêle, enquanto êste ergue as mãos e sôbre êles pronuncia uma benção, assim como Cristo abençoava Seus discípulos quando aqui na terra estêve. Sua voz é meiga e branda, cheia de melodia. Em tom manso e compassivo apresenta algumas das mesmas verdades celestiais e cheias de graça que o Salvador proferia; cura as moléstias do povo, e então, em seu pretenso caráter de Cristo, alega ter mudado o sábado para o domingo, ordenando a todos que santifiquem o dia que êle abençoou. Declara que aquêles que persistem em santificar o sétimo dia estão blasfemando de seu nome, pela recusa de ouvirem seus anjos a êles enviados com a luz e a verdade. E' êste o poderoso engano, quase invencível. Semelhantes aos samaritanos que foram enganados por Simão Mago, as multidões, desde o menor até ao maior, dão crédito a êsses sortilégios, dizendo: 'Esta é a grande virtude de Deus'.[2])

"Mas o povo de Deus não será desencaminhado. Os ensinos dêste falso cristo não estão de acôrdo com as Escrituras. Sua bênção é pronunciada sôbre os adoradores da bêsta e de sua imagem, a mesma classe sôbre a qual a Bíblia declara que a ira de Deus, sem mistura, será derramada.

"E, demais, não será permitido Satanás contrafazer a maneira do advento de Cristo. O Salvador advertiu Seu povo contra o engano neste ponto, e predisse claramente o modo de Sua segunda vinda. 'Surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes prodígios que, se possível fôra, enganariam até os escolhidos... Portanto se vos disserem: Eis que Êle está no deserto, não saiais; eis que Êle está no interior da casa, não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sái do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do Homem'.[3]) Não há possibilidade de ser contrafeita esta vinda. Será conhecida universalmente, testemunhada pelo mundo inteiro.

"Apenas os que foram diligentes estudantes das Escrituras e que receberam o amor da verdade, estarão ao abrigo dos poderosos enganos que dominam o mundo. Pelo testemunho da Bíblia êstes surpreenderão o enganador em seu disfarce".[1])

O DRAGÃO VINGA-SE NA MULHER

VERSOS 13-14 — *"E, quando o dragão viu que fora lançado por terra, perseguiu a mulher que dera à luz o varão. E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente".*

ÊLE PERSEGUIU A MULHER

Desesperado Satanás por não poder vencer a Jesus na terra e também por não mais poder atingir as cortes celestes, procura vingar-se então na igreja. Imediatamente instou terrível perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém, empregando para isto o próprio povo judeu e o famigerado rei Herodes Antipas. As prisões foram abarrotadas de cristãos e se fizeram notar os primeiros mártires da fé. A igreja dispersou-se de Jerusalém e, onde quer que os apóstolos e inúmeros outros crentes anunciavam a Jesus, eram tenazmente perseguidos pelo judaísmo. Por fim os imperadores romanos, alarmados com os progressos do cristianismo, desembainharam a espada, desde Nero a Deocleciano, e fizeram correr rios de sangue em todo o império romano.

Depois de usar Roma-pagã contra a igreja, Satanás usou Roma-papal. Durante mais de doze séculos a mulher — a igreja — "fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus". "Foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse, *ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade* de um tempo, fora da vista da serpente". As "duas asas de grande águia" são evidências de que a igreja fôra obrigada a refugiar-se nas grandes alturas ou montanhas da Europa, para sobreviver às perseguições do dragão.[2]) Durante "1260 dias" ou anos, os mesmos "um tempo, e tempos, e metade de um tempo", era da supremacia papal de 538 a 1798, a verdadeira igreja cristã não era a dominante e perseguidora, mas a refugiada nos Alpes da Suíça e do norte da Itália, ou a "igreja do deserto". Os parágrafos seguintes falam bem alto da igreja do deserto perseguida pela sanha da Sé romana.

"Os valdenses dos Alpes são, em minha opinião, cristãos primitivos, ou descendentes e representantes da igreja primitiva, preservados nesses vales das corrupções sucessivamente introduzidas pela igreja de Roma, na religião do evangelho. Não são êles quem

se separaram do catolicismo, mas o catolicismo é quem se separou deles, mudando a religião primitiva".

"Ali, dentro dos limites da própria Itália, os papas não puderam nunca, excepto durante um intervalo desgraçado, impor sua autoridade. Ali não se dizia nenhuma missa, não se adoravam imagens, nem eram administrados os ritos papais pelos valdenses inativos. Ali foi onde Enrique Arnaud, o herói dos vales, redimiu seu país da tirania dos jesuítas e de Roma; e ali uma igreja cristã, fundada talvez na época apostólica, sobreviveu às perseguições de mil anos". "Pouco depois do alvorecer do cristianismo, asseveram êles, seus antepassados abraçaram a fé de São Paulo, e praticaram os simples ritos e costumes descritos por Tertuliano. As Escrituras vieram a ser sua única guia; a mesma crença, os mesmos sacramentos que mantêm hoje, os tinham na época de Constantino e Silvestre. Relatam, que à medida que a igreja romana crescia em poder e orgulho, seus antepassados rechassaram suas ascenções e se negaram a submeter-se a sua autoridade; que quando, no século IX, o uso das imagens foi imposto pelos papas supersticiosos, êles pelo menos nunca consentiram em fazer-se idólatras; e nunca adoraram a virgem, nem compareceram a uma missa idólatra. Quando no século IX, Roma asseverou sua supremacia sôbre reis e príncipes, os valdenses foram seus mais acérrimos inimigos. Os três vales formaram a escola teológica da Europa. Os missionários valdenses viajavam pela Hungria e Boêmia, França, Inglaterra, até Escócia, e despertavam no povo um sentido da terrível corrupção da igreja. Assinalavam Roma como o Anti-Cristo, o centro de tôda abominação. Ensinavam, em lugar das inovações de Roma, a fé pura da época apostólica. Lollard, que levou a reforma a Wicliff, era pregador dos vales; os albigenses de Provença, no século XII, eram fruto das missões valdenses; Alemanha e Boêmia foram reformadas pelos mestres do Piamonte. Hus e Jerônimo fizeram pouco mais que proclamar a fé valdense; e Lutero e Calvino foram tão só a posteridade necessária das igrejas apostólicas dos Alpes".[1])

"Os valdenses foram os primeiros dentre os povos da Europa a obterem a tradução das Sagradas Escrituras. Centenas de anos antes da Reforma, possuíam a Bíblia em manuscrito, na língua materna. Tinham a verdade incontaminada, e isto os tornava objeto especial do ódio e perseguição. Declaravam ser a Igreja de Roma, a Babilônia apóstata do Apocalipse, e com perigo de vida erguiam-se para resistir a suas corrupções". "Durante séculos de trevas e apostasia, houve alguns dentre os valdenses que negavam a supremacia de Roma, rejeitavam o culto às imagens como idolatria e guardavam o verdadeiro sábado. Sob as mais atrozes tempestades da oposição conservaram a fé. Acossados embora pela espada dos sabôios e queimados pela fogueira romana, mantiveram-se sem hesitação ao lado da palavra de Deus e de Sua honra.

"Por trás dos elevados baluartes das montanhas — em todos os tempos refúgio dos perseguidos e oprimidos — os valdenses encontraram esconderijo. Ali, conservou-se a luz da verdade a arder por entre as trevas da Idade Média. Ali durante mil anos, testemunhas da verdade mantiveram a antiga fé.

"Agradeciam a Deus por haver-lhes provido refúgio da ira e crueldade dos homens. Regozijavam-se diante dÊle na liberdade de prestar culto. Muitas vêzes, quando perseguidos pelos inimigos, a fortaleza das montanhas se provara ser defesa segura. De muitos, rochedos elevados entoavam êles louvores a Deus e os exércitos de Roma não podiam fazer silenciar seus cânticos de ações de graças". "Satanás incitara sacerdotes e prelados a enterrarem a Palavra da verdade sob a escória do êrro, heresia e superstição; mas de modo maravilhosíssimo foi ela conservada incontaminada através de todos os séculos de trevas" pelos valdenses.[1])

Os missionários valdenses percorriam longas distâncias e inúmeras nações levando a preciosa verdade sob o disfarce de mercadores ambulantes. "Em todo o tempo seu coração se levantava a Deus rogando sabedoria a fim de apresentar um tesouro mais precioso do que ouro ou joias. Levavam secretamente consigo exemplares da Escritura Sagrada, no todo ou em parte; quando quer que se apresentasse oportunidade, chamavam a atenção dos fregueses para os manuscritos. Muitas vêzes assim se despertava o interêsse de ler a Palavra de Deus, e alguma porção era de bom grado deixada com os que a desejavam receber. A obra dêstes missionários começava nas planícies e ao pé de suas próprias montanhas, mas se estendia muito além dêstes limites. Descalços e com vestes singelas e poentas da jornada, como eram as de seu Mestre, passavam por grandes cidades e penetravam em longínquas terras. Por tôda a parte espalhavam a preciosa verdade. Surgiam igrejas em seu caminho e o sangue dos mártires testemunhava da verdade. O dia de Deus revelará rica messe de almas enceleiradas pelos labôres dêstes homens fiéis. Velada e silenciosa, a Palavra de Deus rompia caminho através da cristandade e tinha alegre acolhida nos lares e corações".[2])

O DRAGÃO LANÇOU UM RIO ATRÁS DA MULHER

VERSO 15 — *"E a serpente lançou da sua bôca, atrás da mulher, água como um rio, para que pela corrente a fizesse arrebatar".*

A serpente, conforme o versículo nove, é o mesmo Satanás. Águas nas profecias, como já temos apreciado, representam "povos, e multidões, e nações, e línguas".[3]) Durante o período da supremacia papal já aludido, êste poder procurou afogar a igreja do deserto com cruzadas sanguinárias compostas de reis e exércitos fanáticos, guiados por monges e prelados sedentos de sangue inocente.

Milhões sucumbiram sob a espada dos carrascos destas diabólicas cruzadas. "Reiteradas vêzes foram devastadas as suas férteis terras, destruídas as habitações e capelas, de maneira que onde houvera campos florescentes e lares de um povo simples e laborioso, restava apenas um deserto. Assim como o animal de rapina se torna mais feroz provando o sangue, a ira dos sectários do papa acendia-se com maior intensidade com o sofrimento de suas vítimas. Muitas destas testemunhas da fé foram perseguidas através das montanhas e caçadas nos vales em que se achavam escondidas, encerradas por enormes florestas e píncaros rochosos".

"As mais horríveis tragédias foram encenadas. Sacerdotes e papas corruptos e blasfemos estavam a fazer a obra que Satanás lhes designava. A misericórdia não encontrava guarida em sua natureza. O mesmo espírito que crucificou Cristo e matou os apóstolos, o mesmo que impulsionou o sanguinário Nero contra os fiéis de seu tempo, estava em operação a fim de exterminar da terra os que eram amados de Deus.

"As perseguições desencadeadas durante muitos séculos sobre êste povo temente a Deus, foram por êle suportadas com uma paciência e constância que honravam seu Redentor. Apesar das cruzadas contra êles e da desumana carnificina a que foram sujeitos, continuavam a mandar seus missionários a espalhar a preciosa verdade. Eram perseguidos até à morte; contudo, seu sangue regava a semente lançada, e esta não deixou de produzir fruto. Assim os valdenses testemunharam de Deus, séculos antes do nascimento de Lutero. Dispersos em muitos países, plantaram a semente da Reforma que se iniciou no tempo de Wicliff, cresceu larga e profundamente nos dias de Lutero, e deve ser levada avante até ao final do tempo por aquêles que também estão dispostos a sofrer tôdas as coisas pela "Palavra de Deus, e pelo Testemunho de Jesus Cristo".[1])

"Não obstante, ficava uma mancha sôbre o formoso nome da aparentemente unida cristandade. Dentro dos limites da Itália mesma existia um povo para o qual a missa era todavia uma idolatria vã, a presença real uma fábula papal; um povo que havia resistido com vigor a tôda inovação, e cujos simples ritos e antiga fé eram mais antigos que o papado mesmo. Não sabemos que ímpetos de perseguição podem ter sido lançados contra os vales valdenses em épocas anteriores; parece haverem se familiarizado logo com as crueldades de Roma; porém no século XV os papas e os inquisidores volveram seus malignos olhos para os simples piemonteses, e se prepararam para exterminar pelo fogo e a espada a igreja alpina.

"Então começou uma guerra de quatro séculos, a mais notável dos anais da Europa... Durante quatro séculos realizou-se uma cruzada quase incessante contra os vales isolados. Com frequência, as legiões papais, conduzidas pelos inquisidores, arrasavam o amável panorama de Lucerna, e obrigavam os habitantes das aldeias

em chamas a ocultar-se nas covas das montanhas, e quase a pastar, com as cabras monteses, nas ervas silvestres das rochas, no inverno. Com frequência os duques de Sabóia mandavam exércitos bem treinados de infantaria espanhola para destruir o último vestígio de civilização cristã em São Martim ou Perúgia. Mais de uma vez, os melhores soldados e generais de Mazarino e Luiz XIV perseguiram aos valdenses em seus retiros, mais rústicos, mataram-nos nas covas, fizeram-nos morrer de fome nas regiões glaciais, e desolaram os vales de São João até as ladeiras de Guinevert.

"Entretanto, êsse povo irreduzível seguiu negando-se a renunciar a sua fé. Seguiu rechassando a idolatria da missa, seguiu burlando do Anti-Cristo de Roma. Na hora de sua angústia mais profunda, os veneráveis barbos reuniam em redor de si suas congregações famintas em alguma cova ou pequeno vale dos Alpes, administravam-lhes seus ritos apostólicos, e lhes pregavam de novo o sermão da montanha. Os salmos de Davi, cantados nas queixosas melodias dos valdenses, repercutiam por cima das cenas de rapina e matança dos vales desolados; a igreja apostólica sobrevivia indestrutível, como coroa de algum dos Alpes que se elevavam até ao céu".[1]) Sôbre estas cruéis perseguições de Roma veja-se o capítulo seis versículo oito.

A TERRA AJUDOU A MULHER

VERSO 16 — *"E a terra ajudou a mulher; e a terra abriu a sua bôca, e tragou o rio que o dragão lançara da sua bôca".*

Antes do século dezesseis, homens possuídos do Espírito de Deus ergueram corajosamente a voz contra os grosseiros erros do fanatismo de Roma e da pretensão do papado em equiparar-se a Deus. Um destes invulneráveis baluartes foi João Wycliff, que começou sua obra em 1360 na Inglaterra. "Wycliff destaca-se dentre todos os homens da cristandade, com característicos inconfundíveis. Aparece repentinamente em uma idade sombria, e sobresai diante dela com uma luz que não recebe emprestada das escolas, nem dos doutores da igreja, senão da Bíblia. Veio pregando um plano de reinstituição e reforma tão abarcante a que nenhum reformador tem podido acrescentar um só princípio essencial. Por êstes sólidos motivos tem direito a ser considerado como o pai da Reforma. Com sua aparição terminou a noite da cristandade, e amanheceu o dia que desde então tem continuado brilhando sempre mais".[2])

Wycliff deu a Bíblia ao povo inglês na língua vulgar e escreveu e publicou muitos folhetos contra os abusos dos frades e as pretensões de Roma. Não temeu os trovões da ira romana; antes prosseguiu com destemor na obra que Deus lhe confiara, fazendo resplandecer nas espessas trevas a gloriosa tocha do evangelho de Cristo, colocando

assim os fundamentos da Reforma que viria dois séculos depois dêle.

Um século antes de Lutero levantou-se João Hus, na Boêmia, erguendo a sua voz num clamor contra os erros espalhados pela igreja dominante que o levou ao poste do suplício para ser queimado. Não tardou muito que outra fogueira se acendesse, em Constança, aliás para abafar a voz de Jerônimo que com veemência denunciara as especulações errôneas do clero. E numerosos foram os portadores de luz que sucumbiram ao denunciarem as superstições de Roma antes do século dezessete. Mesmo dentro da igreja reinante havia muitos que suspiravam por suas corrupções da sã doutrina e apegavam-se unicamente à verdade esperando uma reforma.

A TERRA AJUDOU A MULHER

Vimos que o rio de que fala a profecia era simbólico das cruzadas papais contra a "igreja do deserto", refugiada nos Montes Alpinos. Algo notável deveria ocorrer para refrear e anular as perseguições contra os valdenses das montanhas. A terra, no sentido da profecia, representava o mundo, a humanidade. Assim, um acontecimento na terra ajudaria a igreja. E que acontecimento tomou lugar naqueles dias de perseguição, que veio ajudar a igreja perseguida? A resposta, incontestável, é: A REFORMA DO SÉCULO DEZESSEIS. Sim, a Reforma que desde Wycliff manifestava seus clarões instala-se definitivamente. Memorável fôra o dia em que Lutero ouvira, ao subir de joelhos a chamada escada de Pilatos, em Roma, aquela voz como de trovão bradando-lhe do fundo do coração: "Mas o justo viverá da fé". "Aquelas palavras, que já por duas vêzes o tinham abalado como a voz de anjo de Deus, retiniam incessantemente e com força no seu interior. Parou, espavorido, sôbre os degraus onde arrastava o seu corpo; horrorizou-se de si mesmo; ficou envergonhado de ver até que ponto a superstição o tinha aviltado. Fugiu para longe do lugar de sua loucura. Estas poderosas palavras tinham alguma coisa de misterioso na vida de Lutero. Foram palavras criadoras para o reformador e para a reforma; foi por elas que Deus disse então: "Haja luz: e houve luz".[1])

Mas, o dia 31 de outubro de 1517, quando Lutero, ao meio dia, afixou as suas 95 teses na porta da capela que o eleitor mandara construir em Wittemberg, foi o dia do levante real contra os abusos duma igreja que já enchiam os séculos. E foram os abusos das tresloucadas indulgências, conduzidas por Tetzel, que decidiram Lutero a começar o ataque sem mais delongas. A salvação pela fé, e não pelas obras mortas como ensinava a igreja, foi o fundamento da Reforma colocada por Lutero.

Todo o clero voltou-se contra Lutero e o queria reduzir a cinzas. Leão X, o papa então no trono de Roma, intimou-o a compa-

recer ante sua presença. Mas êle lá não compareceu. Citado para comparecer em Augusburgo, diante do legado papal, confundiu êste incrédulo que ainda zombou da verdade de Deus. Em 1519, em Leipsig, desbaratou as querelas do Dr. Eck, com as quais êste não pôde desfazer a sua argumentação que se fundava nas Escrituras Sagradas. Em 1521, na dieta de Worms, onde o próprio imperador Carlos V confessou — o monge fala com um coração intrépido e uma inabalável coragem — foram mais uma vez desmascarados os erros da igreja, e Lutero, longe de se retratar como fôra instado fazer, permaneceu mais firme do que nunca no pedestal da verdade onde Deus o colocara.

Saindo Lutero vitorioso de Worms, foi raptado e conduzido ao isolado castelo de Wartburgo, por amigos seus. Ali estêve algum tempo, não ocioso mas inundando a Alemanha de folhetos cheios de verdades bíblicas. Foi ali em Wartburgo que êle traduziu a Bíblia e a deu a seu povo na língua materna. A Reforma estava lançada firmemente. Os imediatos colaboradores de Lutero, principalmente Melankton, o ajudavam grandemente na propagação da verdadeira luz e na repreensão dos pecados de Roma e da época.

Mas Lutero não foi o único agora a ser despertado por Deus para a grande tarefa. Na Suíça Zwingle, sem ter qualquer comunicação com Lutero, iniciou ali a Reforma anunciada nas profecias de Daniel e do Apocalipse. Dissera Zwingle: "Comecei a pregar o evangelho no ano da graça, 1516, isto é, num tempo em que o nome de Lutero jamais tinha até então sido pronunciado em nossos países. Não foi de Lutero que aprendi a doutrina de Cristo, foi da palavra de Deus. Se Lutero prega a Cristo, faz o mesmo que eu faço; eis tudo".[1])

A terra, verdadeiramente, ajudou a mulher. Na Alemanha, na França, na Inglaterra, na Suíça, nos Países Baixos e na Escandinávia, estavam os soberanos agora envolvidos na Reforma, sem mais tempo e interêsse para dirigir cruzadas ou enviar cruzados contra a "igreja do deserto". E os valdenses foram aliviados. A Reforma amenizou os seus sofrimentos e em seus vales não se viam mais os perseguidores; o rio foi tragado; Roma estava então muito atarefada em reprimir inutilmente a Reforma Luterana que crescia e fortalecia-se mais e mais ganhando soberanos e príncipes para a sua causa. Lutero deu o alarma até à morte, conjuntamente com seus cooperadores, e outros prosseguiram com a obra. Veja-se o capítulo três que também alude à reforma.

A IGREJA CRISTÃ DO SÉCULO XX

VERSO 17 — *"E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo".*

E O DRAGÃO IROU-SE CONTRA A MULHER

Com o versículo quatorze chegamos ao ano 1798, até onde o dragão, por meio do papado, perseguiu a "igreja do deserto", tendo vindo a Reforma amenizar os sofrimentos da igreja. O versículo dezessete, porém, leva-nos ao fim, ao fim da história da igreja de Cristo e bem assim ao fim da história do mundo, aliás, para além de 1798.

E o dragão está novamente irado contra a igreja de Cristo, que é considerada um "resto", evidência esta de que a ira do dragão predita no texto seria manifesta no fim da história secular e que neste fim a igreja não seria uma grande corporação, mas um "resto", isto é, seria constituída de poucos membros em relação ao número de adeptos de igrejas anti-cristãs.

Ao tratarmos da profecia do capítulo dez, constatamos ali a anunciação de um grande movimento religioso no "fim do tempo" iniciado em 1798 com a queda do papado, movimento êste que atingiu o ano de 1844. Nesta data, como pudemos apreciar, a pura pregação apostólica devia ser restaurada em sua perfeição e grandeza, sendo para isto imprescindível que surgisse um povo especial para restaurá-la. Certificamo-nos de que, em 1844, a única igreja que surgiu, aceitando tôda a Bíblia, ensinando-a e adorando no santuário celestial, que é o único centro de adoração da igreja de Cristo na era cristã, foi a igreja Adventista do Sétimo Dia, conforme as profecias de Daniel e do Apocalipse, como uma continuação da "igreja do deserto" que mantinha os princípios apostólicos tanto na crença como na pregação. É, pois, contra esta igreja, que Satanás logo demonstrará sua terrível ira.

A CAUSA DA IRA DO DRAGÃO CONTRA A IGREJA

Não pode haver nenhuma dúvida quanto à ira do dragão contra a igreja verdadeira de nossa geração. "Aquêles que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, sentirão a ira do dragão e suas hostes. Satanás enumera o mundo como seus súditos, tem ganho contrôle das igrejas apóstatas; mas aqui está um pequeno grupo que está resistindo sua supremacia. Se êle pudesse eliminá-los da terra, seu triunfo seria completo. Ao influenciar as nações pagãs para destruir Israel, assim no próximo futuro êle comoverá os poderes ímpios da terra para destruir o povo de Deus".[1])

Isto revela-nos que Deus está guiando um povo sôbre a grande plataforma da fé — os mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus Cristo. Por conseguinte não é difícil encontrarmos esta igreja que aliás já dissemos ser a Igreja Adventista do Sétimo Dia que iniciou sua nova fase em 1844 em cumprimento de profecias indiscutíveis.

OS MANDAMENTOS DE DEUS

Os mandamentos de Deus referidos são os contidos na lei do Decálogo, a lei conhecida dos dez mandamentos. Esta lei é a carta magna do governo universal de Deus. Seus preceitos expressam o caráter de Deus, Seu legislador. Deus deseja que Seus filhos, através da obediência sincera de Sua lei, desenvolvam o Seu próprio caráter de Pai de amor e justiça. E foi o Senhor Deus mesmo Quem escrevera em tábuas de pedra, com Seu próprio punho, esta grande lei para Seus filhos. E a razão por que Deus mesmo preferiu escrever Sua lei, jaz no fato de ela ser uma parte da revelação demasiado sagrada e importante para ser escrita pela mão do homem. Aquilo que é a expressão de Seu caráter só Êle mesmo poderia escrever. Nisto jaz a importância da lei de Deus.

Deus tem leis físicas e sábias para regular tôdas as Suas variadas obras em todo o Seu universo nos três reinos da natureza — mineral, vegetal e animal. Mas, para regular as relações morais e espirituais do homem para com Deus e do homem para com seus semelhantes, tem Êle a lei do Decálogo, os dez mandamentos. Os quatro primeiros preceitos põem o homem em harmonia com Deus e os seis últimos com o seu semelhante.[1])

Mas os homens estragaram o mundo de Deus fazendo-se legisladores em vez de aceitarem a lei do Decálogo para viverem felizes e em paz uns com os outros. Só Deus, que conhece a natureza e necessidade do homem, pode dar-lhe leis perfeitas que regulem sua vida, trazendo-lhe paz e bem estar completos. E isto Êle fêz por Sua divina lei. Esta é uma lei para tôdas as raças e culturas humanas. A urgente necessidade do mundo hoje é um retorno à lei de Deus, os dez mandamentos. E a igreja desta profecia foi por Deus apontada para restaurar na terra a observância do Decálogo como única salvaguarda da paz e felicidade mundiais. E haverá pronta obediência à lei de Deus quando o coração estiver cheio de amor para com Êle. Vejam-se os capítulos onze versículos dezenove e quatorze versículo doze.

O TESTEMUNHO DE JESUS-CRISTO

No capítulo dezenove versículo dez se nos diz que o Testemunho de Jesus é o Espírito de Profecia, que por sua vez é o Dom de Profecia. Em outras palavras, as três designações são uma e a mesma coisa: A manifestação de Jesus à Sua igreja através dum agente humano, da mesma igreja, que lhe fala inspirado pelo Espírito de Cristo, o Espírito Santo. Convém ao leitor ler no capítulo dezenove versículo dez tudo quanto sôbre êste assunto é ali esplanado. Devemos ter tanto prazer no Testemunho de Jesus Cristo, manifesto por intermédio de um mensageiro Seu especial, hoje, como tiveram

os fiéis servos de Deus no passado quando êle lhes era claramente manifesto. Ricas bênçãos serão o resultado de prezar, acatar e observar o Testemunho de Jesus. Leiam-se os textos aqui citados.[1])

A revelação é denominada de — Testemunho de Jesus — porque os profetas proferiram-na inspirados pelo Espírito de Jesus, o Espírito Santo: "Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.[2])

De acordo com a profecia e o exposto aqui, a verdadeira igreja de Jesus nesta atual geração, da qual temos falado, tem o "Testemunho de Jesus". Um profeta, pelo menos, deve ter-lhe falado e orientado em nome de Jesus. A igreja, que não tem o "Testemunho de Jesus", embora se chame cristã, não é Sua igreja na terra.

OS MANDAMENTOS DE DEUS E O TESTEMUNHO DE JESUS-CRISTO

São êstes os dois característicos da igreja cristã de nosso século. Ela guarda e ensina a lei dos dez mandamentos e é orientada na divina palavra por um profeta especial de Deus. A lei de Deus e o Testemunho de Jesus não podem divorciar-se. A igreja que tem um deve ter o outro — um só não poderá possuir. Notemos estas expressões escriturísticas:

"Liga o testemunho, sela a lei entre os meus discípulos". "A lei e o testemunho, se êles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva".[3]) Sobre êste último texto reza uma outra versão: "A lei e o testemunho, se êles não falarem segundo esta palavra, é porque não têm iluminação". Sobre a unidade e indissolubilidade entre a lei e o testemunho, leiam-se os textos aqui indicados.[4])

E' impossível uma igreja que rejeita a lei de Deus ou parte dela, que é o mesmo que rejeitá-la tôda, ter o Testemunho de Jesus. Quando na antiguidade Israel afastava-se da lei de Deus, o Testemunho de Jesus ou o Dom de Profecia, cessava, Deus não lhe despertava profetas. Há neste sentido textos muito claros e falam bem alto de que a violação da lei de Deus evita a comunicação com Deus através do Testemunho de Jesus — o Dom de Profecia.[5]) O último texto indicado enfatiza que a profanação do Sábado do sétimo dia, como dia santificado de Deus, afasta o Dom de Profecia e impede a comunicação com Deus. Porém, nestes últimos dias, no tempo exato, quando a lei de Deus e o evangelho do Senhor Jesus, segundo as profecias, deviam ser restaurados, surgiu a igreja da profecia, incontestàvelmente a Igreja Adventista do Sétimo Dia, cumprindo inalteràvelmente êste propósito de Deus. Era, pois natural, que, o Testemunho de Jesus — o Dom de Profecia — depois de ter cessado com a apostasia da igreja cristã, após a morte dos apóstolos, fôsse também res-

taurado. Na ilha de Patmos foi mostrada por antecipação a S. João, tôda a história da igreja cristã, como a temos neste capítulo doze. Viu êle a restauração da lei de Deus incluso o Sábado com ela, e o Testemunho de Jesus, nos derradeiros dias, na Sua igreja — a mesma mulher simbólica do primeiro versículo deste capítulo.

CAPÍTULO XIII

A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA ERA CRISTÃ

INTRODUÇÃO

Êste décimo terceiro capítulo cobre mais de doze séculos de intolerância religiosa e ainda conduz a um negro futuro próximo para os fiéis cristãos. Dois poderes intolerantes do mundo cristão nos depara esta profecia. Duas bêstas sem paralelo são apresentadas nesta revelação por cujos símbolos, não temos a menor dúvida, tratam respectivamente de Roma-papal e de Roma-protestante-estadunidense. Todos os detalhes desta inspiração, como veremos, enquadram-se perfeitamente na história destes dois poderes eclesiásticos romanos.

Pôsto que Roma-papal e Roma-protestante arroguem simultâneamente o direito eclesiástico divino, e por esta pretensão se degladiem e se acusem mùtuamente, apresenta-nos o espêlho infalível da revelação o verdadeiro caráter de ambas. São evidentemente apresentados como poderes perseguidores do povo de Deus. Declarações indubitáveis desta inspiração dão-nos conta da procedência ou da verdadeira origem destas duas Romas. A clareza da profecia não autoriza a encobrir a verdade, pelo que o autor não podia deixar de explaná-la com suas devidas côres, a não ser que quisesse cair no desagrado do Revelador.

I — A BÊSTA QUE SUBIU DO MAR

Uma bêsta sem paralelo

VERSOS 1-2 — *"E eu pus-me sôbre a areia do mar, vi subir do mar uma bêsta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sôbre os seus chifres dez diademas, e sôbre as suas cabeças um nome de blasfêmia. E a bêsta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua bôca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio".*

A IDENTIFICAÇÃO DA BÊSTA

As águas do mar nas profecias inspiradas simbolizavam "povos, e multidões, e nações, e línguas";[1]) e, uma bêsta é símbolo de poder dominante — civil ou eclesiástico — conforme indicar o teor da profecia.[2]) Por conseguinte, nos emblemas das águas e da bêsta, viu o profeta levantar-se dentre as nações um poder que sôbre elas

exerceria o seu domínio. E, tudo, em cada detalhe desta revelação, demonstra que a bêsta nela contida em símbolo não é um poder civil mas sim eclesiástico. E, certos pormenores especiais dos detalhes da descrição da visão, asseguram infalivelmente que esta besta não pode, em absoluto, ser outra senão um emblema de Roma-papal, como sucessora de Roma-pagã, cuja história veremos traçada com irrecusável fidelidade nesta mesma inspiração.

A ESTRANHA APARÊNCIA DA BÊSTA

Em si mesma é ela "semelhante ao leopardo". O leopardo é uma fera carniceira, ágil, astuta e traiçoeira, da família que compreende o jaguar, a onça e a pantera. Porém, os pés da bêsta são de urso! E' em seus pés, com garras aduncas e aguçadas, que tem o urso a sua maior fôrça ou o seu poder de subjugar e destruir. E, quando anda o urso, senta êle toda a planta do pé no chão, como o homem, e, sob seu enorme pêso, seus pés dão a impressão de amassar e arrazar tudo à sua passagem. Mas, ai, a bêsta tem também bôca "de leão"! E é importante que ela tem uma única bôca "de leão", embora tenha sete cabeças. "E a sua bôca", reza a profecia, falando de uma só, era "de leão". Esta é a bôca da sétima cabeça que é propriamente a cabeça da bêsta. E' isto assim porque as suas primeiras cabeças dizem respeito à primitiva fase de Roma, à fase pagã, que não podem por isso mesmo ter ação na sua segunda fase — a papal, visto que nesta fase é exercida a monarquia-hierárquica e não a democracia eletiva da fase anterior. As bôcas de tais cabeças que não são de leão, estão como que fechadas, e apenas existem na bêsta para identificá-la com Roma e demonstrar suas pretensões romanas. Porém, o leão causa mais terror com a sua bôca do que mesmo com sua aparência de imperador. Pôsto que seja o mais poderoso ou o rei dos quadrúpedes, é em sua bôca que reside o segrêdo do seu poder sôbre seu reino. A um urro seu, todos os súditos do seu domínio estremecem e fogem, se o podem fazer. Sua voz, se podemos como tal chamar o seu urro, é emblema de poder, autoridade, pretensão, orgulho e absurda supremacia sôbre os que julga impotentes ante seu poder.

Analisando mais concretamente o poder-papal representado nos emblemas dos três quadrúpedes, temos que êle é inteiramente contrário à natureza do meio em que exerce o seu poder. No símbolo de um leopardo, deparamos sua sagacidade e presteza na consecução de seus fins; na figura dos pés de urso, vemos a sua fôrça e o seu poder subjugador sôbre os seus oponentes; e, na bôca simbólica de leão, vemos o seu orgulho e as suas arrogantes pretensões expressas em suas declarações de supremacia mundial. Tudo isto parece ter a bêsta herdado dos animais representativos dos grandes impérios opres-

sores e arrogantes da história, que no passado arruinaram o mundo com suas pretensões, suas conquistas e suas destruições desumanas.

Em outras palavras, a bêsta traz na bôca de leão, o orgulho de Babilônia; nos pés de urso, os horrores da Medo-Persa; no corpo de leopardo, o sistema filosófico humano inútil da antiga Grécia; e, podemos dizer, nas suas cabeças simbólicas, o poder implacável da férrea Roma dos altivos Césares.1) Tal é o simbolismo de Roma na sua fase papal, cujo cumprimento encontramos nas páginas da história até nos seus mínimos detalhes.

AS SETE CABEÇAS E OS DEZ CHIFRES

As sete cabeças vemo-las referidas como cabeças do dragão do capítulo doze. Agora, no capítulo treze, as temos como cabeças da bêsta representativa de Roma-papal, tendo cada uma, não mais diademas ou função política, mas um nome de blasfêmia.

Quanto aos dez chifres, vemo-los primeiramente no quarto animal emblemático de Roma-pagã do capítulo sete do livro de Daniel; nas cabeças do dragão vermelho do Apocalipse, sem diademas ou função política paralela com Roma-pagã; nas cabeças da bêsta "semelhante a um leopardo"; e nas cabeças da "bêsta côr de escarlata". Mas, ao terem êles diademas somente nas cabeças da bêsta que consideramos, indica isto que se constituiriam em reinos ao constituir-se a bêsta-papal um poder temporal e que com ela reinariam paralelamente, ao passo que as cabeças referentes ao dragão, ou Roma-pagã, perderiam seus diademas ou sua ação política governativa na fase de Roma-papal. No capítulo dezessete temos bem definidos os dez chifres e as sete cabeças e suas relações para com a bêsta "semelhante ao leopardo" e dela para com êles.

IDENTIDADE COM A PONTA PEQUENA DE DANIEL SETE

A bêsta "semelhante ao leopardo" está plenamente identificada com a "ponta pequena" de Daniel sete:

A PONTA PEQUENA DE DANIEL SETE	A BÊSTA DO APOCALIPSE TREZE
1. Saiu da cabeça do quarto animal ou de Roma-pagã.	1. O dragão ou Roma-pagã deu-lhe o seu poder.
2. Cresceu no meio dos dez chifres ou na Europa.	2. Os dez chifres ou a Europa sob seu controle.
3. Tem olhos como olhos de homem.	3. Seu poder concentrado num homem.
4. Uma bôca que fala grandiosamente.	4. Uma bôca para proferir grandes coisas.
5. Proferirá palavras contra o Altíssimo.	5. Abriu a sua bôca em blasfêmia contra Deus.

6. Fazia guerra aos santos e os vencia.	6. Foi-lhe permitido fazer guerra aos santos e vencê-los.
7. Supremacia por um tempo, dois tempos e metade de um tempo ou 1260 dias ou anos.	7. Supremacia por quarenta e dois meses ou 1260 dias proféticos ou 1260 anos.
8. Mais firme que os dez chifres ou reinos europeus.	8. Deu-se-lhe poder sôbre tôda a tribo, e língua, e nação.

O PODER DA BÊSTA

A bêsta não exerce pròpriamente o seu poder. Em primeiro plano informa a revelação que o dragão lhe deu o seu próprio poder. Assim, o poder que ela exerce é o poder do dragão. Isto mesmo escrevera S. Paulo antes de S. João sôbre a bêsta: "Aquele cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás..."[1]) Em segundo plano, o dragão deu-lhe o seu poder através de Roma-pagã. Não devemos olvidar que o Império Romano foi, nos seus dias, um dos mais gigantescos sistemas político-religiosos conhecidos no mundo. O paganismo era a sua religião oficial, a própria vida do Império e a sua força como poder conquistador das nações. Porém, a transferência das sete cabeças e dos dez chifres do dragão simbólico de Roma-pagã à bêsta simbólica de Roma-papal, é evidência de que houve uma mudança no caráter do Império ainda que sua essência sobrevivesse.

Vimos já que o Império Romano, em virtude da invencibilidade do cristianismo, abjurou o paganismo e tornou-se um Império Cristão, aliás, formalmente cristão. Os imperadores, desde Constantino até o último deles, não só abraçaram o cristianismo-papal-romano como promoveram o seu avanço dentro das fronteiras do Império. E. depois da queda de Roma-Imperial cristianizada, os dez reinos, considerados na profecia como romanos pelo fato de serem parte integrante do quarto animal de Daniel sete representativo de Roma-pagã e terem dividido esta entre si, também abraçaram o cristianismo papal. Em virtude de tudo isto, somos forçados a concordar que, em verdade, houve uma mudança no caráter do Império Romano, e que esta mudança foi religiosa: Assim, sendo que o dragão era representativo da primeira fase de Roma — a pagã — e por isso mesmo não podia representar a segunda fase de Roma — a papal — no mesmo emblema de dragão, a revelação proveu um outro emblema de Roma, aliás, a "bêsta semelhante a um leopardo". Todavia o poder encerrado no símbolo da bêsta, continuou sendo ainda romano, disto testificando as sete cabeças e os dez chifres do dragão que lhe foram transferidos. Assim deparamos, evidentemente, a transferência do poder do dragão — de Roma-pagã para Roma-papal. Quer dizer que o poder continuou o mesmo em essência — o Império Ro-

mano —havendo tão somente sofrido uma metamorfose — do paganismo declarado para o paganismo cristianizado.

O TRONO DA BÊSTA

O dragão não só deu à bêsta o seu poder como também o seu próprio trono no mundo. Lembramo-nos de que Satanás uma vez dissera que ia estabelecer o seu trono;[1]) que a Jesus disse ser senhor do mundo;[2]) e que o próprio Senhor Jesus dissera que Satanás era o príncipe deste mundo.[3]) Disto tudo inferimos que Satanás, ao tempo de Cristo e da revelação do Apocalipse, tinha o seu trono no mundo. E, apresentando-se naquele tempo a Jesus como dominador do mundo, é evidente que o seu poder era exercido através do Império Romano que impunha seu cetro sôbre as nações. Diante disso, onde estaria mais o seu trono mundial senão em Roma? E quem duvidará que seu trono ainda está na cidade chamada eterna? Assim, no trono de Roma-pagã foi Roma-papal empossada pelo dragão, e isto desde o tempo de Constantino e reconhecida como soberana, no mesmo trono, por Justiniano, Imperador do Oriente, e pelas nações européias depois da conquista de Roma-Imperial-Ocidental, que governaram segundo os seus ditames. Isto prova sobejamente ter o dragão dado à bêsta o seu trono e o seu poder representado nas sete cabeças romanas, e o seu grande poderio ou domínio representado nos dez chifres ou a Europa.

Agora estamos prontos para afirmar mais uma vez que Roma-papal é o mesmo Império Romano, pois traz suas características em caráter e obras, diferindo apenas na mudança de nome. No livro — O Vaticano Potência Mundial — lemos esta frase: "Uma coisa é certo: que a antiga Roma subsiste na Roma cristã".[4]) E em verdade êste poder mesmo testifica que seu nome é romano, e, ainda mais, tem sua sede e seu trono em Roma, seu idioma é romano, suas pretensões são romanas e seu soberano absoluto pretende deificação como pretendiam os soberanos da velha Roma.

Deste modo o símbolo da bêsta, "como a maioria dos protestantes tem crido, representa o papado, que se sucedeu no poder, trono e poderio uma vez mantidos pelo antigo Império Romano"[5])

A CHAGA MORTAL CURADA

VERSO 3 — *"E vi uma de suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e tôda a terra se maravilhou após a bêsta".*

"E vi uma de suas cabeças como ferida de morte". — A chaga mortal foi vibrada indubitàvelmente sôbre a sétima cabeça que, segundo o capítudo dezessete e estas considerações, é a própria bêsta "semelhante ao leopardo" — o papado. E como a sétima cabeça ou

Roma-papal recebeu a ferida mortal, diz-nos enfàticamente a história ligada às conquistas francesas de Napoleão, na Europa. Um dos objetivos de Napoleão era acabar com o papado.

"Uma das primeiras medidas do novo govêrno foi expedir uma ordem a José Bonaparte, em Roma, para promover nos estados do país por todos os meios ao seu alcance, a revolução 'que se aproximava; sôbre tôdas as coisas cuidar que, à morte do papa (êle estava doente, 1797), nenhum sucessor fôsse eleito à cadeira de S. Pedro". "La Révelliére Lépaux, presidente do Diretório, escreveu a Napoleão: 'Com respeito a Roma, o Diretório cordialmente aprova as instruções que destes a vosso irmão, no sentido de impedir seja indicado um sucessor a Pio VI. Devemo-nos apoderar das presentes circunstâncias favoráveis para libertar a Europa da pretensa supremacia papal".[1])

E esta aspiração de França concretizou-se em virtude dos sucessos ocorridos em Roma nos derradeiros dias do ano de 1797. "A 27 de dezembro, numa dessas rixas junto ao palácio da embaixada, foi morto com um tiro o general francês Duphot, quando procurava acalmar a excitação dos soldados pontifícios. O embaixador francês, José Bonaparte, partiu imediatamente para Paris e a 11 de janeiro (1798) o general Berthier, que substituira Bonaparte no comando do exército da Itália, recebeu instruções do Diretório para vingar no Estado Romano aquêle horrendo crime.

"A 10 de fevereiro surgiu com o exército junto da cidade eterna, onde entrou no dia seguinte com 9.000 homens. A 15 de fevereiro foi plantada no Capitólio uma árvore da liberdade e o general Berthier, depois de ter feito redigir por cinco notários um documento em que o povo romano se declarava livres compareceu também no Capitólio com todo o seu Estado Maior, para confirmar o que se tinha feito e apresentar 'ao espírito de Catão, Pompéu, Bruto, Cícero e Hortência as homenagens dos descendentes livres dos gauleses. Rodolfo Manuel Haller, tesoureiro do exército italiano, foi comunicar brutalmente ao papa que então contava perto de oitenta anos, que o povo romano tinha proclamado a sua independência e já não o reconhecia como soberano político. Tiram ao pontífice a sua guarda suíça e oferecem-lhe o laço tricolor da nova república. Renunciando espontaneamente ao domínio temporal, o papado poderia conservar a dignidade espiritual e a república francesa garantir-lhe-ia uma pensão de 300.000 francos. Caso contrário, isto é, se se recusasse a abdicar, privá-lo-iam de tudo, inclusive da liberdade individual. O papa não quis abdicar e a 18 de fevereiro Haller voltou ao Vaticano. Sem se descobrir entrou na sala onde o papa estava a almoçar e exigiu-lhe a entrega das suas jóias. Tirou-lhe dos dedos dois anéis preciosos e intimou-o a preparar-se para deixar o palácio e a cidade de Roma. Como o papa pedisse que o deixassem morrer na capital do mundo cristão, foi-lhe respondido: 'podeis ir morrer em qualquer

outro sítio. Ou partis espontâneamente ou ireis à fôrça. Escolhei'. Na manhã de 20 de fevereiro foram buscá-lo ao Vaticano, metendo-o à pressa numa carruagem, que o levou a Siena, onde ficou provisoriamente alojado no convento dos Agostinhos".[1]) Posteriormente Pio VI foi levado a Florença e daí para o convento dos Cartuxos. No ano seguinte transportaram-no numa padiola através de Turim, por cima dos Alpes, para Grenobla, e afinal para a cidadela de Valence, no Delfinado, França, onde morreu a 29 de agosto de 1799.

A SORTE DOS CARDEAIS

"Com voz deprimida e queixosa expressam sua completa desistência de todo o govêrno temporal. A dignidade mesma de cardeal e a presença em Roma dos que eram revestidos dela, são incompatíveis com a nova ordem de coisas. Chegou o momento de proceder com grande severidade. Entre os cardeais não se teve consideração nem para com aquele cuja avançada idade e estado enfêrmo os requereram". "Escarnecidos quase todos êles, aprisionados e despojados de tudo, apressaram a afastar-se de Roma, em busca de algum retiro onde poder gozar do descanso que era o único bem de que pensavam poder gozar. Apenas ficou estabelecido o novo governo, quando já não se via nem vestígio do antigo".[2])

A FERIDA MORTAL CONFIRMADA

A queda temporal do papado causou imenso júbilo na França revolucionária. A propósito Merlin, então presidente do Diretório, pronunciou, no conselho dos quinhentos, a 10 de março de 1798, o seguinte discurso:

"Êste poder estava em contradição com as doutrinas fundamentais que pretendia reconhecer, aceitava o nome cristão para aviltá-lo, aniquilava ainda a religião que pregava, pretendia que seu reino não era dêste mundo e não obstante queria arrogar-se o domínio universal. Há 14 séculos demandava a humanidade o aniquilamento de um poder oposto à sociedade e que havia coberto a Europa de fogueiras e a havia regado com sangue, que se havia assenhoreado das consciências, que havia queimado em Constança e para honrar ao céu aos desditosos João Hus e Jerônimo de Praga, e que havia disposto bárbaros sacrifícios nas Índias orientais e ocidentais. Quantos males, mortes e abominações não havia causado a política papal principalmente em França! Quantas guerras civis não havia originado! Em virtude dos sentimentos que abrigavam ainda alguns franceses obcecados por consideração aos papas, havia-se tido considerações até então para com Roma. Porém a medida das iniqüidades estava já *cheia*. À petição dos cidadãos romanos entrou Berthier em Roma". "Que rasgo na história universal, o que os cônsules romanos manda-

ram a um ministro a Paris para dar graças aos franceses pelo auxílio magnânimo que êstes prestaram para libertar Roma". "Depois de lida esta mensagem no conselho dos anciãos, apoderou-se de todos o júbilo, e Bordas pronunciou a oração fúnebre do papado".[1])

E' de sumo valor profético a data de 10 de março de 1798 do reconhecimento da extinção do papado pelo Diretório revolucionário de França. Cêrca desta data, 1260 anos atrás, o papado teve seu caminho desimpedido com a derrota dos ostrogodos que cercavam Roma, e que constituíam o último obstáculo à carreira papal. Diz o historiador Guilherme Oncken: "Os ostrogodos, em tão fatal situação e faltos de víveres, levantaram o sítio de Roma, que havia durado um ano e nove dias, desde o mês de fevereiro de 537 até março de 538..."[2]) Dêste modo vemos que o período de supremacia papal de 1260 anos, conforme reza a profecia, cumpriu-se perfeitamente.

"E A SUA CHAGA MORTAL FOI CURADA"

Esta sentença profética testifica que o papado voltaria a reassumir a sua preponderância sôbre as nações. E isto exigiria, antes de tudo, a eleição de um novo papa. Durante dois anos, o mundo não teve papa. Porém, a República francesa, na Itália, caiu dois anos após seu estabelecimento, e os cardeais dispersos, reuniram-se em Veneza, em número de 35, e elegeram, a 14 de março de 1800, um novo papa, o cardeal Barnabé Luiz Gregório Chiaramonti, que tomou o nome de Pio VII. Êste foi o primeiro passo para a cura da chaga mortal que sofrera o papado e para a sua restauração ao antigo poder temporal. A própria França reatou relações com o papado e Napoleão convidou Pio VII para ir a Paris sagrá-lo imperador dos franceses, cerimônia esta que se realizou a 2 de dezembro de 1804, na catedral de Notre Dame.[3])

A revolução de Mazzini, Cavour e Garibaldi, deu ao papado, a 13 de maio de 1871, direitos sôbre o palácio do Vaticano, a catedral de São Pedro, São João de Latrão e Castel Gandolf. Mas o papado não se conformou com a derrota e a perda de seus Estados, e aguardou o dia em que a Itália restaurasse o poder temporal que lhe usurparam. E as negociações entaboladas entre o papa Pio XI e o govêrno facista italiano sob Mussoline, restabeleceram-lhe o poder temporal embora ainda em pequena escala. A 11 de fevereiro de 1929, o cardeal Gasparri, secretário papal, e Benito Mussoline, assinaram as estipulações que solvia a Questão Romana. "Acuradamente falando três documentos foram assinados em Latrão — um tratado político, uma convenção e a concordata". Na manhã de 12 de fevereiro, ao assomar Pio XI a um dos mais altos balcões da igreja de São Pedro, uma multidão de 200.000 pessoas concentradas na praça São Pedro, exclamou vibrante de entusiasmo: "Viva o papa-rei! Viva o

papa-rei!" Sim, estava restaurado mais uma vez o poder temporal do papado, e a ferida mortal de 1798 já mais cicatrizada.

"E TÔDA A TERRA SE MARAVILHOU APÓS A BÊSTA"

Embora restaurado ao poder temporal em 1929, o papado jamais se conformou com apenas os 44 hectares e uma população de pouco mais de mil habitantes que compreendem o Estado do Vaticano. Mas nem mesmo com a Europa inteira, onde era seu antigo domínio exercido, se conforma o papado. Suas pretensões temporais vão ainda muito além. Reza a profecia que o papado almeja o domínio de "tôda a terra". Em comprovação disto, vemos que o papado, para comemorar o pacto com o govêrno facista que restaurou em parte o seu poder, mandou cunhar uma moeda na qual num dos lados aparece o busto de Pio XI e no outro lado Pedro assentado sôbre o *glôbo da terra.* Quais são as pretensões temporais do papado? A resposta é a que está na medalha comemorativa — a terra, a totalidade do glôbo, tôdas as nações.

A soberania temporal do papado sôbre o Estado do Vaticano foi reconhecida por tôdas as nações civilizadas, dentre as quais cêrca de 50 mantêm embaixadas e legações na Sé Romana. Por sua vez o papado está mais forte do que nunca nos cinco continentes do glôbo. Sua influência internacional é enorme. "Outro fator importante na poderosa posição do Vaticano, no mundo de hoje, é o seu serviço secreto". "Não há poder temporal que tenha um serviço de informações, um serviço secreto comparável ao do Vaticano. Seus milhares e milhares de clérigos estão perfeitamente postados para verem o que faz, o que diz, e o que pensa o mundo". *"Os monsignori* do secretariado de Estado do Vaticano são esmeradamente exercitados na arte de interpretar êsses relatórios confidenciais que chegam de todos os cantos do mundo. Há quem diga que o Vaticano terá influenciado a decisão que tomou Roosevelt em dezembro de 1939, de enviar Myron Taylor ao Vaticano como seu representante pessoal".[1])

Sentado no trono dum Estado, o menor do mundo, é o papa um soberano mundial cujos súditos espirituais, para não dizer reais, encontram-se em tôdas as nações do glôbo. Já podemos dizer, em parte, que "tôda a terra se maravilhou após a bêsta".

O jubileu de Leão XIII, em 1888, é uma das maiores e mais incontestáveis evidências da homenagem da terra ao papado. Não só príncipes católicos e protestantes porfiaram por tributar homenagens de devoção a Leão XIII, através de "embaixadas extraordinárias, senão que ainda o sultão, o micado, o imperador da China, e o Xá da Pérsia, o último dos quais tratou o papa como o 'Messias superior aos habitantes do mundo celeste'. O papa mesmo exclamou arrebatado de júbilo: 'Consideraste-o bem. O mero ato de nosso jubileu

chamou a atenção do *mundo inteiro*. Não só católicos, não só particulares, mas também soberanos e príncipes, govêrnos e representações de povos hão querido cada qual mais ter participação nesta festa e dar-nos um testemunho de sua devoção e de seu aprêço'". "A imprensa papista chama o jubileu uma *maravilha*; ante Leão, o dominador de povos, proste-se o mundo inteiro'. Como peça final vão ainda umas linhas da Maerkische Volkszeitung de 3 de janeiro de 1900. Ao descrever o auge da igreja romana no século XIX, observa por fim: *'A princípio* do século achava-se o chefe da igreja em cadeias, e ao fim do mesmo século *todos os poderosos da terra* dirigem os olhares para o venerável ancião sentado no trono de Pedro e lhe tributam homenagem'".[1])

Tempo virá, porém, em que a profecia se cumprirá em tôda a sua plenitude, e o poder temporal do papado será exercido em tôda a Europa, como fôra exercido no passado, e estender-se-á aos países católicos da América e de outros continentes.

O DESAFIO DOS ADORADORES DA BÊSTA

VERSO 4 — *"E adoraram o dragão que deu à bêsta o seu poder e adoraram a bêsta, dizendo: Quem é semelhante à bêsta? Quem poderá batalhar contra ela?"*

"E ADORARAM O DRAGÃO QUE DEU À BÊSTA O SEU PODER"

O texto não pode ser mais claro. Aquêles que se maravilham "após a bêsta", adoram o dragão que lhe deu o poder. Em outras palavras, os adoradores da bêsta são adoradores do dragão. Não podendo receber Satanás uma adoração direta do mundo, recebe-a indiretamente por intermédio da bêsta. Satanás não poderia ter empregado sortilégio mais enganatório do que êste de receber homenagens de adoração do mundo através de um poder denominado cristão. Com isto adverte-nos a revelação do perigo de adoração da bêsta "semelhante ao leopardo".

"E ADORARAM A BÊSTA"

Adorar um poder que recebeu autoridade do dragão significa cometer grave pecado contra Deus e o céu. No entanto o papado, na pessoa de seus pontífices, não só pretende adoração como a tem recebido de milhões de grandes e pequenos. No passado não foram poucos os soberanos e príncipes que o adoraram a ponto de lhe beijarem os pés. Vemos Francisco I, Frederico Barba Roxa, Henrique IV e inúmeros outros potentados prostrados beijando os pés do representante do papado.

Numa medalha comemorativa da coroação do papa Adriano IV, vê-se a inscrição seguinte: "Quem Creant Adorant" — Adoram a

quem criaram. E verdadeiramente é isto assim. A tal estado espiritual desceu o homem, que adora um semelhante seu a quem êle próprio elevou à dignidade de Deus. Quando chega ao ponto de conduzir a um ser igual a si mesmo sôbre seus ombros, sentado numa cadeira especial, significa isto descer à mais degradante fórmula de adoração. Todo mundo sabe que o papado, e também seu clero em tôda a terra, exigem e recebem a adoração que só ao Todo-poderoso e a Seu Filho Jesus Cristo pertencem de direito.

Doutro lado, multidões adoram Roma-papal, obedecendo a suas leis e dogmas. A um decreto seu, os expedientes governamentais, em tôda a terra, fecham suas portas, como também o comércio e a indústria, detêm suas transações. As instituições de ensino, mesmo as protestantes, cerram suas portas. Sim, respeitando seus dias santificados, a terra, em grande parte, está homenageando e curvando-se aos pés da bêsta.

"QUEM É SEMELHANTE À BÊSTA? QUEM PODERÁ BATALHAR CONTRA ELA?"

Estas perguntas expressam o pensamento dos adoradores do papado em relação a êste poder. Jamais existiu semelhança de poder entre os soberanos das nações e o soberano da tiara romana. O poder de Roma é tanto mais alto do que o das nações que exerce sua influência sôbre elas. Os súditos do Vaticano são os próprios súditos das nações do mundo. Centenas de milhões de habitantes do mundo são mais fiéis a Roma do que às suas próprias nações. Os olhos de todo o orbe estão sôbre a colina do Vaticano mesmo os dos ateus e os de todos os seus inimigos. Deveras os seus adoradores orgulham-se em dizer: "Quem é semelhante à bêsta?"

E a pergunta: "Quem poderá batalhar contra ela?" é um desafio dos adoradores da bêsta a seus adversários. Nenhum poder terreno destruirá jamais o poder romano-papal. A profecia de Daniel assevera que o poder do papado é "mais firme" do que o dos govêrnos civis da terra.[1]) Poderosos reinos e influentes nações têm sucumbido desde eras remotas; Roma, porém, subsiste cada vez mais poderosa e influente. Na obra *A Igreja Católica* publicada em 1902, lemos: "Como é que a Itália ao entrar em Roma não se mostrou à altura de sua tarefa? Assim como houve gênios universais que estamparam seu sêlo sôbre seus respectivos séculos, assim pode falar-se também de uma metrópole, que impõe leis a todo o orbe; a história não conhece mais que uma: Roma! Já pagã, já cristã, com o panteon ou com a igreja de São Pedro, sob o govêrno de César ou o de Gregório VII, Roma é sempre católica, isto é, comum a todos, dominadora do mundo. Podeis odiá-la como Aníbal, desprezá-la como Yugurta, invadi-la como Genserico, Roma segue sendo dominadora. Podeis trasladar o assento do império para Cons-

tantinopla, a sede papal a Avinhão, podeis fazer-vos proclamar em Paris imperador romano, Roma segue sendo a que domina".[1]) E o cardeal Gibbons, referindo-se ao poder de Roma-papal, disse:

"A indestrutibilidade da igreja é *verdadeiramente maravilhosa*; a igreja só é capaz de despertar *admiração* de qualquer espírito que pensa, se se considera o número, a variedade e o temível poder de seus inimigos. Êste fato só estampa o *sêlo da divindade* na frente da igreja". "Em meio da ruína geral dos monumentos da terra ela é a única que se ergue orgulhosa em seu esplendor. Nenhuma pedra desta construção cai por terra. Em meio do assolamento geral dos reinos, o reino da igreja não é jamais destruído. A igreja é sempre antiga e sempre jovem; o tempo não pode produzir-lhe nenhuma ruga em sua frente".[2]) Eis o orgulho romano de sua indestrutibilidade.

Em vão tentou Napoleão abrogar o papado e outros potentados enfrentá-lo. O poder romano não cairá jamais pelo braço secular. Todavia sua queda é incontestável e apenas questão de tempo. Sua derrocada virá de cima, inesperada e segura. O Rei dos reis e Senhor dos senhores ajustará logo contas com o poder que usurpou o Seu nome e as suas dignidades. As profecias neste sentido não podem ser mais evidentes. O mundo está cansado de Roma e de seus insalubres ensinos. Basta já dêste poder corruptor da fé e da moral cristã. O terrível e certeiro golpe já se avizinha infalível e o mundo e a eternidade ver-se-ão livres do despotismo e da intolerância do império anti-cristão da bêsta "semelhante ao leopardo".

O PAPADO E A DEMOCRACIA

O papado não é uma democracia nem mesmo no seu Estado. Numa democracia o soberano é eleito pelo povo de seu Estado, tornando-se então govêrno "do povo, pelo povo e para o povo". Não se dá isto com o soberano do Vaticano. O papa em seu Estado, não é eleito pelo povo católico. Êste não comparece às urnas para elevá-lo ao trono. Nenhum católico do mundo, exceto os cardeais, elege o seu pontífice. O papa é o potentado exclusivo. O que diz é executado inexoràvelmente. Daí não serem os súditos mundiais do papado mais que autómatos em suas mãos. Êle domina suas consciências a seu prazer. Em matéria de fé não têm os católicos direito de pensar. O papa é quem pensa por êles. E quando o futuro restaurar completamente o seu domínio temporal, e ainda muito mais ampliado, veremos coisas e leis espantosas demandarem a terra procedentes do trono de Roma.

AS BLASFÊMIAS DA BÊSTA

VERSOS 5-6 — *"E foi-lhe dada uma bôca para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para continuar por quarenta*

e dois meses. E abriu a sua bôca em blasfêmia contra Deus, para blasfemar ao Seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu".

A DURAÇÃO DE SEU PODER TEMPORAL

Os 42 meses da dominação do papado são encontrados também no capítulo onze. O mês profético compreende 30 dias, pelo que os 42 meses perfazem um total de 1260 dias. Entretanto os 1260 dias ou 42 meses são proféticos, isto é, um dia equivale a um ano.[1]) Dêste modo o período conta 1260 anos literais preditos como tempo da supremacia temporal do papado, antes de receber a ferida mortal de França. E o ponto inicial dos 1260 anos é marcado pela derrota dos ostrogodos e levantamento do cêrco de Roma por êstes inimigos mortais do papado, no ano 538. Nesta data ou "no século sexto tornou-se o papado firmemente estabelecido. Fixou-se a séde de seu poderio na cidade imperial e declarou-se o bispo de Roma a cabeça de todas as igrejas. O paganismo cedera lugar ao papado. O dragão dera à besta 'o seu poder, e o seu trono, e grande poderio'. E começaram então os 1260 anos da opressão papal preditos nas profecias de Daniel e do Apocalipse".[2])

Foi exatamente em 538 com a derrota dos ostrogodos oponentes do papado, que o novo papa eleito, "Virgílio, dócil criatura de Teodora, subiu ao trono papal sob a proteção militar de Belisário", o vencedor dos ostrogodos.[3]) "Os escritores católicos romanos, datam o episcopado de Virgílio desde a morte de Silvério, reconhecendo-o daí em diante entre os papas legais".[4])

"Justiniano se enriqueceu com a propriedade de todos os 'hereges', isto é, os não católicos e deu aos católicos suas igrejas; no ano 538 publicou editos obrigando todos a unir-se à igreja católica no prazo de noventa dias ou a abandonarem o império sendo-lhes confiscado os bens".[5])

Vemos assim que no ano 538 o catolicismo foi por Justiniano feito religião do Estado, sendo proibidas tôdas as outras religiões. O que deu especial significação a êsses editos foi o fato de que já no ano 533 Justiniano declarou o bispo de Roma chefe da igreja universal, e tornou súditos da Sé de Roma a todos os sacerdotes, mesmo os do Este. Em 15 de março de 533 êle (Justiniano) escreveu êsse fato ao papa João II na seguinte linguagem:

"Com honra à sede Apostólica,... nos apressamos em pôr ao conhecimento de Vossa Santidade tudo o que se refere à condição da igreja. Sempre foi o nosso desejo manter a união de Vossa Santa Sé Apostólica e o estado das Santas Igrejas de Deus tal como existe na atualidade, para que possa persistir sem transtôrno ou oposição. Portanto, nós nos propusemos unir todos os sacerdotes do Oriente e subordiná-los à Santa Sé de Vossa Santidade. Por êste motivo não

admitimos discussão no que se refere ao estado da igreja, mesmo quando o que origina a dificuldade pode ser claro e indubitável, sem, levá-lo ao conhecimento de Vossa Santidade, porque Vós, sois o chefe de todas as Santas Igrejas; dêsse modo nos esforçamos (como já se afirmou) para aumentar a honra e autoridade de Vossa Santa Sé...

"Portanto, suplicamos ao Vosso Paternal afeto, para que mediante Vossas cartas nos informe bem como ao Mui Santo Bispo desta Imaculada Cidade e Vosso irmão, o Patriarca que escreveu pessoalmente a Vossa Santidade por intermédio dos mesmos mensageiros, ansiosos de seguir em tôdas as coisas a Santa Sé Apostólica de Vossa Santidade, para que confirmeis a nós que Vossa Santidade reconhece todos os fatos acima, mencionados".[1])

Parte da resposta do papa a Justiniano, imperador do Oriente, exaltando-o por submeter tudo a Roma, lemos como segue:

"João, Bispo da Cidade de Roma, a Justiniano, mais ilustre e piedoso filho. Entre as razões mais notáveis para louvar sua sabedoria e gentileza, o imperador mais cristão, um que irradia luz como a estrêla, está o fato de que pelo amor à Fé, e animado pelo fervor à caridade, e douto na disciplina eclesiástica, mantivestes veneração para com a Santa Sé de Roma e submetestes tôdas as coisas à sua autoridade, unificando-a... Sem dúvida, esta Santa Sé é a cabeça de tôdas as igrejas, conforme o sustentam todos os editos dos imperadores, os regulamentos dos sacerdotes e as palavras de vossa mais reverente devoção...

"Portanto, é oportuno exclamar com voz profética, 'O Céu se regozijará por vós e derramará sôbre vós suas bênçãos, as montanhas se regozijarão e as colinas se alegrarão com grandíssimo júbilo'...

"Que a graça de nosso Senhor permaneça para sempre convosco, mui piedoso filho, amém..."[2])

Contando de 538, os 1260 anos atingem ao ano de 1798, que, como constatamos amplamente, o papado recebera o golpe mortal da espada francesa de Napoleão. A profecia encontrou seu inexorável cumprimento.

AS BLASFÊMIAS DA BÊSTA

Se as palavras blasfematórias da bêsta atingissem apenas os seus iguais da terra e os sêres celestiais comuns, isto ainda não seria tão grave. Porém, suas mais ofensivas palavras são dirigidas "contra Deus, para blasfemar de Seu nome, e do Seu tabernáculo".

Uma blasfêmia só pode, em verdade, ser dirigida contra Deus. Um mortal não pode blasfemar de outro mortal porque ambos são iguais. Mas, quando o homem blasfema, só pode fazer contra Deus ou contra Seu Filho e Seu Santo Espírito. Enquanto no Apocalipse lemos que a bêsta "abriu a sua bôca em blasfêmia contra Deus",

no livro de Daniel lemos: "E proferirá palavras contra o Altíssimo".[1]) Ambos, o Velho e Novo Testamentos, unem-se para atestar que o papado blasfema contra o Todo-poderoso.

Em primeiro lugar, reza a inspiração, o papado blasfema contra o nome de Deus. E quando é que um ser mortal blasfema do nome de Deus? Nos evangelhos encontramos uma muito clara indicação do que seja blasfemar contra o nome de Deus. Vejamos no parágrafo seguinte.

Numa das altercações entre Cristo e os judeus, êstes Lhe responderam: "Não Te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfêmia; porque, sendo Tu homem, Te fazes Deus a Ti mesmo".[2]) A acusação dos judeus de blasfêmia contra Jesus de fazer-Se Êle Deus, era falsa porque Êle realmente era e é Deus. Mas, quando um homem se intitula Deus e assume as prerrogativas de Deus e os títulos relativos à divindade, isto constitui verdadeiramente blasfêmia. Perguntamos agora: Pretende o papado, na pessoa de seu absoluto pontífice, ser Deus na terra? A resposta é afirmativa e até mesmo profética como atesta São Paulo, dizendo: "Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará *como Deus,* no templo de *Deus querendo parecer Deus"*.[3])

O representante do papado, diz o apóstolo, fruto da apostasia da igreja, assenta-se "como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus". Perguntamos: Têm os pontífices romanos manifesto esta pretensão? A resposta é, sim. Há no direito canônico papal uma proposição que assim reza: "O para romano não ocupa o lugar de um mero homem, senão o do verdadeiro Deus neste mundo".[4]) Inocêncio III, nas suas decretais, diz, referindo-se ao papa: "Deus, porque é vigário de Deus". "O papa não é sòmente o representante de Jesus Cristo, mas é o mesmo Cristo escondido sob o véu da carne".[5]) "O papa é como se fôsse Deus na terra, único soberano dos fiéis de Cristo, principal rei dos reis, com a plenitude do poder, a quem Deus onipotente não só confiou a direção do que é terreno, mas também a do celestial... O papa tem tão grande autoridade e poder que pode mesmo modificar, explicar ou interpretar as leis divinas".[6]) Em 1938 disse o papa Pio XI: "Deus no céu e eu na terra..."[7]) Num congresso eucarístico de Buenos Aires, foi distribuído um pequeno folheto em honra do papa, em o qual, entre outras exaltações do pontífice de Roma, encontramos a seguinte: "Jesus Cristo pôs o papa na Igreja, para que O representasse de tal maneira, que o papa fôsse em tôda a profundidade da frase: 'O Doce Cristo na terra'. "A eleição de Pio XII, declarou o arcebispo de Paris, cardeal Verdier, ao representante da Agência Havas, 'foi um grande acontecimento. Di-lo bem alto a atitude do mundo inteiro.

Direi que *o universo tem a sensação de haver encontrado o seu pai*"[1]) Sim, eis aí grandes blasfêmias da besta; de mortais que se arrogam igualarem-se ao Todo-poderoso Deus e a Seu Filho Jesus Cristo verdadeiro e único Salvador do mundo.

Mas a bêsta não blasfema só contra Deus senão também contra o "Seu tabernáculo". No tabernáculo ou santuário de Deus, no céu, prossegue a obra de redenção do gênero humano, sendo Jesus ali o único mediador do homem. Porém, em vez do papado chamar a atenção do cristianismo para o tabernáculo de Deus e para Jesus, o seu Mediador, está sempre a chamar a atenção para os seus próprios tabernáculos terrenos, suas igrejas, e seus sacerdotes como se êstes fossem mediadores entre Deus e os homens. Notemos a grande blasfêmia que segue sôbre a pretendida transubstanciação:

"Nossa admiração, porém, deve ser muito maior quando encontramos que em obediência às palavras de seus sacerdotes: HOC EST CORPUS MEUM (Êste é o meu corpo), Deus mesmo desce ao altar, acode onde quer que O chamem, e se coloca em suas mãos, ainda quando sejam Seus inimigos. E havendo acudido, coloca-se, completamente a sua disposição; transladam-nO como querem de um lugar para outro; podem, se assim o desejam, encerrá-Lo nos tabernáculos ou espô-Lo sôbre o altar, ou levá-Lo para fora da igreja; podem se assim o decidem, comer Sua carne e dá-la para alimentar a outros. 'Oh, quão grande é seu poder! — disse São Lourenço Justiniano, falando dos sacerdotes. — Cai uma palavra de seus lábios e o corpo de Cristo está aqui substancialmente formado com a matéria do pão, e o Verbo Encarnado descido do céu acha-se realmente presente sôbre a mesa do altar!'

"Assim pode o sacerdote, em certa maneira, ser chamado criador de seu Criador... 'O poder do sacerdote — disse São Bernardino de Siena — é o poder da pessoa divina; porque a transubstanciação do pão requer tanto poder como a criação do mundo'".[2])

Poderá haver maior blasfêmia do que a pretensão de fazer do amante Salvador um verdadeiro joguete? Em milhares de igrejas em tôda a terra e diariamente, os sacerdotes do papado pretendem fazer de Cristo aquilo que acima diz Alfonso Ligorio, porta-voz do romanismo. E' assim que a bêsta romana desvia a atenção dos homens do santuário de Deus e do sacrifício realizado pelo Filho de Deus, volvendo-os a seus templos terrestres e ao sacrifício da missa que não tem lugar no plano de Deus. Jesus morreu uma vez só, diz São Paulo, pelo pecador. Mas a igreja romana, segundo ensina, arroga-se repetir na missa o sacrifício da cruz milhares de vêzes diàriamente.[3]) Isto é grande blasfêmia.

Mas as blasfêmias vão além. Atingem também os "que habitam no céu". No santuário celestial, Jesus, como Sumo-sacerdote, é assistido por um grupo de vinte e quatro anciãos, segundo lemos nos ca-

pítulos quatro e cinco. Quando a igreja de Roma se arroga fazer de Cristo, na missa e na eucaristia o que bem entende — repetir o sacrifício do Calvário; tornar carne e ossos o Senhor dos céus; perdoar pecados de vivos e mortos, em desacordo com o ritual do templo celestial onde somente são os pecados perdoados pelo Filho de Deus — então isto é também blasfêmia contra os "que habitam no céu" e assistem o Sumo-sacerdote verdadeiro em seu serviço. Esta atitude da igreja católica desmantela a obra mediadora de Jesus no santuário e a dos que O assistem. Tôdas as pretensões do papado e todo o ritual romano não são mais que "blasfêmias contra Deus", contra o "Seu tabernáculo" e contra os "que habitam no céu", pois já as sete cabeças da bêsta estão cheios de nomes de blasfêmias.

GUERRA DA BÊSTA CONTRA OS SANTOS

VERSO 7 — *"E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-las; e deu-se-lhe poder sôbre toda a tribo, e língua, e nação".*

"E FOI-LHE PERMITIDO FAZER GUERRA AOS SANTOS"

Aos que o papado perseguiu taxando-os de hereges, a profecia de Deus chama-os de santos. Logo que se iniciaram os 1260 anos de supremacia temporal do despotismo papal, "os cristãos foram obrigados a optar entre renunciar sua integridade e aceitar as cerimônias e culto papais, ou passar a vida nas masmorras, sofrer a morte pelos instrumentos de tortura, pela fogueira, ou pela machadinha do verdugo". Desencadeou-se a perseguição sôbre os fiéis com maior fúria do que nunca, e o mundo se tornou um vasto campo de batalha. Durante séculos a igreja de Cristo encontrou refúgio no isolamento e obscuridade. Assim diz o profeta: 'A mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fôsse alimentada durante mil e duzento e sessenta dias".[1]) Porém o conde Hoensbroech diz-nos ainda dos recursos de que se valeu Roma nesta tremenda guerra contra os santos: "À direita e à esquerda o caminho seguido pela igreja romana acha-se bordado por milhares de fogueiras e por sangrentos cadafalsos. As chamas chispotearam até o céu; nosso pé tem que passar por cima de arroios de sangue humano; corpos humanos se retorcem no avermelhado resplandor, cabeças humanas rolam pelo caminho. Para nós se arrastam aparições queixosas; seus olhos foram apagados na grande escuridão do cárcere; seus membros são esquartejados e despedaçados pelo tormento. Suas almas são abatidas, aviltadas, cobertas de opróbrio... Que caminho! E êste caminho não tem fim! Em voltas e revoltas sem fim, recorre todos os países do ocidente". "Tormento, fogueira e espada têm sido convertidos em apóstolos da *religião de Jesus Cristo!"* "O auto de fé da inquisição é a manifestação mais tremenda e san-

grenta que se haja apresentado como sistema sob o manto da religião no mundo cristão. O sangue que por causa dela foi derramado em rios pode ser exclusivamente imputado ao papado".[1])

Basta! A história está regada de sangue de dezenas de milhões de santos esmagados pelo tacão de Roma-papal. Os governos europeus, os quais se aliaram ao papado e estiveram sob seus pés por 1260 anos, consentiram e ajudaram-no a massacrar os seus súditos em favor de Roma. E' verdadeiramente deprimente uma nação atender as sugestões dum poder estrangeiro para voltar sua espada contra seus próprios súditos em seu favor! Mas as perseguições do papado não se limitaram apenas à Europa. O misérrimo tribunal da inquisição estendeu seus estranguladores tentáculos à América, fazendo vítimas nas repúblicas de idioma espanhol, bem como noutros setores do glôbo.

"E DEU-SE-LHE PODER SÔBRE TÔDA A TRIBO, E LÍNGUA, E NAÇÃO"

Já salientamos que Satanás deu à besta "o seu poder, e o seu trono, e grande poderio". O mesmo poder que exerceu em todo o mundo, "sôbre tôda a tribo, e língua e nação", transferiu êle ao papado. A declaração profética alude especialmente aos dias da supremacia temporal do papado — 538 a 1798 — e também a um futuro próximo quando mesmo o poder civil das nações se tornar dependente do papado; pois em grande parte já domina suas consciências.

OS ADORADORES DA BÊSTA DEFINIDOS

VERSO 8 — *"E adoraram-na todos os que habitam sôbre a terra, êsses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo".*

NOMES QUE NÃO ESTÃO NO LIVRO DA VIDA DO CORDEIRO

O livro da vida é referido várias vezes no Novo Testamento. Somos informados de que êle apenas "contém os nomes de todos os que já entraram para o serviço de Deus". E "São Paulo fala de seus fiéis cooperadores 'cujos nomes estão no livro da vida'" "Seus nomes permanecem registrados no livro da vida, e está escrito com relação a êles: 'Comigo andarão de banco; porquanto são dignos disto'".[2]) De tudo inferimos que no livro da vida só se encontram os nomes dos que aceitaram a Cristo como Salvador pessoal, pregam Seu puro evangelho e orientam suas vidas por Êle. E isto não podemos dizer dos que adoram a Bêsta e se orientam por suas tradições-pagãs e não pelo evangelho de Cristo. Seus nomes, pois, "não

estão escritos no livro da vida do Cordeiro", o que equivale a dizer que não terão parte com Cristo na vida eterna.

O CORDEIRO "QUE FOI MORTO DESDE A FUNDAÇÃO DO MUNDO"

O Cordeiro aqui mencionado é Jesus. Mas, como poderia Jesus ter morrido "desde a fundação do mundo"? A inspiração conta-nos da tragédia do pecado no mundo, ainda bem no princípio de sua criação. O homem, por seu pecado devia morrer. Mas o Filho de Deus pleiteou com o Pai, oferecendo-Se para pagar a pena do pecador, morrendo por êle. E quando Jesus, lá no início do mundo se ofereceu para morrer pelo pecador e foi aceito por Deus como o Cordeiro "que tira o pecado do mundo", Seu sacrifício, embora tomasse lugar 4.000 anos depois, foi considerado desde então como consumado, e foi assim que Êle foi morto desde a fundação do mundo. Se assim não fôra, os que viveram antes da cruz não poderiam confiar no Seu sacrifício expiatório e muito menos terem esperança de libertação do pecado. Mas os adoradores da besta excluiram-se voluntariamente do imenso amor de Deus manifesto na dádiva de Jesus como o Cordeiro de Deus. Êles se puseram, por preferência à bêsta, afastados dêsse amor que inclui no livro da vida os nomes dos que reconhecem o imenso sacrifício de Deus para salvar o pecador da eterna morte.

A INOLVIDÁVEL RECOMPENSA DA BÊSTA

VERSOS 9-10 — *"Se alguém tem ouvidos, ouça. Se alguém leva em cativeiro, em cativeiro irá: se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto. Aqui está a paciência e a fé dos santos".*

"SE ALGUÉM TEM OUVIDOS, OUÇA"

Esta frase já tem sido apresentada muitas vezes nas cartas às sete igrejas, como uma advertência. E, agora, depois da profecia sobre a origem, obra e destino do papado, a mesma frase adverte os que dela são notificados. Noutras palavras, quem tem ainda consciência, ouça com ela a advertência, abandone Roma e ponha-se sem temor ao lado da divina verdade para salvar-se.

A RECOMPENSA DA BÊSTA

Depois de a profecia fazer alusão à guerra de Roma contra os inocentes e fiéis testemunhas de Jesus, em que sucumbiram aos milhões de milhões, faz então mensão do cativeiro e da morte do poder opressor. França caiu sobre o papado, e, no teor da profecia, matou-o, embora apenas por dois anos e levou o papa em cativeiro onde mor-

reu. No futuro que longe não está, uma outra espada, predita, cairá sobre o mesmo poder, então para eliminá-lo para todo o sempre do mundo.[1])

"Aqui está a paciência e a fé dos santos": — Esta proposição da profecia prova que Deus não deixara sem consolo os seus fiéis perseguidos de morte e caçados pelas cruzadas e tribunais da inquisição para serem chacinados. O heroísmo dos miríades de miríades de mártires na hora do suplício, bem pode ser que fôsse resultante do conforto dêste consolo profético de Deus e de Jesus. Paciência e fé são indispensáveis nas tribulações mesmo as mais dramáticas. A paciência para o devido testemunho em prol da verdade pura e de Seu Autor e a fé para a permanência na mesma verdade, aos pés do Salvador. Paciência e fé são imprescindíveis virtudes cristãs na vida espiritual.

Paciência e fé foram poderosas armas de que lançaram mãos aquêles baluartes da igreja cristã nos escuros séculos da idade Média. Quando lemos de suas prisões, seus açoites, suas torturas e finalmente a morte, infligidos pelos tribunais da inquisição; quando lemos como eram caçados pelos vales e montes como se fossem animais bravios que devessem ser destruídos; quando lemos da firmeza inabalável daquelas heróicas testemunhas de Jesus Cristo, — podemos então imaginar quão grande era a paciência e quão altaneira era a fé daqueles santos devorados pelas chacinas daqueles esbirros de Roma.

Todavia, a firmeza daqueles heróicos luminares deve infundir ânimo e coragem indómitos em todo o cristão dêstes derradeiros dias, quer nas tribulações comuns quer nas perseguições movidas hoje ainda por aquêle mesmo poder perseguidor. Logo o mundo atual terá a oportunidade de deparar o mesmo espírito de Roma que norteou sua história naqueles chamados séculos escuros. Mas, aos heróis cristãos será garantido poder sem limite do alto, e jamais cederão às instâncias de seus algozes perseguidores. Portanto, urge, pois, que tomemos agora posição junto de Cristo e de Seu evangelho puro, para que tenhamos o Seu poder e a Sua ajuda quando a tempestade desabar sôbre Sua igreja. Paciência e fé, eis as indispensáveis armas desde agora, para a segura vitória então.

II — A BÊSTA QUE SUBIU DA TERRA

Uma bêsta estranha

VERSO 11 — *"E vi subir da terra outra bêsta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro, e falava como o dragão".*

UMA BÊSTA QUE SEGUE À PRIMEIRA

Disto se compreende que a nova bêsta que segue à papal, que pelo teor de sua profecia simboliza um novo poder religioso ou po-

lítico-religioso, deveria ter surgido ou sido reconhecida como potência no mundo pela altura da ferida mortal aplicada ao papado ou em tôrno do ano 1798.

"E VI SUBIR DA TERRA OUTRA BÊSTA"

A primeira bêsta, o papado, surgiu do mar, ou como apreciamos, dentre as nações. Portanto, a segunda bêsta que subiu "da terra" e não do mar, deve ter-se levantado ou crescido em um território desocupado, solitário, deserto, numa região da terra onde ainda não havia povos e nações. Assim surgiu esta bêsta ou êste novo poder, não em consequência de lutas e conquistas armadas como os grandes poderes mundiais das profecias, como feras rapinantes,[1]) mas como uma planta que nasce, cresce e atinge a sua culminância pacificamente.

Para encontrarmos o poder representado por esta bêsta que subiu "da terra", devemos sondar os continentes para nos assegurarmos qual tenha sido a potência como tal reconhecida no mundo ao tempo em que o papado recebeu o golpe mortal dos revolucionários franceses em 1798. Não esqueçamos, porém, que o novo poder deveria ter-se formado pacificamente longe de povos e nações, e que, por isso mesmo, não o podemos encontrar na Europa que era o setor do papado até 1798 e mesmo depois desse ano. Em torno dêsse ano não se levantou nenhum novo poder ou nação na Ásia, na África e muito menos que viesse satisfazer os requisitos da profecia. Pois tanto a Europa como a Ásia e a África não só eram continentes habitados como comovidos pelas tempestades da guerra, não preenchendo dêste modo os requisitos de territórios desertos e pacíficos para o levantamento da segunda bêsta ou poder desta profecia.

No fim do século XV, porém, um novo continente foi descoberto — o continente americano. Em 1492 Cristóvão Colombo aportou no norte do continente americano, descobrindo-o para o resto do mundo. Um "novo mundo" era pela primeira vez conhecido no planêta e Colombo, ao tomar posse do continente que descobrira, proferiu a oração seguinte: "Todo-poderoso e eterno Deus que, pela energia da Tua palavra criadora, fizeste o firmamento, a terra e o mar, bendito e glorificado seja o Teu nome em todos os lugares. Que a Tua majestade e domínio sejam exaltados para todo o sempre, pois permitiste que Teu santo nome se tornasse conhecido por meio do mais humilde dos Teus servos nesta até agora desconhecida parte do Teu império".[2])

E' significativa a expressão da oração de Colombo de que o continente ao qual aportou era até então desconhecido do resto do mundo habitado, um vasto deserto, realmente um território desabitado, sem nacionalidades, sem povos. E foi, inquestionàvelmente, na

América solitária, que se ergueu a nova besta, o novo poder que iria ter extraordinária influência no mundo.

A BÊSTA QUE SUBIU DA TERRA NO NOVO MUNDO

E' de grande significação o fato de que a civilização, desde os derradeiros dias do século XV, marchou para o Oeste, atravessou o Atlântico e estabeleceu-se no "novo mundo" de Cristóvão Colombo, descoberto quase simultâneamente com o grande movimento da Reforma religiosa do século XVI, aliás 25 anos antes do grito de alarme de Lutero contra a altivez e os erros de Roma. E, qual o poder representado pela besta que subiu "da terra", nos desertos pacíficos do "novo mundo", senão os Estados Unidos da América do Norte?

Há evidências altamente comprobatórias de que a profecia aponta aos Estados Unidos como a bêsta que subiu "da terra". Em primeiro lugar, esta grande nação levantou-se dum território antes solitário, subindo, portanto, não do "mar" de povos e nações, mas duma terra deserta. Em segundo lugar, como evidencia a revelação, os Estados Unidos constituem um poder religioso no mundo que, como veremos, foi fundado por religiosos protestantes inglêses. Em terceiro lugar, a América do Norte está em sua história relacionada com o povo de Deus como está a bêsta-papal desta inspiração. Em quarto lugar, todos os detalhes da profecia harmonizam-se precisamente com a sua história.

COMO A SEGUNDA BÊSTA SUBIU "DA TERRA"

Os Estados Unidos da América do Norte constituem uma nação de língua inglêsa, e, portanto, foram originalmente filhos da Inglaterra. Sua origem acha-se fundada na intolerância religiosa da Idade Média e na história dos cristãos puritanos inglêses.

Os puritanos existiam na Inglaterra desde meados do século XVI, e ainda que não eram queridos, a rigidez de seus costumes e sua abnegação impressionavam profundamente as massas. Apenas houve passado o melhor da vida (em 1603) a grande rainha Isabel, o alto clero anglicano começou a manifestar suas tendências de absolutismo e de intolerância. O Grande Conselho (High Commission) criado em 1584 para servir de vanguarda contra os trabalhos dos partidários de Roma estendeu sua ação raivosa a todos os dissidentes da igreja oficial. As reuniões dos separatistas foram dissolvidas em tôdas as partes e perseguidos os que a elas assistiam, pelo que mui logo só se atreveram a reunir-se secretamente e a maioria de seus membros, residentes em Nottingham, Lincoln e York, conceberam a idéia de abandonar sua pátria e buscar um país onde pudessem professar sua religião sem se verem molestados, coisa difícil por estar

proibida a imigração, sem licença expressa do govêrno, por um decreto da rainha Izabel. Para iludir a lei trasladaram-se em pequenos grupos à costa; ali embarcaram para a Holanda, onde havia liberdade de culto, e em Amsterdam um de seus pregadores mais notáveis, João Robinson, fundou uma pequena comunidade composta quase em totalidade de artífices e lavradores, que sendo estrangeiros ganhavam escassamente sua subsistência com seu trabalho. Formou-se pouco a pouco outra comunidade em Leiden e novos adeptos foram chegando da Inglaterra, ainda que não gostavam muito do país nem do modo de vida de seus habitantes que nada tinham de puritanos.

Os expatriados viam com dor que seus filhos se contagiavam do mau exemplo, e antes de sucumbir de todo à influência do país, dirigiram seus olhares a outras Comarcas, primeiro à Guiana, para onde conduziu Walter Raleigh uma expedição que deu mau resultado e custou a vida àquele homem. Não sendo possível estabelecer-se naquela parte da América, enviaram os puritanos a dois dêles, Roberto Cushman e João Carver, à Inglaterra para adquirir terras da Companhia Colonizadora de Virgínia, nome que se aplicou a quase tôda a costa oriental da América do Norte. Estas negociações duraram um par de anos, até que finalmente Cushman e Brewster lograram o objetivo que se propunham, e em 1620 pôde embarcar o primeiro grupo de puritanos para a sua nova pátria, com o dinheiro que um comerciante de Londres, Thomas Weston, lhes adiantou sob condições algo duras.

O pastor Robinson ficou na Holanda com uma parte da comunidade. Dos dois navios que fretavam um era inútil para a travessia e houve de regressar com seus pasageiros à Holanda, e o outro denominado *Flor de Maio*, chegou à costa norte-americana no mês de novembro, depois de uma travessia muito grande. Até 16 de dezembro não encontravam os emigrantes um sítio conveniente para desembarcar. O ponto elegido foi chamado Nova Plymouth.

Antes de desembarcar firmaram os emigrantes um pacto solene pelo qual todos se obrigaram a respeitar e cumprir as disposições e leis justas e prudentes que conviesse adotar para o bem comum; ao próprio tempo nomearam um governador por um ano, a João Carver, e um lugar tenente ou suplente para quando fôsse necessário. Feito isto, desembarcaram (a 21 de dezembro de 1620) em número de 101 naquela costa inóspita e na estação mais cruel.

A laboriosidade daqueles homens e a perseverança e a paciência com que suportaram tôdas as penalidades, seu entusiasmo religioso, seus costumes puros e sua vida simples tem-lhes valido expressivos louvores. Estava fundada assim a primeira colônia que até aos seus quatro anos, contava com apenas 32 casas e um total de 184 habitantes.

Em 1630 chegaram mais 416 emigrantes que fundaram novas colônias. Grande era o interêsse que despertavam as colônias tran-

satlânticas, onde os colonos desidentes, como se dizia na Nova Inglaterra, podiam servir a Deus à sua maneira. A sociedade concessionária do território decidiu trasladar a direção à Nova Inglaterra e nomeou governador a João Winthrop, o qual em 1630 marchou a seu destino com 17 navios e 1500 emigrantes. O tempo encarregou-se de trazer novos colonos que iam fundando novas colônias.

Em 1643 formaram as colônias de Nova Inglaterra um projeto de união, com o nome de "Colônias Unidas de Nova Inglaterra", de mútuo conselho e apoio em tôdas as coisas justas, para a conservação e propagação da verdade e dos direitos baseados no Evangelho, e para sua prosperidade e segurança mútua. Esta união foi um passo dado para fazer frente às exigências da mãe pátria, que não consideravam razoáveis.

Em 1755 atingiam os colonos a mais de 50.000. Em 1765, o congresso geral reunido em Nova York, contra a lei do timbre do Parlamento Inglês, resolveu não pagar impostos além dos já decretados e não enviar mais representantes das colônias ao Parlamento como incompatível com as condições geográficas. Começou a revolta contra a Inglaterra numa excitação cada vez mais crescente. A Inssurreição atingiu afinal tôdas as colônias. As importações da Inglaterra foram canceladas. Os exportadores inglêses para as colônias recorreram ao Parlamento solicitando medidas urgentes para a aflitiva situação em que se viam. O Parlamento revogou a lei do timbre, o que deu lugar a júbilo na Inglaterra e muito mais nas colônias americanas. Mas as relações das colônias com a metrópole não tardaram a azedar novamente numa sedição ainda maior. Em 28 de dezembro de 1772, um navio com 340 caixas de chá, chegado ao pôrto de Boston, foi assaltado e todo o carregamento, no valor de 18.000 libras esterlinas, foi arrojado ao mar. Tôdas as colônias aprovaram o ato e recusaram o chá por excessivo que era o seu preço. Os colonos suprimiram todo o tráfico com a Inglaterra e fomentaram sua própria indústria. Um exército inglês desembarcou nas colônias em 1774. O congresso das colônias autorizou a George Washington e alguns outros a organizarem o exército de resistência. Washington foi unanimemente aclamado general em chefe do "exército continental americano". Em .17 de junho de 1775 começaram a terçarem armas os exércitos inglês e americano, nas cercanias de Boston. O congresso americano encarregou uma comissão para redatar a declaração de independência, cujo redator Thomas Jefferson, a apresentou à apreciação do congresso. E a 4 de julho de 1776 foi lançada a histórica proclamação de independência, pelas treze colônias unidas, cujos têrmos temos a seguir:

"Quando, no decorrer dos acontecimentos humanos, se torna imperioso que um povo rompa os laços políticos que o unem a outro, assumindo junto às potências do glôbo o lugar que lhe compete como nação independente ao lado de seus pares, e de acôrdo

com as leis da natureza e as leis de Deus, impõe o devido respeito às opiniões da humanidade que êsse povo declare os motivos que levaram à separação.

"Cremos axiomáticas as seguintes verdades: que todos os homens foram criados iguais; que lhes conferiu o Criador certos direitos inalienáveis, entre os quais o de vida, de liberdade, e o de procurarem a própria felicidade; que, para assegurar êsses direitos se constituíram entre os homens govêrnos cujos justos poderes emanam do consentimento dos governados; que sempre que qualquer forma de governo tenda a destruir êsses fins, assiste ao povo o direito de mudá-la ou aboli-la, instituindo um novo govêrno cujos princípios básicos e organização de poderes obedeçam às normas que lhe parecerem mais próprias a promover a segurança e felicidade gerais. A prudência aconselha que govêrnos, de longa data estabelecidos, não deverão ser mudados em razão de causas fúteis ou transitórias e tôda a experiência do passado demonstra que a humanidade está mais disposta a sofrer males, enquanto se possam suportar que a corrigi-los com o abolir das formas a que se havia acostumado. Todavia, quando uma longa série de abusos e usurpações, todos invariàvelmente dirigidos ao mesmo fim, estão a apontar o desígnio de submeter um povo a despotisbo absoluto, é seu direito, é seu dever pôr têrmo a tal govêrno, e prover novos guardiães de sua segurança futura. Estas colônias sofreram com paciência; mas perante a necessidade que ora surge sentem-se constrangidas a mudar seu antigo sistema de govêrno. A história do atual Rei da Grã-Bretanha é uma sucessão de agravos e usurpações, visando todos o estabelecimento de uma tirania absoluta sôbre êstes estados. Para prová-lo, submetamos os fatos ao julgamento dum mundo imparcial". Nesta altura os colonos expõem os seus agravos.

"Nós, portanto, representantes dos Estados Unidos da América, reunidos em Congresso Geral, apelando ao Juiz Supremo do mundo, testemunha da retidão de nossas intenções, publicamos e solenemente declaramos, em nome do digno povo destas colônias e por sua autoridade, que estas Colônias Unidas são, como de direito deveriam ser, *Estados Livres e Independentes*; que estão isentas de fidelidade para com a coroa Britânica; que se acham cindidos, como de razão, todos os laços políticos entre elas e o Estado da Grã-Bretanha; e que, como *Estados Livres e Independentes*, gozam do direito de declarar guerra, assinar paz, contrair alianças, promover o comércio, e realizar todo e qualquer ato ou diligência, dentro da alçada legal de Estados Independentes. E para sustentar a presente declaração, com fé inabalável na proteção da Divina Providência, empenhamos nossas vidas, nossas fortunas, e nossa honra sagrada".[1])

Em 1777, o Congresso, reunido com os representantes dos treze Estados originais — Nova Hamphire, Massachusets, Rhode Island, Conneticut, Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia, Delaware, Mary-

land, Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia — adotou os artigos da confederação.

A 3 de setembro de 1783, com o tratado de Paris firmado entre os Estados Unidos e a Inglaterra, terminou a guerra da independência, sendo reconhecida como livre da coroa Britânica a grande e primeira nação do "Novo Mundo".

Uma década após a elaboração dos Artigos da Confederação, viu-se que estes artigos não eram suficientes para conservar juntos os Estados da União. Em maio de 1787 reuniu-se o Congresso em Filadélfia, e, depois de 90 dias de deliberações, foi adotada uma constituição pelos congressistas, que foi ratificada pelos treze Estados. A 30 de abril de 1789, Washington foi eleito primeiro presidente por unânimidade de votos, jurou a constituição, tomando posse de seu cargo.

Os Estados Unidos, a segunda bêsta desta profecia, devia subir da terra ou serem reconhecidos como potência independente no mundo, quando a primeira bêsta, o papado, recebesse a ferida mortal, que ocorreu em 1798 pela espada de França. João Wesley, em suas notas sôbre o Apocalipse treze, escritas em 1754, diz acêrca da bêsta de dois chifres: "Todavia não apareceu ainda, ainda que não pode estar longe. Porque deve aparecer no fim dos quarenta e dois meses da primeira bêsta".[1]) Os 42 meses a que se referira Wesley, são os 1260 anos da supremacia temporal do papado, findos em 1798. Dentro de nove anos, desde que a Constituição norte-americana entrou em vigor até 1798, os Estados unidos foram reconhecidos no mundo como nação soberana e o papado, a primeira bêsta, estava ferido de morte. Estava cumprida a profecia. A bêsta de dois chifres levantou-se "da terra" deserta do "novo mundo" tornando-se soberana no tempo indicado pela inspiração.

A grande nação iniciou sua marcha com mais de dois milhões de quilômetros quadrados e com menos de quatro milhões de habitantes. Todavia sua população continuou a crescer ràpidamente. De seus 3.929.214 habitantes em 1790, atingiu 62.947.714 em 1890. Em 1935 sua população alcançava 127.521.000 habitantes e 148.000.000 em fins de 1948. Em 1955 contava já 165.495.000. Em todo o sentido, como nação de importância, seu crescimento foi sem paralelo na história das nacionalidades. Cresceu grandemente em território, atingindo, atualmente, no continente, 9.212.270 quilômetros quadrados, tendo por limites a Leste e a Oeste os dois maiores oceanos — o Atlântico e o Pacífico, e ao Norte e ao Sul os lagos do Canadá e o Golfo do México. Possui 49 Estados semeados de grandes e populosas cidades. Cresceu extraordinàriamente em todos os ramos da ciência. Cresceu em poder internacional mais que qualquer outra potência. Cresceu em influência econômica e monetária mundial acima das outras nações.

A expressão do profeta: "E vi subir da terra outra bêsta", in-

dica seu vertiginoso crescimento em todo o sentido. Os Estados Unidos cumprem sobejamente a profecia inspirada. Não é possível encontrar outra nação que preencha tão precisamente todos os detalhes desta revelação do Apocalipse. Subiu da terra, dum lugar deserto, sem conquistas armadas. Nenhuma outra nação foi derribada para dar o lugar aos Estados Unidos. Verdadeiramente êles nasceram e cresceram num território antes desabitado. "Reiteradas vêzes, ao descreverem a origem e o crescimento desta nação, oradores e escritores têm emitido inconcientemente o mesmo pensamento e quase que empregado as mesmas palavras do escritor sagrado". No jornal europeu The Dublin Nation, de 1850, um escritor referiu-se aos Estados Unidos como de um "império" admirável que *"surgira"*, e "aumentara diàriamente seu poder e sua pujança *em meio ao silêncio da terra"*. Em um discurso sôbre os desterrados peregrinos que fundaram os Estados Unidos, disse Eduardo Everette: "Procuraram um local afastado, inofensivo por sua obscuridade, e seguro pela distância, onde a pequena igreja de Leyden pudesse gozar da liberdade de consciência? Eis as *imensas regiões* sôbre as quais, em *conquista pacífica,*... implantaram os estandartes da cruz!".[1]

Disse Townsend referindo-se aos Estados Unidos: "Crescemos *em silêncio como uma semente* e tomamos proporções de poderoso Estado..."[2]) O Dr. S. Ruge, referindo-se aos colonos peregrinos, disse: "Não recorreram às terras *em marcha triunfal,* mas vagarosa e continuamente apossaram-se do solo. E só quando lançaram fundas raízes na costa penetraram terra a dentro atravessando os montes... No livre desenvolvimento dos negócios internos prosperaram notàvelmente as colônias".[3])

Em 1854 dizia já o Dr. Felipe Schaff: "Os Estados Unidos da América do Norte são um *prodígio* nos anais da humanidade. Seu desenvolvimento deixa muito atrás em rapidez e em gigantescas proporções tudo o que até aqui se tem comprovado, e seu significado para o porvir zomba os mais audazes cálculos. Com menos de um século de existência e devido a sua fôrça natural de expansão constituem já os Estados Unidos um dos mais poderosos Estados do mundo civilizado que já intervêm em todo um continente e em dois oceanos e que estendem as rêdes de sua influência pacífica sôbre a Europa, África e Ásia".[4])

Cremos que o que já foi dito é o suficiente como comprovante de que nenhuma outra nação, além dos Estados Unidos, preenche tão completamente estas palavras da inspiração: "E vi subir da terra outra bêsta".

UMA NAÇÃO ESSENCIALMENTE PROTESTANTE

Segundo já pudemos ver, os Estados Unidos constituem uma nação essencialmente protestante. Esta nação é filha legítima da

Reforma protestante do século dezesseis. Aludindo a isto, diz Bancroft: *"'Filha da Reforma'* estreitamente unida com os séculos passados e com os maiores combates espirituais da humanidade, foi colonizada Nova Inglaterra por gente entusiasta que não temia a outro senhor que a Deus'. E diz mais: 'A Reforma, à qual se devem os choques entre dissidentes ingleses e a jerarquia anglicana, foi a que colonizou Norte América; a Reforma que emancipou os Países Baixos unidos conduziu ao estabelecimento dos europeus nas margens do Hudson'. Observa também sôbre os colonos de Nova York: 'Os colonos eram os restos dos primeiros frutos da Reforma procedentes das províncias belgas e da Inglaterra, da França e da Boêmia, da Alemanha e da Suíça, do Piemonte e dos Alpes italianos'".[1])

Sem dúvida alguma, os alicerces e a vida da grande nação são inteiramente protestantes, e, ao nos referirmos à bêsta que subiu da terra, temos nela os Estados Unidos da América do Norte Protestantes, ou, mais propriamente, o Protestantismo Estadunidense, pois a nação nada mais é que um poder civil-religioso.

"E TINHA DOIS CHIFRES SEMELHANTES AOS DE UM CORDEIRO"

Antes de tudo urge dizer-se que a bêsta que subiu "da terra" não é um cordeiro. O profeta enfàticamente diz que apenas os seus dois chifres são de cordeiro. Numa bêsta real jamais encontramos esta disparidade. Porém, numa bêsta simbólica como esta, é para temer-se; temer-se, não os simbólicos e inofensivos chifres de cordeiro, mas a própria bêsta que, sob o disfarce de chifres de cordeiro, esconde sua verdadeira natureza a ser por ela revelada na ocasião propícia, sendo neste sentido muito evidente o conjunto da profecia.

"Dois chifres semelhantes aos de um cordeiro". Ao descrever Daniel os dois chifres do carneiro da profecia do oitavo capítulo do seu livro, diz que êles representavam duas nações irmanadas ou dois poderes distintos unidos na conquista do mundo — a Pérsia e a Média. Na descrição do domínio mundial da Grécia declara Daniel, referindo-se às quatro pontas do bode, que o mesmo poder se dividiria em quatro reinos. E, ao fazer mensão do quarto animal representativo de Roma-pagã, diz o profeta que os 10 chifres indicavam 10 reinos em que se dividiria o poder romano.[2]) Agora, porém, temos uma outra bêsta, com dois chifres dos quais nada é dito sôbre divisão em dois do poder da bêsta que os traz. O que representam os dois chifres então?

Os dois chifres de cordeiro designam os dois característicos dos Estados Unidos Protestantes, manifestos pela primeira vez no mundo por uma nação. Estes dois característicos da nova nação podemos entendê-los usando uma mui simples ilustração. Por exemplo: Que nos poderia acontecer diante de um cordeiro? Investiria

êle sobre nós? Usaria êle contra nós, para nos ferir, os seus dois pequeninos e tenros chifres? Fugiríamos dêle porventura por causa de seus dois chifrezinhos? Tôdas as respostas são negativas. Um cordeiro natural deixa-nos em paz, em liberdade e jamais fará uso de seus dois chifrezinhos para ferir a alguém. Podemos dizer que seus dois chifres são emblemas de seu poder pacífico. Diante de um cordeiro, pois, estamos em plena liberdade.

Assim são os dois característicos dos Estados Unidos representados pelos dois chifres da besta que é seu símbolo. São emblemas das duas grandes liberdades — liberdade civil e liberdade religiosa — que caracterizam o govêrno e a nação Norte Americana. Um escritor estadunidense, frizando acentuadamente êste ponto, diz "que o espetáculo que essa nação ofereceu então ao mundo e que durante séculos não lhe tinha dado gozar, foi o de uma Igreja sem papa e de um Estado sem Rei". Uma igreja sem papa para escravizar as consciências e um Estado sem rei para oprimir — como manifesto até àquela época do Velho Mundo. Em outros têrmos, os dois princípios fundamentais da nação — liberdade civil e religiosa — que distinguiram e notabilizaram os Estados Unidos, podem ser resumidos nestas outras duas palavras: Protestantismo e Republicanismo. Êstes princípios que são o segrêdo do poder e prosperidade dos Estados Unidos, era o anelo dos peregrinos quando para o "novo mundo" fugiram da Europa oprimida pela igreja de Roma em conluio com os reis daquelas nações. Ainda estavam em alto mar quando assentaram os planos para estabelecerem estas duas sagradas liberdades no novo continente. Bancroft, o historiador, a isto refere-se, dizendo:

"Êste documento foi firmado por todos os homens, que eram 41, os quais com suas famílias constituíam uma colônia de 100 pessoas, uma verdadeira democracia que se estabeleceu na Nova Inglaterra. Tal foi a origem da liberdade constitucional do povo". "No camarote da 'Flor de Maio' recuperou a humanidade seus direitos e estabeleceu a soberania sôbre as bases de 'leis' iguais para o 'bem comum'".[1])

Quando mais tarde, como colonos unidos, formularam a declaração de independência, inseriram no preâmbulo a essência dos dois grandes princípios de liberdade, como já apreciamos páginas atrás.

Quando, por fim, as colônias unidas estabeleceram a Constituição Americana, que ainda hoje é a mesma, asseguraram por ela plena liberdade de consciência. No preâmbulo do grande documento, lemos:

"Nós, o povo dos Estados Unidos, a fim de formar uma união mais perfeita, estabelecer a justiça, assegurar a tranquilidade interna, prover a defesa comum, promover o bem-estar geral, e garantir para nós e para os nossos descendentes os benefícios da liberdade, promulgamos e estabelecemos esta Constituição para os Esta-

dos Unidos da América". No artigo seis e na primeira emenda lemos: "Jamais se exigirá, como condição para o exercício de qualquer função ou cargo público sob a autoridade dos Estados Unidos, a posse de qualquer qualificação do ponto de vista de religião", "O Congresso não poderá passar nenhuma lei estabelecendo uma religião, proibindo o livre exercício dos cultos, cerceando a liberdade da palavra ou da imprensa, restringindo o direito do povo se reunir pacificamente ou de dirigir ao governo petições para a reparação de seus agravos".[1])

Era êste o espírito de George Washington, o primeiro presidente da nação, que disse: "Todo o homem que se conduz como bom cidadão, só a Deus é responsável quanto à sua fé religiosa, e deve ser protegido no exercício do culto que prestar a Deus segundo os ditames de sua consciência".

Em outro parágrafo que antes já havia sido adotado em uma assembléia do Estado de Virgínia, reza assim: "A religião ou o dever que temos para com o nosso Criador e a maneira como dela nos desempenhamos só pode ser regulada pelo bom senso e pela convicção individual, mas nunca pelo constrangimento ou pela violência, donde se conclui que todos gozam igualmente do direito de praticar a religião de acôrdo com os ditames da razão. Constitui portanto dever mútuo de todos os homens usar uns com os outros de caridade, tolerância e simpatia".[2])

Um projeto de lei apresentado por Thomas Jefferson (1785) para garantia da liberdade religiosa e adotado por maioria de votos, concluía deste modo: "Resolve portanto a assembléia geral, que pessoa alguma deve ser constrangida a frequentar ou contribuir para qualquer culto divino, lugar ou ofício religioso, nem sofrer danos, constrangimento ou outra pena qualquer em sua pessoa ou em sua propriedade por motivo de sua fé ou de suas convicções religiosas; mas que todo o homem deve ter plena liberdade de professar, externar e defender as suas idéias sôbre religião sem que isto afete de alguma maneira o seu caráter ou a sua posição como cidadão".[3])

Logo depois da proclamação da constituição, foram cunhadas moedas (1793, 1794, 1795) que traziam num lado a inscrição LIBERTY e 15 estrêlas correspondentes aos Estados da União, e no lado oposto a frase — United States of America.

Temos dêste modo patente na Constituição da nação Americana, nas dos Estados que a formam e em suas próprias moedas, a interpretação dos "dois chifres semelhantes aos de um cordeiro": Liberdade civil e liberdade religiosa. O Estado e a Igreja encontram-se evidentemente separados pela Constituição estadunidense. Êstes princípios da nação americana são a essência do evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo — dar a César o que lhe é de direito e dar a Deus o que Lhe é devido. A jovem República consagrava, pela primeira vez

na história, êstes dois sagrados, princípios inalienáveis de consciência, em que ao govêrno não assiste o direito de legislar em matéria de religião e nem à igreja compete emiscuir-se no que respeita ao govêrno civil. Os abusos dêstes dois princípios básicos do bom govêrno, foi que deu à Idade Média a hedionda alcunha de "Idade Escura" e resultou em morticínios e chacinas de milhões que procuravam liberdade de consciência para praticar a sua religião e adorar livremente a Deus. Todavia, nação alguma antes dos Estados Unidos houve jamais em que aos homens fôsse garantida tão plena liberdade de adorar a Deus segundo os ditames da consciência. Em nação alguma e em época nenhuma foi o evangelho tão desembaraçado de qualquer impecílio no que diz respeito à sua difusão quer em voz audível quer pela página impressa. Mesmo até uma sociedade bíblica e inúmeras sedes de missões cristãs de além mar têm plena liberdade nos Estados Unidos. E, ainda como maior evidência da completa liberdade de culto na grande nação, informa o Year book of American Churches, de 1943, que haviam ali operando livremente, em 1942, nada menos de 256 corpos religiosos cristãos.

Tôda a antiga história havia girado em tôrno da soberania espiritual e temporal. Os Estados Unidos, porém, quebraram por sua Constituição o intolerável ritmo até então seguido pelas nações e lhes deram o exemplo de povo livre. Bancroft expressa o cumprimento da profecia pelos Estados Unidos, nestas palavras: "Os americanos estavam convencidos de que haviam sido escolhidos para desenvolver e propalar a *liberdade civil e religiosa;* que haviam sido destinados a experimentar grandes bênçãos e grandes provas, a sustentar grandes lutas e a conhecer grandes gozos, a cumprir gloriosamente com seu grande dever de fundar no Novo Mundo a liberdade e dar o exemplo ao antigo".[1]) "Nos Estados mais antigos da história o govêrno e a religião não formavam mais que uma só entidade individual". "Ninguém pensava então fazer da religião assunto da consciência particular do indivíduo, até que se ouviu afinal uma voz na Judéia que ordenava não dar a César senão o que era de César. Isto era a aurora da maior e mais importante época da vida da humanidade e mediante ela criou-se para todo o govêrno humano uma religião pura, espiritual e geral. A regra ficou em estado virtual durante a infância do evangelho para todos os homens. Porém, tão logo como esta religião foi adotada pelo chefe do império romano, viu-se despojada de seu caráter geral e avassalada por sua união profana com um Estado profano. E assim seguiu sendo até que a nova nação que havia sido aviltada o menos possível pelos desconsoladores sarcasmos do século XVIII e onde vivia um povo que melhor que nenhum outro em todo o curso da história apegara-se ao cristianismo, sendo assim dito povo a principal herança da Reforma em sua forma mais pura, negou-se ao

constituir um govêrno para os Estados Unidos tratar a fé e a religião como algo que um corpo legislativo pudesse reger ou que pudesse ter por chefe a um monarca ou a um Estado. Ao proclamar o direito pessoal em assunto de religião atreveu-se a nova nação a dar um exemplo em suas relações com Deus e como devia adotar-se o princípio assentado pela primeira vez por Deus na Judéia. Entregou a direção das coisas temporais ao poder temporal, porém, a Constituição americana, em conformidade com o povo dos diferentes Estados, negou ao govêrno geral o direito de penetrar no santuário da razão, no baluarte da consciência e da alma; e isto não por indiferença, senão para deixar que o espírito infinito da eterna verdade se desenvolvesse em sua liberdade, em sua pureza e em seu poder".[1])

Em confirmação disto diz o Dr. Hinschius: "O *país clássico* em que ficou realizado êste sistema da separação do Estado e da Igreja é o dos Estados Unidos da América do Norte".[2])

Temos até êste passo constatada, plenamente, a profecia apocalíptica sôbre a bêsta que subiu "da terra". Nenhuma crítica poderá contestá-la, pois a própria voz da grande nação do Novo Mundo a comprova com inquestionável segurança e dá fé absoluta a seu inolvidável cumprimento.

"E FALAVA COMO O DRAGÃO"

A poderosa nação norte-americana, fundada na gloriosa base profética de liberdade, é drasticamente denunciada na profecia que lhe diz respeito. A revelação põe-nos a par que, embora a bêsta protestante-estadunidense possua chifres de cordeiro e tenha com êles demonstrado pacíficas intensões, — falará, afinal, como o dragão. Aqui se-nos apresenta patentemente a desastrosa mudança que no transcurso do tempo sofrerá a grande nação americana.

"Os cornos semelhantes aos do cordeiro e a voz do dragão dêste símbolo indicam flagrantemente contradição entre o que professa e pratica a nação assim representada. A 'fala' da nação são os atos de suas autoridades legislativas e judiciárias. Por êsses atos desmentirá os princípios liberais e pacíficos que estabeleceu como fundamento de sua política".[3]) E quais haverão de ser os atos da nação norte-americana através de seus dois órgãos — legislativo e judiciário — que representarão a voz do dragão? Antes de tudo tenhamos em vista que, em outros textos do Apocalipse, são os Estados Unidos denominados de "falso profeta".[4]) E, um falso profeta, segundo as Sagradas Escrituras, tem a pretensão de falar e ensinar matéria de religião em nome de Deus, quando em verdade sua mensagem e sua interpretação do evangelho inspirado são falsas. E' em matéria de religião, portanto, que os Estados Unidos

falarão, futuramente, "como o dragão", através "de suas autoridades legislativas e judiciárias".

Como comprovação disto, certificar-nos-emos das verdadeiras palavras ou da evidente voz do dragão segundo somos informados nas Escrituras Sagradas. Antes de tudo diga-se que o dragão, como simbolizado no Apocalipse doze, é o próprio Satanás. A primeira vez que o mundo ouviu sua voz ou fala, foi no jardim do Éden para contrariar a revelação e afastar o homem de Deus e levá-lo à ruína e perdição eternas.1) E' claro que êle fala por intermédio de seus agentes humanos e por êles planeja para perverter o puro evangelho de Cristo e perseguir os que a êle se atêm fielmente. Foi esta a razão que o levou à guerra contra Cristo e os apóstolos, sendo seus agentes os judeus. Depois dos judeus usou o paganismo romano, e, depois dêste, tomou Roma-papal em suas mãos para exterminar a igreja cristã verdadeira, se possível, e mesclar de erros a verdade evangélica original. Sim, Satanás sente-se mal em ver a verdade isenta de erros e uma igreja fiel no desempenho de sua missão cristã. Não há nenhuma dúvida pois, quanto à fala do dragão.

Ao falar no futuro "como o dragão", a bêsta de "dois chifres semelhantes aos de um cordeiro", ou os Estados Unidos, demonstrará o mesmo caráter de intolerância e perseguição religiosa que o dragão demonstrou através de Roma-pagã e de Roma-papal. Os Estados Unidos protestantes virão futuramente a adotar princípios que serão perfeita negação daqueles que o caracterizaram originalmente. Pouco a pouco cederá lugar a um caráter diametralmente oposto e imitará os poderes que séculos atrás ergueram a espada contra os verdadeiros adoradores de Deus fiéis a Seus mandamentos. "E' doloroso ver que uma nação nascida tão pacificamente e consagrada a princípios de governo tão nobres chegará a assumir a natureza dos poderes que a precederam e, ao fazê-lo, se rebaixará até perseguir o povo de Deus. Porém não nos resta outro remédio que nos deixar guiar em nosso estudo pelo esboço divinamente inspirado que nos deu a profecia. Pôsto que os Estados Unidos são a potência representada pelo símbolo que fala como o dragão, deduz-se que haverão de promulgar leis injustas e opressivas contra a fé religiosa e prática de seus cidadãos a ponto de merecer o nome de potência perseguidora".2) São estas as palavras que o dragão falará pela grande nação e que são plenamente confirmadas pela continuação desta explanação como haveremos de apreciar.

EXERCENDO O PODER DO PAPADO

VERSO 12 — *"E exerce todo o poder da primeira bêsta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira bêsta, cuja chaga mortal fôra curada".*

"E EXERCE TODO O PODER DA PRIMEIRA BÊSTA"

A primeira bêsta da visão dêste capítulo treze é o papado romano. O poder do papado que exercerá a bêsta de "dois chifres" ou sejam os Estados Unidos, sob a liderança do protestantismo estadunidense, é o poder religioso despótico sobre as consciências. A nação protestante chegará ao ponto de exercer o poder perseguidor do papado contra todos quantos não se puseram em harmonia com seus ensinos em matéria de religião. "A predição de falar 'como o dragão', e exercer 'todo o poder da primeira bêsta', claramente anuncia o desenvolvimento do espírito de intolerância e perseguição que manifestaram as nações representadas pelo dragão e pela bêsta semelhante ao leopardo".[1])

Mas o poder opressor do papado que exercerão os Estados Unidos, será exercido em presença do mesmo papado. E' bem de ver que a profecia anuncia aqui, com insofismável clareza, a união dos Estados Unidos, na qualidade de nação protestante, com o papado romano. O tempo encarregar-se-á desta união e de enviar um embaixador da nação protestante ao Vaticano. Já nestes últimos anos os presidentes Roosevelt e Truman tiveram um representante pessoal — Miron Taylor — junto ao poder papal, no Vaticano. O Congresso americano, porém, tomará êste encargo, afinal, em suas mãos. E' notável como a profecia salienta o fato de que é a nação protestante americana que procurará esta aliança com Roma. De outro lado, o catolicismo minou de tal maneira os Estados Unidos e exerce em sua vida uma tão poderosa influência, que a nação não terá outra alternativa senão procurar aliança com a Sé de Roma. O parágrafo seguinte demonstra com indiscutível evidência o poder cada vez mais crescente do catolicismo — vanguarda do papado — nos Estados Unidos.

"Desde que a Igreja Católica foi estabelecida oficialmente nos Estados Unidos, há 168 anos, seu progresso tem sido constante, ao ponto de hoje haver neste país 30 milhões de católicos, e já 32.403.332 em 1955, em comparação com os 25 mil que havia em 1784, ano em que o reverencio John Carroll foi nomeado prefeito apostólico para o território que então ocupava a jovem república norte-americana. Autoridades católicas dizem que a Igreja nos Estados Unidos, em 1952, possuía grande influência e prestígio e que sua voz, em, inúmeras questões sociais, é escutada e respeitada, hoje, pois uma quinta parte da população dos Estados Unidos é católica e sua influência na vida norte-americana alcançou um grau bastante elevado. As estatísticas para o ano de 1951 indicam existir neste país mais de 12 mil instituições educativas autônomas, sob os auspícios católicos. O pessoal permanente de tais instituições alcança mais de 111 mil pessoas e quase cinco milhões de adultos de ambos os sexos recebem instrução nos 392 seminários, 236 colégios e universidades,

365 escolas e 8710 escolas primárias. Ademais, a Igreja Católica mantém 1.096 hospitais e instituições afins em todo o território norte-americano, com mais de 136 mil leitos para enfermos. A imprensa católica nos Estados Unidos tem atualmente 422 publicações, cuja circulação total passa de 15 milhões. Para os serviços de cura de almas dos 30 milhões de fiéis, há 45 mil sacerdotes e 160 mil frades, monges, etc. 'Em suma', acrescentaram, 'a Igreja Católica constitui hoje um aspecto integral de cultura dos Estados Unidos e os porta-vozes de seus fiéis estão ajudando a guiar os Estados Unidos e o mundo entre os perigos que arrastam nesta segunda metade do século vinte'".[1])

Além disso os Estados Unidos são sede de cinco cardinalatos em cidades religiosamente extratégicas da nação: Washington, Nova York, Chicago, Detroit e São Luis. E o pensamento de grandes vultos do protestantismo é — estender as mãos a Roma. Um jornal protestante brasileiro publicou em 1935 um artigo em que se lia estas palavras: "O protestantismo caminha certo para um dêstes dois fins: Ou a formação de um papismo protestante ou a inteira reconciliação com Roma".[2]) Se o espaço permitisse seriam aqui acrescentados não poucas páginas atestando o pensamento de destacados clérigos do protestanstismo advogando a convergência para Roma. Porém, os versículos dezesseis a dezoito são bastante ilucidativos para comprovarem evidentemente desde agora o anelo protestante de sua união com a igreja de Roma.

"E FAZ QUE A TERRA E OS QUE NELA HABITAM ADOREM A PRIMEIRA BÊSTA"

"E a declaração de que a bêsta de dois cornos faz com 'que a terra e os que nela habitam adorem a primeira bêsta', indica que a autoridade desta nação deve ser exercida impondo ela alguma observância que constituirá ato de homenagem ao papapo. Semelhante atitude seria abertamente contrária aos princípios dêste govêrno, ao espírito de suas instituições livres, às afirmações insofismáveis e solenes da Declaração de Independência, e à Constituição. Os fundadores da nação procuraram sàbiamente prevenir o emprêgo do poder secular por parte da igreja, com seu inevitável resultado — intolerância e perseguição. A Mangna Carta estipula que 'o Congresso não fará lei quanto a oficializar alguma religião, ou proibir o livre exercício da mesma', e que 'nenhuma prova de natureza religiosa será jamais exigida como requisito para qualquer cargo de confiança pública nos Estados Unidos'. Somente em flagrante violação destas garantias à liberdade da nação, poderá qualquer observância religiosa ser imposta pela autoridade civil. Mas a incoerência de tal procedimento não é maior do que o que se encontra representado no símbolo. E' a bêsta de cornos semelhantes aos de

cordeiro — professando-se pura, suave e inofensiva — que fala como o dragão".[1]) Henry Ford escreveu:

"Baseia-se o orgulho de nosso país em que ninguém seja perseguido por sua raça, côr, nem fé, senão que todo o mundo tenha direito à liberdade".[2])

Todavia, a nação americana quebrará logo êsse orgulho no que diz respeito à fé e consciência religiosa, para exaltar o papado e perseguir os verdadeiros seguidores do Senhor Jesus contrários à apostasia de Roma. A declaração: "E faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira bêsta", ressalta o futuro consórcio entre as duas bestas ou entre o papado-romano e o protestantismo-estadunidense. Leis serão promulgadas pelo Congresso americano em exaltação do papado e seus dogmas. E aquêles que pela Reforma sairam da velha igreja mãe apóstata, a ela estenderão suas mãos para exaltá-la, adorá-la e fazer através de leis com que todos a adorem.

E FAZ GRANDES SINAIS

VERSO 13 — *"E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu, à terra à vista dos homens".*

PRODÍGIOS SOBRENATURAIS

No capítulo dezesseis é enfatizado que da bôca do falso profeta, que é a nação norte-americana, protestante, como também da bôca do dragão e da bôca da bêsta ou do papado, vira S. João sair "espíritos imundos" ou "espíritos de demônios que fazem prodígios". No capítulo dezenove é referido que o "falso profeta" — os Estados Unidos — "fizera os sinais, com que enganou..." Temos assim tornado claro, pela própria revelação que os "grandes sinais", incluso "até fogo" descer do céu à terra, à vista dos homens", é obra exclusiva dos demônios através da bêsta que subiu "da terra", cujo objetivo é enganar os seus próprios súditos. Nisto, pois, vemos também que fazer prodígios e mesmo descer fogo do céu, não é natural. Portanto, deve haver nos Estados Unidos um poder sobrenatural que opera sob o controle dos demônios enganadores e que, no futuro, ao tempo da união dessa nação com Roma, fará até cair fogo do céu para mais prontamente enganar e perder a própria nação. E qual é o poder sobrenatural que nos Estados Unidos há? Eis a resposta única: *O Espiritismo.*

A exposição que segue é irrefragável de que o Espiritismo é obra prima dos demônios e de que nestes tempos modernos, segundo esta profecia apocalíptica, ressurgiu nos Estados Unidos com um cunho diferente de seu passado. Basta que a bêsta de dois chifres fale "como o dragão" — Satanás — para que nos certifiquemos de que todos os seus atos que cumprem a sua profecia, incluso o Es-

piritismo, sejam atos do dragão e seus demônios ou anjos maus rebeldes caídos, expulsos do céu, como exposto no capítulo doze.

UM ENGANO TÃO ANTIGO COMO O MUNDO

O primeiro grande engano do mundo, ocorrido nos dias do seu alvorecer, foi obra do Espiritismo. O homem criado fôra advertido que a desobediência seria a morte inexorável.[1]) Um dia, porém, um ser irracional, a serpente, contradisse a grande advertência, dizendo: "Certamente não morrereis". Não podemos admitir que a serpente, como nenhum outro irracional, pudesse falar. Portanto, alguém deve ter falado e ao mesmo tempo dado a impressão de que fôra a serpente quem falara. E a inspiração não nos deixa em dúvida nesta questão. No Apocalipse temos a seguinte declaração: "E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo e Satanás que engana a todo o mundo..."[2]) Notemos que um dos nomes de Satanás é — antiga serpente. Na verdade êle não é e nunca foi uma serpente. Este versículo e os anteriores contêm a sua história que o apresenta como um anjo querubim caído de sua elevada posição com multidões de anjos por êle iludidos. Mas, o nome de "antiga serpente" dado a Satanás, pela revelação, o acusa de ser o inspirador do engano no jardim do Éden. Êle tão somente usou a serpente como intermediária do grande engano.

Verificou-se no jardim do Éden a primeira sessão espírita havida na terra. A serpente era o médium e o espírito que por ela atuara era Satanás. Não era possível que um espírito de morto atuasse através do animal porque ninguém ainda havia morrido na terra. Porém, baseados na revelação infalível do evangelho, temos a irrefutável certeza de que o arqui-inimigo do bem foi o agente enganador invisível do homem por cujo engano visou perdê-lo e com êle a sua descendência.[3])

O ESPIRITISMO ATRAVÉS DOS SÉCULOS

Desde após o primeiro engano no jardim do Éden os séculos da história estão permeados de fenômenos que levaram os homens a tecer sôbre êles as mais desencontradas conjeturas. Êsses fenômenos eram cridos como manifestações de forças ocultas sem porém darem os homens uma definição razoável da origem de ditas forças. Daí ter nascido, fundamentado em tais fenômenos, o paganismo que encheu a terra tôda dos mais degradantes ritos e pretensões religiosas. Os oráculos dos povos remotos falam ainda, através de numerosos livros, de fenômenos inúmeros que eram em geral cridos como manifestações de espíritos de mortos. Nisto jaz a razão porque os profetas do Velho Testamento contrariavam as teorias de que os espíritos dos mortos se comunicavam com os vivos. Todavia os séculos da era cristã encheram-se ainda mais acentuadamente, dos velhos

fenômenos e manifestações atribuídas aos espíritos dos que morreram. Mas, o caráter de tais fenômenos e manifestações, evidencia o fato de que todos êles visavam e visam enganar os homens, pelo que não eram nem são mais nem menos do que as mesmas artimanhas ampliadas daquele que enganou no Éden o primeiro casal da terra e arruinou o mundo. Satanás estêve aperfeiçoando por séculos e milênios, à medida que a humanidade se desenvolvia, o seu primitivo e maior engano — o Espiritismo — para apresentá-lo no século da ciência revestido com brilhante roupagem.

O ESPIRITISMO MODERNO E SUA ORIGEM

O Espiritismo moderno é filho legítimo dos Estados Unidos da América do Norte. Nesta nação deveria êle surgir segundo os ditames da profecia sôbre a bêsta de dois chifres. E agora, como comprovação disto, ouçamos um dos expoentes máximos do Espiritismo, que foi León Denis, que viveu no século passado:

"Cêrca do meado dêste século, cujo têrmo se aproxima, o homem iludido por tôdas as teorias contraditórias, por todos os sistemas deficientes com que pretenderam nutrir-lhe o pensamento, se deixava embalar pela dúvida; perdia cada vez mais a noção da vida futura. Foi então que o mundo invisível veio ter com êle e o perseguiu até em sua própria casa. Por diversos meios os mortos se manifestaram aos vivos. As vozes de além-túmulo falaram. Os mistérios dos santuários orientais; os fenômenos ocultos da Idade Média, depois de um longo silêncio, se renovaram; nasceu o espiritismo.

"Foi além dos mares, em um mundo jovem, rico de energia vital, de ardente expansão, menos escravizado do que a velha Europa ao espírito de rotina e aos prejuízos do passado, *foi na América do Norte que se produziram as primeiras manifestações do moderno espiritualismo.* Foi de lá que elas se espalharam por todo o globo. Essa escolha era profundamente judiciosa. A livre América era justamente o meio propício para uma obra de difusão e de renovação. Por isso nela se contam hoje vinte milhões de 'modernos espiritualistas".[1])

Eis acima a confissão de um dos maiores expoentes do espiritismo moderno comprovando a profecia do nascimento do grande engano nos Estados Unidos. Como fôra em verdade o seu nascimento na livre América teremos a seguir:

Em 1848, na cidade de Hydesville, estado de Nova York, na residência da família de João D. Fox, foram ouvidas, certa noite, pancadas estranhas no quarto de suas duas filhas, Marta e Kate. Aborrecidas pelas persistentes pancadas, noite após noite, uma das moças atreveu-se a interrogar o intruso que as perturbava. Inquiriu-o dizendo: "O' seu pé lascado, faça como eu faço", e deu um estalo com os dedos. Imediatamente alguém respondeu idênticamente es-

talando os dedos. A família Fox percebeu que alguém em oculto, inteligente e real, produzia as pancadas. Trataram de interrogá-lo mais, estabelecendo que suas respostas deviam ser dadas com certo número de pancadas convencionais. E tudo era respondido' corretamente pelo invisível ser inteligente interrogado. O resultado foi que, naquela casa de Hydesille, ou na América do Norte, como descreveu León Denis, "nasceu o espiritismo". Aquelas duas filhas do fazendeiro João D. Fox tornaram-se as duas primeiras médias ou médiuns do espiritismo moderno. Da América do Norte o espiritismo alastrou-se por todo o mundo. Na França fêz rápidos progressos. Em Paris, um francês, de nome Hipolité León Denizar Rivail, começou a frequentar as sessões e, logo, tornou-se médium de fama, sendo posteriormente conhecido pelo nome comum de Allan Kardec, a quem é atribuída a organização do espiritismo moderno, escrevendo êle grande número de obras sôbre a matéria.

O que deve ficar aqui assentado é o fato de que o espiritismo moderno, filho dos Estados Unidos Protestantes, é o mesmo embuste do jardim do Êden, e, como afirmara León Denis, "os mesmos mistérios dos santuários orientais", os mesmos "fenômenos da Idade Média". Sim, o espiritismo, revestido com uma roupagem de gala. Hoje, diante do adiantamento da humanidade, diante da pujança da ciência e em face da profusão da pregação do evangelho em todo o mundo, se Satanás revelasse o Espiritismo nos mesmos moldes em que o revelou nos séculos passados, seria o engano repelido infalivelmente. Urgia, pois, modernizá-lo, dar-lhe um outro cunho, adatá-lo à moderna civilização para que fôsse aceito. E quando hoje vemos o espiritismo manipulado por médiuns extremamente diferentes dos do passado; quando contemplamos seus hospitais, seus albergues, suas clínicas mediúnicas e suas obras de caridade, vemos em tudo isto e em muito mais ainda, o vestido novo que Satanás lhe conferiu para não ser conhecido como a velha trapaça dos tempos antigos.

Quando ouvimos de milagres operados pelo moderno espiritismo, não devemos com isto maravilhar-nos. Somos informados por Jesus Cristo que nos últimos dias milagres, "grandes sinais e prodígios", seriam operados por "falsos profetas", em cujo têrmo se enquadram os médiuns espíritas.[1]) Basta que os Estados Unidos sejam apontados na profecia do Apocalipse como "falso profeta" que fala como o dragão e do qual procedem "espíritos imundos" e que o espiritismo moderno seja seu filho, para certificarmo-nos de que os milagres dêste grande engano espiritualista são produzidos por Satanás e seus maus anjos, com o fim de ludibriar e fazer crer à humanidade que sua procedência é divina. "Através do Espiritismo, Satanás aparece como um benfeitor da raça, curando as enfermidades do povo, e professando apresentar um novo e mais exaltado sistema de fé religiosa".[2])

E no futuro, como reza a profecia, a culminação dos milagres enganosos do espiritismo será "fazer descer fogo do céu à terra, à vista dos homens". "O poder de Satanás se incrementará, e alguns de seus devotos seguidores terão poder para operar milagres, e mesmo fazer descer fogo do céu à vista dos homens".[1])

Satanás sabe muito bem que a obra do evangelho encerrar-se-á com demonstrações de milagres e prodígios reais operados pela igreja de Cristo. É, pois, natural, que o inimigo também execute milagres especiais através de seus humanos instrumentos, na esperança de contrafazer os verdadeiros milagres e enganar os que não se refugiaram em Deus e na Sua verdade.

O ESPIRITISMO PERANTE AS SAGRADAS ESCRITURAS

A Bíblia ou as Sagradas Escrituras, em têrmos explícitos, repelem consultar aos mortos pela razão de que ensinam não haver consciência além-túmulo. "Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tão pouco êles têm jamais recompensa, mas a sua memória ficou entregue ao esquecimento". "Entre ti não se achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos: pois todo aquêle que faz tal coisa é abominação ao Senhor".[2]) Ai está o próprio Deus dizendo ser abominação consultar os mortos. Êle não deseja que seus filhos sejam iludidos pelo arqui-enganador, pelo que os tem advertido contra seus embustes desde épocas remotas. Um dos que foram em outros tempos enganados por não darem ouvidos à voz de Deus contra o espiritismo, foi Saul, rei de Israel. A história de como êste antigo monarca fora consultar uma médium espírita e sua morte por tê-lo feito, pode ser lida nos textos aqui indicados.[3])

Tudo quanto devemos fazer em face do espiritismo, é livrarmo-nos dêle. S. Paulo, olhando aos nossos dias, advertiu-nos contra o espiritismo, nestas palavras: "Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios".[4]) E devemos crer quando as Escrituras Sagradas falam.

Satanás e seus maus anjos não poderiam ter inventado um engano maior do que êste de que os mortos podem comunicar-se com os vivos. Quem não gostaria realmente comunicar-se com seus queridos já mortos? Sim, todos quantos não estão a par dêste engano têm desejo de falar com os seus mortos. Milhões hoje no mundo pensam estarem se comunicando com os seus mortos e assim são, por êsse ardiloso laço, o espiritismo, presos nas malhas do grande enganador. Todavia é irrecusável o fato de que a morte só é pos-

sível por estas sete razões: Velhice, enfermidade, fome, sêde, desastre, suicídio e homicídio. Jamais fôra lavrado um atestado de óbito por ter alguém morrido com 100% de saúde ou por ter seu espírito abandonado o corpo.

O ESPIRITISMO E O PLANO DA SALVAÇÃO

Pôsto que o espiritismo professe exaltar o evangelho de Cristo, nega-o categoricamente por sua interpretação errônea e por sua rejeição a seus ensinos vitais. Começa por negar a criação do mundo como referida no Gênesis. Não admite a entrada do pecado como o Gênesis apresenta, e, por isso mesmo, nega a salvação de Deus oferecida ao homem segundo apresentada no evangelho. Assim nega e também por seus escritos, a concepção sobrenatural de Jesus pela virgem Maria. Não aceita a morte expiatória de Cristo na cruz e a Sua ressurreição corpórea. Não admite a obra mediadora do Filho de Deus em prol do pecador, diante de Deus, e recusa peremptòriamente a Sua segunda vinda como ensinada no Velho e no Novo Testamentos. Enfim, negando êstes pontos capitais da salvação do homem, nega todo o evangelho e demonstra ser verdadeiramente uma obra de puro engano satânico.

Um dos mais irrisórios ensinos do espiritismo — que é uma contrafação da doutrina evangélica da regeneração do homem — é a reencarnação para aperfeiçoamento do espírito. Imaginai se é possível alguém aperfeiçoar-se na carne corrompida pelo pecado! Imaginai se é possível alguém aperfeiçoar-se sem ter consciência do seu anterior estado! Se vivemos em reencarnações passadas, porque não nos lembramos do nosso modo de vida nelas, para podermos então nos aperfeiçoar? Sim, a reencarnação não só é uma contradição da nova vida como apresentada nas Escrituras Sagradas, como também ilógica e irrisória. E' uma doutrina, se como tal pode ser chamada, que acusa a Deus de carrasco, pois ensina que é a Sua vontade que seus filhos sofram desta, daquela e daquela outra maneira para aperfeiçoarem-se. Um Deus bondoso e amoroso para com as Suas criaturas é apresentado pelo espiritismo, através do ensino da reencarnação, como um Deus mau e vingativo que tem prazer em ver os sofrimentos de Seus filhos. Livremo-nos dêste diabólico ensinamento falso do poder das trevas. O espiritismo não é uma religião e nem uma ciência, mas sim a mais astuta filosofia enganadora das potências das trevas.

O pior perigo que oferece o espiritismo é sua forma cristã: "E' verdade que o espiritismo hoje está mudando a sua forma, e, ocultando alguns de seus mais reprováveis aspectos, reveste-se de aparência cristã. Mas as suas declarações pela tribuna e pela imprensa têm estado perante o público durante muitos anos, e nelas o seu verdadeiro caráter se acha revelado. Êstes ensinos não podem ser negados nem encobertos.

"Mesmo em sua forma atual, longe de ser mais tolerável do que o foi anteriormente, é na verdade um engano mais perigoso, por isso mais sútil. Embora antes atacasse a Cristo e a Escritura Sagrada, hoje *professa* aceitar a ambos. Mas a Bíblia é interpretada de molde a agradar ao coração não regenerado, enquanto suas verdades solenes vitais são anuladas. Preocupa-se com o amor, como o principal atributo de Deus, rebaixando-o, porém, até reduzi-lo a sentimentalismo enfermiço, pouca distinção fazendo entre o bem e o mal. A justiça de Deus, Sua reprovação ao pecado, os requisitos de Sua lei, tudo isto é pôsto de parte. O povo é ensinado a considerar o Decálogo como letra morta. Fábulas aprazíveis, fascinantes, cativam os sentidos, levando os homens a rejeitar as Sagradas Escrituras como o fundamento da fé. Cristo é tão verdadeiramente negado como antes; mas Satanás a tal ponto cegou o povo que o engano não pode ser discernido.

"Poucos há que tenham justa concepção do poder enganador do espiritismo e do perigo de colocar-se sob sua influência. Muitos se intrometem com êle, simplesmente para satisfazer a curiosidade. Não têm realmente nenhuma *fé* nêle, e encher-se-iam de horror ao pensamento de se entregarem ao domínio dos espíritos. Aventuram-se, porém, a entrar no terreno proibido e o poderoso destruidor exerce a sua força sobre êles contra a sua vontade. Uma vez induzidos a submeter a mente, à sua direção, segura-os êle em cativeiro. E' impossível pela sua própria fôrça romperem com o fascinante, sedutor encanto. Nada, a não ser o poder de Deus, concedido em resposta à fervorosa oração da fé, poderá livrar essas almas prisioneiras".[1])

A IMAGEM DA BÊSTA

VERSO 14 — *"E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da bêsta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à bêsta que recebera a ferida da espada e vivia".*

O QUE É A IMAGEM DA BÊSTA?

Não devemos ter nenhuma dúvida de que quando o Apocalipse se refere à "bêsta", do capítulo treze em diante, sempre alude ao papado ou Roma-papal. A imagem da bêsta deverá ser feita pela bêsta de "dois chifres semelhantes aos de um cordeiro" — os Estados Unidos. O fato de o versículo quinze dizer que a "imagem da bêsta", ao ser feita, falará e matará, é evidente não tratar-se, como alguns entendem, de uma imagem devocional ou de um ídolo do culto do catolicismo. Segundo o versículo dois do capítulo quinze, a "imagem da bêsta" é um poder contra o qual sairão vitoriosos os que estarão afinal no mar de vidro. E uma vez que sairão vitoriosos dela, terão de contra ela lutar, o que evidencia tratar-se de um poder

que os perseguirá. Diante disto, a "imagem da besta" a ser formada pelos Estados Unidos, deverá ser uma transformação da nação protestante numa semelhança do papado. Porém, para assegurar-mo-nos do que constitui o papado mesmo, temos que recorrer à sua história, e então teremos encontrado o que será a formação da "imagem da bêsta" pela América Protestante.

A história profética passada do papado mediou entre 538 e 1798. Alguns poucos anos antes de 538, Justiniano, imperador do Oriente, investiu o papa, ou melhor, o papado, como "cabeça da igreja e corretor de hereges". Mas, para que pudesse ser o "corretor de hereges", deveria o papado ter poder para tal além do poder eclesiástico. Foi então que premeditou e realizou o seu sonho de unir-se ao governo civil e êste com êle. Por essa união com o poder civil, tinha em suas mãos a sua espada para enfrentar os chamados hereges dissidentes, castigá-los, confiscar seus bens, encarcerá-los, torturá-los e sentenciá-los à morte. Foi isto — Igreja e Estado unidos — que constituiu o papado na Europa Medieval, o que o constitui hoje no Estado do Vaticano e o que o constituirá no futuro em tôdas as nações católicas. A união da igreja papal ou do próprio papado com o Estado, foi a mais negra experiência da história humana. Por essa união em que Roma papal dominou o poder civil, o papado tornou-se intolerante, e, pela fôrça do Estado, procurou impor seus dogmas e eliminar os oponentes. Sua história foi regada com o sangue de dezenas de milhões de inocentes santos seguidores de Cristo que recusaram seguir o êrro de Roma como hediondo resultado do consórcio entre Igreja e Estado. No capítulo dezessete temos esta profética união mais em evidência.

Uma imagem da bêsta nos Estados Unidos, será uma identificação do papado, como vimos acima. Será a união do protestantismo americano com o Estado Americano. Estado e Igreja num consórcio idêntico ao do papado com o poder civil. E êste estado de coisas exarado na profecia, está já sendo a cogitação do protestantismo norte-americano, tendo, desde já algum tempo e para conseguir seus fins, procurado agremiar tôdas as igrejas protestantes numa única federação, principalmente as maiores denominações.

"Numa sessão do Executivo dessa Federação das Igrejas, realizada em Syracusa, New York, foi declarado que o fim dessa federação é *'aperfeiçoar uma organização que daria ao protestantismo o que êle tanto necessita como assistência eficaz e realizaria A SUPREMACIA REPRESENTATIVA DA REPÚBLICA APOSTÓLICA, assegurando-lhe dessa forma as vantagens que a Igreja de Roma possui na Sua magnífica organização'"*[1])

"Vejamos agora o fim declarado dessa federação que, propondo-se imitar 'a admirável organização' da Igreja católica, propõe-se naturalmente imitar o seu sistema de govêrno. Removendo o obstáculo do estado diviso do protestantismo pela criação de uma igre-

ja universal e conseguintemente de um credo universal, pretende ela criar um padrão uniforme e definido de religião cristã, e assim realizar o seu objetivo que, de acôrdo com o artigo IV do seu plano de organização, é 'assegurar uma vasta influência combinada das Igrejas de Cristo em todos os negócios que dizem respeito às condições morais e sociais do povo de modo a *prover e aplicar a lei de Cristo em tôdas as relações da vida humana'".* No concílio em que foram discutidas as bases dessa federação, o dr. Dikey, desenvolvendo êste ponto, disse:

"'Confio que um dos resultados práticos dessa assmbléia será a *organização de uma força que seja respeitada e tomada em consideração tanto por parte dos prevaricadores como dos promulgadores das leis, em se tratando das magnas questões da moral... E' da nossa jurisdição exigir dos que governam,* em nome de nosso Rei supremo e tendo em vista o bem da humanidade, que respeitem O CÓDIGO DE NOSSO REINO. Os govêrnos podem desconhecer seitas, mas HÃO DE RESPEITAR A IGREJA. *Esta federação há de impor audiência* E FALAR COM PODER, quando ela tiver pôsto de parte as suas diferenças, fazendo da coesão o seu argumento'.

"O bispo Hendrix, expondo as relações dessa federação com o Estado, disse em resumo o seguinte: 'O Estado é a mais completa e mais universal de tôdas as agremiações humanas. A súplica contida na oração dominical: 'Venha o Teu reino', está definida nas palavras imediatas: 'Faça-se a Tua vontade assim na terra como no céu'. E' êsse o Estado ideal... *O nosso objetivo não é ter uma religião estabelecida pelo Estado e sim ter um Estado estabelecido pela religião.* O de que nós precisamos em nosso país não é uma Igreja estabelecida e sim um Estado estabelecido (pela Igreja). Uma parte da missão da Igreja é pois estabelecer o Estado".[1])

A igreja ou igrejas protestantes americanas usarão o poder civil para reprimir tudo quanto julgar ser heresia, impor seus dogmas sob pena de confiscação de bens, de prisão e de morte dos recalcitrantes. Entretanto, a "imagem da bêsta" será um ato, como reza o versículo, de engano sob a tutela de "sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da bêsta".

A IMAGEM DA BÊSTA EM FACE DA CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS

A constituição dos Estados Unidos não permite a formação da "imagem da bêsta", isto é, a união da Igreja com o Estado, ou, melhor, a supremacia da Igreja sôbre o Estado. A constituição americana é a garantia absoluta da liberdade de consciência pela qual labutaram e na qual fundamentaram a vida da nação os seus fundadores. Disse o Honorable Enrique D. Elabrook, na Associação dos Advogados de Connecticut: "Neste grande continente, que Deus havia mantido oculto em um pequeno mundo, aqui, com um novo

céu e uma nova terra, onde haviam passado as coisas velhas, veio gente de muitas nações, de diversas necessidades e credos variados, porém unida de coração, alma e espírito por um mesmo propósito, e edificou um altar à liberdade, o primeiro que se construira jamais ou que se pode construir, e o denominou: A Constituição dos Estados Unidos".[1])

Mas o grande altar estadunidense, a sua Constituição de liberdade, está fadado a ser aniquilado pelo espírito de intolerância que desde algum tempo toma vulto no seio das igrejas protestantes da nação. "Em 1803 Samuel B. Wylie, doutor em teologia, comparava em um sermão os autores daquele documento (a declaração da independência dos Estados Unidos da América do Norte) aos loucos mencionados nos salmos, que no seu coração dizem: 'Não há Deus'.

Oito anos depois o dr. Samuel Austin declarava o fato da Constituição dêsse país não se envolver com a religião 'a falha capital' nesse documento, a qual inevitàvelmente acarretaria a queda da nação. Em 1812 o presidente Dwight, do Yale College, lamentava em um sermão a falta de se haver deixado de reconhecer a Deus na Constituição, dizendo: 'Debaixo do atual regimen começamos a nossa existência nacional sem Deus'. Em 1819 o dr. Duffiel declarava a Constituição 'absolutamente ateísta'. Em 1859 o professor J. H. Mc. IIvaine deplorava em um artigo publicado no Princeton Review que 'o efeito prático da Constituição' fôsse 'a neutralidade do govêrno perante tôdas as religiões', mostrando-se muito desgostoso por 'não poder-se empregar a menor influência do govêrno pró ou contra alguma forma de fé religiosa'"[2])

Em 1863 uma reunião de preeminentes protestantes teve por único objetivo influir para que uma emenda na Constituição federal viesse a ser votada pelo Congresso, a fim de que fizesse dos Estados Unidos uma nação "cristã"! No ano seguinte surgiu uma completa organização sob o nome de "Liga para a consecução de uma emenda religiosa à constituição", passando a chamar-se Liga de Reforma Nacional.

Já ao ser elaborado o grande documento, grupos religiosos protestantes rogaram que "o reconhecimento explicito do único Deus verdadeiro e de Jesus Cristo" se incluísse na Constituição. Porém êste pedido foi negado, e, Thomas Jefferson, ao escrever sôbre o incidente, disse: "A inserção foi rechassada por uma grande maioria, em prova de que queria abraçar com o manto de sua proteção ao judeu e ao gentio, ao cristão e ao maometano, ao hindu e ao infiel de tôda a denominação".[3])

"O primeiro ato dessa liga foi uma representação ao Congresso Nacional solicitando uma emenda à Constituição no sentido de ser Deus reconhecido como a fonte de tôda a autoridade e poder no govêrno civil e Cristo como o dominador supremo entre as nações e sua vontade revelada como a lei suprema do país, para que o govêr-

no dos Estados Unidos fôsse acatado como um govêrno cristão. Foi esta a primeira tentativa coletiva no sentido de produzir uma imagem do papismo. Em 1867 foi fundado o *'The Christian Stateman'*, órgão oficial da supradita Liga, que, em 1884, inseria um artigo, com esta declaração:

"'Dê-se a entender a todo o mundo que constituímos uma nação cristã e que, por acreditarmos não poder subsistir sem o cristianismo, nos vemos na contingência de conservar por todos os meios o nosso caráter cristão. Inscreva-se isto no pavilhão de nossa Constituição... Obrigue-se a todos os que vierem ter ao nosso país a obedecer às leis da moral cristã'.

"Num artigo publicado no mesmo jornal, em data de 13 de janeiro de 1887, dizia o Rev. M. A. Gaul, um dos vultos mais eminentes dessa Liga e advogado da Reforma Nacional: 'O nosso remédio contra tôdas as influências perniciosas está em decretar o Govêrno a Lei Moral e reconhecer a autoridade de Deus que está por detrás desta, *deitando mão a tôda a religião que se não conformar com a mesma'*. A 21 de março de 1888, o vice-presidente dessa Liga, num discurso publicado no mesmo jornal, dizia o seguinte:

"'Podemos acrescentar com todo o direito: Se os adversários da Bíblia não se agradarem de nosso govêrno e de sua lei cristã, que vão para um país selvagem e deserto e o conquistem em nome do diabo e para o diabo, fundando aí para si um govêrno baseado nas suas idéias incrédulas e ateístas, e se o puderem suportar, que continuem lá até morrer'.

"Numa convenção realizada pela Liga a 26 de fevereiro do mesmo ano, em New York, o dr. Jonathan Edwards declarava sem rebuços: *'Queremos uma união de Igreja e Estado* e havemos de tê-la. Até onde os negócios do Estado necessitam de religião, esta deve ser a religião revelada de Cristo. O juramento cristão e a moral cristã devem ter neste país uma base legal iniludível'.

"Em 1877 a Liga da Reforma Nacional aliou-se com a Liga de Temperança das Mulheres Cristãs, um dos mais eminentes vultos da qual foi a Snra. Francis Willard, que, num relatório dessa Liga, publicado em 1886, disse o seguinte:

"Ainda havemos de ter uma verdadeira teocracia... A bem da humanidade importa que, na lei, Cristo seja elevado ao trono pelos legisladores. Por isso solicito, como patriota cristã, o direito de voto para as mulheres'.

"Em outubro de 1888 realizou-se em New York uma convenção dessa Liga, na qual foi tomada a seguinte resolução: 'Resolvemos que Cristo e Seu Evangelho devem dominar soberanamente, o primeiro como Rei Universal e o segundo como Código Geral, no nosso govêrno e nos negócios do Estado'.

"O objetivo principal dessa Liga transpira ainda mais nitidamente de um discurso proferido numa assembléia geral pela mesma

Snra. Francis Willard, então presidente da Liga: 'A Liga de Temperança das Mulheres Cristãs local, estadual, nacional e universal se inspira num pensamento vivo e orgânico, num objetivo que faz perder de vista todos os demais, num entusiasmo imorredouro, a saber, que *Cristo deve ser o Rei dêste mundo'*.

"O reino de Cristo tem de ser estabelecido na lei, entrando pela porta da política. Por isso suplicamos a Deus que não lhes dê sossêgo (aos partidos contrários) até que jurem vassalagem a Cristo, e, formados num único e grande exército, marchem para as urnas a fim de glorificar a Deus'.

"Ora, Cristo peremptòriamente declarou que o Seu reino não é dêste mundo.[1]) A Sua Igreja é um reino todo espiritual que nada tem que ver com o mundo e com a política. Materialmente esta deve estar sujeita aos governos civis como qualquer outro indivíduo, dando a César o que é de César, sem pretender invadir os domínios dêste. Espiritualmente ela deve estar tôda subordinada a Deus, dando a Deus o que é de Deus.[2]) E' o domínio espiritual sôbre a Sua Igreja e exclusivamente sôbre esta que Cristo se reserva neste mundo, declinando em absoluto qualquer outro domínio. Qualquer desejo ou tentativa, pois, será apenas um pretexto para sua exaltação própria no trono do mundo e sua consequente separação de Cristo. Quando aquela multidão se propunha apoderar-se violentamente de Jesus para fazê-Lo Rei dêste mundo, Cristo afastou-Se resolutamente dela abandonando-a a si própria![3])

"Em 1887 a Liga de Reforma Nacional, reforçada já pela sua aliança com a Liga de Temperança das Mulheres Cristãs que, no fundo, pugnava pelo mesmo ideal, fêz aliança com o segundo elemento, o Partido Proibicionista, cujo objetivo foi claramente definido por um de seus membros, num discurso pronunciado em Cansas City: 'Desejo e espero que não estará longe o dia em que no nosso país *a voz da igreja* de Cristo há de ser ouvida e acatada em tôdas as importantes questões da vida. Aguardo saudoso o despontar do dia em que a legislatura, tanto estadual como municipal, há de estar de acôrdo com o eterno princípio da retidão e da justiça conforme elas foram reveladas por Cristo e são *proclamadas pela igreja.* O' dia abençoado, quando o *juízo unânime do povo* de Deus na América há de ser *acolhido com respeito* nas importantes questões sôbre temperança, castidade e decência, e ser *convertido em lei".*

"Pràticamente o papismo jamais aspirou a alguma outra coisa. Tôda a sua aspiração e esforço se concentrou sempre em que a legislatura civil, tanto nacional, como estadual e municipal, de qualquer país, estivesse de acôrdo com os princípios da retidão e da justiça, *conforme eram proclamadas pela igreja,* e que o juízo unânime do povo de Deus (apurado nos concílios), fôsse acatado e convertido em lei. E' a autoridade da Igreja superposta a dos governos

seculares e interferindo com a dêstes nos negócios civis, contra os ensinamentos claros de Cristo; é a elevação da Igreja à paridade com Deus e a exaltação do homem em lugar dÊle, usurpando-Lhe êste as atribuições e exercendo-as sob pretexto de ser o substituto de Deus na terra, exatamente como sucede com o papismo".[1])

Os legisladores estadunidences tem até agora sustado o pedido de emenda religiosa da Constituição. Porém, diante da pressão que os assedia de todos os lados, não serão capazes de sustê-lo por muito mais tempo.

Já vimos páginas atrás como uma petição fôra rechassada, ao ser elaborada a Constituição, pró inclusão na Magna carta de uma cláusula religiosa. E em resposta a um pedido pró emenda religiosa constitucional, a Comissão de Assuntos Judiciais da Câmara deu já em 18 de fevereiro de 1874 a seguinte resposta. "Como êste país, de cujo govêrno estavam lançando o fundamento então, devia ser pátria dos oprimidos de tôdas as nações da terra, fossem cristãos ou pagãos, e compreendendo plenamente os perigos que a união entre a Igreja e o Estado havia imposto a tantas nações do Velho Mundo com grande unanimidade (concordaram) que não convinha pôr na Constituição ou a forma de govêrno algo que pudesse interpretar-se como referindo-se a qualquer credo religioso ou doutrina".[2])

A IMAGEM DA BÊSTA É UMA HOMENAGEM AO PAPADO

Apesar de tudo, logo veremos suprimida a liberdade de consciência na grande nação do Novo Mundo. E ninguém pense que a supressão do credo de liberdade não é uma inspiração de Roma. O dragão do capítulo doze é símbolo de Roma-pagã e no capítulo treze Roma-papal, a continuação da Velha Roma, recebeu todo o poder do dragão, e a bêsta de dois chifres que é os Estados Unidos, fala "como o dragão" que é a fôrça do poder do papado. Além disso, segundo os ditames da profecia, a "imagem da bêsta" será realizada nos Estados Unidos como uma homenagem a Roma, em virtude de se propor exaltar o "sinal da bêsta", o domingo, por uma lei constitucional. E' por influência de Roma que o Congresso americano suprimirá a liberdade de consciência de sua Constituição. Vejamos o que dissera o papa Leão XIII aos católicos dos Estados Unidos em uma pastoral de 7 de novembro de 1885:

"Se os católicos dão prova de indolência as rendas do govêrno cairão em mãos de pessoas cujas idéias são pouco favoráveis ao bem estar (da igreja). Suficiente motivo têm os católicos para intervir na vida política, para que o sangue vivo da ciência e da virtude católicas penetre em todo o organismo dos Estados. Todos os católicos que se prezam sê-lo hão de ter sempre em mente êste fim e hão de trabalhar e influir até que *cada um dos Estados se torne*

transformado conforme a imagem descrita por nós".[1]) Vemos que a profecia e seu cumprimento não podiam ajustar-se melhor.

Grandes organizações protestantes influentes estão em franca atividade desde algum tempo para conseguir os seus fins que afinal resultarão na "imagem da besta". Fundaram agremiações com o propósito de conseguir o objetivo comum, algumas das quais se denominam National Reform Association; International Reform Ruriau; Lords Day Alliance; Federal Concil of the Church of Christ in America. Também sociedades católicas nos Estados Unidos procuram atingir o mesmo fim; e assim o protestantismo como o catolicismo conjugam suas forças num desmedido esforço marchando juntos para a consecução da "imagem da bêsta" em homenagem ao papado romano.

Deste modo a "imagem da bêsta" encaminha-se para sua formação segundo os moldes de Roma, como reza a inspiração. E a nação norte-americana alicerçada nos mais sagrados direitos inalienáveis do homem — a liberdade de consciência — transformar-se-á em nação opressora, falando deveras como o dragão. E o denominado "Conselho Mundial de Igrejas" está apressando, conjuntamente com as demais entidades que trabalham para o mesmo fim, a aproximação da catástrofe futura da nação da liberdade.

O ESPÍRITO DADO À IMAGEM DA BÊSTA

VERSO 15 — *"E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da bêsta, para que também a imagem da bêsta falasse, e fizesse que fôssem mortos todos os que não adorassem a imagem da bêsta".*

QUEM DARÁ ESPÍRITO À IMAGEM DA BÊSTA?

Temos amplamente demonstrado que os Estados Unidos são a bêsta de "dois chifres semelhantes ao de um cordeiro". O poder exercido pelo govêrno desta nação é o poder do povo. Assim, a sua transformação de um país de liberdade em uma "imagem da bêsta", é um ato do povo através do seu govêrno. Portanto, quando os Estados Unidos deixarem de ser o que agora são para formarem a "imagem da bêsta", entregarão a esta o poder governativo que agora exercem. A voz ativa da nação será daí em diante a voz da "imagem da bêsta" e não mais a voz de uma nação de liberdade. Em outras palavras, como a "imagem da bêsta" é a união entre Igreja e Estado, em que aquela faz dêste o seu servo, a igreja terá o poder para falar e o Estado o dever de executar a sua fala. Ou podemos também dizer que o Estado falará não mais como um Estado civil livre, mas como um Estado religioso opressor que é a "imagem da bêsta". E' isto o que quer dizer: "Ê foi-lhe (ao Estado pelo dragão) concedido que desse espírito à imagem da bêsta, para que a imagem da bêsta falasse", e falasse como o dragão.

CONTRA QUEM FALARÁ A "IMAGEM DA BÊSTA"?

Neste respeito a profecia é muito evidente. A "imagem da besta", revestida do poder da própria nação, falará contra os que se lhe oporem, isto é, contra aquêles que protestarão contra a união ilícita e anti-evangélica de Igreja e Estado. Sua fala contra êles será de morte, dada a fidelidade dêles aos mandamentos de Deus e a recusa da aceitação da "imagem da bêsta" e de suas imposturas.

Mas nenhum dos servos de Deus há de morrer pelas sentenças da "imagem da bêsta" estadunidense. Deus os protegerá de modo a não lhes cair um só fio de cabelo da cabeça. Serão protegidos pelas legiões de santos anjos celestiais, pelo que não será executada contra êles a sentença de morte em razão da lealdade que manifestam à lei de Deus e ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Êles, reza a profecia, sairão "vitoriosos da bêsta, e da sua imagem".[1]) Esse futuro tempo será para êles a "angústia de Jacó" e não morte de Jacó, pois êste não morreu em sua angústia.

A EXALTAÇÃO DO SINAL DA BÊSTA

VERSOS 16-17 — *"E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja pôsto um sinal na sua. mão direita, ou nas suas testas; para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da bêsta, ou o número do seu nome".*

O ATENTADO DA BÊSTA CONTRA A LEI DE DEUS

Em harmonia com o exposto acima, o "sinal da bêsta" é o sinal do papado, que é a "bêsta". Portanto, como o papado é um poder religioso, seu sinal deve ser infalivelmente uma instituição religiosa sua por meio da qual pretenda ser reconhecido no mundo como autoridade suprema. O apóstolo Paulo descreve o papado, na pessoa do papa, como "homem do pecado" que se arroga o direito de supremacia "contra tudo o que se chama Deus" ou revela o nome de Deus, "se adora" e se assenta "no templo de Deus", a igreja, "querendo parecer Deus".[2]) Dêste modo pretende o papado destronar a Deus e ser olhado por tôda a igreja como autoridade em lugar de Deus e acima de Deus, pois revela o apóstolo que se exalta "contra tudo o que se chama Deus".

Quando um poder pretende ter derribado outro poder, trata imediatamente de abrogar ou modificar a lei daquele a quem destronou por meio da qual êle exercia a sua autoridade. Estabelece então uma outra lei ou Constituição que revele a sua autoridade como novo soberano vencedor. E foi precisamente isto que o papado procurou realizar para exaltar-se a si mesmo acima de Deus como usurpador dos direitos de Deus. Referindo-se às suas pretensões

menciona o profeta Daniel três coisas que o papado faria ao colocar-se acima de Deus: 1) "Proferirá palavras contra o Altíssimo". 2) "Destruirá os santos do Altíssimo". 3) "Cuidará em mudar os tempos e a lei ".[1]) Note-se a lógica profética no que respeita a um poder usurpador: 1) Fala contra o poder que derribou. 2) Elimina os súditos do poder derribado se não se simpatizarem com a nova ordem. 3) Muda a lei ou a Constituição do poder vencido. E não foi nada mais do que isto que o papado cometeu em relação a Deus.

Dos três pontos, porém, o que a profecia mais destaca é o que trata da lei em que é dito que o papado — cuidará em mudar os tempos e a lei. O vocábulo "Lei", do hebraico *"dath",* está no singular e não no plural. Se estivesse no plural, teríamos a idéia de que o texto trataria das leis dos potentados que o papado dominou, a respeito das quais êle não pensou jamais na possibilidade de mudá-las mas anulou-as e pretende ainda ter poder para anulá-las e ditar-lhes outras. Os séculos da Idade Média são testemunhas de que o papado anulou decretos de potentados europeus e absolveu os súditos dêstes do juramento de fidelidade a êles prestado. Interpôs-se nos negócios das nações e em a mais repelentes humildade obrigou os príncipes governantes a prostrarem-se diante de si beijando-lhe os pés. Mas, a profecia de Daniel aponta diretamente ao papado, colocado por si mesmo acima de Deus, e, portanto, a lei que cuidaria ou pensaria em mudar, não pode ser outra senão a lei do próprio govêrno de Deus. Pois jamais poderia êle exercer seu abjeto despotismo religioso e colocar-se acima de Deus a menos que alterasse a Sua lei suprema, afastando dela a Sua autoridade como Rei do úniverso. Todavia, segundo a expressão da profecia de Daniel, o papado intentaria cometer contra a lei de Deus um ato que não lhe assiste o direito de cometer, mas que pensaria poder cometê-lo. Mas, enquanto Daniel no seu tempo vaticinara que o papado cuidaria em mudar a lei de Deus, nós hoje vemos a profecia cumprida. Ao lograr que o mundo adotasse a lei mudada em vez da lei original, logrou seu objetivo: ser reconhecido como deus e acima de Deus.

Assim tem o cristianismo duas leis — a lei original, escrita pelo dedo do Criador e a lei adulterada pelo papado. A lei de Deus, que é a expressão de Seu próprio caráter, requer obediência de Suas criaturas a seus princípios. A lei papal, que emana de Roma, exige fidelidade à vontade do papa. Ambos, o Deus do céu e o deus de Roma, exigem obediência às suas leis. A lei a que os homens obedecerem revela o Deus que êles adoram e servem.

A mudança da lei de Deus ou sua alteração pelo papado romano, deveria atingir especialmente o preceito da lei que trata de Deus como legislador da mesma e que encerra as razões da sua legislação. Em outros têrmos, para que Deus não continuasse mais a reinar na terra e sim o papado, era imprescindível que êste poder afastasse da lei de Deus o preceito que expressa a Sua suprema autoridade e subs-

tituisse por um outro que revelasse, na lei, a suprema autoridade papal. Podemos repetir que, se não fôra essa a alteração da lei, vaticinada pela inspiração, jamais ela falaria das pretensões do papado assentar-se "como Deus", "querendo parecer Deus" e levantando-se "contra tudo o que se chama Deus". Na lei moral do Decálogo, o preceito que expressa a autoridade de Deus como legislador e como Deus soberano nos céu e na terra, é o quarto mandamento, que assim reza:

"Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás tôda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fêz o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou".[1])

Inquestionàvelmente, o quarto mandamento da lei de Deus, ordenando a santificação do sábado do sétimo dia, contém, por suas expressões, a assinatura de Deus como legislador da lei do Decálogo, pelo que a lei é inalterável, insubstituível e todos os seus preceitos de obrigação indiscutível para todo o ser humano. Vemos assim que o repouso semanal do sábado do sétimo dia encerra a autoridade soberana de Deus, revelando Seu nome, Suas funções e sua jurisdição nos céus e na terra, sendo esta a razão da santificação e da bênção que o Criador colocara sôbre êste dia ao criar o mundo. Todo o homem que acata o Sábado como dia de repouso divino e o observa conforme a ordenança do quarto mandamento, homenageia a Deus como Criador e O reverencia como seu Deus a quem unicamente adora e serve na terra.

Para que o papado pudesse colocar-se acima de Deus e o seu pontífice pretendesse ser deus na terra, é evidente que deveria abolir especialmente o quarto mandamento que ordena a santificação do sábado do sétimo dia e apresenta a Deus como Criador, e substituí-lo por um outro dia de repouso semanal que designasse, não mais ao Criador como legislador da lei e supremo Deus nos céus e na terra, mas sim ao papa ou ao papado como "deus dêste mundo" ou substituto de Deus entronizado em Roma. E, pôsto que a Bíblia chamada católica, a Vulgata, conserve intacto o quarto mandamento ordenando o repouso do sétimo dia, temos nos catecismos autorizados da igreja católica uma lei, nêles denominada de lei de Deus, em que o dia de repouso semanal original não é mais apresentado como dia de repouso. O primeiro dia da semana é definido nos catecismos como dia de repouso substituto do sábado do sétimo dia. E esta mudança do dia de repouso é confessada por autoridade católicas como obra real do papado. Vejamos o que diz um escritor católico:

"Nós católicos, romanos, guardamos o domingo, em lembrança da ressurreição de Cristo, *e por ordem do chefe de nossa igreja,* que preceituou tal ordem do sábado ser do Antigo Testamento, e não obrigar mais no Novo Testamento".[1]) Está aí a confissão de um renomado vulto do sacerdócio católico de que o papado atentou contra a lei da soberania de Deus. Outras autoridades dizem como segue: "Em um catecismo de doutrina, à página 174, lemos: 'Podeis provar ainda de outro modo que a igreja tem autoridade para preceituar dias de festas? Resp.: Se ela não tivesse tal autoridade, não poderia ter substituído a observância do sábado do 7.o dia ao domingo, primeiro dia da semana, *mudança essa que não tem nenhuma autoridade nas Escrituras".*

"Hootsman, chanceler do arce-bispo Ryan de Filadélfia, numa carta a Mr. E. E. Franke a propósito da questão do sábado, reafirma nestes têrmos o testemunho citado: 'Consultai qualquer obra católica que contenha um capítulo sobre tradição, e aí encontrareis o que estais precisando: a igreja é a única autoridade para a transferência do sábado para o domingo. O sábado o mais famoso dia da lei, foi transferido para o dia do Senhor. Estas e outras coisas semelhantes, não cessaram em virtude da pregação de Cristo (pois diz que não veio abolir a lei mas cumprir) *mas foram mudadas por autoridade da igreja'"[2])*

O SINAL DA BÊSTA

As Sagradas Escrituras ensinam que o Sábado é o sinal de Deus e o "dia do Senhor". Para não aduzir novamente as provas indestrutíveis desta verdade, consultem-se os textos aqui indicados.[3])

Na transferência do repouso semanal do Sábado do sétimo dia para o primeiro dia da semana, o papado não fêz nada mais nem menos do que substituir o sinal da autoridade suprema de Deus pelo sinal de sua própria autoridade como um falso deus sôbre a terra. Daí o domingo, na lei modificada do catecismo católico, ser o sinal do papado que é, como tal, constatado pelos dignatários dêste poder.

"Numa carta escrita em novembro de 1895, o Snr. H. F. Thomas, chanceler do cardeal Gibbons, respondendo a um inquérito feito a respeito da afirmação que a igreja faz de ter mudado o sábado, disse: 'Naturalmente, a igreja católica afirma que a mudança do sábado é um ato totalmente seu... *e que êste ato é o Sinal de sua autoridade nas coisas religiosas'".[4])* Veja-se Apêndice sôbre o culto do sol e a origem do domingo.

A "IMAGEM DA BÊSTA" IMPÕE O "SINAL DA BÊSTA"

Urge repetir que a "bêsta" é o papado e que a "imagem da bêsta" são os Estados Unidos. Agora tudo está claro diante de nós. Podemos confiar seguramente na profecia e crer que, ao realizar-se

nos Estados Unidos a fusão entre o Estado e a Igreja ou entre aquêle e o protestantismo, e êste tiver a supremacia sobre aquêle, então a "imagem da bêsta" estará formada e entrará em ação imediatamente. Do resultado desta fusão, a profecia sòmente salianta que a "imagem da bêsta" imporá, sob pena de graves consequências, o "sinal da bêsta" "a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos". Isto é, ao ser alterada a Constituição Norte-Americana e o protestantismo tornar-se religião oficial do Estado e êste um Estado religioso dirigido por aquêle, então a igreja obrigará o Estado a impor pela lei o "sinal da bêsta" papal, isto é, a observância obrigatória do domingo.

"E' em torno dêsse sinal que gira tôda a controvérsia, como claramente se deduz da profecia; e que é por meio dêsse sinal que o movimento se propõe vencer confessa-o francamente o dr. Crafts, um dos mais esforçados campeões da Liga de Reforma Nacional, a cuja testa se encontra há muitos anos. Eis a sua declaração: 'Como Colombo e outros descobridores de seu tempo tinham por costume levantar uma cruz em cada país que descobriam, fazendo-o na presunção de o haverem conquistado para algum reino cristão, assim também o dia do Senhor (domingo) foi estabelecido em todos os países do mundo em sinal de sua presumível conquista para o nosso divino Senhor. Não há outro sinal de unidade cristã, de unidade do mundo". "Dia do Senhor, porém, é num certo sentido o seu título preeminente, o *sinal em que havemos de vencer"*.[1])

"Em janeiro de 1914 reuniram-se em New York os representantes de tôdas as corporações religiosas constituídas para a defesa do domingo a fim de discutirem as bases e assentarem os planos para o grande Concílio Internacional do Dia do Senhor a realizar-se proximamente em Washington. Foi convidado para assistir a êsse Concílio, na qualidade de seu presidente honorário, o presidente Wilson, que aceitou o convite. O *Jornal* de Providence (Rhode Island) dando notícia dessa reunião, assim a comenta em seu número de 13 de julho do mesmo ano:

"Reuniram-se em New York, a 22 de janeiro, os representantes das diversas organizações do Dia do Senhor a fim de acordarem nas medidas preliminares para a celebração do Concílio. Os planos já vão adiantados. Organizou-se uma Comissão geral de projetos e elegeu-se uma Comissão Executiva, à qual foi cometido o trabalho principal no aperfeiçoamento dos planos para o futuro Concílio". "O domingo será discutido sob todos os seus aspectos mundiais. Far-se-á primeiro um estudo geral de cada país e das condições de cada nação. Em seguida o Congresso abordará o problema do domingo, considerando-o sob os seus múltiplos aspectos — religioso, moral, industrial, econômico, higiênico, social, legal e governamental. Tentar-se-á também organizar um programa para uma ação combinada e para direção da cooperação ativa daqueles que estão interessa-

dos em promover a legítima observância do domingo. Já um bom número das denominações religiosas principais endossou o movimento, insistindo em que tôdas as associações, não importa de que espécie, religiosas ou profanas, devem alistar-se no mesmo ao lado dos seus promotores, enviando delegados às suas assembléias".[1])

Destas declarações depreendemos, o que é sumamente importante em nossa apreciação da profecia, que o alvo do movimento protestante nos Estados Unidos é erigir o domingo como sinal do movimento que visa fazer uma "imagem à bêsta" e obrigar a todos a adorá-la. e a receber o seu sinal. E note-se que o movimento do protestantismo estadunidense visa o mundo inteiro. Nisto vemos o cumprimento da profecia, em processo, pois reza ela que a bêsta de dois chifres induzirá a "todos os que habitam sôbre a terra" a fazer uma "imagem à bêsta" pela exaltação do seu sinal.

Dêste modo o protestantismo estadunidense rejeitará definitivamente a lei de Deus dada no Sinai e acatará a lei alterada pelo papado. Confirmará seu desacato a Deus rejeitando a sua autoridde expressa no Decálogo. Isto será ir de encontro à própria Confissão de Augsburgo em que os protestantes acusaram a igreja católica de alterar a lei de Deus, transferindo o repouso do Sábado para o domingo. Vejamos:

"Assim, testifica-se também que o Sábado foi mudado para o domingo, como êles o pretendem, contra os dez mandamentos; e nenhum exemplo é alardeado tanto como a mudança do Sábado, querendo êles com isso sustentar que é grande o poder da igreja, visto que dispensou com os dez mandamentos alterando os mesmos".[2])

E, impondo o "sinal da bêsta" papal, o domingo, rejeitará o santo repouso semanal do sétimo dia, derribando assim, como fizera o papado, a autoridade de Deus nos céus, na terra, no mar e sobretudo o que nêles há, conforme expresso o quarto mandamento.

A cada súdito da "imagem da bêsta" será imposto o "sinal da bêsta" "na sua mão direita, ou nas suas testas". Para a "imagem da bêsta" será indiferente estar o "sinal da bêsta" na mão direita ou na testa; o que lhe importa é que todos ostentem a marca da apostasia papal. A mão direita é a mão da ação, e, a grande massa da nação submeter-se-á à imposição do repouso obrigatório do domingo, simplesmente por consideração de comodidade ou conveniência pessoal, sem com isso reconhecer nenhum fundamento religioso, mas dando, dêste modo, indiretamente, o seu apoio moral a uma instituição religiosa e aceitando implicitamente a autoridade da bêsta imposta por sua imagem. Pactuando, embora de modo indireto, com o propósito da bêsta, lhe dão como que a destra, de parceria, favorecendo os seus intuitos, e constituindo-se o seu braço direito pelo auxílio valioso que prestam. Êsses receberão o sinal na sua mão direita com a qual, indiretamente, apoiam as pretensões da bêsta e sua imagem. A outra classe será constituída pelos que espontaneamente se hão de

submeter às suas imposições, não por considerações meramente pessoais, mas pelo coração e pelo entendimento, crendo, com efeito, estar servindo e apoiando uma causa santa. Êstes estarão identificados com a doutrina e por ela com o caráter da bêsta, tanto pelo coração como pela inteligência, e terão o sinal em suas testas. Portanto, por convicção ou não, todos serão obrigados, pelo protestantismo e o Estado irmanados, a levarem o "sinal da bêsta". Quando tudo isto suceder em breve, na América Protestante agora livre, ficará assentado com tôda a evidência que o "característico especial da bêsta e de sua imagem — é a violação dos mandamento de Deus".[1])

Pretendendo a nação protestante estabelecer por lei o domingo como "dia do Senhor", a profecia declara que estabelecerá como "sinal da bêsta", como dia do papado. Satanás não poderia levar um povo inteiro a maior engano do que êste. A própria revelação apresentando os Estados Unidos como falso profeta, diz "que enganou os que receberam o sinal da bêsta e adoraram a sua imagem".[2])

O sinal da bêsta é a imitação de um antigo costume de obediência aos homens e aos falsos deuses. "Entre os antigos era costume que os servos recebessem a marca de seu amo, e os soldados, a de seu general; e os devotos de uma divindade particular, a dessa divindade. Estas marcas imprimiam-se geralmente sôbre a mão direita ou na testa, e consistiam em alguns hieróglifos, ou o nome expresso em letras comuns, ou disfarçado por letras numéricas, segundo a fantasia de quem impunha a marca".[3])

"Prideaux diz que Tolomeu Filopator ordenou que a todos os judeus que solicitavam ser matriculados como cidadãos de Alexandria se lhes imprimisse com ferro candente, sob pena de morte, os traços de uma folha de Hera (insígnia de seu deus, Baco".[4])

Que está em plena fermentação — nos Estados Unidos — um movimento pró estabelecimento da "imagem da bêsta", já o vimos atrás. E que êste movimento tem por objetivo primário a imposição obrigatória do "sinal da bêsta", o domingo, também confirmam abundantes evidências que seguem:

"Em 1888 a Liga de Reforma Nacional aliou-se ainda com um terceiro elemento, a Liga Americana do Sábado (domingo), cujo fim principal, e que é um dos principais fins de todas as ligas congêneres, é promover a observância obrigatória do domingo. Em uma convenção realizada a 8 de novembro de 1887 no Estado de Illinois, o Rev. Dr. Mandeville, orador oficial dessa Liga, referindo-se à maneira como Neemias fizera respeitar o dia de repouso, disse: 'Assim também nós podemos obrigar os executores da lei a cumprir o seu dever'".

Um outro orador da Liga, o prof. Blanchard, fêz na mesma ocasião a seguinte formal declaração: 'Nesta obra que empreendemos a favor do domingo nós somos os SUBSTITUTOS de Deus'.

"Já em 1881 a Liga de Reforma Nacional admitia francamente a conveniência de uma tal aliança (com a igreja católica), publicando no The Christian Statesman um artigo em que se lia o seguinte: 'O interesse comum nesta questão devia confirmar-nos neste trabalho e dispor-nos, para a sua realização, a agirmos de mãos dadas com os nossos concidadãos católicos... A urgência do estado de coisas atual nos obriga a dar êsse passo'.

"A 12 de dezembro do mesmo ano o *The Christian Statesman* inseria um outro artigo com esta declaração categórica: 'Se a Igreja Católica estiver disposta a agir de comum acordo conosco nesta luta contra o ateísmo político, do melhor grado a reconheceremos como *nossa aliada'*.

"Em 1888 o senador Henry Blair apresentou ao Congresso Nacional dos Estados Unidos um projeto de lei, reconhecendo como oficial a religião cristã e estabelecendo o ensino religioso nas escolas públicas, além de outro decretando a observância religiosa do domingo como dia do Senhor. Nessa ocasião o secretário da Liga Americana do Sábado, aliada principal da Liga de Reforma Nacional, escreveu ao primeiro representante do papado nesse país, o cardeal Gibbons, pedindo-lhe o seu concurso no sentido de persuadir o Congresso a votar a dita lei, que decretava a observância do domingo como dia de culto religioso. O cardeal respondeu incontinente anuindo ao pedido e exprimindo em têrmos afetuosos a satisfação que experimentava por poder juntar o seu nome aos dos milhões que pugnavam por uma causa tão nobre qual a de fazer respeitar o domingo".

"A 12 de novembro de 1889 realizou-se em Baltimore uma convenção do clero secular católico, onde foi lido um manifesto redigido pelo Snr. Manly B. Tello, redator do *Catholic Universe,* no qual se dizia: 'Devíamos de qualquer modo aliar-nos com os protestantes que desejam a santificação do domingo... Podemos assim induzir as massas protestantes a uma observância respeitosa do domingo católico'.

"Uma das deliberações então tomadas sobre êsse ponto declarava haver toda a conveniência numa tal aliança e que os católicos deviam unir-se com os protestantes na questão do domingo a fim de promover a sua observância obrigatória. Essa resolução foi acolhida com grande júbilo pela Liga Americana do Sábado, que exprimiu a sua satisfação nos seguintes têrmos: 'A convenção nacional do clero secular católico, depois de se haver correspondido e tomado consulta com a Liga Americana do Sábado, aprovou a resolução proposta de uma ação comum com os protestantes na reforma do sábado (domingo). Isto não quer dizer todavia que o reino milenário há de ser estabelecido num só dia. Foi isto apenas uma declaração de amor e os dois partidos como que se aproximaram timidamente'.

"Celebrados os esponsais, porém, há de sem dúvida seguir-se o consórcio, mòrmente quando a união é ditada por conveniências mú-

tuas de tão alta ordem. Comentando o caso, termina dizendo o autor de 'As Duas Republicas': 'Deste modo os cabeças do protestantismo se aliaram com o papismo no intuito único de criar no governo dos Estados Unidos condições idênticas às que assinalaram o primeiro período do papado, e não deve admirar-nos que o elo conectivo que os une nesta obra iniqua, seja precisamente aquele *venerável dies solis* pelo qual o papismo primeiro alcançou domínio sôbre o poder civil, obrigando por êle aos dissidentes a sujeitar-se aos *ditames da igreja,* donde resultou perseguição e derramamento de sangue'.

"O que aí se vê é simplesmente a repetição da história. Com a elevação do dia santo solar pagão à lei do Estado, debaixo de Constantino, foi preparado o caminho para a fraternização do cristianismo nominal com o paganismo, acentuando-se dia a dia a aproximação entre um e outro até que a Igreja, confundindo-se com êste, engendrou um sistema que era a perfeita imagem do sistema pagão. Do mesmo modo a elevação do domingo à lei do Estado há de tornar-se o meio pelo qual o protestantismo nominal virá a fazer causa comum com o papismo e produzir-lhe uma imagem. Como lá o venerável dia do sol, pôsto que um produto genuinamente pagão, consultava o interêsse de ambos, aplainando as dificuldades para a fusão dos dois sistemas, assim aqui o domingo, que no seu caráter atual é uma instituição genuinamente católica, interessando igualmente ao protestantismo nominal e ao catolicismo, há de fazer desaparecer as dificuldades que porventura obstem a uma aliança efetiva entre ambos para a produção de uma imagem do papismo".[1])

O Dr. Bowdy, secretário geral dessa Aliança, disse o seguinte: 'Advogando as leis dominicais, nós representamos a Igreja em ação. Há todavia uma dificuldade, que é incutir no coração do povo os princípios de Jesus Cristo. O protestantismo e o catolicismo hão de entretanto trabalhar de mãos dadas neste movimento. Como igrejas temos de penetrar no Congresso e na legislação do país e reclamar uma legislação para proteção do dia do Senhor, a fim de que o reino de Cristo possa ser estabelecido"'.[2])

"No movimento ora em ação nos Estados Unidos a fim de conseguir para as instituições e usos da igreja o apoio do Estado, os protestantes estão a seguir as pegadas dos romanistas. Na verdade, mais que isto, estão abrindo a porta para o papado a fim de readquirir na América protestante a supremacia que perdeu no Velho Mundo. E o que dá maior significação a êste movimento é o fato de que o principal objetivo visado é a obrigatoriedade da observância do domingo, prática que se originou com Roma, e que ela alega como sinal de sua autoridade. E' o espírito do papado — espírito de conformidade com os costumes mundanos, com a veneração das tradições humanas acima dos mandamentos de Deus — que está embebendo as igrejas protestantes e levando-as a fazer a mesma obra de exaltação do domingo, a qual antes delas fêz o papado".[3])

OPRESSÃO E MORTE AOS RECALCITRANTES

Sancionada a "imagem da bêsta" por ato constitucional, a "outra besta", a norte-americana, com "dois chifres semelhantes aos de um cordeiro", revelará imediatamente o seu novo e verdadeiro caráter. Naquele tempo breve futuro os Estados Unidos, convertidos em "imagem da bêsta" papal, não mais alçarão a sua voz para falar em liberdade de consciência e de culto. Sua voz será uma nova voz — a voz do dragão. Ficará então constatado que a nação é constituída de "poderes religiosos, aliados ao céu pela profissão, e pretendendo ter os característicos de um cordeiro, mostrarão por seus atos que êles têm o coração de dragão, e que êles são instigados e controlados por Satanás".[1])

A pena de morte será a inexorável sentença a "todos os que não" adorarem "a imagem da bêsta" ou não concordarem com ela e com suas deliberações e decretos em matéria de doutrina. Antes de tudo, porém, a compulsão aos recalcitrantes será levada ao ponto de esbulhá-los de seus direitos civis e sociais; pois não poderão "comprar ou vender" a menos que resolvam receber o sinal da bêsta que corresponde ao seu nome e ao número de seu nome. Em outras palavras, sob o regimem estadunidense da "imagem da bêsta", o cidadão norte-americano que por direito de consciência recusar o "sinal da bêsta" — domingo — será boicotado, perdendo todos os direitos de cidadão. E, se persistir em sua deliberada recusa de acatar o "sinal da bêsta", então a solução para o seu caso é uma só — a pena de morte. Nada mais do que isto é o que a profecia nos esclarece sobre êste assunto.

O POVO QUE SERÁ ALVO DA PERSEGUIÇÃO DA "IMAGEM DA BÊSTA"

O povo de Deus, fiel à Sua lei original, os dez mandamentos do Decálogo, será alvo exclusivo dos decretos da "imagem da bêsta" por se recusar receber o "sinal da bêsta". "Os que honram o sábado bíblico serão denunciados como inimigos da lei e da ordem, como que a derribar as restrições morais da sociedade, causando anarquia e corrupção, e atraindo os juízos de Deus sôbre a terra. Declarar-se-á que seus conscienciosos escrúpulos são teimosia, obstinação e desdém à autoridade. Serão acusados de deslealdade para com o govêrno. Ministros que negam a obrigatoriedade da lei divina, apresentarão do púlpito o dever de prestar obediência às autoridades civis, como ordenadas de Deus. Nas assembléias legislativas e tribunais de justiça, os observadores dos mandamentos serão caluniados e condenados. Dar-se-á um falso colorido às suas palavras; a pior interpretação será dada aos seus intuitos.

"Ao rejeitarem as igrejas os argumentos claros das Escrituras Sagradas, em defesa da lei de Deus, almejarão fazer silenciar aquêles

cuja fé não podem subverter pela Bíblia. Embora fechem os olhos ao fato, estão agora a enveredar por caminho que levará à perseguição dos que conscienciosamente se recusam a fazer o que o resto do mundo cristão se acha a praticar, e a reconhecer as pretensões do sábado papal".[1])

Não há dúvida alguma que, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, que não se curvará jamais a instituições do engano, será o alvo da 'imagem da bêsta".

"Uma' importante associação, dentre as muitas que se têm organizado com o fim de promover a decretação de leis dominicais nos Estados Unidos da América do Norte, é a 'Aliança do Dia do Senhor'. No 25.° relatório anual dessa agremiação, recentemente publicado, depara-se com êste trecho:

"'A Aliança do Dia do Senhor vai-se tornando de ano em ano melhor conhecida do povo e da casa congressista dos Estados Unidos, bem como do capitólio nacional. Do Dr. W. W. Davis, secretário da Aliança em Maryland, recebemos uma comunicação insistindo na necessidade de nossa Aliança pôr-se em contacto mais frequente com a capital de Washington, e que uma vez por semana, ao menos, estando em sessão o Congresso, devíamos tratar nela de perto e pessoalmente os nossos negócios... Revela notar que os Adventistas do Sétimo Dia dispõem em Washington de uma fôrça regular de obreiros, correndo a nós o dever de cuidar em que êsses perturbadores de Israel não façam aí violência ao nosso sábado cristão (domingo)'.

"Na assembléia acima referida assentou-se um plano de trabalho agressivo tendo por objeto influir sôbre o Congresso a fim de conseguir uma lei dominical para o Distrito Federal de Washington. A êsse propósito um orador externou-se nos seguintes têrmos: 'Tão certo como estais sentados aqui em vossas poltronas, uma lei dominical há de ser decretada pelo Congresso Federal. Tenho intimidade com o presidente Wilson, e antes que êle deixe o seu pôsto, procurarei falar-lhe, representando-lhe que é tempo de fazer uma limpeza em Washington no tocante à profanação do domingo. Uma lei dominical conseguir-se-á mais fàcilmente com a cooperação de tôdas as igrejas. A Aliança do Dia do Senhor já conta com o apoio de dezesseis denominações, número que espera dentro em pouco elevar-se a trinta. Em hreve teremos movimentado tôdas as comunidades. Quando falarmos, havemos de ser ouvidos. Já estamos principiando a falar. Entraremos pelas escolas e estabelecimentos de ensino a fim de educar os futuros orientadores do pensamento. De aqui a um ano uma grande convenção vai ser celebrada em Washington, na qual se hão de concretizar todos os esforços empenhados em prol da observância do domingo. Havemos de angariar influências que hão de atuar sôbre todos os congressistas cristãos. Os adventistas têm despejado no Congresso um tal aluvião de petições e cartas, que se poderia imaginar estarem êles em maioria neste país".

Falando ainda o Dr. W. W. Davis, expressou-se desta maneira: "Na próxima sessão do Congresso contamos apresentar um projeto de lei dominical que assegure ao Distrito Federal de Colúmbia um dia de descanso perfeito. Havemos de organizar as nossas fôrças de modo a têrmos em cada Estado um homem habilitado com três representantes superiores das três principais denominações em cada um dos distritos congressistas. Êsses homens deverão organizar as igrejas sobre uma base cooperativa de maneira que, quando um projeto de lei dominical haja de subir à Câmara, em vez de, como tem sucedido das outras vêzes, os adventistas de todos os Estados Unidos despejarem no Congresso um tonel de petições contra êsse projeto, nós estejamos no caso de despejar nêle um tonel por cada um dos Estados da União".[1])

PRENÚNCIOS DA OPRESSÃO DA "IMAGEM DA BÊSTA"

Com o movimento para estabelecer a "imagem da besta" e o seu sinal na América agora livre, o dragão tem desde algum tempo procurado ensaiar a sua voz através de leis compulsórias esparsas contra os fiéis adventistas do sétimo dia. O que segue é já uma amostra, ainda que tênue, do que há de ser num breve futuro a "imagem da besta" estadunidense com a força e o poder do dragão em evidência:

"E' fato incontestável que dos 49 Estados da União nada menos de 17 Estados, que possuem leis dominicais, têm procedido judicialmente contra fiéis observadores do sétimo dia. Êsses Estados são Alabama, Califórnia, Geórgia, Maryland, Michigan, Carolina do Norte e do Sul, Pensylvânia, Arkansas, Flórida, Illinois, Massachusetts, Mississipi, Tenesse, Virgínia e Texas. Essas leis dominicais estão se provando uma causa fecunda de perseguições religiosas, o que se evidencia do fato de terem sido processados de 1885 a 1896, em virtude de tais leis, mais de cem adventistas nos Estados Unidos e mais de 30 em outros países, por haverem executado trabalhos leves no primeiro dia da semana". "Para que o leitor possa fazer uma idéia de como se procede naquele país contra os infratores dessas leis atentatórias da liberdade religiosa proclamada pela Constituição, e que nada mais são do que a "imagem da besta" em embrião, já em franca evolução nalguns Estados, vamos transcrever aqui a narração de um dêsses casos, feita por testemunha insuspeita, o nobre senador Crokett, perante o Senado de Arkansas. Ei-la:

"Senhor presidente, consenti que por um ou dois exemplos eu vos pinte os efeitos dessa lei. Um tal Snr. Swearigen, procedente de um dos Estados do Norte, havia-se mudado para um sítio no condado de... O seu sítio distava quatro milhas da cidade mais próxima e estava bastante retirado de qualquer das casas de oração. Era um membro da Igreja dos Adventistas do Sétimo Dia; e como houvesse observado o dia de repouso de sua Igreja, que é o sábado

do sétimo dia, abstendo-se nêle de todo o trabalho secular, entregou-se, êle mais o seu filho, um mancebo de 17 anos, tranquilamente ao serviço de sua lavoura, no primeiro dia da semana. Não incomodavam a ninguém não prejudicavam os interesses de quem quer que fôsse. Mas, foram espiados, sendo o caso denunciado aos magistrados, que os mandaram prender. No julgamento foram condenados a multas e como não tivessem com que pagar, êsses honrados cidadãos cristãos foram lançados na prisão onde, quais vis criminosos, permaneceram encarcerados por espaço de 25 dias, e por que? — Porque tiveram a ousadia de no ano da graça de Nosso Senhor Jesus de 1887 adorar a Deus segundo os ditames de sua consciência na chamada terra da liberdade. E acaso foi isto o fim da história? Ah, não, snr. presidente. Postos que tinham sido em liberdade, con- fiscou-se ao pobre velho o único cavalo que possuía para ganhar a subsistência de seus filhos, a fim de com o seu produto pagar as custas do processo e a multa, o que tudo importava em 35 dólares. O cavalo foi vendido em hasta pública por 27 dólares.

"Dias depois chegou o oficial de justiça e requereu ao velho mais 38 dólares, sendo onze para completar a soma anteriormente fixada, e mais vinte e cinco para as despesas de alimentação do pai e do filho durante o tempo de sua prisão. E ao protestar o pobre velho com olhos lacrimejantes que não tinha dinheiro, confiscou-se- -lhe também a vaca, pela qual posteriormente foi aceita uma garantia, cuja importância foi coletada entre os seus irmãos na fé. Senhor presidente, todo o meu coração se revolta ao repetir essa história infame". "Um outro caso, ocorrido no Estado de Tenessee, é assim narrado pelo *'Freie Presse'* de Texas:

"O lavrador Capps, morador de Dresden, Tenessee, cidadão pacato e ordeiro, tornou-se vítima de uma abominável perseguição pelo motivo de haver trabalhado no primeiro dia da semana. Já vai para um ano que Capps foi prêso e condenado pelo juízo distrital de Weackl Country a uma multa de 10 dólares e nas custas do processo, que importavam em 51,80 dólares. Capps apelou da sentença para o Supremo Tribunal, que confirmou a sentença da primeira instância, cobrando-lhe pelo processo 58,65 dólares, de sorte que Capps devia pagar ao todo 110,45 dólares. Como é homem sem recursos, está obrigado a remir a multa e as custas do processo com prisão, e isto na razão de 25 cents por dia. A consequência é que Capps terá de permanecer ao todo 442 dias ou um ano e três meses na cadeia pelo crime de haver trabalhado no primeiro dia da semana!" "Capps tem uma jovem mulher e três filhos, dos quais o mais velho conta apenas 6 anos de idade. Seu pequeno sítio fica um tanto retirado de outros moradores, de sorte que a pequena família, quando seu chefe houver de dar entrada na prisão, estará totalmente ao desamparo e sem meios de subsistência. O que torna o fato ainda mais abominável é que Capps não só é homem probo e diligente, como também dotado de

um alto sentimento religioso. O caso, porém, e que Capps pertence à seita dos adventistas do sétimo dia, que se apega rigorosamente ao texto do Gênesis, onde está escrito que o Senhor trabalhou seis dias e ao sétimo descansou, pelo que guardam o sábado, como os judeus, e não o domingo ou o primeiro dia da semana. Na fidelidade à sua convicção religiosa Capps foi a ponto de recusar pagara a primeira multa de 10 dólares, porque entendia que 'importa obedecer mais a Deus do que aos homens', reputando uma injustiça pagar multa por um ato que, na sua opinião, nada mais é do que o cumprimento de um dever religioso.

"A hipotecar o seu pequeno sítio, que é ao que seria obrigado para poder pagar a importância acima, Capps prefere pois dar entrada na cadeia e fá-lo com perfeita tranquilidade de espírito, embora seu médico lhe houvesse declarado que, em virtude de sua compleição débil e do seu hábito de vida ao ar livre, êle não poderia resistir o tempo que lhe fôra imposto atrás dos muros da prisão".

"Ouvindo ou lendo alguém um caso desses" continua o mesmo jornal, "imagina-se transportado ao tempo em que ainda vigoravam as afamadas leis draconianas conhecidas pelo nome de *Blue Laws* de Connecticut. Como é possível, à vista de tais fatos, blazonar-se ainda a gente de liberdade civil e religiosa? Essa decantada liberdade afinal nada mais é do que a liberdade ou antes o direito de opressão e sujeição da maioria sôbre a minoria. E' isto pois a mesma perseguição que há mais de um século foi aqui promovida pelos puritanos ou pelos espanhóis ao tempo da inquisição".

"E cumpre notar que são casos êsses em que a lei ainda foi benigna; outros houve em que os indivíduos foram condenados a trabalhar acorrentados com criminosos na via pública, passando por vexames e violências as mais revoltantes, ao passo que ainda outros foram metidos em masmorras úmidas e frias, resultando-lhes daí enfermidades, algumas das quais fatais. De um sabemos que, tendo passado sucessivamente por três julgamentos, foi em última instância condenado a ser vendido a uma companhia agrícola, sendo porém à última hora pôsto em liberdade por ter um anônimo pago a multa que o condenado se havia recusado a pagar. Um outro que foi arrancado ao aconchêgo de sua família na hora em que sua mulher estava a ponto de dar à luz, passou pelo desgosto de não tornar mais a ver esta nem a seu filhinho, que não resistiram ao choque da desgraça que os atingia. Depois de haver estado prêso durante meses e ter todos os seus bens confiscados, desapareceu, sendo finalmente encontrado morto no cemitério abraçado à sepultura de seus entes queridos. E por que? Porque êstes homens fossem criminosos? — Não, mas porque, obedecendo aos ditames de sua consciência e entendendo que em matéria religiosa lhes cumpria obedecer mais a Deus do que aos homens, haviam cometido o sacrilégio de desrespeitar uma instituição da Igreja a que as leis do Estado prestavam o seu

apoio em flagrante contradição com os princípios estabelecidos pela Constituição".[1])

A GRANDE ADVERTÊNCIA PROFÉTICA

No capítulo dezesseis, versículo dois, encontramos uma solene advertência em adição à do terceiro anjo, que nos dá uma idéia precisa das tremendas consequências que advirão aos que receberem o "sinal da bêsta" prestando com isso adoração à besta e à sua imagem. Os súditos dos Estados Unidos, em especial, estarão como que entre a faca e a parede. Deus exigir-lhes-á que recebam o Seu sinal, o Sábado, e a "imagem da bêsta" exigir-lhes-á que recebam o "sinal da bêsta", o domingo. Ambos, Deus e a "imagem da bêsta", lançam solenes ameaças. De um lado a "imagem da bêsta" os ameaça com o boicote e com a pena de morte se não receberem o "sinal da bêsta". De outro lado Deus os adverte com a rejeição e também a pena de morte se receberem o "sinal da bêsta". Sim, esta é uma das maiores crises que logo sobrevirá, não só nos Estados Unidos mas também em todos os países católicos e protestantes. Cada homem e cada mulher terá que decidir — ou adorará a "bêsta" e a sua "imagem" e receberá o seu sinal correspondente, ou adorará a Deus e receberá o Seu sinal. Cada um decidirá, pois, o seu destino naquele derradeiro fim do "tempo do fim".

QUEM RECEBERÁ O SINAL DA BÊSTA

"Os cristãos das gerações passadas observaram o domingo, supondo que em assim fazendo estavam a guardar o sábado bíblico; e hoje existem verdadeiros cristãos em tôdas as igrejas, não excetuando a comunhão católica romana, que crêem sinceramente ser o domingo o dia de repouso divinamente instituído. Deus aceita a sinceridade de propósito de tais pessoas e sua integridade. Quando, porém, a observância do domingo fôr imposta por lei, e o mundo fôr esclarecido relativamente à obrigação do verdadeiro sábado, quem então transgredir o mandamento de Deus para obedecer a um preceito que não tem maior autoridade que a de Roma, honrará desta maneira ao papado mais do que a Deus. Prestará homenagem a Roma, e ao poder que impõe a instituição que Roma ordenou. Adorará a bêsta e a sua imagem. Ao rejeitarem os homens a instituição que Deus declarou ser o sinal de Sua autoridade, e honrarem em seu lugar a que Roma escolheu como sinal de sua supremacia, aceitarão, de fato, o sinal de fidelidade para com Roma — 'o sinal da bêsta'. E sòmente depois que esta situação esteja assim plenamente exposta perante o povo, e êste seja levado a optar entre os mandamentos de Deus e os dos homens, é que, então, aquêles que continuam a transgredir hão-de receber 'o sinal da bêsta'".[1])

"Mas ninguém deverá sofrer a ira de Deus antes que a verdade se tenha apresentado ao espírito e consciência, e haja sido rejeitada. Há muitos que nunca tiveram oportunidade de ouvir as verdades especiais para êste tempo. A obrigatoriedade do quarto mandamento nunca lhes foi apresentada em sua verdadeira luz. Aquêle que lê todos os corações e prova todos os intuitos, não deixará que pessoa alguma que deseje o conhecimento da verdade seja enganada quanto ao desfêcho da controvérsia. O decreto não será imposto ao povo cegamente. Cada qual receberá luz bastante para fazer inteligentemente a sua decisão".[1])

Temos assim que o sinal da bêsta e o sinal de Deus só serão impostos quando o mundo fôr logo esclarecido de tôda esta questão, como se acha predito no Apocalipse capítulo dezoito versículos um a quatro.

O NÚMERO DA BÊSTA

VERSO 18 — *"Aqui há sabedoria. Aquêle que tem entendimento, calcule o número da bêsta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis".*

O NOME DA BÊSTA

Chegamos afinal ao término da tragédia da bêsta-papal e de sua imagem protestante-estadunidense, tal como nos é apresentada na profecia do Apocalipse treze e confirmada pelos fatos históricos. O versículo dezoito dá-nos a prova suprema de que a "bêsta" de que trata esta profecia, é evidentemente o papado romano. O versículo anterior refere que a "bêsta" tem um nome e que seu nome encerra um número. Disto concordamos que para encontrarmos o seu número é imprescindível sabermos antecipadamente o seu nome. Ora, sendo que a "bêsta" é um poder na terra e que o seu número é o número de um homem que a representa absoluto, é evidente que o seu nome deve ser um título representativo do seu poder empregado pelo referido homem e não o nome comum dêsse homem. Quer dizer ainda que êsse homem, e a "bêsta" que êle representa, pertencem a uma nacionalidade cujo sistema numeral é exemplificado não em caracteres matemáticos árabes, mas em letras do seu próprio idioma. E' assim que o número do seu nome é encontrado nas letras do seu nome.

O homem, cujo nome revela o título do papado, é o seu representante pessoal — o papa. Seu nome titular como representante central do papado deve identificá-lo com êle e ser o próprio nome do papado. Ora, como as pretensões do papado na terra são as de representante do Filho de Deus, o nome oficial do govêrno papal, ostentado pelo papa deve relacionar-se, em verdade, com o Filho de

Deus sem o que suas pretensões não seriam expressas por seu título; pois um título por alguém ostentado, deve revelar ou ser a expressão de seu encargo.

E "o nome da besta" que é ao mesmo tempo o título do papado que é a "bêsta", pretendido pelo papa, devemos buscá-lo na literatura católica, e não esquecer-nos que o referido título deve ser latino, pôsto que o latim é o idioma oficial de Roma papal, e conter o número 666, segundo o equivalente das letras numerais latinas.

Com frequência lemos na literatura católica e também ouvimos dos lábios do clero papal os nomes: Vigário de Cristo e Vigário de Jesus Cristo, atribuídos ao papa. Nestes nome quando escritos em latim, não encontramos o número 666. Êstes nomes devem ser apenas variações do nome ou do título oficial que deve encerrar o número 666 apontado pela profecia. Uma citação do cardeal Manning, porém, apresenta, conjuntamente com uma das variações aludidas, um outro nome pretendido pelo papa em que contém o número latino 666 e expressa inequivocamente as pretensões do papado: Leiamos:

"Igualmente dizem agora: Veja esta igreja Católica, esta igreja de Deus, débil e rechassada ainda pelas próprias nações que se dizem católicas. Ali está a França Católica, a Alemanha Católica e a Itália Católica que renunciaram à refutada ficção do poder temporal do *Vigário de Jesus Cristo'*. E assim, porque a Igreja parece débil, e o *Vigário do Filho de Deus* está revivendo a paixão de seu Mestre na terra, nos escandalizamos e apartamos dêle o rosto".[1])

Êste outro nome atribuído ao papa pelo cardeal Manning, que infalivelmente é o título oficial do papado — *Vicarius Filii Dei* — preenche exatamente os requisitos da profecia. Aqui temos evidentemente um nome do papa que expressa as pretensões do papado e o seu número 666. Êste é o título oficial do papado e cumpre perfeitamente a profecia.

"Êste título particular de *Vicários Filii Dei* aparece já em 752-774 num documento conhecido historicamente como a "Doação de Constantino".

"O documento que emprega o título foi confirmado por um concílio da igreja, diz Binio, alto dignatário católico romano de Colônia citado por Labré e Cossort. Foi incorporado na lei canônica romana católica por Graciano, e quando esta última obra foi revisada e publicada, com o bom visto do papa Gregório XIII, o título conservou-se. Quando Lúcio Ferraris escreveu sua elaborada obra teológica pelo ano 1755, deu sob o artigo 'papa' o título *Vicários Filii Dei,* e citou como autoridade a respeito a lei canônica revisada. Novamente, quando a obra de Ferrari foi revisada, ampliada e publicada em Roma em 1890, continuaram nela o documento e o título".[2])

"Citamos em continuação o latim da Doação de Constantino, confirmada por um concílio da igreja, incorporada na lei canônica romana e citada por Ferraris:

"Ut sicut Beatus Petrus in terris Vicarius Filii Dei fuit constitutus, ita et Pontífices eius succesores in terris principatus potestarem amplius, quam terrenae imperialis nostrae serenitatis mansuetudo habere videtur".[1])

"Cristobal Coleman traduz êste parágrafo da lei canônica de Graciano como segue:

"Como se vê que o bem-aventurado Pedro foi constituído Vigário do Filho de Deus na terra, assim também os pontífices que são os representantes daquele mesmo príncipe dos apóstolos, devem obter de nós e de nosso império o poder de uma supremacia maior que a elemência de nossa serenidade imperial terrenal".[2])

Uma outra obra declara que o título papal — *Vicarivs Filii Dei* — lia-se na tiara do papa Gregório XVI.[3]) Uma publicação católica datada de 1915, escrevia: "As letras escritas na mitra do papa são estas Vicarius Filii Dei, que é o latim de Vigário do Filho de Deus".[4]) Esta informação certamente faz alusão a uma antiga tiara usada por papas do passado, não constando que a tiara atual do papa contenha a inscrição de seu título como representante do papado. Seja como fôr, a proposição — *Vicarivs Filii Dei* — referida na literatura católica como título do papado, encerra dois irrecusáveis fatos comprobatórios de que êste é o título verdadeiro de Roma-papal: O nome de um homem, expressivo de suas pretensões, e o "número da bêsta" como referido na profecia.

"O NÚMERO DO SEU NOME"

Somos informados através do versículo dezoito que é necessário "sabedoria" para calcular o "número da bêsta" ou do poder papal, contido no seu título que é o nome de seu representante único, o papa. Ainda, frisando bem as declarações dêste versículo dezoito, diz uma outra versão: "Aqui está o ensejo por discernimento; procure o leitor, se êle tem habilidade, tirar a soma das figuras no nome da bêsta, conforme nosso modo humano, e o número será seiscentos e sessenta e seis".[5]) Uma outra versão reza o texto assim: "Procure o povo de sagaz inteligência calcular o número da bêsta, porque êle indica um certo homem, e seu número é 666".[6]) Assim estas versões aconselham-nos a calcular "o número da bêsta", "tirar a soma das figuras no nome da bêsta". Em outros têrmos, devemos proceder uma operação matemática para extrairmos do "nome da bêsta" o "número do seu nome". Já vimos que o título papal — *Vicarivs Filii Dei* — é um título latino porque latino é o idioma oficial de Roma-papal. Dêste modo devemos separar do título oficial do papado as letras correspondentes aos números latinos, para encontrarmos o número previsto na profecia. Façamos a operação em sentido vertical para maior facilidade de compreensão:

V	.....	5
I	.....	1
C	.....	100
A		
R		
I	.....	1
V	.....	5
S		
F		
I	.....	1
L	.....	50
I	.....	1
I	.....	1
D	.....	500
E		
I	.....	1
Nome		*Nr.* 666

O "nome da bêsta" e o "número do seu nome", testificam que a bêsta desta profecia é indiscutivelmente o papado-romano. Também fica comprovado que o "sinal da bêsta" que a "sua imagem", os Estados Unidos, imporá por lei no devido tempo, é o sinal do poder papal, que como já vimos amplamente, é o domingo. Dêste modo a "imagem da bêsta", obrigando a aceitação e observância do "sinal da bêsta", o domingo, a todos obriga, direta ou indiretamente, a reconhecer a autoridade da bêsta, ou do papado, como substituto do Filho de Deus. A estas culminâncias chegará o apóstata protestantismo estadunidense ao consorciar-se com o Estado numa "imagem da bêsta".

O NÚMERO DA FALSIDADE

A profecia salienta dois fatos particulares sôbre o "número da bêsta" e que não podemos deixá-los de lado. Em primeiro lugar, diz que o "número da bêsta" é o "número de um homem", o que revela e adverte-nos com a máxima evidência que o poder papal não é divino ou de instituição divina, como êle pretende que seja, mas exclusivamente humano. Em segundo lugar, a prova do número 666 é simplesmente "zero", o que significa e adverte-nos que as pretensões do papado, sob a apreciação do Revelador da profecia, é uma farsa como poder cristão. Por um poder provado pela revelação como essencialmente humano e sem valor cristão, não devemos em realidade nos interessar, a não ser que, a despeito das advertências da profecia, queiramos cair voluntàriamente no desagrado de Deus.

O NÚMERO DE BABILÔNIA

Nas profecias do Apocalipse, o papado e o protestantismo são apresentados como a moderna Babilônia espiritual. Na antiga Babilônia das margens do rio Eufrates, o número 666 era o signo do antigo "deus do sol", principal deus do paganismo. A ciência astrológica pagã dividiu o céu estrelado em 36 constelações, cujos números foram arranjados num quadro (como dado abaixo), e usado como um sêlo ou amuleto pelos sacerdotes pagãos e devotos do deus sol:

1	32	34	3	35	6
30	8	27	28	11	7
20	24	15	16	13	23
19	17	21	22	18	14
10	26	12	9	29	25
31	4	2	33	5	36

Somadas estas colunas numéricas horizontal ou verticalmente, dão seis vêzes o número 111, que, somados por sua vez, perfazem o númedo 666. Êste foi o número sagrado do "deus sol" e constitui a sua identificação. O paganismo romano dos Césares não foi mais que uma sucessão do paganismo Babilônio e Roma-papal não é mais que uma sucessão de Roma-pagã, pelo que através desta sucessão está ligada à velha Babilônia e seu culto idolátrico solar. Era assim natural que, como a Babilônia das profecias, também tivesse Roma-papal como número de identificação de sua supremacia o mesmo número 666 do "deus sol" da velha Babilônia. Deste modo o deus do antigo paganismo babilônico, o "sol", e o deus do moderno cristianismo paganizado, o papa, identificam-se pelo mesmo número 666. E os Estados Unidos, quando transformados em "imagem da bêsta", passarão irrefragável e definitivamente, para a órbita de Babilônia através de sua união com o papado e receberão dêste o seu sinal, o domingo, primitivo sinal do "deus sol" de Babilônia, para impô-lo pela fôrça da lei e ameaças de morte a seus súditos.

Diante da exposição dêste décimo terceiro capítulo do Apocalipse, a mais acertada decisão que todo o homem e tôda a mulher devem tomar, uma vez que desejam ser e continuar sendo cristãos, é escapar a tôda pressa de Babilônia, livrar-se decididamente de Roma-papal e de Roma-protestante com a maior urgência, para escapar das dramáticas consequências que sobrevirão aos que persistirem em permanecer na "grande Babilônia". Refugiar-se na igreja de Deus, que guarda os mandamentos de Deus, e ter o sinal de Deus, eis a única salvaguarda possível desde agora e mòrmente no tempo futuro da grande crise como enfatizada nos versículos quinze a dezessete desta profecia.

CAPÍTULO XIV

O ÚLTIMO APÊLO DE DEUS AO MUNDO

INTRODUÇÃO

O capítulo quatorze é dentre todos o mais importante do Apocalipse. Num lance ligeiro d'olhos constatamos que sua mensagem divide-se em três partes principais: Os 144.000 na glória, a tríplice mensagem angélica e a intervenção do céu na terra.

Os pormenores do capítulo dentro de suas divisões são de suprema solenidade. Em primeiro lugar, depois dos 144.000 na eterna glória, deparamos a predição da restauração do evangelho eterno ou do evangelho apostólico, num grande movimento mundial e a anunciação da chegada da hora do juízo. Em segundo lugar, vemos a denúncia da queda de Babilônia espiritual ou do falso cristianismo. Em terceiro lugar, deparamos a mais grave e solene advertência jamais feita aos mortais contra a adoração da besta, de sua imagem e a recepção de seu sinal. Em quarto lugar, evidencia-se um povo que guarda os mandamentos de Deus e possue a fé de Jesús. Em quinto lugar, é referida a cega da terra pela segunda vinda de Cristo. Em sexto lugar, a vindima é demonstrada cujas uvas serão pisadas no lagar da ira de Deus.

Nas entrelinhas do conteúdo do capítulo constatamos o vitorioso povo de Deus. A igreja Adventista do Sétimo Dia nêle se encontra em essência, com uma mensagem de misericórdia e de juízo ao mundo em geral. Nenhuma outra igreja, além desta, preenche e cumpre a revelação desta profecia. Todos os seus detalhes são perfeitamente enquadrados na vida e trabalho desta igreja profèticamente apontada por Deus para restaurar o Evangelho eterno que a apostasia do cristianismo fêz desaparecer.

OS 144.000 NA GLÓRIA

VERSOS 1-5 — *"E olhei, e eis que estava o Cordeiro sôbre o monte de Sião, e com Ele cento e quarenta e quatro mil, que em suas testes tinham escrito o nome dÊle e o de Seu Pai. E ouvi uma voz do céu, como a voz de muitas águas, e como a voz de um grande trovão; e ouvi uma voz de harpistas, que tocavam com as suas harpas. E cantavam um como cântico novo diante do trono e diante dos quatro animais e dos anciãos; e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra. Estes são os que não estão contaminados com mu-*

lheres: porque são virgens. Êstes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai. Êstes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro. E na sua bôca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus".

NO MONTE DE SIÃO COM O CORDEIRO

De tudo quanto se diz sôbre os 144.000 neste capítulo e nos capítulos sete e décimo quinto, temos bastantes razões para crermos que êles constituem os justos que estarão vivendo na terra por ocasião da segunda vinda de Cristo.

Com o Cordeiro, no "Monte de Sião", foram vistos os 144.000. Mas, o que entendemos por "Monte de Sião" desta visão? O termo refere-se a um monte especial num lugar denominado Sião, que devemos entender através da antiga história da Jerusalém terrena. Nos dias das conquistas de Davi tomou êste rei aos jebuseus a "fortaleza de Sião".[1]) Sião ficou então sendo chamada a "cidade de Davi".[2]) Mais tarde os jebuseus foram expelidos de Jerusalém e Sião, a cidade de Davi, foi incorporada ao sítio de Jerusalém. Daí então a própria Jerusalém passar também a chamar-se "Sião".[3])

O "Monte de Sião" passou a chamar-se também "monte da filha de Sião" ou "o outeiro de Jerusalém".[4]) O "monte de Sião" ficava na parte norte de Jerusalém.[5]) E de um texto de Isaías entendemos que o templo ou santuário da habitação de Deus fôra erigido no "monte de Sião".[6])

Sendo a Jerusalém terrenal uma figura da Jerusalém celestial, compreendemos a realidade de que esta denomina-se também "Sião" e de que tem um monte chamado "Monte de Sião". Dois profetas esclarecem-nos isto precisamente: "E o Senhor bramará de Sião, e dará a Sua voz de Jerusalém, e os céus e a terra tremerão; mas o Senhor será o refúgio do seu povo, e a fortaleza dos filhos de Israel". "E vós sabereis que Eu sou o Senhor vosso Deus, que habito em Sião, o monte da minha santidade; e Jerusalém será santidade; estranhos não passarão mais por ela". "E a lua se envergonhará, e o sol se confundirá, quando o Senhor dos Exércitos reinar no Monte de Sião e em Jerusalém; e então perante os Seus anciãos haverá glória".[7])

Corroborando com Joel e Isaías, citados, escreveu S. Paulo: "Mas chegastes ao Monte de Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos".[8]) Assim não há dúvida de que êstes inspirados homens de Deus referiram-se à Nova Jerusalém como a Sião Celestial e atestaram que nela há um monte chamado "Monte de Sião". Agora compreendemos que, no "Monte de Sião", na Jerusalém celestial, está o santuário do qual Jesus é Sumo-sacerdote. Assim era na Jerusalém terrestre e assim deve ser na Jerusalém celeste. Referindo-se Davi à tribo de Judá, eleita em Cristo para o sacerdócio do novo concerto, liga esta tribo ao "monte

de Sião", da Nova Jerusalém, o que também confirma estar naquele monte o santuário celestial.[1])

No glorioso "Monte de Sião", que mortal algum pode descrever em linguagem terrena, os 144.000 estarão em companhia de Jesus. Sua presença com êles no monte santo, será expressiva da grandiosa vitória que com Seu auxílio auferirão na tremenda crise que precederá o Seu Segundo Advento para libertá-los. O brilhante triunfo que alcançarão no "Monte de Sião" será devido à presença do Salvador; pois a vitória deles sôbre a besta, sua imagem e seu sinal, será também a Sua vitória.

OS NOMES DO CORDEIRO E DO PAI EM SUAS TESTAS

No capítulo sete é dito que os 144.000 serão selados em suas testas com o "sêlo do Deus vivo". Agora é mencionado que terão em suas testas o nome do Pai. Não há nenhuma discrepância nas declarações dos dois capítulos. No capítulo sete comprovamos que o sábado, como Sêlo de Deus, define o Seu nome como — Deus Criador, e, agora, no capítulo quatorze, constatamos que o nome de Deus é o expoente máximo no sêlo de sua lei como sêlo de Sua autoridade sôbre todos os Seus domínios. Isto vem testificar mais uma vez que o sêlo da lei de Deus é em verdade o quarto mandamento, o sábado, onde unicamente encontramos o nome de Deus definido como — Deus Criador.

O nome de — Deus Criador — contido no mandamento do sábado é também aplicado ao Filho de Deus visto que Êle também é Deus e Criador dos céus e da terra. Assim, terão os 144.000 em suas testas o nome do Cordeiro e o nome do Pai, que aliás é o mesmo do sêlo de Deus — Deus Criador — nome que Os distingue dos falsos deuses.

E TOCAVAM EM SUAS HARPAS

Como a voz de muitas águas será a voz dos 144.000 triunfantes no "Monte de Sião", ouvida antecipadamente pelo profeta. Com suas harpas de ouro acompanharão suas hosanas e ações de graças que tributarão a Deus e ao Salvador pela grande redenção de que foram alvos.

CANTAVAM UM CÂNTICO NOVO

O novo cântico dos 144.000 está bem esclarecido no capítulo quinze. Consta de duas partes distintas: O cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro. Ninguém senão os 144.000, em toda a eternidade, poderá aprender êste novo cântico. Pois será o cântico que expressará uma experiência pela qual jamais alguém terá passado em tempo algum além dêles. E isto prova que todos os 144.000 terão idêntica experiência em um tempo único, definido, e uma única causa como motivo para entoarem no "Monte de Sião" o novo cântico es-

pecial. E o tempo e a causa da grande experiência pela qual passarão diz-nos com acerto o versículo dois do capítulo quinze.

SÚDITOS DA FÉ VIRGINAL

"Êstes são os que não estão contaminados com mulheres: porque são virgens". Êsta proposição profética não diz que os 144.000 serão constituídos por cristãos não dados ao matrimônio; pois não vemos como possa haver contaminação no matrimônio legal. Tão pouco é indicado que êles serão constituídos apenas por componentes do sexo masculino; pois não podemos crer que por ocasião da segunda vinda de Cristo não haja sequer uma mulher cristã fiel vivendo na terra.

O têrmo "mulheres" não é têrmo literal da inspiração, mas profético ou simbólico de igrejas, como temos nos capítulos doze e dezessete. Uma mulher pura é emblema de uma igreja pura, ou da verdadeira igreja cristã, e uma mulher impura é simbólica duma igreja apóstata ou caída. As "mulheres" desta profecia são figuras das igrejas apóstatas ou caídas, do mundo cristão, com as quais os 144.000 não estarão contaminados ou não terão com elas relação alguma no momento da segunda vinda de Cristo para remi-los. Não quer isto dizer que nunca pertenceram antes a igrejas caídas ou apóstatas. Lemos no capítulo dezoito que Deus faz um veemente apêlo a seu povo, enganado, que está ainda em Babilônia, ou nas igrejas caídas, para que saia delas a fim de não participar de seus pecados. Ao deixarem Babilônia, em atenção ao chamado de Deus, escapam da contaminação das falsas "mulheres" ou das falsas igrejas. Desta maneira, uma vez desligados das igrejas corrompidas, êles serão "virgens", pois agora pertencem à verdadeira fé do evangelho.

COMPANHEIROS INSEPARÁVEIS DO CORDEIRO

Os 144.000 jamais se separarão pessoalmente do Salvador. Um elo mútuo de afeição ligará Jesus a êles e êles a Jesus pelos infindáveis séculos da eternidade. E a razão desta intérmina união está bem assentada nos textos alusivos aos 144.000.

"ÊSTES SÃO OS QUE DENTRE OS HOMENS FORAM COMPRADOS..."

Esta profética expressão sôbre os 144.000 só pode ser aplicada aos que serão trasladados sem jamais passarem pela morte. As profecias que fazem alusão aos mortos que serão ressuscitados por ocasião da segunda vinda de Cristo, nunca assim se exprimem. Os mortos não poderão ser comprados dentre os homens; pois não são mais homens mas simplesmente pó. Portanto, grande diferença há entre ser comprados "dentre os homens" e ser chamado dentre os mortos no dia da vinda de Cristo. Temos assim mais uma vez comprovada a pro-

fecia de que os 144.000 serão cristãos que nunca terão passado pela morte.

"COMPRADOS COMO PRIMÍCIAS PARA DEUS E PARA O CORDEIRO"

Isto evidencia que os 144.000 representam uma classe distinta e especial de cristãos. Por "primícias" entendem-se os primeiros frutos visivelmente amadurecido numa lavoura e que prenunciam uma grande messe ao tempo da colheita total. O mesmo ocorrerá ao aparecer o Senhor Jesus. Os primeiros frutos amadurecidos visíveis que Ele encontrará em sua lavoura — a igreja — são os santos vivos em número de 144.000. Depois se seguirá então a grande colheita dos santos que jazem na sepultura desde o princípio do mundo. Nisto temos uma inequívoca prova de que os 144.000 são, em verdade, os santos que estarão vivendo na terra por ocasião da segunda vinda de Cristo, prontos para a trasladação. Serão "primícias" para "Deus e para o Cordeiro", expressão privilegiada comprovante de que serão elevados a uma posição preeminente e que terão vivido numa mesma época e saído vitoriosos dum mesmo combate, o maior de todos os da história da igreja de Deus na terra.

UM CARÁTER IMACULADO

"Na sua bôca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus"? Estas palavras dão-nos o motivo porque os 144.000 estarão "irrepreensíveis diante do trono de Deus". Enquanto vivem num mundo enganoso antes da trasladação, suas vidas são, em todo o sentido, sem "engano". Honestidade para com Deus e os homens é o lema de suas vidas. Eis o caráter daqueles que hão de ser eternos súditos do reino santo.

A MENSAGEM DO PRIMEIRO ANJO

VERSOS 6-7 — *"E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sôbre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo. Dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo. E adorai Aquêle que fêz o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas".*

INTRODUÇÃO À TRÍPLICE MENSAGEM

Os versículos seis a doze apresentam três anjos com suas respectivas mensagens. O versículo nove inicia apresentando o "terceiro anjo", o que é evidente que os anteriores são o segundo e o primeiro anjos. As mensagens destes três anjos são mensagens para os últimos

dias, o que é comprovado pela menção do profeta, imediatamente, a elas, da gloriosa segunda vinda de Cristo para segar a seara da terra. Elas visam o preparo dum "povo para estar em pé no dia de Deus". Portanto, "ai daquele que mover um bloco ou abalar um pino destas mensagens. O verdadeiro entendimento destas mensagens é de vital importância. O destino das almas depende da maneira como elas são recebidas".[1])

Os três anjos não são propriamente anjos literais. São emblemas daqueles que na terra devem realizar a obra relativa às suas mensagens. Na pureza simbólica de um anjo divisamos o caráter da tríplice mensagem e de seus mensageiros humanos.

A MENSAGEM DO PRIMEIRO ANJO

Em primeiro lugar urge salientar que o primeiro anjo do capítulo quatorze é o mesmo do capítulo dez. Suas mensagens são as mesmas e contêm distinta e exclusivamente quatro idênticos tópicos: 1. Uma mensagem de graça. 2. Uma mensagem mundial. 3. Uma mensagem de juízo. 4. Uma mensagem apontando o Criador dos céus e da terra.

"E VI OUTRO ANJO VOAR PELO MEIO DO CÉU"

A expressão do profeta — e vi outro anjo — aponta indiretamente para o último que êle vira, que é o do capítulo dez. O fato de o profeta ter visto o anjo voar "pelo meio do céu", demonstra que nenhum poder humano poderá impedir ou deter o movimento ou a obra mundial do povo de Deus que êle representa. A missão da igreja de Cristo alcançará o seu propósito em preparar um povo especial para subsistir aos tremendos acontecimentos que logo assaltarão a agonizante civilização do século atual.

"E TINHA O EVANGELHO ETERNO"

Nesta declaração da profecia vemos infalivelmente a restauração da pura verdade do evangelho em nossa geração. Nestes últimos dias o mundo deveria ouvir novamente o poderoso e real evangelho anunciado pelos antigos profetas de Deus, pelos santos apóstolos e pelo Filho de Deus. Deus tem enviado à terra uma mensagem especial para cada época importante e solene de sua história. Antes do dilúvio uma poderosa mensagem de graça foi enviada aos homens. Antes do primeiro advento de Cristo também uma mensagem de poder sacudiu a nação judáica e impressionou o mundo. E era bem de ver que, antes do segundo advento de Cristo, soasse igualmente, em tôrno de todo o glôbo, uma mensagem especial de vida, de esperança, de graça e de convite, conduzida por um povo especial.

No oitavo capítulo do livro de Daniel está bem assentada a profecia de que Roma-papal lançaria por terra a pura verdade do evangelho e que a trocaria pelas tradições de homens sem Deus. E esta ação da igreja de Roma determinou a apostasia do cristianismo predita com clareza no Velho e no Novo Testamentos. Foram os chamados "pais da igreja" que puseram os alicerces da grande apostasia que redundou no surgimento do "homem do pecado" que se assenta "como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus", decretando dogmas religiosos em substituição aos do "evangelho eterno" de Deus.

Roma-papal substituiu totalmente a Bíblia e moveu-lhe guerra aberta como dizem as profecias de Daniel e do Apocalipse. Também o protestantismo, que pretende ter-se afastado de Roma, tem humilhado de igual maneira a Bíblia, preferindo muitos erros que trouxe de Roma de preferência às verdadeiras doutrinas do "evangelho eterno".

Todavia, o primeiro anjo, representando um movimento de Deus nestes últimos tempos, anuncia a restauração do "evangelho eterno", que por êsse nome já indica sua imutabilidade e condena as suas falsificações. Graças a Deus que Êle não deixou Seus filhos sem a verdadeira e imprescindível luz nesta derradeira hora do império das trevas.

O EVANGELHO A TODO O MUNDO

Como já pudemos ver, o primeiro anjo que estamos apreciando é o mesmo do capítulo dez. Portanto, é desnecessário repetir aqui como foi sua mensagem mundial levada aos quatro cantos do mundo. Basta que nos volvamos à explanação dos versículos oito a dez daquele capítulo para termos o cumprimento desta mesma profecia. Outrossim, no que respeita à proclamação do evangelho "a tôda a nação, e tribo, e língua, e povo", urge salientar que "pelas conclusões a que chegaram os estudiosos do assunto, falam-se, atualmente, no mundo, 2.796 línguas e dialetos. O chinês é veículo do pensamento de 488.573.000 pessoas; 270.000.000 de almas se expressam em inglês. O hindú é utilizado por 216.000.000 de criaturas. O russo atinge 166.000.000 e o espanhol 102.700.000. O japonês, 97.700.000 e os dialetos africanos 97.923.000. O alemão, francês e português, respectivamente, cobrem as cifras de 78.947.000, 68.895.000 e 60.000.000. Há ainda as seguintes línguas faladas por grandes populações: Italiano, 43.700.000; javanês, 42.000.000; polaco, 32.000.000; árabe 29.000.000; rumeno, 19.400.000; holandês, 16.548.000; turco, 16.160.000; persa, 15.000.000; siamês, 14.500.000; afgão, 12.000.00; sérvio, 11.000.000; húngaro, 8.000.000; abissínio, etíope, gala, geês, amharico e tigré, 7.600.000; checo, 7.500.000; grego, 6.936.000; sueco, 6.266.000; búlgado, 6.078.000; esloveno, 5.185.000; flamengo, 3.500.000; finês, 3.022.000; eslovaco, 3.000.000; norueguês, 2.814.200;

lituano, 2.393.000; língua letã, 1.905.000; estônio 1.126.000, e albanês, 1.004.000".[1])

"Neste conjunto assinala o Dr. Schurrer 862 línguas distintas, isto é, que têm ou parecem ter origem própria. Estas línguas são faladas 48 na Europa, 153 na Ásia, 474 na África e 117 na Oceânia".[2])

Destas duas estatísticas reunidas, concluímos que 514 línguas são faladas por 1.964.375.000 ou por quatro quintos dos habitantes do mundo. Considerando que numerosos dialetos são mortos ou estão em desuso, é bem de ver que o número de línguas faladas, realmente, seja bem menor do que as existentes. O fato de a Bíblia ou parte dela já estar traduzida em cêrca de 1.120 línguas, parece indicar não haver muito mais línguas e dialetos falados atualmente para o evangelho escrito alcançar, e a mensagem do primeiro anjo, que é uma mensagem presente, logo terá alcançado o seu propósito. O "evangelho do reino", segundo declarou Jesus, "será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim".[3])

A igreja de Deus, com as facilidades proporcionadas pela ciência moderna, tanto no que respeita à imprensa como às comunicações nacionais e internacionais, é capaz de terminar ràpidamente a obra mundial de proclamação do "evangelho eterno". Atualmente ela já o está anunciando em cêrca de 800 línguas e dialetos.

"TEMEI A DEUS E DAI-LHE GLÓRIA"

Esta é ainda a mensagem do primeiro anjo. Seu propósito, nesta hora drástitca do mundo, ó convencer cada homem e mulher do dever de temer a Deus e dar-Lhe glória. A fim de fazer isto devem obedecer a Sua lei. Diz o sábio: "De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus, e guarda os Seus mandamentos; porque êste é o dever de todo o homem".[2]) Sem obediência a Seus mandamentos nenhum culto pode ser agradável a Deus. "Porque esta é a caridade de Deus: que guardemos os Seus mandamentos".[3]) O mundo tem trazido sôbre si dolorosas consequências e graves e enormes prejuízos em face de sua desobediência voluntária à lei de Deus. O temor de Deus e a glória devida ao Seu nome estão desaparecendo mais e mais da terra, e, em consequência, a humanidade submerge-se cada vez mais numa onda de perversidade e de crimes a ponto de quase estar já a sossobrar. Mas tudo isto são os frutos de deixar Deus de lado, abandonar seu temor e desprezar o direito de glória que Lhe são devidos.

"PORQUE VINDA É A HORA DO SEU JUÍZO"

Esta declaração da profecia atesta haver um tempo pré-definido em que a hora do juízo chegaria. E que êste tempo não chegara nos dias dos antigos profetas, evidencia-se no fato de nenhum deles

ter-se referido ao juízo como um acontecimento já vindo. Todos os que dentre eles ao juízo fizeram mensão, sempre o aludiram como um acontecimento ainda no futuro. Cristo, nos Seus ensinos ao povo, referira-se várias vêzes ao juízo; mas nunca o mencionou como um acontecimento chegado nos seus dias. O Salvador o colocou sempre no futuro.[1]) Os apóstolos muito falaram do juízo em suas epístolas; porém, o puseram no porvir.[2])

Até ao tempo da Reforma Luterana, no século XVI, nenhum sucesso tomou lugar no mundo que pudesse ser interpretado como a chegada da hora do juízo. Lutero mesmo colocou o tempo do juízo para uns trezentos anos além de seus dias: "Eu espero que o futuro dia do juízo não esteja longe, e em verdade persuado-me de que não tardará trezentos anos mais; porque a palavra de Deus decrescerá e se obscurecerá por falta de pastores fiéis e servos de Deus. Antes de muito ouvir-se-á: 'Eis aqui, o espôso'. Deus não quer nem pode tolerar muito mais êste mundo; deve apresentar-Se com o terrível dia e castigar o desprezo de Sua palavra".[3])

Dêste modo, desde os antigos profetas e apóstolos até à Reforma do século XVI, o tempo do juízo predito não chegou, não fôra anunciado — temei a Deus e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo.

Apreciamos, porém, tanto no capítulo dez como nesta consideração do primeiro anjo, que a mensagem do juízo seria proclamada no mundo imediatamente ao chegar o "fim do tempo" em 1798. Desta data em diante poderíamos esperar a anunciação da chegada da hora do juízo. Além disso, a hora do juízo chegaria quando o "evangelho eterno" fôsse proclamado num grande movimento mundial "a tôda a nação, e tribo, e língua, e povo", o que só poderia ser possível com o concurso das maravilhas da ciência moderna, segundo anunciara o profeta Daniel na sua profecia do capítulo doze. E foi êste mesmo profeta que predisse o ano de 1844, em forma matemática, como o ano inicial da hora do juízo. Desde o ano de 1844, pois, segundo a profecia matemática de Daniel, vivemos sob a anunciação — "Temei a Deus e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do seu juízo .

A exposição da profecia de Daniel relativa ao ano de 1844 como ano da hora do juízo, pode ser apreciada no capítulo dez do Apocalipse, conjuntamente com a mensagem do grande movimento adventista do século dezenove.

Verificamos, portanto, com máxima infalibilidade, que, desde 1844, vivemos na hora do juízo em que os homens são convidados a temer a Deus e dar-Lhe glória, a não ser que queiram enfrentar o juízo e perecer.

Enquanto no céu, no santuário de Deus, se processa o juízo desde 1844, na terra a mensagem do primeiro anjo adverte a civilização

da sua realidade. Há perigo em não dar a devida atenção à mensagem de advertência. Todavia todos — o rico e o pobre; o sábio e o ignorante; o rei e a rainha; o grande e o pequeno; o moço e o velho — todos hão de prestar suas contas no augusto tribunal do universo. Poderá o indivíduo ter a religião que tiver — cristã, maometana, budista, sintoista, ou qualquer outra — comparecerá da mesma maneira à barra do grande tribunal. Não importa a quanto tempo tenha o homem ou a mulher cometido seus erros contra a Lei de Deus. Todos os seus atos serão revelados e julgados com precisão embora praticados há muito e mesmo esquecidos na terra.

Faz já muitos anos, numa cidade da Alemanha, umas crianças penetraram no cemitério, e se dirigiram para uma sepultura que estava sendo aberta. Ali viram uma caveira e começaram a gritar: "Olha a caveira se move; a caveira esta se movendo". O coveiro que estava ali perto tomando um lanche, ordenou às crianças que se retirassem imediatamente do cemitério. Depois voltou o coveiro à sepultura, e realmente constatou que a caveira se movia. Virando então a caveira, notou que dentro dela havia um sapo que a fazia mover-se. Porém o coveiro notou outra coisa na caveira. Verificou que na parte superior dela, havia um prego enterrado. Logo, veio-lhe a idéia que a pessoa antes ali sepultada havia seguramente sido assassinada com um prego na cabeça. Êle, que por muitos anos era coveiro naquele cemitério, começou a meditar sôbre quem teria sido enterrado naquela cova. Finalmente concluiu que um antigo ferreiro daquela localidade, ali fôra sepultado há 25 anos atrás. Imediatamente levou o caso à polícia. E a polícia, por sua vez, inquiriu a viuva do ferreiro que se casara com um empregado da ferraria logo após à morte do ferreiro. Então a viuva e seu novo marido, ante os apertos da polícia, foram obrigados a confessarem-se autores do crime de assassinato do ferreiro. Ela enamorou-se do empregado de seu espôso, e ambos concordaram matá-lo numa noite em que êle chegasse embriagado em casa, como era o seu costume, e então casarem-se. Julgaram que com um prego na cabeça o crime nunca seria descoberto. Porém, depois de 25 anos passados, o caso revelou-se, e os dois foram enforcados, pagando com a vida o crime que concordemente cometeram mas que julgaram um caso encerrado, desde que o haviam cometido.

Aquele sapo não entrara na caveira do ferreiro par acaso. Aquelas crianças não entraram no cemitério por mera casualidade. Foi a Providência que, no devido tempo, tomou certas medidas para que o crime e seus autores fôssem revelados. Há muita gente que julga que certos atos seus estão ignorados e que jamais serão revelados. Pode ser que em verdade nunca sejam revelados por seus semelhantes. No entanto, dia virá em que a Providência os lembrará para dar a seus autores a verdadeira paga.

A ÚNICA ESPERANÇA NO GRANDE TRIBUNAL

Jesus Cristo é a única esperança do pecador no juízo; é o Advogado exclusivo do pecador perante o supremo Juiz;[1]) é o único Mediador entre Deus e os homens na suprema côrte de justiça do universo;[2]) só por Êle poderá o pecador reconciliar-se com Deus e salvar-se da condenação, no juízo. Nossa urgente necessidade é buscarmos, sem perda de tempo, o Advogado que poderá ganhar nossa causa no tribunal supremo.[3]) Uma entrega de nossa vida a Jesus, para amá-Lo e servi-Lo com inteiro coração, é que O levará a tratar do nosso caso e conseguir nossa absolvição. Se ao Advogado não entregarmos nossa vida, um dia Êle tornar-se-á nosso Juiz.

O APÊLO FINAL DA MENSAGEM DO PRIMEIRO ANJO

O primeiro apêlo da mensagem do primeiro anjo é — Temei a Deus e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo. O segundo e final apêlo é — E adorai Aquele que fêz o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas. Deduzimos desta mensagem que, ao chegar, desde 1844, o tempo que precederia o fim do mundo, Deus deveria ser crido e adorado como o Criador de tudo quanto existe. E, de todos quantos aceitam o "evangelho eterno" e adoram a Deus como Criador de tôdas as coisas, está escrito: "Aqui está a paciência dos santos: aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus".[4])

Os mandamentos de Deus os encontramos na Sua lei escrita por Seu próprio dedo no Monte Sinai, que são tão imutáveis como Êle o é.[5]) A lei de Deus contém o reflexo de Seu santo caráter divino, e, os que a guardam são nesta profecia chamados "santos" e possuidores da fé de Jesus". Assim são considerados na revelação os que aceitam o "evangelho eterno" a partir do ano de 1844. Êles se distinguem — aqui estão — de todos os demais religiosos e religiões, por obedecerem aos mandamentos da lei de Deus. Sabem que não poderão obedecer ao "evangelho eterno" desprezando o eterno Decálogo que êle contém. Sabem que não poderão ser perdoados pela divina graça enquanto persistirem no pecado que é o fruto da violação dos mandamentos da lei do Todo-poderoso Deus. Em outras palavras, êles não só guardam os mandamento de Deus por ser justo guardá-los, mas porque sabem que, segundo os ensinos do Velho e do Novo Testamentos, um dia serão por êles julgados.[6])

Segundo a tríplice mensagem angélica dêste décimo quarto capítulo, é a lei do divino Decálogo que aponta "Aquêle que fêz o céu, e a terra; e o mar, e as fontes das águas". E é exatamente no quarto mandamento da lei que isto é demonstrado por Seu próprio Legislador. Leiamos novamente o quarto mandamento:

"Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás tôda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do

Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fêz o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que nêles há, e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou".[1])

Notemos pelas palavras do quarto mandamento que Deus criou o mundo em seis dias e abençoou e santificou o sétimo dia, o sábado, para um propósito altamente definido, isto é, para lembrá-Lo perpetuamente como Criador do céu, da terra, do mar e de tudo quanto nêles há. Em outros têrmos, o sábado é o dia semanal comemorativo da criação do mundo. E' pela observância do sábado que Deus espera ser reconhecido e adorado pelos habitantes do mundo como Criador, mantenedor e doador de tôdas as coisas. Devemos pois ver no sábado do sétimo dia o legítimo fundamento do culto divino. Exatamente antes do fim do mundo e da segunda vinda de Cristo, a começar com o ano de 1844, esta gloriosa verdade deveria ser anunciada na terra segundo esta infalível profecia. Deus deseja ser adorado como Aquele que em seis dias criou o maravilhoso mundo que deu a Seus filhos para nêle desfrutarem das obras de Sua gloriosa criação realizada em seis dias.

A razão por que, neste derradeiro final da história humana, esta mensagem apocalíptica conclama, de modo especial, o mundo a adorar a Deus como Criador, está no fato do surgimento da moderna teoria da evolução ensinada e criada não só por ateus declarados como por ateus cristianizados ou ateus evangélicos. Foi Carlos Darwin quem modernizou a teoria da evolução professada desde a antiguidade. Em 1856, quando já o "evangelho eterno" estava sendo anunciado ao mundo há doze anos, por um povo especial, — e Deus sendo dado a conhecer como Criador, segundo demonstrado pelo sábado do quarto mandamento do Decálogo — deu Darwin à publicidade o seu livro intitulado — A Origem das Espécies — em que contraria abertamente a doutrina criacionista do quarto mandamento da lei de Deus e do evangelho de Jesus Cristo. Depois de Darwin e seus imediatos discípulos, surgiram muitos outros defensores da sua teoria, invadindo o mundo com uma avalanche de novas modalidades da doutrina da evolução, trazendo como consequências c ateísmo, o gnosticismo e a incredulidade ao negar a verdade criacionista expressa, em tôda a extensão da palavra, no quarto mandamento da lei de Deus.

Duas são as principais teorias evolucionistas sobre a origem do mundo e da vida, negando ambas a sublime verdade da criação contida no mandamento do repouso do sábado do sétimo dia. O ateísmo crê numa evolução mecânica produzida sem plano algum e por obra da casualidade. Ensina que em algum tempo, em algum lugar e de algum modo, no passado distante, certos elementos químicos,

em meio apropriado de calor e umidade, deram origem à primeira célula, e assim começou a evolução. Esta é a teoria evolucionista da "geração expontânea" ensinada já por Aristóteles ao mundo antigo. Dizia êle que todas as formas de sêres vivos inferiores, tais "como os vermes e as pulgas, e mesmo as rãs e ratões, brotavam espontâneamente da terra úmida". Escrevia êle: "Todos os corpos secos que se tornam úmidos, e todos os corpos úmidos que se tornam secos, engendram vida animal".

E Van Helmont (1577-1644), célebre médico que se notabilizou durante o pomposo reinado de Luiz XV de França, e que por certo aprendeu da teoria de Aristóteles, escreveu: "Os odores que se desprendem dos fundos dos brejos e pântanos produzem rãs, lesmas, sanguesugas, ervas e outras coisas". Chega até a dar uma receita para produzir um grupo de ratões, à vontade, pois dizia que "não é preciso senão encher de grãos de trigo parte de um vaso com alguns trapos velhos e sujos. Ao cabo de algumas semanas, o fermento desprendido dos trapos sujos estimulado pelo odor dos grãos, transformará êsse trigo em ratões". Outro absurdo era ensinado pelo Dr. Van Helmont; dizia êle: "Faça-se um buraco num tijolo e encha-se de mangericão moído, cubra-se com um segundo tijolo de tal maneira que o buraco fique completamente fechado. Exponham-se os dois tijolos ao sol e, ao cabo de uns quantos dias, o odor do mangericão, atuando como fermento, transformará essa erva em verdadeiro lacraus ou escorpiões".

Quão absurda é hoje esta teoria da "geração espontânea" que, podemos dizer, teve por pai a Aristóteles. Todavia esta teoria é ainda aceita pelo ateísmo e evolucionismo modernos, embora provada sobejamente, por Pasteur, não ser mais que irrisória e falsa. Eis o que dissera e provara Pasteur: "Não existe nenhuma circunstância conhecida hoje, que nos justifique na afirmação de que os organismos microscópios entraram no mundo sem germes, sem pais semelhantes a si mesmos. Os que fazem esta afirmação foram vítimas de ilusões ou experiências mal realizadas, anuladas por erros que não souberam apreciar nem evitar".[1]) Em resumo, ensinou Patseur e outros também depois dêle, que "a vida só pode proceder de vida anterior da mesma espécie", — fato que nulifica a teoria evolucionista da geração espontânea nalgum lugar, de algum modo e em algum tempo de uma única célula perdida.

Outro grupo de evolucionistas, chamados "deístas", crêem e ensinam que um Criador fêz no princípio o universo, estabeleceu também algumas leis, e, deixando tudo à sua própria sorte para que se desenvolvesse por si só, não mais se interessou na marcha do mundo. Infelizmente êste grupo de evolucionistas grangeou numerosos adeptos nas fileiras do cristianismo nominal. E êstes cristãos apóstatas procuram harmonizar as teorias ateísticas da evolução com a realidade da criação ensinada na Bíblia no primeiro capítulo do Gênesis.

Cegados pelo inimigo da verdade e de Deus, vêm nos dias da criação as épocas hipotéticas em que o evolucionismo pretende ter sido formado o mundo com seus abundantes e variados sêres. Êste flagrante absurdo foi ensinado nas igrejas protestantes na primeira lição da escola dominical do primeiro trimestre de 1936. Era bem de ver que êste falso cristianismo tivesse forçosamente de abandonar a teoria genésica verdadeira dum Deus Criador, ao abandonar o repouso semanal do sábado do sétimo dia.

No quarto mandamento, a palavra "dia", empregada com um adjetivo numeral diante dela, demonstra indicar um dia literal e definido de 24 horas. "Seis dias trabalharás". "Porque em seis dias fêz o Senhor os céus e a terra, e o mar e tudo que nêles há, e ao sétimo dia descansou". A palavra hebraica "dia", do mandamento escrito por Deus, apontando os "seis dias" da criação, é "yon", sendo a mesma empregada por Moisés ao dar ciência, no Gênesis, dos dias da criação. E uma vez que o Sétimo dia, que também faz parte da semana da criação, é um "yom" ou um dia de 24 horas para repouso do homem, evidentemente os "dias" da criação como referidos no Gênesis, são indiscutivelmente dias de 24 horas e não períodos ilimitados de tempo. Outro argumento que atesta que os dias da criação são dias literais de 24 horas, evidencia-se no fato de serem constituídos de duas partes distintas, ou sejam "tarde" e "manhã". E que a tarde se inicia ao pôr do sol, há provas claras na Bíblia. "E tendo chegado a tarde, quando já se estava pondo o sol...[1]) "Senão no lugar que escolher o Senhor teu Deus, para fazer habitar o seu nome, ali sacrificarás a páscoa à tarde, ao pôr do sol, no tempo determinado da tua saída do Egito".[2]) Logo, a tarde é a noite escura do dia de 24 horas e a manhã a sua parte clara, o que prova enfàticamente que nossos atuais dias de 24 horas são idênticos aos dias da criação revelados no Gênesis. Os cristãos evolucionistas cometem flagrante violação da verdade abjurando a criação em seis dias literais, como dada na Bíblia, e recusando reconhecer Deus como Criador segundo o mandamento do sábado O apresenta.

Não poderia ser maior o absurdo do ateísmo evolucionista em querer convencer o mundo que o acaso juntou elementos químicos para formar uma célula, e que esta, afinal, tornara-se em sapo após milhões de anos, e assim sucessivamente, transformando-se em outros sêres, em milhões de milhões de outros anos, até redundar num chimpanzé e êste num homem! Outro absurdo, gêmeo com êste, é o do cristianismo sem Cristo que admite que Deus abandonou o mundo à sua sorte e desenvolvimento próprio. Êstes evolucionistas chamados cristãos, são os legítimos responsáveis pela existência do ateísmo evolucionista e em grande parte do abandono do sábado de Deus pelo mundo.

Os evolucionistas ignoram que as leis do Criador em Sua criação, não são inteligências criadoras, mas sim o meio pelo qual Êle

mantém o mesmo ritmo de Suas obras criadas. Suas leis, nos reinos de Sua criação, não aperfeiçoam Suas obras nem criam novas espécies. Elas tão somente regem as obras da criação "acabadas desde a fundação do mundo".[1]) Assim, as leis naturais devem manter perfeitas as obras do Criador e não transformá-las ou aperfeiçoá-las. Não há maior disparate do que dizer que um arquiteto pode entregar o desenvolvimento e aperfeiçoamento de suas obras à direção delas mesmas!

Ao passarmos pelos olhos as teorias evolucionistas da origem do mundo e de tudo quanto nêle há, ficamos emaranhados em meio a tanta confusão de hipóteses sem fundamento. No Gênesis, porém, não existe nenhuma confusão. Êle revela uma criação lógica e atesta-nos que o primeiro homem, Adão, veio de Deus, por um ato de Sua criação, assim como antes dêle o mesmo Criador trouxe à existência os seres inferiores e a própria terra com seus minerais c vegetação, imediatamente à sua ordem imperativa — Haja.

Infelizmente as teorias da evolução são inculcadas na mente da infância e juventude mesmo até nas escolas do mundo. Desde a tenra idade, a nova geração está sendo apartada de um Deus Criador, e, as consequências que já se tem demonstrado graves — na existência de maior número de ateus — serão ainda mais graves no futuro. Desgraçadamente o aluno pensa que as idéias do professor ateu, sobre a origem do mundo e da vida, devem ser exatas simplesmente porque êle é um professor. E assim, sem se dar conta, a nova geração, ensinada por mestres ateus, está aprendendo como abandonar a Deus. Também a evolução afasta o pecador do plano da salvação de Deus em Cristo. A Bíblia, a revelação de Deus, ensina que o homem foi criado perfeito pelo Criador; que caiu em pecado arruinando-se inteiramente e que êle pode ser salvo aceitando o sacrifício de Cristo, na cruz, para redimi-lo. Mas, a evolução ensina que o homem não foi criado por Deus nem caiu, estando ainda evoluindo. Daí uma tal doutrina, se pode ser chamada doutrina, afastar o homem do único meio provido por Deus para salvá-lo.

Hoje a ciência moderna desmascara a teoria da evolução. Os evolucionistas dizem que sua teoria é uma ciência. Mas, os homens de ciência dizem que ciência é o que pode ser provado nos laboratórios e que, o que nêles não pode ser provado, não é ciência. E a evolução jamais pôde ser provada nos laboratórios científicos. E' certo que a teoria da criação apresentada no Gênesis não pode ser também provada nos laboratórios da ciência, pois êles não produzem a vida resultante desta teoria que é uma divina ciência aceita pela fé. Foi a perda da fé que levou os ateus e cristãos a inventarem a teoria deletéria da evolução.

A moderna ciência, verdadeiramente, deu o golpe de misericórdia na teoria ateística evolucionista. Esta ensina que tôda a vida proveio de uma só célula, de uma só classe de carne. Mas, demos gra-

ças a Deus que a moderna ciência da biologia deu o seu inexorável golpe fatal nesta falsa teoria. Está constatado que o homem não tem uma só espécie de célula em seu organismo físico. A ciência biológica prova que as células são de espécies várias tanto no homem como nos animais irracionais, e variam no tamanho, forma e composição química. A carne de porco tem um gôsto, a de vaca tem outro gôsto, a de galinha outro gôsto, as de outras aves outros gostos, a de outros animais quadrúpedes manifestam vários outros gostos e a de peixe outro gôsto ainda. Se todos os animais proviessem de uma só célula, suas carnes, forçosamente, teriam tôdas o mesmo gôsto e sabor. Mas, tendo tôda a carne sabor diferente, significa que grupos de células têm elementos químicos diferentes. E assim nem todos tiveram a mesma origem.

Está constatado que até o sangue de cada espécie é diferente. Não faz muito temia-se que certo homem cometera um crime. O detetive descobriu uma mancha de sangue na lapela do seu casaco. Interrogado, disse o homem ser sangue de uma galinha que matara O detetive o levou para exame daquela mancha. E vinte e quatro horas depois, o laboratório constatou que o sangue da lapela era o mesmo da vítima.

Também o espermatozoide é diferente em cada espécie e as raças diferentes, por isso mesmo, não podem cruzar-se. Outro ponto de engano evolucionista é a afirmativa de haver novas espécies. Mas alguns homens de ciência ergueram-se contra esta farsa da evolução, afirmando que o que os evolucionistas dizem ser evolução, são variações dentro da mesma espécie. Diziam que os lobos eram espécies e tornaram-se cães. Agora foi confirmado que os lobos e cães constituem uma espécie única. Têm o mesmo sangue, as mesmas células e o mesmo número de cromozomas ou elementos de reprodução no espermatozóide. Também no reino vegetal há variedade dentro da mesma espécie devido ao fator circunstâncias. Uma linda flor no Brasil será diferente na Terra do Fogo, na cordilheira dos Andes será ainda mais diferente na côr e até mesmo as folhas de sua planta serão diferentes. Pensam os ateus que isto é evolução quando não passa de variedade devido às circunstâncias climatológicas. E' variação e não evolução.

Quão mais razoável é crer na criação segundo o Gênesis do que na teoria ilógica e confusa da evolução! Se os homens se tivessem demonstrado fiéis em observar o Sábado, jamais haveria surgido a absurda teoria evolucionista. Cada sábado a humanidade lembrar-se-ia do seu Criador e agradecer-Lhe-ia a vida. Mas, ao recusarem, a observar o Sábado como dia de repouso semanal, ignoram que Deus é o seu Criador, e pensam que seus ascendentes foram macacos, aves, peixes, sapos e "infusórios".

Certo tempo houve, no princípio do mundo, que o Sábado era o dia de descanso acatado por tôda a terra. Porém foi esquecido e

abandonado e com êle o próprio Criador. Faz bem mais de cem anos que os brasileiros festejam a data pátria de sete de setembro. E por que a festejam anualmente neste mesmo dia? A resposta é simples: Por que foi nesse dia e não noutro, que o Brasil se tornou nação independente e soberana. Mas, se deixassem de celebrar esta data durante muitos anos, futuramente, nenhum dos brasileiros conheceria mais a origem da independência do Brasil. A nação sabe, porém, como manter viva a chama do patriotismo indispensável à unidade nacional; e que melhor maneira de fazê-lo do que comemorando ininterruptamente esta data — 7 de setembro — mantendo assim o amor pátrio entre as novas gerações sucessivas?

Assim, se os homens se mantivessem fiéis em observar o repouso do Sábado como comemoração da criação do mundo, seus descendentes continuariam a fazê-lo sempre. Mas, ao deixarem sua observância esqueceram seu Criador, e, êsse esquecimento, arrastou-os a tôda espécie de especulações sôbre a origem do mundo e da vida, e pouco a pouco foram levados a rejeitar a lei de Deus e Seu culto, definitivamente, e em resultado colhem funestos frutos nos vários setores da vida. Sim, o abandono do Sábado trouxe tremendas consequências em todas as relações dos homens. Abandonando-o e abandonando com êle o Criador que êle revela, viram-se desobrigados da obediência ao Ser Supremo, e um dos grandes e calamitosos resultados que disso adveio ao mundo, são suas tragédias políticas internacionais e nacionais insolúveis, permeadas de ódio, de agressões e de mortandade em massa.

Nenhum dos males do mundo existiria se o homem houvesse observado semanalmente o sábado em comemoração à criação efetuada por Deus. Guardando o Sábado, seria levado a observar os outros nove mandamentos da lei de Deus, o que teria resultado em felicidade e bem-estar permanentes à família humana. Mas foi a teoria malsã da evolução que excluiu a Deus e levou o ateísmo e o cristianismo nominal a rejeitar o Sábado, dia comemorativo da criação de Deus. A razão por que a mensagem apocalíptica ordena: "E adorai Aquêle que fêz o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas", tem um grande propósito em vista: Levar o homem outra vez a Deus pela observância sincera do Sábado e torná-lo feliz em novamente reconhecer o Criador do mundo e seu próprio Criador.

As sete razões seguintes, auxiliarão a todo o homem a reconhecer a Deus como o Criador revelado no quarto mandamento da lei de Deus e a abandonar as teorias desintegradoras da evolução:

1. Pode-se provar, por meio duma lei matemática inflexível, que o nosso universo foi concebido e realizado por uma grande inteligência arquitetônica.

2. Os recursos de que a vida dá provas, para realizar os seus fins, são a manifestação duma inteligência Onipotente.

3. A sabedoria dos animais traduz irresistivelmente a presença dum bom Criador que infundiu o instinto nas suas criaturas, de outro modo indefesas.

4. O homem tem alguma coisa mais do que o instinto — a fôrça da razão.

5. Certos fenômenos que nos são hoje conhecidos, mas que o não foram de Darwin — tais como o prodígio dos gemes — revelam a pré-determinação de todos os seres vivos.

6. Perante a economia da natureza, somos forçados a concluir que só a infinita sabedoria podia ter prevista e disposto tudo com tão arguto equilíbrio.

7. A simples concepção da idéia de Deus pelo espírito do homem constitui uma prova irrespondível".[1])

A MENSAGEM DO SEGUNDO ANJO

VERSO 8 — *"E outro anjo seguiu dizendo: Caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira de sua prostituição".*

"E OUTRO ANJO SEGUIU..."

Como já pudemos apreciar, a mensagem do primeiro anjo, proclamada a todo mundo pelo grande movimento religioso do século XIX, atingiu sozinha até 21 de março de 1844, data prefixada pelo movimento, nos Estados Unidos, para a segunda vinda de Cristo. E daí em diante, até à segunda data apontada, isto é, 22 de outubro do mesmo ano de 1844, é que foi cumprida e proclamada a mensagem do segundo anjo por aquele mesmo grande movimento, conjuntamente ainda com a do primeiro anjo. Pois sua mensagem está tão ligada à do primeiro anjo que dêle é dito tê-lo seguido imediatamente.

A SIGNIFICAÇÃO DO TÊRMO BABILÔNIA

Babilônia foi a primeira cidade edificada depois do dilúvio, remontando daí o seu nome que encheu os séculos. Foi erigida para ser o centro religioso mundial como atesta o significado do seu nome: "Porta para Deus". Todavia o seu culto era contrário a Deus, pelo que nela interveio, demonstrou-lhe o Seu desagrado, derribou-lhe o seu maior monumento e confundiu os seus habitantes, originando-se daí o significado de seu segundo nome — confusão. Mais tarde, através de profecias definidas, Deus lavrou a sua destruição que foi cumprida com todo o rigor da Sua ira.[2]) Porém, ao ser proclamada a mensagem do segundo anjo anunciando a queda de Babilônia, a velha cidade dêste nome já não existia há séculos — estava totalmente em ruínas.

Segundo os capítulos dezesseis, dezessete, dezoito e dezenove do Apocalipse, a Babilônia desta profecia é simbolizada pela antiga Babilônia do rio Eufrates. E' uma Babilônia espiritual, uma corporação de indivíduos que, como os fundadores habitantes da Babilônia de outrora, pretendem não só a supremacia religiosa no mundo como julgam ascender a Deus por suas obras como os edificadores daquela antiga Babilônia. Mas, seu culto, como o daquela, é contrário à justiça de Deus, pelo que é ela também confusão e está votada pelas profecias também à completa destruição.

No capítulo dezessete, Babilônia é apresentada no emblema duma mulher, em cuja testa vira o profeta esta inscrição: "Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostitutas e abominações da terra". Uma mulher é símbolo duma igreja. E, aqui trata-se, portanto, duma igreja a que a profecia chama de Babilônia, uma igreja que deve exercer supremacia mundial religiosa como exerceu nos seus dias a Babilônia do passado. E que a revelação do capítulo dezessete trata da igreja católica, nada há que de lugar a dúvidas. Mas Babilônia não é somente a igreja papal. O capítulo diz que ela é "mãe de prostitutas", isto é, de igrejas infiéis que dela sairam e que indubitàvelmente são as igrejas protestantes caídas que sairam de Roma e que em conjunto podem receber o título de Roma-protestante.

No capítudo dezesseis versículo dezenove, é mencionado que, por ocasião da sétima praga, a "grande cidade" fender-se-á "em três partes" e que" da grande Babilônia se lembrou Deus, para lhe dar o calix do vinho da indignação da Sua ira". Note-se que a "grande Babilônia" espiritual surge nesta outra profecia composta de três partes, ou seja de três grandes corpos religiosos. No versículo treze deste mesmo capítulo verificamos os três setores que compõem a Babilônia moderna: O primeiro e mais antigo é o paganismo sob a forma de dragão; o segundo é a igreja católica sob a tutela da bêsta papal; e o terceiro é o protestantismo estadunidense, constituído de igrejas filhas da igreja de Roma-mãe, sob a égide do falso profeta ou seja a bêsta de "dois chifres semelhantes aos de um cordeiro", que são os Estados Unidos protestantes. Temos assim demonstrado pela própria revelação o que é Babilônia, e, portanto, estamos em condições para tratarmos de sua queda e entendê-la com precisão.

"CAIU, CAIU, BABILÔNIA, AQUELA GRANDE CIDADE"

Esta apresentação de Babilônia como uma "grande cidade", vem confirmar o que dela apreciamos acima fundados noutras declarações do Apocalipse. Agora, a pergunta que aqui cabe antes de prosseguirmos, é esta: A denúncia da queda de Babilônia, exarada no versículo oito do capítulo que estamos considerando, cumprida em 1844, alude à Babilônia integral ou apenas a uma das partes que a compõem? A resposta poder-se-ia dar rápida e segura; mas, a pru-

dência exige uma análise dos três componentes de Babilônia, para que o poder acusado possa ser pôsto fora da possibilidade de dúvida e de defesa própria.

O paganismo, o primeiro setor de Babilônia, sempre foi um poder religioso caído desde a remota antiguidade, pelo que está fora de vermos nêle uma queda espiritual em 1844. Quanto ao catolicismo, tem êste estado em uma condição espiritual de queda por séculos como bem atesta a sua história como potência religiosa, pelo que não podemos ver sua queda em 1844. Resta-nos sondar agora o setor protestante de Babilônia. Não nos é estranha a grande reforma da corrupção papal iniciada pelo protestantismo, no século XVI, que em verdade foi a princípio uma obra notável. E podemos afirmar, fundamentados na carta relativa à igreja de Sardo, que o protestantismo constituiu a igreja de Deus até quase aos meados do século XIX, quando recebeu a poderosa luz do grande movimento mundial adventista, referido no capítulo dez e na mensagem do primeiro anjo. Não há assim dúvida alguma de que o protestantismo, em 1844, era o único setor de Babilônia que ainda não havia caído e por conseguinte o único que se achava em posição que permitia sofrer uma queda espiritual. Portanto, é inevitável a conclusão de que a mensagem que anuncia a queda de Babilônia se refira às igrejas protestantes. Com sua queda, pode dizer-se então que "Babilônia, aquela grande cidade", caiu. Anteriormente não se podia dizer que ela havia caído enquanto ainda uma parte, o protestantismo, estava de pé como igreja de Deus. Depois, porém, que a condição do mundo protestante piorou e sacrificou êle a pura verdade divina do evangelho de Cristo, é que somente pôde Babilônia sofrer uma queda espiritual e a grave denúncia — caiu, caiu, Babilônia, aquela grande cidade — ser então proclamada.

Esta mensagem não demonstra que o protestantismo, e bem assim Babilônia, caiu brusca e ràpidamente em 1844, mas que naquela data, ao rejeitar a grande luz do advento, entrou êle em processo de queda mais acentuada, enveredando para a queda total e final como trata o capítulo dezoito.

"A mensagem do segundo anjo do Apocalipse, capítulo quatorze, foi primeiramente prègada no verão de 1844, e teve naquele tempo uma aplicação mais direta às igrejas dos Estados Unidos, onde a advertência do juízo tinha sido mais amplamente proclamada e em geral rejeitada, e onde a decadência das igrejas mais rápida havia sido".[1])

A mensagem do segundo anjo recebeu sua devida atenção pelos sinceros crentes dos Estados Unidos. A obra de Guilherme Miller, que "tendia edificar as igrejas, foi por algum tempo olhada com favor. Mas, decidindo-se os ministros e os dirigentes religiosos contra a doutrina da segunda vinda de Cristo, e desejando suprimir tôda agitação a respeito, não somente se opuseram à mesma, do púl-

pito, mas também negaram a seus membros o privilégio de assistir a pregações sôbre o assunto, ou mesmo falar de tal esperança nas reuniões de oração da igreja. Assim, encontraram-se os crentes em grande provação e perplexidade. Amavam suas igrejas, e repugnava-lhes o separar-se delas; mas como vissem suprimido o testemunho da Palavra de Deus e negado o direito de investigar as profecias, compreenderam que a lealdade para com o Senhor lhes vedava a submissão. Não poderiam considerar os que procuravam excluir o testemunho da Palavra de Deus como constituindo a igreja de Cristo, 'coluna e base da verdade'. Daí o se sentirem justificados em desligar-se dessas congregações. No verão de 1844 aproximadamente cinquenta mil se retiraram das igrejas".[1])

"As igrejas que recusaram receber a mensagem do primeiro anjo, rejeitaram a luz do céu e cairam do favor de Deus. Elas confiaram em sua própria fôrça, e por se oporem à primeira mensagem colocaram-se onde não podiam ver a luz da mensagem do segundo anjo. Mas os bem-amados de Deus, que eram oprimidos, aceitaram a mensagem, 'caiu Babilônia', e deixaram as igrejas".[2])

"Mas a mensagem haveria curado os males que existiam então no mundo religioso. O profeta exclama, talvez com referência a êste tempo: 'Curamos a Babilônia, e não sarou'.[3]) Pergunta alguém como sabemos que a recepção da mensagem haveria tido êsse efeito? Contestamos: Porque tal foi o efeito em todos os que a receberam. Saíram de diferentes denominações, e as barreiras que os separavam foram niveladas; foram reduzidas a átomos os credos que estavam em conflito; abandonaram a esperança antibíblica de um milênio temporal; corrigiram suas falsas opiniões quanto ao segundo advento; o orgulho e a conformidade ao mundo se desvaneceram; corrigiram-se agravos; os corações se uniram na mais doce comunhão; reinaram supremos o amor e o gôzo. Se a doutrina fêz tudo isto em favor dos poucos que a receberam, *haveria feito o mesmo para todos se a houvessem recebido,* porém a mensagem foi rechassada".[4])

"A mensagem do segundo anjo, porém, não alcançou o completo cumprimento em 1844. As igrejas experimentaram então uma queda moral, em consequência de recusarem a luz da mensagem do advento; mas essa queda não foi completa. Continuando a rejeitar as verdades especiais para êsse tempo, têm elas caído mais e mais. Contudo, não se pode ainda dizer que 'caiu Babilônia,... que a *tôdas as nações* deu a beber do vinho da ira da sua prostituição'. Ainda não deu de beber a tôdas as nações. O espírito de conformação com o mundo e de indiferença às probantes verdades para nosso tempo existe e está a ganhar terreno nas igrejas de fé protestante, em todos os países da cristandade; e estas igrejas estão incluídas na solene e

terrível denúncia do segundo anjo. Mas a obra da apostasia não atingiu ainda a culminância.

"A Escritura Sagrada declara que Satanás antes da vinda do Senhor, operará 'com todo o poder, sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça'; e 'os que não receberam o amor da verdade para se salvarem' serão deixados à mercê da 'operação do erro. para que creiam a mentira'.[1]) A queda de Babilônia se completará quando esta condição fôr atingida, e a união da igreja com o mundo se tenha consumado em tôda a cristandade. A mudança é gradual, e o cumprimento perfeito de Apocalipse, capítulo quatorze, verso 8, está ainda no futuro.

"A pesar das trevas espirituais e afastamento de Deus prevalecentes nas igrejas que constituem Babilônia, a grande massa dos verdadeiros seguidores de Cristo deve ainda encontrar-se em sua comunhão. Muitos dêles há que nunca souberam das verdades especiais para êste tempo. Não poucos se acham descontentes com sua atual condição e anelam mais clara luz. Debalde olham para a imagem de Cristo nas igrejas a que estão ligados. Afastando-se estas corporações mais e mais da verdade, e aliando-se mais intimamente com mundo, a diferença entre as duas classes aumentará, resultando, por fim, em separação. Tempo virá em que os que amam a Deus acima de tudo, não mais poderão permanecer unidos aos que são 'mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela'.

"O capítulo 18 do Apocalipse indica o tempo em que, como resultado da rejeição da tríplice mensagem do capítulo 14, versos 6-12. a igreja terá atingido completamente a condição predita pelo segundo anjo, e o povo de Deus, ainda em Babilônia, será chamado a separar-se de sua comunhão. Esta mensagem é a última que será dada ao mundo, e cumprirá a sua obra. Quando os que não creram a verdade, antes tiveram prazer na iniqüidade',[2]) forem abandonados para que recebam a operação do êrro e creiam a mentira, a luz da verdade brilhará então sôbre todos os corações que se acham abertos para recebê-la, e os filhos do Senhor que permanecem em Babilônia atenderão ao chamado: 'Sai dela, povo Meu'".[3])

Em 1844 sofreram as igrejas protestantes uma grande perda ao rejeitarem a poderosa luz que Deus lhes dera, e desta data em diante a derrocada do protestantismo tem sido mais ràpidamente acentuada. Os parágrafos seguintes são inquestionáveis evidências de que o protestantismo se aproxima mais e mais do fatal precipício onde encontrará seu fim com os dois outros setores de Babilônia.

"Por êsse tempo (1844) uma assinalada mudança se presenciou na maioria das igrejas dos Estados Unidos. Há muitos anos se vinha verificando uma conformação cada vez maior, gradual mas constante, com as práticas e costumes do mundo, e bem assim um declínio correspondente na verdadeira vida espiritual; mas, naquele ano,

evidenciou-se uma decadência súbita e notável em quase todas as igrejas do país. Se bem que ninguém parecesse capaz de indicar a causa, o fato em si mesmo era largamente notado e comentado, tanto pela imprensa como do púlpito.

"Numa reunião do presbitério de Filadélfia, o snr. Barnes, autor de um comentário largamente usado e pastor de uma das principais igrejas daquela cidade, 'declarou que estava no ministério fazia vinte anos e nunca, até a última comunhão, tinha administrado a ordenança sem receber na igreja novos membros, ora mais ora menos. Agora, acrescentou, não há *despertamento nem conversões,* tão pouco se evidencia crescimento em graça por parte dos que professam a religião, e ninguém chega ao seu gabinete de estudos a fim de falar a respeito da salvação da alma. Com o prosperar dos negócios e as brilhantes perspectivas do comércio e manufaturas, aumentou o espírito de mundanismo. *Isto se dá com tôdas as denominações".*

"No mês de fevereiro do mesmo ano, o professor Finney, do colégio Oberlin, disse: 'Temos tido perante o espírito o fato de que, em geral, as igrejas protestantes de nosso país são, como tais, ou apáticas ou hostis a quase todas as reformas morais da época. Há algumas exceções, todavia, insuficientes para que isso deixe de ser geral. Nota-se, além disso, a falta quase universal de influência revivificadora nas igrejas. A apatia espiritual invade quase tudo, e é terrivelmente profunda; assim testifica a imprensa religiosa de todo o país... Quase que geralmente, os membros da igreja estão-se tornando seguidores da moda: dão mãos aos descrentes nas reuniões de prazer, nas danças, nas festas, etc... Mas não necessitamos de nos expandir neste assunto lastimável. Basta que as provas se intensifiquem e se despenhem pesadamente sôbre nós, para mostrar que *as igrejas em geral se estão degenerando lamentàvelmente.* Elas se têm afastado muito do Senhor, que Se retirou delas'.

"E um escritor, no *Religious Telescope,* testificou: — 'Nunca testemunhamos declínio religioso tão generalizado como no presente. Em verdade, a igreja deveria despertar e pesquisar a causa desta situação aflitiva; pois, como aflitivo é que deveria ser encarado êste estado de coisas por todo aquêle que ama a Sião. Quando nos lembramos de quão poucos e espaçados casos de verdadeira conversão existem, e da insolência e obstinação dos pecadores, quase sem precedentes, exclamamos como que involuntariamente: 'Esqueceu-se Deus de ser misericordioso? ou está fechada a porta da graça?'

"Semelhante condição nunca prevalece sem causa na própria igreja. As trevas espirituais que caem sôbre as nações, igrejas e indivíduos, são devidas, não à retirada arbitrária do socorro da graça divina, por parte de Deus, mas à negligência ou rejeição da luz divina por parte dos homens".

E 'o dr. Hopkins, no 'Tratado Sôbre o Milênio', declara: 'Não há motivo para se considerar o espírito e prática anticristãos como

sendo restritos ao que hoje se chama a Igreja de Roma. Nas igrejas protestantes muito se encontra no anticristo, e longe estão de se acharem completamente reformadas das... corrupções e impiedade'.

"Com respeito à separação da Igreja Presbiteriana da de Roma, escreve o dr. Guthrie: 'Há trezentos anos, nossa igreja, com uma Bíblia aberta em seu estandarte, e ostentando esta divisa — 'Examinai as Escrituras' — saiu das portas de Roma'. Faz logo a significativa pergunta: Sairam de Babilônia limpos?'" "A igreja anglicana", diz Spurgeon, "parece estar profundamente minada pelo sacramentarismo; mas os dissidentes parecem quase tão contaminados pela incredulidade filosófica quanto ela. Aqueles de quem esperávamos melhores coisas estão-se desviando, um a um, dos fundamentos da fé. O coração da Inglaterra mesmo, creio eu, está completamente carcomido por uma condenável incredulidade, que ousa todavia ir ao púlpito e intitular-se cristã". E assim a história do protestantismo cumpre a profecia!

"Professar uma religião tornou-se moda no mundo. Governantes, políticos, advogados, médicos, negociantes, aderem à igreja como o meio de alcançar o respeito e confiança da sociedade, e promover os seus próprios interesses mundanos. Procuram, destarte, encobrir, sob o manto do cristianismo, tôdas as suas transações injustas. As várias corporações religiosas, robustecidas com a riqueza e influência dos mundanos batizados, mais ainda se empenham em obter maior popularidade e proteção. Pomposas igrejas, embelezadas de maneira a mais extravagante, erguem-se nas movimentadas avenidas. Os adoradores vestem-se com luxo e de acordo com a moda. Elevado salário é pago ao talentoso ministro para entreter e atrair o povo. Seus sermões não devem tocar nos pecados populares, mas deverão ser suaves e agradáveis aos ouvidos da aristocracia. Dêste modo, ímpios de elevada posição são alistados nos registos da igreja, e os modernos pecados escondidos sob o véu da piedade. Comentando a atitude atual dos professos cristãos para com o mundo, diz um dos principais jornais seculares: 'Insensivelmente a igreja tem seguido o espírito da época e adaptado suas formas de culto às necessidades modernas'. 'Tôdas as coisas, na verdade, que contribuem para tornar atraente a religião, a igreja hoje emprega como seus instrumentos'. E um escritor, no *Independent* de Nova York, assim fala a respeito do metodismo atual: 'A linha de separação entre os religiosos e irreligiosos se desvanece numa espécie de penumbra, e homens zelosos de ambos os lados estão labutando para obliterar tôda diferença entre seu modo de agir e seus prazeres'. 'A popularidade da religião tende grandemente a aumentar o número dos que desejariam haurir-lhe os benefícios sem, de maneira honrada, fazer frente aos seus deveres'.

Diz Howard Crosby: 'E' assunto para séria preocupação o encontrarmos a igreja de Cristo negligenciando o cumprimento dos de-

sígnios do Senhor. Exatamente como os antigos judeus permitiram que o intercâmbio familiar com as nações idólatras lhes roubasse de Deus o coração,... assim a igreja de Jesus, hoje, mediante a falsa parceria com o mundo incrédulo, abandona os métodos divinos de sua verdadeira vida e entrega-se aos costumes de uma sociedade sem Cristo — hábitos perniciosos embora muitas vêzes plausíveis — usando argumentos e chegando a conclusões, estranhos à revelação de Deus e diretamente antagônicos a todo o crescimento em graça'".

"Já o Governador Washburn, de Wisconsin, em sua mensagem anual, a 9 de janeiro de 1873, declarou: 'Parece que precisamos de uma lei para acabar com as escolas de jogo. Estas proliferam em tôda parte. Mesmo a igreja (inadvertidamente, sem dúvida) algumas vêzes faz a obra do diabo. Concertos com fins beneficentes, tômbolas e rifas, algumas vêzes em auxílio de objetivos religiosos ou caritativos, mas frequentemente com finalidades menos dignas, sorteios de prendas, jogos de prêmios, etc., são todos expedientes para se obter dinheiro sem retribuição correspondente. Nada é tão desmoralizador ou pernicioso, particularmente para os jovens, como a aquisição de dinheiro ou propriedade sem trabalho. Se pessoas respeitáveis se empenham nessas emprêsas de azar, e acalmam a consciência com o pensamento de que o dinheiro se destina a um bom fim, não é para se estranhar que a juventude do Estado tão amiúdo caia nos hábitos que com quase tôda a certeza, a tornarão afeiçoada aos jogos de azar'.

"O espírito de condescendência com o mundo está a invadir as igrejas por tôda a cristandade. Roberto Atkins, num sermão pregado em Londres, pinta tenebroso quadro do declínio espiritual que prevalece na Inglaterra: 'Os verdadeiros justos estão desaparecendo da terra, e ninguém toma isto a peito. Os que, atualmente, em tôdas as igrejas, professam a religião, são amantes do mundo, condescendentes com o mundo, afeiçoados ao confôrto pessoal e desejosos de honras. São chamados a sofrer com Cristo, mas temem o vitupério... *Apostasia, apostasia, apostasia,* está mesmo gravado na frente de cada igreja; e se elas o soubessem e o sentissem, poderia haver esperança; mas, ai, elas exclamam: 'Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta'".[1])

"No tocante à apostasia das igrejas protestantes que estão promovendo a criação da imagem da bêsta, e à qual acima aludimos, convém ouvir o testemunho insuspeito do Rev. Carlos Beecher, eminente orador presbiteriano, cuja clarividência no assunto é incontestável. Em um sermão proferido por ocasião da dedicação da Segunda Igreja Presbiteriana de F. A. Wayne, Ind., êle disse: 'Dêste modo o ministério das denominações evangélicas protestantes está não sòmente sendo formado desde a sua base sob uma forte pressão de temor puramente humano, mas vive, move-se e respira em um ambiente totalmente corrupto, apelando a todo o momento para

os mais baixos elementos da sua natureza a fim de ocultar a verdade e encurvar os joelhos ante o poder da apostasia. Acaso não foi esta a maneira como se passaram as coisas com Roma? E não estamos nós reproduzindo exatamente as mesmas coisas? Que é que vemos precisamente diante de nós? Um novo Concílio Ecumênico, uma convenção Geral! Aliança evangélica e Credo Universal!' 'Os nossos melhores, mais humildes e mais devotados servos de Cristo estão alimentando no seu seio aquilo que um dia, que não vem longe, há de provar ser a desova do dragão... E é uma apostasia que há de declarar-se entre nós — uma apostasia que há de infligir o martírio a um homem que crê na sua Bíblia com a mesma reverência, sim, que crê até mesmo no que reza o credo, mas que concorda com o que disse a assembléia de Westminster, que, proposto como prova, o credo é uma imposição injustificável. Esta é a apostasia que temos de recear, e porventura não está ela já se declarando?

"'Oh, infeliz Igreja de Cristo, que rápida te precipitas no sorvedouro fatal de tua ruína!... Dia a dia é dado a todos presenciar como as coisas caminham para pior. Com pesar cada coração sincero é obrigado a confessar que existe podridão alhures, mas ai! não há esperança de melhora. Nós passamos e a noite vem se aproximando. As ondas do futuro conflito, que há de convulsionar até o âmago o cristianismo, já podem ser pressentidas'.

"'Falham todos os sinais primitivos. Deus já não responde por Urim e Tumim, nem por sonhos ou profetas. Desfalecem os corações dos homens pelo temor e vista das coisas que estão sobrevindo ao mundo. Ecoa ao longe o ribombo do trovões. Os ventos cruzam gemendo os seios dos abismos. Tudo anuncia a iminência daquela total tormenta da indignação divina, que há de varrer o refúgio da mentira'".[1])

"O *Congregationalist* disse em novembro de 1858: 'Não se tem despertado a piedade em nossas igrejas até o ponto de permitir-nos esperar confiadamente dela os frutos legítimos e práticos que devia dar. Por exemplo, deveríamos ter a segurança de que depois de uma manifestação da graça, se encheriam as tesourarias de nossas sociedades de benevolência, assim como depois de uma chuva abundante os arroios enchem seus leitos. Porém, os administradores de nossas sociedades lamentam a debilidade da simpatia e a ajuda prestada pelas igrejas.

"A mesma verdade geral recebe outra ilustração ainda mais triste. O *Watchman and Reflector* declarou recentemente que nunca havia sucedido entre as igrejas batistas tão lamentável difusão da dissensão como a que prevalece atualmente... Bastará lançar um olhar aos semanários de nossa própria denominação para convencer-se de que o mal não se limita aos batistas".

"O principal periódico metodista, o *Christian Advocate,* de Nova York, publicou em 1883 um artigo do qual copiamos as seguintes de-

clarações: '1. Disfarse-se o fato como se quiser, a igreja se acha, em sentido geral, em rápida decadência espiritual. Ainda que cresça o número e em fôrça monetária, se está volvendo extremadamente débil e limitada em sua espiritualidade, tanto no púlpito como entre os membros. Está assumindo a forma e o caráter da igreja de Laodicéia. 2. ...Milhares de ministros das igrejas locais e das associações e muitos milhares de membros leigos estão mortos e são de tão pouco valor como figueiras estéreis. Nenhum valor temporal ou espiritual tem sua contribuição ao progresso e aos triunfos do Evangelho por tôda a terra. Se todos estes ossos secos de nossa igreja e suas congregações pudessem ressuscitar e ser requisitados para um serviço fiel e ativo, quão gloriosas e novas manifestações do poder divino se veriam'.

"O redator do *Western Christian Advocate* escreveu em 1893 acêrca de sua igreja o seguinte: 'À igreja dos metodistas escreve: A grande dificuldade conosco hoje estriba em que a salvação das almas em perigo recebe nossa última e menor consideração. Muitas de nossas congregações se conduzem como clubes sociais. Têm se trocado em centros de influência social. Procura-se formar parte dêles para progredir na sociedade, nos negócios ou na política. Os pregadores convidados são aquêles que sabem 'suavizar os textos para que afaguem cortêsmente os ouvidos, e ocultem cuidadosamente a condenação. Os cultos dominicais servem de ocasiões para ostentar as elegâncias das últimas modas nos atavios. Mesmos os pequeninos são adornados como se fôssem acólitos do orgulho. Se se lêem os 'Regulamentos' é para cumprir com a letra de uma lei cujo espírito fugiu faz muito. Os registos das classes estão cheios de nomes de pessoas inconversas. Podem se encontrar membros oficiais nos palcos de teatros e outros lugares onde brilham vestidos luxuosos. Os que recebem a comunhão participam nas carreiras, dão bailes e partidas de naipes, e assistem a elas. A distinção que há entre os que estão dentro da igreja e os que estão de fora é tão obscura que os homens se riem quando se lhes solicita que se unam à igreja, e às vêzes nos dizem que fora dela encontram os melhores homens. Quando nos dirigimos às massas, com demasiada frequência o fazemos com tão ostentosa condescendência que o respeito próprio as afugentam de nós.

"E sem embargo, sob o orgulho dos ricos e ímpios, nos temos estendido tanto, que êles nos redundam necessários. A aplicação da letra inequívoca, poria em bancarrota nossa sociedade missionária, cerraria nossas igrejas luxuosas, paralisaria nossos interêsses afins, deixaria sem emolumentos e em angústia a nossos pastores e bispos. Porém subsiste o fato de que deve acontecer uma de duas coisas: Ou a disciplina deve purificar a igreja, ou o Espírito Santo de Deus buscará outros meios organizados. O machado tem sido pôsto à raiz da árvore. Somos chamados a arrepender-nos. A obra de Deus deve ser feita. Se estorvamos o caminho, Êle nos eliminará'.

"O *Independente* de Nova York, de 3 de dezembro de 1896, continha um artigo de D. L. Moody, do qual extraímos o seguinte: 'Em um número recente de seu periódico, vi um artigo no qual um correspondente declarava que mais de três mil igrejas das organizações congregacionalistas e presbiterianas dêste país não podiam informar que o ano passado um só membro houvesse sido acrescentado por profissão de fé. Pode ser isto verdade? Êste pensamento apoderou-se de tal maneira de mim, que não posso afastá-lo de minha mente. Basta para horrorizar a alma de todo verdadeiro cristão.

"Se isto sucede nessas duas grandes denominações, qual será a condição das demais? Vamos ficar todos sentados tranquilos e permitir que isto continue? Calarão nossos periódicos religiosos e nossos púlpitos como 'cães mudos', que 'não podem ladrar', em vez de advertir ao povo que se aproxima o perigo? Não elevaremos todos nossa voz como trombeta acerca dêste assunto? Que deve pensar o Filho de Deus de semelhante resultado de nosso trabalho? Que deve pensar um mundo incrédulo acerca de um cristianismo que não produz mais fruto? Não nos preocupam as multidões de almas que baixam à perdição cada ano enquanto todos nós permanecemos sentados e olhando-as? Onde estará nosso país no fim dos próximos dez anos, se não nos despertamos?"'[1])

Um pastor protestante disse: "A oração da fé tem quase desaparecido da igreja protestante".

E nesta metade do século XX o protestantismo ainda jaz indiferente à verdadeira luz do evangelho de Cristo, conformando-se com a sua derrocada espiritual cada vez mais progressiva. O Dr. Gachelein, redator de "Nossa Esperança" escreveu o seguinte: "Como não há sinal nenhum de um reavivamento espiritual verdadeiro, há sinais sempre crescentes da predita apostasia. Por mais de um meio, mesmo antes da conclusão dêste terrível conflito, está sendo colocado o fundamento para o edifício da Grande Babilônia, sob a direção de certas organizações, incluindo católicas, protestantes e judaicas, combatendo ao glorioso Senhor e àqueles que sinceramente defendem a fé que uma vez foi entregue aos santos. Há indícios solenes e significantes que, se o Senhor tardar em vir, o pequeno rebanho logo terá que enfrentar condições muito sérias".[2])

Sim, o protestantismo deixou de andar na gloriosa luz do trono de Deus. E como resultado reina em seu meio a confusão setária e doutrinária, a dissenção e a decomposição. O mundanismo e o orgulho estão aniquilando tôda a planta de crescimento celestial em suas fileiras. A negação e rejeição das mais evidentes mensagens biblícas destinadas a esta época estão sempre na ordem do dia em seu meio. E' êste o espírito do romanismo que o acompanha já desde muito. E a culminância desta triste condição voluntária será

logo a união amistosa com Roma, como testifica a profecia do capítulo treze.

Disse o Dr. Harnack: "O Protestantismo ameaça converter-se em eco servil e miserável do catolicismo. A catolização das igrejas evangéligas, com que se pretende fazer delas igrejas legalistas, doutrinárias e formalistas é portanto um perigo tão grande, por colaborar nesta obra três poderosas potências para assegurar êste processo de desenvolvimento, a saber a indiferença das massas, a religião natural e o Estado".[1])

Ressurgirá então o espírito de violência e desembainhará a espada contra os que não hão de tolerar a sua apostasia. Será um reavivamento diabolesco daquele espírito que no passado queimou Miguel Serveto em Genebra sob as ordens de Calvino; que perseguiu os dissidentes pela espada anglicana; que enforcou os quaquers e açoitou os batistas em Nova Inglaterra pelos puritanos fanáticos. E a profecia citada atesta a volta dêste estado de coisas por parte do protestantismo apóstata.

"Cristo queria que Sua igreja fôsse uma. Orou para que Seus discípulos fossem uma coisa, como Êle e Seu Pai eram uma coisa; porque isto daria poder a Seu evangelho, e induziria ao mundo a crer nÊle. Em vez disto, consideremos a confusão que existe no mundo protestante, as muitas paredes divisórias que o separam em uma rede de sociedades, e os muitos credos tão discordantes como as línguas daqueles que foram dispersos quando edificavam a tôrre de Babel. Deus não é Autor disto. E' o estado de coisas que a palavra 'Babilônia' descreve apropriadamente. Usa-se esta palavra evidentemente com êste propósito, e não como um têrmo de opróbrio. Em vez de encher-se de ressentimento quando se menciona êste têrmo, o povo devia antes de tudo examinar sua situação, e ver se em sua fé ou prática se tem feito culpado de ter alguma relação com esta 'grande cidade' da confusão. Em tal caso, deve separar-se imediatamente dela".[2])

Quando a antiga Babilônia caiu, o povo de Deus daquele tempo foi dela liberto para voltar à sua terra de Canaã. A queda da Babilônia espiritual, anuncia também a breve libertação do povo de Deus para a Canaã celestial. Como anunciado no capítulo dezoito, o povo de Deus deve ser liberto de Babilônia para não perecer com ela em sua queda final e inexorável.

O VINHO DE BABILÔNIA

"O grande pecado imputado, à Babilônia é que 'a tôdas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição'. Esta taça de veneno que ela oferece ao mundo representa as falsas doutrinas que aceitou, resultantes da união ilícita com os poderes da terra".[3])

Recusando a mensagem do primeiro anjo, as igrejas protestantes confirmaram sua aceitação das doutrinas errôneas e corrompidas. Havendo rechassado as doutrinas básicas das Sagradas Escrituras, aceitaram as falsas. Corromperam as puras verdades da Palavra de Deus e embriagaram as nações com fábulas agradáveis à carne. Notemos as falsas doutrinas ou falso vinho duma falsa salvação com o qual foram entorpecidas as nações da terra por Babilônia, tanto no que respeita ao setor católico como ao protestante:

A Imaculada Conceição negando a habitação de Cristo com a carne humana. Substituição da mediação de Cristo por uma mediação sua própria. Substituição do sacerdócio de Cristo por um sacerdócio terrenal. O perdão dos pecados por um homem separando assim Jesus dos pecadores como o Único que pode perdoar o penitente. A salvação pelas obras em vez de pela fé do evangelho. O sacrifício da missa em que implica a doutrina da transubstanciação infundada no evangelho de Cristo. O ensino das tradições em lugar das doutrinas das Sagradas Escrituras. Mudança do dia de repouso do sétimo para o primeiro dia da semana. A doutrina da imortalidade natural da alma recebida do antigo paganismo. O estado consciente dos mortos. O culto dos santos. A mariolatria ou veneração à virgem Maria. O purgatório como meio de purificar com fogo em vez do sangue de Jesus. O inferno como doutrina visivelmente herdada do paganismo. Recompensas dadas ao morrer. Tormento eterno das chamas dum inferno fitício. Batismo por aspersão e efusão em vez do batismo cristão evangélico. O milênio temporal contrário às profecias do Apocalipse. O ensino filosófico da evolução em vez do da criação. Os dias santificados em contraposição ao único dia abençoado por Deus. O batismo de crianças. E mais um dilúvio de práticas outras que, se fôssem tôdas pormenorizadamente descriminadas aqui, ocupariam demasiado espaço. Mas é dêste falso vinho, o vinho duma salvação falsificada, que Babilônia e suas filhas — catolicismo e protestantismo — têm dado a beber às nações.

A teoria da evolução, aceita por numerosos ministros protestantes, está, como diz um escritor, "expulsando o Criador".

O afastamento do protestantismo das sãs verdades da Palavra de Deus é a sua franca negação de Deus. Neste respeito, o Dr. Roberto M. Hutchins, reitor da universidade de Chicago, disse. "Não sabemos aonde vamos, nem porquê, e quase temos renunciado à tentativa de o descobrir. Estamos desesperados porque as chaves que haviam de abrir as portas do céu nos hão introduzido em um cárcere maior, porém, também mais opressivo. Pensávamos que aquelas chaves eram a ciência e a livre inteligência do homem. Hão fracassado. Faz muito que temos rejeitado a Deus. A que poderemos apelar agora?"[1])

A MENSAGEM DO TERCEIRO ANJO

VERSOS 9-12 — *"E seguiu-as o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a bêsta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálix da Sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E o fumo do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têem repouso nem de dia nem de noite os que adoram a bêsta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do seu nome. Aqui está a paciência dos santos: aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus".*

"E SEGUIU-OS O TERCEIRO ANJO"

O fato que o primeiro anjo anuncia o "evangelho eterno" e ser êste o conduto da graça de Deus é evidente que a mensagem deste anjo deve ser proclamada enquanto a graça fôr estendida ao pecador. Tamém a mensagem do segundo anjo deve ser anunciada em paralelo com a do primeiro anjo pôsto que Babilônia estará em processo de queda até ao fim. E, agora, a profecia enfatiza que o terceiro anjo seguiu aos dois primeiros. Nisto vemos que as três mensagens unem-se formando uma tríplice mensagem unida. As três são mensagens simultâneas a todo o mundo e até ao fim. Dêste modo, "a mensagem do terceiro anjo, abrangendo as mensagens do primeiro e segundo anjos, é a mensagem para êste tempo".[1])

A mensagem pròpriamente dita do terceiro anjo, que constitue a mensagem de Deus para o tempo de provação e selamento do povo de Deus, é a mais solene advertência do céu especialmente ao protestantismo — que recusou a mensagem do primeiro anjo para erguê-lo de sua apostasia. Ao esgotar-se o último recurso da graça de Deus e os recalcitrantes persistirem em recusar a luz, em preferência ao êrro de Roma, a severa ameaça será tornada realidade literal sem remédio.

A GRANDE E SOLENE AMEAÇA

E' uma severa advertência contra a adoração da bêsta, de sua imagem e a recepção de seu sinal. Os argumentos que demonstram o que representa a bêsta, sua imagem e seu sinal, os temos sobejamente no capítulo treze. Urge apenas que façamos uma breve recapitulação para conservarmos intacta a sequência da explanação da profecia:

A bêsta — é a potência papal ou católica romana. A sua imagem — é inolvidàvelmente o consórcio do protestantismo-estadunidense com o

Estado-norte-americano. O sinal da bêsta — é a instituição religiosa do papado — o domingo — pela qual êle pretende provar sua autoridade eclesiástica como legislador em assuntos da igreja... O tremendo castigo que sofrerão os que preferem adorar a bêsta, a sua imagem e acatarem o seu sinal, é duplo:

1. *Beberão do vinho da ira de Deus.* — A ira de Deus são "as sete pragas, porque nelas é consumada a ira de Deus".[1]) O capítulo dezesseis todo é uma frizante demonstração da plenitude e consumação da ira de Deus nas sete pragas futuras. Desde tempos passados até ao presente, a ira de Deus tem-se, às vêzes, manifestado, mas sempre permeada da Sua misericórdia. Mas quando ela fôr consumada nas sete pragas, não será acompanhada da misericordiosa graça. Aqueles que rejeitaram o vinho da verdadeira salvação, trocando-o pelo vinho de Babilônia, terão de entornar, queiram ou não, o "calix" "do vinho da ira de Deus".

"A substituição das leis dos homens em lugar da lei de Deus, a exaltação, por mera autoridade humana, do domingo em lugar do Sábado Bíblico, é o último ato do drama. Quando esta substituição se tornar universal, Deus revelar-Se-á. Êle levantar-Se-á em Sua Majestade para sacudir terrivelmente a terra. Êle sairá de Seu lugar para punir os habitantes do mundo por suas iniquidades, e a terra descobrirá o seu sangue, e não mais encobrirá seus mortos".[2])

2. *Serão "atormentados com fogo e enxofre":* — À segunda vinda de Cristo todos os adoradores da bêsta e de sua imagem e que tenham recebido o seu sinal, bem como todos os ímpios, perecerão e jazerão mortos sôbre a superfície da terra, durante o milênio do capítulo vinte.[3]) E' somente depois do milênio, porém, que serão atormentados com "fogo e enxofre", no lago de fogo. Entretanto, a expressão de que o fumo do tormento dos recalcitrantes opositores de Deus subirá para todo o sempre, não denota que êles sofrerão eterno castigo. O "fumo do seu tormento" é que subirá para todo o sempre como o fumo resultante de tôda a combustão sobe sempre pelos espaços siderais. No versículo quatorze do capítulo vinte e no versículo oito do capítulo vinte e um, é enfatizado que os ímpios, ao serem lançados no "lago de fogo", encontrarão ali a *segunda morte.* Não permanecerão vivendo eternamente em castigo punitivo, mas sucumbirão seguramente como reza a profecia. Êles receberão o castigo corpòreamente: pois, se o recebessem em espírito ou em alma, como é a crença, comum, não haveria necessidade de a revelação enfatizar o "fumo" resultante do tormento que sofrerão. O não terem "repouso nem de dia nem de noite", implica na afirmativa de que receberão o castigo da vingança de Deus aqui na terra, onde em verdade há dia e noite em sucessão contínua. A profecia do milênio reza que serão devorados pelo fogo em tôrno da Nova Jerusalém aqui na terra. Ora, estas expressões da mensagem do terceiro anjo, têm seu paralelo na profecia de Isaías sôbre a destruição dos antigos edomitas, onde se diz que o fogo da destruição "nem de dia nem de noite se apagará; para sempre o seu fumo subirá; de geração em ge-

ração será assolada; de século em século ninguém passará por ela".[1]) Todavia não consta que os edomitas, destruídos na terra, onde há dia e noite, estejam ainda ardendo no fogo da destruição. As expressões de Isaías bem como as de S. João, enfatizam uma destruição total e irremediável e não uma continuidade de castigo intérmino. Vemos que, enquanto houver qualquer partícula a queimar, os ímpios queimarão; transformadas estas em cinza o fogo cessará.

Tão ofensivo a Deus é adorar a bêsta, a sua imagem e receber o seu sinal, que Sua vingança será manifesta sôbre Seus desprezadores do modo mais horroroso nas sete pragas e na destruição final.

O TERCEIRO ANJO PRÒPRIAMENTE DITO

Já demonstramos que os anjos desta tríplice mensagem profética representam o povo de Deus desempenhando a grande tarefa de levar o "evangelho eterno" às nações da terra. O primeiro e o segundo anjos, como vimos, aludem ao grande movimento mundial que aguardava a segunda vinda de Cristo em 1844, segundo também testifica a profecia do capítulo dez. Em conformidade com os próprios ditames da profecia, porém, um outro movimento mundial deveria surgir em 1844, imediatamente ao grande desapontamento dêste ano, ao não verificar-se o esperado advento de Cristo. Notemos as palavras ditas na visão ao profeta: "Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas e reis".[2]) Esta evidente afirmativa de que, após a decepção de 1844, Deus despertaria um povo especial, cujo objetivo primário, segundo a cronologia da mensagem do terceiro anjo, seria advertir contra a adoração da bêsta papal, da sua imagem protestante e do seu sinal, o domingo, não carece de qualquer dúvida.

Nos capítulos dez e onze temos demonstrado com clareza que, em 1844, exata e imediatamente ao grande desapontamento, levantou-se a Igreja Adventista do Sétimo Dia — em cumprimento das profecias de Daniel oito e Apocalipse dez, onze e quatorze — para executar a gloriosa missão que lhe estava designada pela inspiração. Para não repetir novamente a história e a marcha mundial ascendente da Igreja Adventista do Sétimo Dia desde 1844, volvamos aos textos acima citados onde teremos tudo sôbre esta Igreja.

Abrangendo as mensagens proféticas dos três anjos, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a única que anuncia mundialmente o Evangelho Eterno; a hora do juízo a partir de 1844; a adoração de Deus como Criador; a queda de Babilônia; a advertência contra a adoração da bêsta, sua imagem e a recepção de seu sinal; as sete pragas futuras e a destruição dos recalcitrantes no lago de fogo no fim do milênio. Uma vez que esta Igreja preenche perfeitamente os detalhes da profecia, não há que dar lugar a dúvidas quanto a ser ela a Igreja de Deus no século atual apontada na mensagem do terceiro

anjo em especial. Os três outros seguintes característicos, citados no versículo doze, são ainda prova concludente de tudo a quanto desta Igreja já nos temos referido.

"AQUI ESTÁ A PACIÊNCIA DOS SANTOS"

Algumas outras versões rezam esta passagem assim: Aqui está a perseverança dos santos".[1]) "Aqui está um chamado para sofrimento dos santos". "Esta é a prova de que os santos sofrem". "Aqui está uma oportunidade para sofrimento da parte dos santos".[2]) Seja o correto "paciência", "perseverança" ou "sofrimento", o certo é que o povo de Deus desta geração é por êstes têrmos apontado como um povo que teria em sua frente perigosos oponentes. Todavia, os mesmos têrmos o apresentam como um povo paciente ou perseverante ou sofredor, o que indica sua firmeza — como povo do advento em cumprir o propósito que Deus lhe confiou, em meio a um mundo ímpio e um cristianismo decadente.

"AQUI ESTÃO OS QUE GUARDAM OS MANDAMENTOS DE DEUS"

Onde estão "os que guardam os mandamentos de Deus?" "Aqui", no mundo, estão êles. Está aqui pois a prova profética de que o povo de Deus, no mundo, é aquêle povo que guarda os Seus mandamentos, que são os mesmos dados no Monte Sinai e escritos pelo dedo de Deus em tábuas de pedra.[3])

Deparamos no capítulo onze que o povo de Deus desta última geração é um povo que compreende o santuário do céu ou do novo concêrto e nêle adora. No lugar santíssimo do santuário celestial, está a arca do concêrto de Deus com Seu povo, vista por S. João numa visão que alude ao povo do Senhor dêste nosso tempo. Veja-se a explanação do versículo dezenove do capítulo onze sôbre — a arca do concêrto.

O fato de a arca denominar-se "arca do concêrto", evidencia que o que ela contém é o concêrto de Deus com Seus escolhidos. No santuário terrestre, que era uma figura do celestial, havia também uma arca mandada fazer por ordenança de Deus, dentro da qual foi pôsto o concêrto de Deus que é a lei dos dez mandamentos, que eram uma cópia do concêrto ou mandamentos originais da arca do "templo de Deus" ou santuário celestial.[4])

Uma outra grande evidência de que "os mandamentos de Deus" referidos no capítulo quatorze são os mesmos dez mandamentos dados em Sinai, temos nos fatos seguintes: No capítulo onze versículos dezoito e dezenove, a profecia trata do juízo e da arca do concêrto ou dos dez mandamentos; e, no capítulo quatorze a profecia também trata do juízo e dos mandamentos de Deus. Nestes dois paralelos vemos que "os mandamentos de Deus" guardados por Seu po-

vo dêste tempo, são os mesmos proclamados do alto do Sinai, o que testifica que a mesma lei e os mesmos mandamentos estão em vigência na era cristã e que são guardados e ensinados pelo verdadeiro povo de Deus.

"Visto os que guardam os mandamentos de Deus serem assim colocados em contraste com os que adoram a bêsta e sua imagem, e recebem o seu sinal, é claro que a guarda da lei de Deus, por um lado, e sua violação, por outro, deverão assinalar a distinção entre os adoradores de Deus e os da bêsta".[1])

Existem na terra 33.000.000 de leis, e contudo o mundo geme sob êste medonho fardo de leis inúteis. A concepção do homem é incapaz de criar leis que regulem amistosamente as relações humanas. Leis que prevêem meras obrigações entre os homens não os salvam da ruína moral, social e espiritual em que se encontram. O homem estragou a civilização fazendo-se legislador num mundo que não lhe pertence, em vez de sujeitar-se à lei dAquele a quem o mundo somente pertence e que é o único e verdadeiro Legislador. Só quem conhece a natureza e necessidade do homem é quem pode dar-lhe leis sábias e perfeitas que regulem sua vida trazendo-lhe paz e bem-estar, completos. E quem conhece o homem em seu estado geral senão Deus, o seu Criador? Deus estabeleceu leis físicas sábias para regular todos os setores de suas obras, em todo o Seu universo, nos três reinos da natureza. Mas, o Decálogo, é uma lei moral que contempla a natureza e as necessidades de tôda a família humana. Os dez sábios preceitos proclamados do Sinai em fogo, estabelecem a norma de conduta do homem em suas relações para com Deus e o próximo, em todos os graus de desenvolvimento. Ensinem as religiões esta grande lei, e teremos felicidade e paz na terra.[2])

A grandeza e o valor da lei moral do Decálogo está em que ela foi escrita pelo próprio punho de seu Legislador. Tôda a revelação do evangelho foi escrita por homens sob a inspiração de Deus. Mas a lei do Decálogo é a única verdade que Êle mesmo escreveu com Seu próprio dedo para os que habitam Seus domínios. Ela é uma transcrição do caráter santo de Deus, seu Legislador, sendo por isso uma parte por demais sagrada e importante da revelação para ser escrita pelo homem. Vemos assim que só Deus poderia ter escrito Sua divina lei. E Êle a escreveu em tábuas de pedra, emblema de perpetuidade. Êle deseja que Seus filhos sejam fiéis em cumprir os preceitos de Sua lei para desenvolverem o Seu próprio caráter de Pai de amor nela revelado. Ela é uma lei perfeita e portanto imutável como Deus o é.[3]) *Dissera certa* vez Lincoln: "Nada exceto a sabedoria Infinita poderia haver aconselhado e dado aos homens êste código excelente e perfeito, os dez mandamentos. A mais urgente necessidade do mundo, pois, é o regresso à lei de Deus. "Como afirmou o grande escritor francês Paulo Bourget, não há salvaguarda social fora das verdades do Decálogo"'.[4]) Todos os que

têm um coração cheio de amor a Deus manifestarão pronta obediência à Sua lei.

A LEI DE DEUS E O JUÍZO

A lei de Deus é a grande norma perante a qual todos os indivíduos deverão prestar suas contas no tribunal do Todo-poderoso.[1]) Saibam os homens que jamais serão justificados de seus pecados pelo sangue de Cristo se não viverem em harmonia com os preceitos do Decálogo. Disse S. Paulo: "Porque todos os que sem lei pecaram sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram pela lei serão julgados. Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus: mas os que praticam a lei hão de ser justificados".[2]) E quem não fôr justificado pelo Filho de Deus será condenado.

"Há tempos foi julgado um assassino, verdadeira fera humana. Concluindo o julgamento, os jurados levaram apenas vinte minutos para chegarem a uma decisão, que não podia ser outra do que foi: Crime provado sem atenuantes. O juís então, pondo na cabeça o barrete prêto, sinal indicativo de pena de morte, pronunciou a sentença condenatória nestes têrmos: 'O réu perante a barra dêste tribunal, após investigações laboriosas e concludentes, é por sentença justa condenado à morte. Não sou eu quem o condenou; é a lei do país, por êle violada, que agora o fulmina'. Poucos dias depois o condenado pagava seu crime, praticado contra as leis humanas, com sua vida".[3]) A mesma pena será aplicada no juízo, pelo grande Juiz, ao transgressor deliberado da lei do Rei do universo.

CRISTO E A LEI DO DECÁLOGO

O Velho Testamento encerra várias profecias com referência à relação de Cristo para com a lei do Decálogo. Uma delas refere que Jesus se deleitava em fazer a vontade do Pai, praticando Sua lei que estava em Seu coração.[4]) Outra, reza que o Pai engrandecera Seu Filho e O fizera glorioso pela lei, isto é, por Sua observância voluntária e fiel da grande Lei de amor.[5]) E ao vir Jesus ao mundo, manifestou pela lei o que haviam anunciado as profecias. Êle desafiou os homens a convencerem-nO de pecado; mas êles não o puderam fazer.[6]) Esta fôra a mais alta demonstração de que o Pai o tornara glorioso por sua dedicação à Sua lei.

Cristo declarou não ter vindo abolir a lei, mas cumpri-la, e acrescentou que, enquanto os céus e a terra durarem, a lei permaneceria intacta, mesmo em um "til" ou em um "jota".[7]) E note-se a declaração do Autor da lei que, se alguém violar e ensinar a violar o mínimo mandamento da lei, é por Êle considerado o menor no reino dos céus, que é o reino da graça, agora, no mundo, onde é ainda necessário ensinar a lei de Deus. Todo o sermão da montanha nada

mais é que a exaltação de Cristo à lei através de sua prática na vida pelo homem. Ao jovem rico que O abordou com a pergunta: "Bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna?", o Mestre respondeu enfàticamente: "Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos", e citou mandamentos do Decálogo para que o moço soubesse a que lei Se referia Êle. E no Calvário recebeu a Lei a sua mais alta glorificação pelo Salvador. Pois foi mais fácil Êle morrer para remir a dívida do pecador perante a lei do que ela ser abolida mesmo no mínimo. Não há, pois, que duvidar. O Mestre ordena-nos guardar Sua lei para que Êle nos possa salvar para a vida eterna. Quem não guarda a Lei de Deus, é contra Êle e o Seu Filho. Quem rejeita os preceitos da grande norma da vida é um súdito rebelde nos domínios de Deus; e nenhum rebelde poderá ser salvo pelo Salvador.

OS APÓSTOLOS E A LEI DO DECÁLOGO

São Paulo frisa com tôda a clareza que a existência do pecado confirma a existência da lei do Decálogo.[1]) Disto resulta que, para não pecarmos, é imprescindível orientarmo-nos pela lei. Diz ainda o apóstolo que é preciso amor para cumprirmos os mandamentos da lei de Deus.[2]) Quem não observa a lei de Deus, não ama a Deus. E, como um dos seus maiores testemunhos em favor da vigência do Decálogo na era cristã, ainda escreveu S. Paulo: "Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei".[3]) Assim os que não têm fé recusarão certamente a lei de Deus; mas os verdadeiros e fervorosos cristãos aceitá-la-ão e pela fé seguirão fielmente seus preceitos.

S. João declara que os mandamentos de Deus não são pesados; e diz que quem não os observa não conhece a Deus, é mentiroso e não possui a verdade. O amor a Deus, continua o apóstolo, é revelado pela obediência a Seus mandamentos.[4]) E o apóstolo Tiago escreveu que a violação de um só mandamento da lei significa violá-la tôda. Êle cita dois de seus preceitos para assentar que se estava referindo ao Decálogo.[5])

A CONTROVÉRSIA ENTRE O SINAL DA BÊSTA E O SINAL DE DEUS

O versículo nove do capítulo 14 encerra a advertência do tempo de provação contra os que receberem a sinal da bêsta — o domingo. Disto, evidencia-se o sinal de Deus, que Êle deseja que Seus filhos o tenham em lugar do sinal da apostasia ou da bêsta. Que o sábado do sétimo dia é o sinal de Deus, já apreciamos amplamente no capítulo sete versículos dois e três.

O sábado do sétimo dia, inserido no quarto mandamento da lei do Decálogo, é o único dia de descanso semanal reconhecido e re-

comendado por Deus. E' uma instituição do próprio Deus que remonta aos dias da criação; e com o matrimônio, é uma das duas únicas recordações que até nós chegaram do primitivo mundo feliz ainda isento da maldade do pecado.

Todo o arquiteto procura colocar em suas obras um sinal que o memorize como realizador. E, imediatamente depois de criar o mundo em seis dias, erigiu Deus o sétimo dia, que é parte integrante da semana da criação, como monumento recordativo do Seu poder como Arquiteto do mundo e suas maravilhas. Segundo o quarto mandamento de Sua lei, Deus põe em evidência o sábado como a Sua mais alta instituição na terra, estabelecendo-o como memorial de que Êle é o Criador, Mantenedor e Doador de tudo no mundo. E, para dar maior realce a essa instituição sabática memorativa, Deus descansou no sétimo dia, abençoando-o e santificando-o.[1]) Êsse ato de Deus tornou o sétimo dia distinto dos demais e o colocou à parte de todos como um marco semanal de homenagem ininterrupta à Sua pessoa como Criador.

O vocábulo "Sábado" significa descanso. E' um vocábulo aplicado pelo próprio Deus exclusivamente ao sétimo dia como dia de repouso semanal. Cremos, pois, que o termo "Sábado" é de origem divina e não pode ser usado para designar outro dia de repouso senão aquêle para o qual êle foi criado, isto é, o sétimo dia da semana original. Em "108 línguas" diferentes é o sétimo dia chamado "sábado" — descanso — e o próprio calendário não lhe dá outro nome e outra significação.

O Velho Testamento está repleto de reivindicações de Deus concernentes à fidelidade ao sábado do sétimo dia.[2]) Crer, pois, que Deus mudou de atitude em relação a uma instituição que devia perpetuar Seu nome como Criador é cometer o maior sacrilégio.[3]) As promessas que Deus faz no Evangelho, aos que guardam o sábado, promessas que devem realizar-se no reino de Deus, são das maiores provas de que Êle não mudou o dia de repouso do sétimo para outro dia qualquer da semana.[4])

O SENHOR JESUS E O SÁBADO

Declarando Jesus não ter vindo abolir a lei nem mesmo num "til" e num "jota", e nem as mensagens dos profetas que falaram em Seu nome, demonstrou que Êle guardou o sábado e aprovou tôdas as reivindicações do Velho Testamento em favor dêsse dia como repouso semanal.

As palavras de Jesus que mais evidenciam a vigência do sábado como dia de repouso na era cristã, são estas: "E disse-lhes: O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado".[5]) E' certo que o homem não foi feito por causa do sábado, uma vez que êste foi feito depois dêle. O sábado é que foi

feito, assevera Cristo, por causa do homem. Esta declaração de Jesus, 4000 anos depois dÊle mesmo ter estabelecido o sétimo dia como dia de repouso, não só é uma reafirmação dos primitivos motivos de sua instituição, como uma reivindicação do quarto mandamento e de tudo quando dêle referiram os profetas por Seu espírito.[1])

Na solene declaração de Jesus — o sábado foi feito por causa do homem — salientam-se cinco fatos de capital importância: 1. O dia de repouso para o homem já estava estabelecido. Isto declarou Jesus bem antes de morrer e portanto bem antes de ressuscitar, o que comprova que Êle não tinha em vista estabelecer um novo dia de repouso. O repouso para o homem, disse o Senhor, já estava "feito" — o Sábado da Criação. 2. A causa da instituição do Sábado do sétimo dia — refere o Senhor — é o homem. Enquanto a causa — o homem — existir, o efeito — o sábado do sétimo dia — deve existir. Dêste modo a existência do homem é o maior testemunho histórico da vigência histórica e obrigatória do repouso do sábado do sétimo dia enquanto êle existir. 3. "Por causa do homem" — o que implica em bem do homem. Não podemos conceber que o homem repila aquilo que Deus fêz por sua causa, e portanto para seu bem. 4. "Por causa do homem" — eis a solene proclamação do Salvador relativa também à universalidade do sábado do sétimo dia, pôsto que o homem habite tôda a superfície do glôbo. 5. "Por causa do homem" — afirmativa comprobatória de não ser o sábado um dia judaico de descanso, como pretendem os que recusam o santo repouso de Deus. O sábado foi instituído como repouso santo 3000 anos antes da existência de um só judeu.

Jesus guardou o sábado como segundo Adão.[2]) Ambos são homens universais. O primeiro Adão recebeu o sábado do segundo Adão para si e os seus descendentes — a família humana. E o segundo Adão entrega novamente o sábado à família humana redimida na cruz.

"Assim o Filho do homem até do sábado é Senhor". Concordamos que Jesus é Senhor de tudo que no universo há. Aqui, porém, proclama-Se Êle Senhor do sábado, equivalendo a dizer que o sábado do sétimo dia é o "dia do Senhor" no Novo Testamento, isto é, na era cristã.

Há os que pretendem que o "dia do Senhor" é outro dia e não mais o sábado do sétimo dia. Tais indivíduos são cristãos fora da Palavra de Cristo, e, portanto, não são cristãos. Êles aceitaram o cristianismo mas não aceitaram o Cristo do cristianismo.

Antes de Jesus morrer na cruz, definiu mais uma vez o sábado como dia de repouso para Seus seguidores: "E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado".[3]) Êle falava, aos discípulos, da destruição de Jerusalém, e bem sabia que esta realizar-se-ia no ano 70, trinta e sete anos depois de Sua subida de regresso ao céu. E note-se que recomendou fidelidade, com oração,

ao sábado, mesmo para depois de sua ascenção. Jamais Lhe passou pela mente mudar o grande marco comemorativo de Seu poder criador. Depois de Sua ressurreição, embora estivesse ainda na terra 40 dias com os Seus discípulos, nenhuma palavra lhes falou concernente à transferência do dia de repouso, "feito por causa do homem", para outro dia. Os cristãos que preferem guardar outro dia e não o sábado, estão fora da Bíblia.

OS APÓSTOLOS E O SÁBADO

Se os apóstolos e a igreja cristã primitiva houvessem rejeitado o sábado do sétimo dia, isto seria um tremendo ponto de controvérsia com os fariseus e os judeus recalcitrantes, e nós teríamos esta controvérsia exposta tanto no livro dos Atos dos Apóstolos como nas epístolas, principalmente nas de Paulo. Todavia, há sobre isto completo silêncio.

Êles guardavam o sábado com Seu Mestre. E, estando Jesus no sábado repousando no sepulcro depois de Sua obra redentora; os apóstolos também repousavam neste dia. Notemos: "E as mulheres que tinham vindo com Êle da Galiléia, seguiram também e viram o sepulcro, e como foi pôsto o Seu corpo. E, voltando elas, prepararam especiarias e unguentos; e no sábado repousaram conforme o mandamento".[1]) Estas mulheres faziam parte do grupo de discípulos de Jesus. E, como repousavam elas e os apóstolos, naquele sábado em que Jesus jazia no sepulcro? A resposta é indubitável: "E no sábado repousaram, conforme o mandamento". Perguntamos: Aboliu Jesus, em Seu ministério, o sábado do sétimo dia? Jamais; se Êle tivesse feito isso, as mulheres e bem assim os apóstolos não estariam descançando no sábado "conforme o mandamento".

Há no Novo Testamento cêrca de sessenta referências ao sábado, e, em todas elas, não encontramos nenhuma palavra em desfavor dêsse dia santificado. Cada vez que êle é referido, por Cristo ou Seus apóstolos, é apresentado de tal maneira a comprovar ter sido mantido como santo repouso semanal para a Igreja Cristã em tôda a sua história até ao fim.[2])

No capítulo quatro do livro aos Hebreus, encontramos dez vêzes a palavra "repouso". Nove vêzes é traduzida do grego *"katapausin",* e uma vez, no versículo nove, de *"sabbattismós".* O apóstodo Paulo emprega *"katapausin"* para referir-se ao "repouso" físico que Israel devia receber na terra da Palestina, o qual não lhe foi dado por Josué. Os versículos oito e nove, rezam: "Porque, se Josué lhes houvesse dado repouso, não falaria depois disso de outro dia. Portanto resta ainda um repouso para o povo de Deus". Note-se a diferença: O repouso que Josué não deu a Israel é *"katapausin"* — repouso físico — e o repouso que "resta ainda... para o povo de Deus, é *"sabbatismós"* — que é repouso do sábado do sétimo dia.

Vemos que o apóstolo usa o repouso do sábado como emblema do repouso físico ou descanso que Deus almeja dar a seus filhos numa terra de paz. Paulo não tomaria o repouso sábatico como símbolo se êle não mais existisse como repouso do povo de Deus no mundo.

Na ilha de Patmos, no ano 94, escreveu S. João: "Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor..."[1]) Como já notamos, o próprio Senhor referira-se ao sábado como o Seu dia particular ou "dia do Senhor". E a última testemunha vivente do Salvador, S. João, ainda dá seu indiscutível testemunho em favor do descanso do sábado como "dia do Senhor", no ano 94.

Além de todo o exposto, que é evidentemente suficiente para qualquer cristão sincero aceitar e guardar o sábado, há ainda sete razões, que são as sete maravilhas do sábado, que têm por objetivo convencer decididamente o homem de seu dever de repousar no sábado do sétimo dia:

1. Sua origem divina. 2. Sua instituição memorativa. 3. Sua bênção e santificação. 4. Sua perpetuidade como concêrto. 5. Sua dádiva ao homem. 6. Seu sinal entre Deus e Seu povo. 7. Sua guarda por Cristo e os apóstolos.

A mensagem do terceiro anjo, especialmente para o derradeiro final da história do mundo, concita o mundo a aceitar a Lei do Decálogo e guardar o sábado do quarto mandamento, ameaçando com a "ira de Deus" a quem ousar desacatar a mensagem do céu dando preferência ao sinal da bêsta que é o domingo. No grande conflito predito na mensagem do terceiro anjo tôda a cristandade estará dividida em dois grupos: Os que estarão selados com o sêlo de Deus — o sábado — e os que terão recebido o sinal da bêsta, o domingo. Agora, enquanto vivemos antes daquele solene tempo decisivo, urge que tomemos posição acertada. Se agora não tomarmos posição definida junto de Deus e da verdade, será mais difícil fazermo-lo ao surgir o grande conflito, que, aliás, não está já muito distante para surgir. Nossa vitória e nosso triunfo serão então assegurados, se em tempo nos decidirmos em guardar os mandamentos de Deus incluso o santo Sábado, e orientarmos nossa vida segundo os ditames do evangelho de Cristo nosso Salvador.

A LEI DE DEUS

SEGUNDO AS SAGRADAS ESCRITURAS

I

Não terás outros deuses diante de mim.

II

Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma do que há em cima no céu, e do que há em baixo na terra, nem do que

há nas águas debaixo na terra. Não adorarás tais coisas, nem lhes prestarás culto: Eu Sou o Senhor teu Deus forte e zeloso, que vinga a iniqüidade dos pais nos filhos, até à terceira e quarta geração daqueles que me odeiam; e que usa de misericórdia até mil *(gerações)* com aquêles que me amam e guardam os meus preceitos.

III

Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente aquêle que tomar em vão o nome do Senhor seu Deus.

IV

Lembra-te de santificar o dia de sábado. Trabalharás durante seis dias e farás *(nêles)* tôdas as tuas obras. O sétimo dia, porém, é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nêle obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu gado, nem o peregrino que está dentro das tuas portas. Porque o Senhor fêz em seis dias o céu e a terra, e o mar, e tudo o que nêles há, e descansou ao sétimo dia; por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou.

V

Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas uma vida dilatada sôbre a terra que o Senhor teu Deus te dará.

VI

Não matarás.

VII

Não cometerás adultério.

VIII

Não furtarás.

IX

Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

X

Não cobiçarás a casa do teu próximo; não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença.

(Versão Católica das Sagradas Escrituras, pelo Padre Matos Soares, com a aprovação da Secretaria de Estado do Vaticano, em 23 de setembro de 1932).

(Êxodo 20:3-17).

"AQUI ESTÃO OS QUE TÊM A FÉ DE JESUS"

Os que guardam os mandamentos de Deus têm a fé de Jesus. Esta é a fé que os justifica depois de terem sido fiéis aos mandamentos de Deus. Disse S. Paulo: "Temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo".1) E' por ela que os Seus fiéis vivem no mundo, "como está escrito: Mas o justo viverá da fé".2) A fé de Jesus é um dom do Seu Espírito,3) "é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem".4) Por meio desta fé "dada aos santos",5) êles se apropriam da "justiça de Cristo" e são feitos vitoriosos com Êle e "participantes da natureza divina, e assim divindade e humanidade são combinadas". Para resumirmos esta grandiosa e única fé, basta que digamos que ela é o "espírito de sacrifício". Na vida de humildade, simplicidade, abnegação, renúncia, consagração e fidelidade de Jesus, deparamos esta sublime fé de sacrifício, a fé dos observadores dos mandamentos de Deus. No Calvário divisamos o Salvador elevando a Sua fé às mais altas culminâncias. Esta é a fé do Seu seguidor. Quem possui tal fé, é Seu discípulo; quem não a possui, não o é.

OS MORTOS BEM-AVENTURADOS

VERSO 13 — *"E ouvi uma voz do céu, que me dizia: Escreve: Bemaventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam".*

Depois do profeta contemplar o terceiro anjo voando pelo meio do céu e ouvi-lo proclamar a sua derradeira mensagem, ouve como remate "uma voz do céu" ordenando-lhe escrever sôbre mortos bem-aventurados. Em primeiro lugar são bem-aventurados os mortos que morrem "no Senhor"; pois não há esperança além-tumulo a não ser que o morto tenha morrido "no Senhor". Em segundo lugar esta mensagem faz alusão a mortos *"que desde agora* morrem no Senhor". *"Desde agora",* quer evidentemente dizer desde quando, ao ser proclamada a advertência final do terceiro anjo, aparecerem os fieis de Deus que guardam os Seus mandamentos. E porque os mortos deste período serão bemaventurados? Evidentemente e por motivos especiais, para não serem envoltos pelos dramáticos acontecimentos finais. Sim, os mortos que *"desde agora* morrem no Senhor" são bem-aventurados por razões especiais: Em primeiro lugar, sensíveis aos sofrimentos angustiantes do tempo de provação, serão levados ao

túmulo, onde aguardarão o Salvador. Em segundo lugar, embora justos e prontos para a trasladação, sobrarão ao número dos 144.000 que serão trasladados vivos — sem passarem pela morte — ao aparecer Jesus. A inspiração assim reza: "muitos serão levados ao sono (à morte) antes do transe de fogo do tempo de angústia vir sobre o mundo".[1])

Os que hão de ressuscitar juntamente com os que condenaram a Jesus são bem-aventurados mortos de todo o tempo da proclamação da mensagem do terceiro anjo. E, com êles, ressuscitarão os que, relacionados com a mensagem final do terceiro anjo, hão de morrer no Senhor no tempo da provação, na doce esperança de logo após verem a Jesus. Êles ressurgirão do túmulo por ocasião do derramamento da sétima praga. Deus quer que todos os componentes da mensagem do "evangelho eterno" restaurada nestes últimos dias — os que morrerem até ao tempo de provação e os que morrerão neste tempo, estejam juntos para o fim que Êle tem em vista.

"Todos os que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo saem do túmulo glorificados, *para ouvirem o concêrto de paz, estabelecido por Deus com os que guardam a Sua lei"*.[2]) Como componentes do povo de Deus ressurgirão do túmulo para serem honrados por Deus, conjuntamente com os vivos justos, ao declarar Êle o Seu "concêrto de paz" com êles.

Suas obras de fé os seguirão como evidência de que ouvirão a voz do Doador da vida e ressurgirão para Sua glória e para Seu reino de amor.

A SEGA DA SEARA DA TERRA

VERSOS 14-16 — *"E olhei, e eis uma nuvem branca, e assentado sôbre a nuvem um semelhante ao Filho do homem, que tinha sobre a sua cabeça uma coroa de ouro, e na Sua mão uma foice aguda. E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sôbre a nuvem: Lança a Tua foice, e sega; é já vinda a hora de segar, porque já a seara da terra está madura. E Aquêle que estava assentado sôbre a nuvem meteu a Sua foice à terra, e a terra foi segada".*

A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

A segunda vinda do Senhor Jesus Cristo colocada nesta profecia em seguida à mensagem final do terceiro anjo, é comprovante de que a última mensagem do terceiro anjo a precede imediatamente. A segunda vinda de Cristo em glória e majestade é a parte culminante do plano da salvação e o desenlace do drama mundial.

Todos os profetas, desde Enoque, "o sétimo depois de Adão", falaram da segunda vinda de Jesus Cristo. O Senhor Jesus mesmo falou muitas vêzes e de muitas maneiras em Seu segundo advento. A mais linda e mais confortante promessa de Sua vinda, deu-na o

Senhor nestas palavras: "Não se turbe o vosso coração: credes em Deus, crêde também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas; se não fôsse assim, Eu vô-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. E, se Eu fôr, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também".[1])

Notemos o amoroso carinho do Salvador envolto nesta sublime promessa: "Não se turbe o vosso coração". Diante da afirmativa de Sua vinda outra vez, não quer que os Seus amados tenham um coração turbado ou ansiado com o que diz respeito às coisas desta vida. Logo Êle os livrará de tôda a tirania dêste mundo de dores e sofrimentos. Êle os aconselha a crerem em Deus e também nÊle, e esperarem com paciência pelo livramento que sem demora lhes trará. Quer levá-los à casa do Pai e apresentá-los como resgatados por Êle para retomarem o lugar de familiares íntimos por tanto tempo fora de casa. Deseja levá-los para Êle mesmo, o que denota o imenso amor que lhes tem dispensado. E, enquanto êles O estão esperando, devem retribuir-Lhe o imenso amor que lhes tem devotado.

Só no Novo Testamento há 318 vêzes a promessa da segunda vinda de Cristo. Entre inúmeras vêzes referidas, afirma S. Paulo que Êle "aparecerá segunda vez, ... aos que O esperam para a salvação".[2]) Sim, os que O esperam devem estar preparando-se acuradamente para a grande trasladação com Êle.[3]) Maravilhoso acontecimento; o mais estupendo da história.

Mas o dia da volta de Cristo será o mais terrível dia para todos quantos recusaram a Sua salvação. Terão de sofrer as amargas consequências.[4]) Os desprezadores da salvação terão naquele dia oportunidade de avaliar quão grande ofensa significa rejeitá-la.

Ao voltar Jesus, não virá às ocultas. Todo o olho humano O verá.[5]) Êle mesmo declarou que Sua vinda será visível no Oriente e no Ocidente.[6])

O dia e a hora da volta de Cristo ninguém sabe. Porém, respondendo a uma solene pergunta dos Seus apóstolos sôbre o tempo da Sua volta, deu-lhes numerosos sinais que a precederiam. No capítulo seis versículos doze e treze temos a referência de vários e importantes eventos precursores do grande dia. E enquanto deparamos os sinais que anunciam Seu breve aparecimento, preparemo-nos para O saudarmos com intenso regozijo e sermos por Êle salvos.[7])

"TINHA SÔBRE A SUA CABEÇA UMA COROA DE OURO"

A coroa de ouro que Lhe dera o Pai forma um flagrante contraste com a de espinhos que Lhe deram os homens, na terra, para zombarem de Sua futura realeza. Êstes mesmos vê-Lo-ão um dia vindo coroado com coroa de ouro e relembrarão pasmados o aviltante ato de O terem coroado com uma coroa de zombaria — de espinhos.

"E NA SUA MÃO UMA FOICE AGUDA"

A foice em Sua mão é simbólica da sega que Ele virá efetuar na Sua seara. Um anjo notifica-O com poderosa voz que a hora de segar chegou porque a seara amadureceu e nada mais resta senão meter a foice. Se Jesus ainda não veio, é porque a Sua seara ainda não está completamente madura.

A sega diz respeito ao trigo. Da terra só interessa a Jesus o trigo, que é emblema dos justos de Sua seara, Sua Igreja. A estes diz respeito a sega que Ele virá realizar. Só os justos constituem para Ele o único cereal espiritual precioso a Seus olhos. Sim, o Salvador logo segará só o bom trigo, simbolizado no trigo natural côr de ouro fino e precioso, para levá-lo a Seu eterno celeiro.

A VINDIMA DA VINHA DA TERRA

VERSOS 17-20 — *"E saiu do templo, que está no céu, outro anjo, o qual também tinha uma foice aguda. E saiu do altar outro anjo, que tinha poder sôbre o fogo, e clamou com grande voz ao que tinha a foice aguda, dizendo: Lança a tua foice aguda e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras. E o anjo meteu a sua foice à terra e vindimou as uvas da vinha da terra, e lançou-as no grande lagar da ira de Deus. E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e Seiscentos estádios".*

AS DUAS CULTURAS DA TERRA

Segundo o Apocalipse, capítulo quatorze e versículos quatorze a vinte, há no mundo duas culturas distintas: A seara do Senhor e a vinha de Satanás. Ao ter cada súdito desta terra decidido seu destino ao lado do Evangelho de Cristo ou contra êle — chegará o fim; a seara do Senhor e a vinha de Satanás estarão simultâneamente maduras. Como o trigo da seara divina será segado, a vindima das uvas da vinha satânica também tomará lugar.

A VINDIMA DA VINHA DE SATANÁS

Não é o Salvador que vai vindimar a vinha de Satanás. A profecia refere que um anjo meterá a sua foice na vinha satânica para vindimá-la. Aos anjos está entregue a execução dos juízos de Deus sôbre a vinha do inimigo do bem.

A FIGURA DO LAGAR

O lagar natural onde as uvas naturais eram expremidas e convertidas em vinho ao tempo da revelação do Apocalipse, é nesta profecia uma vívida figura da destruição dos ímpios como uvas negras da vinha do adversário da justiça.

Na vinha natural, eram as uvas apanhadas e transportadas para fora dela, ao lagar onde eram amontoadas e exprimidas. Porém, nem todas as uvas da vinha eram levadas ao lagar. Boa porção ainda nela ficava que de qualquer modo era consumida.

A figura tomada é indubitável, e os acontecimentos deverão cumpri-la com precisa exatidão. Parte dos ímpios, quais negras uvas, serão tomados para fora da vinha de Satanás, que é êste mundo, e arremessados ao "lagar" que é um lugar à parte embora ainda neste mundo, para serem destruídos. Outra parte dos ímpios, porém, ficará na vinha ou no mundo onde estão, para serem destruídos doutro modo.

Assim era com a vinha e o lagar naturais e assim deverá ser com a vinha e o lagar desta profecia. Do contrário não haveria razão para os símbolos tomados pela inspiração.

QUANDO O "LAGAR" SERÁ PISADO

As uvas naturais eram levadas ao lagar imediatamente após o amadurecimento e logo eram expremidas e convertidas em vinho. O mesmo deve suceder com as uvas da vinha de Satanás. E que a maturação das uvas desta satânica vinha precederá imediatamente à segunda vinda de Cristo, é fora de tôda a dúvida. Portanto, tudo indica que nesta ocasião é que serão expremidas no "lagar".

Outra evidência comprobatória de que a destruição das ímpias uvas no "grande lagar" está ligada à segunda vinda de Cristo, a temos em duas outras profecias evidentes. A primeira, a de Isaías, onde reza enfàticamente que Cristo pisará sozinho o "lagar", esmagando as uvas bravas e salpicando de sangue, com êsse ato, as Suas próprias vestiduras. E a segunda, a do Apocalipse, que é o cumprimento da primeira, apresenta Cristo descendo à terra, em Sua segunda vinda, com uma veste salpicada de sangue, sendo dito que "Êle mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso".[1])

Além de tudo e para maior confirmação do exposto, temos o fato de que a inspiração apresenta a sega do trigo e a vindima das uvas como acontecimentos simultâneos por ocasião da segunda vinda de Cristo ao mundo.

EXÉRCITOS BELICOSOS NO LAGAR

A revelação não deixa lugar a dúvidas. Convence-nos de que a destruição no "grande lagar", trata de ímpios belicosos, em virtude da alusão feita "aos freios dos cavalos" e com isso de cavaleiros montados. Se não se tratasse de guerreiros belicosos, a profecia excluiria completamente a referência "aos freios dos cavalos", bem como à figura do "lagar".

Várias profecias das Sagradas Escrituras afirmam categoricamente que, ao aparecer Cristo segunda vez, o poder bélico das nações será alvo especial de Sua ira.1) O que no mundo mais ofende a Deus e Lhe causa maior repulsa é exatamente o poder belicoso mundial. Indubitàvelmente esta é a classe de uvas bravas da vinha de Satanás que será levada ao lagar" da grande destruição.

O LAGAR FORA DA CIDADE

O vigésimo versículo do Apocalipse catorze declara que "o lagar foi pisado fora da cidade". Compreendemos assim, claramente, que "fora da cidade" está o "lagar" onde serão esmagadas as ímpias uvas da vinha do inimigo. E que cidade é esta?

À cidade mencionada não pode ser a Nova Jerusalém cujo tamanho é de 12.000 estádios de perímetro e os efeitos da destruição, no "lagar", atingirão 1.600 estádios apenas. A única relação que os ímpios terão com a Nova Jerusalém será no fim do milênio, aliás, mil anos depois da segunda vinda de Cristo, uma relação que será de cêrco total da cidade (e não só por 1.600 estádios), estabelecido o qual êles perecerão em tôrno de tôda ela.2) E, note-se bem, não serão êles vindimados da vinha de Satanás e arremessados como uvas bravas aos contornos da majestosa cidade, para serem ali aniquilados como se em seu redor deva estar o "grande lagar da ira de Deus". Para ali, e sòmente no final do milênio, serão conduzidos sob a liderança de Satanás e com a intenção de guerra contra a santa cidade, e não como uvas vindimadas pelos anjos incumbidos da execução dos juízos divinos.

Outro fato saliente que nos leva a crer que a profecia não aponta para a Nova Jerusalém e para o fim do milênio, é que ela alude a cavalos com freios, no lagar. Perguntamos: Haverá cavalos na terra no fim do milênio em posse dos ímpios? Continuarão os irracionais a se multiplicarem durante o milênio sob as caóticas condições em que se tornará a terra ou ressurgirão êles com os ímpios findo o tempo milenar? A cada uma destas perguntas respondemos com um categórico "não".

A cidade, fora da qual estará o "lagar" é a mesma mencionada no mesmo capítulo catorze do Apocalipse, versículo oito — que é Babilônia. Esta Babilônia da profecia do Apocalipse é uma cidade espiritual constituída pelo paganismo e pelo falso e duplo cristianismo. E o "lagar" da profecia deverá estar fora dos territórios de Babilônia, isto é, dos povos e nações que a constituem.

E, o único território fora das possessões de Babilônia que se conhece, é a Palestina, a terra que Deus dera a Seu povo, denominada "terra gloriosa" pelas profecias e "Terra Santa" pelos cristãos, e, portanto "fora de Babilônia".3) É, pois, na Palestina, que deverá estar o "lagar" à espera das uvas bravas da vinha de Satã.

O ARMAGEDON EM EVIDÊNCIA

As ímpias uvas serão lançadas no "grande lagar da ira de Deus". No Apocalipse, capítulo quinze, versículo um, a "ira de Deus" é alusiva às sete pragas no final da história do mundo, exatamente na iminência da segunda vinda de Cristo.[1]) E o único "lagar da ira de Deus" de que temos notícia nos anais das profecias ligadas às sete pragas e à segunda vinda de Cristo, em que exércitos a Êle serão arremessados para a destruição, é o lugar denominado de "Armagedon", a grande e histórica planície da Palestina central, a setenta milhas de Jerusalém. Ali o poderio bélico-humano internacional será esmagado como uva brava da vinha satânica, cujo conflito constitui a sexta praga da "ira de Deus".

SANGUE POR 1.600 ESTÁDIOS

Antes de tudo urge dizer-se que não há nenhum antecedente profético na revelação de que um lagar comum tenha sido tomado como figura do mundo total. No atual estado de distribuição da humanidade no glôbo, é impossível que uma destruição geral repentina em todo êle, cause um imediato e abundante derramamento de sangue num espaço de 1.600 estádios, em algum território, como indicado nesta profecia do "lagar". Isto, pois, exclui tôda a possibilidade de que o "lagar" de nossa consideração seja a totalidade do mundo.

Que o "lagar" não é, em verdade, o mundo total, vemos ainda no fato de que os ímpios aludidos serão nêle lançados para a destruição; pois, se a profecia aludisse ao mundo em geral, seria supérflua a sua categórica expressão: "E lançou-as no grande lagar da ira de Deus".

Outra evidência temos igualmente nesta expressão profética: "E o lagar foi pisado fora da cidade"; que é mais um comprovante de que o "lagar" desta profecia é um lugar à parte no glôbo.

E, notemos outro fato ainda que fortalece o ponto de vista aqui defendido sobre o "lagar". O anjo que ordena ao outro anjo que tinha a foice a vindimar as uvas, "tinha poder sôbre o fogo". Por ocasião da segunda vinda de Cristo não haverá fogo sôbre o mundo em geral. Neste acontecimento os ímpios serão destruídos "pelo resplendor de Sua vinda,[2]) e não por fogo total sôbre o mundo. E, no fim do milênio, o fogo que cairá sôbre o mundo, será sôbre o Diabo, seus anjos e todos os ímpios ressuscitados que estão em tôda a terra incluso os que cercarão a Nova Jerusalém. Nesta ocasião não é que serão vindimados para a destruição; pois durante os mil anos em que jazerão mortos, não estarão, é claro, em processo de maturação como uvas bravas para serem levados ao "grande lagar da ira de Deus".[3]) Além disso, a vindima das uvas trata de ímpios e não de Satanás e seus anjos incluídos, como no final do milênio. Eis novamente com-

provado que o "lagar" da profecia entrará em função imediatamente antes da segunda vinda de Cristo e só pode ser aplicado à reunião bélica da sexta praga no Armagedon.

Os 1.600 estádios correspondem ao perímetro do "lagar ou aos seus contornos. E' o mesmo caso da Nova Jerusalém de 12.000 estádios de perímetro.[1]) Um estádio, medida itinerária antiga, equivalia a 185 metros e 25 centímetros. Assim o perímetro do "grande lagar" alcança cêrca de 300 quilômetros. E tal é, aproximadamente, a extensão perimétrica da grande planície do Armagedon, na Palestina central, que se estende desde o Mediterrâneo ao Jordão e separa as serras do Carmelo e de Samaria das de Galiléia. E' uma planície triangular, estendendo-se do Monte Carmelo, no noroeste, ao Monte Tabor, no oriente, e ao Monte Gilboa ao sul. Tem saída tanto para o ocidente pelo Mediterrâneo como para o oriente por ambos os lados do Monte Tabor, bem como para o norte e sul.

Nenhum outro campo de batalha no mundo foi tão embebido em sangue em tôda a história como a planície do Armagedon e em tão numerosas vêzes. E não é estranho que, na sexta praga, êste campo de batalha venha a ser novamente teatro de derramamento abundante de sangue e se torne o "grande lagar da ira de Deus".

Imaginemos uma área perimétrica de 300 quilômetros embebida em sangue, sangue que chegará, possivelmente nalguns lugares, "até aos freios, dos cavalos". Um dos profetas diz: "Congregarei todas as nações, e as farei descer ao vale de Josafá; e ali com elas entrarei em juízo". "Proclamai isto entre as nações, santificai uma guerra; suscitai os valentes; cheguem-se, subam todos os homens de guerra". "Ajuntai-vos e vinde, todos os povos em redor, e congregai-vos (ó Senhor, faze descer ali os Teus fortes); movam-se as nações, e subam ao vale de Josafá; porque ali me assentarei, para julgar tôdas as nações em redor. Lançai a foice porque já está madura a seara; vinde, descei, porque o lagar está cheio, os vasos dos lagares transbordam; porquanto a sua malícia é grande. Multidões, multidões no vale da decisão! porque o dia do Senhor está perto, no vale da decisão".[2])

Evidentemente êstes textos são uma categórica afirmativa de que Deus irá congregar o poder bélico do mundo, na planície do Armagedon, para juízo. Tão vasto será o número dos ímpios guerreiros que para ali serão conduzidos para a grande matança, que a revelação fala de "multidões, multidões no vale da decisão". E o vale de Josafá é simbólico do vale do Armagedon.

Um outro profeta refere que Deus ajuntará o poderio bélico internacional para derramar sôbre êle a Sua indignação e Sua ira.[3])

Todo o exposto harmoniza-se precisamente. A sexta praga fará a concentração de tropas bélicas no Armagedon e a vindima das uvas fará, igualmente, com que os ímpios beligerantes sejam jogados ao

"grande lagar". Os dois acontecimentos são um e o mesmo, apresentados diferentemente.

MUITO CONCENTRADO EM PEQUENO ESPAÇO

Para alguns, parecerá difícil que a planície do Armagedon possa concentrar tão abundantes multidões guerreiras. Porém, se levarmos em conta a figura do "lagar e os têrmos das profecias que cercam o acontecimento, não veremos dificuldade alguma. No "lagar" as uvas eram amontoadas em grande porção, de modo que, num espaço pequeno, muito era concentrado. Além de tudo, devemos levar em consideração que a profecia trata duma praga, e não podemos apreciá-la por conjecturas preconcebidas em desarmonia com os textos da inspiração. Há o perigo de têrmos idéias estreitas e vãs na apreciação daquilo que Deus considera sumamente importante e tremendo.

Sim, na figura das uvas da Terra, levadas abundantemente ao lagar natural, temos as vastas "multidões", que serão como que amontoadas no Armagedon para serem esmagadas pela ira e indignação do Todo-poderoso, ofendido com o poder bélico deletério do mundo.

Caro leitor, acheguemo-nos ao Salvador. Preparemo-nos urgentemente para enfrentarmos com esperança os dramáticos e tremendos acontecimentos finais da história do mundo. Sejamos o precioso trigo da seara do Senhor, para sermos recolhidos por Seus anjos a Seu eterno celeiro.

CAPÍTULO XV

O TÉRMINO DA DIVINA GRAÇA

INTRODUÇÃO

Êste capítulo encerra dois grandes fatos estreitamente ligados ao plano da salvação de Deus. O primeiro é uma introdução às sete pragas vindouras da ira de Deus, que assinalam o fim da graça divina. O segundo é uma grandiosa visão dos salvos vitoriosos, vistos num glorioso lugar denominado de "mar de vidro".

Embora tão pequenino seja êste capítulo, adverte-nos solenemente quanto ao não distante derramamento dos juízos de Deus, para cujo tempo devemos nos precaver, com a devida urgência. Do outro lado, anima-nos com a maravilhosa esperança da vitória triunfal, em Cristo, sôbre os Seus e nossos inimigos perseguidores e opositores.

OS SETE MENSAGEIROS DA IRA

VERSO 1 — *"E vi outro grande e admirável sinal no céu: sete anjos, que tinham as sete últimas pragas; porque nelas é consumada a ira de Deus".*

UM GRANDE E ADMIRÁVEL SINAL

A cena que se descortina neste versículo é uma das mais majestosas das visões do Apocalipse. As palavras do profeta bem evidenciam a emoção que dêle tomou posse ao declarar ter visto no céu "outro grande e admirável sinal". Um novo grupo de sete anjos surge ante seus olhos videntes. O primeiro grupo, o das sete trombetas, representa os vitoriosos guerreiros de Deus contra Seus inimigos desde Roma até ao fim. O segundo grupo, que é o que agora apreciamos, representa os mensageiros da ira de Deus sôbre Seus inimigos vencidos.

"AS SETE ÚLTIMAS PRAGAS"

Esta expressão torna claro que já outras pragas foram no passado derramadas na terra. Evidentemente o antigo Egito recebeu o impacto direto de dez juízos especiais de Deus — dez tremendas pragas. De modo assombroso relata-nos o livro do Êxodo o décuplo

cataclisma sôbre os obstinados egípcios, especialmente Faraó e seus grandes.[1])

"PORQUE NELAS É CONSUMADA A IRA DE DEUS"

Consumar implica em terminar. Isto faz-nos crer que os juízos de Deus já desde algum tempo estão caindo na terra, vindo depois as sete pragas para completar a ira de Deus sôbre um mundo endoidecido e perverso. Todas as calamidades geológicas, climatológicas e outras de caráter moral e físico por culpa do próprio homem, são agentes de Deus para açoitar o impenitente, desejando acordá-lo do letárgico sono de sua perversão dos mais altos valores morais e de ingratidão para com o céu. "As sete últimas pragas" são a coroa dos juízos de Deus sôbre um mundo que não desejou corresponder aos reclamos amoráveis do celeste e bondoso Pai. Seus juízos são, portanto, justos.

A consumação da ira de Deus nas sete pragas não é uma revelação de ódio de Deus pelos impenitentes pecadores, mas sim a inolvidável manifestação da justiça de Deus sôbre os desprezadores do imenso sacrifício da cruz para remi-los salvando-os para um reino de paz e amor.

O CÂNTICO TRIUNFAL DOS REMIDOS

VERSOS 2-4 — *"E vi um como mar de vidro misturado com fogo; e também os que sairam vitoriosos da bêsta, e da sua imagem e do seu sinal, e do número do seu nome, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus Todo-poderoso! justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos santos. Quem te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o Teu nome? Porque só Tu és santo; por isso tôdas as nações virão, e se prostrarão diante de ti, porque os Teus juízos são manifestos".*

O MAR DE VIDRO

O versículo seis do capítulo quatro diz que o mar de vidro está diante do trono de Deus e que é semelhante ao cristal. Ainda nos diz que continha uma mistura de fogo ou que refletia a glória emanante do trono de Deus. Isto dá-nos uma idéia da maravilha dêste lugar diante do trono de Deus. Realmente não há pena humana capaz de descrever o lugar em linguagem da terra e ainda com as poucas informações da revelação. João mesmo também não achou palavras precisas para descrevê-lo em sua grandiosa maravilha. Só ali estando poder-se-á ter uma visão exata do que seja um mar de cristal misturado com fogo, criado por Deus e refletindo Sua glória.

NO MAR DE VIDRO OS VITORIOSOS DA BÊSTA E SUA IMAGEM

E' desnecessário descrever aqui a besta, sua imagem, seu sinal e o número de seu nome, tudo já descrito no capítulo treze. No mar de vidro, porém, estarão aquêles que sairão vitoriosos destes poderes em conflito que ainda está no futuro, quando o sinal da bêsta fôr imposto sob as mais graves ameaças e a imagem da bêsta fôr já uma realidade.[1]) Comparando as primeiras partes dos capítulos sete e quatorze, concluímos que os que estarão no mar de vidro serão os 144.000; pois na verdade eles são os santos que terão de enfrentar a ira da bêsta e de sua imagem, no derradeiro fim, por recusarem o sinal da bêsta e preferirem o sêlo do Deus vivo!

O CÂNTICO DE MOISÉS

O cântico de Moisés tem a sua razão de ser. Foi cantado pelas hostes de Israel, junto do Mar Vermelho, depois da grande vitória que obtiveram sôbre Faraó e seu exército. "Apenas Jeová lhes trouxera livramento, e para Êle volveram os corações com gratidão e fé. Sua emoção encontrou expressão em cânticos de louvor. O Espírito de Deus repousou sôbre Moisés, e êle dirigiu o povo em uma antífona triunfante de ações de graças, a primeira e uma das mais sublimes que pelo homem são conhecidas". "Este cântico e o grande livramento que êle comemora, produziram uma impressão que nunca se dissiparia da memória do povo hebreu. De século em século era repercutido pelos profetas e cantores de Israel, testificando que Jeová é a força e livramento daqueles que nÊle confiam. Aquele cântico não pertence ao povo judeu únicamente. Êle aponta, no futuro, a destruição de todos os adversários da justiça, e a vitória final do Israel de Deus. O profeta de Patmos vê a multidão vestida de branco, dos que 'sairam vitoriosos', em pé, sôbre o 'mar de vidro misturado com fogo', tendo as 'harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro"'.[2]) No capítulo quinze do livro do Êxodo encontra-se o cântico de Moisés.

O CÂNTICO DO CORDEIRO

Êste glorioso cântico da graça e redenção é descrito na própria profecia. As obras da criação são postas em evidência primária no glorioso cântico, o que testifica que os que o cantarão terão sido fiéis observadores do Sábado do sétimo dia, por onde Deus é reconhecido como Criador de tôdas as coisas do Seu universo. Numa reivindicação solene e jubilosa dos cantores dêste cântico, serão os caminhos de Deus declarados "justos e verdadeiros", pelo que expressarão com isto ter valido a pena peregrinarem na terra pelos santos caminhos, pois reconhecerão que isto lhes valera o prêmio da eterna salvação de Deus.

O sublime cântico finda com tributo de honra e exaltação ao Senhor digno de ser temido e magnificado por Suas obras, por Sua justiça e por Sua santidade, diante de Quem tôdas as nações dos salvos se prostrarão pelos séculos infindos da gloriosa eternidade.

Verdadeiramente, "há um dia bem próximo a surgir sobre nós quando os mistérios de Deus serão visíveis, e todos os Seus caminhos vindicados; quando a justiça, a misericórdia e o amor serão os atributos de Seu trono. Quando a luta terrestre estiver terminada, e todos os santos remidos no lar, nosso primeiro tema será o Cântico de Moisés, o servo de Deus. O segundo tema será o cântico do Cordeiro, o cântico da graça e redenção. Êste hino será mais retumbante, mais elevado e em acordes mais sublimes, a ecoar e reecoar nas cortes celestiais. Assim o cântico da providência de Deus é cantado, ligando as diversas dispensações; porque tudo é agora visto sem qualquer véu entre o legal, o profético e o evangelho. A história da igreja redimida no céu tudo se centraliza em tôrno da cruz do Calvário. Êste é o tema, este é o cântico — Cristo tudo em todos — em antífonas de louvor ressoando através do céu de milhares e de milhões de milhões e uma inumerável companhia da hoste redimida. Todos se unem neste cântico de Moisés e do Cordeiro. E' um novo cântico, pois jamais foi cantado no céu".[1])

AS SALVAS DA IRA ENTREGUES AOS SETE ANJOS

VERSOS 5-7 — *"E depois disto olhei, e eis que o templo do tabernáculo do testemunho se abriu no céu. E os sete anjos que tinham as sete pragas sairam do templo, vestidos de linho puro e resplandecente, e cingidos com cintos de ouro pelos peitos. E um dos quatro animais deu aos sete anjos sete salvas de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre".*

O templo celeste, abre-se agora não para dar a entender que uma nova mensagem apelativa ou de graça seria proclamada na terra, mas para dar saída aos sete mensageiros angélicos da destruição. Êstes anjos haviam ido ao templo do Todo-poderoso para receber as salvas da sua ira e derramarem-nas sobre as cabeças daqueles que menosprezaram o derradeiro convite da misericórdia dum Deus amoroso e longânimo.

Vestidos com vestes emblemáticas da pureza e da fé, estão preparados para cumprirem a terrível missão a êles confiada. Êstes santos seres, que tantas vêzes procuraram imperceptìvelmente auxiliar os mortais na aquisição da gratuita salvação de Deus, são agora novamente enviados a êles, não mais para renovarem os apelos do céu, mas para sôbre êles arrojarem aquilo que seus próprios atos, voluntariamente, demandaram. De um dos quatro animais, recebem, em taças de fino ouro transbordantes, a "ira de Deus que vive para todo o

sempre", sem a mínima mescla de misericórdia de que era acompanhada em outros tempos. O impenitente pecador terá que sorver, até à última gôta, a ira sem a suavizante esperança de clemência. Mas isto é o quinhão que êle mesmo escolheu. Êle receberá não o que Deus para êle escolheu, porque isto êle decididamente rejeitou, mas aquilo que foi a sua própria escolha em desafio ao amante Pai celeste.

O TÊRMO DA DIVINA GRAÇA

VERSO 8 — *"E o templo encheu-se com o fumo da glória de Deus e do Seu poder; e ninguém podia entrar no templo, até que se consumassem as sete pragas dos sete anjos".*

O FECHAMENTO DA PORTA DA GRAÇA

Antes do derramamento das sete taças da ira de Deus, a misericordiosa porta da divina graça, apontada ao pecador por quase seis milênios, terá que fechar-se para não mais abrir-se. O fato de ninguém mais poder entrar mo templo durante o lançamento das sete pragas, é indicativo de que não haverá mediador em prol do pecador durante o período em que elas serão lançadas na terra; o templo encher-se-á, não mais com o fumo do incenso meritório do incensário do divino Intercessor, mas do "fumo da glória de Deus e do Seu poder", numa indicação de que o Todo-poderoso se satisfez com a obra levada a cabo no templo em favor do contrito pecador, por Seu Filho amado.

Multidões, infelizmente, ficarão do lado de fora como ficaram no tempo de Noé ao vir o dilúvio. A porta da arca salvadora, figura da porta da graça divina, fechou-se sem que as massas percebessem que haviam lavrado o próprio destino.[1])

O QUE É A GRAÇA? COMO TOMAR POSSE DELA?

Estas perguntas surgem como encerramento dêste capítulo, em virtude de que não poucas pessoas desconhecem o que seja a graça, embora creiam que serão salvos por ela. Com frequência e para esquivarem-se a certas responsabilidades impostas pela vida cristã, asseveram que estão agora na dispensação da graça, como se não houvesse graça nos tempos do Velho Testamento, quando tais responsabilidades eram exigidas como indispensáveis. Se na verdade não houvesse graças antes da crucificação de Cristo, os que viveram antes da cruz não poderão ser salvos, pois todos pecaram e o salário do pecado é a morte. Que somos salvos pela graça não há dúvida alguma; e, que a graça não nos excusa de todas as responsabilidades da vida cristã, também não há dúvida.[2])

Mas, afinal, o que é a graça? Muitos dos que dizem ser salvos pela graça, não sabem explicá-la. São Paulo define-nos a graça de modo maravilhoso dizendo: "Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens".[1]) Entendemos, então, que a graça de Deus é o grande plano divino centralizado em Cristo, para salvação de todo pecador perdido. E esta graça, êste grandioso plano da infinita misericórdia é, em outras palavras, o evangelho de Cristo como contido nas Sagradas Escrituras.[2]) Assim graça e evangelho são sinônimos da redenção que há em Cristo Jesus.

Sabendo já o que é a graça, perguntamos: Como podemos apoderar-nos dela? Neste ponto vital nos elucida São Paulo, dizendo: "Pelo qual (por Cristo) também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus".[3]) E, depois de nos apoderarmos da graça pela fé, somos justificados por ela dos nossos pecados: "Porque todos pecaram e destituídos estão na glória de Deus; sento justificados gratuitamente pela graça, pela redenção que há em Cristo Jesus".[4]) Mas, quem poderá, em verdade, ser justificado pela graça através de Cristo? Aqui está a resposta do apóstolo: "Mas os que praticam a lei hão de ser justificados".[5])

Ora, uma vez que é indispensável a fé para nos apossarmos da graça e da observância da lei de Deus para sermos justificados por ela, concluímos que a fé e a lei estão unidas na salvação pela graça, ou que é indispensável harmonizarmos a fé com a lei e esta com aquela, para, somente assim, nos assenhorearmos da graça e da justificação. Aí somos salvos pela graça através da fé que aceita e observa a lei de Deus: "Porque pela graça sois salvos por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus".[6]) "Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei".[7]) Resumindo êste parágrafo, podemos assentar que a pessoa que possui uma fé que a harmonize com a lei de Deus, é, sem contradição alguma, a pessoa capacitada para tomar posse da graça, ser por ela justificada e afinal salvar-se por ela para a vida eterna.

O pecador é perdoado dos seus pecados e justificado pela graça do Salvador, não para continuar a violar a lei, mas para daí em diante viver em harmonia com ela. Diz ainda S. Paulo: "Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça. Pois que? Pecaremos porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? De modo nenhum".[8]) Aqui temos claramente enfatizado que os que estão debaixo da graça divina não pecam contra a lei de Deus, mas vivem em harmonia com a divina lei por estarem debaixo da graça de Deus.

O apóstolo Paulo apela que todos cheguemos "com confiança ao trono da graça".[9]) Disto compreendemos que a existência de um

trono implica na existência de um reino, e, a existência de um reino, implica na existência de uma lei do mesmo reino. Não pode assim existir o reino da graça sem nêle existir a lei, básica da sua justiça para os justificados súditos que nêle vivem perdoados pelo Rei de tal reino — Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim os que querem se eximir da lei de Deus no reino de Sua graça, não sabem realmente o que fazem. Em verdade estão fora do reino da graça.

CAPÍTULO XVI

AS SETE PRAGAS FUTURAS

INTRODUÇÃO

Antes de Deus libertar o Seu povo do cativeiro do velho Egito, fêz com que dez terríveis pragas caíssem sôbre aquêle reino opressor dos Seus escolhidos. De igual maneira, antes do segundo advento de Cristo para redimir seu aflito povo do cativeiro dêste mundo, fará cair sete tremendas pragas sôbre os opressores de Seus eleitos. Elas serão derramadas, sim, sôbre os que tomaram sua decisão com a bêsta, sua imagem e receberam o seu sinal e oprimiram o povo de Deus. Serão o resultado da desobediência aberta aos mandamentos de Deus.

As sete pragas são agora sete luzes vermelhas de advertência à civilização atual, do supremo perigo próximo futuro. Trarão o cunho da ira de Deus, sem mescla de misericórdia, como desfêcho da história duma civilização que O desonra. Serão lançadas na terra exatamente ao fechar-se a porta da salvadora graça. Todo aquêle que as receber é digno delas; pois menosprezou o santo evangelho da graça que o poderia livrar do grande perigo; endureceu o coração com a mensagem de misericórdia e zombou do amante Salvador.

A PRIMEIRA PRAGA

VERSOS 1-2 — *"E ouvi, vinda do templo, uma grande voz, que dizia aos sete anjos: Ide, e derramai sôbre a terra as sete salvas da ira de Deus. E foi o primeiro, e derramou a sua salva sôbre a terra, e fêz-se uma chaga má e maligna nos homens que tinham o sinal da bêsta e que adoravam a sua imagem".*

O TEMPO DO DERRAMAMENTO DAS SETE PRAGAS

O primeiro versículo dêste capítulo e o último do capítulo anterior, convencem de que as sete pragas serão derramadas na terra logo após a conclusão do ministério sacerdotal de Cristo no santuário, ao ter findado a divina graça pelo pecador. A mão misericordiosa que deteve a vingança não poderá mais interceder.

O derramamento destas pragas será aquêle tempo de angústia, sem paralelo na história, predito por Daniel a ocorrer imediatamente antes do segundo advento de Cristo.[1]) Em si mesmas não há nenhuma figura nestas pragas. Elas são inteiramente literais; do con-

trário não haveria razão para serem consideradas como juízos da ira de Deus. E, para derramar o segundo anjo a sua taça ou praga, não depende da suspensão da primeira pelo primeiro anjo. Cada praga perdurará até que as sete sejam derramadas, fato que é comprovado pelo versículo onze que diz que ao receberem a quinta praga, estarão os homens sofrendo ainda as consequências da primeira.

"UMA CHAGA MÁ E MALIGNA"

E' importante salientar que uma praga não é uma epidemia que esteja na alçada da ciência debelar. Não haverá pois quem possa curar aquêle que fôr ferido por esta praga da ira de Deus.

As chagas desta praga são, segundo a palavra original grega, "úlceras malignas", que rebentarão nos corpos humanos. Certa manhã os que serão por ela atingidos, acordarão com dores lancinantes em seus corpos, e verificarão os inchaços das úlceras apodrecendo seus próprios corpos. E' êste o verdadeiro quadro da profecia de Zacarias: "E esta será a praga com que o Senhor ferirá a todos os povos que guerrearam contra Jerusalém: a sua carne será consumida, estando êles de pé, e lhes apodrecerão os olhos nas suas órbitas, e lhes apodrecerá a língua na sua boca".1) Um quadro horrorizante!

Embora não saibamos a natureza real desta praga, possivelmente terá alguma semelhança com a que feriu aos egípcios antes da saída de Israel do cativeiro, "que arrebentava em úlceras nos homens e no gado por tôda a terra do Egito", parecendo uma combinação de "úlceras, eczema e lepra negra" incurável.2) O que é certo é que aquêles que não honrarem a Deus em seus corpos, vê-los-ão consumir-se, apodrecer-se em vida. Desprezaram a verdade para se salvarem e os sinais dos tempos que os advertiam do perigo, e eis por fim o terrível resultado.

A CLASSE A SER ATINGIDA PELA PRIMEIRA PRAGA

A primeira praga terá por alvo uma classe definida de pessoas. Segundo a evidência do texto, são alvos dela os "homens" que têm "o sinal da bêsta" e que adoram "a sua imagem". Como consideramos no capítulo treze, a bêsta é o papismo-romano, a sua imagem é o protestantismo norte-americano, e o sinal da bêsta é o domingo. De maneira que, a primeira praga cairá sôbre a grande maioria do cristianismo que tomou posição junto dos dois poderes apóstatas referidos, optando pelo sinal da bêsta — o domingo — em oposição ao sábado como sinal de Deus. Assim a primeira praga será uma resposta categórica aos pretensos teólogos que, cheios de prevenção e aversão à lei de Deus, ensinam o povo a guardar o domingo, dia não santificado, e a rejeitarem, abertamente, o sinal de

Deus, o sábado do sétimo dia. Êstes senhores do falso púlpito sofrerão a ira total de Deus, sem mescla de misericórdia.

A inspiração fornece-nos um quadro tremendo não só desta como das sete pragas conjuntas. Um dos profetas que viram por antecipação o terrível quadro das pragas, refere o seguinte: "Muitos dos ímpios foram grandemente enraivecidos ao sofrerem os efeitos das pragas. Era uma cena de terrível agonia. Pais reprovaram amargamente seus filhos e filhos a seus pais, irmãos a suas irmãs e irmãs a seus irmãos. Clamores e grandes lamentações eram ouvidos em tôdas as direções: 'Foste tu que me impediste de receber a verdade que me teria salvo desta terrível hora'. O povo dirigiu-se a seus pastôres com amargo ódio e exprobação, dizendo: 'Não nos tendes advertido. Dissestes-nos que todo o mundo seria convertido, e clamastes, paz, paz, para acalmar todo o temor que se levantava. Não nos falastes desta hora; e aquêles que nos advertiram dela declarastes serem fanáticos e homens maus, que nos arruinariam'. Mas vi que os pastôres não escaparam da ira de Deus. Seus sofrimentos eram dez vezes maior do que o de suas congregações". "Os falsos pastôres foram o objetivo assinalado da ira de Jeová. Seus olhos foram consumidos em suas cavidades e suas línguas nas suas bôcas, enquanto permaneciam de pé. Depois dos santos terem sido libertados pela voz de Deus, a multidão dos ímpios voltou sua ira uns contra os outros. A terra parecia estar inundada de sangue, e corpos mortos jaziam de uma a outra extremidade dela".[1])

Todavia, antes da primeira praga cair sôbre o seu alvo, anunciando o fechamento da porta da graça, a mensagem do terceiro anjo terá realizado a sua obra de advertência contra a adoração da bêsta, sua imagem e seu sinal.

A SEGUNDA PRAGA

VERSO 3 — *"E o segundo anjo derramou a sua salva no mar, que se tornou em sangue como de um morto, e morreu no mar tôda a alma vivente".*

Esta segunda praga, que será lançada no mar, redundará numa catástrofe. Tôdas as águas mundiais salgadas, tomar-se-ão em sangue de morto. "E' difícil conceber uma substância mais infecciosa e mortífera que o sangue de um morto". "Logo após a morte o sangue se transforma imediatamente. Os glóbulos sangüíneos desaparecem. O plasma emigra através das paredes dos vasos e penetra nos tecidos. Um pouco de sangue que fica nas veias é escuro, viscoso, tóxico. Fazendo uma incisão nos tecidos, logo depois da morte, escorre um líquido sanguinolento, tóxico, carregado de cadaverina e putrescina, aminas tóxicas, oriundas da decomposição das proteínas". Para dizer-se tudo basta dizer que todos os animais ma-

rinhos morrerão. Por certo um odor pestilento e repugnante inundará a terra levado pelos ventos. A praga egípcia que transformou o Nilo em sangue nos dias de Moisés, fêz com que êsse rio cheirasse mal, já por sua transformação em sangue, já pela mortandade de sua fauna aquática.[1]) Evidentemente todo o tráfego internacional marítimo terá que ficar repentinamente paralizado.

A TERCEIRA PRAGA

VERSOS 4-7 — *"E o terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fonte das águas, e se tornaram em sangue. E ouvi o anjo das águas, que dizia: Justo és Tu, Senhor, que és, e que eras, e santo és, porque julgaste estas coisas. Visto como derramaram o sangue dos santos e dos profetas, também Tu lhes deste o sangue a beber; porque disto são merecedores. E ouvi outro do altar, que dizia: Na verdade, ó Senhor Deus Todo-poderoso, verdadeiros e justos são os Teus juízos".*

Os rios e as fontes das águas são o alvo da terceira praga. Todas as águas tornar-se-ão em sangue de morto. Será isto uma calamidade tremenda. As chagas da primeira praga produzirão uma febre cruel, não havendo água para suavizá-la. Mesmo tôdas as cisternas não conterão água potável, mas apenas "sangue como de um morto". Ainda que cavem poços em seu desespêro, sangue lhes surgirá das veias da terra. Será uma tragédia indescritível.

Os versículos cinco a sete nô-los põem a par do porquê da praga de sangue. Por terem os países do mundo, principalmente os da órbita da bêsta e de sua imagem, derramado o sangue dos santos e dos profetas, lhes será dado sangue a beber: "Terríveis como são êstes castigos, a justiça de Deus é plenamente reivindicada". O anjo das águas aclama a Deus como justo em dar sangue a beber aos matadores dos Seus servos.

Urge, entretanto, a pergunta: Como a última geração derramará sangue dos profetas e dos mortos, pôsto que os santos da última geração não serão mortos embora hajam de ser perseguidos? Embora não derramem realmente o sangue dos santos, contudo decretarão a morte dêles. "Nenhuma geração formulou jamais um propósito mais resoluto de entregar os santos à matança sem descriminação, que o que será traçado em um futuro não distante pela geração atual". "Condenando o povo de Deus à morte, são tão culpados do crime do derramamento de seu sangue como se êste tivesse sido derramado por suas próprias mãos. De modo semelhante declarou Cristo serem os judeus de Seu tempo culpados de todo o sangue dos homens santos que havia sido derramado desde os dias de Abel; pois possuiam o mesmo espírito, e estavam procurando fazer a mesma obra daqueles assassinos dos profetas".[2])[3])

Todos os que se aliarem aos poderes que já derramaram o sangue dos servos de Deus no passado e que procurarão fazê-lo no futuro, serão com êles cúmplices dêste crime — e terão apenas sangue de morto a beber. Nos versículos nove e dez do sexto capítulo, vemos os santos chacinados na Idade Média clamando vingança do sangue que lhes derramaram seus inimigos. Esta praga vingá-los-á.

A QUARTA PRAGA

VERSOS 8-9 — *"E o quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe permitido que abrasasse os homens com fogo. E os homens foram abrasados com grandes calores, e blasfemaram o nome de Deus, que tem poder sôbre estas pragas; e não se arrependeram para lhe darem glória".*

A quarta praga será seguida de consequências as mais dramáticas e terá a faculdade de ainda aumentar as calamidades das anteriores. Já a segunda e a terceira pragas privarão os culpados atingidos da água para suavizar a cruenta febre produzida pelas chagas da primeira praga; mas, a quarta praga ativará ao sumo o tormento desesperador da febre e da sêde. E haverá apenas sangue repugnante "como de um morto", que lhes será dado beber.

Esta quarta praga que levará as massas que desrespeitaram a Deus e Sua lei ao auge do desespêro, será lançada no sol. O astro rei, em lugar dos belos e vitalizantes raios que insidem desde milênios sôbre a natureza inteira, abrasará "os homens com fogo". O sol, adorado na mitologia pagã e mesmo pelo cristianismo apóstata, revoltar-se-á contra seus adoradores, abrazando-os.

A quarta praga não é mais que a Bomba de Hidrogênio. A luz e o calor desprendidos do sol em indizível profusão, é o resultado de desintegração do hidrogênio e sua integração em hélio. Quando a cortina que protege a terra dos efeitos dos raios solares fôr removida pela quarta praga, seguir-se-á então verdadeira devastação, mòrmente nas regiões onde o povo de Deus foi afligido, perseguido e morto pela bêsta, sua imagem e os que lhes emprestaram a espada, a espada assassina.

Os profetas dão um quadro horroroso dos efeitos da quarta praga. Joel pinta um desolador quadro na agricultura e na pecuária sob os efeitos desta praga.[1]) Diante da evidência da devastação e vingança causadas por um Deus irado contra a maldade, diz a profecia que os homens, embora no auge do sofrimento, ainda, mesmo assim, não se arrependerão de suas más obras; ao contrário, não darão glória a Deus, antes dÊle blasfemarão. Com uma diabolesca atitude tal, demonstrarão serem dignos dos juízos de que serão alvos.

Mas aquêles que servem a Deus e não zombam de Seu amor apelativo, poderão dizer naquele tempo confiantes: "À sombra das

Tuas asas me abrigo, até que passem as calamidades".[1]) Sim, haverá refúgio em Deus sòmente para os que já desde agora procuram nÊle se refugiar através de uma sincera e fiel obediência aos reclamos de Sua santa lei e do evangelho de Seu Filho amado. Ao queimar o sol tudo e por isso mesmo não haver mantimento e água, o fiel povo de Deus terá seu pão e sua água garantidos pelo Todo-poderoso.[2])

A QUINTA PRAGA

VERSOS 10-11 — *"E o quinto anjo derramou a sua taça sôbre o trono da bêsta, e o seu reino se fêz tenebroso; e êles mordiam as suas línguas de dor. E por causa das suas dores, e por causa das suas chagas, blasfemaram do Deus do céu; e não se arrependeram das suas obras".*

O objetivo desta quinta praga é o trono da bêsta, trono que não é difícil de identificação. Segundo viemos considerando desde o capítulo treze, a bêsta é infalivelmente o poder papal. E ninguém ignora que o trono da bêsta está no Estado do Vaticano e que êste reduto dentro de Roma é o seu reino. Portanto, a quinta copa da ira de Deus, ao atingir em cheio o trono da bêsta, cobrirá de trevas expessas o seu reino — o Estado do Vaticano.

Por que a quinta praga alvejará diretamente o trono e o reino da bêsta? Em primeiro lugar, porque êste poder apóstata deu de beber às nações "do vinho da ira da sua prostituição", isto é, porque insuflou no mundo um falso sistema religioso cristão e portanto uma falsa salvação inspirada pelos poderes das trevas. Em segundo lugar, porque perseguiu aquêles que, inspirados por Deus, mantiveram erguida a gloriosa tocha da luz do puro evangelho de Jesus Cristo. Ao cair sôbre o seu trono e seu reino a praga de trevas, ficará constatado, mais que nunca, que seu poder pertence ao reino das trevas e está sob o contrôle do príncipe das trevas.

A nona praga que veio ao Egito antigo, foi de trevas densas. "Subitamente repousou sôbre a terra uma escuridão tão densa e negra que parecia 'trevas que se apalpem'. Não sòmente estava o povo despojado de luz, mas a atmosfera era muito opressiva, de maneira que a respiração era difícil. 'Não viu um ao outro, e ninguém se levantou do seu lugar por três dias; mas todos os filhos de Israel tinham luz em suas habitações'".[3])

A praga de trevas que atingiu o Egito foi uma demonstração duma praga que atingiu um reino com o desagrado de Deus. E não será inferior aquela escuridão que logo envolverá o trono e o reino da bêsta-papal. Ao desabar esta praga, os senhores da Sé romana estarão sofrendo ainda as lancinantes dores produzidas pela praga das chagas, mordendo "suas línguas de dor". Contudo, blasfemarão "do Deus do céu", e não se arrependerão "das suas más obras".

Esta atitude que manifestarão para com o Rei do céu, é mais uma evidência incontestável de que pertencem ao império das trevas, do engano, do inimigo de Deus e da verdade de Jesus Cristo. Escapem, pois, apressadamente os povos deste poder que, por êstes juízos é apresentado como enganador, e refugiem-se em Deus para gozarem de Sua proteção naquele tempo terrível.

A SEXTA PRAGA

VERSOS 12-16 — *"E o sexto anjo derramou a sua taça sôbre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do oriente. E da bôca do dragão, e da bôca da besta, e da bôca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs. Porque são espíritos de demônios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-poderoso. Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquêle que vigia, e guarda os seus vestidos, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas. E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedon".*

O RIO EUFRATES COMO SÍMBOLO

O primeiro fator de importância que se descortina nesta copa da sexta praga, é o grande rio Eufrates. Êste rio, que é o mais importante rio da Ásia Ocidental, tem sua origem nas montanhas da Armênia de onde se estende até ao Golfo Pérsico, num percurso aproximado de 2200 quilômetros, e numa largura média de 100 metros.

Nas profecias inspiradas águas representam "povos" e "nações". No sentido geral do mundo ou de nações, o "mar" é tomado como símbolo, como comprovam os textos indicados.[1]) Na referência feita aos domínios da antiga Assíria e de Babilônia sôbre as nações, estas são representadas como muitas águas.[2]) A visão do capítulo sete de Daniel representa pelo mar o teatro do mundo de onde surgiram os quatro grandes impérios da história — Babilônia, Medo-persa, Grécia e Roma.[3]) No que respeita ao poderio papal sôbre as nações, diz a profecia que êste poder surgiu do mar e que sua igreja mundial "está assentada sôbre muitas águas", as quais são "povos, e multidões, e nações, e línguas".[4])

Ainda outras referências bíblicas há que poderiam ser aduzidas como comprovantes de que as nações e povos do glôbo, quando alvos coletivos das profecias divinas, sempre encontraram no "mar" o seu emblema.

Mas o mesmo fato não sucede com um rio quando tomado simbolicamente pela mesma inspiração. Não há um só caso em que a revelação use um rio como figura de nações, de povos ou do mundo em

geral. Ao contrário, um rio é empregado para representar um só povo ou uma só nação. Assim o rio Nilo foi no passado uma figura do Egito.[1]) E também já o Eufrates, nos antigos tempos, fôra um emblema da Assíria em particular.[2])

Diante do exposto, o Eufrates, na profecia da sexta praga, não poderá, sob hipótese alguma, ser simbólico do mundo ou das nações no sentido geral. Pois também é enfático que a profecia localiza o derramamento da sexta praga numa região determinada do glôbo — a do rio Eufrates — e não toma o glôbo total como seu alvo. Se o cumprimento da previsão devesse abranger o mundo em geral, a inspiração jamais tomaria o rio Eufrates como emblema — um rio localizado numa região do mundo e não correndo sôbre o mundo total; — antes servir-se-ia do mar como símbolo. Nisto temos, como veremos adiante, que o rio Eufrates, localizado como símbolo, é figura duma poderosa potência localizada e dominante em sua região. Pois tôda vez que êste rio é tomado pela inspiração como emblema duma potência política, sempre alude a um grande e poderoso poder de sua região.

Além disso, o rio Eufrates, desde remotos tempos, tem sido tomado como ponto de partida dos juízos de Deus, a cargo do poder de sua região sôbre e em determinada região da terra. E é exatamehte a isto, aludindo ao fim ou à sexta praga, que Jeremias faz referência nas seguintes palavras: "Porque êste dia é o dia do Senhor Jeová dos Exércitos, dia de vingança para se vingar dos Seus adversários: e a espada devorará, e fartar-se-á, e embriagar-se-á com o sangue dêles; porque o Senhor Jeová dos Exércitos tem um sacrifício na terra do norte, junto ao rio Eufrates".[3])

O SECAMENTO SIMBÓLICO DO RIO EUFRATES

Segundo os têrmos da profecia, a sexta praga deverá secar o rio Eufrates "para que se preparasse o caminho dos reis do oriente". Disto, evidencia-se que os "reis do oriente", com seus aguerridos exércitos, deverão transpor a região do rio Eufrates sem encontrar obstáculos. Porém, o secamento dêste rio, segundo esta previsão, não pode ser literal. Os exércitos modernos atravessam hoje rios bem mais largos que o Eufrates e mesmo oceanos e mares bravios de milhares de milhas de distância, sem a mínima dificuldade. Seria necessário secar o rio Eufrates, literalmente, para o atravessarem os reis do oriente, com suas tropas? Já não o atravessaram numerosos exércitos no passado, sem a necessidade de secarem-se suas águas? Dada a veracidade do seu secamento literal, seria imprescindível que também se secasse o rio Tigre que, nascendo também nas montanhas da Armênia, segue todo o seu curso quase paralelamente com o Eufrates e à curta distância dêste, até juntarem-se próximo do Golfo Pérsico. Se o rio Eufrates constitui uma barreira para a travessia dos exércitos orientais, o rio Tigre por certo o constituirá tam-

bém e deveria igualmente desaparecer, secando-se. Mas a profecia nada fala do rio Tigre. Portanto, não se trata do secamento literal do Eufrates, e mòrmente também porque a revelação não declara que a sexta praga será lançada nas fontes que alimentam êste rio, mas nêle mesmo; se as fontes dum rio não se secarem, é evidente que êle não poderá secar-se. Doutro lado, já na quarta praga, todos os rios secar-se-ão, como enfatiza o profeta Joel, referindo-se à quarta praga que será lançada no sol que tudo então abrasará.[1])

Também o secamento simbólico do rio Eufrates não pode significar o secamento total das nações ou o aniquilamento delas na sexta praga, visto que em primeiro lugar isto estaria em desarmonia quanto ao emprego simbólico dum rio pela inspiração e porque, em segundo lugar, seria supérflua a sétima praga, que visa aniquilar o mundo total, principalmente os três poderes que fomentarão a guerra do Armagedon. O secamento do rio Eufrates visa preparar um caminho para tropas bélicas orientais em marcha e não o aniquilamento das nações totais do glôbo.

Dada a impossibilidade do rio Eufrates, em si mesmo, deter os reis do oriente e seus exércitos, êste rio deve ser simbólico, como vimos, de um grande poder bélico de sua região que seria capaz de fazer frente à investida dos orientais na sexta praga, e, por isso, êste poder deveria abandonar os territórios do rio Eufrates. E na verdade há um grande e único poder de vulto da história do rio Eufrates que dominou e ainda domina nos territórios adjacentes a êste rio, e que, pôsto que já tenha perdido grande parte de seu domínio em tôrno dêste rio, domina ainda nas suas fontes abastecedoras. E êste poder é a Turquia.

Como ao secar-se as fontes de um rio, êle terá que desaparecer como obstáculo, de igual modo, para que o govêrno e o poderio da Turquia não constituam obstáculo à marcha "dos reis do oriente", na região do Eufrates, terão êles que abandonar o atual território dominado pelos turcos, e bem assim as cabeceiras do rio Eufrates. Então terá a Turquia deixado tôda a região do rio Eufrates, e, simbolicamente, terá então o Eufrates se secado. E, o que é extraordinàriamente notável em relação com a Turquia, é que a última vez que a voz da profecia tomou o rio Eufrates como símbolo, foi para apontar esta potência, ali localizada, no que respeita a acontecimentos internacionais ligados ao fim da civilização. Veja-se sobre isto a sexta trombeta no capítulo nove do Apocalipse.

E' precisamente isto o que diz da Turquia a profecia de Daniel referente ao derradeiro fim, aliás, ao tempo da sexta praga. Vejamos: "Mas os rumores do oriente e do norte o espantarão; e sairá com grande furor, para destruir e extirpar a muitos. E armará as tendas de seu palácio entre o mar grande e o monte santo e glorioso; mas virá o seu fim, e não haverá quem o socorra".[2]) Que esta profecia sobre a Turquia está ligada ao período das sete pragas e

à segunda vinda de Cristo, como o está o Armagedon, é enfatizado pelo profeta no primeiro versículo do capítulo doze, aludindo aos dois últimos do capítulo anterior, referentes ao abandono de Constantinopla pelo govêrno turco para instalar-se na Palestina.

A razão por que o govêrno turco abandonará a sua atual sede, será o fato de "naquele tempo" ver-se insustentável em sua posição ao avanço dos "reis do oriente" e os "rumores do norte". Um dos objetivos imaginários da investida dos orientais será infalivelmente Constantinopla, o baluarte cobiçado desde os antigos tempos. "Quando Napoleão e o Czar Alexandre se encontraram em Tilsit para dividirem o mundo entre si, Alexandre disse a Napoleão, segundo se afirma: 'Dê-nos ou tome-nos o que quiser, porém, dê-nos Constantinopla. Meu povo está preparado a fazer qualquer sacrifício por Constantinopla'. Napoleão estêve inclinado algum tempo sôbre o mapa, e logo, endireitando-se com resolução repentina, contestou: 'Constantinopla! Nunca! Significa o domínio do mundo...[1])

Orientais e ocidentais têm desde muito cobiçado apoderarem-se de Constantinopla por julgarem-na ser um dos baluartes chaves para o domínio do mundo. O receio, porém, duma guerra mundial inevitável na realização desta conquista, tem demorado a decisão de ambas as partes.

Não percamos de vista o fado de que, como enfatiza a profecia, os "rumores do oriente" e do "norte", relacionados evidentemente com a sexta praga, espantarão de tal modo a Turquia, que o govêrno turco, vendo-se insustentável em sua atual sede, tranferir-se-á para o "monte santo e glorioso", isto é, para Jerusalém. Mas mesmo ali não encontrará segurança; pois reza a profecia de Daniel que virá o seu inexorável fim sem que haja "quem o socorra". Assim notamos que a profecia de Daniel confirma que o secamento simbólico do rio Eufrates, cumprir-se-á definitivamente no abandono do govêrno turco de sua atual posição geográfica, por ocasião da sexta praga, e, por conseguinte, quando não mais houver govêrno e poderio bélico da Turquia nos territórios que agora ocupa e bem assim nas fontes nascentes do rio Eufrates.

Desde o alvorecer do século XIX aos nossos dias, numerosos expositores das profecias do Apocalipse vêem na Turquia o poder simbolizado pelo rio Eufrates, no lançamento da sexta praga. Dentre os notáveis intérpretes que a êste ponto de vista se apegaram, salientam-se os seguintes: G. S. Tober (1804), Andrew Fuller (1810), Captain Maitland (1813), Archibald Mason (1820), John Try (1822), E. T. Vaughan (1828), James A. Begg (1831), Edward N. Hoare (1830), James Leslie (1831), William Throp (1831), John Cox (1832), Charlotte Elizabeth (1840), John Cuming (1843), Edward B. Elliot (1844), Joseph Baylee (1845). E ainda outros mais notáveis, entre os quais: José Bates, James White, John N. Loughborough, S. N. Haskel, Goodloe H. Bell, Uriah Smith.

"OS REIS DO ORIENTE" EM MARCHA

A propósito da futura marcha dos reis do oriente na direção do rio Eufrates, recordamos as terríveis investidas de Gensis-Khan e Tamerlão sobre o ocidente da Ásia, com poderosos exércitos, até atingirem as portas dos Balcãs, tudo submetendo pelo caminho. Lembremo-nos dos próprios turcos que aportaram da Ásia Oriental e destruiram o império romano na Ásia Ocidental. E, no lançamento da sexta praga, o Oriente estará novamente em marcha para o Ocidente. Ao referir-se a revelação à marcha dos "reis do Oriente", refere-se aos exércitos das nações orientais. China, Japão, Índia e outros povos que estiveram como que adormecidos até bem poucos anos, estão despertando da letargia política e procurando impor-se ao mundo. Uma verdadeira efervescência é deparada em tôda Ásia Oriental, especialmente, no extremo oriente. As nações orientais estão progressivamente se arregimentando sob uma única bandeira que tem por alvo a conquista dum baluarte inexpugnável para o domínio do mundo. E no Ocidente, as nações, conscientes da determinação dos orientais, preparam-se febrilmente para enfrentar a borrasca.

"GOG" EM MARCHA PARA O ARMAGEDON

Urge dizer-se, inicialmente, que "Gog", mencionado ùnicamente nas profecias de Ezequiel e do Apocalipse, é mais uma figura dum poder político de influências mundiais do que propriamente um povo. Nas profecias citadas não se encontra um só texto que apresente "Gog" como um personagem ou mesmo uma nação ou povo, e muito menos como um descendente dos filhos de Noé que povoaram o mundo depois do dilúvio. Ezequiel, porém, revela "Gog" como um grande e influente poder político internacional, indubitàvelmente de nossa geração, poderosamente belicoso, embora se escude em um povo distinto.

A análise de Ezequiel capítulos trinta e oito e trinta e nove, diz-nos tudo quanto concerne a "Gog", na política, bem como a seus grandes aliados em marcha conjunta para a batalha do Armagedon.

"GOG" EM EZEQUIEL CAPÍTULOS TRINTA E OITO E TRINTA E NOVE

1. Deus é contra "Gog". Isto prova que êle deve designar um poder que exclui determinada e voluntàriamente a Deus. Portanto, deve haver hoje no mundo um tal poder político e de influências mundiais, sem o que a profecia não poderá cumprir-se.

2. "Gog" é lider na "terra de Magog". Magog era um dos descendentes de Jafé e ancestral dum numeroso povo guerreiro. E seu povo e sua terra são bem evidenciados nas narrativas dos antigos

historiadores. "Há uma inscrição de cêrca de 650 A. C., de Assurbanipal, rei da Assíria, na qual ocorrem as palavras, Sariti e Payiza, filhos de Gog, um chefe dos Saka; e Saka eram os citas.

"Os citas, portanto, que habitavam a vasta região ao norte do Mar Cáspio, e que expulsaram os Cimerianos e tomaram possessão de seu país, eram o povo de Magog. Sabe-se por alguns dos sucessores de Alexandre, o Grande, que havia uma muralha edificada, chamada a muralha caucásia, que se estendia da praia Ocidental do Mar Cáspio em Derbend, quase até à praia oriental do Mar Negro. Esta muralha foi edificada como uma defesa contra as incursões das hordas citas, e é ainda chamada 'a muralha de Gog e Magog'.

"Das narrativas achadas entre os árabes e persas, e sírios, ... aprendemos que êles entendiam sob a designação YAJUJ e MAJUJ todos os menos conhecidos povos bárbaros do nordeste e noroeste da Ásia.

"Da multidão de povos que habitavam nestas regiões sem fronteiras, os principais no tempo de Herôdoto eram três distintos corpos de Citas, propriamente assim chamados:

"Primeiro — haviam os 'Citas Cultivadores', que possuíam o país regado pelo Dinieper — a Ukrânia — do qual os cimerianos haviam sido desapossados.

"Segundo — o Nômade ou 'citas errantes', que nem aravam nem semeavam.

"Terceiro — os 'Citas Reais', a maior e a mais brava das tribos citas, que liderava tôdas as outras tribos na qualidade de escravas. Êstes eram dos mesmos habitantes como os Citas Nômades. Seu principal assento estava entre o Dinieper e o Don.

"Além destas, havia a quarta divisão, composta de tribos que se tinham revoltado dos Citas Reais, e habitavam nas nascentes orientais do Volga. Na verdade, a região das montanhas do Altai estava cerca do centro, do Oriente ao Ocidente, do vasto povo de Magog; porque êles se estendiam da Europa ao Oceano Pacífico.

"Das principais divisões das raças que se originaram dêstes, podemos nomear ao menos nove:

"1. Os antigos *Mongóis* ou mongolianos, donde vêm os chineses os indo-chineses, os siameses, anameses; os burmeses, cambodianos, os tibetanos, os japoneses, e os aborígenes do norte e sul da América, do Alasca à Patagônia.

"2. Os *malaios,* que têm povoado a península malaia, o malai, ou arquipélago indiano Oriental, Madagáscar, e a maior porção das ilhas do Oceano Pacífico.

"3. Os *hunos*, cuja 'antiga e talvez original morada' estava no país agora chamado Mongólia, imediatamente ao norte da China.

"4. Os modernos *mongóis,* os mongulos, que, sob Jenghis Kan, ou Zingis Khan, e seus filhos, 1162-1241, A. D., estabeleceram seu império do mar da China às bordas do Morávia.

"5. Os *Tártaros,* que, sob o nome de Sienpi, desbarataram o poder dos hunos em 93 A. D.

"6. Os *Turcos,* Turkmans, ou Turcomanos, que a princípio da era cristã emigraram da Ásia central ao noroeste cêrca dos mares Cáspio e Aral.

"7. Os *Finns* que em cinco grupos povoaram os seguintes países: a) Os Finns propriamente dito, na Finlândia e as províncias do Báltico, Estônia, Livônia, e Courland; b) os Lapps, em Lapland e partes do norte da Suécia e Noruega; c) os Finns Permianos, na parte setentrional habitável da própria Rússia; d) os Finns do Volga ou ambas as margens, e os afluentes do Volga superior; e) Ugrian Finns, entre as montanhas do Ural e o rio Yenisei acima de 59 graus de latitude norte.

"8. Os *Sarmatas,* que originaram dos Citas Reais, e que nos dias de Herôdoto habitavam o oriente do Don.

"9. Os *Partos,* que deram nome ao país da Pártia, na Ásia Central".[1])

Depois desta extensa narrativa podemos ter uma irdéia do imenso território de Magog e seus numerosos descendentes, muitos dos quais existem hoje.

Em outras palavras, parte da Europa e grande parte da Ásia constituía o assento original de Magog como um povo. E é nesta imensa região que "Gog" é apontado na profecia de Ezequiel como chefe (orientador político, é claro) e como príncipe ou lider poderoso.

E quem ignorar "Gog" como se tratando do atual regime político socialista líder da Ásia, ignora tudo nesta questão. Pois na antiga terra de Magog só há, em verdade, um único poder lider, o qual não ignoramos.

3. "Gog" é "príncipe e chefe de Mesech e de Tubal": — Êstes dois aliados de "Gog" são mencionados juntos na Bíblia. "A terra dc Musku, que é Mesech, estava nas montanhas ao norte da Assíria e limitada com Tabal, que é Tubal, no Oeste. — Êles gradualmente foram avançando para o norte, para perto do Mar Negro. Herôdoto chama as duas raças de a Moschoi e a Tibarenoi, e localiza-as nas montanhas s. e. do Mar Negro.[2])

Mesech e Tubal são muitas vezes mencionados nas inscrições assírias como "Mushku e Babal".

"O país de Mesech — o Moschoi — era a Capadócia, Colchis e Armênia... Ali os *moschi* tornaram-se conhecidos como *moskovs* e

então moscovites, que edificaram Moscow e ainda dão nome à Rússia".[1])

Resumindo, concluímos que os dois povos — Mesech e Tubal — sempre mencionados conjuntamente na Bíblia e na História, como visinhos de fronteira, — o primeiro a leste e o segundo a oeste — e sendo que Mesech é indubitavelmente comprovado como sendo a Rússia, Tubal deve representar a Hungria, não só por estar a oeste da Rússia como também jazer como esta na terra de Magog e ser igualmente um apreciável poder, bem como não pertencer à corrente slava a que pertencem os demais povos da Europa Oriental.

4. "Gog" surgirá "do norte" em marcha para o Armagedon": — A profecia de Ezequiel acrescenta que "Gog" virá "das bandas do norte", com seus muitos aliados à terra de Israel. E Daniel, o profeta, declara que o govêrno turco, a êsse tempo, que é o tempo de angústia — o tempo das sete pragas — como já vimos, se espantará dos "rumores do Norte e do Oriente", e ver-se-á insustentável em sua atual sede ao avanço de "Gog" e suas tropas e dos "reis do oriente", sendo obrigado a retirar-se para a "Terra de Israel" e instalar-se em Jerusalém.[2])

Estas profecias de Ezequiel e Daniel citadas, comprovam dois fatos irrecusáveis: 1.) Que "Gog" domina atualmente ao norte da Turquia; 2.) e que todos êstes sucessos estão ligados às sete pragas, das quais a sexta é o Armagedon, para onde convirgirão os "reis do oriente" e "Gog", com seus aliados, do Norte.

5. "Gog" aniquilado no Armagedon: — A profecia contra "Gog" declara que Deus o levará à "Terra de Israel" "no fim dos dias", com numeroso exército composto de aliados seus: — Messech (Rússia), Tubal (Húngria), persas, etíopes, put ou púteos (líbios, que antigamente possuiam todo o norte da África), Gomer (europeus ocidentais), Togarma (armênios) e provàvelmente outros. E, ali em Israel, declara o Senhor Deus, "contenderei com êle (Gog) por meio da peste e do sangue; e uma chuva inundante, e grandes pedras de saraiva, fogo, e enxofre farei cair sôbre êle, e sôbre as suas tropas, e sôbre os muitos povos que estiverem com êle".[3]) Eis uma imagem vívida do Armagedon e do aniquilamento de "Gog" e seus aliados na planície dêste nome.

6. "Gog" sepultado em Israel: — "Gog" e a multidão de seu exército aliado serão sepultados "em Israel, no vale dos que passam ao oriente do mar".[4]) Êste vale é a vasta planície de Armagedon de que temos falado amplamente. Então acrescenta Ezequiel, como também São João, tomará lugar a ceia das aves — para comerem a carne dos guerreiros esmagados no Armagedon pelo furor da "ira de Deus".[5]) Aqui temos inquestionàvelmente o fim desfechado pela sétima praga e a segunda vinda de Cristo.

OS TRÊS PODERES QUE PREPARARÃO O GRANDE CHOQUE

As agências que na sexta praga prepararão o grande choque, no Armagedon, são evidentes na profecia: O Dragão, a Bêsta e o Falso Profeta. O Dragão, que era emblema do antigo paganismo romano conquistador, que excluía o verdadeiro Deus para adorar a natureza e suas forças, deve representar hoje um paganismo idêntico, e tudo deixa transparecer que o atual poder político líder da Ásia pagã reune todas as características proféticas do Dragão em nossa época. A Bêsta, como já ficou bem esclarecido no capítulo treze, é figura do papado sob a liderança da Sé de Roma. E, o Falso Profeta, como revelado também no capítulo treze, é emblema dos Estados Unidos sob a insinuação do protestantismo-estadunidense. Estas três potências são poderes reconhecidamente mundiais tanto no que respeita à influência político-religiosa como no sentido de súditos entre todas as nações do glôbo. E quem ousará dizer que o mundo não está já dividido entre estas três influências!

Êstes fatos, exarados com evidência na profecia da sexta praga, descem a hipócrita máscara das potências nela referidas. Enquanto o mundo as exalta ao sumo, Deus as vê como Seus inimigos e as conclama para desbaratá-las conjuntamente. O novo mundo de Cristo ficará livre da farsa duma política corrutora que só objetiva infortúnios e desgraças à civilização. Desde agora urge alegrarmo-nos com santo regozijo pela intervenção do céu neste caos mundial forjado por êstes poderes. Oremos para que aquêle dia indicado nas profecias se apresse para trazer-nos a liberdade, libertando-nos da opressão dos homens sem Deus.

OS DEMÔNIOS EM ATIVIDADES

"E da bôca do Dragão, e da bôca da Bêsta, e da bôca do Falso Profeta", diz o vidente ter visto sair três "espíritos de demônios que fazem prodígios", os quais irão incitar "os reis de todo o mundo, para os congregar para a batalha naquele grande dia do Deus Todo-poderoso". Sob o controle dos demônios, pois, influirão os três poderes citados, através duma política mundial verdadeiramente demoníaca, nos governantes das nações para levá-las com seus exércitos à horrível matança predita, no Armagedon. Os demônios lhes têm inspirado uma política mundial que nada mais é que um coaxar desconexo e confuso de rãs que gritam à aproximação dum temporal, apenas emitindo sons aborrecíveis. As condições internacionais recalcitrantes, exprimidas como que por êsses cânticos de rãs, são inspiradas pelos demônios que estão preparando o mundo bélico para o maior conflito da história.

Estadistas de renome têm reconhecido que os demônios incitam a desordem e a guerra através dos líderes do mundo. Sir Eduardo

Grey declarou na Câmara dos Comuns: "E' realmente como se na atmosfera do mundo obrasse alguma influência maligna, que perturba e excita a cada uma de suas partes". E Ramsay MacDonald, ex-primeiro ministro da Grã Bretanha, disse: "Parecia que estavam todos enfeitiçados, ou que obravam sob alguma condenação a êles imposta pelos demônios... Os povos começaram a sentir que havia algo demoníaco nas operações que se realizam para acrescentar os exércitos, as marinhas e as fôrças aéreas".[1]) Assim se os estadistas crêem na operação dos demônios na política mundial, não deveríamos nós crer, quando a profecia assevera que os poderes figurados pelo Dragão, a Bêsta e o Falso Profeta, serão especialmente guiados por "espíritos de demônios" para forjarem o grande conflito da sexta praga?

"EIS QUE VENHO COMO LADRÃO"

Em meio à profecia da sexta praga, o Senhor Jesus abre um parênteses para fazer uma solene comunicação a Seu povo. Quando Seus escolhidos depararem os exércitos do mundo em marcha para o encontro fatal com o Todo-poderoso, no Armagedon, devem saber que Sua vinda está às portas. Virá Jesus como o ladrão, à hora inesperada, embora os acontecimentos da sexta praga revelem a proximidade do grande acontecimento. Os verdadeiros crentes devem estar alerta. O Novo Testamento contém várias advertências de sua vinda como um ladrão.[2])

São os crentes assim aconselhados a vigiarem a segunda vinda de Cristo. O vigiar Sua vinda implica em guardarem "os seus vestidos" que, sem dúvida, devem ser os de seu Mestre; porque só as Suas santas vestes de divina justiça poderão neutralizar neles o pecado e as suas vergonhosas consequências. Não é, pois, tempo para dormirem espiritualmente, mas estarem no pôsto da vigilância de seus deveres cristãos.

"E OS CONGREGARAM NO LUGAR QUE EM HEBREU SE CHAMA ARMAGEDON"

Sob esta epígrafe há vários fatôres que devemos considerar para apreciarmos devidamente todos os detalhes nela contidos e certificarmo-nos da verdade sôbre o grande conflito que logo envolverá o poder bélico do mundo:

1. *O terror da iminência do Armagedon:* — Há anos atrás o têrmo Armagedon era empregado apenas por clérigos e raramente ouvido. Hoje, os jornalistas, impressionados com os acontecimentos mundiais, fazem, constantemente, menção do têrmo. Estadistas e líderes militares internacionais estão aterrados com a possibilidade

da vinda imediata do Armagedon. Porém, têm êles idéias próprias sôbre esta tremenda catástrofe futura. O general Douglas Mac-Artur, por exemplo, disse: "Se não encontrarmos algum sistema melhor e mais equitativo, o Armagedon estará às nossas portas".

2. *A realidade sôbre o têrmo "Armagedon":* — Êste têrmo alude a um lugar tão real como qualquer outro geogràficamente localizado. "Êste têrmo dá-se à grande planície da Palestina central que se estende desde o Mediterrâneo até ao Jordão, e separa as serras do Carmelo e de Samária das da Galiléia... E' a antiga planície de Megido, o Armagedon do Apocalipse".[1]) "Megido era a chave militar da Síria; dominava tanto a estrada para o Norte, que se dirigia para a Fenícia e Cale-Síria como a estrada que cruzava a Galiléia e se dirigia a Damasco e ao vale do Eufrates. Era além disto, a sede de um distrito fertilíssimo, cuja posse fora disputada por muitas raças. O vale de Kishon e a região de Megido eram inevitáveis campos de batalhas. Durante toda a história se decidiram lá muitas das grandes lutas do sul do ocidente da Ásia. Por tais fatos, esta região adquiriu uma triste reputação, pois era considerada como sendo um lugar predestinado a lutas e derramamento de sangue. E o profeta do Apocalipse a revestiu de espanto, como o local do conflito final entre as forças do bem e as do mal".[2])

"Na tradução grega, antiga, do Velho Testamento, conhecida por septuaginta, ou dos setenta, se encontra a *'planície de Magedon'*, que nas traduções latinas figura como *campus Mageddon,* isto é: 'Campo de Megido'". Segundo alguns autores, o nome "Armagedon" denomina a colina de Megido, por cuja razão se escreve Ar-magedon ou Armagedon".[3])

O Armagedon é uma planície triangular, estendendo-se do Monte Carmelo no noroeste ao Monte Tabor no oriente e ao monte Gilboa ao sul. Tem saída tanto para o Ocidente pelo Mediterrâneo como para o Oriente por ambos os lados do Monte Tabor. Êste lugar tornou-se conhecido como o "vale da matança" ou "vale da decisão", e não é estranho que esteja em preeminência nos finais eventos da história humana.

3. *A significação do têrmo "congregaram-se:* — O têrmo grego *"SUNAGO"* — congregar conjuntamente — exclui a idéia de que o Armagedon não seja um lugar específico no glôbo. Pois, congregar os reis do mundo num lugar, não significa deixá-los onde agora estão.

Várias traduções bíblicas dizem que "Êle", aludindo a Cristo, mencionado no versículo quinze, é quem reunirá as fôrças dos três poderes no "lugar" chamado Armagedon, para dar-lhes o que merecem. Um dos profetas do Velho Testamento, confirmando isto, diz: "Porque o Meu juízo é ajuntar as nações e congregar os reinos, para sôbre êles derramar a minha indignação, e todo o ardor da minha ira".[4]) Confirmando isto, diz outro profeta:

"Proclamai isto entre as nações, santificai uma guerra; suscitai os valentes; cheguem-se, subam todos os homens de guerra. Forjai espada das vossas enchadas, e lanças das vossas foices: diga o fraco: Eu sou forte. Ajuntai-vos, e vinde, todos os povos em redor, e, congregai-vos (ó Senhor, faze descer ali os Teus fortes!); Movam-se as nações, e subam ao vale de Josafá; porque ali me assentarei, para julgar todas as nações em redor. Lançai a foice, porque já está madura a seara: vinde, descei, porque o lagar está cheio, os vasos dos lagares trasbordam; porquanto a sua malícia é grande. Multidões, multidões no vale da decisão! porque o dia do Senhor está perto, no vale da decisão".[1])

Os textos do profeta Joel falam do Armagedon como uma guerra santa. Guerra santa não só porque seus promotores serão poderes religiosos e ela será vibrada na Terra Santa, mas também porque Deus intervirá — pois dÊle será esta batalha — "para julgar tôdas as nações em redor". Ali no "vale de Josafá", que alude ao "vale de Magedon", a 70 milhas de Jerusalém, será o "vale da decisão" em que multidões de exércitos serão esmagados como resultado da rejeição do govêrno de Deus e Sua lei. Será o desfecho inevitável da rebelião do homem contra Seu Criador. E' a sétima praga que dará o tremendo golpe final nas multidões belicosas reunidas no Armagedon.

4. *A significação do vocábulo "lugar":* — Outra evidência de que o termo "Armagedon" é um "lugar" no globo, como vimos, e não êle próprio, depreende-se do vocábulo grego *"TOPOS"* — lugar. No Novo Testamento há 86 vêzes referência a êste vocábulo, e, em tôdas elas, êle designa um "lugar" determinado no planêta e não o planêta mesmo. Ao congregarem-se os exércitos do Oriente e do Ocidente — no lugar que em hebreu se chama Armagedon — o farão num "lugar" do globo, aliás, determinado pela profecia. Isto aniquila a suposição de que o rio Eufrates represente o mundo e o Armagedon um conflito de extensão mundial quanto ao derramamento de sangue. Pois tôdas as profecias que rodeiam o grande conflito, não deixam dúvida de que haverá uma só batalha — Deus contra os exércitos reunidos — e que esta será no "lugar" denominado Armagedon, e não noutro qualquer lugar.

5. *O vocábulo "Armagedon" em relação com o idioma hebraico"* — O termo "Armagedon" é um têrmo próprio do idioma hebraico, e era um local conhecido por êsse nome ao tempo da revelação do Apocalipse. E onde poderia ser conhecido um lugar chamado Armagedon segundo o idioma hebraico e a revelação do Apocalipse naquela época, senão na Palestina que era um lugar nacional hebreu? Diante disso não podemos conceber, sob nenhuma hipótese, que o vocábulo "Armagedon" designe o mundo e que a batalha dêsse nome seja uma batalha mundial. E tão pouco "Armagedon" quer dizer "guerra mundial".

A batalha denominada de "Armagedon" ferir-se-á, infalivelmente, no mesmo local da Palestina chamado por êsse nome ao tempo da revelação da profecia, ainda que porventura lhe tenham dado outro nome depois. Ar — significa montanha e — Magedon — lugar da multidão. Em sentido militar, dizem autoridades hebraicos, "Ar-Magedon" significa — "monte de reunião de tropas" — o que confirma plenamente os textos de Joel citados.

6. *O Armagedon será uma Batalha Real:* — A batalha do Armagedon será uma batalha tão real — embora não seja de homem para com homem — como o foram as de Constantinopla, de Waterloo, do Monte Castelo e outras da história, e ainda será uma batalha tão certamente localizada como estas o foram. Não haveria necessidade de a revelação referir-se ao avanço "dos reis do oriente" e a sua concentração no "Armagedon" para a batalha predita, não fôsse ela uma indiscutível realidade localizada.

7. *O Armagedon e o Oriente Médio:* — A importância da planície do Armagedon jaz no fato de se localizar na mais estratégica região do mundo — o Oriente Médio. Por três razões principais, o Oriente Médio é a mais estratégica região do glôbo: 1. E' o centro ou o coração do mundo. 2. Contém a principal artéria de comunicações entre o Ocidente e o Oriente — o Canal de Suez. 3. Economicamente, em certo sentido, é inigualável na atualidade.

O território do Oriente Médio compreende os seguintes países: Cirenaica, Egito, Arábia Saudita, Palestina, Transjordânia, Líbano, Síria, Chipre, Turquia, Ymen, Costa da Trégua, Iraque, Irã, Aden, — com uma população de quarenta e cinco a cincoenta milhões de habitantes.

Outro fator que contribui para dar ao Oriente Médio um papel de importância no mundo, consiste nas suas jazidas pretrolíferas por todo o seu território, cujas reservas, atualmente, calcula-se sejam superiores às dos Estados Unidos. E isto produzirá na região inevitáveis mudanças de grande alcance. Várias companhias estrangeiras exploram o petróleo no Oriente Médio, cuja extração diária é fenomenal. Observe-se que a maior refinaria do mundo encontra-se em Abadan, no Irã, sendo sua capacidade atual de 500.000 barris diários, e na qual trabalham 100.000 homens.

Estupendamente estratégico no coração do mundo, pomo de ligação entre o Ocidente e o Oriente e economicamente inigualável, no que respeita ao petróleo, está o Oriente Médio nas mãos de nações que não o podem aproveitar na devida forma. Por êste fato tem o Oriente Médio sôbre si os olhos cubiçosos das grandes potências e, se uma delas já não o invadiu deveras, é em virtude do temor das demais. Porém, na sexta praga, todas elas far-se-ão presente no Oriente Médio com seu poderio bélico, para serem tão somente esmagadas na planície do Armagedon.

8. *A Palestina e o conflito do Armagedon:* — Seria engano supor que a importância da Palestina é inteiramente devido a sentimentos religiosos. Geogràficamente está no centro do mundo civilizado, sendo, por isso mesmo, o baluarte mais estratégico do glôbo e o mais cobiçado por todos os grandes impérios da história e pelas grandes potências da atualidade. Territorialmente é a Palestina ainda uma ponte que liga três continentes: África, Ásia e Europa através dêste último. O mar Mediterrâneo, que banha tôda a sua costa ocidental, é realmente o mar onde o Oriente encontra o Ocidente, e o Norte o Sul.

A terra chamada "Santa" é também centro do Oriente Médio para onde se voltam atualmente, como vimos, os olhos cobiçosos das grandes potências. Em 1914 a Alemanha tinha grandes interêsses na Ásia Menor, e, às suas próprias expensas, construiu uma grande estrada de ferro desde Berlim até Bagdad, passando por Bizâncio, tendo sido conhecida como "BBB Railway". Ela necessitou uma estrada de ferro para o Mediterrâneo e Oriente Médio e a Aliança Central Européia foi a tentativa para ganhar acesso a esta importante área.

No fim da primeira guerra mundial, ao general Allenby, que esmagou o último vestígio da resistência turca, foi dado o título de "conde de Megido", e a Palestina caiu sob o controle britânico como um mandato territorial da Liga das Nações. Os inglêses fortificaram a Palestina com grandes despesas e edificaram um grande ancoradouro no pôrto de Haifa, grande bastante para flutuar tôda a frota do Mediterrâneo. Êste vasto ancoradouro tem subministrado a defesa de Megido.

Mas, desde 1918 outras coisas têm contribuído para fazer da Palestina um centro de interesse mundial. A ciência tem descoberto no depósito químico do Mar Morto uma origem de fabulosa riqueza. Financistas inglêses e americanos instalaram ali grandes estabelecimentos para comercializar os produtos químicos contidos em suas águas. Segundo estatísticas, há potassa no Mar Morto no valor de setenta bilhões de dólares; magnésio clorine no valor de um trilhão de dólares. Isto significa que a Palestina está capacitada, se a civilização durar muito tempo ainda, a ter o mais estupendo desenvolvimento jamais ouvido dela. Tal desenvolvimento está destinado a fazer dela, em verdade, "a mais cobiçada prêsa internacional". Quão profundamente significativo é isto.

Todavia, outra coisa vemos ainda de importância na Palestina. Através de sua pequena terra atravessa o mais longo oleoduto do mundo. Êle conduz óleo desde os campos petrolíferos de Mossul, no Iraque, ao porto de Haifa no Mediterrâneo, num percurso de mais de 1200 milhas. Mais de trinta milhões de barris de óleo são escoados anualmente por êle. E outro grande depósito de óleo pró-

ximo da Palestina é o de Abadan, no Iran. Entre oitenta e noventa milhões de barris são tirados, anualmente, de seus poços.

Assim, a Terra Santa, em todo o sentido — geográfico, político, econômico e religioso — é o centro nevrálgico do mundo, e, cobiçada pelo Dragão, pela Bêsta e pelo Falso Profeta, está uma de suas regiões destinada a ser o teatro do tormentoso conflito vaticinada pela sexta praga.

O DESENLACE DO DRAMA

Já que as grandes potências — das órbitas do dragão, da bêsta e do falso profeta — anelam apoderar-se da Palestina, principalmente, Deus vai decidir a controvérsia para tais pretendentes. O Todo-poderoso transformou esta ambição internacional da arrogância bélica das nações, numa tremenda praga — a sexta. Deus permitirá que os demônios, até agora detidos quanto à realização da posse da Palestina, e que não obstante por muito tempo têm inspirado êste tremendo desenlace pela posse da Terra Santa, para infligirem nas nações uma terrível carnificina, — preparem o grande choque sem rival na história do mundo. Porém, em vez de realizar-se qualquer encontro entre os pretendentes e contendores nalgum outro lugar da Palestina, Deus os dirigirá para a espaçosa planície do Armagedon, para ali tê-los todos juntos, como que encurralados, e para sôbre êles derramar, com a sétima praga, todo o pêso da sua indignação e reduzi-los a nada como Seus irreconciliáveis adversários. Disto vemos que o objetivo real e principal da sexta praga, e parte da seguinte, será o poderio bélico do mundo, como uma indignação sem precedente do ofendido Deus contra os fazedores da guerra.

Milhões de milhões têm sucumbido estupidamente nos campos de batalha através dos séculos, vítimas do poderio bélico das nações, em conflitos terríveis, sem que isso tenha trazido qualquer benefício moral, espiritual e social à humanidade.

As desmedidas ambições e a predisposição para estar sempre em cima política e economicamente, é o atual imperativo das nações principalmente das grandes potências. E, com isso, caiu a zero o conceito de independência e de vida ao ver dos poderes bèlicamente mais poderosos do mundo. Isto era assim noutras eras e o é igualmente, no presente.

Êste estado de coisas, porém, cada vez mais alarmante, não está despercebido por Aquêle que é o legítimo Senhor do mundo. O tremendo resultado de desafiar a Deus e trazer miséria e destruição ao mundo pelo espectro da guerra, produzida por homens sem coração no seio da civilização, logo se manifestará da parte de Quem é o legítimo soberano. A sexta praga e a planície do Armagedon serão a resposta ao mundo bélico deletério, do desagrado de um Deus ofendido por indivíduos irresponsáveis da política mundial.

A SÉTIMA PRAGA

VERSOS 17-21 — *"E o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu grande voz do templo do céu, do trono, dizendo: Está feito. E houve vozes, e trovões, e relâmpagos, e um grande terremoto, como nunca tinha havido desde que há homens sôbre a terra: tal foi este tão grande terremoto. E a grande cidade fendeu-se em três partes, e as cidades das nações caíram; e da grande Babilônia se lembrou Deus, para lhe dar o calix do vinho da indignação da sua ira. E tôda. a ilha fugiu; e os montes não se acharam. E sôbre os homens caiu do céu uma grande saraiva, pedras do pêso de um talento; e os homens blasfemaram de Deus por causa da praga da saraiva: porque a sua praga era mui grande".*

UM TERREMOTO SEM PRECEDENTES

A sétima praga será lançada no "ar", aliás, a tôda a atmosfera que circunda a terra, o que demonstra que será totalmente universal. As nações reunidas no Armagedon e os ímpios todos do mundo, entornarão a copa final que os prostrará fulminados. A indignação da ira de Deus encontrará sua culminação numa tempestade mundial assoladora. Uma grande voz procedente do templo de Deus anunciará — Está feito. Está consumado o juízo sôbre a última geração. O "ar" encher-se-á de morte em vez de vida. Um horrível quadro patenteia-se na terra. Multidões estão cobertas de chagas; as águas jazem em sangue; o sol abrasa como fogo; o reino da besta está em trevas; os exércitos das nações estão congregados no Armagedon; por fim, a copa última terminará o quadro acabando com a vida da totalidade de todos os seres humanos.

Vozes e trovões acompanhados de relâmpagos dão lugar a um terremoto não havido ainda na terra. Todo o glôbo será violentamente sacudido. Um dos profetas do Velho Testamento assim falou do grande terremoto: "O temor, e a cova, e o laço vêem sôbre ti, ó morador da terra. E será que aquele que fugir da voz do temor cairá na cova, e o que subir da cova o laço o prenderá; porque as janelas do alto se abriram, e os fundamentos da terra tremeram. De todo será quebrantada a terra, de todo se romperá a terra, e de todo se moverá a terra. De todo vacilará a terra como o ébrio, e será movida e removida como a choça de noite; e a sua transgressão se agravará sôbre ela, e cairá, e nunca mais se levantará".[1])

"A glória do trono de Deus dir-se-ia atravessar a atmosfera. As montanhas agitam-se como a cana ao vento, e anfratuosas rochas são espalhadas por todos os lados. Há um estrondo como de uma tempestade a sobrevir. O mar é açoitado com fúria. Ouve-se o sibilar do furacão, semelhante à voz de demônios na missão de destruir. A terra inteira se levanta, dilatando-se como as ondas do mar. Sua

superfície está a quebrar-se. Seu próprio fundamento parece ceder. Cadeias de montanhas estão a sossobrar. Desaparecem ilhas habitadas. Os portos marítimos que, pela iniqüidade, se tornaram como Sodoma, são tragados pelas águas enfurecidas".[1])

Todas as cidades das nações ruirão como castelos de cartas. Êstes focos da perversidade e do orgulho humano serão arrasados em escombros. Todas as obras do homem, obras da exploração do próximo, obras que não honram a Deus, desaparecerão para jamais se erguerem.

"E A GRANDE CIDADE FENDEU-SE EM TRÊS PARTES"

Esta "grande cidade" não é uma cidade literal, mas figurada. Dela tratamos nos capítulos 14, 17, 18 e 19. Seu verdadeiro nome é — Babilônia — "aquela grande cidade".[2]) Esta Babilônia, denominada também de "forte cidade",[3]) significa "confusão", sendo formada por três distintos poderes mundiais descritos nas profecias, bem como na sexta praga, como: — o Dragão, a Bêsta e o Falso Profeta. A Bêsta e o Falso Profeta temo-los bem definidos no capítulo treze, enquanto o Dragão, nestes derradeiros dias, é, politicamente, simbólico do paganismo-ateísta-asiático.

A sexta praga reunirá no Armagedon êstes três poderes que constituem Babilônia, os quais para ali marcharão na intensão de se desforrarem, — o Ocidente contra o Oriente, em batalha político-religiosa pela posse da "Terra Santa" e do Oriente Médio — ignorando que para tal região estarão sendo conduzidos por fôrças extra-terrenas, para serem esmagados como entidades inimigas de Deus e de Seu povo. O poderio bélico da órbita da Bêsta marchará unido com o do Falso Profeta, enquanto que o poderio do Dragão sob a liderança da maior potência da Ásia. A sétima praga, porém, que será a culminação dos juízos sôbre Babilônia, decidirá para sempre a controvérsia político-religiosa no seio de Babilônia, e desta contra Deus e Seu povo, aniquilando-a pelos séculos infindos do futuro. Diante da sétima praga, os três poderes não mais pensarão em prosseguir na contenda, pois cada um procurará salvar, inutilmente, o seu côro. E' isto o que a profecia quer dizer por — "e a grande cidade fendeu-se em três partes". Demasiadamente tarde, porém, empreenderão esta solução, não em reconhecimento da justiça, mas diante dos juízos do céu contra os quais nada poderão fazer.

A CONDENAÇÃO DA GRANDE BABILÔNIA

E' desnecessário descrever aqui Babilônia e sua condenação. Dela tratamos nos capítulos já mencionados e a sua condenação poderá ser apreciada, plenamente, no capítulo dezoito.

"E SÔBRE OS HOMENS CAIU DO CÉU UMA GRANDE SARAIVA

Aqui está o último ato do drama da ira de Deus. Os antigos egípcios receberam também a sua messe de "saraiva": "E havia saraiva, e fogo misturado com a saraiva, mui grave, qual nunca houve em tôda a terra do Egito, desde que veio a ser uma nação". A pecúa- ria e a agricultura egípcias foram arrasadas. Todavia a saraiva que como praga caiu naquele antigo reino, não era nada em comparação com a que há de vir na sétima praga futura.[1])

Não só no Egito caiu saraiva como um juízo de Deus. Ao empreender Josué a conquista de Canaã, o exército de uma coligação que fazia frente ao exército de Israel foi aniquilado por uma chuva de saraiva. A descrição da vitória de Josué assim reza: "O Senhor lançou sobre êles, do céu, grandes pedras até Azeka, e morreram; e foram muito mais os que morreram das pedras da saraiva do que os que os filhos de Israel mataram à espada".[2])

Mas, a saraiva da sétima praga será bem diferente. Tão grande será que é dito que o pêso das pedras será de um talento. Naqueles antigos tempos quando o profeta recebeu esta profecia, o talento era o padrão dos valores. Havia talentos de ouro, de prata e de outros metais, e tinham a forma de um cubo. No Egito havia um talento de 18 kg. e mais dois alexandrinos de 46 kg. e 34 kg. Na Caldéia o talento era de 18 kg. e em Babilônia de 21 kg. Na Grécia, o primitivo talento era de 19 kg. passando depois a ser de 26 kg., sendo que na Ática era de 20 kg. O talento itálico, empregado na magna Grécia, era de 32 kg. O talento de Egina, uma ilha grega, era de 45 kg. Os romanos tinham o grande talento de 67 kg. e o pequeno talento de 26 kg. Para termos uma idéia do pêso do talento de prata da Síria antiga, leiamos: "E disse Naamã: Sê servido tomar dois talentos. E instou com êle, e amarrou dois talentos de prata em dois sacos, com duas mudas de vestidos; e pô-lo sôbre dois de seus moços, os quais os levaram diante dêle".[3]) Dois homens para conduzirem dois talentos em dois sacos!

Assim temos uma idéia do que há de ser a saraiva da sétima praga. E, como o profeta escreveu em Grego, provàvelmente referiu-se ao talento de 26 kg. da Grécia, embora naquela nação houvessem talentos de maior pêso. Mas, quais serão as consequências do chuveiro de saraiva cujas pedras possivelmente serão de 26 kg.? "As mais orgulhosas cidades da terra são derribadas. Os suntuosos palácios em que os grandes homens do mundo dissiparam suas riquezas com a glorificação própria, desmoronam-se diante de seus olhos".[4]) Um dos profetas, declara:

"E o Senhor fará ouvir a glória da Sua voz, e fará ver o abaixamento do Seu braço, com indignação de ira, e a labareda do Seu fogo consumidor, e raios e dilúvio e pedras de saraiva".[5])

A PROTEÇÃO DE DEUS SÔBRE SEUS ESCOLHIDOS

Os desprezadores da misericórdia de Deus estarão em terrível desespêro e agonia. Mas para o fiel povo de Deus haverá perfeita proteção naquele tempo. O Salmo 91 lhes dá plena certeza do cuidado de Deus por êles. E Joel diz: "Mas o Senhor será o refúgio do Seu povo, e a fortaleza dos filhos de Israel".[1])

CAPÍTULO XVII

A IGREJA QUE SE UNIU COM ESTADO

INTRODUÇÃO

Ao apreciarmos a profecia do capítulo doze, verificamos que o seu tema é uma mulher cujos símbolos que a cercam a relacionam inteiramente com o seu Criador e atestam defini-la como emblema da verdadeira igreja de Deus na era cristã.

Mas, no capítulo dezessete, que agora temos diante de nós, uma outra mulher é apresentada, uma mulher "vestida de púrpura e de escarlata, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas". Uma mulher que tem em sua mão "um calix de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição". Uma mulher "com a qual se prostituiram os reis da terra"; que embebeda os habitantes da terra "com o vinho da sua prostituição"; que "está embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus". Uma mulher denominada de "a grande Babilônia, a mãe das prostitutas e abominações da terra". Em fim, uma mulher que está "assentada sôbre uma bêsta côr de escarlata, que está cheia de nomes de blasfêmias, e tem sete cabeças e dez chifres". Sim, esta mulher é tão diferente da do capítulo doze como o dia o é da noite. Enquanto aquela representa a santa igreja de Cristo no mundo, esta outra, por suas características proféticas indiscutíveis, não deixa dúvidas que designa a igreja de Roma. A exposição de todo o capítulo assegura evidentemente isto mesmo sem nenhuma objeção aceitável em contrário, em face da verdade.

A MULHER SÔBRE A BÊSTA CÔR DE ESCARLATA

VERSOS 1-6 — *"E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sôbre muitas águas; com a qual se prostituiram os reis da terra; e os que habitam na terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição. E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sôbre uma bêsta de côr de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e tinha sete cabeças e dez chifres. E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas; e tinha na sua mão um calix de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição; e na sua testa estava escrito o nome: Mistério,*

a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra. E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração".

UMA PROSTITUTA DESMASCARADA PELA PROFECIA

Um dos anjos das pragas, provàvelmente o quinto, foi incumbido de mostrar ao profeta a "grande prostituta" que estava "assentada sôbre muitas águas". Na introdução já definimos que esta mulher é a igreja romana. E por que esta igreja é denominada de "prostituta" na revelação? Ora, quando no caso de espôsos a mulher abandona a seu marido e procura viver ilicitamente com outros homens, então ela torna-se uma prostituta. Caso idêntico ocorreu com a igreja de Roma, a mulher desta profecia. Antes da auto-exaltação desta igreja, fazia ela parte do todo da igreja cristã nos primórdios séculos do cristianismo. Mas ela exaltou-se a si mesma, repudiou a pura verdade do evangelho de Cristo e abandonou o próprio Senhor Jesus como espôso legítimo de Sua igreja, para ligar-se a um homem que começou a adorar como se fôra até mesmo um deus na terra. Eis porque a igreja apóstata é considerada prostituta no Apocalipse.

E, como irredutível prova de que esta profecia trata realmente da igreja católica, é mencionado que a "grande prostituta" está "assentada sôbre muitas águas". E o versículo quinze nô-lo esclarece que estas águas "são povos, e multidões, e nações, e línguas". A bêsta sôbre a qual a mulher aparece assentada é figura da Europa inteira — as águas da profecia. E hoje esta igreja jaz assentada numa mais vasta área do glôbo, no mundo todo. Sua influência nos cinco continentes é tão corrutora no que respeita a Cristo e à religião cristã, como o é a influência de uma prostituta natural no seio da sociedade humana.

"COM A QUAL SE PROSTITUIRAM OS REIS DA TERRA"

Aqui vemos outras relações ilícitas da igreja de Roma. Suas relações com os reis ou governantes da terra. Esta tem sido a história, desta igreja desde o quarto século até aos nossos dias. Deixou de ser pròpriamente uma igreja para ser um Estado em meio aos Estados; do mundo. Sua influência entre os govêrnos da terra, com raras excepções, é a mais poderosa de tôdas as influências humanas.

E, como igreja, não está ela ligada ao Estado por afinidades espirituais para espiritualizá-lo, mas por afinidades políticas, isto é, para: fazer do Estado um dócil instrumento de sua política sob o véu de religião. Esta igreja não dá a César o que lhe é devido — o direito de governar sem a sua intromissão — e isto porque deixou de dar a Deus o que também Lhe é devido — a honra a que Êle tem direito

como Deus. Houve em verdade uma prostituição de direitos pela igreja católica — os direitos de César e os direitos de Deus. E quão calamitosa é esta prostituição deparamos na vida espiritual e material das massas humanas e nas relações internacionais. Horroriza-nos a declaração da profecia de que os governantes do mundo foram prostituídos por suas relações com a Sé de Roma.

"E OS QUE HABITAM NA TERRA SE EMBEBEDARAM COM O VINHO DA SUA PROSTITUIÇÃO"

Esta é uma gravíssima denúncia que pesa sôbre a igreja apóstata. Por certo já vimos um ébrio sob a ação do vinho, do vinho embriagante. Quão séria e lastimosa é a sua situação. Êle não se porta com decência e nem mesmo pode expressar o que é correto e moral. Sua mente está atrofiada, entorpecida pela ação venenosa do álcool do vinho e sua razão está tão em descontrole que êle já não é mais senhor de si mesmo. Imaginemos agora as nações sob a ação entorpecente do vinho a um só tempo. Seria isto uma catástrofe mundial. Tôda a humanidade jazeria sem controle. O demônio do álcool oculto no vinho, seria o imperador das consciências. Tôdas as ações cometidas em tôda a terra, seriam ações desastrosas em que a razão, amortecida e obstruída pelo deletério veneno alcoólico do vinho, não seria capaz de detê-las, estaria sem ação própria, sem defesa. Porém, depois desta ilustração, concluamos o que quer dizer a profecia do embebedamento dos "que habitam na terra" "com o vinho" da "prostituição" da igreja romana. Mas, o que é, afinal o vinho da sua prostituição?

Note-se que se trata do "vinho da sua prostituição". A igreja tornou-se prostituta porque abandonou a Cristo. E somente alguém pode abandonar a Cristo quando abandona a verdade de Cristo, o Seu perfeito evangelho que encerra um maravilhoso corpo de doutrinas que constituem o fundamento da verdadeira fé cristã. E não se discute que tôda esta preciosa verdade foi abandonada pela igreja de Roma, quando ela se prostituiu, unindo-se a um marido arranjado ilicitamente, o papado, e também por sua união ilegal com César, os govêrnos civis. E' claro que, uma vez pondo de lado as santas doutrinas fundamentais da fé apostólica e cristã, pelo abandono de Cristo para unir-se com outros, a igreja papal tinha que arranjar outras para substituir aquelas. E é o seu corpo de errôneas doutrinas ou ensinamentos, que constitui o "vinho da sua prostituição", com o qual "os que habitam na terra se embebedaram". Veja-se Capítulo quatorze verso oito: O vinho de Babilônia.

Embriagados que estão, pois, as multidões da terra com o vinho da prostituição da "grande prostituta", não podem entender as verdadeiras doutrinas básicas do evangelho do Senhor Jesus. Suas mentes estão embotadas pelo vinho do êrro da "grande Babilônia";

e por mais clara que se torne a verdade de Cristo a seus olhos e ouvidos, não a podem crer e aceitar. Estão entorpecidos pelo venenoso vinho de Roma. Terrível tragédia para um mundo que podería ser salvo para Cristo!

A MULHER CAVALGA UMA BESTA CÔR DE ESCARLATA

A mulher santa do capítulo doze representando a igreja de Cristo foi vista na visão estando nas alturas dos céus sôbre um luminoso fundamento. A mulher do capítulo dezessete, a "grande prostituta", vira o profeta no deserto, lugar da habitação dos demônios.

A besta côr de escarlata sôbre a qual a mulher se assenta, tem tôdas as características do dragão vermelho do capítulo doze e muita semelhança com a bêsta do capítulo treze. O dragão, diz a própria profecia, é Satanás sendo também Roma-pagã ou Satanás no controle do império romano. A bêsta do capítulo treze que recebera poder do dragão é Roma-papal, sucessora de Roma-pagã. Assim podemos ter uma idéia da bêsta sôbre a qual a igreja de Roma fôra vista "assentada" ou dos poderes que a sustêm no mundo.

Mas, a mulher aparece tão naturalmente cavalgando a bêsta, sem o uso de freio ou chicote aparentes, como se a tivesse domado e ensinado a obedecer, com temor e tremor, às suas ordens de comando. Assim foi a igreja de Roma por 1260 anos, desde 538 a 1798, na supremacia temporal do papado na Europa. O papado é o poder clerical sob um único homem e a igreja é a mão firme propagadora e mantenedora do poder do papado no mundo. Foi pela igreja que o papado pôde subjugar a Europa medieval e reduzí-la à escravidão. A igreja tornou-se igreja do Estado, nos escuros séculos medievais em tôda a Europa, e foi tão mais forte que êle que o pôde dirigir a seu bel prazer. Envenenados e entorpecidos pelo vinho da sua prostituição e sem terem direito às suas próprias consciência, os Estados e os estadistas da Europa nada tinham mais a fazer senão acatar e executar as ordens da igreja, mesmo os mais hediondos crimes contra os santos por ela denominados hereges. O período do consórcio da igreja católica com o Estado, na Idade Média, foi o pior período jamais registado na história do mundo.

O CARÁTER DA BÊSTA CÔR DE ESCARLATA

A "bêsta côr de escarlata" estava cheia de "nomes de blasfêmias". O mesmo é dito da bêsta do capítulo treze "semelhante ao leopardo". "Nomes de blasfêmias" ou nomes que são blasfêmias. O que é uma blasfêmia? Contra quem somente é possível blasfemar? Blasfêmias são palavras que ofendem, que ultrajam a divindade. Uma blasfêmia não pode ser proferida de homem para homem porque ambos são humanos. Os homens só podem blasfemar, contra Deus, Seu

Filho e Seu Espírito Santo.[1]) Assim era a bêsta sôbre a qual a mulher estava assentada — estava cheia de blasfêmia contra Deus, Cristo e Seu Espírito. Tal foi a história dos poderes com os quais a igreja romana se aliou e sôbre os quais dominou por quase treze séculos na Europa. Ela os ensinou a blasfemar contra o Todo-poderoso.[2])

AS VESTIDURAS DA "GRANDE PROSTITUTA"

A púrpura e a escarlata são as principais côres simbólicas da igreja papal. Os mantos usados pelos papas e cardiais são precisamente de púrpura e escarlata. "O trono papal sôbre o qual o papa é levado, o pálio que é estendido sôbre êle, todo o seu séquito e ainda êle mesmo, tôdas as igrejas de Roma, todos os palácios e todos os pavimentos por onde anda, são cobertos de púrpura e escarlata; os cardiais pretendem não só a dignidade real, senão que usam um traje talar vermelho e purpúrio e um chapéu da mesma côr, como o são também até as mantas dos cavalos que montam".[3]) E quem quiser comprovar o cumprimento da profecia com seus próprios olhos, basta dirigir-se a Roma.

Ainda a revelação fala de seus adornos de "ouro, e pedras preciosas e pérolas". Na verdade miríades de pedras preciosas e pérolas adornam as cerimônias papais. Só a tríplice coroa papal já é o cumprimento da profecia. "Sôbre a armação ou esqueleto, forrado de seda, ostenta três coroas de ouro, que levam incrustados tesouros de rara pedraria. A primeira côroa tem dezesseis rubis, três enormes esmeraldas, uma água-marinha e uma safira. A segunda ostenta dez esmeraldas, oito rubis, duas águas-marinhas e três safiras. E a terceira, dezenove gigantescos rubis e uma multidão de safiras, águas-marinhas, crisólitos e granates, além de pérolas que leva cada uma das três coroas e que reunem noventa pérolas por fileiras. No fim, rematando tão preciosa jóia, fulgura a cruz feita com onze soberbos brilhantes de singular limpidez e tamanho".[4])

Mas estas evidências purpúreas e as custosas jóias de Roma, não são apenas prioridade do papa e de seus cardeais, mas de seus arcebispos, bispos e igrejas de tôda a terra. Isto evidencia que os pormenores proféticos concernentes aos adornos da mulher é mais uma prova inconteste de que ela representa perfeitamente a igreja do papado, o seu instrumento no mundo.

O CALIX DE OURO NA MÃO DA MULHER

O calix, por ser de ouro, símbolo da pureza e da viva fé, devia estar transbordante da pura doutrina e da pura verdade apostólicas. Porém, que diz o profeta continha êle? Oh, viu-o "cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição"! A igreja que se arroga depositária da verdade pura para o mundo, a êle está dando

a beber, em taça de ouro, abominações e imundícias resultantes aa sua prostituição.

E, para evidenciar ainda mais o cumprimento da profecia pela igreja católica, lemos na história o seguinte: "Em 1825, por ocasião do jubileu, o papa Leão XII fêz cunhar uma medalha que trazia de um lado sua própria imagem, e do outro, a da igreja de Roma simbolizada como uma 'mulher' que sustinha em sua mão esquerda uma cruz e na direita um *cálix,* e tinha em seu redor a legenda, *Sedet Svper universvn,* 'todo o mundo é seu assento'".[1]) Mas a profecia do capítulo dezoito, que também trata da igreja católica, alerta o mundo com estas palavras: "Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado, e retribuí-lhe em dobro conforme as suas obras: No cálix em que vos deu de beber dai-lhe a ela em dôbro".[2]) Esta profecia fala bem alto do que são os ensinos de Roma representados por aquêle calix simbólico de ouro. Estejamos alerta, pois, contra o vinho de Babilônia.

A INSCRIÇÃO DA TESTA DA MULHER

A primeira palavra é "mistério"! Em sentido geral, a igreja católica é um mistério. Uma igreja que possui as Sagradas Escrituras e pretende ser a sua guardiã e única interprete e ensina doutrinas flagrantemente contrárias às mesmas Escrituras, é isto na verdade um mistério. S. Paulo já se referira a êste mistério que o denominou de "mistério da injustiça".[3]) Não era um mistério Roma-pagã fazer sua obra pagã em perseguir a igreja cristã. Mas, uma igreja que se diz cristã e mãe da cristandade, e ainda embriagar-se "do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus", é um mistério verdadeiro. "Uma igreja jatando-se a si mesma de ser a noiva, e ainda ser prostituta; intitulando-se a si mesma de Sião e ser Babilônia — isto é um mistério. Um mistério é, que, quando ela diz a todos — Vinde a mim — a voz do céu clama — 'sai dela, povo meu'. Um mistério é, que aquela que se orgulha como cidade dos santos, tornou-se a habitação dos demônios; que aquela que pretende ser infalível, está falando para corromper a terra; que, denominando-se 'mãe das igrejas', é chamada pelo Espírito Santo 'mãe das prostitutas'; que aquela que se orgulha ser indefectível, deve um dia ser destruída, e que os apóstolos devem regozijar-se em sua queda; que aquela que tem, como ela diz, em suas mãos as chaves do céu, será lançada no lago de fogo por Aquêle que tem as chaves do inferno. Tudo isto, em verdade, é um grande mistério".[4])

E quem quer que pergunte a razão desta ou daquela das doutrinas abomináveis de sua taça, a igreja responde por seu clero — Mistério! Sim, *mistério* é a palavra chave da sua manhosa evasiva para não declarar a realidade de seus ensinos e pretensões anti-evangélicos.

BABILÔNIA é a segunda palavra inscrita em sua testa. Babilônia! Êste nome vem de longe e encerra uma história a mais poluída do mundo. Babilônia era em remotos tempos a mais idólatra e a mais prostituída cidade da terra. Falsos ensinos religiosos e prostituição a caracterizavam. A cidade de Babilônia tornou-se a capital de um império mundial que procurou dominar as consciências humanas e impor sua idólatra religião que tinha por fundamento a salvação pelas obras em desprêzo ao plano original de Deus da salvação pela fé.

As Sagradas Escrituras contêm decisivas profecias que foram proferidas contra Babilônia por vários profetas. Sua própria destruição e mesmo o estado de suas ruínas, foram traçados por profecias infalíveis e definidas.

Mas, a Babilônia espiritual, segundo a nossa consideração, é a igreja católica-romana. Esta não é uma declaração humana mas da própria inspiração. Comparando a igreja de Roma com a antiga Babilônia, faz a revelação a mais drástica denúncia contra esta igreja, elevando-a ao mais alto índice como responsável pela corrupção da fé cristã e lavrando tão certamente o seu aniquilamento como o fêz com aquela outra Babel da antiguidade. Numerosos teólogos reconhecem em Roma a Babilônia do Apocalipse. O Dr. Guthrie, da igreja Presbiteriana, asseverando que sua igreja saiu de Roma, diz por fim: "Sairam de Babilônia limpos?"[1]) Os valdenses "declararam ser a igreja de Roma a Babilônia apóstata do Apocalipse, e com perigo de vida erguiam-se para resistir às suas corrupções".[2])

Inúmeros, personagens históricos do cristianismo reconheceram na igreja católica a Babilônia do Apocalipse. Agostinho, Jerônimo, Tertuliano, Primosius em seu comentário, Vitorino bispo de Petau, André de Cesaréia, Eusébio, Clemente de Alexandria, Papias bispo de Hierápolis, Ecumenius, — e numerosos outros antigos e contemporâneos. Entre a antiga Babilônia oriental e a moderna Babilônia mundial, a igreja católica romana, há um paralelo real:

Ambas exerceram poder mundial sôbre muitas águas.[3]) Ambas embebedaram as nações com vinho duma taça.[4]) Ambas são idólatras na história. Ambas pretenderam eternidade, supremacia universal, poder sôbre as consciências e exerceram crueldade contra o povo de Deus. Mas o fim de cada uma das Babilônias é assegurado sob um mesmo símbolo — o afundamento e o afogamento violentamente nas águas.[5]) E, "caiu Babilônia", é o grito profético sôbre ambas.[6]) E, um outro grito profético, de alerta ao povo de Deus, é êste: "Sai dela povo meu".[7]) Terrível paralelo!

"MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA"

Uma outra versão traz a palavra "prostitutas" em vez de "prostituições". Assim está mais em relação com a palavra "mãe". Mas,

quem são estas "prostitutas" das quais a igreja católica é a mãe? "Como suas filhas devem ser simbolizadas as igrejas que se apegam às suas doutrinas e tradições, seguindo-lhe o exemplo em sacrificar a verdade e aprovação de Deus, a fim de estabelecer uma aliança ilícita com o mundo".[1]) Em outras palavras, as "prostitutas" filhas da igreja "mãe", são as igrejas protestantes que dela sairam e com ela comungam em muitos pontos de doutrinas. O termo Babilônia significa confusão. Dêste modo a Babilônia "mãe" e suas filhas são acusadas da confusão reinante no seio do cristianismo com suas centenares de denominações e de falsas doutrinas. São também responsáveis pela confusão política e social do mundo, pois se lhe ministrassem a pura revelação do evangelho de Cristo, êle por certo estaria em melhores condições do que está.

Que a igreja católica é considerada pelo clero como "mãe", segundo reza a profecia, declara o próprio papa Pio XII, num de seus discursos. Eis as suas palavras: "A Igreja é Mãe, 'Santa Mater Eclesia', a verdadeira mãe de tôdas as nações e de todos os povos, assim como de todos os homens individualmente. Precisamente por ser mãe não pertence com exclusividade a êste ou àquele povo, mas a todos igualmente. A Igreja é Mãe e portanto não é estrangeira em parte alguma. Vive e por sua natureza deve viver entre todos os povos".[2])

POR QUE A INSCRIÇÃO NA TESTA DA MULHER?

Não é estranho que a inscrição — Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostitutas e abominações da terra — fôsse vista pelo profeta na *testa* da mulher que representa a igreja de Roma. Na testa, o frontal do cérebro, está a sede da razão e da consciência. Por este motivo, não devemos pensar que a igreja católica ignora que ela é o que a inscrição profética diz a seu respeito. Pois, como esta igreja nada mais é que um ardiloso grêmio-clerical mundial sob um falso manto religioso-cristão, interessado unicamente em finanças, — pouco se lhe dá de sua condenatória inscrição que traz em seu frontal.

"A MULHER ESTAVA EMBRIAGADA DO SANGUE DOS SANTOS, E DO SANGUE DAS TESTEMUNHAS DE JESUS"

Cada detalhe da profecia é comprometedor contra a mulher romana. Esta nova denúncia torna claro o fato de que a revelação de Deus adverte o mundo, denunciando a igreja de Roma como anti-cristã. Perseguir seus santos e suas testemunhas, disse Jesus, é a mesma coisa que perseguir a Êle próprio.[3]) A expressão — estava embriagada do sangue dos santos e do sangue das testemunhas de Jesus — revela as extensas carnificinas da igreja papal e o grande derramamento de sangue que lhes causou. Sôbre as perseguições

desta igreja contra os santos veja-se o versículo sete do capítulo treze do Apocalipse.

AS SETE CABEÇAS DA BÊSTA

VERSOS 7-11 — *"E o anjo me disse: Porque te admiras? Eu te direi o mistério da mulher, e da bêsta que a traz, a qual tem sete cabeças e dez chifres. A bêsta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição; e os que habitam na terra (cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo) se admirarão, vendo a bêsta que era e já não é, mas que virá. Aqui há sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças São sete montes, sôbre os quais a mulher está assentada. E São também sete reis: cinco já cairam, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo. E a bêsta que era e já não é, é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição".*

O PROFETA MARAVILHOU-SE DA ESTRANHA MULHER

Não era para menos o profeta maravilhar-se desta estranha mulher, depois de ver em visão anterior uma linda mulher, simbólica da Santa Igreja de Cristo, perseguida tenazmente pelo dragão. Agora, na visão desta mulher-romana, "embriagada do sangue dos santos e do sangue das testemunhas de Jesus", o profeta pôde compreender quem o dragão usaria para perseguir a linda mulher — a Igreja de seu amado Mestre. As perseguições do paganismo que dizimaram a igreja cristã e que êle também sofria, não eram para êle admiração. Mas quando viu que uma igreja nominalmente cristã desembainharia a espada contra a verdadeira igreja de Cristo, para êle isto foi uma grande admiração. Porém, o anjo, dada a sua admiração, prontificou-se dar-lhe novos detalhes identificativos da mulher e da bêsta que ela cavalgava.

AS TRÊS FASES PROFÉTICAS DE ROMA

O quarto animal do capítulo sete do livro de Daniel é definido no próprio capítulo como o quarto reino da terra. O dragão do capítulo doze do Apocalipse é em primeiro lugar emblema de Satanás, depois de Roma, pois os dez chifres o identificam com o quarto animal de Daniel sete citado, que é Roma-pagã, e S. João contemplou esta potência com mais os detalhes das sete cabeças. Sendo, pois, o dragão, o império romano, suas sete cabeças são impreterivelmente romanas, por meio das quais o império ou o dragão falava e governava. Doutro lado, o dragão está ligado à história da igreja cristã da nova dispensação, não podendo êle representar poderes anteriores a Roma e nem mesmo nesta profecia relacionar-se com a igreja israelita da velha dispensação.

No capítulo que estamos considerando, a bêsta escarlata com sete cabeças e dez chifres é identificada pelo quarto animal da profecia de Daniel, pelo dragão do Apocalipse doze e pela bêsta semelhante a um leopardo do Apocalipse treze, como sendo a mesma potência perseguidora — Roma. Mas, na história profética de Roma, vemos que esta potência tem três fases distintas.

Em suas formas pagã e papal, é apresentada como um poder perseguidor e opressor do povo de Deus e denominada na profecia como — "a bêsta que era". Quando em 1798 Roma, na forma papal, recebera a ferida mortal da espada de França revolucionária e deixou de existir como poder temporal, a profecia, desde então, a considera como — " bêsta que... já não é". Porém, quando num futuro próximo, em harmonia com várias profecias bíblicas, Roma-papal ascender a seu antigo despotismo temporal e novamente torna-se poder opressor do povo de Deus e das consciências dos homens, então a profecia a considerará — "a bêsta que... há de subir do abismo". Do abismo da confusão e do caos reinantes no mundo internacional — religioso e político — surgirá outra vez Roma, para infligir novamente o seu tacão sôbre todos os que não lhe deram irrestrito apoio e não lhe submeteram suas consciências. E novamente o mundo ver-se-á envolto pelos escuros séculos da Idade Média e suas despóticas tragédias. Mas, graças a uma cláusula desta profecia, o poder romano a ressuscitar "irá à perdição" ou será aniquilado pelos séculos eternos sob o poder de Deus e de Jesus Cristo. Tudo isto constitui uma solene advertência de Deus a todo homem e tôda mulher sinceros, a não ter nenhum compromisso com o poder romano sentenciado a perecer.

AS SETE CABEÇAS DA BÊSTA

O profeta é muito explícito: "Aqui há sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sôbre os quais a mulher está assentada. E são também sete reis; cinco já cairam, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo".[1])

Quão clara é a definição inspirada: "As sete cabeças são sete montes sôbre os quais a mulher está assentada". Aqui está o assento ou o local, sede de Roma, apontado pela revelação. Uma cidade, é claro, edificada sôbre sete montes ou colinas. Pois, no versículo 18, lemos: "E a mulher que viste é a grande cidade que reina sôbre os reis da terra". Não era propriamente a cidade que reinava, e sim o poder que nela tinha seu assento. E não é a cidade de Roma chamada — "a cidade das sete colinas", denominadas: Aventino, Palatino, Quirinal, Viminal, Ceoli, Janículo e Esquilino? Não dominou o poder romano, quer pagão quer papal, da cidade de Roma?

Assim, em primeiro plano, as sete cabeças apontam para a cidade de Roma e significam Roma.

Em segundo plano, as sete cabeças são emblemas de "sete reis", como as são dos sete montes de Roma. Isto é, "sete reis" que exerceram seu domínio e isto é fora de tôda controvérsia — dos sete montes ou da cidade de Roma, "sobre os reis da terra". Pois, o versículo 18 citado enfatiza que os sete montes e os sete reis estão ligados à história da cidade de Roma donde o poder romano foi exercido no mundo de então. Sim, é indiscutível que em Roma só governaram ou reinaram romanos. Os poderes que antecederam Roma no cétro mundial, não impuseram suas leis ao mundo dos sete montes ou da cidade dos Césares. Tudo, pois, enfatiza altamente que as sete cabeças são indiscutivelmente romanas e jamais apontam outro poder antecedente a Roma.

Mas, se em Roma só governaram romanos, que "sete reis" são êstes da explanação da profecia? A palavra "reis", do original grego, vem do vocábulo *"basileus",* que também significa *"dignidades".* Dêste modo temos que o poder romano exercido de Roma caracterizou-se, em sua história, por sete "dignidades" políticas governativas. E a história romana fomece-nos exatamente estas sete *"dignidades",* como seguem abaixo:

1. Reis (753); 2. Cônsules (510). 3. Ditadores (500). 4. Tribunos (493). 5. Decênviros (450). 6. Imperadores (30). 7. Papado (538 A.D.).

Os cônsules depuseram a realeza e estabeleceram a República; os ditadores eram nomeados como tais quando necessário para salvar a pátria em perigo; os tribunos eram os defensores dos direitos da plebe; os decênviros eram os redatores das leis; os imperadores eram, por assim dizer, os únicos administradores do império; e o Papado cuja história bem conhecemos.

Em sua exposição detalhada, refere a inspiração que, ao tempo desta profecia do ano 94 A. D., cinco das sete *"dignidades"* já haviam caído, isto é, as cinco primeiras. Uma delas, a sexta, existia reinante, que era a imperial, na pessoa dos imperadores, que suplantou as cinco primeiras em esplendor político. A sétima *"dignidade"* viria no futuro, após a queda da imperial. E, ao cair Roma Imperial, em 476 A.D., a *"dignidade"* que se seguiu foi a papal, a sétima cabeça do dragão chamada ainda romana.

"E QUANDO VIER, CONVÉM QUE DURE UM POUCO DE TEMPO"

Qual seria o "outro" "rei" de Roma ou a outra fórmula de poder romano que viria, e duraria "um pouco de tempo"? A resposta é evidente e sobeja. A sexta fórmula, reinante ao tempo de São João, era a Imperial que, como vimos caiu em 476 A.D.. E a sétima fór-

mula ou o sétimo "rei" de Roma que viria ao cair a sexta, foi, sem contradição alguma — o papado romano, de 538 a 1798.

Entre as tantas evidências de que o papado é a sétima cabeça do dragão e das duas bêstas — dos capítulos treze e dezessete — a continuação da antiga Roma-Cesariana, contam-se estas: Seu nome é romano, pois assim se denomina a si mesmo; a sede de seu trono mundial é a mesma Roma de Rômulo e dos Césares; arroga as mesmas pretensões romanas; pretende títulos divinos como os imperadores romanos; seu idioma é o mesmo da velha Roma — o latim; blasfema de Deus como os seis anteriores "reis" de Roma; e propaga a idolatria como Roma-pagã. Verdadeiramente não há dúvida alguma de que o papado é a sétima cabeça da bêsta romana, côr de escarlata e da outra do capítulo treze bem como do dragão vermelho do capítulo doze ou o próprio Império Romano sob um novo aspecto. E durou "um pouco de tempo" realmente, aliás, 1260 anos, de 538 a 1798, quando a França, cumprindo outra profecia divina, arrebatou-lhe o poder temporal que exercia em tôda a Europa.

O OITAVO "REI" DE ROMA

O versículo onze é idêntico à primeira parte do versículo oito. Em paralelo temos os dois textos assim: A bêsta que... foi — a bêsta que era; e já não é — e já não é; e há de subir do abismo — é ela também o oitavo e é dos sete; e irá à perdição — e vai à perdição. Quão definida é a inspiração da profecia.

A versão de João Knox reza assim o versículo onze: "E a bêsta que uma vez viveu e agora está morta, deve ser reconhecida como o oitavo, ainda que êle é um dos sete; mas ela encontrará o caminho que a levará à sua destruição". Diante dêste texto mais esclarecido, conviemos que o poder romano ia morrer. No capítulo treze versículo três, é isto enfatizado no que respeita a Roma-papal, nas seguintes palavras: "E vi uma de suas cabeças como ferida de morte". No capítulo dezessete é dito que a bêsta morreu e pelo capítulo treze notamos que ela morreu porque "uma de suas cabeças" foi "ferida de morte". Assim a bêsta é o que são as suas cabeças. Morrendo ou sendo morta a sua cabeça reinante — morre ou é morta pròpriamente a bêsta. E a única vez que foi morta uma de suas cabeças e bem assim a própria bêsta ou poder romano, foi em 1798 quando o exército francês revolucionário destituiu o papado do seu poder temporal e aprisionou o Papa Pio VI que, levado para a França, ali morreu. Portanto, desde que o poder romano foi fundado em 753 A. C., com Rômulo, só em 1798 A. D. é que êste poder foi morto. Pois o poder romano é um só, quer na fórmula pagã quer na papal; a bêsta é um único poder e suas sete cabeças representam-na em tôda a sua história. A fórmula papal de Roma foi apenas uma transição

dêste poder do paganismo real para o cristianismo irreal. Mudou tão sòmente de nome ou de título enquanto o poder permaneceu o mesmo.

Dêste modo, a explanação mais completa do versículo onze, é a seguinte: "A bêsta que uma vez viveu e agora está morta", é o poder romano transmudado de pagão para cristão ou de civil para eclesiástico. E, o oitavo rei de Roma, que será uma das sete cabeças e que também há de ser a própria bêsta ressurreta, é a mesma cabeça ferida de morte, "cuja chaga mortal" será "curada" ou a própria bêsta em sua fase papal morta em 1798.

Assim o oitavo "rei" de Roma, só poderia surgir posteriormente ao ano 1798, porque até êste ano dominou de Roma o sétimo "rei", o papado. Ora, das sete cabeças da bêsta escarlata ou dos "sete reis" que elas representam, o oitavo só poderá ser, em verdade, o mesmo papado, pois dos sete é o único que permanece com vida, vindo-se restaurando como oitavo rei de Roma desde 1800. Daí esta profecia nos atestar que o papado, novamente, como nos séculos medievais, reassumirá o poder temporal romano perdido, e da "cidade das sete colinas" ditará suas leis aos potentados do govêrno civil para que as executem contra os que se lhe opuserem. O poder que Roma-papal exerceu no passado foi sôbre os dez reinos do versículo doze e a restauração outra vez, completa, de seu poder, terá de ser sôbre êles e em união com êles ou em um novo consórcio entre Igreja e Estado. O versículo três, do capítulo treze encerra, com mais evidência, a futura restauração total do poder temporal do papado — como o oitavo dos "sete reis" ou das sete cabeças romanas. Porém, segundo assegura a profecia ainda, o papado "vai à perdição", como já vimos. Outras profecias do Apocalipse e de Daniel dão mais ênfase à sua destruição sob os juízos de Deus.

OS DEZ CHIFRES DA BÊSTA

VERSOS 12-14 — *"E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão poder como reis por uma hora, juntamente com a bêsta. Êstes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à bêsta. Êstes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com Êle, chamados, e eleitos, e fiéis".*

OS DEZ CRIFRES SÃO DEZ REIS OU REINOS

Os dez chifres, reza a profecia, são dez reis ou reinos, que aparecem em várias profecias dos livros de Daniel e do Apocalipse. Em qualquer uma destas profecias vemos que os dez reinos sairam do império romano ou o dividiram entre si, e são êles hoje: Francos-França, Alamanes-Alemanha, Anglo Saxões-Inglaterra, Lombardos-Itália, Visigodos-Espanha, Suevos-Portugal, Borgundos-Suíça, Ostro-

godos, Hérulos e Vandalos. Êstes três últimos foram removidos pelo papado, isto é, destruídos por serem seus oponentes. Foi em meio dêstes reinos que surgiu o papado como esclarece a profecia do capítulo sete do livro de Daniel. Ao tempo de S. João êstes dez reis não haviam recebido o reino e nem mesmo existiam como reinos; mas reinariam "conjuntamente com a bêsta", o papado.

Durante uma "hora" reinariam êles com a bêsta. O vocábulo grego "oran" — hora, tem três significados: 1) "Um espaço definido de tempo, uma estação; 2) uma hora (de 60 minutos. Atos 5:7); 3) o tempo particular para alguma coisa" (S. Luc. 14:17).[1]) Vemos que o vocábulo "hora" também significa em grego mais do que uma hora literal — o tempo particular para alguma coisa. Os dez reinos não poderiam reinar com a bêsta apenas uma hora de 60 minutos. Com ela reinariam todo o tempo — tempo particular para alguma coisa — em que ela reinasse. Certa versão bíblica traduz o texto assim: "E os dez reinos que viste são dez reis que não receberam ainda um reino, mas como reis alcançarão poder por um tempo com a bêsta". E que o papado, a bêsta, reinou "por um tempo" ou de 538 a 1798, é fora de tôda dúvida. Os 1260 anos de reinado temporal do papado foram na verdade um "oran", não de 60 minutos, mas de séculos, em que os dez reinos reinaram com êle.

"ENTREGARÃO O SEU PODER E AUTORIDADE À BÊSTA"

Isto é também confirmado no capítudo treze. Poder e autoridade dos reinos europeus para atuar à sua vontade. Durante o reinado dêles com a bêsta-papal, 538-1798, isto foi plenamente confirmado. A França foi a primeira potência a entregar-lhe o poder e autoridade. E o papado, com o poder e a autoridade dos potentados em suas mãos, tornou tal aquêle "oran" em que êles reinaram com êle, que a história chegou a denominá-lo de "Idade Escura". Seriam necessários não poucos volumes para descrever todos os crimes, tôdas as astúcias e todos os deboches daquele "oran" crucial para a Europa e o mundo sob o papado.

"ÊSTES COMBATERÃO CONTRA O CORDEIRO"

O Cordeiro é Jesus Cristo. Contra Êle de fato combateram os dez reinos europeus irmanados com a bêsta. Dela receberam e executaram ordens contra o povo de Deus. O sangue dos "santos e das testemunhas de Jesus "foi por êles derramado em profusão no solo europeu, por ordem da bêsta-papal. Por milhões, dezenas de milhões, contou-se o número das vítimas. Batalhavam contra o Cordeiro batalhando contra o Seu povo por ordem da bêsta-romana. Todo o poder que se alia com a bêsta batalha contra o Cordeiro, pois do contrário não poderá com ela aliar-se.

Mas os dez reinos perderam seu tempo em aliarem-se à bêsta de Roma para batalhar contra o Cordeiro. Nada ganharam com isto, antes perderam, porque a profecia diz: "E o Cordeiro os vencerá, porque é Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com Êle, chamados, e eleitos, e fiéis". Quem poderá vencer o Cordeiro de Deus? Quem vencerá os que estão com Êle? No capítulo seis é referido que, aos milhões que foram chacinados por aquêles reinos sob as ordens da bêsta, "foram dadas a cada um compridas vestes brancas", emblema de vitória embora lhes fôsse derramado sangue pelos agentes de Satã. Os seus matadores sim, foram vencidos em vez de vencedores.

AS ÁGUAS QUE VISTE

VERSO 15 — *"E disse-me: As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, e multidões, e nações, e línguas".*

O versículo dezoito contém a explanação do primeiro referente às águas onde a "grande prostituta" estava assentada. Ela fôra vista assentada sobre uma bêsta côr de escarlata com "sete cabeças e dez chifres", as cabeças representando Roma e os dez chifres a Europa. Aí estão os "povos, e multidões, e nações, e línguas", sôbre os quais a mulher estava assentada, a todos dirigindo a seu prazer sem que pudessem dizer-lhe — não.

OS DEZ REINOS ABORRECEM A BÊSTA

VERSOS 16-17 — *"E os dez chifres que viste na bêsta são os que aborrecerão a prostituta, e a porão desolada, e núa, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo. Porque Deus tem pôsto em seus corações que cumpram o seu intento e tenham uma mesma idéia, e que dêem à bêsta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus".*

Êstes versículos falam bem alto do juízo contra a igreja apóstata que infligiram os rez reinos europeus, depois de por algum tempo lhe terem emprestado o poder e autoridade. Em 1798 França foi a primeira nação sujeita a dar-lhe o golpe. E as demais cortaram também com ela as suas relações de Igreja e Estado unidos. A igreja ficou abandonada e privada de suas carnes, isto é, de seus chamados Estados vassalos. Como que queimada no fogo, ficou seu poder reduzido a um montão, aliás, circunscrito aos edifícios do Vaticano. Foi isto que o anjo dissera ao profeta no princípio da visão: "Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sôbre muitas águas". E êste juízo dos dez reinos estava em harmonia com a vontade de Deus. Todavia a condenação sê-lo-á completada de cima.

A MULHER QUE VISTE

VERSO 18 — *"E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra".*

Qual a cidade que reinava sôbre os reis da terra nos tempos de S. João? A resposta é uma só: Roma. Ora, uma mulher profética nunca foi apresentada como emblema de cidade. Na verdade não era a cidade de Roma que reinava sôbre os reis da terra, mas o poder romano que nela tinha o seu assento. A mulher vista sôbre a bêsta, na visão, não era a cidade de Roma, mas a igreja, também denominada Roma, que dela reinou sôbre os reis da terra ao cair o poder romano civil. A declaração de que a mulher era a cidade de Roma, foi apenas uma pista dada ao profeta, pelo anjo que o assistia, para que nós encontrássemos o caminho para entendermos o perfeito cumprimento da profecia.

CAPÍTULO XVIII

A CONDENAÇÃO DA GRANDE BABILÔNIA

INTRODUÇÃO

Neste décimo oitavo capítulo a profecia trata, em primeiro lugar, de um grande esforço ou de uma poderosíssima obra para advertir da queda de Babilônia e chamar dela o povo de Deus. E a gloriosa obra será secundada pela demonstração de profusas maravilhas da graça tais ou maiores que as do pentecostes apostólico.

Em segundo lugar, o capítulo trata da condenação da "grande Babilônia" e do imenso espanto que a tôdas as classes do mundo, também condenadas com ela, causará a sua destruição. A maior decepção será manifesta pelos poderes que com ela fizeram aliança e pelos que se enriqueceram com as suas mercadorias com que ludibriou o mundo cristão. Mas a Babilônia "mãe" não será a única a ser aniquilada. Suas filhas o serão conjuntamente com ela. E o mundo, afinal, renovado e purificado, estará, pela eternidade, livre de Babilônia e de sua prole corruptora.

O ANJO QUE ILUMINOU A TERRA COM A SUA GLÓRIA

VERSO 1 — *"E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória".*

"E VI DESCER DO CÉU OUTRO ANJO, QUE TINHA GRANDE PODER"

Êste anjo anuncia uma poderosa obra religiosa mundial de extraordinárias proporções. Sua mensagem, por duas distintas razões exaradas na profecia, aplica-se ao derradeiro fim da história do mundo: 1) A anunciação da queda definitiva de Babilônia e do juízo sôbre ela. 2) A iminência do derramamento das sete pragas como contidas no capítulo dezesseis.

A mensagem dêste anjo está estreitamente ligada à mensagem final do terceiro anjo do capítulo quatorze. Êste adverte contra a bêsta-romana, sua imagem protestante e da "ira de Deus", as sete pragas; aquele adverte contra Babilônia que é a mesma bêsta-romana e sua imagem protestante e das pragas que são a "ira de Deus". A conclusão a que chegamos é que os dois são um só e o mesmo anjo e apontam a um único movimento religioso que abrange tôda a terra.

Ambos são o terceiro anjo. A diferença está em que o do capítulo dezoito representa uma das últimas fases da obra do terceiro anjo num alto e vigoroso clamor ou num apêlo veemente e derradeiro ao mundo antes do encerramento da graça redentora de Deus. Isto é confirmado pelo Espírito da Profecia de Deus, nestas palavras: "Como predito no décimo oitavo capítulo do Apocalipse, a mensagem do terceiro anjo deve ser proclamada com grande poder por aqueles que dão a final advertência contra a besta e sua imagem... Esta é a mensagem dada por Deus para ser proclamada por ocasião do alto clamor do terceiro anjo"[1])

"E A TERRA FOI ILUMINADA COM A SUA GLÓRIA"

Estas palavras da inspiração referem à grandiosa maneira como o terceiro anjo finalizará a sua obra mundial. "A mensagem não perde nada de sua fôrça no vôo progressivo do anjo; pois João o vê crescendo em resistência e poder até que a terra inteira seja iluminada por sua glória".[2]) Esta imensa e gloriosa obra futura será o resultado sem medida e em grande profusão, do derramamento do Espírito Santo ou, noutras palavras, do advento da chuva serôdia anunciada nas profecias como um refrigério para a igreja de Deus, que é o terceiro anjo nesta geração.

"Ao atingir a terceira mensagem, o volume de um alto clamor, e com grande poder e glória empenhar-se na finalização da obra, o fiel povo de Deus participará daquela glória. E' a chuva serôdia que os reviverá e fortalecerá para passarem através do tempo de provação. Suas faces brilharão com a glória daquela luz que acompanha o terceiro anjo".[3])

Quando nos dias apostólicos a igreja cristã nascente recebeu profusamente o poder do Espírito Santo, o recebeu em cumprimento da profecia de Joel, como chuva temporã, para fazer germinar o sagrado grão semeado e formar, propriamente, a igreja.[4]) "Assim como a 'chuva temporã' foi dada, no derramamento do Espírito Santo no início do evangelho, para efetuar a germinação da preciosa semente, a 'chuva serôdia' será dada em seu final para o amadurecimento da seara. A grande obra do evangelho não deverá encerrar-se com menos manifestação do poder de Deus do que a que assinalou o seu início. As profecias que se cumpriram no derramamento da chuva temporã no início do evangelho, devem novamente cumprir-se na chuva serôdia, no final do mesmo. Eis aí 'os tempos do refrigério' que o apóstolo São Pedro esperava quando disse: 'Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor, e envie Êle a Jesus Cristo'"[5])[6])

Os mesmos prodígios e maravilhas realizados pela igreja apostólica no pentecostes, e ainda mais abundantes e salientes, serão então

realizados pelo povo de Deus transbordante do poder do Espírito Santo pela chuva Serôdia.[1]) "Os doentes serão curados e sinais e maravilhas seguirão aos crentes". Esta gloriosa obra será cumprida imediatamente antes do derramamento das sete últimas pragas "enquanto Cristo está no santuário. Naquele tempo enquanto prossegue a obra de salvação, a provação virá sôbre a terra, e as nações encolerizar-se-ão, mas serão contidas para não impedir a obra do terceiro anjo. Naquele tempo a 'chuva serôdia', ou o refrigério da presença do Senhor, virá, para dar poder ao alto clamor do terceiro anjo, e preparar os santos para permanecerem no período em que as sete últimas pragas serão derramadas".[2])

"CAIU, CAIU A GRANDE BABILÔNIA"

VERSOS 2-3 — *"E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e coito de todo o espírito imundo, e coito de tôda a ave imunda e aborrecível. Porque tôdas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição, e os reis da terra se prostituiram com ela; e os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas delícias".*

TERRÍVEL DENÚNCIA CONTRA BABILÔNIA

A profecia do capítulo anterior estampa os progressos da grande Babilônia, a igreja dominante como "mãe das prostitutas" ou das falsas outras igrejas que dela sairam como resultado da Reforma Luterana do século XVI e constituem um dos setores da Babilônia mundial. O têrmo Babilônia significa "confusão", e tal tem sido a condição do falso cristianismo babilônico com sua profusão de seitas e diversidade de sentimentos que existe em seu meio. Então, por ocasião do alto clamor do terceiro anjo, a "mãe" e suas filhas serão denunciadas num grande clamor mundial como igrejas apóstatas e caídas. Tão terrível é a situação espiritual da igreja mãe e suas filhas, e tanto mais será naquele tempo, que, não só serão denunciadas como Babilônia mas também como "morada de demônios, e coito de todo o espírito imundo, e coito de tôda a ave imunda e aborrecível". Tal foi a situação da antiga Babilônia oriental que pretendia salvar-se por suas obras. Ao ser destruída, suas ruínas vieram a ser habitação de feras, sátiros, avestruzes e "horríveis animais".[3]) Tornou-se um lugar medonho e apavorante. A situação da Babilônia espiritual é ainda mais assombrosa.

As igrejas que surgiram com a Reforma, o protestantismo, serão surpreendidas. Depois de terem saído de Roma e corrido bem até certo tempo, preferiram manter várias doutrinas errôneas da igreja "'mãe" e encerrar-se em seus credos e idéias próprias tradicionais em contradição às puras doutrinas do evangelho de Cristo. Esta atitu-

de do protestantismo é causa responsável de seu maculado caráter perante Deus como o é o da igreja de onde se afastou. Aí jaz a razão por que serão logo denunciadas, conjuntamente com a igreja romana, como caídas e habitação de demônios — as igrejas protestantes. E não somente demônios terão feito de Babilônia habitação, mas também o "coito de todo espírito imundo". Vede o que é "coito" e tereis uma idéia real e terrível da prostituição espiritual demoníaca do mundo cristão em geral. Seus ensinos são denunciados como resultantes da sua união espiritual e ilegal com os demônios e espíritos imundos.

Também a Babilônia odiosa está cheia de "coito de tôda a ave imunda e aborrecível". Vede a coleção de aves espirituais da Babilônia mãe, e tereis o perfeito cumprimento da profecia. Por exemplo: "Ave-Maria", "Ave-Maristella", "Ave-Regina Coelorum", "Ave-Coração Divino", "Ave-Verum Corpus Natum", "Ave-Sanctum, Ave-Purum", etc. Sim, são denúncias tremendas da revelação estas prostituições de Babilônia com espíritos imundos e com aves imundas e aborrecíveis. A profecia cumpriu-se evidentemente.

O VINHO DE BABILÔNIA

Antes de tudo veja-se a exposição do versículo dois do capítulo anterior sôbre o "vinho da sua prostituição". Vinho, espiritualmente falando, é emblema da verdadeira salvação em Jesus Cristo. Como prova disso instituiu o próprio Senhor Jesus o vinho da ceia ou da santa ceia, figura do Seu sangue precioso derramado para redimir o homem. Mas, a Babilônia mãe e suas filhas são denunciadas por estarem dando a beber ao mundo, não deste vinho autêntico, mas sim do vinho de uma falsa salvação que é conhecido por seus poluídos ensinamentos. Antes de se tornar Babilônia, o cristianismo clerical, católico e protestante, recebeu o puro vinho da verdadeira salvação, daquela salvação comprada pelo derramamento do sangue do Filho de Deus, na cruz. Porém, sua união ou sua prostituição com os "reis da terra", fê-lo repudiar aquêle glorioso vinho da salvação celestial, e, dado isto, viu-se na contingência de forjar um novo corpo de doutrinas em contraposição às do evangelho de Cristo, para ajustar a sua união com os potentados e dela tirar o máximo em vantagens políticas e pecuniárias. Suas falsas doutrinas constituem o vinho da sua prostituição com o qual embriaga as nações da terra e as entorpece.

"Não fôsse o caso de se achar o mundo fatalmente embriagado com o vinho de Babilônia, e multidões seriam convencidas e convertidas pelas verdades claras e penetrantes da Palavra de Deus. Mas a fé religiosa parece tão confusa e desconcertante que o povo não sabe o que crer como verdade".[1])

Mas o vinho de Babilônia chama-se "vinho da ira". Por que? O vocábulo grego *"THUMOS"* — ira, significa "ira" de verdade. "E'

uma ira criada pelas doutrinas falsas, e, quando os reis e presidentes bebem deste vinho da ira da sua prostituição, são instigados, pela cólera, a irem contra os que não se uniram às falsas e satânicas heresias que exaltam o sábado espúrio (domingo) e levam o homem a calcar sob os pés o memorial de Deus".[1]) E ai de quem não beber o vinho de Babilônia. O tal estará marcado para a primeira oportunidade pagar bem caro a sua ousadia em não entornar a entorpecente taça. A Idade Média testemunhou como Babilônia deu a beber o seu vinho com a espada dos reis que com ela se prostituiram bebendo seu vinho, na sua mão. E multidões que o recusaram foram prostradas a perecerem. Mas um dia que se aproxima veloz, Babilônia irá também provar certa classe de vinho — o "vinho da ira de Deus, que se deitou não misturado, no calix da Sua ira".[2])

BABILÔNIA ENRIQUECEU OS MERCADORES DA TERRA

Inúmeros comerciantes da terra enriquecem com as mercadorias que Babilônia lhes compra e com as que lhes manufatura para venderem ao mundo. Para entendermos isto, basta meditarmos sôbre o luxo dos templos e do clero em todo o mundo e sôbre os objetos de seu culto vendidos pelos comerciantes da terra. Roma proporciona a industriais e comerciantes grandes lucros. Também o protestantismo, filho de Babilônia, não fica muito atrás de sua mãe. Mas deixemos tais comerciantes por um momento.

"SAI DELA POVO MEU"

VERSOS 4-6 — *"E ouvi outra voz do céu, que dizia: Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas. Porque já os seus pecados se acumulam até ao céu, e Deus se lembrou das iniqüidades dela. Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado, e retribuí-lhe em dôbro conforme as suas obras: no calix em que vos deu de beber dai-lhe a ela em dôbro".*

UM APÊLO SEM PRECEDENTE

Quando a velha Babilônia do rio Eufrates estava prestes a ser destruída pelos juízos de Deus, o Senhor enviou a Seu povo, que nela ainda estava, um solene aviso e conselho: "Fugi do meio de Babilônia, e livre cada um a sua alma; não vos destruais a vós na sua maldade: porque êste é o tempo da vingança do Senhor; Êle lhe dará a sua recompensa".[3]) E quando o momento chegar para a moderna Babilônia receber os juízos de Deus, também um soleníssimo aviso e chamado para abandoná-la será feito ao povo de Deus que ainda nela está. A poderosa e derradeira obra do terceiro anjo

iluminará a terra inteira e o povo de Deus ouvirá o brado de alarme e aviso: "Sai dela povo meu". Não será um aviso em segredo; será uma "voz do céu", um inigualável clamor, uma poderosíssima voz.

Naquele tempo futuro, "servos de Deus, com o rosto iluminado e a resplandecer de santa consagração, apressar-se-ão de um lugar para outro para proclamar a mensagem do céu. Por milhares de vozes em tôda a extensão da terra, será dada a advertência". "A mensagem há de ser levada não tanto por argumentos como pela convicção profunda do Espírito de Deus. Os argumentos foram apresentados. A semente foi semeada e agora brotará e frutificará. As publicações distribuídas pelos missionários têm exercido sua influência; todavia, muitos que ficaram impressionados, foram impedidos de compreender completamente a verdade, ou de lhe prestar obediência. Agora os raios da luz penetram por tôda a parte, a verdade é vista em sua clareza, e os leais filhos de Deus cortam os liames que os têm retido. Laços de família, relações na igreja, são impotentes para os deter agora. A verdade é mais preciosa do que tudo o mais. Apesar das forças arregimentadas contra a verdade, grande número se coloca ao lado do Senhor".[1])

Centenas e milhares dentre o povo de Deus, transbordantes de Seu poder, em tôda a vastidão da terra, penetrarão nos lares do povo e lhes abrirão a santa Palavra de Deus. Os corações serão convencidos pelo poder do Espírito de Deus, e manifestar-se-á um espírito de genuína conversão. Portas se abrirão por tôda a parte à proclamação da verdade. O mundo parecerá iluminado pela influência celestial. Grandes bênçãos serão recebidas pelo fiel e humilde povo de Deus.

Deus tem filhos honestos em Babilônia. Almas sinceras nela estão, tanto na igreja católica como nas igrejas protestantes. Não receberam o conhecimento da sã verdade. Estão servindo a Deus no êrro, julgando ser êle a verdade. A elas será dado o grande brado — Sai dela, povo meu. Pastôres e membros leigos serão chamados das falsas igrejas, "e receberão, alegremente, a verdade". "A luz brilhará e todos os que são honestos deixarão as igrejas caídas, e tomarão posição com os remanescentes".[2]) "Muitos" estão "amarrados; algumas mulheres pelos maridos, e crianças por seus pais. Os honestos que" têm "sido impedidos de ouvir a verdade", então "àvidamente" lançarão "mão da mesma". Esvaecer-se-á "todo o receio de seus parentes, e somente a verdade" será "exaltada para êles. Haviam estado com fome e sêde da verdade; esta lhes era mais querida e preciosa do que a vida".[3])

O regozijo de inúmeros corações não poderá ser agora descrito, pois pena alguma o poderá fazer. Oh maravilhoso amor do Amante Pai divino! Êle não poderá ver Seu honesto povo, ainda ligado a

Babilônia, perecer com ela! O alto clamor do terceiro anjo visa especialmente estas almas enganadas e presas em Babilônia por tantos laços que elas mesmas não os podem compreender. Mas oh, sairão alegres e apressadamente da Babilônia corrupta que os enganou, ao soar-lhes a grande voz do céu — Sai dela, povo meu. Nenhum laço mais de afinidade as prenderão neste mundo.

POR QUE SAIR DE BABILÔNIA?

A razão do clamor ao povo de Deus para sair de Babilônia é bem claro no próprio clamor: "Para que não sejas participante de seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas". Babilônia é acusada de pecados contra Deus, e pecados que já se "acumularam até ao céu e Deus se lembrou das iniqüidades dela". Ela "encheu a medida de sua culpa, e a destruição está a ponto de cair sôbre ela". Tal é a enormidade de seus pecados contra Deus e o céu. Isto revela a avalanche de erros doutrinários ensinados pelos porta-vozes de Babilônia.

"Mas Deus tem ainda um povo em Babilônia; e, antes de sobrevirem seus juízos, êsses fiéis devem ser chamados a sair, para que não sejam participantes dos seus pecados e não incorram nas suas pragas. Esta a razão de ser do movimento simbolizado pelo anjo descendo do céu, iluminando a terra com a sua glória, e clamando, fortemente, com grande voz, anunciando os pecados de Babilônia. Em relação com a sua mensagem ouve-se a chamada: 'Sai dela, povo meu'. Êstes anúncios, unindo-se com a mensagem do terceiro anjo, constituem a advertência final a ser dada aos habitantes da terra".[1])

A OPOSIÇÃO DE BABILÔNIA

"O sábado será a pedra-de-toque da lealdade; pois que é o ponto da verdade especialmente controvertido. Quando sobrevier aos homens a prova final, traçar-se-á a linha divisória entre os que servem a Deus e os que O não servem. Enquanto a observância do sábado espúrio (o domingo) em conformidade com a lei do Estado, contrária ao quarto mandamento, será uma declaração de fidelidade ao poder que se acha em oposição a Deus, é a guarda do verdadeiro sábado, em obediência à lei divina, uma prova de lealdade para com o Criador. Conquanto uma classe, aceitando o sinal de submissão aos poderes terrestres, receba o sinal da bêsta, a outra, preferindo o sinal de obediência à autoridade divina, recebe o sêlo de Deus.

"Até aqui, os que apresentavam as verdades da mensagem do terceiro anjo foram muitas vêzes considerados como simples alarmistas. Suas predições de que a intolerância religiosa alcançaria predomínio nos Estados Unidos, de que a igreja e o Estado se uniriam

para perseguir os que guardam os mandamentos de Deus, foram declaradas sem fundamento e absurdos. Afirmou-se confiantemente que êsse país jamais se poderia tornar outro que não o que tem sido: defensor da liberdade religiosa. Mas, ao ser a questão da obrigatoriedade da observância do domingo amplamente agitada, vê-se aproximar o fato há tanto tempo duvidado e descrito, e a terceira mensagem produzirá um efeito que antes não seria possível produzir".

"Assim será proclamada a mensagem do terceiro anjo. Ao chegar o tempo para que ela seja dada com o máximo poder, o Senhor operará por meio de humildes instrumentos, dirigindo a mente dos que se consagram ao Seu serviço. Os obreiros serão antes qualificados pela unção de Seu Espírito do que pelo preparo das instituições de ensino. Homens de fé e oração serão constrangidos a sair com zêlo santo, declarando as palavras que Deus lhes dá. Os pecados de Babilônia serão patenteados. Os terríveis resultados da imposição das observâncias da igreja pela autoridade civil, as incursões do espiritismo, os furtivos mas rápidos progressos do poder papal — tudo será desmascarado. Por meio destes solenes avisos o povo será comovido. Milhares de milhares que nunca ouviram palavras como essas, escutá-las-ão. Com espanto ouvirão o testemunho de que Babilônia é a igreja, caída por causa de seus erros e pecados, por causa de sua rejeição da verdade, enviada do céu a ela. Ao ir o povo a seus antigos ensinadores, com a ávida pergunta — São estas coisas assim? — os ministros apresentam fábulas, profetizam coisas agradáveis, para acalmar-lhes os temores, e silenciar a consciência despertada. Mas, visto que muitos se recusarão a satisfazer-se com a mera autoridade dos homens, pedindo um claro — 'Assim diz o Senhor' — o ministério popular, semelhante aos fariseus da antiguidade, cheio de ira por ser posta em dúvida a sua autoridade, denunciará a mensagem como sendo de Satanás, e agitará as multidões amantes do pecado para ultrajar e perseguir os que a proclamam.

"Estendendo-se a controvérsia a novos campos, e sendo a atenção do povo chamada para a lei de Deus calcada a pés, Satanás entrará em ação. O poder que acompanha a mensagem apenas enfurecerá os que a ela se opõem. O clero empregará esforços quase sobrehumanos para excluir a luz, receoso de que ilumine seus rebanhos. Por todos os meios ao seu alcance esforçar-se-á por evitar todo estudo dêstes assuntos vitais. A igreja apelará para o braço forte do poder civil, e nesta obra unir-se-ão romanistas e protestantes. Ao tornar-se o movimento em prol da imposição do domingo mais audaz e decidido, invocar-se-á a lei contra os observadores dos mandamentos. Serão ameaçados com multas e prisão, e a alguns se oferecerão posições de influência e outras recompensas e vantagens, como engodo para renunciarem a sua fé. Mas sua perseverante resposta será: 'Mostrai-nos pela Palavra de Deus o nosso êrro' — a mesma que foi

apresentada por Lutero sob idênticas circunstâncias. Os que forem citados perante os tribunais, defenderão desassombradamente a verdade, e alguns que os ouvirem serão levados a decidir-se a guardar todos os mandamentos de Deus. Assim a luz chegará a milhares que de outra maneira nada saberiam destas verdades.

"A conscienciosa obediência à Palavra de Deus será considerada rebeldia. Cegado por Satanás, o pai exercerá aspereza e severidade para com o filho crente; o patrão ou patroa oprimirá o empregado que observe os mandamentos. A afeição será alienada; filhos serão deserdados e expulsos do lar. Cumpri-se-ão literalmente as palavras de S. Paulo: 'Todos os que piamente quiserem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições'.[1]) Como os defensores da verdade se recusem a honrar o descanso dominical, alguns dêles serão lançados na prisão, exilados outros, e outros tratados como escravos. Para a sabedoria humana, tudo isto parece agora impossível: mas, ao ser retirado dos homens o Espírito de Deus, o qual tem o poder de reprimi-los, e ao ficarem êles sob o govêrno de Satanás, que odeia os preceitos divinos, hão-de desenvolver-se coisas estranhas. Quando o temor e o amor de Deus são removidos, o coração pode tornar-se muito cruél".[2])

Provavelmente é devido à oposição de Babilônia ao alto clamor do terceiro anjo que ela receberá "em dôbro" ou juízo duplo do que iria receber. Em dôbro deverá beber o juízo de Deus no mesmo calix em que deu seu poluído vinho aos que enganou no mundo.

BABILÔNIA SERÁ QUEIMADA NO FOGO

VERSOS 7-8 — *"Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve, foi-lhe outro tanto de tormento e pranto; porque diz em seu coração: Estou assentado como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto. Portanto, num dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo; porque é forte o Senhor Deus que a julga".*

O Senhor Deus é quem glorifica aquêles que são Seus. Mas Babilônia, menosprezando a glorificação de Deus e preferindo glorificar-se a si mesma, testemunha com isto que Deus nada tem com ela. Além disso viveu em delícias, não se deliciando na vida espiritual honrosa e nas coisas divinas, mas na vida carnal, amando mais os deleites da vida em pecado do que deleitando-se em Deus e em Cristo. E tôda esta sua carnal atitude redundará em "outro tanto de tormento e pranto" além do que já merecia ela.

Mas o orgulho de Babilônia é deveras revoltante. Jata-se de não ser viúva sem poder e abandonada, mas ser rainha soberana. Seu desejo é sempre reinar, reinar secularmente e sôbre as consciências alheias. E na verdade ela é rainha. Mas seu esposo rei não é Deus

nem Jesus Cristo aos Quais abandonou. Babilônia uniu-se com um rei chamado por S. Paulo — homem do pecado, o qual se opõe, e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou se adora. E depois de tão flagrantes transgressões, ainda diz: "...e não verei o pranto"! Contudo sua malícia será vingada. "Num dia (ou num ano) virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo". Logo terá ela um ano cheio da vingança do céu, "porque é forte o Senhor Deus que a julga", e lhe dará o seu legítimo quinhão. Babilônia será inesperadamente surpreendida em seu orgulho e transgressões e perecerá inteiramente.

LAMENTAÇÃO GERAL SÔBRE BABILÔNIA

VERSOS 9-19 — *"E os reis da terra que se prostituiram com ela, e viveram em delícias, a chorarão, e sôbre ela prantearão, quando virem o fumo de seu incêndio; estando de longe pelo temor do seu tormento, dizendo: Ai! ai daquela grande Babilônia, aquela forte cidade! pois numa hora veio o seu juízo. E sôbre ela choram e lamentem os mercadores da terra; porque ninguém mais compra as suas mercadorias: Mercadorias de ouro, e de prata, e de pedras preciosas, e de pérolas, e de linho fino, e de púrpura, e de seda, e de escarlata; e tôda a madeira odorífera, e todo o vaso de marfim, e todo o vaso de madeira preciosíssima, de bronze e de ferro, e de mármore; e cinamomo, e amomo, e perfume, e mirra, e incenso, e vinho, e azeite, e flor de farinha, e trigo, e cavalgaduras, e ovelhas; e mercadorias de cavalos, e de carros, e de corpos e de almas de homens. E o fruto do desejo da tua alma foi-se de ti; e tôdas as coisas gostosas e excelentes se foram de ti, e não mais as acharás. Os mercadores destas coisas, que com elas se enriqueceram, estarão de longe, pelo temor do seu tormento, chorando, e lamentando. E dizendo: Ai, ai daquela grande cidade! que estava vestida de linho fino, de púrpura, de escarlata; e adornada com ouro e pedras preciosas e pérolas! Porque numa hora foram assoladas tantas riquezas. E todo o piloto, e todo o que navega em naus, e todo o marinheiro, e todos os que negociam no mar se puseram de longe; e, vendo o fumo do seu incêndio, clamaram, dizendo: Que cidade é semelhante a esta grande cidade? E lançaram pó sôbre as suas cabeças, e clamaram, chorando, e lamentando, e dizendo: Ai, ai daquela grande cidade! na qual todos os que tinham naus no mar se enriqueceram em razão da sua opulência; porque numa hora foi assolada".*

A LAMENTAÇÃO DOS REIS SÔBRE BABILÔNIA

Quando sua ruína suceder, então "os reis da terra", que com ela se prostituiram pela aceitação de seus espúrios ensinos, e depois a desprezaram, mas que, por interesses políticos tornarão a unir-se

a ela, novamente, chorarão e lamentarão a sua ruína. De longe ou sem poder socorrê-la pelo temor do seu tormento, confessarão ter chegado a sua destruição.

A LAMENTAÇÃO DOS MERCADORES SÔBRE BABILÔNIA

À queda das primeiras pragas que afetarão em cheio Babilônia e seus súditos, ficarão privados os seus mercadores de venderem suas mercadorias. Com seus corpos cobertos de chagas e sedentos, não pensarão os habitantes da "grande cidade" em continuar comprando as mercadorias inúteis da "grande Babilônia". Suas mercadorias referidas nos textos citados, são vendidas na praça como emblemas de seu culto e usadas por seus súditos em suas devoções. Entre elas salientam-se os "corpos e almas de homens", que lembram seu comércio com os cadáveres dos mortos nas encomendações e nas missas em intensão de suas pretendidas almas no inferno e no purgatório imaginários. Tôdas estas mercadorias "gostosas e excelentes", que revelam o seu domínio espiritual sôbre vivos e mortos, não serão mais achadas em Babilônia desde a queda das pragas para subvertê-la inteiramente. Chorando e lamentando a ruína de seu comércio, os mercadores de Babilônia confessarão que "numa hora foram assoladas tantas riquezas", as imensas riquezas estorquidas de seus incautos súditos através do êrro bem preparado para ludibriá-los.

A LAMENTAÇÃO DOS NAVEGANTES SÔBRE BABILÔNIA

Agora a profecia faz menção dos navegantes ou das emprêsas marítimas. Paralizado todo o tráfego na imensidade das águas tornadas em sangue, reconhecerão que chegou a hora do juízo sôbre Babilônia. Lamentarão a sorte de Babilônia que tanto lucro lhes dera com suas decretadas peregrinações, seus congressos, suas missões distantes e seus missionários. "Vendo o fumo do seu incêndio", admirar-se-ão estupefatos; pois jamais sonharam com a destruição duma cidade sem rival na terra como fôra Babilônia. Lamentarão por não mais poderem enriquecer-se com a sua opulência, e disso darão a razão: Porque numa hora foi assolada. Sim, por terra e por mar Babilônia enriqueceu aquêles que se prontificaram apoiá-la — vendendo suas mercadorias e transportando seus emissários através de todos os mares.

Todos êstes emblemas referentes aos reis da terra, aos mercadores e aos navegadores ligados a Babilônia, são fôrça de expressão profética atestando o completo aniquilamento e subversão de Babilônia, e demonstrando que todos quantos a apoiaram e a ajudaram a difundir seus erros, nada poderão fazer para a salvarem ante os juízos destruidores de Deus; pois êles mesmos, conjuntamente com ela, perecerão para todo o sempre.

ALEGRIA SÔBRE A RUÍNA DE BABILÓNIA

VERSO 20 — *"Alegra-te sôbre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas; porque já Deus julgou a vossa causa quanto ai ela".*

Enquanto na terra os súditos de Babilônia hão de lamentar sua queda e destruição; os céus alegrar-se-ão sumamente por seu desaparecimento e por ter Deus livrado a terra de tão perversa entidade influenciada por Satanás. Os santos que por Babilônia foram perseguidos de morte; os apóstolos e profetas que a advertiram de seus erros e predisseram sua ruína, cujos ensinos ela pervertera — alegrar-se-ão todos com indizível regozijo pela vingança de Deus sôbre a perversa Babel.

A SUBVERSÃO DE BABILÔNIA ILUSTRADA

VERSO 21 — *"E um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó, e lançou-a no mar, dizendo: Com igual ímpeto será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada".*

Quando Deus, no passado remoto, achou por bem ilustrar pela palavra da inspiração a destruição da antiga Babilônia do Oriente, assim o fêz: "Escreveu pois Jeremias num livro todo o mal que havia de vir sôbre Babilônia: tôdas estas palavras que estavam escritas contra Babilônia. E disse Jeremias e Seraias: Em tu chegando a Babilônia, verás e lerás tôdas estas palavras. E dirás: Senhor! Tu falaste a respeito dêste lugar, que o havias de desarraigar, até não ficar nele morador algum, desde o homem até ao animal, mas que se tomaria em perpétuas assolações. E será que, acabando tu de ler êste livro, o atarás a uma pedra e o lançarás no meio do Eufrates. E dirás: Assim será afundada Babilônia, e não se levantará, por causa do mal que Eu ei de trazer sôbre ela; e êles se cansarão. Até aqui as palavras de Jeremias".[1]) Esta profecia aniquilou aquela Babilônia antiga.

De modo igual, porém mais impressionante, ilustra o Todo-poderoso a destruição da Babilônia moderna. Como uma mó que, lançada às profundezas do mar afunda ràpidamente sem a possibilidade de tornar à tona, assim é ilustrada a subversão rápida de Babilônia e tirada tôda a possibilidade de torná-la a surgir novamente para enganar e arruinar o mundo.

Jesus empregou a figura da "mó" lançada ao mar, para ilustrar o destino dos que promovem escândalo.[2]) Aí está a razão por que sôbre Babilônia foi empregada a mesma ilustração: Ela causou inúmeros escândalos em tôda a terra e em tôda a história. E o anjo que na visão lançou no mar a "mó" simbólica, asseverou a perdição da escandalosa Babilônia, nestas palavras: "Com igual ímpeto será

lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada". A mesma condenação foi proferida sôbre a velha Babilônia.

O EXTERMÍNIO DE TÔDA A VIDA DE BABILÔNIA

VERSOS 22-24 — "E em ti não se ouvirá mais a voz de harpista, e de músicos, e de frauteiros, e de trombeteiros, e nenhum artífice de arte alguma se achará mais em ti; e ruído de mó em ti se não ouvirá mais; e luz de candeia, não mais luzirá em ti, e voz de espôso e de espôsa não mais em ti se ouvirá; porque os teus mercadores eram os grandes da terra; porque tôdas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias. E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra".

Tôda a vida artística de Babilônia, destinada a exaltá-la sôbre tudo, desaparecerá com ela. Tôda a luminaria de seus templos não mais luzirá nêles porque se converterão em montões de escombros. Não mais a voz "de espôso e de espôsa" "se ouvirá ante seus altares para suplicar a bênção matrimonial, porque êles também ruirão com seus templos.

Finalmente o capítulo termina acusando Babilônia de ter enganado as nações com suas feitiçarias. Como feitiçarias são consideradas os seus erros religiosos que impingiu ao mundo pela astúcia da inspiração demoníaca. Também é acusada Babilônia de responsável pelo crime do derramamento do "sangue dos profetas e dos santos" que foram mortos. Perseguindo os santos e derramando-lhes o sangue, tornou-se culpada também no derramamento do sangue dos profetas os quais êles representavam ensinando a mesma verdade que eles ensinaram aos homens em seus dias.

CAPÍTULO XIX

A VITÓRIA DE CRISTO SÔBRE BABILÔNIA

INTRODUÇÃO

O capítulo dezessete apresenta Babilônia no seu efêmero esplendor em sua união ilícita com os reis da terra enquanto pretende cristianismo. No capítulo dezoito é ela desmascarada, acusada de habitação de demônios e lavrada a sua condenação. Porém, o capítulo dezenove descreve a vitória total de Cristo e de Seus santos sôbre Babilônia.

A primeira parte do capítulo trata do imenso regosijo que causará entre os sêres celestiais e os santos ainda na terra, a queda de Babilônia sob o poder de Cristo. A segunda parte concretiza a certeza da vitória de Cristo sôbre Babilônia, e atesta que ela é, especialmente, o conjunto de duas grandes facções religiosas — o papado e o protestantismo ou primeira e segunda bêstas e suas múltiplas igrejas. Com êste capítulo encerram-se as profecias que dizem respeito à multimilenária contenda entre a luz e as trevas ou entre o bem e o mal ou entre Cristo e Satanás até à segunda vinda do Senhor Jesus.

REGOZIJO NO CÉU PELA QUEDA DE BABILÔNIA

VERSOS 1-4 — *"E, depois destas coisas, ouvi no céu como que uma grande voz de uma grande multidão, que dizia: Aleluia: Salvação, e glória, e honra, e poder pertencem ao Senhor nosso Deus; porque verdadeiros e justos são os Seus juízos, pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição, e das mãos dela vingou o sangue dos Seus servos. E outra vez disseram Aleluias. E o fumo dela sobe para todo o sempre. E os vinte e quatro anciãos, e os quatro animais, prostraram-se e adoraram a Deus, assentado no trono, dizendo Amém. Aleluia".*

O céu regozijar-se-á com o julgamento ou vitória de Cristo sôbre "a grande prostituta" que corrompeu a terra com a sua prostituição e com a vingança do "sangue de Seus santos" "das mãos dela".

Enquanto na terra, à queda de Babilônia, os reis, os mercadores e os navegantes que tiveram contato com ela pronunciarão três "ais" duplos, os habitantes do céu, fremindo de alegria por sua subversão, pronunciarão três "aleluias". Em todo o Novo Testamento não encontramos o têrmo "aleluia" senão neste capítulo, e tanto mais se

reveste êle de significação quando é empregado como expressão de triunfo sobre a ruína de Babilônia.

Aleluia é uma palavra hebraica de "Halelu": Louvai e "Jah": Deus, isto é, louvai a Deus. "Entre os judeus, segundo o ritual fixado pelo Talmude, cantava-se, 18 vêzes no ano, especialmente durante o repouso pascal, o grande hallel, isto é, salmos 113 a 118 que principiam todos pela palavra aleluia".[1])

REGOZIJO NO CÉU PELAS BODAS DO CORDEIRO

VERSOS 5-9 — *"E saiu uma voz do trono, que dizia: Louvai o nosso Deus, vós, todos os seus servos, e vós que O temeis, assim pequenos como grandes. E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia: pois já o Senhor Deus Todo-poderoso reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-Lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua espôsa se aprontou. E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandescente; porque o linho fino são as justiças dos santos. E disse-me: Escreve: Bem-aventurados aquêles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus".*

UM CONVITE DO TRONO DE DEUS

Depois do primeiro côro celeste regozijar-se pela queda de Babilônia, uma voz do trono convidará as hostes celestes para um ainda maior louvor ao nome de Deus. Imediatamente um segundo côro entoará o Seu louvor. E, quão altamente grande há de ser a voz daquele côro, dá-nos a entender o profeta, dizendo que será como "a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões". Vejamos as palavras do grande côro:

"Aleluia: pois já o Senhor Deus Todo-poderoso reina". A aleluia de que Deus "já... reina", aludirá ao Seu reinado na terra. Quando Êle subjugar todos os Seus inimigos conjuntamente com "a grande Babilônia", então Êle reinará, em verdade, no mundo através de Jesus, Seu Filho.

"Vindas são as bodas do Cordeiro". Tão grandemente esperadas são Suas bodas pelos sêres celestiais que, ao estarem para se realizar, a saudarão com altissonante voz em tríplice expressão de contentamento: "Regozijemo-nos, e alegremo-nos e demos-Lhe glória". E se os sêres celestiais anseiam ardentemente pelas bodas do Cordeiro, muito mais deveria a igreja do Cordeiro ansiar por elas. Naquele tempo, tudo terá chegado a um fim exato: Babilônia estará reduzida a pó, as "bodas do Cordeiro" chegarão e a sua espôsa estará pronta para as bodas.

Quem é a espôsa do Cordeiro? No primeiro versículo do capítulo doze assentamos já, que a Sua espôsa é a Sua igreja na terra como representante figurada da Nova Jerusalém que é a verdadeira espôsa do Cordeiro.

A igreja, como espôsa terrestre do Cordeiro, estará trajada de linho fino, puro e resplandescente; porque o linho fino são as justiças dos santos, aliás, a "justiça de Cristo repartida a cada um" dêles como componentes da espôsa do Cordeiro. Nas bodas a espôsa será tão justa como o Cordeiro, o espôso; pois sua justiça será a dÊle.

UMA BEM-AVENTURANÇA

"Bem-aventurados aquêles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus". Infelizmente "muitos são chamados mas poucos escolhidos".[1]) Mas as palavras do Salvador a Seus escolhidos são estas: "Vinde, povo Meu, tendes passado por grande tribulação, e feito a minha vontade; sofreste por Mim; vinde à ceia porque desejo singir-me e servir-vos".[2])

O DOM DE PROFECIA

VERSO 10 — *"E eu lancei-me a seus pés para o adorar; mas êle disse-me: Olha não faças tal: sou teu conservo, e de teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus: adora a Deus; porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia".*

"ADORA A DEUS"

Nos versículos oito e nove do capítulo 22 encontra-se a explanação dêste maravilhoso conselho de Gabriel, o anjo do Senhor. Antes de chegarmos àquela consideração, aceitemos agora mesmo o seu sublime conselho e decidamo-nos a adorar a Deus "em espírito e em verdade"; pois disse Jesus, "o Pai procura a tais que assim O adorem".[3])

O TESTEMUNHO DE JESUS OU O ESPÍRITO DE PROFECIA

O Testemunho de Jesus é definido pela própria revelação como o "Espírito de Profecia". E o que é o Espírito de Profecia? Nesta frase compreendemos duas verdades visíveis e definidas e uma invisível e compreensível. A primeira é o Espírito, isto é, o Espírito Santo, que é o inspirador e o caminho de ligação entre Cristo e o homem. A segunda é a Profecia, a revelação antecipada daquilo que está por suceder. E, a verdade invisível mas indiscutível na frase, é o profeta, um agente humano que fala por inspiração. Estas três verdades da frase — Espírito de Profecia — são esclarecidas por S.

Pedro, nestas palavras: "Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo".[1]) Assim a frase apocalíptica pode ser resumida nestas três palavras: Espírito-profeta-profecia. Isto é o "Testemunho de Jesus", o "Espírito de Profecia", que é mais propriamente denominado de — Dom de Profecia. Através dêsse dom Se tem Jesus comunicado com a família humana, da parte de Deus, desde que o homem caiu em pecado. Nunca foi este dom retirado da igreja quando fiel a Deus. Em certas épocas de crise para a igreja de Deus ou para a humanidade êle tem sido manifesto para admoestar, orientar e predizer, segundo a vontade de Deus.

Antes do pecado do primeiro homem, Deus falava com êle pessoalmente "sem nenhum véu de permeio". Mas, o pecado abriu um abismo entre o homem e Deus, e nem mais a voz audível do Criador pôde êle ouvir sem temor.[2]) Agora, para a continuidade das relações, fêz-se necessário um Mediador que estivesse sôbre o abismo do pecado entre Deus e o homem. E quem poderia ser o Mediador senão o Filho de Deus? Através de Jesus a humanidade foi novamente ligada com Deus imediatamente após a entrada do pecado. Esta gloriosa verdade do plano da salvação foi maravilhosamente ilustrada no sonho de Jacó, segundo o qual o Filho de Deus se tornou uma escada simbólica de acesso ao céu e do céu à terra; do homem a Deus e de Deus ao homem. E assim continuaram as relações entre o homem e seu Criador, até ao dia de hoje.

Como, porém, o Mediador era em tudo semelhante a Deus, também Êle não podia comunicar-Se pessoalmente com o homem da parte de Deus. Foi então que surgiu a necessidade do Dom de Profecia, pelo qual o Mediador pôde entender-se perfeitamente com o homem e transmitir-lhe as revelações da vontade de Deus. Um semelhante seu deveria então falar-lhe em nome do Mediador e de Deus. Surgiram os profetas. Êles foram escolhidos e preparados pelo Mediador para a sagrada missão. Em virtude de inspiração do Espírito Santo, o Agente direto e ativo do Dom de Profecia, nenhum profeta recebeu o encargo sagrado por herança ou por designação humana. E tudo quanto se contém nas Sagradas Escrituras, do Velho e do Novo Testamento, é evidente de que êles foram realmente chamados por Cristo e por Seu Espírito, inspirados através de sonhos e visões.[3]) Assim manifestou-se por intermédio dêles o Testemunho de Jesus ou o Espírito de Profecia ou o Dom de Profecia.

Mas o Espírito Santo foi o Agente que tornou possível êste sagrado Dom do Mediador. A isto diz São Pedro: "Da qual salvação inquiriram e trataram diligentemente os profetas que profetizaram da graça que vos foi dada, indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava nêles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir".[4])

O DOM DE PROFECIA EM ISRAEL

Desde a Sarça Ardente em que Deus falou a Moisés, tôda a história de Israel está repleta de manifestações do Dom de Profecia. Na jornada pelo deserto, nos dias de Josué, no período dos Juízes, na época dos reis do reino unido e do reino dividido, durante e depois do cativeiro, não faltou ao povo de Deus a luz da revelação do Dom de Profecia. Com frequência era o povo de Israel instruído, aconselhado, repreendido e advertido por homens e até por mulheres que lhe falavam da parte de Cristo e de Deus.

Alguns profetas foram despertados para um longo ministério, enquanto outros o foram por pouco tempo. Alguns, chamados pelo Espírito de Deus, deram a sua mensagem e imediatamente desapareceram como profetas. Assim, por tôda a era patriarcal e a Dispensação Mosaica, por milênios, Deus, em Seu Filho, estêve ligado a Seu povo, através do Dom de Profecia.

O DOM DE PROFECIA NA ERA APOSTÓLICA

João Batista é o primeiro profeta citado no Novo Testamento ou o profeta que ligou as duas dispensações — a Mosaica e a Cristã. O momento mais glorioso de seu ministério foi aquêle em que êle apresentou o Salvador como "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo".[1])

O Novo Testamento declara que Jesus, "subindo ao alto... deu dons aos homens" e que "Êle mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastôres e doutores". Tal o grande serviço que êstes dons deviam prestar à igreja de Cristo. Mas, por quanto tempo deviam continuar na igreja? Até à segunda vinda de Cristo, diz S. Paulo.[2])

Um dos dons mencionados é o de "profecia" como em Éfeso o de "profeta", isto é, o "Dom de Profecia" que o apóstolo considera o principal de todos.[3]) Aos tessalonicenses escreveu o apóstolo: "Não extinguais o Espírito. Não desprezeis as profecias".[4]) Com isto vemos que na igreja cristã o Dom de Profecia ocupou o primeiro lugar como ocupou na igreja israelita. No livro dos Atos dos Apóstolos e nas epístolas do Novo Testamento e em especial no livro do Apocalipse, o Dom de Profecia é amplamente manifesto na era apostólica. E não só os apóstolos foram profetas na igreja apostólica como também outros exerceram o Dom de Profecia.[5])

A FALSIFICAÇÃO DO DOM DE PROFECIA

Na história de Israel surgiram muitos falsos profetas que pretendiam falar em nome de Deus.[6]) Por suas falsificações prejudicaram

grandemente as relações de Israel para com Deus. Contra êles Deus enviou tremendas mensagens lavrando-lhes um terrível destino.[1]) Porém, há nos nossos dias falsos profetas no meio do cristianismo. No Apocalipse é referido um cujas profecias a seu respeito não deixam duvidas tratar-se do protestantismo-estadunidense.[2]) Entretanto, a mais flagrante falsificação do Dom de Profecia, hoje, é a doutrina da infalibilidade papal. Todos os dons do Espírito Santo, incluso o Dom de Profecia, encontram nela a sua contrafação. Segundo o concílio do Vaticano de 1870, o papa, em virtude de sua pretendida sucessão apostólica de São Pedro, exerce a infalibilidade quando fala *"ex-cathedra"* defendendo uma doutrina relativa à fé e à moral. Porém, a sucessão apostólica não pode ser traçada retrospectivamente até S. Pedro. E, ainda que pudesse ser, não encontramos na história apostólica que a liderança fôsse entregue a S. Pedro. Jamais algum apóstolo o reconheceu como líder entre êles. Mas era evidente que Satanás não iria estar desapercebido. Ao ser restaurado o verdadeiro Dom de Profecia nestes últimos dias, como predito no Apocalipse, capítulo doze versículo dezessete, êle procuraria introduzir uma contrafação, e o fêz com a introdução da infalibilidade papal.

REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES

VERSOS 11-16 — *"E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco: e o que estava assentado sôbre êle chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça. E os seus olhos eram como chama de jogo; e sôbre a sua cabeça havia muitos diademas; tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão Êle mesmo. E estava vestido de uma veste salpicada de sangue; e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus. E seguiam-no os exércitos no céu em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro. E da Sua bôca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e Ele as regerá com vara de ferro; e Êle mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso. E no vestido e na Sua coxa tem escrito êste nome: Rei dos reis, e Senhor dos senhores".*

O profeta contempla o Filho de Deus, deixando o céu e dirigindo-se à terra num cavalo branco. Esta é uma cena apenas simbólica, pois Jesus não necessitou de cavalo para subir da terra ao céu e é evidente que não necessitará para voltar a ela. A cena representa Jesus como se fôra um grande general montado, apressando-Se com Seus exércitos a dar batalha a Seus inimigos nas planícies do Armagedon. E quem são os Seus inimigos senão "a besta e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos"? O cavalo branco nos dias desta visão, era emblema de vitória, de triunfo na guerra, no que vimos assegurada a vitória, o triunfo de Cristo em Sua segunda vinda, sôbre todos os Seus adversários.

UM DOS TÍTULOS DE JESUS AQUI INTRODUZIDO

Seu nome — Fiel e Verdadeiro — está ligado estreitamente à batalha que virá vibrar contra Seus inimigos. Nesta guerra de extermínio dos malfeitores, Êle será "Fiel e Verdadeiro" no sentido que cumprir contra Seus opositores exatamente como os advertira antecipadamente nas profecias. Dar-lhes-á a beber do calix tal como anteriormente os avisara. Cumprirá infalivelmente o Seu desígnio em lhes dar o merecido quinhão de que são dignos e de que bem lhes notificara por Sua palavra inspirada. E, ainda mais, ao enfrentá-los, julgá-los-á e contra êles pelejará "com justiça". Sim, Êle lhes fará uma guerra de juízo e justiça, para retribuí-los por suas declaradas blasfêmias contra Êle; por suas rebeliões contra Sua santa lei e por seus crimes praticados contra o Seu povo inocente na terra.

OS SEUS MUITOS DIADEMAS

Sôbre Seus olhos "como chama de fogo", veja-se o versículo quatorze do primeiro capítulo. Os muitos diademas ou coroas sôbre Sua cabeça, representam Sua vitória sôbre o poderio dos reis da terra. Os diademas que agora cingem, ou o pretendido direito de reinar, é demonstrado como usurpação dos direitos de Cristo que é o verdadeiro Rei do mundo; direitos de realeza absoluta que Êle logo reconquistará.

O NOME INCÓGNITO DE CRISTO

Naquele dia Jesus terá um nome que só Êle o saberá. Conhecemos muitos de Seus nomes, aliás centenas dêles, revelados nas Sagradas Escrituras. Mas, um dêles, um dos que Êle terá na guerra contra Seus inimigos, é privativo dÊle apenas. Embora o profeta visse o nome escrito, não o pôde entender nem referi-lo.

SUAS VESTES SALPICADAS DE SANGUE

Já dissemos que Jesus virá para juízo e justiça. Isto está em harmonia com Suas vestes salpicadas de sangue, cuja explanação profética é dada pelo profeta Isaías: "Quem é Êste, que vem de Edom, com vestidos tintos de Bozra? êste, que é glorioso em sua vestidura, que marcha com a sua grande fôrça? Eu, que falo em justiça, poderoso para salvar. Porque está vermelha a Tua vestidura? e os Teus vestidos como os daquele que pisa o lagar? Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém houve Comigo; e os pisei na minha ira, e os esmaguei no Meu furor; e o seu sangue salpicou os Meus vestidos, e manchei tôda a minha vestidura. Porque o dia da vingança estava no Meu coração; e o ano dos Meus redimidos é chegado. E olhei, e não havia quem me ajudasse; e espantei-me de

não haver quem me sustivesse; pelo que o Meu braço Me trouxe a salvação, e o Meu furor me susteve. E pisei os povos na minha ira, e os embriaguei no Meu furor e a sua fôrça derribei por terra".[1])

SEU NOME "É A PALAVRA DE DEUS"

Na terra Jesus era o Verbo de Deus — a Palavra de Deus. No céu Êle é a "Palavra de Deus". Ao voltar Êle será a "Palavra de Deus". E eternamente Êle será a "Palavra de Deus". Em outros termos, Jesus é o representante pessoal do Pai perante o universo. "Todo o poder", disse Êle, lhe fôra dado "no céu e na terra". Ele tem a mente do Pai. Tudo quanto Jesus realiza no céu e na terra, O faz o Pai por Seu intermédio. A mais perfeita união é aqui revelada. Sobretudo "o nome 'palavra de Deus' é uma eterna lembrança do concêrto eterno que os dois fizeram, quando Cristo recebeu aquêle nome".

"E SEGUIAM-NO OS EXÉRCITOS NO CÉU"

Jesus é muitas vêzes na Bíblia denominado — Senhor dos Exércitos. Seus exércitos celestiais são os Seus santos anjos. Com êste santo exército sairá Jesus à peleja contra os Seus inimigos. E que maravilhoso! — todo o exército angélico seguirá o grande General em cavalos brancos e uniformizado "de linho fino, branco e puro". Na grande batalha estará o exército celestial, em suas vestimentas, identificado com o grande Comandante que os precederá. Todavia, a cavalaria celestial é simbólica da batalha que vibrará na terra contra os adversários da divina justiça.

A AGUDA ESPADA DA SUA BÔCA

Sobre esta espada veja-se o versículo dezesseis do capítulo primeiro. Porém, é dito que com esta espada Jesus ferirá as nações, as nações que pisam a Constituição do Seu universo. Pelo profeta Isaías assim definiu Jesus esta espada: "E fêz a minha bôca como uma espada aguda".[2]) De sua bôca sairá a espada — a espada que liqüidará Seus ímpios e impedernidos inimigos. "Pela palavra da minha bôca os matei", diz Êle por Oséias, Ceu profeta.[3])

"ÊLE AS REGERÁ COM VARA DE FERRO"

Esta profética declaração não implica em que Êle governará as nações atuais, mas que as destruirá. Davi dá esta verdadeira explanação: "Recitarei o decreto: O Senhor me disse: Tu és Meu Filho, Eu hoje te gerei. Pede-me, e Eu te darei as nações por herança, e os fins da terra por Tua possessão. Tu os esmigalharás com

uma vara de ferro; Tu os despedaçarás como a um vaso de oleiro". Note-se agora o apêlo do Senhor aos governantes do mundo: "Agora, pois, ó reis, sêde prudentes; deixai-vos instruir, juízes da terra. Servi ao Senhor com temor, e alegrai-vos com tremor. Beijai o Filho, para que se não ire, e pereçais no caminho, quando em breve se inflamar a Sua ira; bem-aventurados todos aquêles que nÊle confiam".[1]) Mas o Seu apêlo tem sido desconsiderado e a Sua ira não poderá tardar.

O LAGAR QUE CRISTO LOGO PISARA

O lagar desta profecia é "o do furor e da ira de Deus Todo-poderoso". Êste "lagar", como indica a sequência da profecia, está ligado à segunda vinda de Cristo, e devemos entendê-lo segundo a explanação dos versículos dezenove e vinte do capítulo quatorze.

REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES

O momento da intervenção de Cristo no mundo coincidirá com o término de Sua obra mediadora no santuário celestial. Êle deporá então Suas vestes sacerdotais trocando-as por outras que indicarão Sua nova prerrogativa. Diz-se que os antigos guerreiros traziam algum título escrito em suas vestiduras. E Cristo, vitorioso, trará à altura de Sua coxa êste título: Rei dos reis e Senhor dos senhores.

O GRANDE BANQUETE DAS AVES

VERSOS 17-18 — *"E vi um anjo, que estava no sol, e clamou com grande voz, dizendo a tôdas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde, e ajuntai-vos à ceia do grande Deus: para que comais a carne dos reis, e a carne dos tribunos, e a carne dos fortes, e a carne dos cavalos e dos que sôbre êles se assentam; e a carne de todos os homens, livres e servos, pequenos e grandes".*

O convite do anjo referido não será feito aos homens porque todos terão perecido à aparição de Cristo-Rei. Mas será feito a tôdas as aves do céu — Vinde, e ajuntai-vos à ceia do grande Deus. Que hão de comer as aves na "ceia do grande Deus"? A carne de todos os inimigos de Deus citados no versículo dezoito. Um dos profetas declara que "serão os mortos do Senhor, naquele dia, desde uma extremidade da terra até à outra extremidade da terra".[2]) Ezequiel, o profeta, fazendo também referência à ceia das aves, não deixa dúvida de que ela será depois da intervenção de Cristo no Armagedon.[3])

Extraordinário contraste: Enquanto no céu se realiza a "ceia das Bodas do Cordeiro", na terra tomará lugar a "ceia do grande Deus"

para as aves do céu. Aquêles que aceitaram o convite de Deus banquetear-se-ão conjuntamente com o Salvador com os frutos da Cidade Santa, enquanto os que rejeitaram o amoroso convite da salvação proporcionarão, com seus próprios corpos, uma ceia às aves de rapina.

A SORTE FINAL DOS INIMIGOS DE DEUS

VERSOS 19-21 — *"E vi a bêsta e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra Àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao Seu exército. E a bêsta foi prêsa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da bêsta, e adoraram a sua imagem. Êstes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre. E os demais foram mortos com a espada que saia da bôca do que estava assentado sôbre o cavalo, e tôdas as aves se fartaram das suas carnes".*

A ATITUDE DA BÊSTA NO SEGUNDO ADVENTO DE CRISTO

Estará, diz a profecia com os reis e seus exércitos reunidos "para fazerem guerra Àquele que estava assentado sôbre o cavalo, e ao Seu exército". No capítulo dezesseis versículos treze e quatorze, lemos que a bêsta, inspirada por espíritos de demônios, terá parte preponderante no preparo do Armagedon com os reis da terra. E aqui é dito que ela estará ao lado dos que tentarão guerrear o Filho de Deus, descendo Êle dos céus, ou que os apoiará, estando a êles unida. Mas chegará logo o seu fim conjuntamente com os reis de todo o mundo e seus exércitos.

A SORTE DA BÊSTA E DO FALSO PROFETA

O falso profeta é plenamente identificado aqui com a bêsta de dois chifres da segunda parte do capítulo treze, que é o protentantismo estadunidense. E por que o protestantismo estadunidense é denominado — falso profeta? Ora, um falso profeta, para não ser descoberto como tal, introduz-se com um — assim diz o Senhor — sem que o Senhor lhe tenha incumbido de dar qualquer mensagem. A mensagem que apresenta dizendo tê-la recebido do Senhor, é falsa. O Senhor não falou por êle e nada tem com êle. Assim é o protestantismo norte-americano — o falso profeta da profecia. Pretendendo falar de acordo com a palavra de Deus em matéria de religião, é enganador, e a profecia o descobre como tal. Assim ambos, a bêsta e o falso profeta, aproximam-se do fim de sua longa história. Serão presos ou desmascarados como poderes eclesiásticos inimigos de Cristo e estarão irremediàvelmente perdidos. E afinal, se-

rão lançados "vivos no ardente lago de fogo e de enxofre", no fim do milênio. Não haverá lugar para êles no reino de Deus. O mundo estará livre dêles pela intérmina eternidade.

E os demais, súditos mundiais das nações não cristãs, serão "mortos com a espada" "da bôca do" Rei dos reis e Senhor dos senhores. Então tomará lugar o farto banquete mundial das aves.

CAPÍTULO XX

O MILÊNIO DA PROFECIA

INTRODUÇÃO

Êste vigésimo capítulo trata do fim da grande controvérsia entre a luz e as trevas, entre Cristo e Satanás. Temos diante de nós o milênio, tema que se tornou um ponto de discussão no seio do cristianismo. A teologia popular pretende que o milênio ocorrerá na terra antes do segundo advento de Cristo, quando afinal todos os habitantes do mundo se converterão a Deus e serão salvos. Aqueles, porém, que sustêm a sã integridade do evangelho, ensinam o contrário desta teoria, isto é, que o milênio bíblico tomará lugar imediatamente depois da segunda vinda de Cristo, durante e depois do qual não haverá jamais chance alguma de salvação. A explanação da profecia do milênio, contida neste capítulo, dir-nos-á de que lado está a verdade sôbre esta doutrina.

A PRISÃO MILENÁRIA DE SATANÁS

VERSOS 1-3 — *"E vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo, e uma grande cadeia na sua mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos. E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs sêlo sôbre êle, para que não mais engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois importa que seja sôlto por um pouco de tempo".*

A AUTORIDADE DO ANJO APRISIONADOR

A descida do anjo à terra com a missão de aprisionar Satanás, evidencia que ela será cumprida. A chave e a cadeia que êle traz não são literais mas sim emblemas da alta autoridade com que o anjo está revestido para cumprir a sua missão de amarrar o arqui-inimigo do bem.

SATANÁS AMARRADO POR MIL ANOS

Atualmente Satanás está mais sôlto do que nunca. As terríveis circunstâncias reinantes no mundo: A ininterrupta contenda internacional; a avalanche de maldade em suas múltiplas manifestações;

a corrupção inequívoca e assustadora da fé cristã verdadeira, — sim, tudo fala bem alto de que Satanás não está ainda amarrado, mas que está mais em atividade do que nunca. As multidões do globo, com raras exceções, demonstram-se inequívocos instrumentos de Satanás. Os habitantes da terra executam à risca e com perfeição absoluta o misérrimo programa do grande inimigo dêles mesmos e de tôda a justiça. Sim, Satanás só pode operar no mundo pelos próprios habitantes do mundo; e quase tôdas as suas obras testificam da voluntariedade com que desempenham os nefandos planos do arqui-enganador dos séculos.

Mas, como será a prisão de Satanás? Ora, sabemos que um prêso não tem com que se ocupar; está afastado de suas atividades e mesmo do convívio com os que o cercavam quando em liberdade. De modo igual Satanás para que seja considerado prêso deve ser privado de suas atividades através das multidões do mundo. Seus súditos, por meio dos quais atua, deverão, sem qualquer dúvida e por circunstâncias que êle não poderá evitar, ser postos fora do seu alcance. Tôdas as ferramentas humanas de seu maléfico ofício devem ser subtraídas dêle. Então êle estará amarrado; será um prêso inativo. Portanto, Satanás será amarrado não com uma cadeia literal, mas pelas circunstâncias contrárias a seu gôsto e que de fato o privarão de seus ímpios e fiéis agentes humanos, dóceis às suas influências. E quais as circunstâncias futuras que afastarão de Satanás a seus súditos e que em virtude delas êle estará então amarrado?

A cadeia ou as circunstâncias que amarrarão Satanás por mil anos são evidentes nas Sagradas Escrituras. Já dissemos que êle não está atualmente amarrado porque ainda seus súditos estão com êle e são os instrumentos de todos os males que causa ao mundo. Todavia, a segunda vinda de Cristo mudará completamente a situação atual do mundo. Não ficará vivo um só ser humano na terra para que por êle possa Satanás exercer o seu detestável ofício. Sim, a segunda vinda de Cristo que determinará o arrebatamento dos justos ao céu e dará morte a todos os ímpios, privará Satanás de tôda a atividade, pôsto que suas obras são executadas através dos sêres humanos.[1])

Satanás estará então amarrado circunstancialmente, inteiramente privado dos instrumentos humanos de seu repugnante ofício, e nada mais sabe fazer. Durante mil anos será pôsto fora de ação. Será condenado a uma inatividade desesperada, uma vez que já cêrca de 6000 anos se comprouve insaciável e ininterruptamente em trabalhar contra Deus e arruinar o mundo de Sua criação e Suas criaturas. Seu aprisionamento milenar ser-lhe-á um duro castigo visto que será impedido de prosseguir, depois de tantos séculos, em seu único deleite que é enganar e perverter os homens.

O ASPECTO DO CÁRCERE DE SATANÁS

O abismo, onde Satanás será lançado, é a própria terra, transformada numa assolação, pelas estupendas e dramáticas cenas que se ligarão à segunda vinda de Cristo.

As sete pragas, especialmente a sétima, transformarão a terra num completo caos ou abismo conforme a profecia. À voz do Todo-poderoso, na sétima praga, "um grande terremoto como nunca tinha havido desde que há homens sobre a terra", ocorrerá. "As cidades das nações" cairão, as ilhas desaparecerão e as montanhas ruirão. Uma grande saraiva, cujas pedras serão de "um talento" completará o quadro da devastação. Jeremias dá conta da tremenda situação nestas palavras: "Observei a terra, e eis que estava assolada e vazia; e os céus não tinham a sua luz. Observei os montes, e eis que estavam tremendo; e todos os outeiros estremeciam. Observei e vi que homem nenhum havia e que todas as aves do céu tinham fugido. Vi também que a terra fértil era um deserto, e que tôdas as suas cidades estavam derribadas diante do Senhor, diante do furor da Sua ira".[1])

Sem nenhuma dúvida a terra, convertida em tais circunstâncias, e escura, será o abismo aludido na profecia em que será lançado Satanás por mil anos. O têrmo "abismo", do grego "abussos", não só "significa um precipício sem fundo", como também denota uma região deserta e caótica por suas circunstâncias, tal como a região deserta da Arábia ao tempo do aparecimento de Maomet.[2]) Também o mesmo vocábulo grego "abussos" é empregado para designar a confusão de França nos dias da revolução de 1789.[3]) Igualmente é empregado o têrmo para indicar a futura ascensão do papado romano do caos internacional.[4]) Assim o têrmo "abismo" é usado para designar um lugar de confusão em que se tornou determinado ambiente físico-geológico ou físico-humano.

Além disso o têrmo "abussos" é o equivalente hebraico usado no Gênesis para descrever o estado da terra ao ser ela chamada à existência, em que se diz que ela " era sem forma e vazia; e havia trevas sôbre a face do abismo".[5]) Note-se que a terra era considerada um "abismo" porque "era sem forma e vazia", ou um deserto ainda não ornamentado e não povoado, e porque as trevas a envolviam totalmente. Tal será verdadeiramente a condição em que será transformada a terra por mil anos como prisão de Satanás. Sua vegetal ornamentação desaparecerá sob o sol abrasador da quarta praga; o grande terremoto fará desabar as cadeias de montanhas e tôdas as obras dos inimigos de Deus. Ela tornar-se-á realmente como no princípio de sua criação — vazia e escura. Sim, a terra converter-se-á num terrível "abismo". E é no momento em que ela assim fôr transformada pelas sete pragas, pela morte dos ímpios e pelo

arrebatamento dos santos ao céu, que se cumprirá a profecia do aprisionamento de Satanás e de seu lançamento no "abismo" por mil anos que será um período literal de dez séculos.

A profecia reza que Satanás será amarrado por um milênio "para que mais não engane as nações". Na verdade não haverá nações, durante o milênio, na terra, para que êle possa enganá-las. Mas isto é mais uma clara prova de que seu aprisionamento é resultante da morte total das nações ou povos ímpios que serviram de seus instrumentos na terra. Assim estará Satanás prêso em um lúgubre cárcere, sem poder atravessar os espaços para chegar a tentar outros mundos. A chave para fechá-lo na sua prisão e o sêlo para torná-la inviolável é prova simbólica sobeja de que não haverá possibilidade de afastar-se da terra durante o milênio. Êle coisa alguma terá a fazer. Porém terá muitos assuntos em que pensar, e o milênio será suficiente e boa ocasião para isso. E em que assuntos irá pensar Satanás? Certamente em seu primitivo estado de santidade; em sua rebelião injusta contra a autoridade de Deus; nos santos anjos inocentes que converteu em demônios; na ruína que envolveu o mundo em todos os séculos; no crime de deicídio que causou ao Filho de Deus. Mas, o que mais o atormentará é a certeza que lhe dão as profecias de seu extermínio com todos os seus agentes findo o período milenar de seu encarceramento. Seus anjos com êle, desesperados pelas mesmas circunstâncias em que foram envolvidos na miseranda prisão, certamente o acusarão veementemente. Vêm que a primeira misérrima recompensa que auferem por terem apoiado sua rebelião contra o govêrno de Deus, além de perderem a glória original e serem convertidos em demônios criminosos, é aquela infame prisão milenária. E sabem também os referidos anjos que, findos aquêles dez séculos de cárcere, serão lançados com seu chefe rebelde num lago de fogo que os reduzirá a cinzas. Sim, êles acusarão com veemência o grande traidor da justiça e lançar-lhe-ão em rosto suas promessas mentirosas, suas injustiças para com êles e seus crimes. Mas, não terão outro remédio, já que seguramente perdidos, senão apoiarem o arqui-assassino até ao fim e arrostarem com êle o tremendo e fatal desfêcho da rebelião em que tomaram parte. E assim estará tudo terminado para êles.

SATANÁS — O BODE EMISSÁRIO

O cerimonial do santuário em Israel era todo uma figura do cerimonial do santuário celestial. No dia da expiação o sumo-sacerdote tomava dois bodes sôbre os quais lançava sortes. "Uma sorte pelo Senhor, e a outra sorte pelo bode emissário".[1]) O bode cuja sorte caía para o Senhor, era morto e seu sangue era levado pelo sumo-sacerdote ao lugar santíssimo para fazer expiação pelos pecados do povo de Deus confessados durante o ano. Findo êste ato, todos

os pecados do povo que mediante a expiação eram removidos pelo sumo-sacerdote, do santuário, eram então colocados "sôbre a cabeça do bode" vivo, "emissário", o qual era levado "à terra solitária" ou deserta, "pela mão dum homem designado para isso". Êste bode, acusado de instigador simbólico dos pecados do povo de Deus os levava todos, em si mesmo, ao deserto, onde afinal por cuja culpa como instigador, morria.

Sendo o santuário de Israel um emblema do santuário do céu, os seus sacerdotes eram uma figura de Cristo como Sumo-sacerdote do santuário celestial. Dêste modo, não carecemos de muitos argumentos para demonstrar que Satanás é o bode "emissário" antitípico da profecia.

"A palavra hebraica empregada para designar o bode emissário, encontra-se em Levítico capítulo dezesseis versículo oito, e é 'AZAZEL'. Acêrca desta passagem, Guilherme Jenks observa: 'Bode emissário. Vejam-se as diferentes opiniões na obra de Bochart. Soencer, seguindo as mais antigas opiniões hebraicas e cristãs, pensa que Azazel *é o nome do diabo;* e assim pensa Rosenm, a quem se pode consultar. O siríaco tem AZZAIL, o 'anjo (o forte) que se rebelou'. Isto designa evidentemente o Diabo. De modo que temos a definição do têrmo bíblico em dois idiomas antigos para apoiar a opinião mais antiga dos cristãos, de que o bode emissário é uma figura de Satanás. Carlos Beecher diz: 'O que contribui para confirmar isto é que em sua paráfrase as traduções mais antigas tratam a palavra AZAZEL como nome próprio. A paráfrase Caldéia e as coleções de Onkelos e Jonathan a haveriam traduzido certamente se não fôsse nome próprio, mas não a traduzem. A septuaginta, ou seja a mais antiga versão grega, rende êsse têrmo por *apopompaios,* palavra aplicada pelos gregos a uma divindade maligna, às vêzes, apaziguada por sacrifícios. Outra confirmação acha-se no livro de Enoc, onde o nome AZALZEL, evidentemente uma corrupção de AZAZEL, é dado a um dos anjos caídos, o qual demonstra claramente como compreendiam geralmente os judeus essa palavra naquele tempo. Outra prova acha-se no arábico, onde Azazel se emprega como nome de espírito mau'.

"Esta é a interpretação judia: 'Longe de significar que se reconhecia a Azazel como uma divindade, o envio do bode era, segundo o declara Nahmanides, uma expressão simbólica da idéia de que os pecados do povo e suas más consequências deviam devolver-se ao espírito de desolação e ruína, fonte de tôda a impureza".[1])

Segundo tôdas estas opiniões citadas, "Azazel" — o bode emissário simbólico do dia da expiação do santuário terrestre, — tem estreita conexão com os eventos ligados à purificação do santuário celestial. Ao ascender da terra ao céu, Jesus iniciou Seu ministério

no lugar santo do santuário. Em 1844 Êle trasladou-Se para o lugar santíssimo, para efetuar a purificação do santuário ou remover dali os pecados de Seu povo que, mediante os méritos de Seu sangue derramado na cruz, deram entrada no santuário. Terminando a purificação, Jesus trará do santuário os pecados de Seu povo, confessados através dos méritos de Seu sangue, e os porá sôbre a cabeça do "bode emissário" ou Azazel, isto é, sôbre a cabeça de Satanás como instigador e autor do pecado. Então Satanás será conduzido, pelo anjo da profecia, à "terra solitária", transformada pelas sete pragas num *abismo* caótico e escuro, onde permanecerá mil anos, amarrado pelas circunstâncias que já consideramos.

Ao serem postos os pecados do povo de Deus sôbre a cabeça de Satanás para levá-los consigo à "terra solitária" por mil anos, não quer êste ato dizer que êle levará sôbre si a responsabilidade dos pecados do povo de Deus para expiá-los. Está bem assentado, no evangelho de Deus, que a responsabilidade do pecador perante Deus, foi assumida unicamente por Cristo e por um ato de amor Seu, ao passo que Satanás será obrigado a assumir a responsabilidade como autor, instigador e culpado do pecado do homem. Isto é evidentemente esclarecido pelo ato do lançamento de sortes sôbre os dois bodes trazidos, anualmente, no dia da purificação do santuário israelita perante Deus. Vemos como Deus demonstrara assistir-lhe a faculdade de dispor de ambos como bem Lhe parecia. Um deles, aquêle cuja sorte caía para o Senhor, dispôs Deus para com seu sangue purificar o santuário ou remover dêle o pecado do Seu povo, perdoando-o dêsse modo. O outro bode, porém, dispôs Deus para levar o pecado como simbólico culpado de instigação do mesmo e por isso morrer no deserto. Um bode expiava o pecado tornando livre o pecador. O outro levava a culpa do pecado pela qual deveria morrer afinal no deserto. Um era emblema do Salvador perdoador. o outro do instigador culpado. Assim é com Cristo e Satanás. Concluída a purificação do santuário, levará Jesus a honra de expiador do pecado do povo de Deus, enquanto Satanás arcará com a desonra de recair sôbre êle a culpabilidade de criminoso instigador do pecado e de ser obrigado a conduzir seu monstruoso fardo ao *abismo* da terra desolada e por êle infamada.

Ainda que aos crentes seja, na purificação do santuário, perdoada em Cristo a pena do pecado, esta não será perdoada a Satanás que os fêz cair em vis transgressões e ruína antes de serem crentes. Êle terá, a contra gôsto, de entornar até à última gôta a taça do juízo que lhe está reservada como homicida culpado. E êste juízo, que em parte sucederá pelo castigo de permanecer inativo na terra assolada e escura por mil anos, será completado não muito depois de findo o seu encarceramento milenário, ao ser êle "sôlto por um pouco de tempo", como veremos em textos subsequentes desta profecia.

O REINADO MILENÁRIO DE CRISTO

VERSO 4 — *"E vi tronos: e assentaram-se sobre êles, e foi-lhes dado o poder de julgar; e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus, e que não adoraram a bêsta, nem a sua imagem, e não receberam os sinal em suas testas nem em suas mãos e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos".*

OS SANTOS REINAM COM CRISTO

Em contraste com a desastrosa situação de Satanás e seus anjos na terra desolada, S. João vê o início do reinado de Cristo com Seus santos no céu. Embora contemplasse todos os santos na glória, chamaram-lhe a atenção especialmente aquêles que muito sofreram por sua fé na era cristã. João faz menção, primeiramente, dos mártires das perseguições do papado na Idade Média, "que foram degolados pelo Testemunho de Jesus, e pela Palavra de Deus". Em segundo lugar, o profeta vê os santos vitoriosos no derradeiro conflito — contra a bêsta, sua imagem e seu sinal. O primeiro prêmio do esfôrço por triunfarem sobre as fôrças do mal será reinarem "com Cristo durante mil anos" na Nova Jerusalém.

OS SANTOS COMO JUÍZES

Aos santos se-lhes-á permitido assentarem-se em tronos como juízes e receberem poder para julgar. Como vimos no capítulo quatorze versículo sete, o juízo ali anunciado é o julgamento de todos os santos iniciado em 1844 que deverá estender-se até à segunda vinda de Cristo. O juízo, porém, em que os santos tomarão parte conjuntamente com Cristo durante seu reinado milenário, no céu, é o juízo dos ímpios e dos anjos caídos. São Paulo disto falou muito claro quando disse: "Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo?" "Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos?"[1]) Êste juízo será somente para regular a pena que devem receber os ímpios e os maus anjos, segundo suas obras.

A razão por que os santos tomarão parte no juízo dos ímpios e dos anjos, é que estarão presentes quando Deus sobre êles exercer o Seu juízo executivo. No julgamento comprovarão êles as maldades dos ímpios e dos anjos bem como as oportunidades de se emendarem que Deus lhes dera e que rejeitaram. Então os santos aclamarão a Deus como justo quando lhes aplicar o castigo de que são merecedores.

O MILÊNIO ENTRE DUAS RESSURREIÇÕES

VERSOS 5-6 — *"Mas os outros mortos não reviverem, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aven-*

turado e santo aquêle que tem parte na primeira ressurreição: sobre êstes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele mil anos".

A PRIMEIRA RESSURREIÇÃO

Referindo-se ao milênio a profecia é evidente em salientar que êle estará entre a primeira e a segunda ressurreição. A primeira ressurreição que é uma bem-aventurança, a dos santos ou justos, dar-se-á ao aparecer Jesus em Seu segundo advento.[1]) "Por entre as vacilações da terra, o clarão do relâmpago e o ribombo do trovão, a voz do Filho de Deus chama os santos que dormem. Êle olha para a sepultura dos justos e, levantando as mãos para o céu, brada: 'Despertai, despertai, despertai, vós que dormis no pó, e surgí!' Por todo o comprimento e largura da terra, os mortos ouvirão aquela voz, e os que a ouvirem viverão. E a terra inteira ressoará com o andar do exército extraordinàriamente grande de tôda nação, tribo, língua e povo. Do cárcere da morte vêm êles, revestidos de glória imortal, clamando: 'Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?[2]) E os vivos justos e os santos ressuscitados unem as vozes em prolongada e jubilosa aclamação de vitória.

"Todos saem do túmulo com a mesma estatura que tinham quando ali entraram. Adão, que está em pé entre a multidão dos ressuscitados, é de grande altura e formas majestosas, de estatura pouco menor que o Filho de Deus. Apresenta assinalado contraste com o povo das gerações posteriores; sob êste único ponto de vista se revela a grande degeneração da raça. Todos, porém, surgem com a louçania e vigor de eterna mocidade".[3])

A ressurreição de Cristo é a garantia irrecusável da ressurreição dos Seus santos. Disto são evidentes as palavras de S. Paulo na carta aos coríntios".[4])

Aquêles que tomarão parte na primeira ressurreição serão bem-aventurados por três distintas razões: A "segunda morte" não terá poder sôbre êles, "serão sacerdotes de Deus e de Cristo" "e reinarão com Êle mil anos". Sôbre a segunda morte e os santos como sacerdotes, vejam-se respectivamente os versículos onze do capítulo dois e dez do capítulo cinco.

A SEGUNDA RESSURREIÇÃO

A segunda ressurreição, a dos ímpios, â conclusão do milênio, não será acompanhada de uma bem-aventurança. Será uma ressurreição para a morte.[5]) Em multidões incontáveis surgirão do pó da terra. No fim do milênio Cristo, "descendo com grande majestade, ordena aos ímpios mortos que ressuscitem para receber a condenação. Surgem êstes como um grande exército, inumerável como a areia do mar. Que contraste com aquêles que ressurgiram na primeira res-

surreição! Os justos estavam revestidos de imortal juventude e beleza. Os ímpios trazem os traços da doença e da morte.

"Todos os olhares daquela vasta multidão se voltam para contemplar a glória do Filho de Deus. A uma voz, as hostes dos ímpios exclamam: 'Bendito O que vem em nome do Senhor!' Não é o amor para com Jesus que inspira esta declaração. E' a força da verdade que faz brotar involuntàriamente essas palavras de seus lábios. Os ímpios saem da sepultura tais quais a ela baixaram, com a mesma inimizade contra Cristo, e com o mesmo espírito de rebelião. Não terão um novo tempo de graça no qual remediar os defeitos da vida passada. Para nada aproveita isso. Uma vida inteira de pecado não lhes abrandou o coração. Um segundo tempo de graça, se lhes fôsse concedido, seria ocupado, como foi o primeiro, em se esquivarem aos preceitos de Deus e contra Êle incitarem rebelião".[1])

SATANÁS É SÔLTO DA PRISÃO

VERSOS 7-8 — *"E, acabando-se os mil anos, Satanás será sôlto da sua prisão. E sairá a enganar as nações que estão sôbre os quatro cantos da terra, Gog e Magog, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha".*

A DESCIDA DA CIDADE DE DEUS

Ao findar o milênio "então Jesus descerá com os santos sôbre o Monte das Oliveiras, e o monte dividir-se-á em duas parte e tornar-se-á uma grande planície para repousar o Paraíso de Deus".[2]) "Descendo do céu a Nova Jerusalém em seu deslumbrante resplendor, repousa sôbre o lugar purificado e preparado para recebê-la, e Cristo, com Seu povo e os anjos entram na cidade".[3])

SATANÁS SÔLTO DE SUA PRISÃO

Para que Satanás possa ser sôlto no fim do milênio, é evidente que seus súditos ímpios, que pela morte serão posto fora da possibilidade de suas tentações, lhe sejam novamente devolvidos ou tornem outra vez à vida. A ressurreição de que trata o versículo cinco, na conclusão do milênio, é a chave que abrirá a Satanás a sua prisão e capacitá-lo-á novamente a atos mais audazes e atrevidos através dos ímpios ressuscitados e vivos mais uma vez.

"E SAIRÁ A ENGANAR AS NAÇÕES QUE ESTÃO SÔBRE OS QUATRO CANTOS DA TERRA — GOG E MAGOG"

Uma outra versão do Novo Testamento assim reza: "Sairá pelos quatro cantos da terra e seduzirá os povos, a Gog e a Magog, reunindo-os para a luta".[4])

Gog e Magog, como vimos na dissertação da sexta praga, capítulo dezesseis, representam povos da Ásia, pelo que Satanás excluirá os ocidentais para a batalha predita no fim do milênio contra a cidade de Deus. E há uma razão muitíssimo lógica para isso; pois Satanás preferirá, para o cêrco da grande cidade, êstes povos que então terão sido os verdadeiros inimigos de Deus e que, neste caso, em face da história e suas preferências, são Gog e Magog. Isto, porém, não exclue a presença de personagens que foram de grande relêvo na história das grandes conquistas mundiais, embora não façam parte de Gog e Magog. Êstes, que pretendem o domínio do mundo, deverão apreciar a entronização de Cristo no trono que ambicionaram.

Os exércitos belicosos de Gog e Magog, hoje, constam de numerosos milhões de aguerridos soldados, sem contar ainda inúmeros outros milhões que ressuscitarão no fim do milênio e que já tombaram em conflitos passados. Serão, porém, todos, enganados pelo astuto inimigo.

A facilidade que terá Satanás de preparar-se para a batalha contra a cidade de Deus, pode ser apreciada no fato dos inúmeros sábios belicosos "de Gog e Magog" que ressuscitarão no fim do milênio. Inventores outrora de tôda a classe de apetrechos bélicos, não terão necessidade de cogitarem como inventar meios de destruição. Ao ressurgirem do pó da terra, todos êstes inventos bélicos virão com êles em seus cérebros, pelo que apenas terão de dar ordens como fabricá-los. E isto levará Satanás a cimentar a sua esperança de vitória em seu ataque à Nova Jerusalém. Mas êle estará tão somente enganando as nações ressuscitadas que, com êle, caminharão para o fatal desfêcho que os espera como prêmio da sua rebelião contra Deus.

À BARRA DO TRIBUNAL EXECUTIVO

VERSO 9 — *"E subiram sôbre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu e os devorou".*

O CÊRCO DA NOVA JERUSALÉM

"Finalmente é dada a ordem de avançar, e o inumerável exército se põe em movimento — exército tal como nunca foi constituído por conquistadores terrestres, tal como jamais poderiam igualar as fôrças combinadas de todas as eras, desde que a guerra existe sôbre a terra. Satanás, o mais forte dos guerreiros, toma a dianteira, e seus anjos unem as fôrças para esta luta final. Reis e guerreiros estão em seu séquito, e as multidões seguem em vastas companhias, cada qual sob as ordens de seu designado chefe. Com precisão mi-

litar as fileiras cerradas avançam pela superfície da terra, quebrada e desigual, em direção à cidade de Deus. Por ordem de Jesus são fechadas as portas da Nova Jerusalém, e os exércitos de Satanás rodeiam a cidade, preparando-se para o assalto".[1])

O tamanho da Cidade Santa — doze mil estádios de perímetro — cerca de 2200 quilômetros, dá-nos uma idéia das imensas tropas de exércitos que a cercarão sob a liderança de Satanás.

Segundo esta mesma revelação, será, evidentemente, vã a tentativa de Satanás e suas hostes em guerrearem a cidade de Deus. Mais uma vez e pela última, ver-se-ão os guerreiros do mundo iludidos por Satanás e desta vez fatal e destruidoramente. Êste desfecho do drama bélico do mundo, será uma categórica demonstração da aversão que causa a Deus, santo e justiceiro, os recursos à guerra. Mesmo antes de perecerem com o rebelde inimigo, terão os ímpios a oportunidade de conceberem a derrota definitiva e o êrro fatal de mais uma e pela última vez apoiarem o autor da guerra e das destruições.

SATANÁS E OS ÍMPIOS À BARRA DO TRIBUNAL

"Agora Cristo de novo aparece à vista de Seus inimigos. Muito acima da cidade, sôbre um fundamento de ouro polido, está um trono, alto e sublime. Sôbre êste trono assentado, está o Filho de Deus, e em redor dÊle estão os súditos de Seu reino. O poder e majestade de Cristo nenhuma língua os pode descrever, nem pena alguma retratar. A glória do Pai eterno envolve Seu Filho. O resplendor de Sua presença enche a cidade de Deus e estende-se para além das portas, inundando a terra inteira com seu fulgor. Mais próximo do trono estão os que já foram zelosos na causa de Satanás mas que, arrancados como tições do fogo, seguiram seu Salvador com devoção profunda, intensa. Em seguida estão os que aperfeiçoaram um caráter cristão em meio de falsidade e incredulidade, os que honraram a lei de Deus quando o mundo cristão a declarava nula, e os milhões de todos os séculos que se tornaram mártires pela sua fé. E além está a 'multidão, a qual ninguém podia contar, de tôdas as nações, e tribos, e povos, e línguas,... trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos".

"Na presença dos habitantes da terra e do céu, reunidos, é efetuada a coroação final do Filho de Deus. E agora, investido de majestade e poder supremos, o Rei dos reis pronuncia a sentença sôbre os rebeldes contra Seu govêrno, e executa justiça sôbre aqueles que transgrediram Sua lei e oprimiram Seu povo. Diz o profeta de Deus: 'Vi um grande trono branco, e O que estava assentado sôbre êle, de cuja presença fugiu a terra e o céu; e não se achou lugar para êles. E vi os mortos grandes e pequenos, que estavam diante do trono,

e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida: e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras".[1])

"Logo que se abrem os livros de registo e o olhar de Jesus incide sobre os ímpios, êles se tornam cônscios de todo pecado cometido. Vêem exatamente onde seus pés se desviaram do caminho da pureza e santidade, precisamente até onde o orgulho e rebelião os levaram na violação da lei de Deus. As sedutoras tentações que acoroçoaram na condescendência com o pecado, as bênçãos pervertidas, os mensageiros de Deus desprezados, as advertências rejeitadas, as ondas de misericórdia rebatidas pelo coração obstinado, impenitente — tudo aparece como que escrito com letras de fogo.

"Por sôbre o trono se revela a cruz; e semelhante a uma vista panorâmica aparecem as cenas da tentação e queda de Adão, e os passos sucessivos no grande plano para redimir os homens. O humilde nascimento do Salvador; sua infância de simplicidade e obediência; Seu batismo no Jordão; o jejum e tentação no deserto; Seu ministério público, desvendando aos homens as mais preciosas bênçãos do céu; os dias repletos de atos de amor e misericórdia, Suas noites de oração e vigília na solidão das montanhas; os tramas de inveja, ódio e maldade, com que eram retribuídos os Seus benefícios; a agonia terrível e misteriosa no Getsemane, sob o pêso esmagador dos pecados do mundo inteiro; Sua traição nas mãos da turba assassina; os tremendos acontecimentos daquela noite de horror — o prisioneiro que não opunha resistência, abandonado por Seus discípulos mais amados, rudemente empurrado pelas ruas de Jerusalém; o Filho de Deus exultantemente exibido perante Anás, citado ao palácio do sumo-sacerdote, ao tribunal de Pilatos, perante o covarde e cruel Herodes, escarnecido, insultado, torturado e condenado à morte — tudo é vividamente esboçado.

"E agora, perante a multidão agitada, revelam-se as cenas finais — o paciente Sofredor trilhando o caminho do Calvário, o Príncipe do céu suspenso na cruz; os altivos sacerdotes e a plebe zombeteira a escarnecer de Sua agonia mortal, as trevas sobrenaturais; a terra a palpitar, as pedras despedaçadas, as sepulturas abertas, assinalando o momento em que o Redentor do mundo rendeu a vida.

"O terrível espetáculo aparece exatamente como foi. Satanás, seus anjos e súditos não têm poder para se desviarem do quadro que é a sua própria obra. Cada ator relembra a parte que desempenhou. Herodes, matando as inocentes crianças de Belém, a fim de que pudesse destruir o Rei de Israel; a vil Herodias, sôbre cuja alma criminosa repousa o sangue de João Batista; o fraco Pilatos, subserviente às circunstâncias; os soldados zombadores; os sacerdotes e príncipes, e a multidão furiosa que clamou: 'O Seu sangue caia sôbre nós e sôbre nossos filhos!' — todos contemplam a enormidade de seu crime.

Em vão procuram ocultar-se da majestade divina de Seu rosto, mais resplandecente que o sol, enquanto os remidos lançam suas coroas aos pés do Salvador, exclamando: 'Êle morreu por mim!'

"Entre a multidão resgatada acham-se os apóstolos de Cristo, o heróico Paulo, o ardoroso Pedro, o amado e amante João, e seus fiéis irmãos, e com êstes o vasto exército dos mártires, ao passo que, fora dos muros, com tudo o que é vil e abominável, estão aquêles pelos quais foram perseguidos, presos e mortos. Ali está Nero, aquêle monstro de crueldade e vício, contemplando a alegria e exaltação daqueles que torturara, e em cujas aflições extremas encontrara deleite satânico. Sua mãe ali está para testemunhar o resultado de sua própria obra; para ver como os maus traços de caráter transmitidos a seu filho, as paixões acoroçoadas e desenvolvidas por sua influência e exemplo, produziram frutos nos crimes que fizeram o mundo estremecer.

"Ali estão sacerdotes e prelados romanistas, que pretendiam ser embaixadores de Cristo e, no entanto, empregaram a tortura, a masmorra, a fogueira para dominar a consciência de Seu povo. Ali estão os orgulhosos pontífices que se exaltaram acima de Deus e pretenderam mudar a lei do Altíssimo. Aquêles pretensos pais da igreja têm uma conta a prestar a Deus, da qual muito desejariam livrar-se. Demasiado tarde chegam a ver que o Onisciente é zeloso de Sua lei, e que de nenhuma maneira terá por inocente o culpado. Aprendem agora que Cristo identifica Seu interêsse com o de Seu povo sofredor; e sentem a fôrça de Suas palavras: 'Quando o fizestes a um dêstes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizeste.'[1])

"O mundo ímpio todo acha-se em julgamento perante o tribunal de Deus, acusado de alta traição contra o govêrno do céu. Ninguém há para pleitear sua causa; estão sem desculpa; e a sentença de morte eterna é pronunciada contra êles". "Como que extasiados, os ímpios contemplaram a coroação do Filho de Deus. Vêem em Suas mãos as tábuas da lei divina, os estatutos que desprezaram e transgrediram. Testemunham o irromper de admiração, transportes e adoração por parte dos salvos, e, ao propagar-se a onde de melodia sôbre as multidões fora da cidade, todos, a uma, exclamam: 'Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, Senhor Deus Todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos'[2]); e, prostrando-se, adoram o Príncipe da vida.

"Satanás parece paralisado ao contemplar a glória e majestade de Cristo. Aquêle que fôra um querubim cobridor lembra-se donde caiu. Êle, um serafim resplandecente, 'filho da alva' — quão mudado, quão degradado! Do conselho onde tantas honras recebera, está para sempre, excluído. Vê que agora um outro se encontra perto do Pai, velando Sua glória. Viu ser colocada a coroa sôbre

a cabeça de Cristo por um anjo de elevada estatura e presença majestosa, e sabe que a exaltada posição dêste anjo poderia ter sido sua".

"Mas agora chegado é o tempo em que a rebelião deve ser finalmente derrocada, e descobertos a história e caráter de Satanás. Em seu último e grande esforço para destronar a Cristo, destruir Seu povo e tomar posse da cidade de Deus, o arqui-enganador foi completamente desmascarado. Os que a êle se uniram, vêem o fracasso completo de sua causa. Os seguidores de Cristo e os anjos leais contemplam a extensão total de suas maquinações contra o govêrno de Deus. E' êle objeto de aversão universal".

"Todas as questões sôbre a verdade e o êrro no prolongado conflito foram agora esclarecidas. Os resultados da rebelião, os frutos de se porem de parte os estatutos divinos, foram patenteados à vista de todos os sêres criados. Os resultados do govêrno de Satanás em contraste com o de Deus, foram apresentados a todo universo. As próprias obras de Satanás o condenaram. A sabedoria de Deus, Sua justiça e bondade, acham-se plenamente reivindicadas. Vê-se que tôda a Sua ação no grande conflito foi orientada com respeito ao bem eterno de Seu povo, e ao bem de todos os mundos que criou".

"Êle olha para os remidos, renovados em Sua própria imagem, trazendo cada coração a impressão perfeita do divino, refletindo cada rosto a semelhança do Seu Rei. Contempla nêles o resultado das fadigas de Sua alma, e fica satisfeito. Então, com voz que atinge as multidões congregadas dos justos e ímpios, declara: 'Eis a aquisição de Meu sangue! Por êstes sofri, por êstes morri, a fim de que pudessem morar em Minha presença pelas eras eternas': E sobe o cântico de louvor dos que estão vestidos de branco em redor do trono: 'Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e fôrça, e honra, e glória, e ações de graças'.[1])

"Apesar de ter sido Satanás constrangido a reconhecer a justiça de Deus e a curvar-se à supremacia de Cristo, seu caráter permanece sem mudança. O espírito de rebelião, qual poderosa torrente, explode de novo. Cheio de frenesi, decide-se a não capitular no grande conflito. Chegado é o tempo para a última e desesperada luta contra o Rei do céu. Arremessa-se para o meio de seus súditos e esforça-se por inspirá-los com sua fúria, incitando-os a uma batalha imediata. Mas dentre todos os incontáveis milhões que seduziu à rebelião, ninguém há agora que lhe reconheça a supremacia. Seu poder chegou ao fim. Os ímpios estão cheios do mesmo ódio a Deus, o qual inspira Satanás; mas vêem que seu caso é sem esperança, que não podem prevalecer contra Jeová. Sua ira se acende contra Satanás, e os que foram seus agentes no engano, e com furor de demônios voltam-se contra êles".[2])

O DESFÊCHO DA GRANDE CRISE

VERSO 10 — *"E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre; onde está a bêsta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre".*

O LAGO DE FOGO

Um lago de fogo como referido no versículo dez, nunca existiu até agora em nenhuma parte do universo de Deus. Apenas o Apocalipse o refere e isto somente cinco vêzes. Segundo as profecias apocalípticas, o lago de fogo está ligado ao juízo executivo dos ímpios no fim do milênio e só será uma realidade quando, naquele tempo, descer "fogo do céu" para exterminar os inimigos de Deus.

"De Deus desce fogo do céu. A terra se fende. São retiradas as armas escondidas em suas profundezas. Chamas devoradoras irrompem de cada abismo hiante. As próprias rochas estão ardendo. Vindo é o dia que arderá como um forno. Os elementos fundem-se pelo vivo calor, e também a terra e as obras que nela há são queimadas.[1]) A superfície da terra parece uma massa fundida — um vasto e fervente lago de fogo. E' o tempo do juízo e perdição dos homens maus — 'dia da vingança do Senhor, ano de retribuição pela luta de Sião'.

"Alguns são destruídos em um momento, enquanto outros sofrem muitos dias. Todos são punidos segundo as suas ações. Tendo sido os pecados dos justos transferidos para Satanás, tem êle de sofrer não somente pela sua própria rebelião, mas por todos os pecados que fêz o povo de Deus cometer. Seu castigo deve ser muito maior do que o daqueles a quem enganou. Depois que perecerem os que pelos seus enganos caíram, deve êle ainda viver e sofrer. Nas chamas purificadoras os ímpios são finalmente destruídos, raiz e ramos — Satanás a raiz, seus seguidores os ramos. A penalidade completa da lei foi aplicada; satisfeitas as exigências da justiça; e o céu e a terra, contemplando-o, declaram a justiça de Jeová".

"Enquanto a terra está envolta nos fogos da destruição, os justos habitam em segurança na santa cidade. Sôbre os que tiveram parte na primeira ressurreição, a segunda morte não tem poder. Ao mesmo tempo em que Deus é para os ímpios um fogo consumidor, é para o Seu povo tanto sol como escudo".[2])

"SERÃO ATORMENTADOS PARA TODO O SEMPRE"

Esta frase do versículo dez tem sido tomada como afirmativa da doutrina corrente da imortalidade consciente da alma. Mas não há nela tal fundamento; pois todo o contexto evidencia que o castigo não será aplicado a indivíduos incorpóreos mas aos ímpios que ressuscitarão corpòreamente no fim do milênio.

Provas evidentes de que os ímpios receberão o castigo final corpòreamente, temo-las sobejamente em objetos materiais usados para simbolizar a destruição que sofrerão. Note-se: "Como a cera se derrete diante do fogo, assim pereçam os ímpios diantes de Deus".[1]) "Mas os ímpios perecerão, e os inimigos do Senhor serão como a gordura dos cordeiros".[2]) "Pelo que, como a língua de fogo consome a estopa, e a palha se desfaz pela chama, assim será a sua raiz, como podridão, e a sua flor se esvaecerá como pó".[3]) "Eis que serão como a pragana, o fogo os queimará".[4]) "E como os povos serão como os incêndios de cal: como espinhos cortados arderão no fogo".[5]) Deste modo vemos que os ímpios receberão o castigo em corpo e não em alma. Provas ainda mais esclarecidas de que receberão a punição corpòreamente, aqui as temos:

"E sairão, e verão os corpos mortos dos homens que prevaricaram contra Mim; porque o seu bicho nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror para tôda a carne".[6]) "Portanto, se o teu olho direito te escandalizar arranca-o e atira-o para longe de ti, pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que seja todo o teu corpo lançado no inferno".[7]) Notemos que tanto Isaías como Jesus referem que os ímpios receberão a condenação corpórea, no fogo. E como maior fundamento dêste fato, usou Jesus a figura da *Gehenna,* termo que equivale ao hebraico *Hinnom,* que é o nome de um vale próximo de Jerusalém, lugar usado para depósito do lixo da cidade e de cadáveres de animais e de malfeitores, que eram consumidos pelo fogo, o qual se conservava ardendo constantemente. Ali havia sempre bicho atuando nos cadáveres. E Cristo referiu-Se àquele lugar de queima constante para ensinar aos Seus ouvintes o destino que aguarda os ímpios. Na figura está bem patente que o futuro fogo da destruição dos ímpios atuará não sôbre suas almas ou espíritos fitícios desencorporados, mas sôbre seus corpos reais. Inúmeras outras evidências bíblicas ainda existem. Os ímpios serão "como pasto do fogo".[8]) "O Senhor os devorará na sua indignação, e o fogo os consumirá".[9]) Consumir não é queimar indefinidamente.

Agora, diante do já exposto, o têrmo "para sempre", da frase — atormentados para todo o sempre, — não implica que os ímpios hão de queimar eternamente. Os termos "eterno" e "sempre", quando encontrados no Novo Testamento, vêm do substantivo grego *"aion"* ou do adjetivo *"aionios".* No Velho Testamento o equivalente é *"olam". "Aion", "aionios"* e *"olam",* ocorrem centenas de vêzes nos dois Testamentos, e não significam necessariamente que nunca terão fim. Lemos, por exemplo, em São Mateus 13:39 e em outras partes, de *"fim do mundo (aion)".* Como poderia existir *um "fim"* para al-

guma coisa que não tem "fim"? Nisto vemos que um *"aion"* pode ter *"fim"*. De Cristo lemos: Tu és Sacerdote etemamente *(aion).*[1]) Todavia sabemos pelas Escrituras Sagradas que Êle será Sacerdote sòmente enquanto durar a graça salvadora. Assim temos um *"aion"* de tempo limitado. S. Paulo rogara a Filemon que retivesse a seu servo Onésimo "para sempre" (aionios); entretanto nem Filemon nem Onésimo viveriam "para sempre" para que isto pudesse suceder ininterruptamente. Vemos assim mais um *"aion"* ou *"aionios"* de tempo bem reduzido.

Lemos que Sodoma e Gomorra sofreram a pena de fogo eterno *(aionios).*[2]) E S. Pedro diz que estas cidades foram reduzidas a cinza.[3]) Portanto, se o fogo eterno *(aionios)* reduziu tais cidades a cinza com seus habitantes, podemos concluir que o "fogo" do fim do milênio também fará isto mesmo contra os ímpios e os maus anjos. Outros fatos demonstram isto mesmo:

A Páscoa devia ser observada "para sempre *(olam).*[4]) Não obstante, ela terminou com a cruz. Aarão e seus filhos deviam oferecer incenso "eternamente" *(olam),*[5]) e exercer um sacerdócio "perpétuo *(olam).*[6]) Porém êsse sacerdócio com suas ofertas de incenso terminou com a cruz.[7]) Um servo que desejasse permanecer com seu senhor, deveria servi-lo "para sempre *(olam)".*[8]) Como poderia o servo servir a seu senhor por tempos intermináveis? Haverá servos e senhores no mundo futuro? Jonas, ao descrever as peripécias pelas quais havia passado, relata-as nestas palavras: "Os ferolhos da terra correram-se sôbre mim para sempre *(olam)".*[9]) Êsse "para sempre", entretanto, durou apenas "três dias e três noites".[10]) E' realmente um "para sempre" muito curto. Em consequência de haver cometido fraude, Geazi ouviu de Eliseu a seguinte sentença: "Portanto a lepra de Naaman se pegará a ti (Geazi) e à tua semente para sempre *(olam)".*[11]) Deveríamos então concluir que a família de Geazi nunca encontraria o seu fim e que assim a lepra se perpetuaria por tôda a eternidade? Vemos, pois, que em muitos casos *aion, aionios* e *olam* têm um valor de tempo deveras muito limitado em muitos casos. E o mesmo pode ser dito ainda do fogo outrora ateado sôbre Jerusalém, do qual é referido que consumiria os seus palácios e não se apagaria.[12]) Mas não consta que Jerusalém esteja ardendo conjuntamente com seus palácios.

Numerosas outras referências poderiam ser citadas como prova de que os ímpios sofrerão o castigo corpòreamente, e que o fogo neles arderá sòmente enquanto puder ser alimentado pelo combustível de seus próprios corpos. Com êles, mesmo o Diabo tornar-se-á em cinza.[13]) Outro fato que depõe contra o tormento literalmente eterno relativo ao fogo do fim do milênio, é que os ímpios serão castigados na terra, onde será a eterna morada dos santos. Seria forçar a verdade em concluir que a mesma terra da morada dos justos

seria o lugar de tormento eterno dos maus. Todavia, o fogo que cairá no fim do milênio sôbre os ímpios pecadores, reduzi-los-á a cinza, tal como no castigo de Sodoma, Gomorra e outra cidades que já receberam o impacto direto de fogo e enxofre do céu.[1])

Entretanto a ênfase da profecia concernente à tremenda futura destruição no término do milênio, é que no lago de fogo e enxofre serão lançados o Diabo, a bêsta-papal e o falso profeta ou o protestantismo estadunidense. "Estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e enxofre".[2])

O TRIBUNAL DO JUÍZO MILENÁRIO

VERSOS 11-12 — *"E vi um grande trono branco, e o que estava assentado sôbre êle, de cuja presença fugiu a terra e o céu; e não se achou lugar para êles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida: e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras".*

O TRONO DO JUÍZO EXECUTIVO

Sôbre êste trono e juízo já nos referimos no versículo nove — SATANÁS E OS ÍMPIOS À BARRA DO TRIBUNAL. As circunstâncias da inundante glória da majestade de Deus naquele dia, fará como se o céu e a terra não estejam à sua presença ou como se tenham fugido. A terra não poderá fugir literalmente de Sua presença pôsto que é dito que os mortos ressurretos estarão na terra diante do trono de Deus, fora da cidade.

"E ABRIRAM-SE OS LIVROS"

Isto demonstra que Deus tem um registo perfeito da vida de cada indivíduo, e que um dia cada um responderá por seus atos. Os ímpios ver-se-ão afinal diante dum tribunal onde seus atos estarão patentes embora os hajam esquecido. No juízo executivo cada um receberá segundo suas obras exaradas nos livros, uns mais outros menos conforme os registos indicarem.

O LIVRO DA VIDA

Talvez seja um pouco estranho aparecer o livro da vida no juízo executivo dos ímpios. Sabemos que "o livro da vida contém os nomes de todos os que já entraram para o serviço de Deus. Jesus ordenou a Seus discípulos: 'Alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos no céu'.[3]) S. Paulo fala de seus fiéis cooperadores, 'cujos nomes estão no livro da vida'.[4]) Daniel, olhando através dos séculos para um 'tempo de angústia, qual nunca houve' declara que

se livrará o povo de Deus, 'todo aquêle que se achar escrito no livro'.[1]) E S. João, no Apocalipse, diz que apenas entrarão na cidade de Deus aquêles cujos nomes 'estão escritos no livro da vida do Cordeiro"'.[2])

A razão por que o livro da vida será aberto no juízo executivo dos ímpios, é para que todo o universo saiba que nenhum dêles terá seu nome inscrito nêle; e também para que fique claro que alguns tiveram seus nomes inscritos no livro da vida, mas, pela manifesta deslealdade posterior, foram riscados — "aquêle que pecar contra Mim, a êste riscarei Eu do Meu livro".[3]) Somente os vencedores terão seus nomes conservados no livro da vida.[4])

MORTOS DE TERRA E MAR

VERSOS — 13-15 — *"E deu o mar os mortos que nêle havia; e a morte e o inferno deram os mortos que nêles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo: esta é a segunda morte. E aquêle que não foi achado inscrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo".*

Da terra e do mar ressurgirão os ímpios para o juízo executivo no fim do milênio. O "inferno" referido do *Hades* grego, é a sepultura ou o lugar dos mortos. Terra e mar darão seus milhões de milhões para as candentes chamas da "segunda morte" no lago de fogo. O salário do pecado é a morte e jamais o tormento eterno.[5])

E afinal a grande controvérsia termina com estas palavras: "E aquêle que não foi achado inscrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo". Tôda a terra estará por fim livre da maldição do pecado, e os justos que prezaram a grande salvação serão felizes pela eternidade no mundo feito novo.

CAPÍTULO XXI

NOVAS TODAS AS COISAS

INTRODUÇÃO

Depois do capítulo vinte tratar da purificação da terra pelo fogo no fim do milênio, o capítulo vinte e um trata do estabelecimento do reino de Deus na terra. As palavras da oração do Senhor não serão mais então uma promessa suplicada mas uma promessa concretizada. Um pouco mais de corajosa espectativa pelos servos fiéis de Deus, e tudo no vale da maldade se transformará em gloriosa e eterna bem-aventurança.

O capítulo apresenta, em sua maior parte, uma fascinante descrição da cidade de Deus, a Nova Jerusalém, e assenta com precisa clareza quem somente poderá nela entrar. E os redimidos da terra terão a alegria de estarem sempiternamente com o amoroso Pai celestial e com o amante o glorioso Salvador.

UM NOVO CÉU E UMA NOVA TERRA

VERSOS 1-4 — *"E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma espôsa ataviada para o seu marido. E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com êles habitará, e êles serão o Seu povo, e o mesmo Deus estará com êles, e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos tôda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas".*

UM NOVO CÉU E UMA NOVA TERRA

No Velho Testamento prometeu Deus a Seus filhos criar um novo céu e uma nova terra, onde deverão viver felizes para todo o sempre, sem lembrança das coisas passadas.[1]) Êste santo ambiente futuro foi mostrado a S. João na ilha de Patmos, pois êle descreve: "E vi um novo céu e uma nova terra". E S. Pedro declara: "Mas nós, segundo a Sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça".[2]) O apóstolo refere-se à nossa mesma terra renovada. Não haverá a criação de uma nova terra física para os remidos habitarem. Assim como êles serão remidos, o será tam-

bém a terra que Deus lhes dera para habitarem desde o princípio do mundo. Dissera Jesus: "Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido".1) E a terra foi algo que também se perdeu. Portanto, ela será também remida para santa habitação dos escolhidos do Senhor.

Sim, graças a Deus, virá uma nova terra. Voltará o "primeiro domínio" perdido pelo primitivo homem.2) Haverá na terra perfeita paz mesmo no meio irracional.3) Nenhum sofrimento tomará lugar no orbe renovado.4) A justiça divina será a justiça de todos, pois "a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar".5) E, maravilha das maravilhas, um só será o governante da terra: "E o Senhor será Rei sôbre tôda a terra: naquele dia um será o Senhor, e um será o Seu nome".6) E, diz a inspiração do Rei único da terra: "Tôda a terra te adorará e Te cantará louvores: êles cantarão o teu nome".7)

Quando, não faz muito, aportaram no Brasil emigrante do inferno em que a segunda guerra mundial converteu a Europa, lia-se numa faixa que êles colocaram nos costados no navio que os conduziu: "Viva o Brasil! Viva a nossa pátria nova!" Maravilhoso regozijo e alívio para aqueles aflitos e opressos corações que sairam do caos dum continente sem paz. Sim, regozijo indescritível e ainda muito maior, hão de manifestar os remidos ao tomarem posse da terra por Deus para êles purificada, feita nova. Não dirão êles: "Viva o reino de Deus! Viva a nossa pátria nova"?

"E O MAR JÁ NÃO EXISTE"

Há os que não crêem que na nova terra não haverá mar, e apresentam certas conjeturas nas quais pretendem fundamentar suas idéias sôbre a existência do mar no mundo novo. Mas, as palavras do profeta são terminantes. Não podemos deixar de crer nas palavras dum profeta de Deus, para crer em conjeturas de homens que ainda não viram a terra feita nova.

Deve haver uma razão por que não haverá mar na nova terra. E esta deve jazer no fato de que a terra, tornando-se morada de Deus, como é plausível no versículo três, os remidos deverão ir à Sua presença para adorá-Lo, segundo lemos no livro do profeta Isaías,8) o que seria isto difícil para a grande maioria deles com obstáculo do mar. O mais acertado é crermos nas palavras de quem já vira em visão de Deus a nova terra, e aceitarmos as suas palavras inspiradas do alto: "E o mar já não existe".

O TABERNÁCULO DE DEUS COM OS HOMENS

A afirmativa do apóstolo de que a Nova Jerusalém descerá a esta terra e que Deus morará aqui com os remidos, é uma mui santa

evidência da alegria do celeste Pai em residir com aquêles que prezaram o infinito sacrifício que Êle fêz para salvá-los. Também o Salvador morará com Seus amados. E os santos anjos aqui também estarão para serem os melhores companheiros dos santos depois do celeste Pai e do Salvador. Esta divina união pessoal com Deus, com Jesus e com Seus anjos na santa cidade, já esperavam os patriarcas e profetas que tanto falaram da gloriosa "Sião".[1])

A Nova Jerusalém será localizada na Palestina. Diz o profeta Zacarias: "E naquele dia estarão os Seus pés sôbre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; e metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade dele para o sul".[2]) Assim notamos que a Palestina será nivelada para receber a Santa Cidade. E' Jesus quem fará isto. Êle descerá, no fim do milênio, sôbre o monte donde ascendeu ao céu e operará o milagre do preparo do montanhoso país para receber a Sua gloriosa cidade. Em lugar da velha Jerusalém, onde tantas vêzes sofrera Êle agravo do Seu próprio povo, a Terra Santa, terra de Suas peregrinações e maravilhas, receberá uma Jerusalém nova, a Jerusalém celestial onde sempre foi amado e bem-quisto. Localizada ali, na região da terra mais cara ao coração de Jesus, será ela a metrópole real da terra renovada.

NÃO HAVERÁ MAIS LÁGRIMAS

Não haverá mais lágrimas porque todos os motivos que tendem a promovê-las serão postos fora do regimem da terra feita nova. Tudo o que promove a lágrima e o pranto serão coisas passadas. A isto refere-se Isaías: "Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor Jeová as lágrimas de todos os rostos, e tirará o opróprio do Seu povo de tôda a terra, porque o Senhor o disse".[3])

A morte, uma das causas de rios de lágrimas, não haverá na nova terra. Jamais um lar será ferido por seu aguilhão; jamais uma casa funerária será conhecida; jamais um carro fúnebre se verá; jamais uma sepultura sequer será aberta; jamais um cemitério será construído; jamais haverá ali o dia dos mortos. Rios de lágrimas serão assim extintos por Deus. Clamor e dor também não hão de haver, pois serão também eliminadas as suas causas.

A CERTEZA DA RENOVAÇÃO

VERSO 5 — *"E o que estava assentado sôbre o trono disse: Eis que faço novas tôdas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis".*

Temos neste versículo a certeza dada por Deus da renovação de tudo. Deus não diz que fará novas coisas como se as atuais de-

vam perecer. Êle diz que fará "novas todas as coisas", as mesmas que existem na terra e a própria terra. Tôdas as obras da Sua criação serão remidas. Creiamos em Suas palavras — porque estas palavras são verdadeiras e fiéis.

A SUBLIME HERANÇA DA PROMESSA

VERSOS 6-8 — *"E disse-me mais: Está cumprido: Eu Sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem quer que tiver sêde, de graça lhe darei da fonte da água da vida. Quem. vencer, herdará tôdas as coisas; e Eu serei seu Deus, e êle será Meu filho. Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicários, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte".*

ESTÁ CUMPRIDO

Quando afinal nada mais restar do plano da salvação para ser executado na terra, estando o pecado e seu autor extintos e todos os adversários do direito divino reduzidos a simples cinza, estará então "cumprido" o grande propósito de Deus de renovação de tôdas as coisas. Deus e o homem estarão outra vez em perfeita paz, em paz que não será jamais quebrantada.

Sôbre o Alfa e o Ômega veja-se o capítulo um versículo oito e sôbre a fonte da água da vida o capítulo vinte e dois versículo dezessete.

A GRANDE HERANÇA DA PROMESSA

A herança prometida inclui tôdas as coisas concernentes a esta terra redimida e mais a paternidade de Deus. Mas apenas serão herdeiros os vencedores. Quem vencer o pecado em tôdas as suas enganosas manifestações, tomará posse da incorruptível herança.

O DESTINO DOS QUE NADA HERDARÃO

Os tímidos mencionados são os que temem serem ridicularizados pelo mundo como baluartes da fé que são convidados a ser. Êstes desprezadores da salvação em face do respeito humano, nada terão a herdar no glorioso mundo futuro. Também os abomináveis, os homicidas, os fornicários, os feiticeiros, os idólatras, e todos os mentirosos, nada herdarão no glorioso reino vindouro. Sim, muitos há que se dizem cristãos mas são tudo o que este versículo encerra. Todos, conjuntamente, receberão como prêmio o "lago que arde com fogo e enxofre, o que é a segunda morte".

A NOVA JERUSALÉM CELESTIAL

VERSOS 9-27 — "*E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a espôsa, a mulher do Cordeiro. E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a Santa Jerusalém, que de Deus descia do céu. E tinha a glória de Deus; e a sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandescente. E tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sôbre elas, que são os nomes das doze tribos de Israel. Da banda do levante tinha três portas, da banda do norte três portas, da banda do sul três portas, da banda do poente três portas. E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e nêles os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. E aquêle que falava comigo tinha uma cana de ouro, para medir a cidade, e as suas portas, e o seu muro. E a cidade estava situada em quadrado; e o seu cumprimento era tanto como a sua largura. E mediu a cidade com a cana até doze mil estádios: e o seu comprimento, largura e altura eram iguais. E mediu o seu muro, de cento e quarenta e quatro côvados, conforme à medida de homem, que é a dum anjo. E a fábrica do seu muro era de jaspe, e a cidade de ouro puro, semelhante a vidro puro. E os fundamentos do muro da cidade estavam adornados de tôda a pedra preciosa. O primeiro fundamento era jaspe; o segundo, safirá; o terceiro, calcedônia; o quarto, esmeralda; o quinto, sardónica; o sexto, sárdio; o sétimo, crisólito; o oitavo, berilo; o nono, topázio; o décimo, crisopraso; o undécimo, jacinto; o duodécimo, ametista. E as doze portas eram doze pérolas; cada uma das portas era uma pérola; e a praça da cidade de ouro puro, como vidro transparente. E nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-poderoso, e o Cordeiro. E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada. E as nações andarão à sua luz; e os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra. E as suas portas não se fecharão de dia, porque ali não haverá noite. E a ela trarão a glória e honra das nações. E não entrará nela coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira; mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro".*

A ESPÔSA, A MULHER DO CORDEIRO

A santa cidade, a Nova Jesusalém, que é a capital e representa o reino, é chamada "a espôsa, a mulher do Cordeiro". "Claramente, pois, a espôsa representa a santa cidade, e as virgens que saem ao encontro do Esposo são símbolo da igreja. No Apocalipse é dito que o povo de Deus são os convidados à ceia das bodas.[1]) Se são *convidados,* não podem ser também representados pela *espôsa.* Cris-

to, conforme foi declarado pelo profeta Daniel, receberá do Ancião de dias, no céu, 'o domínio, e a honra, e o reino', receberá a Nova Jerusalém, a capital de Seu reino, 'adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido'".[1])[2])

Escrevendo aos Gálatas, fala S. Paulo da Nova Jerusalém como "mãe de todos nós", e Isaías apresenta a Jesus como Pai.[3]) Assim Êle é o nosso Pai, a Cidade Santa a nossa mãe e nós os filhos que somos chamados à gloriosa casa paterna.

A CIDADE TEM A GLÓRIA DE DEUS

A glória de Deus inunda a Santa Cidade. Sua luz é semelhante à preciosa pedra de jaspe, resplandecente e transparente como cristal. Deve ser o jaspe branco resplandecente. Pareceria estranho se a cidade de Deus tivesse uma glória duma côr diferente. Já em si mesma a côr branca da luz que conhecemos reune sete côres, o que se pode dizer da glória de Deus em Sua plenitude de resplendor. Ao terminar Moisés a construção do santuário, a glória de Deus, como uma branca nuvem, envolveu o edifício.[4]) Isto confirma a côr branca do jaspe da glória da cidade como a nuvem de glória.

A CIDADE TEM DOZE PORTAS

O muro da cidade tem doze portas que devem dizer muito para nós. Para cada um dos quatro pontos cardiais estão três portas. E a habitação das tribos na nova terra deve corresponder aos seus quadrantes; pois assim era em Israel no deserto, em tôrno do santuário, e assim deve ser na terra nova em tôrno da Nova Jerusalém. No Velho Testamento temos a ordem numérica da colocação das tribos em tôrno do santuário que, começando pelo Oriente, seguia pelo sul, ocidente e norte.[5]) Portanto, na terra nova, as tribos localizar-se-ão cada uma diante de sua porta da cidade, nos quatro quadrantes: Judá, Rubem e Gad, ao Oriente; Asser, Naftali e Manassés, ao sul; Simeão, Levi e Issacar, ao ocidente; e Zabulon, José e Benjamin, ao norte.

A ordem das tribos como dada no Apocalipse sete é diferente da ordem em Israel. Isto se justifica no fato de que o Israel é outro e no desaparecimento das tribos de Efraim e Dan que estão substituídas pelas de José e Levi. Também Ruben deixou a primogenitura ou a liderança para ser substituído por Judá. Deste modo, a tribo líder de Judá estará defronte da porta que traz o seu nome, que chamaremos número um, no extremo norte do lado oriental da cidade; a de Issacar estará no centro do lado oriental, defronte à porta que traz o seu nome; a de Zabulon estará no extremo sul do lado oriental, defronte à porta que traz o seu nome. E assim, continuando pelo lado sul, ocidental e norte, saberemos a que portas corres-

ponderão cada uma das outras tribos. E, quando as tribos forem à Nova Jerusalém — cada sábado e cada dia da lua nova — cada uma deverá entrar por sua porta correspondente. Se não fôra assim, as portas da cidade não ostentariam os nomes das doze tribos.

Em cada porta da cidade viu o profeta um anjo de guarda, o que indica que jamais alguém poderá afastar-se da cidade ou nela entrar a menos que tenha permissão para isso. Uma licença de saída e entrada deve ser apresentada ao anjo sentinela. Deus é um Deus de ordem e Seus filhos devem fazer tudo com ordem perfeita.

O MURO DA CIDADE

O fato de estarem os nomes dos doze apóstolos escritos nos fundamentos do muro da cidade, "demonstra que é uma cidade cristã e não judia". Os fundamentos não estão três de cada lado como no caso das portas da cidade, mas sobrepostos uns aos outros em torno de todo o muro. Agora, já que o versículo dezenove nos dá a ordem dos fundamentos, seria interessante sabermos qual o nome de cada apóstolo neles escritos. Ora, se levarmos em conta a lista dos doze, segundo S. Mateus capítulo dez, temos na ordem dos fundamentos, começando debaixo para cima, os seguintes nomes: 1) Pedro; 2) André; 3) Tiago; 4) João; 5) Felipe; 6) Bartolomeu; 7) Tomé; 8) Mateus; 9) Tiago, filho de Alfeu; 10) Lebeo; 11) Simão, cananita; 12) Matias.

O PERÍMETRO DA CIDADE

João declara que a Nova Jerusalém é um perfeito quadrado. A extensão de 12.000 estádios equivale aos quatro lados da cidade e não a cada lado dela; pois é dito que o anjo mediu a cidade, referindo-se a seu todo. De acôrdo com Kitto, êste era o método antigo de medir as cidades determinando-se assim a circunferência ou o perímetro delas.

O estádio era uma medida itinerária, tanto de terra como de mar, entre os antigos.[1]) Também o estádio servia como medida de extensão nas competições atléticas e corridas de cavalos.[2]) Mas o estádio variava segundo a localidade. Em Atenas era equivalente "a 185m, 25cm".[3]) Sendo a Nova Jerusalém de 12.000 estádios, devemos multiplicar êste número por 185m, 25cm. Assim concluiremos que a cidade tem 2.223 quilômetros, ou sejam cêrca de 555 quilômetros de cada um de seus lados.

Ainda diz o profeta que o "comprimento, largura e altura" da cidade são iguais. A palavra "igual" do grego *"isos"*, Liddell e Scott dizem que pode ser empregada para expressar a idéia de proporção. Greenfield, referindo-se a Segundo Coríntios oito versículos treze e quatorze, dá a uma de suas palavras compostas, *"isotes"*, o sentido

de "igual proporção". Outro texto em que é empregado *"isos"* — igual, refere que Cristo é "igual a Deus", e, entretanto, um é Pai e o outro é Filho.[1]) Dêste modo a altura da cidade é proporcionalmente "igual" ao seu comprimento e à sua largura. Mas, se a Nova Jerusalém na verdade tivesse 555 quilômetros de altura e um muro de menos de 100 metros como tem, seria isto, comparativamente, desproporcional. Tudo nos leva a crer que a altura da cidade de Deus é, em relação a seu comprimento e largura, perfeitamente proporcional, e também que seus áureos edifícios sejam em altura superiores à sua maravilhosa muralha.

A ALTURA DO MURO E O SEU MATERIAL E O DA CIDADE

A altura do muro é de 144 côvados. O côvado era uma antiga medida de comprimento avaliada em 66 cm.[5]) 144 vezes 66 cm., alcançam a 95 metros que é a altura do muro. Porém a fábrica do muro da cidade é de jaspe, edificado sôbre os doze fundamentos, jaspe resplandecente como cristal, podendo-se ver de fora o interior da gloriosa cidade. A cidade, em si mesma, é "de ouro puro, semelhante a vidro puro". Não há aqui a idéia de que haja uma espécie de ouro semelhante ao vidro, mas sim de que o ouro da fábrica da cidade é tão puro como o "vidro puro" sem o mínimo defeito. Assim a cidade é uma maravilha que pena alguma pode descrever.

OS DOZE FUNDAMENTOS DO MURO DA CIDADE

Ao aludir o profeta que os fundamentos do muro da cidade estão adornados de tôda a pedra preciosa, possivelmente quis referir-se aos próprios fundamentos e não a que êles ainda contenham, engastadas em si mesmos, outras pedras preciosas.

Não é fácil determinar as côres dos fundamentos do muro, visto as variedades das mesmas côres das pedras preciosas dos mesmos nomes. De um acurado estudo sôbre as pedras dos doze fundamentos conclui-se que suas côres são as seguintes: l.° — Jaspe, branco; 2.° — Safira, azul-celeste; 3.° — Calcedônia, pardo; 4.° — Esmeralda, verde-vivo; 5.° — Sardônica, marrom; 6.° — Sárdio, vermelho-carne; 7.° — Crisólito, verde-amarelo; 8.° Berilo, verde-mar; 9.° — Topásio, amarelo; 10.° — Crisopraso, verde-maçã; 11.° — Jacinto, azul; 12.° — Ametista, violeta.

AS PORTAS E AS RUAS DA CIDADE

Cada uma das doze portas de acesso à Nova Jerusalém é uma pérola. Uma pérola como a conhecemos, é uma concreção calcária, em forma de glóbulos, de côr branca brilhante e levemente prateada. As pérolas custam muito dinheiro e só podem obtê-las os abastados da

terra. Mas, os remidos de Jesus, que aqui na terra nada possuem, terão o privilégio de entrar na Santa Cidade por portas de preciosas pérolas. Nisto vemos que as portas da Nova Jerusalém são das suas maiores e mais custosas maravilhas.

As ruas da cidade são de ouro puro, como indica o vocábulo grego "plateia". Ruas de ouro tão puro como o puríssimo vidro transparente sem defeito. Dêste modo a cidade reflete-se em si mesma. Esta gloriosa cidade que nos espera é uma indescritível maravilha. Depois das lutas da terra, Deus quer alegrar-nos com indizíveis surprêsas das quais nos dá um pequeno vislumbre pela inspiração.

O TEMPLO DA CIDADE

Não haverá templo na Nova Jerusalém. "O Senhor Deus Todo-poderoso e o Cordeiro", serão o templo vivo da Santa Cidade; ali os remidos os adorarão face a face, pessoalmente, e não mais através do véu da fé.

A CIDADE NÃO NECESSITA DAS LUZES DO SOL E DA LUA

O profeta fala somente da cidade e não da terra em si mesma. As luzes do sol e da lua, muito inferiores à glória de Deus que inunda a cidade, não terão, por isso mesmo, nenhuma influência sôbre ela. Na cidade haverá eterno dia proporcionado pela permanente glória de Deus.1) O Cordeiro é a lâmpada da cidade, através e em virtude de quem Deus reflete Sua glória na cidade. Tudo para os remidos é em virtude de Seu Filho. Não obstante haverá dias e noites na terra renovada. Serão dias e noites diferentes dos de agora. Diz Isaías: "E será a luz da lua como a luz do sol, e a luz do sol sete vêzes maior, como a luz de sete dias, no dia em que o Senhor ligar a quebradura do seu povo, e curar a chaga da sua ferida".2) Imaginemos: A noite como o nosso dia, e o dia sete vêzes mais brilhante!

AS NAÇÕES ANDARÃO À SUA LUZ

Por nações podemos entender as nacionalidades dos salvos que ainda estão na terra. Êstes andarão à luz da cidade, por suas ruas e seus palácios. Como reis que todos serão, pois reinarão com Cristo eternamente, "trarão para" a cidade, sempre, " sua glória e honra". E as portas da formosa metrópole estarão sempre abertas para receber os remidos, não se fecharão jamais, pois "ali não haverá noite".

OS ÚNICOS QUE ENTRARÃO NA CIDADE

Ninguém que contamine e cometa abominação e mentira entrará na Santa Cidade. Sua pureza não pode ser contaminada com o que é impuro. Unicamente os que se inscreveram "no livro da vi-

da do Cordeiro" e se purificaram poderão transpor as suas portas de pérolas e andar por suas ruas pavimentadas a ouro puro.

"Uma pequena menina se achava gravemente enferma. A instâncias suas, seu pai teve de ler-lhe os dois últimos capítulos do Apocalipse que descrevem a gloriosa Nova Jerusalém. Ela escutava em silêncio e o pai perguntava de si para si o que poderia ela entender destas coisas. Terminada a leitura ela volveu ao pai um olhar muito sério e disse: 'O' papai, como devem ser limpos os pés daqueles que hão de andar sôbre aquelas calçadas de ouro'"[1]) Sim, só pés limpos ou pés de alguém de caráter limpo poderão pisar sôbre aquelas ruas de finíssimo ouro resplendente.

CAPÍTULO XXII

ORA VEM, SENHOR JESUS

INTRODUÇÃO

Chegamos ao fim de nossas considerações sôbre o livro do Apocalipse. O capítulo vinte e dois, pôsto que pequenino, encerra o grande livro profético como também o santo cânon das Sagradas Escrituras. Promessas, bem-aventuranças, certeza sobre o conteúdo do livro, declaração de que o Apocalipse não é um livro selado, conselhos a justos e a ímpios, o caráter dos que não herdarão o reino de Deus, títulos de Jesus, um ardoroso chamado do Espírito Santo e da Nova Jerusalém, advertências sôbre acrescentar algo ao santo livro ou tirar-lhe alguma coisa, a certeza da volta de Jesus dada por Êle mesmo, a última oração da Bíblia e a graça do Senhor sôbre todos os crentes — eis o conteúdo dêste último capítulo do Apocalipse.

Caro leitor, depois de chegares à última palavra desta consideração do Apocalipse, terás encontrado o caminho seguro da eterna salvação em Jesus Cristo, se não o encontraste antes. Entra por êste sublime caminho; anda por êle; e terás um lugar com o glorioso Salvador e com os Seus santos remidos no mundo feito novo.

O RIO E A ÁRVORE DA VIDA

VERSOS 1-2 — *"E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, e de uma e da outra banda do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as fôlhas da árvore são para a saúde das nações".*

O RIO DA VIDA

No meio da Nova Jerusalém está o "rio da água da vida, claro como cristal", devendo ser o mesmo rio que regava o jardim edênico de nossos primitivos pais. Êle procede do trono de Deus e do Cordeiro, como uma figura de que Ambos são o manancial das águas vivas para Seus filhos.

Davi falou já neste glorioso rio, dizendo: "Há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus".[1]) E disse mais Davi, falando do glorioso rio: "Êles se fartarão da gordura da Tua casa, e os farás beber da corrente das Tuas delícias".[2]) Sim, o rio da vida não estará na cidade com o propósito de apenas embelezá-la. O seu pró-

prio nome já é evidência de que os remidos dêle tomarão para a conservação da vida como veremos sobre a árvore da vida.

A ÁRVORE DA VIDA

Esta árvore é a mesma do Jardim de Adão. Do Gênesis ao Apocalipse se menciona uma árvore da vida somente. Ela descerá do céu com a Santa Cidade para ser restaurada outra vez ao homem.

A árvore da vida está "no meio da" "praça" da Nova Jerusalém ou do "paraíso de Deus".[1]) Esta árvore deve identificar-se com a praça da cidade que, como vimos, é "de ouro puro, como vidro transparente". Seu tronco, pelo menos, deve ser também de puro ouro. Estando localizada de ambas as bandas do rio da vida, vemos nela dois troncos, um dum e outro doutro lado do rio, unindo-se em cima numa só árvore, espraiando seus ramos sôbre ambas as margens.

A árvore da vida produz mensalmente a sua messe de frutos, aliás, doze vêzes por ano. Alguns imaginam que ela produz doze espécies de frutos por ano. Todavia, a sua natureza ou espécie não permite variações de frutos. Ela produz, segundo a sua espécie — *frutos de vida* — de forma e aparências idênticas cada mês. Sim, em face de sua espécie, não pode isto ser diferente.

"E as folhas da árvore são para a saúde das nações". Isto não quer dizer que na nova terra haverá doentes que necessitam procurar saúde pela árvore da vida, mas que o propósito desta árvore, conjuntamente com o rio da vida, será manter com vida e saúde os habitantes do futuro reino de Deus nesta terra. Quanto a comerem do fruto da árvore, isto podemos entender fàcilmente. Porém, quanto a usarem as fôlhas não podemos agora saber. O que é certo é que, na coloração verde de tôda a vegetação, há uma substância denominada pela ciência de *clorofila*, de grande poder curador. No jardim edênico, quando na terra, Adão e Eva estavam cheios de vida e robustez proporcionadas pela árvore da vida e a ela tinham franco acesso antes do pecado, sendo depois afastados dela.[2])

Quando a terra fôr restaurada, como lar dos remidos e a árvore da vida com ela, então Jesus outorgará aos Seus santos pleno acesso à árvore da vida. Temos razões bastantes para crer que o tamanho da árvore da vida seja de gigantescas proporções; pois sabemos que Jesus mesmo conduzirá Seu povo a ela e dir-lhe-á: "Comei dela todos". Para que sob seus ramos ela possa agasalhar todos os remidos, deverá ser realmente de grandes proporções. Se ela se estende em tôda a extensão do rio da vida, não sabemos. Existem na terra espécies de árvores muito grandes, ainda. Uma figueira, na Índia, de 200 pés de altura, deixou cair seus ramos na terra, que por si se enraizaram e deram origem a outras árvores, formando verdadeiro bosque. Próximo a Bombaim, uma dessas árvores, veneradas, cobre uma ilha inteira. Segundo Heber (viagens II, 485), acamparam-se "uma

vez à sua sombra 10.000 ginetes". "Olivier (ilhas neerlandesas II, 258) encontrou uma dessas árvores "nas ilhas Molucas, que formava um bosque de 300 árvores". O naturalista Gustavo Wallis descobriu, em 1863, nas margens do Rio Branco, Estado de Amazonas, uma árvore cuja copa fazia uma sombra de 158 metros de circunferência. Vinte e cinco mil pessoas poderiam abrigar-se a sua sombra".[1]) Assim cremos que a árvore da vida deverá ser gigantesca para poder abrigar a hoste dos remidos na festa da lua nova.

No futuro reino os salvos comerão da árvore da vida uma vez por mês. Lembremo-nos de que a árvore produz seu fruto mensalmente. De mês em mês, de modo especial, irão todos à Santa Cidade participar do fruto de vida. Sôbre isto diz o profeta Isaías: "Porque, como os céus novos e a terra nova, que hei de fazer, estarão diante da minha face, diz o Senhor, assim há de estar a vossa posteridade e o vosso nome. E será que desde uma lua nova até à outra, e desde um sábado até ao outro, virá tôda a carne a adorar perante Mim, diz o Senhor".[2])

Semanalmente irão adorar a Deus no sábado do sétimo dia; mensalmente, porém, no primeiro dia da lua nova, irão participar conjuntamente da árvore da vida. A lua nova será o sinal da grande reunião sob os ramos da árvore da vida, e Jesus, emblema máximo desta árvore, lhes dirá: "Comei dela todos".

A festa da árvore da vida já era figurada no antigo Israel. No começo de cada mês, ao tempo da lua nova, havia sacrifícios especiais e reuniões em famílias para comerem pão juntos.[3]) E Davi salmodiou: "Tocai a trombeta na lua nova, no tempo marcado para a nossa solenidade. Porque isto é um estatuto para Israel e uma ordenança do Deus de Jacó".[4]) Será maravilhoso aos remidos participarem juntos daquelas reuniões mensais sob os ramos da árvore da vida arquejantes de odorosos frutos. A promessa é esta: "Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus".[5]) Vale a pena, pois, vencer.

E VERÃO O SEU ROSTO

VERSOS 3-5 — *"E ali nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e os seus servos O servirão. E verão o Seu rosto, e nas suas testas estará o Seu nome. E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumia; e reinarão para todo o sempre".*

UMA CIDADE PURA

Os remidos, ao entrarem na cidade cada sábado e cada dia da lua nova, não levarão a ela maldição alguma, pois êles são os "ben-

ditos do Senhor" e desconhecerão na terra feita nova qualquer vestígio de maldição.

O TRONO DO UNIVERSO ENTRE OS HOMENS

O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade como centro de culto e adoração. Maravilhoso, — o trono de Deus e de Seu Filho pôsto entre os homens! E ali "verão o Seu rosto" — o de Deus e o do Cordeiro. Todos terão corações limpos e vidas puras para poderem contemplar os rostos do amante Pai e do amorável Salvador.[1]) E isto será o mais glorioso do mundo novo; tudo o mais, embora maravilhoso, será secundário, comparado a esta visão real dos santos diante das faces dos Todo-poderosos — o Pai e o Filho. A propósito conta-se uma solene história:

"Certo erudito entrou uma vez" numa igreja "de Copenhague a fim de contemplar a mundialmente célebre estátua de Cristo de Thorwaldesen. Pareceu a princípio inclinado à crítica, descontente. Então uma criança, percebendo-lhe a decepção, explicou: 'O senhor deve ajoelhar e olhar para o rosto'. O visitante seguiu as instruções da criança e, ajoelhando-se viu a obra prima de mármore sob um novo e glorioso aspecto. Viu voltada para êle, uma fisionomia de celestial beleza".[2]) Mas oh, que não será estar de joelhos diante do trono do Salvador contemplando Seu rosto natural! Oh, sim, que emoção não hão de sentir os remidos ao contemplarem sobre seus joelhos a "fisionomia de celestial beleza" do Salvador! Oh, sim, leitor, que isto suceda contigo e comigo!

Seus servos Os servirão de bom grado e com verdadeiro amor divino que encherá seus corações e suas vidas puras. Nas suas testas estarão sempre Seus nomes. Nunca êles esquecerão a Deus e a Jesus. Em tôdas as ocupações da nova terra, Ambos serão lembrados e honrados para todo o sempre.

ALI NÃO HAVERÁ MAIS NOITE

Sendo a glória de Deus em muito excedível à do sol, esta não terá ali nenhuma ação. O sol e a lua só serão necessários fora da cidade, pois haverá na terra dia e noite como agora conhecemos. "E reinarão para todo o sempre" na eterna glória.

EIS QUE PRESTO VENHO

VERSOS 6-7 — *"E disse-me: Estas palavras são fiéis e verdadeiras; e o Senhor, o Deus dos santos profetas, enviou o Seu anjo, para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve hão de acontecer. Eis que presto venho: Bem-aventurado aquêle que guarda as palavras da profecia dêste livro".*

A AUTENTICIDADE DIVINA DO APOCALIPSE

Tôda a revelação estava concluída. E Gabriel pôs o sêlo de autenticidade divina na gloriosa revelação: "Estas palavras são fiéis e verdadeiras". E o anjo afirma que foi o "Deus dos santos profetas" que tudo revelou, "para mostrar aos seus servos as coisas que em breve hão de acontecer". Podemos, pois, crer no Apocalipse como de origem divina e comprovarmos na história secular o cumprimento de seus vaticínios.

"EIS QUE PRESTO VENHO"

Esta é a última declaração profética de Jesus concernente à Sua segunda vinda à terra. E, naquele dia, só serão bem-aventurados os "que guardam as palavras da profecia dêste livro" no qual se reunem os demais da Bíblia e são por êle autentificados e exaltados.

ADORA A DEUS

VERSOS 8-9 — *"E eu; João, sou aquele que vi e ouvi estas coisas. E, havendo-os ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo que mas mostrava para o adorar. E disse-me: Olha não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras dêste livro. Adora a Deus".*

UM DUPLO TESTEMUNHO

No versículo seis temos o testemunho de Gabriel autentificando o conteúdo do Apocalipse. No versículo oito é o profeta que o faz, dizendo: "E, eu, João, sou aquêle que vi e ouvi estas coisas". Eis um duplo testemunho que deve levar a todo o sincero de coração a aceitar êste grande livro como verdadeiro e vivê-lo.

ADORA A DEUS

Ao ser concluída a inspiração do Apocalipse, o profeta estava verdadeiramente emocionado diante do poderoso anjo. E êle ajoelhou-se aos pés de Gabriel para adorá-lo. Mas Gabriel não aceitou a adoração, dizendo: "Porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras dêste livro". A expressão "conservo", implica que os anjos, os profetas, os apóstolos e todos os "irmãos" ou servos de Deus, são todos iguais perante Deus —- são Seus servos.

Enquanto o mais poderoso anjo — Gabriel — recusa a adoração do homem, uma casta de homens há na terra, arrogantes, que pretendem e exigem a adoração de seus semelhantes. Mas esta exigência absurda só pode ser própria dos inimigos de tôda a pura e santa verdade de Deus. Quando um homem certa vez se prostrou diante

do apóstolo S. Pedro, êste disse-lhe: "Levanta-te, que eu também sou homem".[1]) Mas quão diferente do anjo e do apóstolo de Deus é certa casta de homens de nossos dias! Quanta pretensão absurda e diabolesca em exigir adoração, de joelhos, de seus iguais! Mas, o conselho do anjo é — Adora a Deus. Somente a Deus devemos adorar e em Espírito e em verdade.

UM LIVRO DESVENDADO

VERSO 10 — *"E disse-me: Não seles as palavras da profecia deste livro; porque próximo está o tempo".*

A primeira palavra deste livro, "Apocalipse" ou "Revelação", já exprime não ser êle um livro fechado, selado ou incompreensível. E agora, as derradeiras palavras de Gabriel ao profeta são para adverti-lo a não selar "as palavras da profecia dêste livro", e dá a razão — porque o tempo está próximo. Entretanto a teologia popular atual ensina que o Apocalipse está selado e, portanto, não pode ser compreensível. Precisamente sôbre esta classe de cristãos incrédulos escreveu Isaías: "Porque o Senhor derramou sôbre vós um espírito de profundo sono, e fechou os vossos olhos, os profetas; e vendou as vossas cabeças, os videntes. Pelo que tôda a visão vos é como as palavras dum livro selado que se dá ao que sabe ler, dizendo: Ora lê isto; e êle dirá: Não posso, porque está selado. Ou dá-se o livro ao que não sabe ler, dizendo: Ora, lê isto; e êle dirá: Não sei ler. Porque o Senhor disse: Pois que êste povo se aproxima de Mim, e com a sua bôca, e com os seus lábios Me honra, mas o seu coração se afasta para longe de Mim e o seu temor para Comigo consiste só em mandamentos de homens, em que foi instruído".[2])

DECISÕES INAPELÁVEIS

VERSOS 11-13 — *"Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda. E, eis que cedo venho, e o Meu galardão está Comigo, para dar a cada um segundo a sua obra".*

Os versículos onze e doze assinalam o fim do tempo da graça imediatamente antes da segunda vinda de Cristo. Há os que ensinam que haverá um tempo de graça depois de Sua segunda vinda. Mas isto é apenas pretensão. Cristo próprio declara que, ao voltar, trará o "galardão" "para dar a cada um segundo a sua obra", o que constitui uma evidência de que não haverá graça após sua segunda vinda à terra. Ao findar Jesus Sua obra sacerdotal, então será pronunciado, irrevogàvelmente, o que lemos no versículo onze. "Quando Jesus deixar o santuário, então aquêles que são santos e justos serão santos e justos ainda; porque todos os seus pecados estarão então apagados, e êles serão selados com o sêlo do Deus vivo. Mas aqueles

que são injustos e sujos serão injustos e sujos ainda; porque então não haverá nenhum Sacerdote no santuário para oferecer seus sacrifícios, suas confissões e suas orações diante do trono do Pai. Portanto aquilo que é para ser feito para libertar as almas da vindoura tormenta da ira deve ser feito antes de Jesus deixar o santíssimo do santuário celestial".[1])

Sobre o versículo treze veja-se o versículo oito do primeiro capítulo, e, depois da consideração, ore o leitor para que Cristo, em verdade, seja na sua vida "o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro" em todo o seu viver e em tôdas as suas realizações futuras enquanto existir.

A ÚLTIMA BEM-AVENTURANÇA

VERSO 14 — *"Bem-aventurados aquêles que guardam os Seus mandamentos, para que tenham acesso à árvore da vida, e para que entrem na Cidade pelas portas".*

A despeito das teorias de que o cristão está desobrigado da observância dos mandamentos de Deus tais como foram dados no Sinai, êste texto confirma o cumprimento obrigatório da lei do Decálogo por parte daqueles que almejam participar da árvore da vida, e entrar na Cidade de Deus. E' plenamente estabelecido que observar a lei de Deus é uma bem-aventurança e não um pesadelo como pretendem alguns.

Algumas traduções dêste texto, dizem: "Bem-aventurados aquêles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro..." Sôbre isto diz Enrique Alford: "A diferença que há nos textos é curiosa. No original, é a que há entre *poiountes tas entolas autou*, e *plunontes tas stolas auton*, frases que com relativa facilidade podem tomar-se uma pela outra. Em vista de que as palavras e as letras de ambas as frases se parecem em forma tão surpreendente, não é estranho que se encontre esta divergência. Parece porém haver boa evidência de que a primeira frase é a original, enquanto que a última é uma variedade causada por equívoco dos copistas. O Novo Testamento em siríaco, que é uma das primeiras traduções que se fizeram do grego original, rende êste texto como a versão de Valera. E Cipriano, cujos escritos são mais antigos que qualquer manuscrito grego existente hoje cita o texto assim: 'Bem-aventurados os que guardam Seus mandamentos'. Portanto, podemos sentir-nos seguros de que estas são as expressões originais".[2])

OS QUE NÃO HERDARÃO O REINO DE DEUS

VERSO 15 — *"Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira".*

Os cães referidos não são os naturais. Jesus usou as expressões *cães e porcos* para denotar aquêles que, tomando conhecimento das coisas santas, pizam-nas e maltratam os que lhas ministram.[1]). Os demais indivíduos mencionados, já dêles tratamos no versículo oito do capítulo anterior.

A RESPLANDECENTE ESTRÊLA DA MANHÃ

VERSO 16 — *"Eu, Jesus, enviei o Meu anjo, para vos testificar estas coisas nas igrejas: Eu Sou a raís e a geração de Davi, a resplandecente estrêla da manhã".*

No começo dêste livro lemos que a sua mensagem foi enviada a sete igrejas emblemas de toda a igreja cristã. Neste versículo do fim do livro, o mesmo Senhor Jesus diz que a sua mensagem devia ser testificada nas igrejas, sem Se referir às simples sete igrejas da Ásia. Aqui temos em sentido mais amplo a aplicação da mensagem à igreja total até ao fim.

Vemos agora novos títulos do Senhor Jesus. Êle é a raiz ou o sustentáculo de Davi, cujo reino tomou como figura do Seu reino futuro. Veja-se capítulo três versículo sete. Também Êle é a geração de Davi, o que prova a Sua linhagem histórica. Mas Êle é, ainda, a "resplandecente estrêla da manhã". Vênus, a estrêla matutina, de côr branca resplendente, tomou-a Jesus como maravilhosa figura de Sua glória e pureza. A estrêla da manhã é infalível guia dos navegantes; e, nós, que nos debatemos com as alterosas e bravias vagas do mar desta vida, temos em Jesus a estrêla que aponta ao porto seguro e calmo do eterno descanso.

O ÚLTIMO CONVITE

VERSO 17 — *"E o Espírito e a espôsa dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sêde, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida".*

Em primeiro lugar temos aqui o convite do Espírito Santo, o Representante do Pai e do Filho. Em segundo lugar temos o convite da espôsa, a Nova Jerusalém. E' um convite amoroso, terno e urgente. O Espírito apela imperceptivelmente ao coração e a espôsa, como que personificada, acena das alturas — Vem, Oh, sim, "vem", "Vem" agora mesmo. Decide já, e vem presto.

"Quem tem sêde, venha. "O' vós, todos os que tendes sêde, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite".[2]) Oh, sim, "vem", caro leitor. Não tens que pagar nada, o preço real já foi pago por ti. "Vem" às águas da eterna salvação. Não te

demores. Não faças o Espírito e a espôsa esperar mais tempo. E' de graça. Nada te custará. "Vem" antes que seja demasiado tarde.

"E quem ouve, diga: Vem". Aquêle que ouve e aceita o convite deve estendê-lo adiante a muitos que ainda não o ouviram. E' impossível que os que atenderem o santo convite fiquem calados. Êles o estenderão a outros muitos.

A ÚLTIMA ADVERTÊNCIA

VERSOS 18-19 — *"Porque Eu testifico a todo aquêle que ouvir as palavras da profecia dêste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre êle as pragas que estão escritas neste livro; E, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão escritas neste livro".*

Temos nestes dois versículos a defesa do próprio Revelador sobre a Sua Revelação. O Senhor faz uma mui solene advertência "a todo aquêle que ouvir as palavras da profecia dêste livro", o livro do Apocalipse. Se alguém lhe acrescentar alguma coisa, receberá as sete pragas em sua plenitude. Mas, se alguém não acrescentar mas subtrair alguma coisa do livro, perderá o direito de participar da árvore da vida, e tornar-se cidadão da cidade Santa. Esta advertência não se confina apenas ao Apocalipse, porém a todos os livros das Sagradas Escrituras, uma vez que neste último todos êles se encontram. Esta advertência é a última do livro do Apocalipse e de tôda a Bíblia. A segurança jaz em aceitar *in totum* êste livro e todos os demais da Bíblia e vivê-los.[1])

A ÚLTIMA ORAÇÃO

VERSO 20 — *"Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho, Amém, Ora vem, Senhor Jesus".*

CERTAMENTE CEDO VENHO

No princípio do livro do Gênesis temos a primeira promessa da segunda vinda de Cristo para restaurar tôdas as coisas. No final da revelação, lembra Jesus aquela prometida restauração nestas solenes palavras — Certamente cedo venho. Eis a promessa das promessas que Êle fêz, a essência da esperança do Seu povo de todos os séculos. Da certeza que Jesus dá de Sua vinda por Seu "Amém", tem vivido o Seu povo por entre as tremendas mutações dos séculos da história do mundo.

A ÚLTIMA ORAÇÃO

A Palavra de Deus está repleta de orações dos servos de Deus de todos os tempos. Afinal, o santo livro apresenta a última oração.

E quem a fêz e que oração é ela? Oh, sim, ela é uma oração do amado discípulo do Senhor. Profundamente comovido com as últimas palavras de seu Mestre anunciando presto Sua vinda, suplicou do profundo de seu coração aquilo que todos os cristãos verdadeiros deviam expressar e de que deviam estar cheios os seus corações: "Ora vem, Senhor Jesus".

"Ora vem, Senhor Jesus". Sim, vem Jesus amado. Vem salvar Teu povo escolhido que sofre no mundo. Vem glorioso Jesus, exterminar com os sofrimentos, as lágrimas, a morte, com tôda a sorte de males que devoram a família humana. Oh, sim, Senhor Jesus, vem, vem depressa. E ajuda-nos Senhor Jesus, a estarmos prontos para Te saudarmos e Te abraçarmos, e sermos por Ti em Teus braços de amor estreitados. "Ora vem, Senhor Jesus". Não nos deixes mais na agonia cruel deste ingrato mundo. Sim, vem amado e querido Jesus.

O ÚLTIMO DESEJO DO APÓSTOLO AMADO

VERSO 21 — *"A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém".*

As epístolas de São João estão cheias dos mais santos desejos ao povo de Deus e seu próprio povo. Como fêcho de ouro do Apocalipse, porém, expressa o discípulo amado o maior anelo possível de sua alma à igreja de Seu amado Mestre.

Que mais glorioso e mais indispensável poderia êle desejar à igreja do que a "graça de nosso Senhor Jesus Cristo"? Sim, sem a graça de Jesus, Sua igreja não poderia jamais subsistir. A graça de Seu amor, de Sua simpatia, de Sua benevolência, de Sua longanimidade, de Seu perdão, de Seu auxílio ininterrupto — eis a graça do Senhor Jesus, com cujo desejo o apóstolo se despede da igreja até a ela reunir-se de novo na Nova Jerusalém. Amém.

APÊNDICE

O NÚMERO SETE

O número sete é o número sagrado da cronologia divina. Nos atos diretos de Deus, na relação de Sua Onipotência, na Sua inspiração, no culto divino por Êle ensinado aos homens e nas relações mútuas dos filhos de Deus, o número sete aparece como o número sagrado. Nisto encaramos o número sete como o número de Deus, e o número da perfeição.

O número sete foi pôsto em evidência bem no começo da história do mundo. Êste número foi o fundamento da criação, colocado por Deus, como comprovante de que o mundo é uma obra Sua e é Sua propriedade. O Gênesis revela que a criação do mundo compreendeu sete dias e que estes determinaram a semana original comprobatória da perfeição das obras de Deus. E foi também nesta primitiva ocasião que Deus salientou ainda de maneira evidente e especial a importância do número sete, abençoando e santificando o sétimo dia da semana.[1])

Depois da criação, salientou Deus ainda a importância do número sete no caso de Caim, em que Êle declara que, "qualquer que matar a Caim, sete vêzes será castigado".[2])

Na revelação de Deus ao homem encontramos o número sete como o número revelador duma sequência perfeita. Vejam-se os sonhos de Faraó das "sete vacas formosas" e das "sete vacas feias", das "sete espigas cheias e bôas" e das "sete espigas miúdas, queimadas" e como êstes sonhos aludem cada um a um acontecimento total. Também no caso da humilhação do rei Nabucodonosor por um período determinado, manifesto a êle num sonho, o número sete surge para expressar o tempo de sua humilhação até que se submetesse a Deus.[3])

As revelações contidas no Apocalipse estão repletas do número sete, indicando inteireza em suas várias cadeias proféticas. Note-se: Sete castiçais, sete igrejas, sete sêlos, sete estrêlas, sete trombetas, sete cabeças do dragão, sete cabeças da bêsta, sete pragas, sete lâmpadas de fogo, sete pontas, sete olhos, sete trovões, sete Espíritos de Deus.

O antigo santuário de Israel, centro do culto divino e do plano da salvação, estava repleto do número sete. Na sua construção foram empregadas 48 tábuas e 15 varais de madeira, num total de 63,

número que é divisível por sete. Continha sete jogos de cortinas como coberta e véus. As cortinas que formavam a cêrca do pátio, eram sustidas por 56 colunas, número que é divisível por sete. O seu mobiliário constava de sete móveis: O altar das ofertas, a pia, a mesa dos pães, o castiçal como sete lâmpadas, o altar do incenso, a arca e o incensário.

Era notável a evidência do número sete na sagração dos sacerdotes oficiantes do santuário. A sagração durava sete dias. E nestes sete dias eram oferecidos sete novilhos e sete cordeiros, um cada manhã, e mais outros sete cordeiros, um cada tarde.1) Sete eram também as vestes do sumo-sacerdote.2) Doze pedras havia no peitoral e duas nos ombros do sumo-sacerdote, perfazendo um total de 14, que é divisível por sete.

O ritual do santuário estava igualmente impregnado do número sete. Na consagração do santuário, cada um dos príncipes das 12 tribos trouxeram 21 animais para sacrifício, número que é divisível por sete.3) Os sacrifícios de cada uma das festas anuais eram divisíveis por sete.4) Cada festa era celebrada por sete dias. Por sete dias deveriam comer pães asmos.5) E o sangue dos sacrifícios pelo pecado era espargido sete vêzes perante o Senhor diante do véu.6) Diante, pois, da evidência do número sete no culto divino do santuário de Deus, constatamos sobejamente que êste número é verdadeiramente o número sagrado de Deus em todo o Seu trato para com Seus filhos.

Algumas evidências mais sôbre o número sete. Nas leis sobre saúde, ditadas por Deus a Moisés, o número sete tem constante referência.7) Naaman sete vêzes devia mergulhar-se no Jordão para curar-se da lepra.8) Sete mulheres lançariam mão dum homem só ou sejam as igrejas cristãs que lançariam mão do nome de Cristo.9) As palavras de Deus são como que refinadas sete vêzes.10) Sete são as colunas da sabedoria.11) Na nova terra o sol e a lua brilharão sete vêzes mais.12) O cativeiro babilônico durou 70 anos e 70 semanas proféticas foram dadas aos judeus como último prazo de graça.13) Um irmão deve perdoar a outro irmão 70 vêzes 7.14) Jericó foi rodeada 7 dias e 7 vêzes no sétimo dia.15) Passados sete dias de idade o primogênito devia ser consagrado ao Senhor.16) O sétimo ano era o ano da remissão.17)

Os servos de Deus da antiguidade criam na santidade do número sete. A Noé ordenou Deus entrar na arca e só depois de sete dias vieram as águas.18) Sete casais de animais limpos devia êle recolher na arca, e êle mesmo enviou a pomba fora da arca depois de passados sete dias de tê-la enviado a primeira vez.19) Abraão tomou sete cordeiros como testemunho entre êle e Abimelek.20) Jacó serviu a Labão duas vêzes sete anos por suas mulheres.21) Elias ordena a seu moço olhar sete vêzes aos lados do mar até avistar ves-

tígios de chuva.[1]) Balaão ordena a Balac edificar setes altares e preparar sete bezerros e sete carneiros.[2])

Sete são as cores do arco-íris, emblema da graça de Deus. Sete são as petições do Pai Nosso. Sete são as palavras da oração do publicano. Sete são as notas da música. Sete são as grandes divisões dos sêres da criação: Aquáticos e anfíbios, aves, insetos, molúsculos, répteis, quadrúpedes e quadrúmanos e o homem. Sete são as espécies de nuvens: Nevoeiro, stratus, stratu-cúmulo, cúmulo, nimbo, cirrus e cirro-cúmulo. Sete são as maneiras de morrer: Velhice, enfermidade, desastre, homicídio, suicídio, fome e sede. Sete são as maneiras de destruição causadas pela bomba atômica: Relâmpago ou luz, trovão, pressão, calor, incêndios, desabamentos e rádio atividade.

O CÂNON DAS SAGRADAS ESCRITURAS

A palavra Cânon significa "uma lei ou regra em geral. Os livros das Sagradas Escrituras, de um modo geral, são chamados o sagrado cânon ou regra comum da moral e dos deveres religiosos, dada pela inspiração".[3])

O cânon do Velho Testamento, como comprovado por Cristo, dividia-se em três partes: A lei de Moisés, os Profetas e os Salmos.[4]) A lei de Moisés compreende os cinco primeiros livros do Velho Testamento; os Profetas são todos os escritos advindos através de mensageiros guiados e inspirados por Deus, cujos escritos trazem os seus nomes. Os Salmos são os agiógrafos ou Ketubim. O cânon destas três divisões do Velho Testamento, contendo 39 livros, foi agrupado pelos judeus, até aos dias de Cristo, como segue:

I. LEI
- Gênesis
- Êxodo
- Levítico
- Números
- Deuteronômio

II:

A)
- Josué
- Juízes
- I e II Samuel
- I e II Reis

(1)
- Isaías
- Jeremias
- Ezequiel

B)

(2)
- Oséias
- Joel
- Amós
- Naum
- Sofonias
- Zacarias
- Obadias
- Jonas
- Miquéias
- Habacuque
- Ageu
- Malaquias

III	Hagiógrafos ou Kotubim	Salmos Provérbios Jó Cantares Rute Lamentações Eclesiastes Ester Daniel Esdras (incluso Neemias) Crônicas (combinadas)

E' da mais alta importância notarmos que apenas êstes livros eram reconhecidos pelos judeus como enfeixando o sagrado cânon do Velho Testamento, até aos dias de Cristo e que Jesus mesmo não reconheceu outros. O cânon do Novo Testamento compreende todos os livros como conhecemos hoje.

OS LIVROS APÓCRIFOS

Os livros denominados "apócrifos", encontrados na Bíblia chamada Vulgata, edição católica, não pertencem ao sagrado cânon dos hebreus donde nos vem a Bíblia. Para que pudessem pertencer ao divino cânon, urgia que fôssem inspirados, como os outros o foram, através de homens chamados por Deus e designados por Seu Espírito. O têrmo "apócrifo" já por si significa — não autêntico — não indicando por isso mesmo inspiração.

Os livros apócrifos foram incluídos na Septuaginta, e dela levados para a antiga Versão Latina, à Vulgata e à Versão de Douay. Êstes livros são sete: Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Profecia de Baruque, I Macabeus, II Macabeus e mais as adições aos livros de Ester e de Daniel.

Os sete livros apócrifos contidos na Vulgata apresentam-se sem autor, o que não seria o caso se fôssem inspirados do céu. Também a leitura deles indica, fora de dúvida, não terem sido inspirados, havendo até porções que contradizem as mensagens dos livros autênticos e inspirados. Os judeus os rejeitaram e não os inceriram no cânon sagrado. E' digno de menção que nenhum dos profetas verdadeiros fizeram qualquer menção dos livros apócrifos. Cristo jamais Se referiu a êles, e os apóstolos e a igreja apostólica os desconheceram totalmente.

Justino, o mártir, Origenes, Jerônimo e S. Agostinho aprovaram o cânon judaico sem os apócrifos. Wiclife afirmou não terem "autoridade de credo" e Lutero declarou "não serem iguais às Escrituras".

A Assembléia de Teólogos de Westminster em 1643, excluiu os livros apócrifos. Em 1643, o Dr. Lightfoot, na Câmara dos Comuns, referiu-se aos "desprezíveis apócrifos", como "remendos de invenção humana".

Além de tudo, falta nos apócrifos o elemento profético. Josefo sustém (Ap. 1, 8) que o ensino exato, fiel e preciso dos profetas foi interrompido depois do fêcho do V. Testamento. Desde Malaquias (cêrca de 400 a.C.) até João Batista, nenhum profeta foi levantado por Deus. O próprio primeiro livro dos Macabeus fala na ausência de profetas.[1]) E notem-se certos maus ensinos dos livros apócrifos:

Tobias 6:6-8, autoriza o charlatanismo; II Macabeus 12:44-45, recomenda ofertas e orações pelos pecados dos mortos; Judite 9:9-10, especialmente, propugna e justifica o engano; Sabedoria 8:19-20, ensina a reencarnação. E há outras contraditórias declarações. O valor dos apócrifos, portanto, como fonte de verdade e edificação espiritual, é nulo, e devem ser rejeitados como nocivos à fé e aos costumes do são cristianismo.

O CULTO DO SOL E A ORIGEM DO DOMINGO

De todos os cultos que o homem tem criado independente de Deus, o culto do sol a todos sobrepuja por sua inferioridade e degradação. Criam os antigos que o sol era a maior fôrça da natureza, a causa de tôda a fecundidade. A procreação, diziam, era a maior das virtudes manifestas do poder do sol. Daí a poligamia e a prostituição encherem a terra em homenagem ao deus do sol. Sacrifícios humanos faziam também parte do culto solar.

Tôda a terra estava impregana do culto do sol. Personagens havia com nomes que os relacionavam com o culto do sol. Por exemplo: Rameses — filho do sol. Benhadad — filho do sol. Sargon — príncipe do sol. Mitridates — concedido ao sol, Belshazar — príncipe de Bel, sol. Nabucodonosor — Nebo protege a minha coroa (Nebo era um nome do deus sol em Babilônia). E o dia 25 de dezembro era o dia do aniversário do sol.

O culto do sol penetrou desastrosamente na antiga nação israelita. E os textos aqui apontados dizem bastante do manifesto desagrado de Deus para com um tal culto que era: Falso, pagão, político idólatra, sanguinário, imoral e abominável.[2])

A infidelidade de Israel no que respeita à lei de Deus em face do culto do sol, era manifesta. Lemos em Ezequiel: "Porque rejeitaram os Meus juízos, e não andaram nos Meus estatutos, e profanaram os Meus sábados; porque o seu coração andava após os seus ídolos".[2])

Note-se que, por causa do culto idolátrico do sol, Israel rejeitou o repouso do sábado. Disto vemos que o culto do sol tinha outro dia de repouso semanal que não era o sábado. E isto podemos constatar através dos nomes dados pelo paganismo do culto do sol aos dias da semana:

Primeiro dia	.....	Dia do sol
Segundo dia	.....	Dia da lua

Terceiro dia	.....	Dia de Marte
Quarto dia	.....	Dia de Mercúrio
Quinto dia	.....	Dia de Júpiter
Sexto dia	.....	Dia de Vênus
Sétimo dia	.....	Dia de Saturno

Diante da semana pagã, é muito claro que o primeiro dia da semana — o dia do sol — era considerado como dia de repouso semanal pelo paganismo. E hoje, em inúmeros idiomas, e primeiro dia da semana — domingo — quer simplesmente dizer — dia do sol. Em inglês, alemão, dinamarquês, norueguês, holandês, sueco, japonês, latim — o primeiro dia da semana denomina-se "dia do sol". Isto é prova evidente da origem pagã do descanso do domingo.

Além desta prova histórica da semana pagã, temos outra não menos concludente, que é a do imperador Constantino, o grande, que, no ano 321, estabeleceu obrigatoriamente o repouso do dia do sol no império, tanto para os pagãos como para os cristãos. Sua lei foi expressa nos seguintes têrmos:

"No venerável dia do Sol, os magistrados e o povo residente nas cidades descansem, e fechem-se tôdas as oficinas. Entretanto no campo, as pessoas que se ocupam da agricultura podem livre e legalmente continuar em suas ocupações; pois muitas vêzes acontece que um outro dia não seria tão apropriado para semear ou plantar vinhas; para que não aconteça que, negligenciando o momento oportuno para tais operações, se perca a munificiência celeste".[1])

A lei de Constantino, obrigando o repouso semanal do "Venerável dia do sol", foi verdadeiramente fundada no desejo dos apóstatas por estabelecerem o dia de repouso do paganismo em represália ao de Deus. Os testemunhos históricos, seguintes, não podem ser contraditados:

"São Justino (Mártir do 2.° século) dá as razões da instituição do domingo (Apolog. 2 c. 25 — Anglo-American Encyclopedia) e refere como se celebrava. 'O dia do Sol — (domingo)', disse, 'todos os que habitam na cidade ou no campo se reúnem em um mesmo lugar; lêm-se os escritos dos Apóstolos e dos profetas enquanto o permite a hora'".[2])

"...Tertuliano (apolog., c. 16; ed. Nat. I 13) vê-se forçado a desmentir o êrro daqueles que tomavam ao Sol como o deus dos cristãos, porque êstes celebravam o domingo, que era, para os pagãos, dia dedicado ao sol, não faltavam inscrições nas quais se comprova que os cristãos chamavam ao domingo dia do sol para dar-se a entender aos pagãos: Hemera Helioy (Inscrip. en Le Blant, t. 1., p.355)".[3])

A desculpa dos cristãos apóstatas em rejeitar o sábado, era, diziam, por quererem romper com tudo quanto julgavam ser de origem judaica. Porventura ignorariam êles que o sábado veio do jardim do Éden, 3000 anos antes da existência de um só judeu? No-

temos o que escrevera Eusébio, bispo de Cesaréia e contemporâneo de Constantino: "Tudo que era de obrigação do dia de sábado, nós o transferimos para o dia do Senhor, que é propriamente (o dia) mais nosso, como o mais elevado que é em categoria e mais digno de honra do que o sábado judaico".[1])

Depois de Constantino, que se havia inspirado na igreja da capital do império, para decretar sua lei dominical-solar, a igreja de Roma procurou, por uma série de decretos férreos, estabelecer firmemente o descanso do "dia do sol" — o domingo. Foi a igreja que deu ao primeiro dia da semana e dia do sol, o nome de "domingo". O que segue logo são documentos da igreja de Roma defendendo a mudança do repouso do sétimo dia para o primeiro da semana como um ato exclusivamente seu, independente das Sagradas Escrituras:

No Catecismo do Adeto da Doutrina Católica, lemos: "Observamos o domingo em vez do sábado, porque a igreja Católica no concílio de Laodicéia em 364 A. D., transferiu a solenidade do sábado para o domingo".

Em 589 o Sínodo de Narbone decretava decisivamente em favor do domingo, o seguinte: "E' proibido, tanto a livres como a servos, a godos, romanos, sírios, como a gregos e judeus, executar qualquer espécie de trabalho no dia do domingo. Se alguém ousar proceder em contrário, pagará, se fôr livre, seis solídeos ao magistrado; se fôr escravo, receberá cem bastonadas".[2]) Daí em diante a igreja católica continuou com seus decretos e os reis em nome dela, em favor do domingo, até o seu estabelecimento definitivo em substituição ao sábado de Deus.

No Doctrinal Catechism, uma obra inglesa, pag. 101, lê-se: "Perg. — Tendes um outro meio qualquer de provar que a igreja tem poder para instituir dias de festa? — Resp. — se não tivesse, não poderia ter efetuado aquilo em que todos os religionistas convêm com ela, isto é, não poderia ter substituído a observância do domingo, o primeiro dia da semana, à do sábado do sétimo dia, mudança para a qual não existe nenhuma autoridade escriturística".

O Dr. Eck em Eridion (1533) pag. 78, diz: "As Escrituras Sagradas doutrinam: 'Lembra-te do dia do sábado para o santificar; seis dias trabalharás, e farás tôda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus, etc'. A igreja porém, transferiu a observância do sábado para o domingo por sua própria autoridade, independente das Escrituras".

A imprensa, órgão católico de Sydney, Austrália, de 25 de agosto de 1900, escreveu: "O domingo é uma instituição católica e seus direitos à observância só se podem defender dentro dos princípios católicos. Do princípio ao fim das Escrituras não se encontra uma única passagem que justifique a transferência do culto público semanal do último dia da semana para o primeiro".

No "Espêlho Católico", órgão oficial do cardial Gibbons, nos Estados Unidos, N.° 23 de setembro de 1893, lê-se: "A igreja católica mais de 1.000 anos antes da existência de um só protestante, em virtude de sua divina missão, mudou o dia de repouso do sábado para o domingo". "O mundo protestante ao nascer (na reforma do século dezesseis) encontrou o dia de sábado cristão (domingo) demasiado enraizado para se opor à sua existência; viu-se, portanto, na necessidade de aquiescer com a mudança, o que implicava no reconhecimento do direito da igreja de mudar o dia, mais de trezentos anos depois. O sábado cristão (domingo) é, pois, até hoje, reconhecido rebento da igreja católica como esposa do Espírito Santo, sem uma palavra de contestação da parte do mundo protestante".

Em ataques Protestantes, pág. 81, diz o padre Júlio Maria: "Nós católicos romanos, guardamos o domingo, em lembrança da ressurreição de Cristo, e por ordem do chefe de nossa igreja, que preceituou tal ordem do sábado ser do Antigo Testamento, e não obrigar mais no Novo Testamento".

Numa carta escrita em novembro de 1895, o Sr. H. F. Thomas, chanceler do cardial Gibbons, respondendo a um inquérito feito a respeito da afirmação que a igreja faz de ter mudado o sábado, disse: "Naturalmente, a igreja católica afirma que a mudança do sábado é um ato totalmente seu... e que êste ato é o sinal de sua autoridade nas coisas religiosas".

Continuar a citar argumentos católicos comprobatórios de que a igreja romana é a responsável pela mudança do repouso do sábado para o "dia do sol", o domingo, seria ir ainda muito longe.

O próprio protestantismo confessa que o domingo, procede do paganismo através da igreja católica. Os argumentos protestantes que seguem são concludentes:

O Rev. T. H. Morer, da igreja Episcopal, em seu livro "Seis Diálogos Sobre o Dia do Senhor", diz: "Não se pode negar que tomamos o nome dêste dia emprestado aos antigos gregos e romanos, e concordamos em que os antigos egípcios adoravam o sol, e como uma perdurável lembrança de sua veneração, consagraram-lhe êsse dia. E vemos que, pela influência de seu exemplo, outras nações, e entre elas os próprios judeus, prestavam-lhe homenagem", "De maneira que, sendo o dia do sol o dia em que os gentios adoravam solenemente aquêle planêta e o chamavam Dies Solis, em parte devido a sua influência particularmente naquele dia, e em parte em respeito ao seu divino corpo, (como êles o concebiam), os cristãos entenderam convenientemente guardar o mesmo dia e o mesmo nome a fim de não parecerem injustamente obstinados e impedirem assim a conversão dos gentios, dando motivo a maiores preconceitos que de outra maneira poderiam ser nutridos contra o evangelho".[1])

O Rev. Edward F. Wiscox, autor do "Manual da Igreja Batista", numa reunião para ministros, em Nova York, disse: "E' para mim

incompreensível que Jesus, vivendo durante três anos com os seus discípulos, conversando com êles muitas vêzes sôbre a questão do sábado, tratando-a nos seus vários aspectos, ressalvando-a das várias interpretações, nunca se (referisse a uma transferência dêste dia; mesmo durante os quarenta dias após Sua ressurreição tal coisa não foi indicada. Nem tão pouco, quanto ao que saibamos, o Espírito Santo que fôra enviado para lhes fazer lembrar tudo quanto haviam aprendido, tratou desta questão. Nem ainda os apóstolos inspirados, pregando o Evangelho, fundando igrejas, aconselhando e instruindo, discutiram ou abordaram êste assunto.

"Além disto estou bem certo de que o domingo foi pôsto em uso como dia religioso, bem no princípio da história cristã, *pois assim aprendemos dos pais* da igreja e de outras fontes. Mas que pena ter vindo êle (domingo) estigmatizado com a marca do paganismo e crismado com o nome do deus sol, quando adotado e sancionado pela apostasia papal, e dado ao protestantismo como um legado sagrado".[1])

Depois de fazer referência a duas autoridades católicas sôbre a questão do domingo, diz um jornal protestante o seguinte: "Ora, isso é o que está de pleno acôrdo com a verdade bíblica e com a verdade histórica. Honra seja feita às duas autoridades católicas citadas, que neste ponto estão por cima dos sabatistas. Não, a igreja católica tem sôbre si grande carga de pecados, quanto à adulteração do cristianismo, mas êsse de mudar a guarda do sábado para o domingo, não lhe faz pêso".[2])

Se quiséssemos prosseguir indefinidamente, provando que o domingo veio do culto pagão do sol através da apostasia papal, não nos faltariam mais abundantes argumentos católicos e protestantes.

Todavia, o cristianismo, em geral, não diz que guarda o domingo em honra ao antigo culto do "deus do sol". Simplesmente diz que o guarda em memória da ressurreição de Cristo. Entretanto não encontramos no Novo Testamento nenhum texto que justifique esta pretensão. Os oito textos referentes ao primeiro dia da semana, encontrados nos evangelhos e escritos apostólicos, se estudados com interêsse, dir-nos-iam que os apóstolos jamais consideraram êsse dia um dia especial e nunca o referiram como "dia do Senhor" ou dia de repouso.

Esta exposição, fundada na Bíblia e na história, é evidência irrefragável de que o sinal da bêsta-papal, referido no Apocalipse treze, é o domingo — o dia feriado do culto do sol do paganismo.

O CALENDÁRIO E O SICLO SEMANAL

O calendário é o sistema de computar o tempo decorrido. Duas espécies de calendários são conhecidos: O solar e o lunar. O primeiro diz respeito ao tempo em que a terra gasta em sua rota para dar uma inteira volta em torno do sol. O segundo está ligado às revoluções da lua em torno da terra.

Nosso atual calendário veio por intermédio de Babilônia, Palestina e Roma. A tradição diz que Rômulo o primeiro rei de Roma, dividiu o ano em dez meses, seis de 30 dias e quatro de 31 dias, num total de 304 dias, aliás, 50 dias menos que o ano lunar e 61 menos que o solar. Numa Pompílio, o segundo rei romano, acrescentou dois meses ao ano — januaris e februaris, perfazendo um total de 354 dias ou o ano lunar. Cada dois anos intercalavam um mês, alternadamente, de 22 e 23 dias.

Alguns séculos mais tarde, Júlio César, reconhecendo as deficiências dêsse calendário e aconselhado pelo astrônomo Sosígenes de Alexandria, realizou uma reforma no calendário. Sosígenes chegara à conclusão de que o calendário apontava um atrazo, no computo do tempo, de 80 dias. Diante disso, Júlio César, por meio de um decreto, pôs 445 dias no ano 46 A. C., e adotou o ano civil de 365 dias e um quarto, sendo que de quatro em quatro anos o ano teria 366 dias — o ano bissexto. Mas, o calendário com a reforma de Júlio César, aumentava o ano solar em 11 minutos e 14,1/2 segundos. Esta pequena diferença acumulou-se durante os séculos perfazendo dias. Em 1582, a diferença alcançava já 10 dias a mais no cômputo do tempo. O primeiro dia da primavera dêsse ano foi constatado em Roma a 11 de março em vez de 21. Nêsse ano o papa Gregório XIII publicou uma Bula, subtraindo dez dias do calendário, fazendo com que a sexta feira, dia 5 de outubro, fôsse datada de 15 do mesmo mês, "e que no fim de cada século se suprimisse o ano bissexto, a não ser que fôsse divisível por 400, como o foi o 1.600. Tal reforma reduziu o êrro anual apenas a 26 segundos, êrro que ficará corrigido mediante a adição de um dia a determinado ano, aí por 4900 da era cristã".[1])

1582		Outubro			1582	
Dom.	**Seg.**	**Ter.**	**Quar.**	**Quin.**	**Sex.**	**Sáb.**
	1	2	3	4	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

Foi esta a última reforma efetuada no calendário.

A semana não está propriamente afeta ao calendário. Não existe na natureza coisa alguma que sugira o agrupamento dos sete dias da semana. Nenhum corpo celeste circunvolui a terra, ou o sol, ou a lua, ou as estrêlas ou qualquer astro em sete dias. O siclo semanal, pois, jamais foi quebrado. Seu original permanece até nossos dias. Quando a reforma Gregoriana do calendário foi efetuada, "foram feitas tôdas as propostas imaginárias; só uma idéia não foi jamais apresentada, a saber: o abandono da semana de sete dias".[1]) Testemunhos dos mais eminentes astrônomos atestam que o ciclo semanal jamais sofreu qualquer alteração embora tenham havido tentativas neste sentido.

O astrônomo Laplace afirma que "desde a mais remota antiguidade, onde se perde sua origem, a semana prossegue sem interrupção através dos séculos, aparecendo nos calendários sucessivos dos diferentes povos". "Ela é, talvez, o mais antigo e incontrovertido monumento indicador dos conhecimentos humanos. Parece indicar uma fonte comum de onde se generalizou".[2])

"A semana de sete dias tem estado em uso sempre desde a Dispensação Mosaica, e não temos razão para supor que quaisquer irregularidades tenham existido na sucessão das semanas e seus dias desde aquele tempo até o presente".[3])

Quando a proposta do novo calendário foi, não faz muito, apresentada ao Congresso Norte-Americano, "desenvolveu-se oposição, e uma audiência prolongada se realizou, e muitos eruditos foram convocados. Vez após vez foi feita a pergunta: 'Qualquer das mudanças dos calendários prévios afetaram a continuidade da presente sequência dos dias da semana?' Cada um de todos estes sábios responderam: 'Não'".[4])

Uma figura notável no mundo da ciência, Emile Picard, secretário permanente da Academia de Ciências, da França, e presidente do Escritório das Longitudes, conforme um relatório da Liga das Nações referente à mudança do calendário, na página 51, diz: "Um dos pontos essenciais é o da continuidade da semana. A maioria dos membros do Escritório das Longitudes chegou à conclusão de que a reforma do calendário não deve interferir com a continuidade. Consideraram que seria muito inconveniente interromper um ciclo que tem existido através de tantos séculos". No mesmo relatório, à página 74, o mais eminente astrônomo de Portugal, Frederico Oton, diretor do observatório astrônomico de Lisboa, diz: "Seria muito imprudente interromper, mediante dias complementares, a continuidade absoluta das semanas — a garantia única, passada, presente e futura, de um controle eficiente dos fatos cronológicos".

A observância da semana pelos judeus, por mais de 35 séculos, é um testemunho irrefragável de sua inalterável continuidade.

Êstes notáveis testemunhos comprovam que a semana atual é a mesma original da criação. Embora o antigo Egito tentasse um calendário com 5 dias "zero", a França revolucionária um também com 5 dias "zero" e mais uma semana de 10 dias e a Rússia uma semana de cinco dias de trabalho, contudo a semana original de sete dias voltou sempre a tomar o seu lugar nestes países.

Ao ser dada no monte Sinai a lei de Deus, escrita em duas tábuas de pedra, o mandamento do repouso do sétimo dia testificou de que, até ali, 2500 anos da criação, a semana não se tinha alterado em nada. Passados mais 1500 anos, ou seja 4.000 anos da criação, Jesus Cristo, o Autor da própria semana, atestou, em atestar o repouso do sétimo dia como o repouso estabelecido na criação, que a semana era a mesma do Éden de Adão. De Cristo aos nossos dias, como afirmam os testemunhos insuspeitos citados, não houve nenhuma mudança mundial do calendário que alterasse o ciclo semanal, a não ser na França e Rússia, o que durou pouco tempo. Nossa atual semana, pois, com sua atual sequência de sete dias que a compõem, é a mesma semana estabelecida pelo Criador para o homem.

O propósito dêste assunto sôbre o calendário é desfazer o êrro de alguns cristãos que, para se julgarem isentos da obrigação de observarem o sábado do sétimo dia como repouso de Deus, dizem que o calendário foi mudado e por consequência não se pode saber se o sábado de hoje é o mesmo da criação. São os seus preconceitos contra a divina instituição do sábado que os levam a lançar mão de todo o subterfúgio para rejeitar o dia que Deus instituiu como repouso semanal e memorial de Seu poder criador. Neste mundo de Deus entendem êles poder fazer o que bem lhes pareça em desatenção ao verdadeiro Senhor do mundo. Acham que podem viver na terra opondo-se às leis do Criador.

Todavia, a história bíblica e a secular unem-se para comprovar que a inalterabilidade da semana através de todos os tempos, equivale a demonstrar a inalterabilidade do dia semanal de repouso edênico que ela contém.

Aquêles que invocam uma pretensa mudança do ciclo semanal com o calendário, com o propósito de pôr de lado o santo repouso de Deus, usam de deslealdade não só para com as Sagradas Escrituras como também para com os fatos históricos no que respeita ao calendário e à semana original da criação.

ÍNDICE DOS TEXTOS BÍBLICOS

GÊNESIS:

1:2 ..... (5) 535
1: 5, 8, 13, 19, 23, 31 ..... (1) 257
2:1-3 ..... (1) 442
2:1-3 ..... (1) 573
2:15-17 ..... (1) 371
3:1-24 ..... (3) 371
3:1-24 ..... (1) 367
3:8-10 ..... (2) 524
3:22-23 ..... (2) 564
3:24 ..... (2) 58
3:24 ..... (6) 135
4:9-10 ..... (7) 161
4:15 ..... (2) 573
4:16 ..... (5) 58
7:2-4 ..... (19) 574
7:4 ..... (18) 574
7:16 ..... (1) 461
8:10 ..... (19) 574
9:6 ..... (2) 161
9:11-16 ..... (2) 121
10:8-10 ..... (2) 422
11:1-9 ..... (2) 422
18:1-8 ..... (4) 135
19:15-16 ..... (14) 135
21:29-30 ..... (20) 574
29: 18, 20, 27..... (21) 574
32:1-2 ..... (10) 135
32:1-2 ..... (15) 135
37:9 ..... (1) 213
37:10 ..... (2) 213

ÊXODO:

5:2 ..... (1) 281
7:21 ..... (1) 468
7:1-25 ..... (1) 454
7: a 12: ..... (1) 458
8:1-32 ..... (1) 458
9:1-10 ..... (2) 466
9:1-35 ..... (1) 458
9:22,35 ..... (1) 488
10:13 ..... (3) 223
10:1-29 ..... (1) 458
11:1-10 ..... (1) 458
12:1-51 ..... (1) 458
12:15,19 ..... (5) 574
12:24 ..... (4) 549
16:31-34 ..... (1) 76
19:4 ..... (2) 323
19:16 ..... (1) 124
20:8-11 ..... (1) 177
20:8-11 ..... (1) 386
20:8-11 ..... (1) 416
20:10 ..... (1) 37
20:3-217 ..... (5) 415
21:1-6 ..... (8) 549
22:29-30 ..... (16) 574
23:16 ..... (2) 183
25: 8, 9, 40..... (1) 294
25: 9, 40 ..... (1) 258
25: 9, 40, 10-22 ..... (4) 438
25:10-22 ..... (3) 294
25:31-40 ..... (1) 40
26:33 ..... (18) 295
29:35-37 ..... (1) 574
30:8 ..... (2) 273
30:23 ..... (2) 61
31:15 ..... (2) 442
31:16-17 ..... (1) 178
31:18 ..... (3) 295
31:18 ..... (3) 438
32:1-10 ..... (2) 577
32:33 ..... (3) 551
33:20 ..... (7) 42
33:20 ..... (2) 172
39: 27, 29 ..... (1) 41
40:15 ..... (6) 549
40:34-35 ..... (4) 558

LEVÍTICO:

4:6 ..... (6) 574
8:6-9 ..... (2) 574
12:1-8 ..... (7) 574
13:1-59 ..... (7) 574
14:1-57 ..... (7) 574
15:1-33 ..... (7) 574
16:8 ..... (1) 536
16:12 ..... (1) 273
22:32 ..... (3) 98
23:39-41 ..... (1) 184

NÚMEROS:

2:1-3 ..... (1) 127
2:1-34 ..... (5) 558
2:9 ..... (2) 127
7:1-89 ..... (3) 574
10:11-12 ..... (1) 252
10:33 ..... (5) 295
12:1-16 ..... (7) 574
12:6 ..... (3) 524
14:34 ..... (1) 347
15:32-36 ..... (2) 442
19:1-22 ..... (7) 574
23:1 ..... (2) 574
24:15-16 ..... (3) 36
25:1-9 ..... (2) 577
28:11-15 ..... (3) 565
28:11-31 ..... (4) 574
29:1-34 ..... (4) 574
31:8 ..... (2) 74

DEUTERONÔMIO:

4:2 ..... (1) 571
4:11-13 ..... (1) 295
6:17 ..... (4) 332
8:15 ..... (1) 225
10:5 ..... (2) 295
12:32 ..... (1) 571
15:1-9 ..... (17) 574
16:6 ..... (2) 418
18:9-12 ..... (2) 374
28:27 ..... (2) 466
31:26 ..... (8) 295
32:48-50 ..... (5) 76
34:1 ..... (5) 76

JOSUÉ:

3:11 ..... (7) 295
3:11-17 ..... (20) 295
4:1-7 ..... (20) 295
4:5 ..... (12) 295
6:1-4 ..... (15) 574
6:1-27 ..... (21) 295
10:11 ..... (2) 488

JUÍZES:

6:1-5 ..... (2) 223
9:7-15 ..... (4) 161
10:27 ..... (4) 295

I SAMUEL:

3:1 ..... (5) 332
3:3 ..... (9) 295
4:4 ..... (6) 295
4:3-8 ..... (22) 295
5:10 ..... (13) 295
6:19 ..... (23) 295
20:5 ..... (3) 565
28:1-19 ..... (3) 374
31:3 ..... (2) 143

II SAMUEL:

5:6-7 ..... (1) 406
6:6-7 ..... (24) 295
6:10-12 ..... (25) 295

I REIS:

2:26 ..... (11) 295
8:4 ..... (10) 292
8:1 ..... (2) 401
16:29-33 ..... (2) 82
16:29-34 ..... (2) 577
17:1 ..... (4) 279
17:1-24 ..... (2) 577
18:1-40 ..... (2) 577
18:1-46 ..... (6) 279
18-13 ..... (3) 83
18:19 ..... (1) 53
18:43 ..... (1) 575
19:1-21 ..... (6) 279
19:2 ..... (3) 83
19:6-8 ..... (16) 135
21:8 ..... (2) 175
21:23 ..... (4) 84

II REIS:

1:9-15 ..... (1) 279
5:10-14 ..... (8) 574
5:23 ..... (3) 488
5:27 ..... (11) 549
6:11-17 ..... (17) 135
9:30-37 ..... (4) 84
10:18-28 ..... (2) 577
19:22 ..... (2) 98
19:35 ..... (18) 577
23:1-14 ..... (1) 555

I CRÔNICAS:

10:1-14 ..... (3) 574
13:5 ..... (15) 295
15:12 ..... (14) 295
23:13 ..... (5) 549
24:1-19 ..... (1) 133
28:4-5 ..... (2) 131
28:5 ..... (8) 98
29:23 ..... (8) 98

II CRÔNICAS:

6:41 ..... (17) 295
36:15-21 ..... (2) 442
25:4 ..... (5) 69
35:3 ..... (19) 295

NEEMIAS:

9:34 ..... (4) 332
10:35 ..... (1) 183

ESTER:

3:12 ..... (2) 175
8:8-10 ..... (2) 175

JÓ

1:6-7 ..... (2) 321
1:6-11 ..... (3) 321
2:1-2 ..... (2) 321
2:1-5 ..... (3) 321
5:17 ..... (3) 113
19:25 ..... (1) 44
39:19-25 ..... (1) 142

SALMOS:

1:10-12 ..... (1) 529
2:7 ..... (1) 105
2:8-9 ..... (8) 32
2:10-12 ..... (7) 32
8:4-5 ..... (1) 135
12:6 ..... (10) 574
19:7 ..... (3) 439
21:9 ..... (9) 548
23:5 ..... (3) 116
25:10 ..... (4) 332
28:3 ..... (1) 292
36:8 ..... (1) 186
36:8 ..... (2) 563
37:20 ..... (2) 548
40:7-8 ..... (6) 440
45:3-5 ..... (3) 143
45:6 ..... (1) 120
45:7 ..... (2) 105
45:7 ..... (2) 310
45:7-8 ..... (3) 61
46:4 ..... (1) 563
48:2 ..... (5) 406
48:12 ..... (3) 406
50:6 ..... (2) 297
57:1 ..... (7) 470
66:4 ..... (7) 554
68:2 ..... (1) 548
68:17 ..... (17) 135
78:23-25 ..... (14) 135
78:68 ..... (1) 407
81:3-4 ..... (4) 565
89:14 ..... (2) 120
99:1 ..... (6) 135
103:20 ..... (3) 135
111:7-8 ..... (3) 439
119:2, 14, 22, 24, 31, 36, 46, 59, 79, 88, 99, 111, 119, 119, 125, 129, 138, 144, 138, 144, 146, 152, 157, 167, 168, ... (1) 332
119:165 ..... (1) 149
119:165 ..... (2) 439
132:8 ..... (16) 295
132:12 ..... (4) 332

PROVÉRBIOS:

3:11-12 ..... (2) 113
6:23 ..... (2) 113
9:1 ..... (11) 574
29:1 ..... (4) 113
30:5-6 ..... (1) 571

ECLESIASTES:

3:14 ..... (1) 571
5:6 ..... (8) 135
9:5-6 ..... (2) 374
12:13 ..... (2) 412
12:13-14 ..... (1) 440
12:13-14 ..... (6) 415

CANTARES:

1:13 ..... (5) 61
2:4 ..... (5) 143
3:6 ..... (8) 61
5:13 ..... (4) 61

ISAÍAS:

1:18 ..... (1) 145
4:1 ..... (9) 574
5:24 ..... (3) 548
6:1-3 ..... (1) 98
6:1-3 ..... (3) 127
6:1-3 ..... (5) 135
6:1-3 ..... (7) 135
8:7 ..... (2) 472
8:16 ..... (1) 176
8:16-20 ..... (3) 332
8:8 ..... (6) 406
9:6 ..... (5) 292
9:6 ..... (3) 558
10:32 ..... (4) 406
11:6-9 ..... (3) 554
9:19 ..... (8) 548
11:9 ..... (5) 554
13:10-11 ..... (2) 166
13:19-22 ..... (3) 509
14:13-14 ..... (4) 318
14:13-14 ..... (1) 339
17-12 ..... (1) 471
23:6 ..... (2) 102
24:17-20 ..... (1) 486
24:23 ..... (7) 406
24:23 ..... (1) 561
25:8 ..... (3) 555
25:9 ..... (1) 34
25:9 ..... (7) 449
28:2 ..... (2) 191
29:10-13 ..... (2) 568
30:21 ..... (1) 57
30:21 ..... (9) 125
30:26 ..... (2) 561
30:26 ..... (12) 574
30:30 ..... (5) 488
33:7 ..... (6) 292
33:12 ..... (5) 548
33:16 ..... (2) 470
33:24 ..... (4) 554
34:10 ..... (1) 437
42:21 ..... (5) 440
47:14 ..... (4) 548
48:10 ..... (10) 110
48:18 ..... (1) 149
48:18 ..... (4) 180
48:18 ..... (2) 439
49:2 ..... (2) 528
52:1-2 ..... (3) 300
52:14 ..... (3) 41
54:5 ..... (1) 300
55:1 ..... (2) 570
55:6 ..... (3) 415
56:1-7 ..... (4) 442
56:5 ..... (2) 77
58:12-14 ..... (4) 442
58:13 ..... (2) 37
59:2 ..... (2) 524
61:10 ..... (5) 111
63:1-6 ..... (1) 528
63:3 ..... (1) 452
65:17 ..... (1) 553
66:22-23 ..... (4) 442
66:22-23 ..... (2) 565
66:24 ..... (6) 548
66:22-23 ..... (8) 554

JEREMIAS:

2:18 ..... (2) 472
4:19 ..... (2) 188
4:23-26 ..... (1) 535
5:14 ..... (2) 279
7:18 ..... (2) 577
11:17 ..... (2) 577
11:20 ..... (1) 85
14:14 ..... (6) 525
14:21 ..... (3) 122
15:16 ..... (2) 258
17:10 ..... (1) 85
17:27 ..... (2) 442
17:27 ..... (12) 549
23:24 ..... (7) 172
23:29 ..... (3) 279
25:32 ..... (1) 174
25:33 ..... (3) 436
25:33 ..... (2) 529
26:18 ..... (3) 406
28:15-17 ..... (6) 525
30:9 ..... (9) 98
30:9 ..... (4) 131
33:15 ..... (4) 131
44:23 ..... (4) 332

44:24-27 ..... (2) 577
46:78 ..... (7) 472
46:10 ..... (3) 472
51:6-45 ..... (7) 497
51:6 ..... (3) 511
51:7 ..... (4) 497
51:8 ..... (6) 497
51:9 ..... (3) 425
51:13 ..... (2) 471
51:13 ..... (3) 497
51:60-64 ..... (1) 518
51:62-64 ..... (5) 497

LAMENTAÇÕES:

2:9 ..... (5) 332

EZEQUIEL:

1:11 ..... (2) 297
1:26 ..... (3) 120
1:28 ..... (1) 121
3:1-3 ..... (2) 258
4:6 ..... (1) 66
4:6 ..... (1) 230
4:6 ..... (2) 257
4:6 ..... (1) 347
7:14 ..... (2) 188
7:19 ..... (1) 171
7:26 ..... (5) 332
28:15 ..... (2) 318
28:17 ..... (3) 318
7:26 ..... (5) 332
8:13-16 ..... (2) 577
10:20 ..... (1) 126
13:9 ..... (1) 526
20:1-3, 12-13, 18,-21 ..... (5) 332
20:12, 20 ..... (2) 178
20:16 ..... (2) 577
22:26 ..... (2) 442
22:28 ..... (6) 525
26:3 ..... (1) 471
28:13-14 ..... (1) 318
28:18 ..... (13) 549
31:7 ..... (2) 471
34:23 ..... (9) 98
37:24 ..... (9) 98
38:22 ..... (3) 478
39:17-20 ..... (3) 529
46:6-7 ..... (3) 565
39:17-20 ..... (5) 478
39:11 ..... (4) 478

DANIEL:

4:1-37 ..... (3) 573
6:17 ..... (2) 175
6:22 ..... (19) 135
7:1-8 ..... (1) 337
7:1-8 ..... (1) 355
7:2-3,7 ..... (3) 471
7:2,17 ..... (1) 174
7:13 ..... (1) 273
7:14 ..... (1) 558
7:9 ..... (5) 41
7:17 ..... (1) 280
7:17 ..... (2) 335
7:20 ..... (1) 345
7:21, 25 ..... (2) 157
7:23 ..... (2) 304
7:24 ..... (2) 362
7:25 ..... (1) 349
7:25 ..... (1) 385
7:25 ..... (2) 495
7:26 ..... (1) 354
8:3, 20, 8, 22 ..... (2) 362
8:16 ..... (1) 25
8:24 ..... (2) 157
8:25 ..... (1) 354
9:2 24 ..... (13) 574
9:20-21 ..... (2) 135
10:6 ..... (6) 41
10:6 ..... (1) 42
10:6 ..... (2) 42
10:6 ..... (4) 42
10:13,21 ..... (1) 319
11:33 ..... (2) 157
11:41 ..... (3) 452
11:34 ..... (1) 91
11:44-45 ..... (2) 473
11:44-45 ..... (2) 478
12:1 ..... (1) 465
12:1 ..... (1) 319
12:2 ..... (5) 33
12:3 ..... (3) 45
12:4 ..... (4) 170
12:4 ..... (4) 252
12:9 ..... (1) 253

OSÉIAS:

3:4-5 ..... (9) 98
4:9 ..... (2) 50
6:5 ..... (3) 528

JOÉL:

1:10-12,17-20 ..... (1) 469
1:20 ..... (1) 473
2:23 ..... (1) 509
2:28-29 ..... (4) 508
2:31 ..... (2) 166
2:31 ..... (2) 168
3:2,9,11-14 ..... (2) 454
3:9-14 ..... (1) 482
3:15-16 ..... (2) 166
3:16 ..... (1) 489

JONAS:

1:17 ..... (10) 549
2:6 ..... (9) 549

MIQUÉIAS:

4:6 ..... (2) 554
5:2 ..... (5) 310

HABACUQUE:

2:11 ..... (5) 161

SOFONIAS:

3:8 ..... (4) 481
3:8 ..... (3) 454

ZACARIAS:

1:7-11 ..... (2) 142
3:1-4 ..... (3) 321
3:4 ..... (3) 111
4:1-6 ..... (1) 155
4:10 ..... (2) 132
4:11-14 ..... (1) 278
6:1-8 ..... (2) 142
10:1 ..... (1) 509
14:4 ..... (2) 555
14:9 ..... (6) 554
14:12 ..... (1) 466

MALAQUIAS:

3:1 ..... (2) 189
3:1 ..... (2) 274
3:6 ..... (5) 415
3:18 ..... (3) 297
4:1 ..... (1) 547
4:3 ..... (8) 69
4:3 ..... (1) 550

SÃO MATEUS:

1:16 ..... (6) 98
2:11 ..... (6) 61
2:13 ..... (22) 135
2:16-18 ..... (1) 308
3:17 ..... (2) 309
4:11 ..... (22) 135
5:4 ..... (1) 131
5:8 ..... (1) 565
5:14,16 ..... (5) 300
5:17 ..... (4) 332
5:17-19 ..... (7) 440
5:29-30 ..... (7) 548
5:48 ..... (3) 439
7:6 ..... (1) 570
9:27 ..... (7) 98
10:15 ..... (1) 413
10:32-33 ..... (1) 96
11:2-3 ..... (2) 49
11:10 ..... (1) 49
12:31-32 ..... (2) 96
12:31-32 ..... (14) 125
12:31-32 ..... (1) 495
12:36-37 ..... (1) 413
13:10,12-16 ..... (1) 11
14:33 ..... (6) 311
14:25,32..... (13) 310
15:22 ..... (7) 98
16:19 ..... (1) 220
17:5 ..... (2) 309
18:10 ..... (8) 135
18:22 ..... (14) 574
20:20-22 ..... (5) 17
21:5 ..... (3) 406
22:14 ..... (1) 523
22:21 ..... (2) 381
22:35-39 ..... (1) 331
23:8 ..... (1) 35
23:13 ..... (1) 99
23:34-35 ..... (3) 161
23:34-35 ..... (3) 468
24:3-44 ..... (4) 170
24:4 ..... (4) 319
24:14 ..... (3) 412
24:20 ..... (3) 443
24:24 ..... (1) 373
24:24-27 ..... (3) 322
24:26 ..... (4) 33
24:27 ..... (6) 449
24:29,21-22 ..... (3) 166
24:29 ..... (3) 259
24:30 .....(5) 449
24:31 ..... (3) 449
24:31 ..... (1) 534
24:42-Í3 ..... (2) 480
25:1-13 ..... (4) 265
25:31 ..... (1) 187
25:40 ..... (2) 282
25:40 ..... (1) 545
26:27-28 ..... (2) 155
26:53 ..... (10) 135

27:52-53 ..... (2) 123
28:18 ..... (6) 32
28:18 ..... (3) 132
28:18 ..... (12) 310
28:19-20 ..... (5) 142

SÃO MARCOS:

1:32 ..... (1) 418
2:1-12 ..... (5) 311
2:27 ..... (5) 442
2:28 ..... (3) 37
4:32,41 ..... (13) 310
5:37 ..... (1) 17
9:2 ..... (2) 17
14:32-33 ..... (3) 17

SÃO LUCAS:

1:19 ..... (2) 25
1:19 ..... (9) 135
1:31-32 ..... (3) 131
1:32 ..... (5) 98
4.5-7 ..... (2) 339
7:24 ..... (9) 49
8:31 ..... (2) 220
9:26 ..... (3) 31
9:26 ..... (1) 187
9:51-56 ..... (6) 17
9:52 ..... (3) 49
10:16 ..... (3) 498
10:18 ..... (2) 317
10:20 ..... (3) 550
10:23-24 ..... (1) 302
11:13 ..... (10) 125
11:52 ..... (1) 220
12:1 ..... (3) 246
12:11 ..... (4) 105
12:19 ..... (1) 159
13:11-16 ..... (1) 239
14:14 ..... (3) 69
15:10 ..... (12) 135
17:1-2 ..... (2) 518
19:9 ..... (3) 115
19:10 ..... (1) 554
20:20 ..... (5) 105
21:25 ..... (1) 471
21:36 ..... (8) 42
22:43 ..... (22) 135
23:54-56 ..... (1) 444
24:13 ..... (1) 559
24:44 ..... (2) 575

SÃO JOÃO:

1:1-2 ..... (3) 34
1:1-3 ..... (8) 310
1:12-13 ..... (8) 311
1:16 ..... (4) 16
1:29 ..... (1) 525
1:35-40 ..... (2) 15
1:45 ..... (2) 302
2:24-26 ..... (1) 311
3:3-8 ..... (6) 125
4:23 ..... (13) 125
4:23-24 ..... (3) 533
5:21 ..... (4) 311
5:26 ..... (4) 310
5:28-29 ..... (6) 69
5:28-29 ..... (5) 540
6:1-13 ..... (3) 311
6:15 ..... (3) 381
6:19 ..... (1) 559
6:48 ..... (1) 311
7:38-39 ..... (12) 125
8:12 ..... (16) 311
8:44 ..... (1) 317
8:46 ..... (6) 440
10:7 ..... (13) 311
10:14 ..... (12) 311
10:30 ..... (3) 310
10:33 ..... (2) 349
10:36 ..... (1) 495
11:18 ..... (1) 559
11:25 ..... (15) 311
11:43 ..... (9) 311
12:28 ..... (4) 309
12:32 ..... (1) 320
14:1-3 ..... (1) 449
14:6 ..... (10) 311
14:16-17,26 ..... (4) 125
14:26 ..... (1) 180
14:27 ..... (2) 31
14:27 ..... (1) 293
14:29 ..... (2) 311
14:30 ..... (3) 339
15:1 ..... (14) 311
15:5 ..... (8) 34
15:26 ..... (2) 125
16:7-8 ..... (2) 180
16:8 ..... (3) 125
16:13 ..... (4) 125
17:5 ..... (6) 310
17:24 ..... (7) 310
18:36 ..... (1) 381
19:39 ..... (7) 61
20:1,19 ..... (3) 38
21:20 ..... (4) 17
21:20-24 ..... (1) 15

ATOS DOS APÓSTOLOS:

1:15-26 ..... (1) 50
2:14-18 ..... (4) 508
2:19 ..... (5) 308
2:24 ..... (1) 239
2:27-31 ..... (1) 156
2:27-31 ..... (4) 159
2:41 ..... (1) 144
2:41 ..... (2) 159
3:19-20 ..... (5) 508
4:4 ..... (1) 144
5:1-11 ..... (3) 51
5:17-20 ..... (20) 135
5:32 ..... (1) 125
6:7 ..... (1) 144
7:14 ..... (3) 159
7:51 ..... (15) 125
8:1-6 ..... (3) 53
8:9-24 ..... (4) 51
8:10 ..... (2) 322
9:1-31 ..... (4) 144
10:10 ..... (1) 36
10:25-26 ..... (1) 568
10:36 ..... (4) 292
10:38 ..... (7) 319
11:19 ..... (3) 144
11:19-22 ..... (3) 53
12:1-11 ..... (20) 135
12:15 ..... (8) 135
13:1 ..... (5) 525
13:1-3 ..... (1) 50
13:27, 42-44 ..... (2) 444
13:33 ..... (1) 105
14:22 ..... (2) 35
15:1-2 ..... (1) 50
15:11 ..... (2) 461
15:21 ..... (2) 444
15:28 ..... (1) 86
15:32 ..... (5) 525
16:6-7 ..... (1) 143
16:13 ..... (2) 444
16:14 ..... (1) 78
17:31 ..... (2) 413
18:1-4 ..... (2) 444
19:31 ..... (1) 48
20:6 ..... (1) 29
20:7 ..... (4) 38
20:24,32 ..... (2) 462
20:28-31 ..... (2) 145
21:8-11 ..... (5) 525
21:20 ..... (3) 246
22:17 ..... (2) 36
24:25 ..... (2) 413
27:28 ..... (21) 135

ROMANOS:

1:17 ..... (2) 447
2:12-13 ..... (2) 440
2:13 ..... (5) 462
2:16 ..... (2) 413
2:28-29 ..... (4) 65
3:15-17 ..... (2) 292
3:24 ..... (4) 462
3:31 ..... (3) 441
3:31 ..... (7) 462
4:15 ..... (1) 441
5:2 ..... (3) 462
5:3 ..... (1) 53
6:14-15 ..... (8) 462
6:23 ..... (4) 69
6:23 ..... (5) 551
7:7 ..... (1) 441
7:7-8 ..... (3) 180
7:9 ..... (3) 94
7:24 ..... (2) 107
8:26 ..... (5) 125
8:29 ..... (3) 32
8:35-37 ..... (1) 53
9:33 ..... (3) 300
10:7 ..... (2) 220
12:1 ..... (3) 33
12:12 ..... (1) 53
12:19 ..... (1) 161
13:1 ..... (2) 381
13:8-9 ..... (2) 441
15:4 ..... (1) 100
16:25-26 ..... (1) 256

I CORÍNTIOS:

1:7 ..... (2) 525
2:14 ..... (1) 13
6:1-3 ..... (1) 87
6:2-3 ..... (1) 539
9:24 ..... (2) 559
9:25 ..... (1) 101
9:25 ..... (4) 143
11:20 ..... (1) 38
12:9 ..... (3) 447
13:13 ..... (4) 110
14:1 ..... (3) 525
15:6 ..... (2) 44
15:12-52 ..... (4) 540
15:20-23 ..... (1) 32
15:20-23 ..... (3) 183
15:24 ..... (3) 105
15:31 ..... (3) 94
15:45 ..... (2) 443
15:55 ..... (2) 540
15:56 ..... (1) 441
16:2 ..... (4) 38

II CORÍNTIOS:

1:10 ..... (9) 69
2:17 ..... (7) 51
6:16 ..... (4) 101
7:4 ..... (1) 53
11:2 ..... (2) 300
11:13 ..... (8) 51
11:13-15 ..... (4) 145
11:13-15 ..... (5) 319
11:14 ..... (3) 317
12:2-4 ..... (1) 58

GÁLATAS:

1:1-9 ..... (3) 51
1:7 ..... (9) 51
1:12 ..... (1) 143
2:9 ..... (3) 19
2:9 ..... (3) 102
2:16 ..... (1) 447
2:16 ..... (9) 110
5:22 ..... (8) 125
5:22 ..... (3) 292

EFÉSIOS:

1:9-10 ..... (1) 256
1:13 ..... (6) 180
1:21 ..... (5) 32
2:8 ..... (6) 462
3:1-9 ..... (1) 256
4:8 ..... (1) 123
4:8,11 ..... (2) 525
4:30 ..... (16) 125
4:30 ..... (6) 180
6:14 ..... (1) 247
6:18-19 ..... (1) 256

FILIPENSES:

2:6 ..... (4) 560
4:3 ..... (4) 550

COLOSSENSES:

1:15 ..... (4) 32
1:6,23 ..... (5) 144
1:16 ..... (7) 105
1:16 ..... (9) 310
1:17 ..... (6) 310
1:17 ..... (10) 310
1:18 ..... (4) 142
1:18 ..... (2) 32
1:20 ..... (4) 292
1:23 ..... (3) 52
1:4-27 ..... (1) 256
2:2 ..... (1) 256
2:10 ..... (3) 105
4:2-4 ..... (1) 256

I TESSALONICENSES:

4:13-16 ..... (1) 540
5:2,4 ..... (2) 480
5:8 ..... (2) 247
5:19-20 ..... (4) 525

II TESSALONICENSES:

1:4-5 ..... (5) 35
1:7-9 ..... (1) 534
1:8 ..... (3) 274
2:3-4 ..... (3) 349
2:3-4 ..... (2) 384
2:8 ..... (2) 453
2:8' ..... (6) 42
2:8 ..... (1) 354
2:9 ..... (1) 338
2:9-11 ..... (1) 426
2:12 ..... (2) 426
2:7 ..... (3) 496

I TIMÓTEO:

1:20 ..... (5) 51
2:5 ..... (2) 415
2:5-6 ..... (1) 189
4:1 ..... (4) 374
6:17-19 ..... (1) 171

II TIMÓTEO:

1:8 ..... (1) 332
2:12 ..... (3) 35
2:17 ..... (5) 51
3.T-9 ..... (4) 170
3:13 ..... (4) 35
3:12 ..... (1) 515
4:6 ..... (1) 160
4:8 ..... (1) 69
4:8 ..... (1) 101

TITO:

2:11 ..... (1) 462
3:5 ..... (7) 125

HEBREUS:

1:3 ..... (11) 310
1:3 ..... (3) 309
1:5 ..... (1) 105
1:8 ..... (2) 105
1:8 ..... (1) 310
1:14 ..... (13) 135
2:14 ..... (1) 43
2:14 ..... (3) 319
3:7-8 ..... (17) 125
4:3 ..... (1) 419
4:12 ..... (3) 42
4:12 ..... (1) 72
4:13 ..... (1) 51
4:16 ..... (9) 462
5:5 ..... (1) 105
5:6 ..... (1) 549
7:11-14 ..... (7) 549
9:4 ..... (2) 76
9:24-26 ..... (3) 350
9:28 ..... (2) 449
10:38 ..... (8) 110
11:1 ..... (4) 447
11:1 ..... (5) 110
11:6 ..... (6) 110
11:10 ..... (1) 555
11:39-40 ..... (1) 164
12:6 ..... (3) 112
12:22 ..... (3) 246
12:22 ..... (8) 406
13:8 ..... (15) 310
13:8 ..... (5) 415
13:15-16 ..... (3) 33

TIAGO:

1:12 ..... (3) 101
1:17 ..... (5) 415
1:17 ..... (3) 439
1:17 ..... (3) 442
1:18 ..... (4) 183
2:5 ..... (2) 65
2:10-11 ..... (5) 441
2:10-12 ..... (5) 180
2:10-12 ..... (6) 415
2:10-12 ..... (1) 440
2:13 ..... (3) 252
2:25 ..... (4) 49
5-i ..... (6) 161
5:17 ..... (2) 83
5:17-18 ..... (5) 279

I SÃO PEDRO:

1:7 ..... (3) 65
1:9 ..... (3) 33
1:10-11 ..... (1) 443
1:10-11 ..... (4) 524
1:11-12 ..... (11) 135
1:16 ..... (4) 98
2:5 ..... (3) 33
2:9 ..... (2) 134
2:23 ..... (6) 35
5:4 ..... (2) 69
5:4 ..... (2) 101

II SÃO PEDRO:

1:19 ..... (3) 87
1:19 ..... (6) 300
1:21 ..... (2) 332
1:21 ..... (1) 524
2:4,9 ..... (2) 413
2:6 ..... (3) 549
3:10 ..... (1) 547
3:13 :..... (2) 553

I SÃO JOÃO

1:1-3 ..... (4) 19
1:2 ..... (3) 16
1:7 ..... (1) 33
2:1 ..... (1) 415
2:3-4 ..... (4) 441
2:6 ..... (1) 19
3:3 ..... (1) 19
3:14 ..... (1) 21
5:2-3 ..... (4) 441
5:3 ..... (3) 412
5:4 ..... (7) 110
5:11-12 ..... (4) 115
5:12 ..... (1) 92
5:19 ..... (2) 319

III SÃO JOÃO:

9-10 ..... (6) 51

JUDAS:

3 ..... (5) 447
6 ..... (2) 413
7 ..... (2) 549
9 ..... (3) 321
9 ..... (1) 319

APOCALIPSE:

1:7 ..... (5) 449
1:9 ..... (1) 20
1:10 ..... (3) 387
1:10 ..... (1) 445
1:18 ..... (1) 220
1:13-15 ..... (1) 322
2:7 ..... (1) 564
2:7 ..... (5) 565
3:3 ..... (2) 480

3:5 ..... (1) 220
4:3 ..... (2) 252
5:12 ..... (1) 546
6:13 ..... (4) 259
6:15-16 ..... (5) 42
6:16 ..... (2) 453
6:15-17 ..... (4) 449
7:2-3 ..... (3) 387
7:14 ..... (7) 183
8:3 ..... (5) 159
8:3 ..... (4) 273
5:5 ..... (3) 273
9:1-2 ..... (2) 535
9:4 ..... (3) 178
10:11 ..... (2) 437
11:2 ..... (3) 300
11:7 ..... (2) 220
11:7 ..... (3) 535
11:15 ..... (9) 32
11:18 ..... (1) 452
12:9 ..... (2) 371
12:11 ..... (4) 332
13:1-7 ..... (4) 471
13:5 ..... (1) 188
13:5-6 ..... (2) 495
13:7 ..... (3) 157
13:14-16 ..... (1) 459
13:16-17 ..... (8) 180
14:1 ..... (1) 182
14:1 ..... (5) 101
14:1-2 ..... (3) 387
14:1-5 ..... (6) 183
14:3 ..... (2) 182
14:4 ..... (3) 182
14:8 ..... (1) 289
14:8 ..... (2) 487
14:8 ..... (6) 497
14:10 ..... (2) 511
14:12 ..... (4) 415
15:1 ..... (1) 436
15:2 ..... (5) 183
15:2 ..... (1) 384
15:3 ..... (6) 183
15:3 ..... (2) 545
16:13 ..... (4) 366
16:1-21 ..... (1) 453
16:18 ..... (2) 124
17:1,15 ..... (3) 497
17:2 ..... (2) 151
17:4 ..... (4) 497
17:6 ..... (3) 157
17:8 ..... (2) 220
17:8 ..... (4) 535
17:9-10 ..... (1) 500
17:12-13 ..... (2) 289
17:15 ..... (3) 325
17:15 ..... (1) 335
17:15 ..... (4) 471
18:3-9 ..... (2) 151
18:4 ..... (7) 497
18:6 ..... (2) 496
18:13 ..... (1) 289
18:21 ..... (5) 497
19:9 ..... (1) 557
19:8 ..... (4) 111
19:11-14 ..... (3) 142
19:11-15 ..... (1) 452
19:11-16 ..... (10) 32
19:16 ..... (14) 310
19:17-21 ..... (3) 436
19:15,21 ..... (1) 354
19:20 ..... (4) 366
19:20 ..... (2) 389
19:20 ..... (2) 519
19:20 ..... (2) 550
20:1 ..... (1) 220
20:1,3 ..... (2) 220
20:4 ..... (1) 87
20:7 ..... (1) 239
20:7-9 ..... (2) 452
20:10 ..... (4) 366
20:10 ..... (2) 526
20:9-10 ..... (3) 453
20:11-12 ..... (1) 544
21:2 ..... (1) 558
21-6 ..... (4) 34
21:8 ..... (7) 69
21:15-16 ..... (1) 454
22:2 ..... (3) 58
22:16 ..... (2) 87

ÍNDICE DOS TEXTOS HISTÓRICOS

Testimonies to Ministers, Ellen G. White, 112-114 (2) 11
Testimonies for the Church, Ellen G. White, Vol. VI, pág. 128 (3) 11
The Acts of the Apostles, Ellen G. White, pág. 585 (1) 12
Early Writings, Ellen G. White, pág. 231 (2) 12
Source Book for Bilble Students, pág. 127 (3) 12
Obreiros Evangélicos, Ellen G. White, pág. 503 (3) 15
Los Hechos de los Apostoles, Ellen G. White, págs. 387, 387, 391
(1, 2, 5) 16
O Desejado de Todas as Nações, Ellen G. White, págs. 528-529, 560
(7, 8) 17
Los Hechos de los Apostoles,. Ellen G. White, págs. 392, 397, 401 (2)..... 19
Los Hechos de los Apostoles, Ellen G. White, págs. 408-410, 411 (2, 3)..... 21
Prophets and Kings, Ellen G. White, pág. 585 (1) 30
Annotations upon the Holly Bible, Matthew Pool, Vol. III, pág. 952 (2)..... 30
The Apocalypse, Joseph A. Seiss, Vol. I, pág. 130 (3) 30
Behold He Cometh, A. J. Gordon, págs. 66-67 (4) 30
The Seven Epistles, pág. 44 (1) 31
Dicionário de Vieira, palavra "Amen" (5) 34
Los Videntes y lo Porvenir, L. R. Conradi, pág. 313 (2) 38
Los Hechos de Los Apostoles, Ellen G. White pág. 420 (2) (1) 40, 45
O Desejado de tôdas as Nações. Ellen G. White, pág. 17 (2) 41
No senáculo — setembro, outubro, 1948 (2) 44
Los Hechos de los Apostoles, Ellen G. White, pág. 417 (4) 41
Testimonies for the Church, Ellen G. White, Vol. VI, pág. 414 (2) 45
O Atalaia, novembro 1948, pág. 4 (2) 48
Testimonies for the Church, Ellen G. White, Vol. V, pág. 627 (2)..... 51
Os Crimes dos Papas, dos Reis e dos Grandes Senhores, Vol. I.
pág. 33 (1) 52
Los Hechos de los Apostoles, Ellen G. White, págs. 415-417, 421 (1, 2)..... 55
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Vol. II, pág. 36 (4) 58
Patriarcas e Profetas, Ellen G. White, pág. 66 (1) 59
250 Esboços Para Sermões, 1.ª edição, Domingos Peixoto, pág. 427 (1)..... 61
Programas dos Missionários voluntários, 20-11-1948 (1) 64
No Cenáculo, abril a junho. 1945 (2) 64
Programa dos Missionários Voluntários 6-7-1940 (1) 65
História Eclesiástica, Antelmo Goud, edição 1873 (1) 68
Enciclopédia e Dicionário Hispano-Americano, art. Antipas (1) 73
Patriarcas e Profetas, Ellen G. White, págs. 496-497 (1) 74
History of the Intelectual Development of Europa, J. W. Draper,
citado em Compêndios de Daniel e Apocalipse de
pág. 104-105 (3) 74
The History of The Decline and Fall of the Roman Empire,
Gibbons, cap. 28; (4) 74
Seven Ages of the Church, Cotterill (1) 75
O Conflito dos Séculos, Ellen G. White, págs. 49-50, 68-69, 71
(2) (1) 75, 82
The Prophets and Kings, Ellen G. White, pág. 453 (3) 76
Segundo Macabeus, cap. dois versos um a dez (4) 76

Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, pág. 43-44 (1) 77
The History of the Decline and Fall of the Roman Empire, caps. 28, 49, 50 .....(4) 83
Ecclesiastical Annals, cap. 36, citado em Signs of the Times 28-1-1947 (1) 84
Development of Christian Doctrine, págs. 372-373, Signs of the times 28-1-1947 (2) 84
Signs of the Times 28-1-1947 (3) 84
Novo Testamento, tradução de Huberto Rohden (2) 86
Estudies in Revelation, R. A. Anderson, pág. 16 (1) 90
Sermão pelo Dr. John Gill, 1748, Second Advent Library, NO 1, pág. 209 (2)..... 92
Carta Sôbre a Queda do Anticristo. Rev. A. Maddock, 1777 (1) 93
Carta Sôbre a Queda do Anticristo, Rev. A. Maddock, 1777 (2) 93
História da Reforma, D'Aubigné, Vol. I, pág. 231 (3) 93
History of the Reformation, D' Aubigné, Vol. IV, 6, 13, cap. 6 (1) 94
Tradução Espanhola, Versão Moderna (2) 94
O Conflito dos Séculos, Ellen G. White, págs. 429, 435 (2, 3) 99, 122
Vida e Ensinos, Ellen G. White, pág. 60 (1) 102
Testimonies for the Church, Ellen G. White, Vol. III, pág. 253 (1) 104
Testemunhos Seletos, Ellen G. White, Vol. III, págs. 253, 254 (1) 106
Testimonies for the Church, Ellen G. White, Vol. I, pág. 190 Vol. VI, pág. 408, (2, 1) 106, 107
Testemunhos Seletos, Ellen G. White, Vol. III, págs. 143-145, 150, 254 (1, 1) 108, 110
Christ Object Lesson, Ellen G. White, pág. 158 (2) 110
Testimonies for the Church, Vol. II, pág. 36-37 (3) 110
Testemunhos Selectos, Ellen G. Withe, Vol. Ill, págs. 225 (1), 145 (2) 111, 112
Christ Object Lesson, Ellen G. White, 310, 312 (2), 420 (1) 111, 116
Testemonies for the Church, Ellen G. White, Vol. IV, 88-89 (1), Vol. I, 186 (5) 112, 113
Folha Evangélica, Agosto 1946 (1) 113
O Desejado de Todas as Nações, Ellen G. White, pág. 368 (1) 114
Programas dos Missionários Voluntários, 3-10-1942 (1) 115
Early Writings. Ellen G. White, pág. 270 (2), 184 (4) 115, 123
Outline Studies in Revelation, Edwin R. Thiele, pág. 82 (2) 116
Algures (1) .....1..... 117
Patriarcas e Profetas, Ellen G. White, págs. 117-119 (3) 121
O Desejado de Todas as Nações, Ellen G. White, pág. 369 (1), 585-586 (3) 121, 123
Educação, E. G. White, 115 (2) 122
Christ Object Lesson, Ellen G. White, 148 (4) 122
Testemonies to Ministers, Ellen G. White, pág. 157 (5) 122
No Cenáculo, Julho e Agosto 1948 (1) 125
Gray & Adams Bible Comentary, Vol. V, pág. 679 (1) 129
The Acts of the Apostle, Ellen G. White, pág. 589 (1) 132
Tradução de Matos Soares (1) 134
Folheto "Boas Novas", No. 20 (1) 137
O Atalaia, março 1949 (1) 139
História de la Iglesia, Eusébio, Vol. III, cap. 23 (1) 146
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Urias, Vol. II, 88-89 (1)..... 151
Correio do Povo, Jornal de Pôrto Alegre, 27-1-1939 (1) 152
Os crimes dos Papas dos Reis e dos Grandes Senhores, Vol. I, pág. 5 (1)..... 153
História Universal, G. Oncken, Vol. V, 707 (2) 153
Dicionário Latino-Português, art. Sextorius (1) 154

Source Book for Biblie Students, pág. 408 (1) 157
Institutes of Public Ecclesiastical Low (Signs of the Times, 4-2-1947 (4) 157
Beacon Light of Prophecy, pág. 203, Spicer (2) 160
Signs of the Times, 11-2-1947 (1), (1) 162, 163
O Conflito dos Séculos, Ellen G. White, págs. 304-305 (1), 304 (1) 165, ... 166
Los Videntes y lo Porvenir, L. R. Conradi, 396-397 (2), 401 (3) 165, ... 167
Doze Grandes Sinais da Volta de Jesus, C. B. Haynes, pág. 46 (1) 167
Nossa época à luz da Profecia, Spicer, pág. 90 (2) 167
Esperança do Mundo, C. B. Haynes, 136 (4), 137 (1) 167, 168
O Raiar de Um Novo Dia, R. F. Cottrell, 114-115 (1) 169
Journal of Commerce, 14-11-1833 (O Mundo do Futuro, Dupuy 260) (2) 169
Touring Topics, Agosto 1933 (O Mundo do Futuro, Dupuy, 262 (3) 169
O Mundo do Futuro, Dupuy, 260 (1) 170
Los Videntes y lo Porvenir, L. R. Conradi, 407 (2) 170
Nossa época à luz da Profecia, Spicer, 100 (3) 170
O Conflito dos Séculos, Ellen G. White, 614 (2) 174
Educação, E. G. White, 179-180 (3) 174
Os Inimigos da Humanidade, George Thomason, 35-36 (1) 179
Folha da Manhã (S. Paulo), 7-9-1946 (2) 179
Compêndio de Daniel e Apocalipse, pág. 126 (7) 180
Testimonies for the Church, Ellen G. White, Vol. V, 212-214, 216 (1) 181
Early Writings, Ellen G. White, 48 (2) 181
O Conflito dos Séculos, Ellen G. White, 648-649 (1) 184
Tradução de Antônio Pereira de Figueiredo (1) 191
Hist. Univ., G. Oncken, Vol. VI, 312 (1), 141-142 (1), 141 (2), 146 (1) 192, 198, 199
Hist. Univ., Gibbons, cap. 30 (2) 192
Hist. Univ., C. Cantú, Vol. VI, 190 (1), 196 (2), 203-204 (1), 205 (2) 193, 194
Hist. Univ., C. Cantú, Vol. VI, 206 (1), 207-208 (2), 248 (1) 195, 196 200
Compêndio de Daniel e Apocalipse, pág. 131 (1) 196
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Urias Smith, Tomo II, 129 (3)..... 196
Hist. Univ. G. Oncken, Vol. VI, 144-145 (1), 148 (2) , 150:3, 152 (1) 199, 200, 202
The Decline and Fall of the Roman Empire, Gibons, Vol. III, 481-486 (1) 201
Hist. Univ., G. Oncken, Vol. VI, 150-152 (2), 152 (3), 152 (1), 201, 202,..... 203
Hist. Univ., Gibons, Vol. III, 495-496 (3), 495-498 (4) 202
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Urias Smith, Vol. II, 134 (1) 205
Hist. Univ., C. Cantú, Vol. VI (até 1870), 232 (2), 233 (1), 233 (2), ... 205, 206
Hist. Univ., C. Cantú, Vol. II, 235 (1), 236-240 (1), 241 (2), 242 (3), ... 210
Hist. Univ., C. Cantú, Vol. II, 244-245 (2), 245-246 (1) 210, 211
Hist. Univ., G. Oncken, Vol. VI, 850 (2) 211
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Urias Smith, Vol. II, 135 (1) 212
Hist. Univ., Ranke, Vol. IV, 302 (2) 212
Beacon Light of Prophecy, Spicer, 221 (3) 213
Compêndio: Daniel e Apocalipse (4) 213
Hist. Univ., Gibbons, Vol. III, cap. 36, pág. 512 (1) 215
Beacon Light of Prophecy, pág. 222 (1) 216

Arabes e Mussulmanos — A lei e as Hostes de Hafona, pág. 13 (1)..... 218
Hist. Univ., G. Cantú, Vol. VII, 362 (2), 349 (1), 339 (3), 366 (1) 218, 219, 220, 223
Hist. Univ., C. Cantú, Vol. VII, 352-353 (1) 224
A Vida de Maomet, Emile Darmengham, 165-166 (2) 224
Hist. Univ., G. Oncken, Vol. VIII, pág. 366 (3) 224
Enciclopédia e Dicionário Hispano-Americano, art. Omar (4) 224
Los Videntes y lo Porvenir, L. R. Conradi, pág. 475 (1) 225
Hist. Univ., Gibbons, Vol. V, cap. 51 págs. 189 (1), 190 (1) 226, 227
Beacon Light of Prophecy, Spicer, 229 (2) 227
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Urias Smith, Tomo II, 150 (1) 223
Horae Apocalypticas, Vol. I, 411-413, 3.ª Edição (1) 229
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Vol. II, 150 (2), 151 (1) 229,..... 231
Hist. Univ., C. Cantú, Vol. VIII, 501 (2), 505 (3) 230
Hist. Univ., G. Oncken, Vol. IX, 69 (4) 230
Hist. Univ., G. Oncken, Vol. II, 603 (2), 603-604 (1), 655 (1), 231, 232,..... 234
Hist. Univ., Gibbons, nova edição acrescentada, Vol. IV, 379 (3) ..... 23 i
Hist. Univ., G. Oncken, Vol. XI, 660 (2), 663 (3), 677 (1) .... 234, ... 235
Biographie Universelle Ancienne et Moderne, ou Dictionaire de Les Nommes — art. Constantino Dracosés (1) 236
Meyers Lexkon, art. Constantin, VI coluna 1691 (2) 236
Hist. Univ., Gibbons, Vol. Ill, Decline and Fali, pág. 700 (3) 236
Hist. Univ., G. Oncken, Vol. IX, 56 (1) 238
Hist. Univ., G. Oncken (alemão), Vol. II, 5, pág. 5 (2) 238
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Vol. II, 158 (1), 158-159 ..... 240, 241
The Signe of the Times, Rev. Alexander Keith, Vol. I, 386, 3.ª edição (2) 241
Veja-se Hist. Univ., G. Oncken, Vol. XI 728-731 (1) 242
Hist. Univ., G. Oncken, Vol. XX, 639-640 (1), 646-647 (2) 244
História del Mundo en la Edad Moderna, Vol. XVIII, 263-265 (1) 245
Veja-se O Conflito dos Séculos, E. G. White, 334 (1) 246
Tradução Brasileira (2) 246
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Tomo, II, 156 (4) 246
The Destruction of the Greek Empire, Edwin Peàrs, pág. 62 (5) 246
Beacon Light of Prophecy, Spicer, pág. 242 (3) 247
The Decline and Fall of the Roman Empire, Gibbons, Vol. VI, Cap. 68, pág. 388 (1) 248
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 324 (1), 331-332 (2), 335 (1) 258, 259, 260
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 368-370, 375 (1), 357, 360-361 (1) 261, 262
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, U. Smith, Vol. II, 269 (2) 262
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, U. Smith, Vol. II, 68-269 (1) 263
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 362-367 (1), 394 (5), 400-401 (1) 264, 265, 266
O Grande Movimento Adventista, Ema E. Howell, 28 (1), 27 (2), 27-28 (3) 265
O Grande Movimento Adventista, Ema E. Howell, 29 (1) 267
O Conflito dos. Séculos, E. G. White, 403 (2), 406 (1). 411 (1), 424 (4) 267, 268, 269 274
Historical Stadies, Eugenio Lawrence, 250-251, citado em El Don Permanente de Profecia, 247-248 (1) 277
Arquivo da Ass. Diplomados pelo Colégio Adventista, n.° 51, 1939 (2) 277
Harmonias da Natureza, 132 (2) 280

Tradução Brasileira (3) 280
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 269 (2), 270 (1), 273 (3), 287 (1) 281, 282, 286
Hist. Univ., G. Oncken, XIX, 675 (1), 798-800 (2), 712-714 (3) 284,..... 288
Las Profecias de Daniel y el Apocalipse, U. Smith, Vol. II, 182-183 (1) 285
Tradução Figueiredo (1) 287
Hist. Univ. C. Cantú, Vol. XII, 40-42, edição, 1878 (1) 288
Hist. Eclesiástica, Padre Antelmo Goud (1873), pág. 465-467 (2) 288
Hist. Univ., G. Oncken, Vol. XIX, 671 (1) 290
O Conflito dos Século, E. G. White, 433 (1), 639-640 (4) 295, 297
Review and Herald, 28-1-1909 (1) 297
Christ Object Lesson, E. G. White, 312 (4) 300
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 438 (1) 304
Lib. 16, C. 12, Ammianus Marcellinus (2) 304
Revista "Sul-América", abril-junho, 1950, pág. 36 (1) 309
The Prophetic Faith of our Fathers — Froom — Vol. I, pág. 89 (1)..... 307
The Prophetic Faith of our Fathers — Froom — Vol. I, pág. 255, 342 (2) 307
The Prophetic Faith of our Fathers — Froom — Vol. II, pág. 515 (3) 307
The Prophetic Faith of our Fathers — Froom — Vol. III, págs. 786, 787 (4) 307
The Prophetic Faith of our Fathers — Froom — Vol. IV, págs. 252, 253 (5) 307
The Prophetic Faith of our Fathers — Froom — Vol. IV, págs. 848, 849 (6) 307
The Prophetic Faith of our Fathers — Froom — Vol. IV, págs. 1118, 1119 (7) 307
The Real Christ, citado em programas dos M. Voluntários, 28-3-1942 (1)..... 312
Source Book for Bible Students, págs. 288, 289 (2) 312
Signs of the Times, 12-2-1943 (1) 313
Atividades Missionárias, 1-2-1947 (1) 314
The Acts of the Apostle, E. G. White, pág. 451 (2) 314
Christ Object Lesson, E. G. White, 384 (3) 314
Testimonies for the Chruch, E. G. White, Vols. II, 506 (4), IV, 337 (5) 314
No Cenáculo, 3-11-1950 (1) 315
Seleções de Reader's Digest, agosto 1950, pág. 86 (2) 315
Diário de Notícias, de Pôrto Alegre, 1 de Outubro de 1949 (1) 316
O Desejado de Todas as Nações, E. G. White, 567 (1) 321
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 623-625 (1), 65, 66, 69 (1), 71 (2) 323, 325
El Permanente Don de Profecia, Arturo G. Daniells, 226, 229 (1) 324
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 76, 77 (1) 326
El Permanente Don de Profecia, Arturo G. Danielss, 231-232 (1), 238 (2) 327
História da Reforma, D'Aubigné, Vol. I, 224 (1), Vol. II, 338 (1) 328, ... 329
Testimonies for the Church, E. G. White, Vol. V, 472 (1) 330
O Vaticano Potência Mundial, Joseph Bernhart, 195 (4) 339
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 438 (5) 339
Compêndio sôbre Daniel e Apocalipse, pág. 51 (1) 340
Hist. Univ., G. Oncken, Vol. XIX, 804-805 (1) 341
Pio VI, págs. 595-603 (2), citado em Los Videntes y lo Porvenir, 568 341
Correspondent, 14 de março de 1798 (1) 342
Hist. Univ., G. Oncken (em espanhol), pág. 570 (2) 342

O Vaticano Potência Mundial, Joseph Bernhart, 285 (3) 342
O Cruzeiro (revisa), 13 de maio de 1950, pág. 68 (1) 343
Los Videntes y lo Porvenir, L. R. Conradi, 571 (1), 562 (1), 571 (2) 344, 346
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 54 (2) 347
History of the Christian Church, Vol. Ill, 327, Nova York Scribner's, 1893 (3) 347
History of the Popes, Vol. II, 488, sôbre o ano 538; Dublin, 1751 (4)..... 347
History of the Christian Church, 310-311, Cincinati, 1873; History of the Persecution, 142-143, Samuel Chandler e Edward Gibbons em Decline and Fall, cap. 47, pág. 24 (5) 347
The Civil Law of Justinian, Translated by S. P. Scott, A. M., Book 12, pág. 11, 13 (1) 348
Idem, idem, pág. 10-14 (2) 348
Direito Canônico, C 3, X. de translat episc. 1,7 (4) 349
Catolic National 18 de julho de 1895 (5) 349
Pronta Biblioteca, Lucio Ferrari, art. Papa, Vol. VI, 26-29 (6) 349
Jornal Correio do Povo, P. Alegre, 8 de Janeiro de 1938 (7) 349
Revista Adventista, Julho de 1939, pág. 4 (1) 350
Alfonso Ligeiro em Dicionário e Deveres de Sacerdote, págs. 26-27, 32-33 (2) 350
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 54 (1), 480, 484 (2), 440 (1) 351, 352, 361
El Papado, 588-591, 17, citado em Los Videntes y lo Porvenir, 581-582 (1) 352
Algures (2) 355
Credo de Liberdade, págs. 615 (1), 38-39 (1) 359, 364
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, U. Smith, Vol. II, 210 (1) 360
Los Videntes y lo Porvenir, 589 (2), 590 (3), 602 (4), 591 (1), 594 (1)..... 331, 362, 363
O Sábado, G. Stein Filho, 157 (2), 157-158 (3) 364
Los Videntes y lo Porvenir, 593 (1), 599 (2) 365, 366
História da Reforma da Constituição, Livro V, cap. I (1) 366
O Conflito dos Séculos, 441 (3), 441 (1), 441-442 (1) 366, 368, 370
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, U. Smith, Vol. II, 218 (2) 367
Diário de Notícias, de Pôrto Alegre, 22 de Agosto de 1952 (1) 369
O Batista Paulistano, 13 de Março de 1935 (2) 369
O Judeu Internacional, Henry Ford, 40 (2) 370
Cristianismo e Espiritismo, 139-140 (1) 372
Spirit of Prophecy, Vol. V, 405-406 (2) 373
Early Writings, E. G. White, pág. 87 (1) 374
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 557-558 (1) 376
O Sábado, G. Stein Filho, 179 (1), 180-181 (1), 163 (2), 164-166 (1).. 377, 378, 379, 382
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, U. Smith, Tomo II, 225 (1), 226 (3) 379
Las Profecias de Daniel y el Apocalipse, U. Smith, Tomo II, 226 (2) 382
Gazeta de Colônia, 13 de julho de 1896 (1) 383
Ataques Protestantes, 81 (1) 387
Canon e Tradiçgo, Holtz (2) 387
C. F. Thomas, Chanceller, — Ministry, Outubro 1944, pág. 23 (4) 387
O Sábado, G. Stein Filho, 183-184 (1), 190-191 (.1), 114 (2), ... 388, 389
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 445 (1), 573 (3), 591-592 (1) 392, ... 394
Las Profecias de Daniel y el Apocalipse, U. Smith, Vol. II, 236 (3), 236 (4) 390

O Sábado, G. Stein Filho, 167-170 (1), 187-188 (2) 392
Testimonies for the Church, IX, 229 (1) 393
O Sábado, G. Stein Filho, 185, 187-188 (1), 170-173 (1) 395, 398
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 448 (1), 605 (1) 398, 399
Cardenal Manning, "The Temporal Power of the Vicar of Jesus Christ, págs. 140-141; citado em Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, 252 (1) 400
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Vol. II, 253 (2), 251 (1), 254 (2) 400, 401
Los Videntes y lo Porvenir, L. R. Conradi, 628 (3) 401
Our Sunday Visitor, 18 de abril de 1915 — citado de Catolic Publishing company of Huntington, Indiana — citado em Lay Preache's Manual (4) 401
Tradução de Knoz (Outline Studies in Revelation — Edwin R. Thiele) (5) 401
Tradução de Weymouth (idem, idem, 218) (6) 401
Early Writings, E. G. White, 258-259 (1) 410
Jornal Correio do Povo de Pôrto Alegre, 13 de Maio de 1951 (1) 412
O Atalaia, Setembro de 1931 (2), Setembro 1939 (1) 412, 417
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Vol. II, 262 (3) 413
Seleções do Reader's Digest, março 1947, págs. 43-46 (1) 422
O Conflito dos Séculos, E G. White, 376-377, 386-387 (1), ... 433
O Sábado, G. Stein Filho, 206-208 (1) 430
Prophecy Monthly, Julho... (2) 432
Los Videntes y lo Porvenir, L. R. Conradi, 650 (1) 433
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Vol. II, 277 (2), 290 (1) 433, 434
Testimonies for the Church, E. G. White, Vol. VIII, 197 (1), Vol. VII, 141 (2) . 435, 436
Tradução Brasileira (1) 438
Revised Standard Version; Knox's Translation; Weimouth's Translation (2) 438
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 445 (1) 439
Hacia La Edad de Oro, 369 (4) 439
O Guia do Viajante da Morte para a Vida, 207 (3) 440
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 637 (2) 448
Counsels on Health, E. G. White, pág. 375 (1) 448
Patriarcas e Profetas, E. G. White, 307, 309 (2) 459
Testimonies to Ministers, E. G. White, 433 (1) 460
Early Writings, E. G. White, 282, 289-290 (1) 467
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 627 (2), 292 (3) 468, 470
The Empire of the Bible, Alonso Trevier Jones, págs. 8-13 (1) 477
Herôdoto, III, 94 e VII, 78 (2) 477
The Empire of the Bible, Alonso Trevier Jones, págs. 17-18 (1) 478
Mundo do Futuro, Dupuy, 310 (2) 481
Las Profecias de Daniel y Apocalipsis, Vol. II, 319-320 (1) 481
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 637 (1), 637 (1) 487
Los Videntes y lo Porvenir, L. R. Conradi, 670 (3) 495
Algures (4) 495
As Duas Babilônias, Alexandre Hislop, pág. 6 (1) 496
Source Book for Bible Students, 71 (4) 496
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 384 (1), 65 (2), 382 (1) 497, 498
Folha da Manhã — S. Paulo, 25 de dezembro de 1945 (2j 493
A New New Testament Interlinear Whit Lexicon Synonims, 109 (1) 504
Testimonies for the Church, E. G. White, Vol. VIII, 118 (1), V. 383 (2), I, 353 (3) .. 508
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 610-611 (6), 389 (1) 508, 510
Early Writings, E. G. White, 85-86 (1), 261 (2), 19 (2) 509, 512, 523

Testimonies to Ministers, E. G. White, 62 (1) 511
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 611 (1), 604 (1), 605-607 (1) 512, 513, 515
Vida e Ensinos, E. G. White, 177-179 (3) 512
Dicionário Enciclopédia Internacional, art. Aleluia, (1) 522
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, Vol. II, 319-320 (1) 481
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, U. Smith, II, 353-359 (1) 537
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 644 (3), 662 (1), 663 (3), 664 (1) 540, 541, 543
Early Writings, E. G. White, 51-52 (2) 541
Novo Testamento, Huberto Rhoden (4) 541
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 665-671 (2), 672-673 (2), 480 (1) 546, 547, 551
O Conflito dos Séculos, E. G. White, 426-427 (2) 553
Dicionário Prático Ilustrado, art. Estádio (3), Côvado (5) 559, 560
Signs of the Times (1) 562
O Atalaia, junho de 1934 (1) 565
Programa dos Missionários Voluntários, 27 de abril de 1945 (2) 566
Early Writings, E. G. White, 48 (1) 569
Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis, U. Smith, II, 389 (1) 570
Dicionário de Webster (3) 575
Primeiro Livro dos Macabeus, capítulo quatro versículo quarenta e seis (1) 577
(Dada no dia 7 de Março, Crispo e Constantino sendo cônsules pela segunda vez). Código de Justiniano, Lib. 3, tit. 12,3; citado na História da Igreja Cristã, edic. de sete vol. Felipe Schaff, D. D. vol. 3, pág. 380 (1) 573
Enciclopédia e Dicionário Hispano-Americano, art. Domingo (2) 578
Enciclopédia Universal Ilustrada, art. Domingo (3) 573
O Sábado, G. Stein Filho, 108 (1) 579
Mansi, Tomo IX, 214 (O Sábado, G. Stein Filho, 111) (2) 579
Seis Diálogos Sôbre o Dia do Senhor, págs. 22-23 (1) 580
Examinador (1), citado no folheto: "Contra fatos Não Há Argumentos" 581
Jornal Batista, 9 de abril de 1936 (2) 581
Folha da Tarde, Pôrto Alegre, 18 de Março de 1950 (1) 583
Catholic Encyclopedia IX, art. Lilio, pág. 251 (1) 584
L'Exposition du Sistème du Monde, Vol. I, 35-36, Paris 1836 (2) 584
Diretor W. E. Campbell, Lick Obsercatory (3) 584
Signs of the Times, (4) 584

ERRATA DO ÍNDICE

1. ÍNDICE DOS TEXTOS BÍBLICOS

Página	Livro	Linha	Deve ser		
589	Êxodo	22	20:3-17	(5)	415
589	I Reis	2	8:1	(2)	406
589	I Reis	3	8:4	(10)	295
590	I Cron.	2	13:3	(15)	295
590	Ester	2	8,10	(2)	175
590	Salmos	2	48:12	(3)	406
590	Salmos	4	57:1	(1)	470
590	Salmos	8	78:23-25	(4)	135
590	Isaias	10	8:16, 20	(3)	332
590	Isaias	11	8:18	(6)	406
591	Jeremias	2	46:7, 8	(7)	472
591	Daniel	3	**6:22**	(19	135
591	Daniel	Entre 18 e 19	12:1	(1)	551
591	Miquéias	1	4:8	(2)	554
592	São João	11	4:23-24	(3)	523
592	Atos Apost.	Entre 23 e 24	10:38	(7)	311
592	Atos Apost.	24	10:38	(3)	319
593	Gaiatas	1	1:1-9	(3)	145
593	Colossenses	10	1:23	(2)	53
593	II Timóteo	5	3:12	(4)	35
594	Apocalis.	antes de 1	3:5	(4)	551
594	Apocal.	1	3:7	(1)	220
594	Apocal.	23	13:1, 7	(4)	471
594	Apocal.	8	14:10	(2)	511

2. ÍNDICE DOS TEXTOS HISTÓRICOS

Página	Linha	Deve ser	
595	1	112-115 **(2)**	11
596	10	Estudies (1)	90
596	41	Estudies (3) 122,	123
597	42	495-498 (3)	202
598	17	Vol. XI, 603 (2) 231, 233	234
598	21	Hommes (1)	236
600	14	pág. 10-15 (2)	348
600	20	Ligerio (2)	350
600	27	págs. 5-6 (1) 359,	364
600	56	pág. 28 (4)	387
601	8	254 (1), 254 (2) 400,	401
601	depois da 21.ª		

O Conflito dos Séculos, E. G. White, 389 (1), 378 (1), 389-390 (3) 424, 425, 426

Early Writings, E. G. White, 237 (2) 425

Las Profecias de Daniel y el Apocalisis, II, 282-283 (4), 285-287 (1) 425, 432

602 7 358-359 (1) 537

602 29 578

ÍNDICE DOS VINTE E DOIS CAPÍTULOS

AO LEITOR 7
PREFÁCIO 9
INTRODUÇÃO 15
CAPÍTULO I 23
CAPÍTULO II 47
CAPÍTULO III 89
CAPÍTULO IV 119
CAPÍTULO V 129
CAPÍTULO VI 141
CAPÍTULO VII 173
CAPÍTULO VIII 187
CAPÍTULO IX 217
CAPÍTULO X 251
CAPÍTULO XI 271
CAPÍTULO XII 299
CAPÍTULO XIII 335
CAPÍTULO XIV 405
CAPÍTULO XV 457
CAPÍTULO XVI 465
CAPÍTULO XVII 491
CAPÍTULO XVIII 507
CAPÍTULO XIX 521
CAPÍTULO XX 533
CAPÍTULO XXI 553
CAPÍTULO XXII 563
APÊNDICE 573
ÍNDICE DOS TEXTOS BÍBLICOS 589
ÍNDICE DOS TEXTOS HISTÓRICOS 595